THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
Getty Research Institute

https://archive.org/details/seroesrevistamen11unse

Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SERÕES

N.º 61 — Julho 1910

Assignatura { Semestre.. 1$200 / Anno ..... 2$200
Numero avulso 200

Composto e impresso
na Typ. do Annuario Commercial

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
A MAIOR E MAIS IMPORTANTE
FABRICA
PORTUGUEZA DE METALLURGIA
Construcção de pontes,
vigamentos e estructuras metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes
CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
MOTORES A GAZ POBRE
CONSTRUCÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES
Alfaias e machinas agricolas
Ascensores e monta cargas electricos
SYSTEMA PRIVILEGIADO
Importação de todo o genero
de machinas
Materias primas e manufacturadas
para as industrias
ESCRIPTORIO E OFFICINAS
115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO
TELEPHONE
N.º 256—BELEM
Telegrammas
Santamaro
LISBOA
Deposito d'Exposição Permanente
AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA
MARCA REGISTADA
A. Guaresma
A ILLUSTRADORA L. DO Carmo 17 LISBOA

SERÕES

SERÕES

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME XI

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA — EDITORA
132 — RUA AUREA — 138

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

1910

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE Pag

JORGE V (Actual rei da Grã-Bretanha e imperador das Indias)
(Frontispicio) 2

O ASSUCAR MADEIRENSE
(6 illustrações) por R. Gomes 3

SINCERIDADE *(Versos)* de D. Candida Ayres de Magalhães 10

HISTORIA DE AMOR DE HELENA E PÁRIS
(3 illustrações) traducção de B. de Salles 11

SUPPLICA *(Versos)* de Mario Florival 15

NO ULTIMO QUARTEL DO SECULO XVII
(5 illustrações e 1 vinheta) por Jordão de Freitas 16

A NOSSA TERRA *(Versos)* de D. Maria de Carvalho 22

QUATRO JORNALISTAS
(4 illustrações e 1 vinheta) por Portugal da Silva 23

A LITURGIA EM SCENA
(6 illustrações e 1 vinheta) compilado por Eduardo de Noronha 31

O SERVIÇO TELEGRAPHO-POSTAL PORTUGUEZ ATRAVÉS OS TEMPOS
(8 illustrações) por Henrique d'Oliveira 43

CANTO AO SOL *(Versos)* de Mario Pacheco 50

AS TOURADAS DE FIDALGOS
(22 illustrações) por Carlos Abreu 51

NOTAS SOBRE O THEATRO DE L'ŒUVRE
(2 illustrações e 1 vinheta) por Archer de Lima 60

PHANTASIAS DE DAMIÃO
(1 vinheta) por Sousa Costa 63

ECCOS E REFLEXOS
(21 illustrações) 67

A MUSICA DOS SERÕES

RONDÓ, musica de J. Haydn . . . . . 2 pag.

A Quebradura curada

Vê V. este pedreiro fechando a abertura nesta parede?

E' essa a fórma porque eu curo a quebradura. Enchendo a abertura com material novo e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura numa parede, a parede de musculo que protege os intestinos e outros orgãos internos. E' quasi tão facil curar uma ferida ou rotura neste musculo como em um braço ou mão.

Comtudo esta rotura não é talvez maior que a cabeça de um dedo.

Mas e sufficientemente grande para deixar que os intestinos passem através. E' claro que isto não póde cicatrizar sem que a natureza seja auxiliada.

E é isso precisamente o que o meu methodo faz. Permitte-lhe a V. reter a protusão dentro da parede no seu mesmo sitio.

Depois dou a V. um Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da pelle até aos bordos da abertura e remove o annel calloso que se tem formado ao redor da rotura.

Então começa o processo de cicatrização. A natureza livre já do instestino saído e do annel calloso da abertura, e estimulada pela acção do Lymphol deita uma porção de lympha e a abertura é outra vez occupada com novo musculo.

Não é isto simples? Não é isto razoavel? Tenho provado os seus meritos em milhares de casos. Proval-o-hei a qualquer herniado que me envie o seu nome.

Escreva-me V. indicando o numero a que corresponde o seu caso e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita do meu Desenvolvente Lymphol e um livro lindamente illustrado ácêrca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me envie V. dinheiro. Só o seu nome e endereço.

Wm. S. RICE, R. S. Ltd.,

(ESPECIALISTAS)

(G. P. O. Box n.º 5) (Depot.º S. 351), 8 & 9, STONECUTTER ST.,

LONDRES, E. C., INGLATERRA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

Caldeira Pires

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quarteis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas differentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3$000 réis

Colladas em panno, envernisada, com reguas de madeira **5$000 réis**

PROPRIEDADE E DEPOSITO GERAL

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de julho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer encommenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.ª

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de julho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar nos espectaculos realisados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de julho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de julho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de **10 por 100**

durante o mez de julho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de julho de 1910.

SERÕES
N.º 61 — JULHO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
RUA AUGUSTA DO OURO, 132 LISBOA

JORGE V

Actual rei da Gran-Bretanha e imperador das indias

UMA APANHA DE CANNA DOCE

O assucar madeirense

Linhas de historia — O assucar é um producto oriental — Quem o introduziu na Europa — O Infante D. Henrique ordena a plantação da canna dôce na Madeira — Christovão Colombo leva-a d'esta ilha para as Indias Occidentaes — O primeiro engenho madeirense e o melhor assucar do mundo — Um vaticano d'assucar com os cardeaes d'alfenim — A doença da canna — Novas plantações — A Fabrica do Torreão — Como se cultiva a canna — A conducção para as fabricas.

CANNA d'assucar é, como geralmente se sabe, d'origem oriental.

Segundo bons auctores, esta planta floresce «em estado selvagem nas regiões trans-gangeticas»; e está averiguado que os chinezes exploraram a cultura e industria sacharinas, dois mil annos antes da Europa as conhecer. Foi depois das conquistas d'Alexandre Magno, no seculo IV antes de Christo, que o Oriente viu passar os seus dulcissimos productos para as regiões occidentaes.

Os gregos e os romanos davam ao assucar o nome de *sal indico*, apontando n'esta denominação a sua procedencia. Mas este *sal* era de tal maneira desconhecido, em sua essencia e modos de producção, que Strabão o julgava *espontaneo mel vegetal;* Seneca chamava-lhe *celeste orvalho, congelado nas folhas de certa canna;* e outros,

como Plinio, diziam ser o assucar *um succo vegetal transformado ou reduzido a gomma.*

Como se vê, era, ao tempo, quasi completa a ignorancia dos mais doutos europeus relativamente a tal producto, e tudo leva a crêr que nunca seus olhos tivessem encontrado essa *mysteriosa* planta.

O dr. Alvaro d'Azevedo que em suas notas ás «Saudades da terra», de Gaspar Fructuoso, traz uma bem documentada monographia do assucar, diz que, principalmente, «á iniciativa scientifica e agricola dos arabes e á emprehendedora actividade mercantil dos italianos aventurados pelo interior das Indias, entre os seculos XI e XIII, se devem a acclimação e cultura da canna dôce no littoral asiatico e africano do Mar Vermelho, e littoral asiatico, africano e europeu do Mediterraneo».

No seculo XII já na Sicilia se cultivava, abundantemente, a canna e se fabricava o assucar. Os sarracenos levaram-n'o ao sul da Hespanha, ahi pelo seculo XIII, e, no alvorecer do seguinte, a canna sacharina vegetava em Chypre, Candia e Rhodes, e de maneira notavel nas costas da Moreia.

ENTRADA GERAL DA FABRICA DO TORREÃO E O ARMAZEM DAS CANNAS

Ainda que só mais tarde tal noticia viesse á Europa, o certo é que a Arabia, Syria, Egypto, Abissinia e Barbaria foram os paizes que, depois das Indias, primeiro produziram o *sal indico*. O processo creado pelos arabes para a crystalisação e purificação do assucar, era imperfeito; os venezianos, aprendendo de Marco Polo o que elle sobre a materia colhera no Oriente, e melhorando o fabrico arabe, foram os primeiros que obtiveram na Europa o assucar refinado.

E' por esta altura — seculo XV — que o *dôce* começa a vulgarisar-se na Europa, entre as classes ricas, e que apparece a sub-industria dos confeitos e conservas de variados fructos, á imitação indiana.

*

A plantação da canna sacharina na Madeira data de 1425, ordenada pelo infante D. Henrique que a mandou vir da Sicilia, expressamente, como a melhor, conhecida. D'aqui passou successivamente ás Canarias, ás ilhas de Cabo Verde, S. Thomé e Principe, e depois, ainda, ao Brazil.

O botanico irlandez Hans Sloane affirma que foi Christovão Colombo quem introduziu na America, por occasião do descobrimento, a cultura da canna dôce. E como o Almirante residira na Madeira — onde casou com uma filha de Bartholomeu Perestrello, donatario do Porto Santo, por occasião do primeiro periodo da florescencia sacharina, — tudo leva a crêr que o cultivo como o processo fabril fossem por elle levados d'esta ilha para a de S. Domingos.

O primeiro engenho d'espremer canna que se estabeleceu em terra madeirense foi o de Diogo de Teive, por privilegio concedido em 1452, sendo a pequena fabrica movida a agua. As mais antigas plantações sacharinas fizeram-se no chamado Campo do Duque — hoje, Largo da Sé e de S. Sebastião —, propagando-se, a seguir, a Machico onde adquiriu tal desenvolvimento e tão grande fama a qualidade do producto, que o assucar madeirense foi reputado o melhor do mundo, mesmo em confronto com os primeiros typos orientaes.

*

O infante D. Henrique, Senhor da Madeira, tributou o assucar por fórma a receber a terça parte do que produzisse o engenho de Diogo de Teive. Subsequentes

exigencias do Duque D. Fernando sobre a canna não espremida, determinaram a creação das alçapremas ou prensas manuaes, ainda assim tributadas, cada uma, no valor mensal d'arroba e meia do genero fabricado. Comtudo, e apesar da concorrencia das Canarias, a industria madeirense produziu, em 1488, mais de cento e vinte mil arrobas de excellente assucar.

A instituição publica das *levadas*, no fim do seculo XV, conduzindo a agua, o sangue da terra, a vastissimas regiões d'antes estereis, determinára um desenvolvimento industrial e agricola que, enriquecendo os sesmeiros e dando a abastança aos colonos livres, levou a ilha a uma real e opulenta prosperidade.

Mas a rapida riqueza desnorteou o sesmeiro que, aborrecido da vida agricola, deixou a terra aos cuidados do colono. O *senhorio* por estipulação especial — «O contracto de colonia» — ficou com metade da producção do sólo, passando, assim, de lavrador activo, a ocioso e presumpçoso morgado. Tal facto marcou um começo de decadencia nas forças economicas da Madeira.

O excesso da offerta sobre a procura determinava um estado que ameaçava degenerar em temerosa crise, se El-Rei D. Manoel não accudisse com promptas e efficazes providencias.

O cosimento e refinação dos *méles*, prohibidos na ilha pelo Duque D. Fernando, em 1489, d'onde data a origem das «officinas de refinação d'assucar» no continente, e especialmente em Lisboa, teve restabelecimento em 1498, n'um conjuncto de beneficas medidas em que foi abolida a taxa dos assucares, abrindo-se mercados novos e creando-se alfandegas, policiadas, para fiscalisação dos direitos e exportação dos productos sacharinos. O rasgamento das principaes levadas communs da ilha melhorou por tal fórma o commercio e augmentou a tal ponto a producção, que, em meados do seculo XVI, apesar do contracto de colonia, vinculação da terra e reducção de preços, a colheita e negocio dos assucares chegaram a um maximo notavel, pois o fabrico elevou-se acima de trezentas mil arrobas.

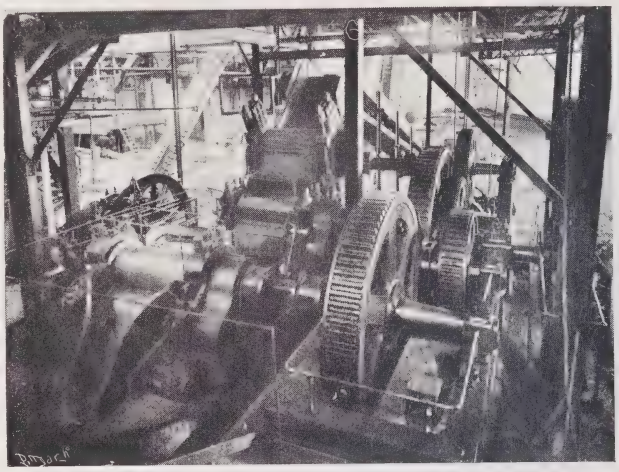
JANTAR OFFERECIDO AOS 360 TRABALHADORES DA FABRICA DO TORREÃO NO ARMAZEM DAS CANNAS, NO 50.º ANNIVERSARIO DA FUNDAÇÃO DA MESMA FABRICA

.

A cultura, industria e commercio sacharinos attingiram por esta época tal desenvolvimento que Simão Gonçalves, então donatario do Funchal, disfructava «a melhor renda de Portugal, tirando a do duque de Bragança e Mestre de Santiago», podendo dispender largas sommas em despezas de guerra, luxuosa ostentação e constantes liberalidades.

A offerta por elle feita ao Papa Leão X, de quem seu filho Manoel de Noronha, bispo de Lamego, era secretario, marca, a um tempo, o grau de riqueza de que fazia alarde, e a que altura chegára, n'esta ilha,

o progresso das sub-industrias sacharinas. Lê-se na «Historia das Ilhas» que o capitão do Funchal «despachára da ilha um creado seu, por nome João de Leiria, acompanhado de muita creadagem vestida de veludo preto, á portugueza, homem mui honrado, prudente e gentil-homem, e o mandou a Roma visitar o Papa com um grande serviço, que, além de um cavallo persio de muito preço, que levava de cabresto um mourisco muito gentil e de alto corpo, vestido de uma marlota de girões de seda, levou mais muitos mimos e brincos da ilha, de conserva, o *Sacro Palacio todo feito d'assucar*, e os cardeaes todos feitos d'alfenim, dourados a partes, o que lhes dava muita graça, e feitos da *estatura de um homem*».



CYLINDROS DE ESPREMER CANNAS

Tão ampla architectura e complicada estatuaria doceiras, tiveram por *atelier* e officinas o mosteiro de Santa Clara, cuja fama de saborosos, artisticos e requintados confeitos ainda chegou aos nossos dias.

.

Em seguida a este periodo de opulencia, o *bicho* devastando as plantações, a *peste* flagellando a população, a invasão dos corsarios francezes pondo a cidade a saque, e o *fogo do céu* (incandescencia atmospherica), em 1593, queimando a vegetação, abalaram profundamente as industrias sacharinas.

O golpe mais decisivo, porém, chegou pelos fins do seculo XVI e seculo XVII, com a concorrencia do assucar americano produzido pelo trabalho gratuito dos escravos e pela ligação intima da propriedade do sólo ao capital, em opposição, entre nós, ao trabalho do colono livre, desmembrado, ainda, do elemento essencial da industria agricola — a terra.

O assucar do Brazil matava o assucar madeirense.

Com o terramoto de 1748, coincidiu o desapparecimento dos engenhos, e a Madeira principiou a consumir assucar americano.

Durante esta phase de decadencia, a vinha havia triumphado sobre a canna. Mas a producção vinicola florescente até meados do seculo XIX, é anniquilada pela invasão do *oidium-tuckery*, a *mangra*, em 1852.

A necessidade mais extrema faz voltar de novo a attenção e cuidados do lavrador para a canna dôce, cuja cultura se desenvolve e prospéra pela introducção dos engenhos a vapor, e superioridade confirmada do assucar madeirense relativamente ao seu temivel concorrente que, por tal motivo e maior distancia do continente europeu, lhe permitte um commercio grosso e desafogado. O fabrico da aguardente de canna ajuda poderosamente e muito anima a cultura sacharina, alastrando-se, rapido, por todos os terrenos mais generosamente irrigados.

Entre 1860 e 1870, o preço do assucar subiu tão alto em todos os mercados do mundo, que as fabricas madeirenses exportaram para o continente a quasi totalidade dos seus productos, elevando-se tanto o seu preço, n'esta ilha, que necessario se tornou a intervenção de medidas especiaes difficultadoras da exportação. Os direitos foram, depois, diminuindo com o augmento progressivo das colheitas.

A canna Bourbon, rica de grau, que era a antiga planta da Madeira, principiou a adoecer em 1885, desapparecendo total-

mente ahi por 1888. Foi espantosa a crise agricola d'esta época que levou para as ilhas de Sandwich e Demerara, em emigrações successivas, um avultado numero de braços. Novamente se desenvolve a cultura da vinha, mas a crise apenas sente uma attenuação ligeira.

As attenções não se desviam das industrias da canna dôce; e de 1889 a 1895, trata-se a serio do seu restabelecimento principalmente devido á firma proprietaria da Fabrica do Torreão, impellida pela necessidade de defender os grandes capitaes alli empregados.

Novas castas foram adaptadas ao sólo madeirense, dando porém um menor rendimento fabril, d'onde se reconheceu a necessidade d'um conjuncto de disposições protectoras para se chegar a um resultado proficuo.

Abriu-se uma matricula para as fabricas de assucar e alcool; obrigou-se os estabelecimentos matriculados á compra de toda a canna por um preço que é, actualmente, de 450 a 500 réis por trinta kilos, dando-se-lhes como compensação d'este encargo, o exclusivo da producção do alcool de melaço, baixando para essas fabricas o direito sobre o melaço exotico.

Era absoluta a necessidade da elevação d'estes preços da canna, superiores, oito vezes, aos pagos na America, Africa e Oceania: as terras, as aguas, as rendas, adubos e salarios haviam encarecido progressivamente. Mas, por outro lado, a industria fabril para pagal-os teve de receber compensações, pois as novas castas eram, como dissemos, de menor grau, o que se tem tornado mais sensivel pelo esgotamento do sólo não restaurado convenientemente por uma adubação adequada.

CANNAS A CAMINHO DO ENGENHO

De 1904 em deante a plantação da canna foi attingindo proporções nunca vistas, especialmente depois d'aqui introduzida a canna *Yuba*, cujas qualidades de propagação e resistencia são verdadeiramente assombrosas, chegando a vegetar em consideraveis altitudes, — ainda que a sua riqueza sacharina diminue um pouco, á medida que os cannaviaes se affastam do littoral.

*

A carestia da canna Bourbon e, ainda mais, a das substitutas, difficultou o exercicio da industria do assucar na Madeira. Em consequencia d'este facto, tendo-se fundado, n'um periodo de 50 annos, nove fabricas d'assucar, algumas mesmo muito importantes, todas ellas desappareceram ou se arruinaram, mantendo-se unicamente a do Torreão de que foi fundador, em 1859, Mr. William Hinton e de que é proprietario actual, seu filho, o conhecido industrial Mr. Henry Hinton.

Não conhecemos as condições de vida economica d'esta importante fabrica que se diz caminhar na vanguarda de todos os progressos industriaes e scientificos. O facto é que o seu desenvolvimento, a actual evidencia do seu nome, a sua acção sobre grande parte da nossa riqueza agricola, e ainda a condição de ser unica, entre nós, no fabrico do assucar, dão direito a que d'ella possamos dizer algumas palavras, mais detalhadamente, pelo que respeita a pormenores de feição puramente industrial.

*

A capacidade da Fabrica do Torreão,

será este anno, ao que nos informam (1), de 500 toneladas, afim de acompanhar o desenvolvimento crescente do cultivo da canna que, no anno ultimo, attingiu a cifra de 52:000 toneladas em toda a ilha, da qual 33:000 foram n'esta fabrica reduzidas a assucar, durante tres mezes e meio de laboração.

A energia motriz é fornecida por seis grandes caldeiras de vapor, systema *water-tube*, tendo as respectivas machinas a potencia de 600 cavallos. A fabrica transforma em assucar, diariamente, 500 toneladas de planta, occupando cêrca de 360 operarios.

O transporte da canna, até agora feito em *corças,* ou zorras, puxadas a bois, começa este anno a ser parcialmente feito — para a que chega por mar, — por um cabo aereo lançado sobre a Ribeira de Santa Luzia, da foz até o Torreão.

A FABRICA DO TORREÃO

Das modificações mais notaveis que teem augmentado, desde 1900, a producção da fabrica, deve destacar-se o processo chamado da *circulação forçada,* graças ao qual Mr. Hinton consegue um rendimento sacharino muito vantajoso para o equilibrio economico do seu vasto estabelecimento fabril. Tem elle por fim extrahir da planta a maxima quantidade de assucar crystalisavel.

Foi em 1902 que na Fabrica do Torreão se fizeram as primeiras experiencias da diffusão da canna pelo systema de M. Léon Naudet, introduzindo-se-lhe aperfeiçoamentos, resultantes de longos trabalhos e estudos, que o melhoraram por fórma ao inventor associar-se com o proprietario da fabrica para a exploração do processo que tomou o nome de Hinton-Naudet, com patente de invenção em Portugal e Inglaterra.

A canna é espremida por dois poderosos engenhos que lhe extrahem a maior parte do sumo. Mas o bagaço sahido d'esta primeira operação ainda contém assucar. Levado por um elevador mechanico, dá entrada, a seguir, no apparelho de diffusão onde, por meio da *circulação forçada*, vae abandonar essa porção de assucar que anteriormente ficava quasi totalmente perdido.

Pelo processo antigo era de 80 % o maximo obtido em sumo de canna, emquanto que por este se alcança 97 %, com garapas mais densas, mais puras e transparentes; supprimindo-se as defecadoras, de que resulta grande economia de combustivel; dispensando-se as clarificadoras; e tornando inuteis os filtros-prensas em que as perdas d'assucar são notaveis. Pelo systema Hinton-Naudet, toda a laboração é feita n'uma mesma bateria de diffusão, sem desperdicio algum, sahindo o liquido sacharino em tal estado de pureza que pode ser immediatamente tratado pela evaporação para a sua transformação em assucar. O producto é obtido em crystaes, sendo o de primeira qualidade d'um brilho scintillante que polarisa 99,5 %.

Na producção do alcool para tratamento de vinhos, a industria fabril tem soffrido tambem uteis modificações, de modo a apresentar no mercado productos de tal pureza que já rivalisam com os similares estrangeiros.

O assucar que sahe da Madeira, e n'esta ilha se consome, é crystalisado, o que impede toda a especie de falsificação. Demais, sabe-se que nem a fórma crystalina é possivel de obter-se quando as garapas sejam impuras ou mesmo quando haja n'ellas glucose, natural, acima d'uma percentagem minima, pois o assucar da uva pela sua rebeldia á crystalisação evita que a sacharose a que ande associada adquira a sua feição typica.

(1) Muitas d'estas informações foram-nos amavelmente fornecidas pelo Ex.mo Sr. João Hygino Ferraz, intelligente director technico da Fabrica do Torreão. Outras, são extrahidas do artigo «O Fabrico do Assucar na Madeira», publicado no n.º 17, 2.ª serie, da *Illustração Portugueza,* de 18 de junho de 1906.

A planta sacharina reproduz-se na Madeira enterrando-se, a pouco mais d'um palmo, as pontas — a que o povo chama *pranta* — separadas de cada canna prompta a seguir para o engenho.

Os terrenos, que não exigem cavas profundas, especialmente para a canna *Yuba* — no dizer do agricultor, *capaz de dar sobre uma pedra* — são enriquecidos para a plantação e desenvolvimento ulterior com adubos chimicos e de curral, ainda que o uso dos primeiros deveria ser feito com mais criterio quanto á sua composição e quantidade.

A canna, justamente porque não enraiza fundo, exgotta rapidamente os elementos nutritivos de que carece, existentes na primeira camada do sub-sólo. D'ahi a necessidade d'uma adubação contínua e bem apropriada. O amanho da terra torna-se, por isso, e pela necessidade das frequentes irrigações de verão, realmente caro; mas o lavrador tem notavel predilecção por esta cultura que, além de dar-lhe um bom e seguro rendimento, lhe fornece durante o anno, com as desfolhas, uma alimentação muito querida dos gados mantidos para o trabalho e para a producção do leite e dos proprios adubos que hão de servir á canna.

Esta planta dá colheita no seu segundo anno de vegetação, fornecendo a *sóca*, d'ahi em deante, uma colheita annual, até envelhecer.

A apanha começa em março, só terminando em junho ou julho por a abundancia da producção actual não permittir mais rapido consumo fabril. Depois de separadas da *sóca*, as cannas são apertadas em arcos de ferro de dimensões uniformes, constituindo os *mólhos*, transportados, uns sobre outros, em córça, até ás fabricas.

Essa época é de grande actividade campesina e de gaudio enorme para os rapazes que teem na canna dôce, descascada a dente, chupada e engulida a sorvos, uma apreciada guloseima obtida d'entre as que o agricultor põe de parte, como refugo.

Em regra, porém, não se contentam elles com esses caules rijos, pouco assucarados e nodosos: tenta-os os entre-nós, os *canudos* succulentos, d'um amarello saudavel, denunciando fibra tenra, garapa dôce e de facil extracção.

Reservam-se, por isso, para, á sahida das *corçadas*, escondendo-se ás esquinas ou detraz das arvores, e illudindo a vigilancia dos boieiros, surripiarem, puxando rapido e com força pelos tróços, as que não podem alcançar da generosidade do lavrador.

As luctas entre conductores e rapazes são constantes. Algumas, apesar da illegalidade do acto que lhes dá origem, não deixam de ser eminentemente comicas: Um garoto furta uma canna a despeito dos cem olhos d'Argus do boieiro. Este, irritado com o caso, corre após o rapaz que, em geral, mais agil desapparece sem poder ser agarrado. Durante este tempo, os outros da malta apanhando o campo livre e desajustado o mólho pela falta da primeira canna, subtrahem facilmente as que teem na vontade, correndo em direcções diversas e deixando ao colerico boieiro quasi os arcos por favor.

E' claro que, muita vez, a policia intervém e a sua presença impede então o attentado. Ella, porém, não póde estar em toda a parte; e os rapazes, endemoninhados mercurios, teem nos pés ligeiros umas occultas mas verdadeiras azas...

Funchal.

R. Gomes.

Sinceridade

A Mãe *(em tom de ralho)*

Venha cá, seu Joãosinho!
O menino é um guloso:
foi furtar um bolo...

Joãosinho

Eu não!

A Mãe

E por cima mentiroso!
Ai! que desconsolação!
que triste que eu vou ficar!
Ha boccado um passarinho
meu amigo,
que andava alli n'um raminho
a espreitar,
Sabe o que me disse?... Digo?

Joãosinho

O que lhe disse?

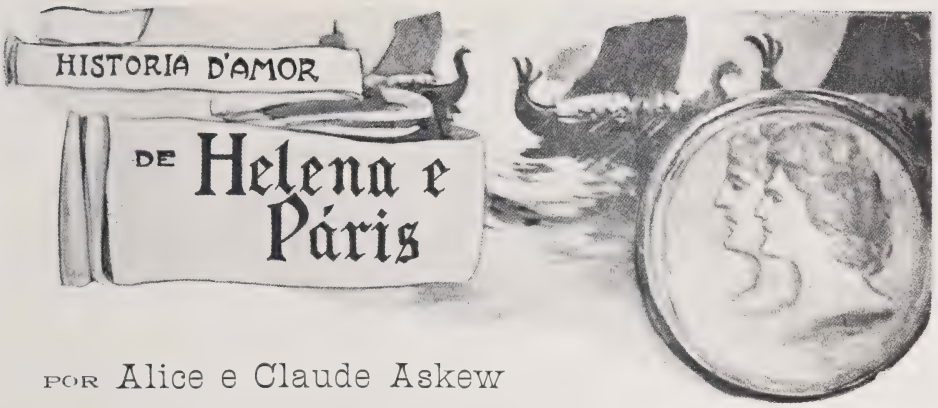
A Mãe

Que o vira
com o tal bolo na mão.
Elle é que falla verdade
e sabe bem que a mentira
é a mais feia maldade!

Joãosinho *(triumphante)*

Pois, olhe, não «verdadou»;
não goste d'elle esta vez!
Disse que eu comi um bolo?
Que passarinho tão tolo!
Não comi um, comi trez!

Candida Ayres de Magalhães.



POR Alice e Claude Askew

«Deixae-me esconder o rosto» — suspirou Helena, a mulher divina. — «Foi terrivel, supportar o olhar dos Gregos, esses heroes que outr'ora, eu recebia como hospedes no palacio de Menelau a quem offerecia as taças de vinho e as iguarias. Chamavam-me então *Helena dos braços de neve*, e cantavam em meu louvôr; agora chamam-me vil, e apunhalam-me com os seus olhares, com as suas ironicas expressões». — Ergueu a voz e chorou; os seus soluços eram como o lamento das vagas, as suas lagrimas corriam, como chuva de tempestade.

O velho Priamo, o rei de Troia, imponente na sua velhice, collocou a mão tremula no hombro d'aquella mulher abatida, arrependendo-se quasi de a ter conduzido ás muralhas da cidade, para lhe dizer quem eram os chefes gregos. Mas desejava tanto saber-lhes os nomes, quem era o rei Agamemnon, o chefe, e quem era Ulysses; Ajax tambem; Ajax, um gigante ao pé d'elles; por isso tinha chamado Helena.

Esta tinha olhado e respondido, observando todos os senhores da Grecia, que tinham sido vassalos da sua belleza, até que Menelau a tinha desposado, e feito rainha de Sparta.

Tinha-se encostado ao muro do terraço, aquecendo com o seu niveo cólo, a pedra a que se encostava, e tinha olhado para aquelles que esperava não mais tornar a ver, até que a vergonha entrou na sua alma; e purpureou-se aquella carne que era a mais pallida, a mais rara que jamais existiu no mundo.

«Querida filha» — disse o velho rei, o bom rei de Troia — «não te censures por toda esta desgraça, por esta guerra sangrenta que devasta as muralhas de Troia. Só os deuses são culpados, e não tu, linda Helena, que és innocente».

«Sim innocente» — respondeu ella n'um soluço — «tão innocente, como uma creança que cólhe um fructo prohibido, simplesmente, porque lhe está ao alcance da mão. Oh! meu pae! Antes queria ter morrido, d'uma morte tranquilla, na minha Grecia, antes de ter visto o vosso filho!»

Alinhou as pregas da sua longa tunica branca e ficou-se triste em face das muralhas de Troia; o seu cabello louro cahindo-lhe pelas espaduas, vestia-a de ouro e exhalava um aroma mais doce, que todos os perfumes da terra. «Sou eu a culpada!» — murmurou, unindo as niveas mãos e erguendo os olhos. — «Como pude eu abandonar o meu senhor, o meu filhinho, a minha casa, e fugir com Páris atravez de mares tempestuosos; Páris, que me conquistou d'uma maneira tão mysteriosa, que decerto o auxiliou a deusa Aphrodite; auxiliou-o tambem o seu rosto viril, a sua brilhante juventude, os seus musculos de marmorea brancura; auxiliou-o a sua doce e meiga voz, porque ha uma magia de cantos e melodias nas notas graves que eu adoro ouvir unida ao seu coração!»

Calou-se, depois inclinando o seu lindo corpo, sentou-se, rojando no chão o cabello d'ouro.

«Vistes» — disse ella — «como o rei Agamemnon me olhou? Elle que me chamava sua irmã! Ha tanto tempo que quasi me parece um sonho; mas agora, que me chamará elle? Ulysses escarneceu-me; vi os seus labios franzirem-se e o seu olhar brilhar; Menelau, chorou. Senti as suas lagrimas, cahirem-me no coração». Estremeceu; longos

soluços abalaram Helena, a deliciosa Helena, por quem tantos homens brandiam as espadas e morriam; morriam, defendendo o seu nome, a sua graça e a sua divina belleza.

TINHA-SE ENCOSTADO AO MURO DO TERRAÇO...

«Páris acaba de chegar» — disse Priamo. — «Mulher, não te lamentes mais; isto havia de succeder; podem acaso os mortaes combater contra os deuses? Enxuga os teus olhos que são demasiado azues para se molharem de lagrimas; és noiva e Páris é o teu senhor; vem para ti nas azas do amor. Aquella juventude que nasceu de Priamo e e que bebeu o leite de Hecuba, ensinar-te-ha a esquecer que deixaste a tua patria, os seus beijos hão-de confortar-te, e os seus braços proteger-te».

Assim falou o velho rei, o pallido Priamo, erguendo o seu manto de purpura, emquanto o vento lhe agitava o cabello de neve, que mais tarde se havia de ensanguentar, cahindo á ira de Pyrrho; mas só quando Troia se rendesse em fogo, sepultando n'elle o seu rei.

«Páris acaba de chegar».—Helena repetiu as palavras de Priamo, depois ergueu-se, compoz o cabello revolto, e olhou para o joven que corria para ella. Páris, o pastor das montanhas que o sol beijava, cujos cabellos cahiam em anneis ao longo da bella cabeça, cujos labios eram humidos e vermelhos como as petalas d'uma rosa, cujos olhos eram profundos e escuros como as placidas ribeiras em que o luar brilha, illuminando-lhes o fundo, Páris, vestido sumptuosamente, approximou-se sorrindo, e uniu-a a si sorrindo, sempre sorrindo.

Helena quiz recuar mas não poude; deixou

pender as mãos ao longo do corpo, emquanto elle beijava os seus labios, como uma abelha que aspira o mel das flôres.

«Oh! senhor!» — murmurou ella — «os homens estão luctando, morrendo; todo o dia me tem perseguido o ruido da batalha, toda a noite vejo phantasmas que me exprobam, me mostram as suas feridas e me assustam com os seus suspiros, censurando-me as suas existencias perdidas. Chorêmos, em vez de nos beijar, porque attrahimos sobre Troia a ira dos deuses, e todos os que deixaram a Grecia não voltarão mais; cada beijo que trocamos, causa um golpe mortal, cada longo abraço, pagam-n'o os teus irmãos com o sangue. Deixa-me voltar para Menelau, para que a guerra medonha acabe; deixa que eu volte para aquelle a quem me roubaste. Ha-de perdoar e voltará a paz, a serena paz que succede ás tormentosas guerras».

PARIS APPROXIMOU-SE E AJOELHOU AO SEU LADO

«A paz da morte» — disse Páris —. «Por mim o juro, não me abandonarás, mulher sobre todas divina, até que eu seja reduzido a pó, que o meu coração cesse de bater e o meu corpo não tenha vida; quando os beijos de Helena me acharem e me deixarem frio». — Tomou-lhe as mãos e retirou-a brandamente do terraço, levando-a com gentileza para o palacio.

Passaram o limiar, Helena suspirou anciosa, e disse a Páris que fechasse as portas, isolando-a da côrte e de seus irmãos.

«Quero estar só, só comtigo. Temo os teus irmãos, e os homens de Troia. Só Priamo me mostrou affecto; as tuas irmãs escarnecem-me deixa-me ficar só comtigo, para te ouvir dizer que sou bella e que te agrado. Embala-me n'um sonho delicioso d'amor, toma-me nos teus braços e protege-me; o unico bem que nos resta agora, é o amor. Esqueçâmos o que aconteceu, o que acontecerá, o ruido da batalha e a marcha do tempo. Esqueçâmos, é o que te peço, esqueçâmos!»

Disse as ultimas palavras em voz baixa, n'uma voz que era doce e meiga como o som d'uma harpa; depois, ergueu as cortinas vermelhas que pendiam á entrada do seu quarto e entrou apressadamente; Páris seguiu-a; seguiu a mais linda mulher do mundo.

Reclinou-se então voluptuosamente n'um coxim, ornado de ricas encrustações, brilhante de bronze dourado, e começou a brincar com os anneis do seu cabello, espalhando-o como um véo, sobre o rosto, lan-

çando-o depois sobre os hombros, como ondas douradas e sedosas.

«Páris» — murmurou ella — «quando o sol se puzer para nós, quando a nossa estrella desapparecer no horizonte, o que dirão, o que escreverão de nós, de Páris, que raptou a mulher d'um corajoso principe que lhe tinha dado hospitalidade, o nobre Menelau; e de Helena, que fugiu uma noite, ao mesmo tempo tremula e corajosa, para seguir o amor, e dizer adeus á paz e á honra?»

Páris approximou-se e ajoelhou ao seu lado, apertando entre as suas, as mãos d'ella, aquecendo-a com o seu halito perfumado; os cabellos exhalavam um agradavel aroma e a sua tunica era bordada com o mais complicado labôr, rica de sedas brilhantes e d'ouro.

«Helena, minha amada» — respondeu elle — «não temas que os homens te censurem, porque os deuses, que n'elles mandam, ordeiram que tu e eu nos amassemos, Não fui eu a Sparta pelo desejo d'uma deusa? Fui impellido como a poeira pelo vento; o Destino decretou a minha viagem e levou-me; crê, os tempos futuros não nos condemnarão, estamos acima da maldade humana. Os deuses tiveram o poder de nos fazer amantes; são elles o nosso escudo, a nossa defeza». Acariciando-lhe os longos cabellos, Páris chegou-a para si, sorrindo d'amor.

«Deíxa que Troia se incendeie» — continuou elle — «que se reduza a cinza, que levem os thezouros de meu pae para terras distantes, ilhas desconhecidas. Deixa-os levar ricos coxins, vasos trabalhados, tunicas bordadas, ouro, prata, unguentos raros, todo o saque da cidade; pallidas virgens e mulheres perdidas, jovens, encantadoras escravas, arrancadas a braços de amantes. Deixa que a Grecia clame o tributo pela divina Helena, isso honra-te, minha amada.» — E riu, inclinando para traz a cabeça encaracolada, mostrando as linhas firmes, arrojadas do seu busto. — «E' este o preço porque eu te devia ter, insignificante preço, da ruina da minha patria; a morte d'aquelles que minha mãe creou; meu pae, esse velho, assistindo á derrota de Troia; Hecuba chorando no captiveiro; minhas irmãs, gemendo nas tendas dos seus captores, e erguendo as mãos á clemencia dos deuses; é este o preço que eu dou alegremente, porque a tua belleza está acima de todas as bellezas: e Troia viverá em cantos, na posteridade, pelo teu divino encanto, até que tudo se reduza a pó e o silencio se faça». — Calou-se, vermelho de enthusiasmo, tremulo de alegria.

Helena lançou os seus braços em torno d'elle; braços tão brancos que envergonhariam a propria neve.

«Será assim? Viverá Troia eternamente?» — murmurou ella — «Falarão de ti e de mim sem censura, com sorrisos, como de apaixonados amantes, atravez dos seculos? Mas Páris, pensa bem, teu pae, e a sua patria, — a tua patria, — quererão perder-se por mim, que virei certamente a morrer na Grecia? Porque, quando as muralhas de Troia cahirem, o meu senhor, o poderoso Menelau, levar-me-ha nos seus possantes braços. Sei isso, é-me segredado pelos deuses, assim como eu sei que has-de morrer trespassado por uma setta; morrer e deixar-me. Oh! meu amado Páris, quando entrares as tristes portas da Morte, arrepender-te-has do que fizeste por mim; e eu, que te amo agora, como hei-de supportar a minha antiga casa e Menelau sempre severo, sem endoidecer? Todos hão-de odiar-me na Grecia e hei-de curvar a cabeça, suspirar e chorar; os dias serão tão longos, as noites tão escuras, que o proprio mar me ha-de entristecer e a luz do dia».

Páris inclinou a fronte sobre o peito de Helena, e sorriu, como só sorri a mocidade.

«Nada temas, Helena; hei-de morrer, mas a morte é apenas uma transformação; a minha carne ha-de florir, em hervas e flôres, aquecida pelo sol, banhada de frescura e orvalho; e o meu pallido phantasma, contente por ter possuido todos os bens da terra, ha-de gozar ainda, relembrando-os, que os deuses não podem roubar-me a memoria.

Quanto a ti, amada Helena, quanto a ti» — a sua voz tornou-se um murmurio, — «volta para a tua antiga morada na Grecia, depois da derrota de Troia; sê de novo a esposa do poderoso Menelau; ouve o murmurio das ondas e o doce suspirar da briza; sombra da Helena que foi, da Helena que morreu!»

«Morta» — murmurou ella — «Não, estarei viva, e a mais infeliz das mulheres!»

«Morta!» — respondeu elle.— «Serás apenas uma linda imagem, vestida de tunicas bordadas, quente ao contacto, mas fria no

coração, porque a minha morte será a tua. O teu altivo senhor ha-de apertar apenas uma mão sem nervos, sem calor, entre as suas, porque Helena de Troia só pertenceu a Páris. E's minha pela magia do passado».

«Se fôsse assim!» — disse Helena — «Parece-me que dizes a verdade, e creio-te». — Sorriu, sorriu encantada, e fechou os olhos.

Elle curvou-se e uniu os seus labios aos d'ella; a sua bocca vermelha entreabriu-se como uma flôr, e Páris aspirou-lhe a alma, emquanto a batalha continuava em Troia.

Trad. de B. DE SALLES.

SUPPLICA

(Do poemeto «Mãe»)

Oh! primavera! mostra-nos agora
Esse lindo clarão da meiga aurora!
Atavia os mil prados de boninas
Formosas, orvalhadas, matutinas!
Põe murmurios nas fontes de crystal,
Rouxinoes na ramagem do choupal
E beijos de luar no lago quedo
Onde, á noite, se espêlha o arvoredo!
Manda surgir das ondas lá dos mares
As ondinas e os lindos nenuphares,
Confidentes de poetas contristados
Que vão chorar em bergantins doirados.
E, se reinas em prados e em jardins,
Se és bella como os bellos cherubins,
Muda, transforma as petalas das rosas
Em labios de creanças graciosas
E as azas das phalenas prateadas
Em leques de princezas encantadas...
Depois inspira o poeta, o sonhador,
Que vae cantar o maternal amor!

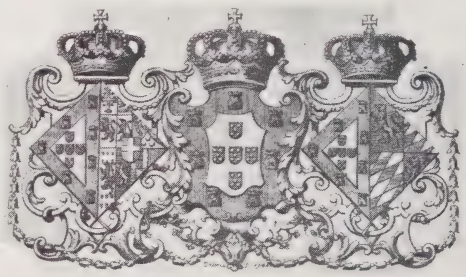
Mario Florival.

No ultimo quartel do seculo XVII

Arredado do supremo governo da nação o rei D. Affonso VI em 1667, sabido é que o infante D. Pedro, seu irmão, assumiu desde logo a regencia do reino, que por elle foi exercida até o fallecimento d'aquelle, em 1683, sendo então proclamado novo rei sob o nome de D. Pedro II.

Por morte de D. Pedro de Lencastre, 5.º duque de Aveiro, arcebispo titular de Sida, o logar de Inquisidor geral do Santo Officio vagara em 25 de abril de 1673 e vago continuou por espaço de cerca de cinco annos.

Em harmonia com o estatuido no respectivo Regimento, era o Conselho geral do mesmo Santo Officio que desempenhava então as funcções d'aquelle supremo e omnipotente cargo inquisitorial.



ESCUDOS DE D. PEDRO II
E DE SUAS DUAS CONSORTES

N'esta conformidade é que, por exemplo, Manoel da Costa Brito, notario na Inquisição de Lisboa, foi nomeado secretario d'este Conselho em 21 de maio do anno de 1675.

A resuscitada questão dos *Christãos novos* acabava de entrar n'uma phase aguda, tendo a defendel-os contra o Santo Officio, em Roma, além do seu agente Francisco de Azevedo, o grande padre jesuita Antonio Vieira — que, a 22 de dezembro de 1667, fôra condemnado pela Inquisição de Coimbra, mas que desde 1669 se achava n'aquella cidade — e, em Lisboa, principalmente os padres, tambem jesuitas, Manoel Fernandes, confessor do regente, e Balthasar da Costa, provincial da Companhia no Malabar, chegado ao reino recentemente.

Até os fins do anno de 1674, o regente conservara-se abertamente ao lado dos *Christãos novos* e patrocinara as pretenções d'estes perante o papa — que em 3 de outubro d'esse anno expediu um breve em virtude do qual ficava supprimido todo o exercicio das Inquisições de Portugal até que em Roma fossem decididas as queixas, as reclamações e as solicitações da gente hebrea relativamente ao Santo Officio. Uma inilludivel prova de quanto o negocio d'aquelles interessava o regente está no breve que a 3 de novembro seguinte Clemente X lhe dirigiu, «louvando-lhe a constancia com que havia resistido á representação que o Congresso das côrtes lhe tinha feito, para não proteger a causa dos christãos novos».

O breve inhibitorio de 3 de outubro havia, porém, sido notificado ao Conselho geral do Santo Officio pelo nuncio em 17 de novembro, sem que previamente houvesse sido obtido nem solicitado o regio beneplacito.

Este facto, as vivas instancias de uma

grande parte dos membros das côrtes ainda reunidas, os protestos e as reclamações d'aquelle Conselho geral por tal forma imperaram no espirito de D. Pedro que este entendeu dever mudar de rumo e deixar de attender os seus até então protegidos *Christãos novos,* para appoiar o Santo Officio.

De ahi o não chegar a ter completa execução a inhibitoria pontificia.

De passagem seja dito que, aliás dentro da logica da sua politica contra a Companhia de Jesus, o marquez de Pombal a verberou como causadora d'estes acontecimentos no que elles tinham de prejudiciaes e de attentatorios do funccionamento do tribunal do Santo Officio e por se abrir «mais hum novo e deploravel conflicto entre esta Côrte e a Curia de Roma: discordia, e conflicto, que deram necessarios motivos ás muitas Consultas, que então se fizeram sobre aquelles delicados Pontos»!...

O CARDEAL INQUISIDOR GERAL
D. VERISSIMO DE LENCASTRE

No denominado Cartorio jesuitico existente na Torre do Tombo encontram-se elucidativos documentos d'aquella longa pendencia. Alguns d'elles estão reproduzidos a paginas 135-153 da «Collecção das provas que foram citadas na parte primeira e segunda da Deducção chronologica e analytica» — Lisboa, 1768.

Foi ainda a pendencia entre os *Christãos novos* e a Inquisição que levou a Roma, por parte d'esta, o dr. Jeronymo Soares, deputado do Conselho geral, e, da parte do regente, um embaixador extraordinario, D. Luiz de Sousa, então bispo de Lamego, deputado do Santo Officio na Inquisição de Coimbra (por provisão de 3 de junho de 1668), pertencente ao ramo dos Sousas de Calhariz, filho de D. Antonio de Sousa e de sua esposa D. Joanna de Mello, e irmão mais novo de D. Francisco de Sousa, capitão da guarda real de D. Affonso VI e de D. Pedro II, do qual foi trisneto o 1.º duque de Palmella, D. Pedro de Sousa Holstein.

Tendo partido de Lisboa a 17 de setembro de 1675, o novo embaixador, depois nomeado arcebispo de Braga e primaz das Hespanhas, chegou a Roma a 23 de janeiro seguinte. A Bibliotheca Real da Ajuda possue, em manuscripto, a «Relação enviada de Roma da solemnissima embaixada, que em fevereiro de 1676 por mandado do Serenissimo e Invictissimo Principe D. Pedro Nosso Senhor, Successor, Governador de Regente dos Reynos de Portugal & fês á Sanctidade do Papa Clemente X o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Luis de Sousa, bispo de Lamego, do Conselho, e Sumilher da Cortina de Sua Alteza, eleyto Arcebispo Primaz, e Embaxador extraordinario em Roma á Sanctidade do Papa Clemente X». Ahi se encontra igualmente um volume com muitas das cartas originaes que este embaixador escreveu de Roma ao secretario de Estado e ao regente sobre o assumpto da sua missão.

Cinco annos e meio se consumiram ainda na resolução d'este negocio.

Poz-lhe termo a bulla de 22 de agosto de 1681, firmada por Innocencio XI (1676-1689), successor de Clemente X, por virtude da qual as Inquisições de Portugal voltaram a funccionar, porventura mais activamente que antes.

Não se julgue, porém, que entretanto não se tivesse realisado mais nenhum auto de fé em Portugal. Para só falarmos da Inquisição de Lisboa, houve um em 17 de junho de 1675 e outro a 6 de agosto de 1676. Ambos se effectuaram na sala das audiencias do palacio da Inquisição ou antigo paço dos Estaos, ao Rocio. Em qualquer d'elles figurou todavia um unico réu. O mesmo succedeu a 10 de junho de 1678, em que foi lida a sentença de Simão Sutil Rendeiro, familiar do Santo Officio, condemnado a degredo por tres annos para o Algarve e privação do seu cargo, por prender um homem, da parte do Santo Officio, sem ter recebido ordem para isso.

Ao passo que aquelles dois se celebraram durante o largo interregno do Conselho geral, o terceiro consumou-se quando o logar de Inquisidor geral se achava já occupado por D. Verissimo de Lencastre, arcebispo de Braga.

Filho de D. Francisco Luiz de Lencastre (da casa da Sortelha) e de sua esposa D. Filipa de Mendonça (dama da rainha D. Marianna de Austria) e irmão do 2.º conde de Figueiró, D. Pedro de Lencastre, o novo Inquisidor geral nascera em Lisboa em 1615, recebendo o baptismo na igreja parochial dos Martyres a 15 de novembro d'este anno. Havia sido nomeado deputado da Inquisição de Evora por provisão de 12 de novembro de 1664, na Sé de cuja cidade era conego e thesoureiro mór. Depois fôra inquisidor da mesma inquisição (1649), passando por todas as cadeiras, e mais tarde da de Lisboa (1660), e por fim era deputado do Conselho geral (1664). Governou o arcebispado de Braga desde 1671 até 27 de março de 1677, succedendo-lhe o já referido D. Luiz de Sousa, bispo de Lamego, que então se achava em Roma, mas que tomou posse por procuração a 3 de junho de 1677 e fez a sua entrada solemne na diocese em 3 de julho de 1683, vindo a fallecer na mesma cidade de Braga a 29 de abril de 1690, com 53 annos de idade.

D. Verissimo de Lencastre foi confirmado Inquisidor geral por bulla de 22 de novembro de 1676 e tomou posse a 9 de abril do anno immediato. Dez annos depois (2 de setembro de 1686) era nomeado cardeal—dignidade a que desde D. Henrique, cardeal rei, não tornara a ser elevado nenhum filho de Portugal. Não tendo, porém, ido a Roma, deixou de receber o barrete e o titulo cardinalicio que lhe andava annexo. O seu fallecimento occorreu em 13 de dezembro de 1692. Nove mezes antes havia-lhe sido dirigido um requerimento de Manuel de Carvalho de Mello e Athaíde (pae do 1.º marquez de Pombal) supplicando a mercê de o fazer familiar do Santo Officio, como já o era seu pae, Sebastião de Carvalho e Mello. A respectiva carta só veiu a ser passada em 6 de maio do anno seguinte.

O CARDEAL-ARCEBISPO DE LISBOA
D. LUIZ DE SOUSA

Como dissemos, foi em agosto de 1681, isto é, mais de quatro annos depois de D. Verissimo haver tomado posse do seu logar de Inquisidor geral, que foi publicada a bulla pontificia resolvendo a pendencia a favor do tribunal do Santo Officio. Similhantemente ao que lhes succedera no 2.º quartel do seculo XVI, com D. João III, os *Christãos novos* ficaram vencidos n'esta altura da regencia de D. Pedro.

Poucos mezes volvidos, recomeçaram os autos publicos da fé: em Coimbra, no Pateo de S. Miguel, a 18 de janeiro de 1682; em

Evora, na Praça Grande, a 15 de fevereiro; e em Lisboa, no Terreiro do Paço, a 10 de maio do mesmo anno.

No de Coimbra figuram 27 homens e 33 mulheres — ao todo 60 condemnados; no de Evora, 50 homens e 58 mulheres, além de 1 homem relaxado em carne á justiça secular, isto é, que esta mandou queimar.

A lista do de Lisboa menciona 106 condemnados — 66 homens e 40 mulheres — incluindo 6 homens e 2 mulheres fallecidos nos carceres da Inquisição durante a formação dos respectivos processos e por isso absolvidos da instancia, e mais 4 homens entregues ao braço secular ou civil, condemnados como convictos, confessos, affirmativos, profitentes da lei de Moysés, pertinazes e impenitentes, ou revogantes e variantes, ou negativos e pertinazes. As penalidades impostas aos outros 94 individuos foram: degredo para Castro Marim, Algarve, Angola, Brazil ou galés, por 3 a 5 annos; açoutes, mordaça, carcere e habito penitencial perpetuo; carcere ao arbitrio. Crimes: judaismo, heresia, relapsia, feitiçaria, visões, pacto com o demonio, sodomia, bigamia, solicitações no acto da confissão.

De 18 de janeiro de 1682 a 24 de julho de 1691, a Inquisição de Coimbra condemnou 162 homens e 173 mulheres, sendo queimadas 10 mulheres e relaxados em estatua 8 homens e 12 mulheres.

As listas da Inquisição de Evora relativas ao periodo decorrido desde 15 de fevereiro de 1682 até 10 de dezembro de 1690 mencionam 173 homens e 158 mulheres, relaxando em carne 8 homens e em estatua 8 homens e 10 mulheres.

No espaço de dez annos, contados de 10 de maio de 1682 até 23 de fevereiro de 1692, celebraram-se em Lisboa 14 autos de fé: 2 no Terreiro do Paço, 3 na Igreja de S. Domingos e 9 na sala do despacho do tribunal do Santo Officio. O numero de sentenciados n'este lapso de tempo ascende a 322; 24 d'estes foram julgados em condições de terem de ser, como foram, entregues á «benignidade e piedade» dos desembargadores do tribunal da Relação, aos quaes, nos termos das Ordenações do reino, competia fazer as execuções dos criminosos de heresia e de apostasia depois de examinarem as respectivas sentenças (Livro V, titulo 1.º das Ordenações Filipinas, ou 2.º das Manuelinas, impressas pela 1.ª vez em 1521, isto é, 15 annos antes do estabelecimento da Inquisição entre nós).

Tivemos occasião de manusear por mais d'uma vez alguns d'estes processos.

ESCUDO DO CARDEAL ARCEBISPO D. LUIZ DE SOUSA
(Reproduzido da «Polyanthea Medicinal»)

Preenchida e assignada pelos inquisidores uma folha impressa, tambem subscripta pelo notario, e que constituia o mandado de captura contra o denunciado ou accusado, era este procurado e preso por um *familiar* ou *official* do Santo Officio e depois entregue ao *alcaide dos carceres* da Inquisição. Um rectangulo de papel, tendo impresso o sello do Santo Officio e collado na parte inferior do mandado, authenticava-lhe a proveniencia. Executada a prisão, se esta fosse com sequestro de bens, o *juiz do fisco* (ou o corregedor, ou o juiz de fora, ou o juiz da terra), era prevenido para que opportunamente fosse proceder ao inventario e pôr sua fazenda em segurança, podendo entretanto ser entregue a um familiar do Santo Officio a casa, as chaves e os bens do preso. Recolhido este no car-

cere, o *promotor* enviava para a *meza dos inquisidores,* que eram tres, o requerimento com as culpas do accusado. Passados dias, este era chamado á presença d'aquelles e tomavam-se-lhe as declarações de inventario, debaixo de juramento. Dias depois realisava-se na sala das audiencias e perante os inquisidores da meza, a sessão de *genealogia,* do preso; mais tarde, até um mez depois da prisão, a sessão das declarações *in genere,* e, passado mais algum tempo, a sessão *in specie.* Por fim, o promotor, tendo previamente consultado o processo, apresentava o seu *libello* contra o réu. Appareciam então o *procurador* ou *defensor,* as contestações, as contradictas, as testemunhas de defeza, as instancias e as demais formalidades que são de uso em direito criminal e veem igualmente prescriptas nos Regimentos do Santo Officio.

DR. JOÃO CURVO SEMEDO
(Reproducção da sua «Polyanthea Medicinal»)

Um dos meios adoptados n'este tribunal, e consignados ainda no Regimento de 1774 pelo marquez de Pombal, para obter dos réus a confissão das culpas ou crimes imputados, era, como se sabe, o *tormento* — meio este que aliás, mesmo entre nós, era já empregado desde tempos muito anteriores ao estabelecimento da Inquisição por D. João III em 1536, como se vê nas Ordenações Manuelinas, por exemplo, no Livro V, titulo 64.º (ou titulo 134.º das Ordenações Filippinas, depois confirmadas por D. João IV, D. Pedro II e D. João V), onde se estatue o tormento ao «arbitrio do julgador» e com direito de o mandar repetir as vezes que lhe parecer justo.

Entre os processos que consultámos, encontra-se um em que o réu Pedro Serrão de Castro, estudante de theologia, accusado de judaisar, foi submettido a esta prova em março de 1682. O documento que a ordena vem assignado pelo Ordinario da diocese, pelos tres inquisidores da mesa e mais cinco deputados da Inquisição.

Satisfeitas as demais formalidades regimentaes — em que não figuram acareações de testemunhas e em que o sigillo é condição essencialissima — fazia-se a prova da justiça, procedia-se ao auto de notificação ao preso, que era chamado á casa do despacho pelo notario, em companhia do alcaide dos carceres, e ahi ouvia o accordão dos *inquisidores, ordinario e deputados.*

Os accordãos e as sentenças eram depois lidos no chamado auto de fé, que umas vezes se celebrava dentro d'uma das salas do proprio tribunal (e não no carcere), e outras em logares publicos, como eram, em Lisboa, o Terreiro do Paço, o adro de S. Domingos, o Rocio.

Algumas das sentenças envolviam sequestro de bens. Depois de ellas proferidas é que o sequestro se effectuava; e não antes.

Ao auto de fé de 10 de maio de 1682, no Terreiro do Paço, assistiram Suas Altezas, o arcebispo inquisidor geral, os membros do Conselho geral do Santo Officio, inquisidores, deputados e mais ministros inquisitoriaes, o nuncio apostolico, prelados e religiosos de varias congregações e grande parte da nobreza, além de uma grande massa de povo.

Um dos 106 nomes que figuravam n'este auto de fé foi o do já citado estudante de theologia, Pedro Serrão de Castro. A Relação condemnou-o ao garrote, mandando que o seu cadaver fosse depois queimado. Tres dos seus companheiros tiveram mais horripilante sorte: foram queimados vivos.

Lembremo-nos, porém, de que a fogueira era a pena final imposta pelo direito portuguez da época não só aos crimes de heresia e apostasia, senão tambem aos sodomitas, aos quaes eram tambem confiscados os bens, tornando «inhabeis e infames» os filhos e demais descendentes (Livro V, titulo 12.º, respectivamente titulo 13.º). A bigamia e a feitiçaria — dois outros crimes cuja investigação pertencia tambem á alçada do Santo Officio — eram da mesma fórma punidos com pena de morte, pelas Ordenações (Idem, titulo 3.º e 19.º). O crime de adulterio — que aliás não entra no numero dos que pertenciam á esphera do Santo Officio — era egualmente punido com a pena de morte (Idem, titulo 25.º). Pelo titulo 2.º, os que «arrenegam e blasfemam de Deus» eram castigados com degredo, ou com «uma agulha d'albarda pela lingua» e «vinte açoites com baraço e pregão», tendo a agulha na lingua emquanto lhes déssem os açoites.

Dos processos a que acima nos referimos apenas em um encontrámos a intervenção do Inquisidor geral: foi no processo do poeta Antonio Serrão de Castro, pae do estudante dos mesmos appellidos. Ainda assim, convém advertir que essa intervenção é a de um despacho n'um requerimento que teve de subir áquella instancia suprema. Em nenhum d'elles (ou em qualquer dos outros) ha, porém, um unico sello de chumbo do Santo Officio, ou sello pendente,

*

Por morte do cardeal D. Verissimo de Lencastre em 1692, o logar de Inquisidor geral foi provido, no anno seguinte, em seu seu irmão D. Fr. José de Lencastre, frade carmelita calçado, bispo de Miranda e ultimamente de Leiria (1681-1693). Exerceu aquelle logar — rejeitado por D. José de Menezes, arcebispo de Braga — até 1705, fallecendo a 13 de setembro d'este anno.

De 24 de julho de 1691 a 11 de setembro de 1693, não temos noticia de autos de fé na Inquisição de Coimbra. O mesmo dizemos da Inquisição de Evora, relativamente ao lapso de tempo que vae de 10 de dezembro de 1690 a 9 de outubro de 1695. Em Lisboa continuaram, a partir de 8 de janeiro de 1693; não obstante isto, o numero dos seus condemnados até 1701 foi quasi metade dos de Coimbra. Assim, ao passo que em Lisboa foram sentenciados 124 homens — 1 dos quaes relaxado em carne e 2 em estatua — em Coimbra esse numero é de 353 individuos, entre os quaes houve 12 homens e 10 mulheres relaxadas em carne e 6 homens e 1 mulher relaxados em estatua. Em Evora, tambem até 1701, as minhas estatisticas accusam 45 homens e 25 mulheres, sem que houvesse entre elles alguem entregue á justiça civil. Os autos celebrados foram: Evora, 5; Lisboa, 15; Coimbra, 16.

Tambem manuseámos alguns processos destes ultimos annos do seculo XVII. N'um d'elles encontrámos igualmente a interferencia do Inquisidor Geral: é tambem n'um despacho de deferimento á petição de uma condemnada pelo Santo Officio em 1698, para que lhe fosse dada como cumprida a pena em que incorrera e de que já havia satisfeito metade do tempo.

*

Muito se tem dito e escripto, especialmente entre nós, ácêrca do Tribunal da Inquisição no nosso paiz, onde o seu funccionamento se extendeu desde 1536 até 1821.

Raros, bem raros, porém, são — oradores e escriptores — os que o teem feito por fórma a não manifestarem o desconhecimento, por vezes o mais crasso e absoluto, dos Regimentos do Santo Officio e das noções que indispensavelmente deve adquirir e possuir dos processos dos cartorios da Inquisição, quem sobre o assumpto pretende falar ou escrever honestamente para o publico — ou de maneira a respeitarem os registos incontestaveis da Historia e os seus ensinamentos, levando a sua condemnavel liberdade e audaciosa mystificação, ou a sua lastimosa ignorancia, ao excesso de nos apresentarem como devassos e satyros caducos e crueis, personalidades que em vida foram authenticos exemplos da mais authentica virtude, e cuja memoria veneranda merece ainda impôr-se a mais respeitosa veneração.

Nem sobre verosimeis presumpções historicas se apoiam uma grande parte d'esses escriptos com pretenções a historia.

Em outro logar, e por mais de uma

vez, me occupei já, detidamente, de um drama, — em que é de particular e calculado destaque o papel do *Cardeal-Inquisidor Geral* — que o auctor diz ter-se desenrolado precisamente no ultimo quartel do seculo XVII.

Cardeal-Inquisidor Geral no seculo XVII, e portanto na regencia e no reinado de D. Pedro II, apenas existiu um: D. Verissimo de Lencastre, de quem acima me occupei e cuja biographia, no desempenho d'aquelle cargo, é assim synthetisada pelo auctor do «Gabinete Historico» (Tomo 5.º, pag. 48): «mostrou a sua prudencia, o seu zelo e a sua rectidão, tanto na escolha dos ministros como na administração da justiça... Foi um varão de excellentes virtudes, casto, sabio, douto, prudente e benigno». «Os mesmos réus do Santo Officio (observa o seu contemporaneo D. João de Athayde), confessavam achar a Sua Eminencia sempre mais inclinado á oliveira do que á espada, mais á brandura da misericordia do que á severidade da justiça.»

As crueldades do antipathico e frascario *Cardeal Inquisidor Geral* d'esse drama, tão pouco se podem personalisar em D. José de Lencastre, que, aliás, nunca foi cardeal e se assignava «Bispo Inquisidor Geral».

O mais extravagante, porém, é que a D. Luiz de Sousa, irmão do 1.º marquez de Arronches, arcebispo de Lisboa desde 1676, cardeal desde 1697 — mas que, n'esta situação, não esteve em Roma, nunca foi *Inquisidor Geral*, nem simples inquisidor, nem mero official do Santo Officio — tivesse de ir buscar-se «o escudo esquartelado dos Sousas», para o collocarem sob o chapeu do *Cardeal Inquisidor Geral* na sala do Tribunal do 3.º acto do drama e nos fardamentos dos creados que ahi entram em scena!...

JORDÃO DE FREITAS.

A nossa terra

A nossa terra! um ponto abençoado...
Muitas vezes no mappa mal se vê,
Mas para nós avulta illuminado,
Em letras de ouro, que a noss'alma lê.

Tudo é nosso na terra em que nascêmos:
— O céu, o campo, o sol que nos aquece.
Tudo nos falla, tudo conhecêmos,
E tudo nos conhece.

Quanto mais o destino nos arrasta
Para longe do lar,
E mais da nossa terra nos afasta,
Como a saudade ao coração não basta,
Maior é o desejo de voltar.

A nossa terra está sempre ligada
Aos sonhos da ventura procurada
A's idéas do Bem.
Para nós, sempre bella e sempre amada,
A nossa terra é como a nossa Mãe.

MARIA DE CARVALHO.

Quatro jornalistas

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos — Antonio Rodrigues Sampaio — Eduardo Coelho — Manuel Pinheiro Chagas

ORAM quatro habeis esgrimistas da imprensa, manejando finas laminas de Toledo, inquebraveis, luzidias, com segurança de pulso, defendendo-se com energia, atacando com firmeza.

Teixeira de Vasconcellos era a graça personificada, escrevendo sem a minima preoccupação, simulando attender pouco o adversario, mas vigiando-o de soslaio, sem lhe perder o menor movimento; Sampaio, um colosso, servindo-se da penna de maneira que atordoava o seu antagonista, atontava-o; Eduardo Coelho, o homem de sorriso são, e se o seu vigor não se traduzia aos ataques de que era alvo, deve-se á sua extrema bondade; Chagas foi o jornalista francez, leve, subtil, muito habil, desarmava com a ironia, mal roçando a epiderme, sabendo retirar a tempo o ferro antes que elle profundasse.

E é d'esses jornalistas que eu tento deixar os *croquis* n'esta revista.

O Antonio Augusto

Gago...— dizia-se mesmo que elle affectava esse defeito, para ter o tempo necessario de responder certeiramente — era um conversador infatigavel, e a sua physionomia como que se illuminava, encantando, seduzindo, conquistando quem muito bem lhe aprazia.

Vestindo com a maxima elegancia, com uma physionomia de destaque, onde o bigode branco como que constituia uma caracteristica, calvo, cabello cortado rente, quem o visse nunca mais o esqueceria, tanto elle se destacava dos rostos vulgares que por ahi andam.

Gastronomo, admirando as mulheres não só como artistas, era visto ás noites nos camarins dos theatros, e quantas vezes a actriz faltou á deixa, porque aquelle *charmeur*, o primeiro conversador de Portugal, fazia com que ella se esquecesse do seu dever.

De maneira que Francisco Palha, esse fino espirito, mandou pôr na tabella o seguinte:

«*Como a actriz F*** continúa fazendo do seu camarim um centro de cavaco, e a empreza já se encontra cansada de a multar, não seria melhor ella transferir o centro para outro ponto, ou então estabelecer o centro onde não causasse prejuizo?*»

Teixeira de Vasconcellos foi um dos primeiros jornalistas da sua epocha — e então elles abundavam! — escrevendo o portuguez como poucos, dando aos artigos uma feição muito sua, devendo especialisar-se na im-

prensa o primitivo *Jornal da Noite*, onde se cercou d'um nucleo d'escriptores de primeira agua.

Atacaram-o vehementemente, censuraram-o por vezes, como a poucos, mas defendeu-se sempre como um leão, e embora nas discussões nunca sahisse dos limites da cortezia, se cravava as garras, ai do adversario!

Os seus brilhantissimos artigos — não é um nariz de cera! — podem tambem ser lidos na *Opposição Nacional*, na *Illustração*, no *Arauto*, na *Gazeta de Portugal*; os seus romances: *Roberto Valença*, *Prato d'Arroz Doce*, *Duas Facadas*, *Ermida de Castromino* e *Lição ao Mestre*, de ha muito deviam ter merecido a honra d'uma edição popular; em theatro, alcançou um successo no Gymnasio com o *Dente da Baroneza*, uma comedia lindissima, primorosamente executada por Lucinda Simões.

São innumeras as anecdotas d'este jornalista; infelizmente não se me torna possivel dá-las a publico, tão verdes são algumas e outras tomar-se-hiam por provas de cynismo, embora me pareçam mais demonstrações d'um scepticismo mordaz.

Escolherei tres, embora uma muito conhecida.

No *Jornal da Noite* estava-se varias vezes sem cobrar. Teixeira de Vasconcellos, sempre muito digno, passava em direcção ao seu gabinete, dando as boas-noites ao pessoal que quasi não tinha forças para lhe responder.

Os redactores, sentados em volta d'uma comprida mesa na casa da rua da Paz, estavam todos tão pallidos e tão fracos, que pareciam moscas atravessadas pelo frio do inverno, e as pennas, ao correr pelo papel, semelhavam patas d'aranha rachiticas e tremulas. Uns mostravam-se verdes, outros vermelhos, estes côr d'azeitona, e quando algum apresentava, por acaso, bom aspecto, murmurava-se:

— E' capaz de ter jantado!

— Miseravel!

— Provavelmente vendeu-se ao governo!

TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

O director curava com elogios os doentes do seu hospital-redacção. Paravam-o sempre na rua, contava em voz alta, para lhe elogiarem algum artigo.

Mas, um dia, o Quirino Chaves, traductor encartado de romances e que fazia o folhetim, não pôde mais e foi ter com Teixeira de Vasconcellos.

— O que o traz por aqui, meu amigo?

O Quirino Chaves, que era muito timido, mal sabia como sahir da resolução heroica que tomara.

— E' que eu...

— Diga, diga... nada de cerimonias...

— Desejava... precisava... tinha necessidade de duas libras...

— Duas libras! E para que?

— Olhe, sr. Teixeira de Vasconcellos, uma é para pagar ao padeiro, e a outra para uma passeata ás hortas com os amigos.

— Pois... volveu o director do *Jornal da Noite*, gaguejando a mais não ser, tome lá a libra para a passeata e quanto á do padeiro, elle que espere...

Em Cauterets, contava elle na occasião em que se estava na *terrasse* tomando café:

— Uma occasião, viajava eu pela Russia...

E, interrompendo-se, perguntou:

— Algum dos senhores já esteve na Russia?

— Não, não estivemos, repetiram todos os presentes.

— Então posso mentir á minha vontade.

E narrou, no meio da gargalhada geral, o que lhe acontecera na Russia... onde nunca tinha ido.

Os credores não largavam a porta do Antonio Augusto.

E o mais curioso era que elle não deixava de os receber, animando-os, desculpando-se com modos de *grand seigneur*, e rindo, creio firmemente, da serie de subterfugios a que recorria e que sempre davam resultado.

N'uma noite de janeiro estava elle jantando, quando lhe annunciaram um dos taes.

— Manda lá entrar o homem!

O credor appareceu muito risonho.

— Já sei a que vem.

— Adivinhou, sr. Vasconcellos, tinha ámanhã uma lettra a pagar, e era favor se v. ex.ª liquidasse agora aquella continha.

— Tem razão, tem... Já lhe avultam os cabellos brancos... Mas verdade, verdade, não calcula em que horrivel situação me encontro... Estou mesmo na ultima. . Imagine a peor e ainda fica longe da realidade. .

N'isto abre-se a porta, e o creado de casaca e lenço branco colloca sobre a mesa um enorme peru, lindamente alourado, que exhalava um magnifico perfume.

O credor não soltou palavra, mas os seus olhares fixavam-se significativamente na ave que ainda n'essa manhã despedia com alegria o seu *glu-glu*.

E como Teixeira de Vasconcellos comprehendesse o que se estava passando n'aquelle cerebro, atalhou logo:

— Olhe, vê este peru? pois fui obrigado a mandá-lo matar para não morrer de fome.

Era uma razão tão convincente que o credor retirou-se lamentando a pobre ave que succumbira ao facalhão do cozinheiro para evitar as torturas em que falara o Antonio Augusto... que pouco depois a saboreava, sorrindo, acompanhando-a d'um magnifico vinho do Porto...

O Sampaio da «Revolução»

Foi em 1834 que appareceu um jornalista que adquiriu nome insigne, e o mais attribulado nas perseguições feitas á imprensa, começando as suas lides na *Vedeta da Liberdade*, do Porto, de que era redactor o ex-monge benedictino Antonio do Carmo Velho Barbosa, abbade de Valbom, sendo, passados mezes, nomeado redactor-chefe.

Os paes destinavam-o para padre, e assim seguiu os estudos, tornando-se uma auctoridade em latim, e ajudou á missa chegando a prégar sermões.

Vindo para Lisboa entrou para a *Revolução de Setembro*, fundada por José Estevão Coelho de Magalhães, e principiou alli a combater as tentativas da renovação cartista. O governo mandava processar os jornaes que lhe eram desaffectos.

De 1840 a 1842, Costa Cabral preparou a restauração da Carta.

A guerra civil tornou-se inevitavel, e emquanto os chefes da revolta fugiam, Sampaio ficava em Lisboa, continuando na *Revolução* com artigos violentissimos.

Prendem os distribuidores, os impressores, prohibe-se a circulação do jornal, na officina são postos sellos. E sempre, todas as manhã durante onze mezes e quatro dias, encontravam-o sem se saber d'onde sahia, não conseguindo ninguem obrigar Sampaio a calar-se.

No decurso dos acontecimentos politicos vem a intervenção estrangeira, e outra guerra civil.

O governo ordena a prisão de Rodrigues Sampaio, mas este occulta-se de tal maneira que os esbirros não dão com elle, e com o seu desapparecimento surge o pamphleto *O Espectro*, largamente distribuido por todo o paiz.

E para bem justificar o seu titulo apparece até nos gabinetes dos ministros desconhecendo-se a mão occulta que alli o punha.

A officina mudava de logar todos os dias, e é o maior exemplo de coragem e de resistencia que eu conheço de jornalista.

Restabelecido o socego, eil-o de novo na sua muito amada *Revolução*, onde os seus artigos se conhecem pela fórma como desvairava, feria e prostrava os adversarios.

Foi liberal até morrer e não se offuscou nunca com a gloria dos mais.

Como polemista era temivel, e em breves palavras punha o contrario n'um estado miserando.

D'uma inalteravel serenidade gostava de ouvir os outros, para no final, dizer a ul-

tima palavra sobre o assumpto ou dar o golpe de misericordia.

Falava-se uma vez na redacção ácerca d'um funccionario muito conhecido que se suicidara. Constituira a *scie* da noite e não entrava ninguem que não contasse o caso ou não o ouvisse cada vez mais pormenorisado, emquanto uns censuravam o facto e outros defendiam.

Por fim Sampaio, que estava ao fundo da casa mal illuminada, observou:

— Ora deixem-se d'isso! Cada um come do que gosta.

Em Carrazeda de Anciães havia um semanario que não se fartava de debicar com o grande jornalista. Este fingia não o ler, não se importando com os apodos que elle lhe punha ou resuscitava.

Mas um dia, por desfastio, vae-se ao jornalista e começa com estas palavras:

«Ha uma cavalgadura lá para os lados de Carrazeda, que desconhecendo a grammatica, a falta de senso, busca aggredir-nos, vomitando toda a bilis que lhe reside no corpo.

«Afinal o homemsinho no que nos diz teria razão... se não obtivessemos a prova provada que quem lhe comer os miolos fica em jejum natural.»

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

Resposta do homem da provincia:

«Na brilhante contenda que temos sustentado com o redactor principal da *Revolução,* e onde de lado a lado as armas da cortezia...»

Soldado fiel do partido regenerador, foi uma lucta o conseguir que elle entrasse no governo, e só devido aos esforços de Fontes é que as difficuldades se debellaram.

Uma noite em que sahia d'uma reunião de ministros, acercou-se d'elle um deputado muito curioso e perguntou-lhe:

— V.ª ex.ª vem do conselho?

— Venho.

— O que se passou lá?

— Passaram-se duas horas, retorquiu o ministro pachorrentamente.

Quando Sousa Bastos teve uma revista do anno no Principe Real, era então governador civil de Lisboa, D. Luiz da Camara Leme. O auctor, por um motivo qualquer, poz em scena a Emilia das Neves, e ninguem ignora as relações que prendiam o par do reino com a actriz.

A caricatura no palco e uns elementos desordeiros contractados a promoverem tumulto, sendo a representação suspensa.

Sousa Bastos procurou o ministro do Reino, que então era Sampaio, — protestando contra a conjura.

— Olhe lá! Tenho informações que na peça entra o D. Luiz da Camara.

— Não, senhor, quem entra é a Emilia das Neves.

— Então é ainda muito peor! Tire-a e ponha-me a mim. O publico gosta de me ver em scena e que lhe falem no *Espectro.*

— Mas tudo isso já lá está.

— Tudo é que não póde ser. Deixe-me ficar e tire a Emilia e verá como tudo se arranja.

Era assim.

Latinista d'enorme erudição, costumava tanto nos seus artigos como nos seus discursos, paramentá-los com phrases latinas.

Atacado uma vez na Camara, o deputado exclamou:

— *Exegi monumentum ære perennius...* Se o sr. Sampaio dá licença que eu cite esta phrase de Virgilio...

— Não dou, não, senhor. O seu a seu dono. A phrase é de Horacio.

Antonio Rodrigues Sampaio principiou a vida em guarda da Alfandega, foi secretario geral, governador civil, deputado, par do Reino, ministro, Presidente do Conselho, conselheiro d'Estado, gran-cruz das ordens de Portugal, Hespanha, Prussia, Italia, Rus-

sia e Japão, socio correspondente e honorario de varias academias... e morreu tão pobre que o governo teve que lhe fazer o enterro.

Eduardo Coelho

Foi a organisação mais accentuada do seu tempo, e o desenvolvimento da imprensa deve-se a elle, que com a sua tenacidade, a sua correcção, a sua rapida maneira de ver, conseguiu crear entre nós o jornal verdadeiramente popular.

Ceci tuera cela.

Por 1858 distribuia-se com uma certa profusão pela cidade um jornal denominado o *Gratis*, em papel de varias côres, propriedade do avô materno de quem escreve estas linhas — Manuel Antonio Ferreira Portugal.

EDUARDO COELHO

O que o *Gratis* era, descreveu-o Julio Cesar Machado n'um dos seus inolvidaveis folhetins.

Vivia dos annuncios que inseria e que davam excellentes lucros.

Veiu, porém, uma folha mais completa, o *Jornal do Commercio*, e o annuncio debandou para ella, o que mais tarde lhe aconteceu, quando appareceu o *Diario de Noticias*.

O seu programma era sympathico, mantendo-se — o que ainda hoje faz — alheio á politica, tratando apenas da noticia em si, pormenorisando-a, e expondo nas suas columnas a vida de Lisboa, cultivando a occorrencia estrangeira, procurando a informação.

Parece que uma folha assim orientada não devia ser nunca atacada.

Nem sempre tal succede. Todas as vezes que alli se regista um facto desapaixonadamente, se ha alguem ferido, esse eil-o desde logo revoltado, mas se esta expõe a sua opinião, os outros enchem-se d'indignação, como se não fosse a norma adoptada pelos fundadores do *Diario de Noticias* o estribar-se na maxima imparcialidade.

Eduardo Coelho possuia a segura philosophia de comprehender a sua epocha e sobre tudo os seus contemporaneos, e não o incommodavam nem as diatribes nem as atoardas, porque tinha a consciencia segura que não se afastava do trilho que traçara, e assim não se importava com queixumes que obedeciam apenas a interesses não justificados.

Baixo, de thorax desenvolvido, rosto redondo, olhos salientes, vivos, alegres, bigode e pêra, de calva respeitavel, muito bem educado, tratando toda a gente affavelmente, conquistava logo á primeira vista, e se uma por outra vez se utilisava da ironia, fazia-o com tanta subtileza, envolvia-a de tal maneira, que ninguem se poderia melindrar.

Tinha a sympathia de toda a Lisboa que não se esquecia que elle viera de Coimbra, aos 12 annos, para marçano da loja de ferragens do Verde da rua da Alfandega, e onde trabalhava como um mouro, entretendo os seus limitados ocios a conversar com as Musas, o que lhe deu ensejo a publicar um livro de *Versos*.

N'uma suave camaradagem de pobreza com o Antonio Augusto Nazareth, o actor Joaquim d'Almeida, o Henrique Van-Deiters, tiveram que fazer uma vez a mudança; e com a escripturação do *Café Aurea* conseguiu obter alli almoço e jantar, e, ao café offereciam-lhe um charuto, o que o levava a dizer:

— Quando não tinha dinheiro fumava charutos... e quando o tinha era tão pouco que não chegava para cigarros!

E expunha tudo isto com a maxima bo-

nhomia, como a historia d'uns colletes que elle e os seus amigos tinham deixado n'um almoço em Cacilhas, visto que a conta era superior ao que possuiam.

E como viera do nada não se envaideceu, era o prototypo do homem de bem, o povo queria-lhe e acompanhava-o, ao vel-o, com um olhar humido.

Nos seus *Passeios ao Estrangeiro* encontra-se tudo quanto de notavel havia para se relatar, á noticia dava-lhe um sabor genuinamente popular, e tão bem conhecia aquelles para quem escrevia que basta dizer que tendo cultivado o theatro, não se conta o numero de vezes que se representou a sua comedia em 1 acto *Amor aos bofetões,* e o drama *Oppressão e Liberdade,* scenas da restauração de Portugal.

N'elle residia um grande amor pelo seu paiz, todas as iniciativas que se traduzissem em progresso, tinham alli um defensor strenuo, e o jornal abria as suas columnas para dar cabida ás questões onde resaltava o patriotismo, e ninguem mais do que Eduardo desejou o engrandecimento da sua terra, ninguem empregou mais esforços para lhe ser util.

A fortuna que angariou é das honrosas, unicamente devida ao trabalho constante, não se lhe deparou nunca um só inimigo, e no jornalismo foi um elemento d'alta valia honrando a classe a que pertencia.

Por isso, Lisboa n'uma romaria de saudade, por occasião do seu passamento, acomnhou a pé o seu cadaver até ao cemiterio, e ao entrar o corpo no jazigo ouviu-se uma violenta detonação n'uma pedreira proxima.

Era o trabalho salvando no funeral d'um trabalhador!

Pinheiro Chagas

A individualidade mais extraordinaria, mais subtil, mais rendilhada do seculo XIX a d'este jornalista que foi tudo... n'uma terra onde se não é nada...

Militar, folhetinista, poeta, academico, auctor dramatico, romancista, historiador, politico, orador, jornalista, ministro, traductor...

Nos seus discursos avulta a ironia, por vezes a indignação, e quem o ouviu — diga-o a Hespanha, fale a França — ficava embalado por essa voz que sabia ser eloquente, commover, enthusiasmar, cuja palavra era ouro de lei, conceituosa, e para illustrar o nosso nome devia ter sido mandado ao estrangeiro como enviado de Portugal todas as vezes que se tornasse necessario affirmar a nossa individualidade!

E que melhor embaixador a escolher! como o paiz aproveitaria, em vez de o ter gasto nas luctas estereis de S. Bento!...

Não teve uma mocidade tumultuosa nem agitada, e o seu grande amor concentrou-se na familia e no theatro.

Pinheiro Chagas viveu durante algum tempo para as bandas de Campo d'Ourique na companhia d'um antigo impedido de seu pae, de nome Braz, com o qual travava discussões interminaveis, buscando provar-lhe que a transmissão das almas não era uma phantasia, e conforme a disposição em que se encontrava dizia que elle era herdeiro da d'um guerreiro, d'um sapateiro d'escada, d'uma virgem d'Ossian... ou da do Telles Jordão!

Mas contra esta ultima hypothese o impedido protestava, porque:

— O Telles Jordão, meu alferes, era um burro, e os burros não teem alma nem para a deixar ao diabo, quanto mais a mim, que nunca faltei ao recolher.

O seu *Poema da Mocidade* foi onde mais se traduziu o estro de Chagas, um cantico á natureza, e que bem traduz o seu espirito todo bondade.

Na Academia Real das Sciencias não houve ninguem tão trabalhador como elle; como secretario geral, como relator, fazendo conferencias, discutindo com a sua *verve* inexgottavel nas sessões de 2.ª classe, e assim deixou tambem alli um rasto d'enorme pezar.

Não é muito vasta a sua galeria theatral.

Assim esse *lever de rideau* a *Roca d'Hercules* é um verdadeiro primor; a *Morgadinha de Val-Flor* que ha um anno — depois de 40 d'existencia — foi a peça que durante a epocha mais rendeu no theatro de D. Maria constitue ainda um salvaterio das emprezas no Brasil e a este respeito ha um dito admiravel de Chagas.

A primeira vez que o marido de Lucinda Simões veiu a Portugal foi-lhe apresentado por um amigo.

— O sr. Furtado Coelho.

— Conheço-o ha muito de nome.

— Eu tenho representado a sua *Morgadinha* centenas de vezes.

— N'esse caso, o Coelho é o senhor e o Furtado sou eu.

Note-se que Chagas nunca recebeu um real de direitos d'esta peça no Brasil, e se assim não fosse teria deixado uma enorme fortuna aos seus.

O insuccesso — quem tal previra! — do *Drama do Povo* levantando uma grande discussão afastou-o do theatro, tal foi o desgosto que soffreu, e só vinte annos depois regressava com o seu canto de cysne ao Gymnasio, uma *Lição Cruel*, para festa de Beatriz Rente — a actriz que possuia os olhos mais formosos entre as suas collegas — e na 1.ª representação veiu-lhe uma syncope que seria fatal se não fosse a intervenção rapida do seu medico.

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

José Joaquim Pinto, o ex-emprezario d'aquelle theatro, por lembrança do estimado camaroteiro Sant'Anna que alli está empregado ha 40 annos, offereceu a 15.ª recita da *Lição Cruel* ao auctor — e foi o inicio d'essas homenagens futuras.

Chagas referindo-se ao assumpto teve o seguinte desabafo:

— Como sabem nunca fui d'invejas, nem de mesquinhos sentimentos. Lamento que nos tempos da *Morgadinha* e da *Magdalena* não estivesse já instituida essa consagração aos auctores dramaticos. Deve-se sentir realmente um grande prazer em ser durante um espectaculo todo, alvo d'estrepitosos applausos, de calorosas ovações e tanto mais que não ha as incertezas nem as commoções d'uma *première*.

Mas não lhe foi concedida essa alegria.

Na 15.ª da *Lição Cruel*, o seu estado era de tal ordem, que poucos dias depois conduziam-o para o cemiterio.

Tendo educado o seu espirito com Bernardin de Saint-Pierre, Octave Feuillet, Georges Sand, Lamartine, Victor Hugo, Alexandre Dumas pae, de quem era um fervoroso admirador, os seus romances pertencem á eschola idealista, nas figuras que nos apresenta ha uns tons de leveza, um delineamento de contornos que nenhum escriptor, a não ser Julio Diniz, conseguiu apresentar.

Foi Pedro Correia — essa tão grande alma quanto excellente coração — quem propoz a Chagas a publicação d'uma *Historia de Portugal*.

Como a vaidade nunca assoberbara o moço escriptor, apresentou varias objecções, mas Pedro Correia tanto instou, tanto argumentou com aquella pertinacia que lhe era peculiar, que accedeu, sob a condição que no frontispicio dir-se-hia que era escripta por *Uma sociedade d'homens de lettras*, para, se fosse disparate, poder ser distribuido por um anonymato.

O que é a *Historia de Portugal* calcula-se, sabendo-se que tem tres edições, e é considerada como um trabalho d'alto valor, e a que tantas vezes recorrem ainda hoje os estudiosos.

Como ministro da Marinha disse um estadista do valor de Serpa Pimentel qual foi o seu papel:

«Fez uma politica verdadeiramente illustrada, porque entendeu que o nosso futuro está ainda em algumas das nossas colonias, e sobre tudo nas da Africa Occidental. O que é hoje a provincia d'Angola, as vantagens que tira o commercio da metropole foi devido a elle, assegurando a realisação do caminho de ferro d'Ambaca, além de ter dotado Loanda com o abastecimento d'aguas

e ter contractado a construcção do telegrapho submarino.»

Quando Rodrigues Sampaio pela primeira vez foi chamado aos conselhos da corôa — 13 de setembro de 1871, e onze annos depois em egual dia era a data do seu fallecimento—escolheu-o—contava então 29 annos — para assumir a direcção do jornal, do qual se afastava em 1875, devido a um acto de lealdade referente ao caminho de ferro da Beira-Baixa.

Mas o Chagas não era homem para desanimar, elle que foi o primeiro jornalista do seu tempo.

Assim, tratou de pôr na rua a *Discussão*, convertida mais tarde em *Diario da Manhã*, e ainda passado a *Correio da Manhã*, jornal a que votou toda a sua boa vontade e a sua enorme energia.

Felicissimo nos apodos que empregava, ao ministro das Obras Publicas, Barros e Cunha, que a cada momento citava factos passados na Inglaterra classificou de:

— *Sir John Bull and Cunha.*

A sua memoria era prodigiosa.

Assim, uma noite recebeu-se um telegramma noticiando a morte de George Sand. Pois elle sentou-se á sua secretaria no jornal, e, cinco quartos d'hora depois tinha escripto um artigo de tres columnas apreciando a escriptora, as suas obras principaes e tudo isto sem o menor apontamento.

Zeloso como poucos da sua dignidade, eil-o uma vez em frente de Magalhães Lima n'uma discussão com o *Seculo*, e são d'este as seguintes palavras:

«Terminado o duello, Pinheiro Chagas estendeu-me a mão e dirigiu-me palavras affectuosas que guardo religiosamente no meu coração. A' coragem e ao denodo do homem physico, quiz juntar a hombridade e a elevação do homem moral.»

Os seus apartes na Camara dos Deputados — e que pena dá não figurarem no respectivo *Diario* — são tudo quanto ha de mais original e imprevisto.

Uma vez falava um orador notavel, e a certa altura do discurso diz:

— Eu já tenho mais de 50 annos, sr. presidente...

— Pois não parece! observou Chagas.

E o orador agradecendo proseguiu:

— E por isso estudei logica pelo Genuense...

— Pois tambem não parece! volveu Pinheiro Chagas, no mesmo tom amavel e por entre a hilaridade do auditorio.

Se quizerem conhecer a bondade do seu coração, leiam este traço e é possivel que aos olhos lhes acudam as lagrimas.

Um empregado da Alfandega teve uma vez uma pretensão que corria pelo Ministerio da Fazenda, e lembrou-se de recorrer ao Chagas que então era ministro da Marinha e com quem mantivera em tempo relações cordiaes, mas que havia muitos annos não via.

Quando o ministro ia a entrar para a carruagem, acercou-se e, estendendo-lhe um papel, disse respeitosamente:

— Sr. conselheiro, permitta v. ex.ª que implore a sua protecção para este memorial. Se quizesse recommendá-lo ao seu collega da Fazenda?

Passou-o pela vista, e respondeu seccamente:

— Não, senhor, não recommendo.

E o outro, com um tom em que o respeito não occultava a indignação:

— Desculpe v. ex.ª o tel-o importunado, mas nunca pensei que o meu pedido o podesse molestar tanto!

Mas o Chagas então, bondosamente, retorquiu-lhe:

— A minha excellencia não recommenda pretensões d'estas ao seu collega da Fazenda; agora se tu queres que eu fale n'isso ao Fontes, vem d'ahi commigo.

* * *

Teixeira de Vasconcellos falleceu em Paris, em 1878, com 62 annos; Sampaio em 1882 com 76; Eduardo Coelho em 1889 com 54; Chagas em 1895 com 53.

A gratidão e a amizade de dedicados amigos levantou aos tres ultimos um monumento afim de perpetuar o seu nome; resta Teixeira de Vasconcellos a quem é justo prestar identica homenagem, sendo um dever da imprensa metter hombros a esse emprehendimento.

PORTUGAL DA SILVA.

A liturgia em scena

I

A egreja e o theatro

Drama liturgico e religioso — «Paixão de Christo» — S. Gregorio de Nazianze — Hroswitha — A representação do drama monastico — Mimos, joculatores, jongleurs, jograes — Menestreis — Trovadores e troveiros — «Milagres» — O «Milagre de Theophilo» — «Mysterios».

O drama liturgico teve a sua origem nas ceremonias do Christianismo. O drama religioso, por excellencia, é aquelle cujos elementos estão comprehendidos dentro da liturgia catholica. Existe, com effeito, um germen dramatico poderoso, de um lado nas ceremonias da missa tão expressivas na sua simplicidade, do outro no cyclo annual das festas, que desenham de uma maneira viva os differentes episodios da vinda ao mundo e da estada de Jesus Christo entre os homens. Este germen desenvolveu-se, cêrca do seculo x, nas representações ingenuas que o clero principiava então a intercalar nas ceremonias do culto. Por exemplo, no dia da Paschoa representava-se, embora com simplicidade, o mysterio da resurreição. Da mesma maneira, no dia da Ascensão, para representar Jesus Christo ascendendo ao céo, um padre subia á tribuna, e até, ás vezes, á galeria exterior por cima do portal. No dia de Pentecostes, simulava-se o descendimento do Espirito Santo soltando na egreja passaros e pombos. Uma procissão recordava, nas festas do Natal, a visita dos pastores ao presepio. Este drama essencialmente religioso, este drama liturgico, compunha-se no inicio, de um texto muito curto, em prosa, tirado do Evangelho ou do officio do dia, e que era em latim. Pouco a pouco a versificação introduziu-se na prosa, que chegou mesmo a dominar; a lingua vulgar foi admittida, o texto desenvolveu-se, o drama, emfim, desprendeu-se do officio e deu origem aos *mysterios*.

Applica-se o titulo de *drama religioso* ás composições mais letradas, que alguns eruditos imitaram tomando para modelo peças antigas. O mais antigo d'estes dramas é o *Christos paschon*, A paixão de Christo, attribuida, talvez inexactamente, a S. Gregorio de Nazianze, e que parece ter sido escripto por um monge grego do seculo v. Podem citar-se como typos do genero, os seis dramas que Hroswitha, abbadessa de Gandersheim, compoz em latim, cêrca de 980, baseados em assumptos da historia ecclesiastica, para desviar as suas religiosas da leitura muito assidua das comedias de Terencio.

A *Paixão de Christo*, a que muitos criticos chamam tragedia biblica, é attribuida por alguns historiadores, como acima informamos, a S. Gregorio de Nazianze. E' o mais antigo monumento existente nascido da inspiração da fé christan, e uma producção muito curiosa no ponto de vista da historia litteraria, pois ahi se encontra em germen a concepção dos *mysterios* da Edade Media. A acção principia no momento em que Maria sabe da prisão do filho e da sua condemnação. Acompanhada do côro, dirige-se ao Calvario para o ver uma derradeira vez; encontra-o pregado á cruz e ajoelha-se a seus pés. Assiste-se á morte de Christo e ao seu enterramento. O côro canta, Christo

ressuscita. Ha quem duvide que este drama seja do seculo IV.

S. Gregorio de Nazianze, cognominado o *Theologo*, nasceu em Nazianze, em Cappadocia, em 328, e morreu em Nazianze em 389. Foi amigo do imperador Juliano e de S. Bazilio. Em 372 recebeu a sagração de bispo de Sasimo. Patriarcha de Constantinopla em 380, presidiu ali ao primeiro concilio ecumenico em 381. As suas *obras* comprehendem cincoenta e sete *discursos* ou *homilias*, diversos *poemas*, *epigrammas* e *cartas* interessantes.

E' um curioso typo de poetisa e de religiosa essa Hroswitha ou Hrotsuit, que nasceu na Saxonia em 932 e morreu entre 973 e 983. Foi freira no mosteiro de Gandersheim, do qual era abbadessa Gerberge, sobrinha do imperador Othão I. Escreveu tres livros. O primeiro contém *Lendas*, em hexametros e disticos leoninos; o segundo *Dramas* em prosa; o terceiro *Poemas* historicos em hexametros. Os seus *Dramas*, imitados de Terencio, a parte mais original da sua obra e cujo assumpto é tirado da *Vida dos Santos* apocryphos, sem designação no manuscripto, teem por titulos o nome do seu heroe principal: *Gallicanus, Dulcitius, Calimachus, Abrahão, Paphnutius e Sapientia*. Não estão divididos em actos e parecem não ter sido representados. Encontram-se ali scenas interessantes, dialogos cheios de vivacidade e mesmo de graça, mas uma inexperiencia absoluta dos processos de theatro.

S. GREGORIO DE NAZANZE

O drama monastico ou era representado por creanças, ensaiadas pelos religiosos dos conventos ou pelos proprios monges e monjas. No anno 1000, os pupillos de Frei Godofredo, normando, depois abbade de Santo Abbarss representaram em Dunstable uma peça intitulada *Santa Catharina*, e presume-se que outras o tinham sido antes.

Como traço de união entre o theatro latino e o theatro medieval apparecem os *mimos* ou *joculatores*, como se designavam nessas épocas recuadas, e em seguida, no norte da França, os *jongleurs*. A palavra *jongleor*, no caso sujeito *jonglere*, que se converteu com o andar dos tempos em *jongleur*, jogral, designava na Edade Media musicos, cantores, pelotiqueiros ambulantes. Esta classe, mencionada desde a época gallo-romana, recrutava-se por um lado nos *mimos* e *histriões*, que a queda do theatro, no seculo V, privou do seu emprego, por causa da guerra que lhe era feita pelo fanatismo, e por outro nos bardos ou harpistas germanicos ligados ao exercito ou aos principes, Como estes ultimos, os *jongleurs* cantavam, acompanhando-se com um instrumento de musica, ordinariamente a sanfona, poesias lyricas ou épicas, canções de *gesta*, e, mais tarde, recitaram poesias alegres, de fadas, ou mesmo contos em prosa; como os *mimos* romanos, eram tambem acrobatas, mostravam animaes ensinados, etc. Alguns eram sedentarios, mas a maior parte iam de cidade em cidade, de castello em castello, para alegrar as festas, os torneios. No seculo XIII, como adeante veremos, formavam em muitas cidades, nomeadamente em Paris, poderosas corporações. Primitivamente limitavam-se a recitar poesias d'outrem, depois alguns instruiram-se o preciso para as compôr elles proprios. Estes ultimos depressa adquiriram riqueza e consideração: tornaram-se menestreis, arautos, historiógraphos, acolhidos pelos grandes senhores; os outros depressa viram a sua profissão aviltar-se cada vez mais. Existiam tambem *jongleresses* cuja profissão ainda era mais deprimente.

O termo menestrel, do latim vulgar *ministerialis*, significava na sua origem, servidor ligado á pessoa de um amo; pouco a pouco veio a significar o servidor especialmente encarregado dos divertimentos. Durante muito tempo, empregaram-se indifferentemente os dois termos *jongleur* e *menestrel* para indicar todos os tocadores de instrumentos, excursionistas, cantores ou recitadores publicos. No seculo XIV o termo *menestrel* começou a reservar-se para os cantores ou musicos contractados por um grande senhor. Froissart foi menestrel. A moda de ter a seu soldo individualidades d'esta especie espalhara-se de tal modo que o proprio Luiz IX se submetteu a ella. Os menestreis tornaram-se tão numerosos em

certas cidades que se organizaram em corporações. Em Paris só se creou uma associação d'este genero em 1328. Os *jongleurs* acabaram por se separar em 1397, e os menestreis, chamados tambem desde então *menestriers,* reuniram-se sob o titulo de *Communauté des joueurs d'instruments tant haut que bas.* Esta corporação, reorganisada em 1407, tinha á sua frente homens bons, eleitos pelos confrades e um «rei» cuja nomeação pertencia ao soberano de França. A corporação residia toda n'uma mesma rua e possuia a sua egreja e o seu hospital, Saint-Julien-des-Ménétriers, collocados sob o oraculo de S. Julião, patrono d'essa corporação; mas um dos seus reis, Guilherme II, ambicioso e emprehendedor, imaginou reunir debaixo do seu sceptro todos os musicos. Desde esse momento a *menestrandie* iniciou uma época de interminaveis desavenças com as outras corporações de musicos. Luiz XIV regulamentou em 1707 a turbulenta corporação de menestreis e mestres de dansa, que devia, porfim, desapparecer com a Revolução.

«JONGLEURS» DO SECULO XIII, JONGLEUR ACTUAL

Agora algumas linhas sobre trovadores e troveiros, vocabulos que andam intimamente ligados. Os trovadores e os troveiros descendem em linha recta dos *jongleurs;* passaram-se a designar assim logo que compuzeram versos. Os trovadores andavam de côrte em côrte, demorando-se mais ou menos tempo em cada uma d'ellas, segundo o exito que ahi obtinham. No norte da França, pelo contrario, os troveiros ligaram-se muito cedo á pessoa dos grandes senhores. No seculo XIII Roberto de Artois e Carlos de Anjou mantinham uns poucos a seu soldo. Foi sobretudo neste meio senhorial que o papel e a condição dos troveiros se transformaram Não levou muito tempo que alguns fossem julgados capazes de escrever e de transmittir á posteridade os factos e as façanhas dos seus protectores: converteram-se então em verdadeiros historiógraphos, taes como em França, Froissart, Chastellain, Molinet e Meschinot.

A condição do troveiro era muito preeminente se tinha estudos e sabia latim. Solicitavam-lhe que traduzisse ou imitasse obras da antiguidade, que se julgava conterem toda a sciencia. E' o papel que desempenharam nas côrtes do rei de Inglaterra Wace e Benedicto de Saint-More. Emfim, não será preciso dizer que a arte de compôr não constituia privilegio d'esta casta mais ou menos servil; varios burguezes e até grandes senhores adquiriram nesse genero o que se chamaria hoje uma bella vocação de amador, como foram por exemplo, no seculo XIII Jacques Bretel, Thibaut de Champagne, o castellão de Covey, e, no seculo XV, Carlos de Orléans.

Não é facil citar aqui os nomes nem mesmo os mais conhecidos dos troveiros e trovadores. Limitar-nos-hemos a classificá-los por grupos, indicando summariamente os caracteres dominantes de cada um d'estes. Em França foram Limousin e Périgord o berço da poesia cortesan; é tambem a essa região que pertencem os poetas mais antigos e mais apreciados no genero: Bernart de Ventadour, Guiraut de Borneil, Arnaut de Mareil, Arnaut Daniel. Alguns dos trovadores mais antigos são originarios da Gasconha e tinham começado por ser *jongleurs:* Cercamon, Marcabrun e Marcoat. A Auvergne e a Velay pertencem Peire d'Auvergne, Peire Cardinal e o monge de Montaudon; ao Languedoc, Peire Vidal, Raimon de Miraval, Aimeric de Peguilhan, Guilhem Figueira e Guirant Riquier; á Provença, Rambaut d'Orange, Folquet de Marselha, Rambaut de Vaqueiras e Bertran d'Alamanon, Os trovadores receberam bom acolhimento no meiodia, sobretudo na Provença, no condado de Tolosa, nos solares dos senhores de Foix, de Rodez, de Narbonne, etc.

No norte, as côrtes onde os troveiros

gosaram de mais efficaz protecção foram as da Normandia, da Champanha, de Blois, de Flandres e de Hainaut. A Picardia e o Artois foram tambem centros de intensa producção poetica; os poetas encontravam nestas grandes cidades commerciaes, um publico burguez de um gosto menos requintado, mas mais rasgado que o dos grandes senhores; os proprios burguezes constituidos em corporações, umas vezes piedosas outras profanas, cultivavam a litteratura e levavam muito longe a veia satirica e a observação maligna dos caracteres. Houve em Arras uma escola completa de poesia lyrica, e esta região, que produziu innúmera quantidade de contos em verso ou ditos moraes e satiricos, tornou-se tambem o berço do theatro francez profano e comico, como por exemplo no *Jeu de la Feuilée, Robin e Marion* d'Adam de La Halle. Foram as provincias mais proximas de Flandres e do Hainaut que viram surgir, nos seculos seguintes, a escola historica tão brilhantemente representada por Jean Le Bel, Froissart e os chronistas da côrte de Borgonha. A partir do seculo XIV, o papel dos trovadores acaba, por isso que a lingua nacional foi, no meiodia, substituida pelo francez na administração e na litteratura. Com relação aos troveiros, não ha motivo para prolongar a sua historia para além do seculo XV, visto como, pelo que se sabe, a sua condição se transforma e que o nome porque eram designados a principio cede o logar a outros, que correspondiam melhor ao seu estado social.

N'outro capitulo, no que tratar dos inicios do theatro portuguez, falaremos dos trovadores e troveiros portuguezes.

Os *milagres* que appareceram primeiro que os *mysterios* e são differentes d'estes pela sua natureza e suas dimensões. São-n'o tambem pela sua origem: os *mysterios* sahiram da liturgia das festas do Natal e da Paschoa; os *milagres* nasceram dos canticos em honra dos santos ou da leitura ácêrca da sua vida que se fazia nas egrejas. Em épocas muito remotas, a mocidade das escolas habituou-se a representar scenas tiradas da vida dos santos mais populares, ordinariamente para solemnisar a sua festa. Em 1119, um abbade S. Alban, em Inglaterra, como já dissemos, fazia representar pelos noviços do seu convento um milagre de Santa Catharina; sabe-se tambem que o *milagre* de S. Nicolau, de João Bodel, datando de 1200, não era o primeiro composto sobre esse assumpto. Este *milagre* e o de *Theophilo*, de Rutenboeuf, são unicos specimens que nos legou o seculo XIII. Do seculo XIV existe em França uma collecção consideravel, que comprehende quarenta *milagres*, publicados pela *Sociedade dos antigos textos francezes*, de medíocre valor litterario, mas que abundam em situações patheticas. No seculo XV, a voga do *milagre* desapparece ante a do *mysterio*.

O *Milagre de Theophilo*, de Ruteboeuf, atraz citado, é a historia lendaria, posta em scena, do escrivão Theophilo, mordomo da egreja de Adana na Cilicia, no seculo VI, que tendo perdido o seu logar, vendeu a alma ao demonio para o recuperar, e se furtou ás consequencias d'este pacto impio pela intervenção da Virgem. A peça, composta entre 1260 e 1280, escripta num estylo rebuscado e pretencioso, contém entretanto algumas scenas verdadeiramente patheticas.

O *mysterio*, que surge quasi no fim da Edade Media, era uma vasta composição dramatica baseada n'um assumpto religioso. Não é anterior ao seculo XV. Até ahi os dramas religiosos chamavam-se *jogos* ou *milagres*. Differiam profundamente do *mysterio*. O drama sagrado nasceu, portanto da Egreja e foi por ella, até certa época, altamente protegido. N'um velho documento latino, diz a *Encyclopedia Portugueza*, compara-se o sacerdote que officina no altar, a um tragico, que, no «theatro da egreja» figura ao povo a lucta de Christo contra o Inimigo e o seu triumpho na Redempção. Este drama virtual tendia, pois, a realizar-se theatralmente como de facto se realizou quando se reuniram os elementos indispensaveis á sua formação e representação. O mais consideravel dos dramas antigos é o *Christos Paschon*, como atraz fica dito, do theatro grego, origem e fundamento de muitos outros que successivamente appareceram sobre a Paixão de Jesus Christo e a vida dos Santos. D'essa fórma dramatica brotaram os *mysterios*, explorados no seculo XV pelos *Confrades da Paixão*, que não se limitaram unicamente a explorar a vida de Christo, mas apropriaram ainda mais tarde outros assumptos da historia religiosa quando reconheceram que o gosto do povo exigia variantes.

Até ao seculo XIV as representações, organisadas pelo clero, effectuadas primeiro nas egrejas e depois nos adros, tinham por objectivo o ensino e, por assim dizer, a demonstração dos dogmas. As que se relacionavam com o cyclo da Natividade faziam desfilar por deante dos espectadores os prophetas que communicavam a vinda de Christo, como por exemplo nos *Prophetas de Christo,* em latim, no seculo XI, e no drama *Adão,* no seculo XII. As que formavam o cyclo da Paschoa exhibiam, não a propria resurreição, mas scenas que preparavam ou mostravam o modo como ella se realizara, taes como o *Jogo da Resurreição,* no seculo XII.

Os auctores d'estas composições, que eram vastas, tinham o cuidado de não fazer figurar as pessoas divinas de Jesus Christo, Deus Padre e a Virgem. Só nos meados do seculo XIV é que, em certas circumstancias solemnes, appareciam, sob a fórma de quadros vivos, scenas religiosas que comportavam um grande numero de personagens como a *Paixão* e o *Julgamento final,* e em que eram reproduzidos os episodios do nascimento e morte do Redemptor. N'esses tempos de fé mais pura as auctoridades ecclesiasticas não permittiam que as figuras de Jesus e sua mãe fossem exhibidas em palcos de qualquer natureza, e se, mais tarde, auctorizaram que ellas apparecessem foi porque esses actos se realizavam com a gravidade com que se praticavam as ceremonias do culto christão. Com o andar dos seculos, porém, taes foram os abusos, que os bispos intervieram prohibindo que a ideal figura do Nazareno fosse representada. Essa prohibição perpetuou-se, pois que ainda hoje se conserva.

Foram a esses quadros mudos que se applicou o termo *mysterio.* Mais tarde alguem se lembrou de fazer dialogar as personagens. Creara-se o *mysterio* dramatico, que obteve logo extraordinaria voga.

Sabemos que os *mysterios* datam do seculo XV, por isso que foi em 1402 que na egreja da Trindade, em Paris, se fundou a *Confraria da Paixão* e *Resurreição de Nosso Senhor,* com caracter permanente. Os *mysterios* eram escriptos e precisavam de auctorização especial para serem representados. Para se avaliar do modo como eram exhibidos, basta dizer que a montagem de um *mysterio* denominado *Trois Dons,* relata o erudito escriptor Theophilo Braga, em Romans, França, consumiu dez mezes de trabalho e custou mil setecentos e trinta e sete florins de prata ou sejam novecentos e tal mil reis da nossa moeda. Esse theatro de Romans, construido no convento dos frades franciscanos comportava cerca de quatro mil e seiscentos espectadores. Tinha bancadas e camarotes. Mas havia-os ainda muitissimo mais vastos, como o que se construiu em Autun, em 1516, para a representação do *mysterio de S. Lazaro.* Tinha esse theatro duzentos e quarenta camarotes, dispostos em varias ordens e comportava oitenta mil espectadores. Em Ruão, em 1474, para se representar o *Mysterio da Natividade* gastaram-se quantias enormes. N'essa occasião foram observadas com a maior fidelidade as mais insignificantes minudencias.

UM «MILAGRE» NO SECULO XIII — DRAMA N'UMA EGREJA «A NATIVIDADE»

A representação dos *mysterios* era annunciada com grande apparato, n'uma especie de programma impresso, e em verso, citando-se a pessoa ou pessoas que tomavam a iniciativa d'esse espetaculo sensacional. Os mais antigos *mysterios* conservados, *Mysterios ineditos do seculo* XV, publicados por A. Jubinal em 1834, são relativamente curtos e de uma grande simplicidade de estylo, mas depressa alongaram as suas dimensões. Em dezembro de 1540 os *Confrères de la Passion,* annunciaram com um ruido e um pregão que deixa a perder de vista os mais fantasistas emprezarios de hoje o *Mysterio dos Actos dos Apostolos,* d'Arnoul e Simon Gréban, que conta sessenta e um mil e novecentos versos, declamados por quatro centos e noventa e quatro personagens; a *Paixão* d'Arnoul e Gréban, escripta em 1450, tem trinta e cinco mil versos. Quasi todos os acontecimentos da historia sagrada foram aproveitados para scenas especiaes, e d'ahi a divisão em tres cyclos: do Antigo Testamento, do Novo Testamento e dos Santos.

Os *mysterios* tambem dramatizaram alguns episodios mais importantes da historia de França ou da historia antiga como o *Cerco de Orléans,* isto é, o seu levantamento por Joanna d'Arc, e *A destruição de Troia,* por J. Milet, em 1450.

Mas voltemos á industria dos annuncios retumbantes. Esse *cry*, como então se chamava a taes apregoamentos, era verdadeiramente estupendo. Escripto em prosa e verso, como já se disse, enumera as entradas das personagens, as situações mais patheticas, a riqueza dos vestuarios, etc. Nero, por exemplo: *estava vestido de um saio de velludo azul todo entretecido de ouro com grandes folhagens á antiga, e aberto de cima abaixo, por onde apparecia e fluctuava em grandes folhos o forro que era de setim carmesim,* etc. As repesentações d'estes *mysterios* constituiam verdadeiras festas, alterando-se até as horas dos officios divinos e das funcções officiaes para que toda a gente pudesse assistir a tão famoso espectaculo. E como o movimento nas ruas era grande, todas as casas appareciam illuminadas, com lampeões nas janellas, para que a «noite parecesse egual ao dia».

A parte decorativa dos *mysterios* podia considerar-se uma maravilha. O que hoje se faz, em materia de enscenação, é nada comparado com o extraordinario luxo com que eram exhibidos os grandes *mysterios* do seculo XV e XVI. Os mais afamados pintores, architectos e esculptores taes como Jehan Fouquet, Jehan Poyet, Michel Colombe, Jehan Perreal, etc., trabalharam para esses espectaculos. Mais de quinhentos miniaturistas se occuparam tambem, em Lyão, no seculo XV, na parte decorativa dos *mysterios* que ahi se representaram. O trabalho dos machinistas era um assombro, offuscando em muito o que hoje se ostenta. N'um dos *mysterios* mais celebrados da época, a cabeça de S. Pedro, depois de decepada dava tres saltos, e de cada um d'elles jorrava uma fonte de limpidissima agua. Em certa passagem, o apostolo caminhava sobre a agua não se vendo a prancha que o sustentava. Jesus subia ao céo, com as almas dos eleitos entre grupos de anjos, ao mesmo tempo que uma legião de demonios desapparecia nas profundezas dos infernos, etc. As grandes magicas modernas, conclue o illustre historiador, chegam a afigurar-se-nos pueris, a não passarem de meras brincadeiras de creanças.

II

Confrarias dramaticas

«Mysterio da Annunciação» — Decadencia dos «mysterios» — Os «mysterios» em Inglaterra — «Vierges sages» — «Moralidades» - «Griselidis» — Basoche, Confraria da Paixão e Enfants sans souci — «El Ateista fulminado» — «A falsa adúltera» — «A filha do rei da Hungria» — «Adão» — «Non Pendigaid» — «O Aridosio» — «Os infantes de Lara» — «Maître Patelin».

A Paixão de Christo, como se disse no capitulo anterior, segundo as palavras do mesmo illustre critico, constituiu a base da litteratura dos *mysterios,* como o dogma da Resurreição foi o fundamento da religião christan. Do drama grego *Christos paschon,* partiu toda uma enorme e espectaculosa litteratura que enche grande parte da historia do theatro. Essas *Confrarias da Paixão* exploraram tudo quanto podiam explorar, nos apparatosos *mysterios.* Convém registar aqui um *mysterio* do seculo XV, baseado no nascimento de Jesus Christo, onde a poesia po-

pular comparou o dogma da virgindade de Maria ao sol que atravessa uma vidraça, sem a macular. Essa comparação, felicissima, procede do *Mysterio da Annunciação*. estudado por Eugenio Lintilhac na sua *Historia geral do theatro em França*.

A obra das *Confrarias da Paixão* começou a declinar, como já se expoz, quando o povo já se não entretinha com os *mysterios*. O seu merito litterario era insignificante. Tornava-os enfadonhos a prolixidade, um misto que dispunha mal, de emphase e de jogralidade. O elemento comico occupava ali vasto logar, e alguns papeis, como os dos loucos, dos carrascos, etc., eram meramente grotescos. Foi a invasão progressiva do comico que determinou em grande parte a ruina do genero. Os excessos tornaram-se taes, as discussões tão apaixonadas, que o parlamento, em Paris, por sentença datada de 1548, prohibiu aos *Confrères de la Passion* representarem a *Paixão* e outros *mysterios* sagrados. Esta decisão foi a sentença de morte do theatro religioso. Ficava-lhe aberta, é verdade, a provincia, mas não tardou muito que a voga dos dramas imitados da antiguidade lhe desse o derradeiro golpe. Tiveram então, temporariamente, mais acceitação, as *moralidades* e as farças dos *basochianos*, até que estas producções desappareceram tambem com o rodar dos seculos.

Os *mysterios*, assegura o erudito escriptor Theophilo Braga, não existiam no theatro portuguez. Em Gil Vicente não se encontra nenhum auto da Paixão. Quando o fundador do nosso theatro principiou a escrever, a sua primeira fórma foi a das *Vigilias do Natal*. Entre nós houve os *momos* e os *arremedilhos*. Gil Vicente seguiu mais directamente as *moralidades basochianas* e adoptou o *villancico*. Apenas Ribeiro Chiado explorou a fórma do *mysterio*, cahindo, porém, nas *soties*, com que o gosto popular sympathisava mais.

Os *mysterios* pertencem quasi exclusivamente á litteratura franceza, italiana, alleman, ingleza e hespanhola. Em Inglaterra, esta fórma dramatica teve tanto esplendor como em França. Os *mysterios* escriptos pelos frades e por elles representados nos conventos, tinham por assumpto o Velho Testamento e a vida de Christo. Representavam-se tambem nas egrejas, e a elles assistiram os proprios soberanos, como em 1463 Ricardo III, em 1492 Henrique VI e a rainha, etc. Mas, como succedeu em França e em Italia, os abusos fôram tão consideraveis que bem depressa a Egreja interveio. Gregorio IX, nas suas famosas *Decretaes*, prohibiu os espectaculos nos logares sagrados, e em 1384 o bispo de Winchester prohibia os *mysterios*, o que não obstou comtudo a que, mais tarde, em 1426, o frade Melton prégasse em favor d'elles, o que deu em resultado levantar-se a interdicção, popularizando-se tanto essa fórma dramatica que, em 1589, tendo já apparecido *Henrique IV*, o *Mercador de Veneza*, *Romeu e Julieta*, etc., de Shakespeare, ainda se representavam *mysterios* nos conventos e cathedraes.

Em Inglaterra, os *mysterios* estiveram em voga cerca de cinco seculos. No seculo XII eram representados por officiaes de officio, que se encarregavam de os pôr em scena com o esplendor que exigiam, como se deprehende das quatro collecções que chegaram até nós: *Mysterios de Chester*, de *Country*, de *Townley* e de *Digby*. Como os *mysterios* francezes, os inglezes abundavam em passagens altamente divertidas. No *mysterio* da collecção Digby, chamado *Mary Magdalene*, Herodes jura por Mahomet e offerece-lhe sacrificios. E no *Processus Talentorum*, da collecção Towneley, Pilatos pronuncia um discurso em versos latinos... e inglezes, e Herodes pergunta aos seus conselheiros qual era a opinião de... Homero a respeito do nascimento de Jesus Christo. A historia do theatro inglez é altamente curiosa, especialmente no periodo tão interessante dos seus *mysterios* e das suas *moralidades*. De tal especialidade trataremos quando chegarmos ás producções dramaticas d'esse paiz.

E curioso vêr como nas grandes obras dos escriptores mais notaveis do tempo, se perpretavam erros tão grosseiros como os apontados. E não menos curioso é acompanhar a evolução dos espiritos através dos seculos.

Um dos *mysterios* mais caracteristicos da Provença intitula-se *Vierges sages*. Baseia-se na parábola evangelica denominada *Virgens previdentes* e *Virgens levianas*. Essa parábola visa a demonstrar que o homem deve estar preparado para o julgamento de Deus e que os imprudentes que não estão promptos para isso serão excluidos do céo.

A parábola baseia-se n'um antigo uso d'essa época: o esposo dirigia-se a casa da esposa para a conduzir ao seu lar onde os esperavam o festim das bodas. Corriam ao encontro do cortejo rapazes e raparigas com archotes,

Eis agora a parábola:

«Então (quando Deus nos vier julgar), o reino dos céos tornar-se-ha semelhante ás dez virgens que, empunhando as suas lampadas, se encaminhavam ao encontro da esposa e do esposo. Cinco d'ellas eram levianas e cinco previdentes. As cinco levianas, pegando nas lampadas, não levaram azeite comsigo. As cinco previdentes, pelo contrario, transportaram azeite nos vasos proprios com as suas lampadas. E como o esposo se demorava, deixaram-se adormecer. A' meia noite, porém, ouviu-se um grande grito: «Lá vem o esposo, vão ao seu encontro.» Todas as virgens se levantaram immediatamente e prepararam as lampadas. As levianas disseram para as previdentes: «Dêem-nos do seu azeite porque as nossas lampadas apagam-se». As previdentes responderam-lhes: «Temos medo que elle não chegue para nós e para vós, ide a quem o vende e comprae o que vos é preciso». Mas, emquanto ellas o fôram comprar, appareceu o esposo. As que estavam precavidas acompanharam-no á boda, fechando-se logo a porta. Porfim appareceram tambem as outras virgens, e disseram: «Senhor, senhor, abri a porta». Mas o esposo respondeu: «Declaro-vos, em boa verdade, que não vos conheço.» Velae pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora (em que o juiz virá)»,

OS «MYSTERIOS» REPRESENTADOS EM CARROS NA EDADE MEDIA

O *mysterio das Virgens previdentes* ou *Mysterio do esposo* foi composto no oeste da França, em Anjou, Maine, ou Poitou, nos principios do seculo XII. Limita-se a pôr em scena a parábola cantada por S. Matheus (cap. XXV, 1-13). Pelo rythmo, estribilho, movimento geral, pertence ao genero lyrico e em caracter approxima-o dos mais antigos *mysterios* francezes imitados da tragedia grega, e que n'essa época principiava a surgir. O anjo exprime-se em lingua vulgar, as virgens, os negociantes e Christo empregam as duas linguas; o côro é todo em latim.

Falámos em *moralidades,* diremos succintamente o que ellas são.

A tendencia edificante e a tendencia didactica são muito anteriores á apparição da *moralidade* propriamente dita. A primeira foi sempre inherente ás obras escriptas pelos ecclesiasticos; a segunda, que apparece desde os primeiros seculos do christianismo, principalmente em Claudiano e Boecio, adquiriu, a partir do *Roman de la Rose*, immensa

extensão. Ambas apparecem reunidas com frequencia na mesma obra: tal é o «ditié» moral do seculo XIII, que bastava recortar em scenas para arranjar uma *moralidade*.

A do *Bem-Avisado* e *Mal-Avisado*, por exemplo, recorda de uma maneira frisante o *Songe d'enfer*, de Raul de Hondan. As *moralidades* mais antigas datam do começo do seculo XV; a maior parte das que chegaram até nós, francezas, umas sessenta, escalonam-se entre 1450 e 1550, pouco mais ou menos. A moral andando intimamente ligada, na Edade-Média, á religião, a maioria d'estas peças são, ao mesmo tempo, moraes e religiosas.

As do *Homme juste*, do *Homme mondain* e do *Homme pécheur* mostram que o inferno é a conclusão necessaria de uma vida desregrada, a salvação, a de uma vida christan. Na *Condamnation de Banquet*, do medico Nicolau de La Chesnaye ataca-se a glutonaria. Outras são puramente religiosas, como a *Assomption de Notre Dame*.

Algumas enveredam pela polemica, e, encontram-se nas mais recentes, disputas entre catholicos e protestantes. As mais interessantes tratam de assumptos lendarios ou historicos e mal se differençam dos *milagres* ou dos *mysterios* profanos. E' para lastimar que esta variedade do genero, d'onde podia sahir um theatro original, não se tivesse desenvolvido; o proprio genero foi suffocado pela concorrencia dos grandes *mysterios* cyclicos e, pouco depois, como já se disse, pelo dos dramas imitados da antiguidade.

As *moralidades* francezas mais interessantes fôram reimpressas em diversas colecções d'antigos textos dramaticos, principalmente na de Leroux de Lincy e F. Michel, em 1837; P. L. Jacob, em 1859 e E. Fournier, em 1872. Todos fôram analysados no *Repertoire du théâtre comique en France au moyen âge*, de Petit de Julleville, publicado em Paris, em 1886.

Nas peças mais celebres da Edade-Média avulta a intitulada *Griselidis, Grisla* ou *Griselda*, heroina de uma commovedora lenda. A acção decorre nos principios do seculo XI. Griselidis é uma pobre pastora. O marquez de Saluces, apaixonado pela sua belleza, casa com ella. Depois para experimentar a sua fidelidade, submette-a ás peores provas. Roubam-lhe um filho, obrigam-na a servir uma concubina, etc., mas Santa Ignez protege-a e a juvenil mulher triumpha de todas as experiencias. A lenda tem sido explorada, com addições e modificações, por todas as litteraturas. Maria de França fez d'ella o *Lai du Frêne;* Boccacio aproveitou-a para o *Decameron;* Petrarca narrou-a em latim; Perrault toma-a para thema de um dos seus contos; Dumanoir adapta-a, em 1848, para o scenario d'um baile-pantomina em tres actos com musica de Adolpho Adam; por-fim, recentemente, em 1891, Armand Silvestre e Eugenio Morand escreveram para a Comédie-Française um *mysterio* em tres actos, em verso, onde os auctores souberam reproduzir a candura da época sem que a arte e a poesia perdessem nada da sua belleza.

Tres corporações se fundaram em França, que muito concorreram para o desenvolvimento do theatro. Fôram ellas a *Basoche* ou *Bazoche*, a *Confrérie de la Passion*, tantas vezes citada, e a dos *Enfants sans souci*.

A *Basoche* era a corporação dos empregados do tribunal. Alguns historiadores fazem ascender a sua fundação a Filippe o *Bello;* a unica coisa que parece certa, é que, cêrca de 1303, esse monarcha tornou mais definida a organisação da *Basoche* e concedeu-lhe privilegios. O mais importante de taes privilegios era o que outorgava a esses funccionarios uma jurisdicção autonoma, a que os collocava fóra do direito commum. Esta jurisdicção era muito ampla em materia civil; em materia criminal reduzia-se a desordens e rixas. A *Basoche* recebeu o titulo de *reino*, e o seu chefe, como os de muitas outras associações, foi auctorisado a usar o de *rei*. Os dignitarios, que constituiam uma verdadeira côrte d'este soberano mais de uma vez temivel e temido, arvoraram-se necessariamente em *principes* da *Basoche*. Deviam preito e homenagem ao seu *rei;* eram obrigados a obedecer aos seus mandatos, e a appellação dos seus julgamentos subiam até elle e ao seu chanceller. O *rei* da *Basoche* resolvia em ultima instancia as dissidencias entre os empregados. Os membros da *Basoche* celebravam annualmente grandes festas, que lhes valeram na historia um titulo folgasão. Realisava-se no fim de junho a *mostra* do *rei* da *Basoche*, imitada das *mostras* da cavallaria. Como estas festas se tinham convertido em saturnaes, o *rei* da *Basoche* viu o seu throno derrubado e a

sua corôa confiscada no tempo de Henrique III; a *Basoche*, porém, subsistiu até á Revolução.

A *Confrérie de la Passion,* composta de burguezes e de artífices de Paris, é a mais celebre das corporações dramaticas da Edade-Media. Dedicava-se á representação de dramas sacros e principalmente do mysterio da Paixão. O documento mais antigo que lhe diz respeito, e que demonstra a sua existencia anterior, é uma prohibição que lhe fez o preboste de Paris, datada de 3 de junho de 1398, de representar «quaesquer *jogos de personagens*». A corporação appellou para o soberano e, em 1402, obteve não só a auctorisação pedida, mas um verdadeiro monopolio. A confraria explorou esse monopolio durante mais de um seculo no hospital da Trinité, perto da porta Saint-Dénis, estabelecimento destinado primitivamente a albergar os peregrinos e os viajantes que chegassem a Paris depois de fechadas as portas. Conglobou em si com frequencia outras confrarias, nomeadamente, a dos *Enfants Sans Souci,* que representavam na mesma scena *moralidades, soties* ou farças. Em 1539 emigrou para o palacio de Flandres, depois, em 1548, para o palacio de Bourgogne, na rua Mauconseil. Apenas se estabeleceu ahi o Parlamento, que não a via com bons olhos, proferiu, em 17 de novembro de 1548, uma sentença, que continuando a manter os seus privilegios, lhe interdizia o representar *mysterios* sagrados, isto é, privava-os de facto, do seu reportorio. Foi curta esta situação anormal em que a confraria se debateu durante perto de um seculo. Depois de ter tentado representar peças profanas, deram o seu privilegio a explorar, mediante uma somma fixa, a uma companhia de comediantes. Estes, locatarios obrigados da confraria, protestaram sem detença, desde 1615, contra este fôro. Depois de meio seculo de lucta, acabaram por vencer; um decreto publicado por Luiz XIV, em dezembro de 1676, declarou dissolvida a sociedade da Paixão e mandou entregar os seus bens ao Hospital Geral, ao qual os comediantes tiveram de satisfazer o aluguer que pagavam antes á confraria. E' esta a origem do direito dos pobres, a que os theatros francezes estão ainda adstrictos.

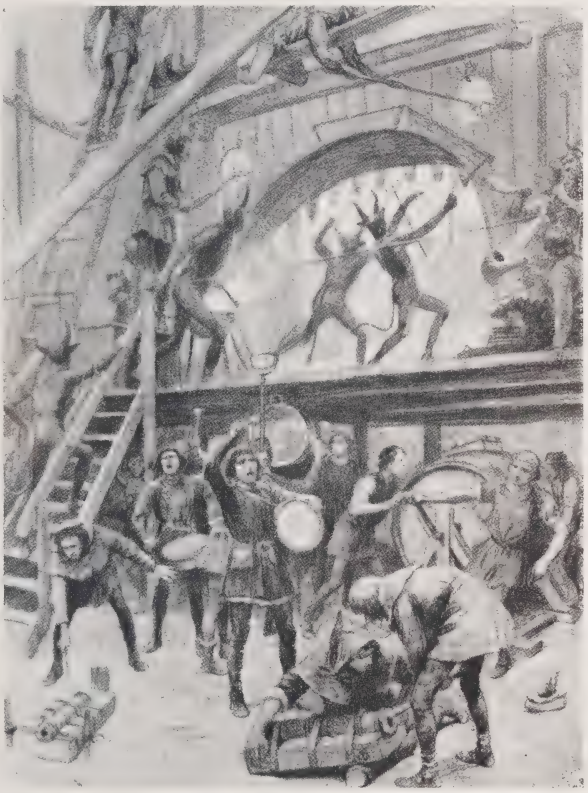
GRANDE SELLO DO REINO DA BASOCHE

Vejamos agora mais algumas peças curiosas da Edade-Media. Uma d'ellas, um drama hespanhol, *El Ateista fulminado,* versificado por auctores desconhecidos, foi representado nos conventos. E' a origem do *Don Juan* de Zamora, de Molière, Byron, Mozart, etc. O assumpto primitivo foi bebido n'uma lenda tirada das chronicas da Andaluzia.

A *Falsa Adultera* é um drama medieval dos mais famosos. Passa-se no tempo das cruzadas. O cavalleiro João, de regresso da Palestina, encontra a princeza Helena, a quem amava, casada com o velho conde Arnold, que não passa para ella de um pae terno e affectuoso. Um miseravel, Rudolfo, tambem apaixonado por Helena, para se vingar das suas negativas, accusa-a publicamente de adultera. A infeliz mulher, que tem o marido ausente, encontra-se sem meios de defesa. O tribunal condemnal-a-ha, a menos que não se apresente um cavalleiro para confundir o seu accusador. O cavalleiro João offerece-se para comparecer no «julgamento de Deus»; provoca Rudolfo e mata-o. Helena salva-se, e, como o velho conde Arnold morre, ella pode casar com o seu paladino. D'esta peça fizeram Luiz Gallet e Eduardo Blau um drama lyrico, com o titulo de *Le Chevalier Jean,* em quatro actos. O primeiro escreveu o poema e o segundo a musica.

A filha do rei da Hungria, é um *mysterio* anonymo, em verso, do seculo XIV, da ordem dos «Milagres de Nossa Senhora». O rei da Hungria, enviuvando, jurou não tornar a casar senão com uma mulher que se parecesse com a precedente; e é justamente a filha que apresenta o seu vivo retrato. O viuvo solicíta então do papa que auctorise esse casamento incestuoso, no que o pontífice consente após prévia consulta dos cardeaes. A pequena, indignada, corta uma das mãos e foge. O accaso condú-la á Escocia. Ahi, o rei acha-a formosa e desposa-a. Este casamento atrahe sobre a pobre rapariga o odio da rainha mãe que, aproveitando a ida do rei a França a um torneio em Seulis, lhe escreve participando que a mulher lhe dera um monstro por filho. O soberano responde que não póde fazer nada a tal respeito, ma

a preversa mulher imita-lhe a lettra e transforma a carta n'uma sentença de morte. A desventurada esposa, com o filho, que está muito longe de ser um monstro, é abandonada, n'um barco fragil, ao capricho das ondas. Após mil peripecias, chega a Roma, onde encontra o pae chorando o seu amor criminoso, o marido que a procura por toda a parte e a sua mão cortada, que fôra encontrada n'um rio por um clerigo que ali se abastecia d'agua para as pias baptismaes. Intervem então Nossa Senhora, a mão pega-se-lhe ao braço, sem deixar nenhum vestigio de ter sido decepada. Este *mysterio*, mais que licencioso, demonstra a liberdade que gosava o theatro *falado* no seculo XIV.



O «MYSTERIO» INGLEZ DO SECULO XV «O BEIJO DE JUDAS» — AS REGIÕES INFERNAES VISTAS DO INTERIOR DO TABLADO

Outro *mysterio* celebre o de *Adão*, drama rimado, um dos mais antigos monumentos da litteratura dramatica, data do seculo XIII e parece ter sido escripto em Inglaterra. O auctor possuia um real merito poetico. O manuscripto da bibliotheca de Tours contém indicações scenicas escriptas em latim, e do mais alto interesse para a historia dramatica. O *mysterio* divide-se em tres partes: a queda original, terminada pela esperança prophetica de Adão; a morte d'Abel, symbolo da immolação do Redemptor; finalmente, o desfile dos prophetas. Este drama foi publicado em 1854 por Victor Luzarches.

Non Pendigaid, chamado tambem *Nonna* ou *Nonnita*, é o thema de um antiquissimo *mysterio* chamado *Buhez santez Nonn*. Non Pendigaid era uma santa do seculo VI, Filha de Caer Gawch, principe de Pedibiog, foi violentada por Sant, rei de Ceredigion, Cardegaushire, Inglaterra. Teve um filho que foi S. David ou Dewi, bispo de Merevia. Retirou-se mais tarde para a Bretanha e diz a lenda que morreu em Dirinon, perto de Landerneau. E' venerada no paiz de Galles, Cornouaille e Bretanha. Foram os episodios da sua vida que deram origem ao *mysterio*.

O italiano Pedro Francisco de Medicis, denominado o *Laurenzaccio* ou *Magnifico*, escreveu uma comedia intitulada *O Aridosio*, imitada dos *Adelphos*, de Terencio, e da *Mostellaria*, de Plauto. Foi impressa em Bolonha, em 1548.

Os infantes de Lara, lenda castelhana, que teve a sua origem em Burgos e na *Tierra de Lara*, no fim do seculo X e principios do XI, inspirou um grande numero de obras litterarias. Os sete filhos de Gonzalo Gutios, senhor de Salas, na Terra de Lara, desaveem-se em Burgos com a gente de dona Lambra, casada com seu tio, Rodrigo de Lara, e insultam esta ultima. D. Lambra, para se vingar, leva o marido a entregar aos mouros os seus sobrinhos, que são massacrados em Almenar. O pae fôra enviado n'uma missão junto d'Almanzor, califa de Cordova, que devia mandá-lo matar. Mas Almanzor, impressionado com a angustia de Gonzalo, a quem mos-

traram as cabeças dos sete filhos, contenta-se em o encarcerar. Durante o captiveiro, Gonzalo tem da princeza, filha do califa, um rapaz, Mudarra, que, crescendo, sabe de quem provém, e jura vingar seus paes e seus irmãos. Dirige-se a Castella, mata Rodrigo e Lambra e encontra em Salas seu pae velho e cego.

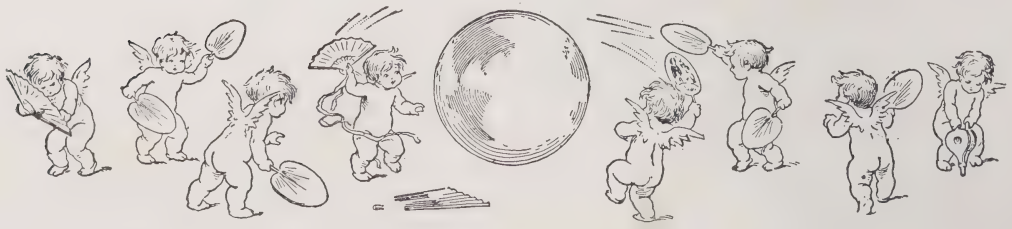
Esta lenda, depois de ter sido o thema de uma canção de *gesta*, anterior a 1250, e provavelmente tambem de uma segunda *gesta*, antes de 1314, foi inserida na chronica d'Affonso X, em 1252, e na de 1344. Esta dupla fonte, épica e historica, deu origem aos mais antigos *Romances*, seis ou oito, entre os trinta e cinco que compõem o cyclo dos infantes. Os romances posteriores, adaptações ou imitações artisticas, Roumanus de Sepulveda, 1551, e de Timoneda, 1573, proveem d'outras chronicas, principalmente da de Ocampo, 1554. Doze peças de theatro hespanhol se baseiam n'este assumpto e entre ellas uma de Lacueva, 1579; *El Bastardo Mudarra*, de Lope de Vega, 1612; uma de Matos Fragoso, antes de 1650. A lenda inspirou ainda, em 1834, ao duque de Rivas, um poema celebre, *El moro exposito*, e, em 1853, um romance a Fernandez y Gonzalez.

Maître Patelin é uma farça franceza do seculo XV. Não foi possivel encontrar-se-lhe o auctor, e é sem provas que a teem attribuido a Antoine de La Salle, ao comediante Pierre Blanchet, e até a Villon. O advogado Patelin, á força de cumprimentos, apanha ao fanqueiro Guillaume uma peça de panno de trinta escudos, que leva sem pagar. Quando o mercador vae a casa de Patelin reclamar o seu dinheiro, Guillemette, mulher do advogado, sustenta que seu marido não se levanta da cama ha quinze dias. Patelin desempenha tão bem o seu papel de doente atacado de febre e de delirio, que Guillaume acaba por se ir embora, persuadido que foi victima de uma extraordinaria parecença. Apenas sae, o seu pastor Aignelet, que matou e vendeu os carneiros do amo, vem pedir a Patelin que o defenda no tribunal. O advogado aconselha-lhe que se finja idiota e que responda *mée!* a todas as perguntas. No tribunal, Guillaume, que reconhece no advogado do seu pastor o gatuno da peça de panno, confunde constantemente o roubo dos carneiros com o da fazenda. Pelo seu lado, Aignelet só responde *mée!* de modo tal que o juiz, depois de ter baldadamente repetido ao mercador: «Vamos lá, voltemos aos nossos carneiros!» phrase que se tornou proverbial, acaba por mandar em paz as partes. Patelin reclama então ao pastor os seus honorarios, mas Aignelet continua a responder *mée!*, e o advogado encontra-se colhido nas suas proprias malhas. Pelo encadeamento natural das situações, pela pintura exacta dos caracteres, alegria do dialogo, vigor e vivacidade do espirito, a farça de *Maître Patelin*, obra unica do seu tempo, é já uma verdadeira comedia. Foi adaptada duas vezes ao theatro moderno, em 1706 por Brueys e Palaprat, e em 1872 por E. Fournier.

E eis o que de mais importante existe no theatro medieval.

Compilado por

EDUARDO DE NORONHA.



O serviço telegrapho-postal portuguez através os tempos

1.ª PARTE — CORREIOS

serviço dos correios, em Portugal, sem duvida, um dos mais importantes, data definitivamente de 1520.

Foi el-rei D. Manuel I que, por carta de 16 de novembro d'esse anno, fez mercê, ao cavalleiro de sua casa, Luiz Homem, do officio de correio-mór, cedendo-lhe todas as vantagens que, em outros reinos, usufruiam os que se achavam investidos de egual categoria.

Sómente, porém, no reinado de D. João III, em 1525, começou a vigorar o serviço dos correios, sendo em um diploma, quasi egual ao expedido por D. Manuel I, regulamentadas as disposições, que as circumstancias da época determinavam, e que foram, como que os alicerces onde assentaram as posteriores organisações até ao desenvolvimento em que hoje se encontram as instituições postaes.

Por fallecimento de Luiz Homem foi investido n'esse mesmo cargo, por diploma de 22 de dezembro de 1532, expedido da cidade de Evora pelo filho de D. Manuel, o seu moço de estribeira, Luiz Affonso, com o ordenado de quinze mil reaes percebidos aos quarteis. Não regulamentava, porém, esse diploma, como o Correio-mór deveria cumprir as obrigações do seu cargo, o que só um anno depois se fez. A titulo de curiosidade extractamos o seguinte, d'um livro que a Direcção Geral dos Correios publicou em 1879: — «Os correios deviam exercer o seu officio bem e fielmente, prestar juramento, guardar segredo, pagar ao Correio-mór os direitos de aposentação — dois reaes de prata ou tres vintens de dentro de Hespanha, e um de fóra. O Estado monopolisava os correios de Lisboa e cinco leguas ao redor. Qualquer pessoa, não obstante, tinha o direito de mandar por proprio as correspondencias que lhe pertenciam, mas não as alheias. O Correio-mór recebia o dizimo dos portes e lucros que tivessem os correios; e só elle podia mandar entregar as cartas que trouxessem; respondia pelos proventos que pertenciam áquelles, tomava-lhes juramento, e, quando o não davam, impunha-lhes a pena de 20 cruzados. Os empregados d'esta classe usavam das armas reaes nos vestidos; podiam trazer espada e punhal; eram escusos dos cargos e serviços do concelho, de peitas, fintas e talhas; não eram obrigados a dar aposentação a ninguem, nem lhes podiam tomar as roupas da cama, nem outra coisa contra sua vontade; não eram presos por dividas em viagem e, pelo seu dinheiro, todas as auctoridades lhes deviam facilitar mantimentos, bestas, guias e o mais que carecessem».

Além d'isto o cargo de Correio-mór era considerado, n'essa época, como uma herança, e assim passou o cargo de Luiz Affonso para seu genro, Francisco Coelho e d'este para seu genro, Manuel de Gouvêa. Antes, porém, de haver fallecido Manuel de Gouvêa, mandou Filippe II, que se vendesse o officio, e assim, em 16 de julho de 1606, foi feito o contracto de venda por setenta mil cruzados, ou sejam trinta e tres contos approximadamente, com Luiz Gomes da Matta, que ficou com o cargo e para seus

CONSELHEIRO ALFREDO PEREIRA

successores com pleno dominio, podendo, a seu talante, nomear e prover estafetas, mestres de posta e assistentes, e, considerar-se mesmo isento da sujeição ao reino de Castella.

Pelo preço da venda facilmente se ajuiza da importante renda do officio e do desenvolvimento que alcançára n'aquella época, que d'uma fórma progressiva se manifestou nas seguintes.

Depois de ser dada a maior plenitude possivel ao serviço postal dentro do paiz, se estabeleceu em Londres, um tractado entre Portugal e Inglaterra, que veiu dar ainda maior incremento ao regimen. Tomaram parte n'esse tractado, o Correio-mór Luiz Victorino de Sousa da Matta Coutinho e os grãos-mestres das postas inglezas, Robert Cottan e Tho-

maz Franklan, sendo por esse convenio obrigada a Inglaterra a mandar n'um paquete, a expensas suas, a correspondencia de Londres pela via de Falmouths; as cartas eram alli pesadas e mettidas em saccos, devidamente sellados e com cadeia; toda a correspondencia era entregue á pessoa indicada pelo Correio-mór, que pagava a quantia de 600 réis por cada onça de cartas. De Lisboa partia, em egual periodo, o paquete, devendo ser observados em Londres, os mesmos preceitos que acabamos de expôr. — Em 1753 iniciou-se a remessa de dinheiro por meio de vales de correio, pagando-se 1 % da importancia remettida, para o Correio-mór e seus assistentes, o que motivou novas disposições e garantias para os empregados postaes.

1.ª SECÇÃO
Venda de sellos, emissão de vales, etc.

Como era de prever, não podia um serviço de tão grande importancia estar entregue a particulares e tudo se impunha para que, de novo, elle passasse para o Estado. Foi D. Rodrigo de Sousa Coutinho, então ministro da marinha, encarregado pelo rei de propôr ao Carreio-mór a cedencia do officio para o Estado, mediante uma valiosa indemnisação. Essa indemnisação constou do seguinte: — O titulo de conde de juro e herdade em tres vidas; conservação da honra de creado de S. M.; uma renda de 40:000 cruzados; pensões vitalicias de 400:000 réis a diversas pessoas; um ou dois postos no exercito.

2.ª SECÇÃO
Posta restante e abertura das malas para Lisboa

Manuel José da Maternidade Matta de Sousa Coutinho foi o ultimo Correio-mór d'esta familia e 1.º conde de Penafiel.

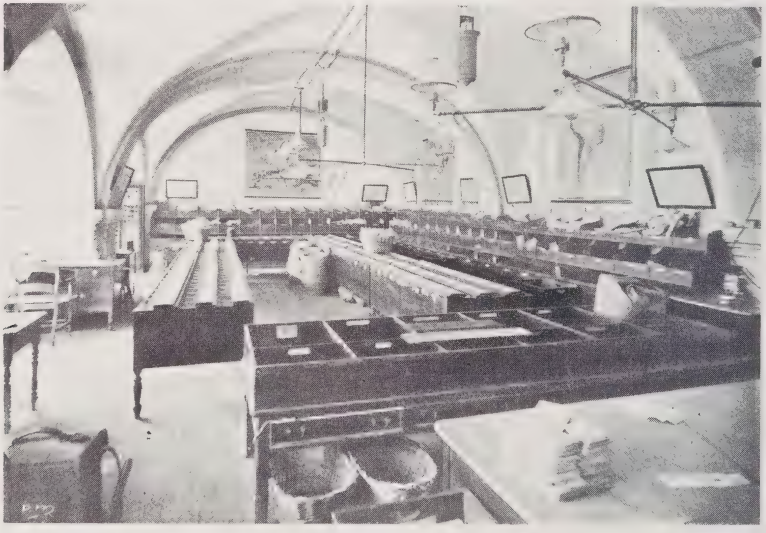
Assim voltou para o Estado a administração do correio que ficou a cargo do ministerio dos negocios estrangeiros, e já pela sua situação official, já pelo influxo de novas idéas, o correio alargou a sua esphera de acção. São estabelecidas as diligencias entre Lisboa e Coimbra e estabelecidos os correios maritimos, sendo expedidos, em cada dois mezes, dois paquetes: um, para Assú, servindo as capitanias de Pernambuco, Parahiba, Oernohiba, Maranhão, Rauhy e Pará, e que, depois de ir ás Solinas, voltava ao reino; outro, para a Bahia e Rio de Janeiro.

Era então Superintendente do correio, o distincto jurisconsulto José Diogo de Mascarenhas Neto, o qual com acertadas disposições, dera ao serviço postal um extraordinario desenvolvimento, cujas vantagens

mais se avolumariam se outras causas não perturbassem a normalidade dos negocios publicos. O exiguo espaço d'um simples artigo não nos permitte relatar a serie de providencias promulgadas por esse habil jurisconsulto, que marcou na historia postal um periodo brilhante e de proficuos effeitos. A 16 de março de 1797, foi nomeado inspector do correio, o ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, Antonio de Araujo e Azevedo, que expedira tambem diversos diplomas, tendentes a melhorar alguns dos serviços e a desenvolver outros; mas baldado intento; quanto se fez, após o fallecimento de José Diogo de Mascarenhas Netto, não produziu a menor utilidade e antes marcou um completo retrocesso no serviço postal. — A convenção pactuada com a Inglaterra, em fevereiro de 1810, no Rio de Janeiro entre D. João VI e Jorge III, foi, de todos os tratados postaes, celebrados n'esse seculo, o mais lesivo e o menos digno. E assim, durante cinco annos, se manteve uma situação deploravel para os correios, até que, um importante documento regulando os seguros de cartas, encommendas e dinheiro, firmava um novo passo para a melhoria do regimen postal; a elle se seguiu o alvará, de 8 de junho de 1816, publicado pelo ministro dos negocios estrangeiros, D. Miguel Pereira de Forjaz pelo qual eram coarctados os abusos e evitados os damnos, que resultavam para a fazenda publica, as infracções da lei, que auctorisava sómente a distribuição das cartas pelos empregados officialmente d'ella encarregada. Após este alvará, só, em 1824, apparece um novo documento que merece especial menção: — consistiu elle n'um decreto expedido do Paço da Bemposta, pelo grande estadista Marquez de Palmella, em que eram attendidos os interesses dos empregados postaes, no respeitante a ordenados, gratificações e aposentadorias, estabelecendo um encargo annual d'uns quinze contos approximadamente.

3.ª SECÇÃO

Expedição de correspondencia para o reino



4.ª SECÇÃO

Expedição do serviço internacional ultramarino e ilhas

Tal encargo dá uma idéa precisa de quanto desenvolvimento teve o serviço postal, n'um periodo de 86 annos, que no decurso d'esta nossa exposição procuraremos demonstrar.

A este alvará seguiu-se-lhe logo outro regulando o modo como os filhos e viuvas desamparadas dos correios do real gabinete, ou das secretarias, deviam pedir pensões, e quaes lhes eram devidas.

Atravessava, porém, uma enorme crise a politica do paiz; as perseguições e os odios reflectiam-se em todos os ramos do serviço publico, não respeitando as leis, nem os proprios direitos individuaes, cujas victimas cahiam sob o cutello implacavel das paixões violentas da época. O segredo da correspondencia era violado, a que deu triste exemplo o Conde de Barbacena mandando, em nome d'el-rei, abrir, perante o juiz do bairro, todas as cartas dirigidas a D. Prior-mór da ordem de Christo; e se este aviso ficou sem effeito, pela disposição do art.º 145 da Carta Constitucional de 17 de maio de 1826, eram retidas as cartas ou queimadas, como fôra feito aos impressos do lettrado Gordo e a outras muitas correspondencias. O abuso alastrava-se assustadoramente por todo o paiz creando uma atmosphera de desconfiança, que trouxe como consequencia, os empregados postaes perderem, um pouco, do seu antigo prestigio.

Passageiro, porém, foi este estado anormal; novas providencias vieram restabelecer a ordem nos serviços, e conferir aos que n'elle intervinham, a sua anterior auctoridade; e tão alto foi elevado o prestigio, foi tão demonstrativa a attenção dos governos, d'aquelle tempo, pelo funccionalismo postal, que um major de infanteria de Estremoz foi reprehendido por maltratar um postilhão, que representava, na escala dos empregados do correio, a mais baixa categoria, e o fiel da administração do Porto, Henrique Maria Xavier d'Oliveira, pediu uma syndicancia aos seus actos, de que foi absolvido, pelo simples facto, de lhe constar que alguem punha em duvida a sua probidade profissional.

Não estavam comtudo, de todo anniquiladas as causas que agitavam o paiz, de que se resentia a instituição postal, considerada primaria, n'essa época a que vimos de nos referir. E como consequencia d'esse periodo revolucionario, surgiram as difficuldades financeiras que os governos pensaram debellar com varias modificações nos serviços publicos, que trouxessem como resultado especial,

5.ª SECÇÃO
Registo

uma larga economia. E' sob esta orientação que o governo nomeou uma commissão, composta: do brigadeiro do real corpo de engenheiros, Bernardino Pereira do Lago; do antigo official maior da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, Paulo Midosi; e do negociante da praça de Lisboa, Antonio José Serzedello, afim de elaborar um plano de reforma do correio. Os trabalhos, pois, d'essa commissão assentaram sobre as influencias da occasião, e d'esta maneira, o decreto de 10 de janeiro de 1837, que subscreveu o visconde de Sá da Bandeira, reduziu o numero dos empregados de 64 a 45 e a despeza de dezenove a treze contos de reis; creou tambem o logar de sub-inspector, chefe da administração do correio de Lisboa, a qual ficou dividida em quatro seguintes repartições: — Administração das cartas, seguro, contadoria e secretaria.

6.ª SECÇÃO
Encommendas postaes

Os perniciosos effeitos d'este decreto não se fizeram demorar muito. O serviço quasi retrogradára para a sua época inicial; diminuiu a despeza, é certo, mas, em maior proporção, diminuiu egualmente a receita. Foi como o desmoronamento de quanto se havia feito de util e que tantos annos levára a edificar; e afóra umas portarias que trouxeram ao serviço alguns insignificantes melhoramentos, se conservou estacionario o regimen postal até 1852, em que o ministro Gervis de Athouguia expediu um decreto nomeando para compôr a commissão de reforma do correio, os conselheiros Paulo Midosi, Eduardo Lessa, José Ignacio Pereira Derramado, Augusto Xavier Palmeirim e José Maria Casal Ribeiro. Cumpriu bem a commissão o seu mandato, pois que a reforma que apresentou e foi decretada, em 27 de ouctubro de 1852, realisou um largo progresso postal e foi, sem duvida, d'entre todas effectuadas, a que trouxe maior desenvolvimento, sendo n'ella introduzidas importantes modificações, que a experiencia e a longa pratica do serviço ha muito dictavam.

Por esta reforma a sub-inspecção ficou subordinada ao ministerio das Obras Publicas, o correio passou a ser diario para todas as capitaes de districto, e tres vezes por semana para todos os concelhos; foi creada a estampilha de 25 réis, fabricada na casa da moeda, para a correspondencia de cartas e a de 100 réis para as cartas registadas, com a indemnisação de 5:000 réis no caso de extravio; os jornaes franqueados pagavam 5 réis por cada folha de impressão, e 10 réis, quando não franqueados; eram admittidos saques até 20:000 réis. Foi creada a unidade postal do reino e provincias ultramarinas e o paiz, sob o ponto de vista postal, foi dividido em 10 administrações, 219 direcções, 183 delegações e 6 distribuições. O pessoal era composto de um director, que tinha a seu cargo a responsabilidade technica do serviço; um sub-director nas secções; feitores e moços nas estações de muda; cocheiros e conductores nos caminhos. Nenhuma auctoridade podia suspender ou demorar os correios, e estes não podiam receber gorgetas. As carruagens podiam conduzir passageiros, quando munidos d'um passaporte legal, os quaes pagavam 45 réis por cada kilometro de percurso, indo dentro da carruagem, e 35 réis indo fóra, podendo tambem, em qualquer dos casos, levar 15 kilogrammas de bagagem gratuitamente, pagando, pelo excesso até 7 ½ kilogrammas, 5 réis por kilometro e 10 réis até 16 kilogrammas no mesmo espaço.

Outras varias disposições regulamentares compunham a reforma do correio de 1852,

que conferiu á commissão que a elaborou e ao governo que a referendou innumeros louvores de todo o paiz, pois que, abrira um vasto horizonte ao serviço postal, n'essa época em que a estrada entre Lisboa e Coimbra se achava quasi concluida, e o primeiro caminho de ferro portuguez chegava ao Carregado.

No anno seguinte, por um diploma referendado pelo marquez de Loulé, foi ampliada a transmissão de vales, cujas sommas se elevaram a centenas de contos de réis; ao mesmo tempo foram bastante melhorados os vencimentos do pessoal, entrando-se depois, largamente, no campo das convenções postaes.

Tanto quanto nos foi possivel, historiamos o serviço postal, n'um periodo de tres seculos, para que, ao falarmos do seu estado actual, o leitor pudesse ajuizar da somma de esforços empregados para conseguir o extraordinario desenvolvimento, que hoje tem, o que representa uma exhuberante prova, de como os seus dirigentes teem sabido acompanhar os progressos da civilisação.

POSTA

Distribuição da correspondencia pelos carteiros

Uma exposição pormenorizada das modificações porque passou o serviço postal desde 1853 até hoje, seria a mais clara demonstração da sua marcha progressiva, e daria a medida exacta do seu valor através estes ultimos tempos; para isso, porém, teriamos que lançar mão de diversas estatisticas, cuja descriminação das suas verbas ultrapassaria os limites d'este artigo. Não deixaremos, comtudo, de citar as importantes reformas decretadas pelo grande estadista Saraiva de Carvalho, em 1880, e por Emygdio Navarro, em 1886, ás quaes, Elvino de Brito e Conde de Paçô Vieira juntaram alguns diplomas tendentes a melhorar certos serviços e augmentar os vencimentos do pessoal. E para melhor se calcular do proficuo beneficio que presta ao paiz a direcção geral dos correios, apresentamos, aos nossos leitores, os seguintes dados estatisticos referentes ao anno de 1908, que, d'uma forma mais precisa, o provam sobejamente:

«O pessoal dos correios consta de 7:318 empregados; ha 3:853 estações postaes em Portugal, Açores e Madeira, e 7:439 caixas para recepção da correspondencia. As estradas exploradas abrangem uma extensão de 33:602 kilometros, e o percurso kilometrico annual é representado por 19.312:828 kilometros.

O movimento da correspondencia postal, comprehendendo cartas, bilhetes postaes e outros objectos, foi: — Serviço interno, 83.655:024 — Serviço internacional (de recepção e expedicção), 20.911:478; houve, além d'isso, 3.066:313 correspondencias em transito, a descoberto pelo paiz. As encommendas postaes ordinarias tiveram o seguinte movimento: — Serviço interno, 220:421 — Serviço internacional: recepção, 99:074; expedição, 25:388, e em transito, 55:916. Elevou-se a 1.327.991:540 réis, a importancia de venda de sellos e outras formulas de franquia; foram na quantia de réis 20.143.982:869, os valores confiados ao correio, entre cartas e encommendas com valor declarado, recibos, lettras e obrigações, vales do correio, correspondencias e encommendas sujeitas a reembolso. Das correspondencias cahidas em refugo, procedentes do continente e ilhas, bem como as que foram devolvidas do estrangeiro e ultramar, no total de 172:765, puderam ser entregues aos remettentes, 9:118.

Por ultimo a receita dos correios e telegraphos no anno economico de 1907-1908, foi de 2.102.930:887 réis, e a despeza de 1.647.392:409 réis, o que produziu o saldo de 455.538:478 réis.»

Perante a eloquencia d'estes algarismos, não ha, por certo, quem ponha em duvida, da importante missão que desempenha nos negocios publicos de Portugal, a prestimosa direcção dos correios, de cujos louvores, justamente partilha o seu director, sr. conselheiro Alfredo Pereira, funccionario dis-

tinctissimo que allia á sua vasta intelligencia, profundos conhecimentos do serviço postal, justeza de caracter e uma captivante affabilidade no trato. E não é sómente dirigindo os serviços, na sua enorme complexidade, que o sr conselheiro Alfredo Pereira se tem evidenciado, como um dos mais distinctos funccionarios da burocracia portugueza, tambem no estrangeiro, se acha d'uma forma notavel comprovada a sua proficiencia no assumpto, producto d'um trabalho persistente e dedicação profissional.

Acompanhando o mais insignificante aperfeiçoamento, equiparando ao que haja de melhor no estrangeiro, o serviço dos correios em Portugal prima pela correcção de norma, preceituada e cumprida por todo o seu funccionalismo, com merecido e justo elogio. E assim, Portugal não tem descurado de quanto possa interessar a este importante ramo de serviço publico, fazendo-se representar em todos os congressos e mantendo n'elles o prestigio da briosa classe e garantia de lucros.

Impõe-se, porém, para o cabal e harmonico desempenho d'um serviço de tanta magnitude, que as diversas repartições se achem convenientemente installadas em edificio apropriado; tal não succede; é nos baixos dos ministerios das Obras Publicas e Fazenda que funccionam as differentes estações, em recintos acanhados e até, alguns, antihygienicos, prejudicando o andamento regular dos serviços e pondo em risco a vida dos empregados. Oxalá se pense um dia a serio n'este assumpto, e tambem no facto de que alguns empregados estão longe de perceber em harmonia com o trabalho que produzem e com as responsabilidades que lhes são exigidas.

Brevemente nos occuparemos da telegraphia.

HENRIQUE D'OLIVEIRA.

CANTO AO SOL

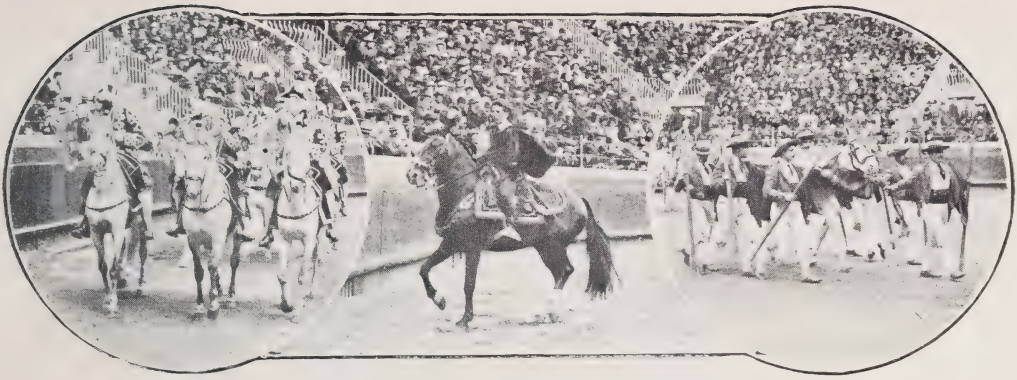
Ó sol deslumbrador, ó sol divino,
Apaixonado noivo glorioso
Que num olhar amigo e luminoso
Aqueces todo o espaço cristallino!

Da terra ergue-se a ti um immenso himno,
E saúda-te o bosque rumoroso,
E o oceano revolto e grandioso
Offerta aos beijos teus o collo fino.

Por ti as vidas, no caminho insano
Da perfeição, passaram sem cessar
Da rocha á planta, á fera, ao ser humano.

Por ti, a terra tem encanto e côr,
E p'lo beijo de luz do teu olhar
Sente um poder materno e creador.

1908. MARIO PACHECO.



OS CHARAMELEIROS — O «NETO» — ENTRADA DA AZEMULA

As touradas de fidalgos

Ao illustre aficionado e meu dilecto amigo,
Senhor Prof. C. da Cunha Bellem.

Tambem foi um espectaculo, genuinamente portuguez, que acabou, póde dizer-se, com a praça do Campo de Sant'Anna.

Que enthusiasmo que se notava sempre n'essas festas!

Só por ellas se podia avaliar verdadeiramente quanto o nosso povo se apaixona por este divertimento, pois nem um só logar ficava devoluto, havendo até quem o fosse occupar com duas e tres horas de antecedencia para ter a certeza que lograria ser testemunha do que de mais bello e esplendoroso era dado admirar em torneios tauromachicos.

Mas n'esse tempo havia gosto verdadeiro pela nobre arte de Marialva, e havia tambem amadores que podiam rivalisar com os melhores artistas!

O luxo exhibido nas touradas de fidalgos corria parelhas com o valor d'esse punhado de rapazes que descia á arena a defrontar-se com as féras, da mesma fórma como o arrebatamento da assistencia tocava sempre o delirio.

N'essas festas que deixaram a mais grata impres-

UM BILHETE
(Pertence ao Ex.mo Sr. Rozendo Carvalheira)

são nos frequentadores do popular divertimento, o apparato d'ellas começava logo nas *cortezias,* pela fórma rica e deslumbrante como os cavalleiros apresentavam as suas montadas, ajaezadas com um luxo desusado, e que eram trazidas á mão pelos seus criados, ostentando geralmente librés com as côres da casa a que pertenciam.

O grupo de peões, como o de cavalleiros, era tudo o que havia de mais distincto na sociedade elegante da época.

Os forcados, campinos, e demais pessoal da arena, tambem descendentes das melhores familias, completavam o vistoso conjuncto, irreprehensivel de elegancia, vendo-se em seus rostos a convicção de que sahiriam victoriosos da lucta.

MARQUEZ DE CASTELLO MELHOR

As touradas de fidalgos eram então dadas a expensas da *Sociedade Tauromachica Permanente* e dos amadores que tomavam parte n'ellas, sendo os bilhetes gratuitos; e, por excepção, em beneficio, muitas vezes a pedido do fallecido rei D. Luiz e de sua augusta consorte a rainha D. Maria Pia, por demais enthusiastas do divertimento.

* * *

Grande foi o numero de lidadores, fidalgos uns, e filhos das mais distinctas familias outros, que mais brilharam n'estas deslumbrantes festas, que até hoje não se egualaram.

O conde de Vimioso, D. José de Mello e Castro, o *Cazuza,* e D. João de Menezes, deixaram por demais assignalada a sua passagem pela tauromachia. Os primeiros foram mestres irreprehensiveis, o ultimo uma figura esbelta que fez andar ás voltas a cabeça a muitas donzellas...

O conde de Pombeiro (em cujo tempo evidentemente se distinguiu mais do que depois quando marquez de Bellas), o marquez de Castello Melhor, Frederico Ferreira Pinto Basto e o visconde da Graça foram o prototypo da galhardia e da elegancia na arena.

Depois appareceram D. José d'Avillez (pae do actual conde das Galveias), D. Caetano de Bragança, D. Antonio de Portugal, Alfredo Tinoco da Silva, Carlos Relvas, Antonio Vellez Caldeira, D. Antonio de Mello e Castro (Galveias) e D. José de Mascarenhas (pae).

Bello e sympathico grupo!

A enumeração só por si de seus nomes aviva-nos a idéa do que todos elles foram, fazendo realçar um por um qualquer festa em que entravam.

Mais tarde vieram Alfredo Marreca, D. Luiz do Rego, Alfredo Anjos (actual conde de Fontalva), Fiuza Guião e Henrique Martins.

D. ANTONIO DE MELLO E CASTRO (GALVEIAS)

Tempos saudosos esses, em que o garbo de tão gentis lidadores se impunha ás bancadas, replectas de verdadeiros entendidos!

Mas a lista ainda não terminou. Jeronymo Teixeira Vianna, Carlos Kruz, Victorino Froes, D. Antonio de Siqueira (S. Martinho) e os viscondes de Varzea, do Tojal, de Alverca e de Alferrarede reuniam-se ao bello conjuncto, dando a cada corrida em que lidavam, um tom distincto, verdadeiramente irreprehensivel.

CONDE DE POMBEIRO
(Depois Marquez de Bellas)

Uma parte tão importante como caracteristica, n'estas corridas, era tambem a do *neto*, que se apresentava sempre vestido a rigor.

Alfredo Tinoco e Luiz Martins foram dos que mais vezes se encarregaram do espinhoso cargo, sobresahindo entretanto o primeiro pela finura e o ultimo pela graça com que sempre cumpriram essa parte.

*

Se deixarmos o toureio a cavallo e nos dirigirmos para a parte desempenhada a pé, ahi encontramos tambem as melhores revelações, como Frederico Pereira Nunes, o conde da Vidigueira, os irmãos Maniques (Antonio, Diogo e Raphael), Thomaz Croft (que ainda assim, sobresahiu muito mais a pé que propriamente a cavallo, quando visconde da Graça), Domingos Poeira, D. Fernando de Noronha (Angeja), Ernesto de Mendonça, Luiz Montezuma, Bernardino Almoinha, Henrique Vasconcellos, etc.

Descrever ou traçar os meritos de cada, em especial, equivalia quasi a dizer de todos a mesma cousa, pois se cada um tinha geralmente uma fórma especial de toureio, o que nenhum se differençava era na valentia e em procurar sobresahir, ao ponto de quasi electrisarem a assistencia.

*

E os pegadores? Que bellos grupos se organisavam então!

José Augusto Galache, Frederico de Gusmão Correia Arouca (que mais tarde trocou o calção de anta pela farda de ministro de Estado), os irmãos Rebellos de Andrade (Eduardo, Ignacio, Fernando e Ruy), Cesar Cunha Bellem, D. Luiz Lobo da Silveira (Alvito), D. Manuel Ponte, Ernesto Calleya, Fernando Antas (depois conde das Antas), D. João Pacheco Pereira Coutinho (actual administrador do concelho de Alcochete) e seu irmão D. Jeronymo Pereira Coutinho (Soydos), José de Barros Lima, Antonio Martins (agora mestre d'armas), D. Alexandre Villa Real, Jayme Piombino, Jorge de Barros Lima, D. José de Mascarenhas pae (que, entretanto, se evidenciou mais n'este genero do que depois como cavalleiro, apesar de se tornar tambem muito apreciado), Braulio

CARLOS RELVAS

Cunha Bellem, José Queiroz (actualmente pintor de merito, e dos que mais se tem dedicado á ceramica), Antonio Rodovalho Duro (actual critico taurino do *Seculo*), D. José e D. Luiz de Menezes, José, Antonio e Francisco Lisboa, foram os que, se bem nos recordamos, conseguiram pôr-se mais em destaque.

José Galache, ha pouco fallecido, póde dizer-se que foi o mestre de todos os forcados, além de primoroso escriptor taurino. Foi o iniciador das chronicas tauromachicas e o *Diario Illustrado* o jornal que escolheu para as apresentar.

Frederico Arouca foi um pegador tão fino como destemido. Alliava ao merito a elegancia.

Ignacio Rebello de Andrade, que tem sido por varias occasiões administrador de Salvaterra, foi o forcado mais garboso que pisou as velhas arenas.

D. Jeronymo Pereira Coutinho tornou-se notavel como nenhum outro, não só como *rabejador*, como tambem pelo grande conhecimento que possuia das rêzes.

Eduardo Rebello de Andrade foi dos mais sabedores de todos que se seguiram a José Augusto Galache.

Jayme Piombino, finalmente, foi dos pegadores mais rijos que tomaram parte nas excepcionaes festas.

E que de referencias especiaes nos iam suggerindo, se não tivessemos um espaço restricto para este artigo!

VISCONDE DA GRAÇA

Em todos, porém, se notava, a par do saber e da valentia que os fazia sempre sobresahir, a união que nunca mais se viu n'esta parte do espectaculo, a não ser uma ou outra vez no grupo que mais tarde appareceu capitaneado por Lisboa Perdigão.

Como moços de curro destacaram-se Antonio Galache, Julio Caldeira, João Sarmento, Jeronymo Teixeira Vianna (que depois passou a tourear a cavallo), Rodolpho Tomazini, João Fletcher (que por qualquer motivo certa vez apodaram d'*O celebre abegão do dia 1*, e assim ficou sendo conhecido durante muitos annos), D. José Manuel da Cunha Menezes, José Allen, etc.

Apesar de ser um logar secundario, era de grande responsabilidade, tornando-se por esse motivo muitas vezes difficil alcançar quem o desempenhasse com dignidade e brio, principalmente quando tinham que figurar ao lado de pegadores de fama.

ALFREDO ANJOS (AGORA CONDE DE FONTALVA)
(No seu cavallo favorito)

VICTORINO D'AVELLAR FROES

Além das individualidades citadas, quantas e quantas mais entraram em tão brilhantes torneios! Mas d'uns falha-nos a memoria, e d'outros só muito vagamente tivemos conhecimento de n'elles figurarem.

Entretanto, como disse Zacharias d'Aça, a cohorte litteraria, que brilhava no folhetim, no poema e no drama, tambem não desdenhava as honras e o pó do circo. Bulhão Pato, o mimoso poeta da *Paquita* e de *Sob os cyprestes,* foi uma figura de destaque como bandarilheiro em tão bellas festas, da mesma fórma que Lopes de Mendonça o foi como forcado, depois de já ter alcançado grande renome como folhetinista.

Joaquim Antonio Victo Moreira (general de divisão e ajudante de campo de El-rei D. Luiz), e D. José Pessanha, tambem muito se distinguiram toureando a pé.

Mas não era só no velho circo do Campo de Sant'Anna que se realisavam as festas taurinas em que os fidalgos tinham larga representação. O pateo do palacio do celebre conde de Vimioso, ao Campo Pequeno, tomou tambem uma parte importante na diversão.

E com que desprendimento a nobreza e a melhor sociedade de então descia á arena a abrilhantar essas interessantes luctas!

FREDERICO PEREIRA NUNES

DOMINGOS ANTONIO POEIRA

E' que os tempos eram outros. E é sabido que outros tempos, outros costumes!...

*

A dirigir tão sumptuosas festas (e não só as celebres *touradas de fidalgos,* como tambem muitas outras corridas organisadas com os elementos d'aquellas, como as primeiras festas do inolvidavel Alfredo Tinoco) evidenciaram-se José Vellozo Horta (que além de critico notavel foi tambem honroso companheiro do conde de Vimioso, como forcado), o visconde d'Asseca e o visconde da Graça, Frederico Ferreira Pinto e José Augusto Galache.

Todos são mortos!

Qualquer d'estas imponentes figuras na cadeira da direcção equivalia sempre ao melhor exito do espectaculo.

DIOGO MANIQUE

*

* *

Tambem não era raro vermos muitos dos nomes citados, mudarem o seu genero ou especialidade de lide.

ANTONIO MANIQUE

Por exemplo, Antonio Caldeira por mais de uma vez trocou a casaca de cavalleiro pela jaqueta de ramagem; D. João Pereira Coutinho punha o gorro andaluz com a mesma facilidade com que enfiava na cabeça o barrete verde; a Alfredo Tinoco era-lhe indifferente tourear a pé como a cavallo, como era tambem um pegador esplendido; Victorino Froes, ainda agora tanto se lhe dá pegar um touro como collocar uma farpa ou pôr um par de bandarilhas.

Eram amadores genuinos, a quem as féras nunca atemorisaram!

*

* *

Grande é a differença das touradas de fidalgos de então, com umas outras a que nos ultimos tempos se lhe tem querido dar tal nome. Aquellas começavam por ser de graça, disputando-se os bilhetes por altos empenhos, a que o Paço não era extranho por vezes, e acabavam no transporte para a praça. Tudo, absolutamente tudo era differente!

Hoje é vulgar, salvo raras e honrosas excepções, a apresentação da *conta* de despezas de transporte de cavallos e gratificação a moços de cavallariça, o que então nunca succedeu, como nunca nenhum dos antigos amadores se lembrou de, á ultima hora, dizer que não podia tourear por não ter sapatilhas ou lhe faltar a camisa propria, e pedir cinco ou dez mil réis para isso e para a *tipoia.*

RAPHAEL MANIQUE

Então todos iam para a praça em carros proprios, de gala, e quem os não tinha alugava-os ou emprestavam-lh'os, sendo vulgar disputar-se entre as mais abastadas familias a honra de transportar um lidador

para o campo de combate nas melhores e mais ricas carruagens de gala que possuiam.

Compare-se o uso d'esses tempos com o que succede agora! Um horror!...

. . .

Especialisar as touradas de fidalgos que deram mais brado, desde as que foram organisadas pela *Sociedade Permanente Tauromachica* até á offerecida pelo grande aficionado Alfredo Anjos (hoje conde de Fontalva) ao rei de Hespanha Affonso XII, quando de visita n'esta capital a El-Rei o Senhor D. Luiz, em 1882, é-nos inteiramente impossivel fazer, porque todas deixaram a melhor impressão nos que tiveram a dita de as presencear.

ALFREDO TINOCO DA SILVA

Depois d'aquellas, só uma se deu, com esplendor semelhante, ficando verdadeiramente memoravel pelo luxo e brilhantismo de que foi revestida — a que se effectuou no dia 20 de maio de 1898, no Campo Pequeno, a qual fez parte das festas do centenario da India, e foi promovida pelo *Real Club Tauromachico*.

A praça — aproveitando-nos das notas que encontramos na *Historia do Toureio*, do nosso amigo sr. Antonio Rodovalho Duro — estava ornamentada com muito gosto e capricharam em lhe dar um aspecto desusado.

A segunda ordem de camarotes era circumdada de pannos brancos, onde se desenharam ornatos e brazões dos cavalleiros que mais se teem celebrisado nas lides tauromachicas, e trophéus de farpas e rojões.

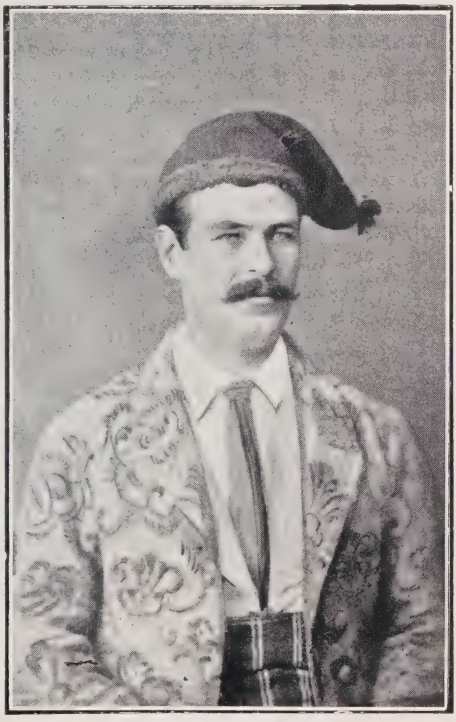
A primeira ordem tinha colchas de damasco muito fino, e a galeria do lado do sol era rodeada de pannos de velludo carmezim.

O sector n.º 1, destinado aos socios do Club e suas familias, estava atapetado.

O grandioso circo, completamente cheio de gente, produzia um effeito esplendido, mesmo magestoso.

Viam-se muitos estrangeiros e grande numero de senhoras em todos os logares da praça, até nos mais inferiores.

No camarote real, enfeitado com muito bom gosto, assistiu el-rei D. Carlos, as rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, e o infante D. Affonso, assim como a familia Orleans, que se achava em Lisboa.



D. JOÃO PEREIRA COUTINHO (SOYDOS)

Os lidadores apresentaram-se com trajos á D. João V.

Os cavalleiros, visconde de Varzea (actual marquez de Castello Melhor), D. Antonio de Siqueira (S. Martinho), Alfredo Marreca, D. Luiz do Rego e visconde de Alverca, montavam ginetes ricamente ajaezados e com as sellas cobertas de valiosos telizes. Vestiam de côres diversas, e apresentaram-se de casaca, collete arrendado, calção,

sapatos e polainas, esporas de prata e tricornio com cocar de plumas.

Os bandarilheiros Affonso Villar e Alexandre Caldas levavam casaquinha côr de cereja, gibão branco e calção amarello, tudo de setim, e sapatos de camurça, cabelleira e chapéu braguez.

Mario Duarte e Henrique Avellar da Costa Freire ostentavam casaquinha amarella, gibão azul e calção branco, tambem de setim, cabelleira e chapéu braguez.

O grupo de forcados era composto dos arrojados pegadores Pedro d'Oliveira (que serviu de cabo), Jorge Rebello da Silva, Alfredo Barbosa, Claudio Lagrange, Pedro Navarro, Alfredo Sirgado, Carlos Gavino e José Castel-Branco. Trajavam todos casaco de panno verde justo ao corpo, calções da mesma côr e tinham couraça de camurça substituindo os antigos arcabouços de couro.

JOSE DE BARROS LIMA

Completava-lhes o trajo um cabeção branco e cordão, sapatos de salto e chapéu braguez claro.

Os *carecas* (porteiros do touril) e os *papagaios* (porteiros dos cavalleiros), cargos que foram desempenhados por Antonio Cordeiro Feyo, Francisco Sotto Mayor e D. Pedro Pereira Coutinho, vestiam fatos eguaes aos dos bandarilheiros, com a differença de que eram de panno e de côres diversas.

O cargo de *neto* foi desempenhado por Ernesto Avellar da Costa Freire, que, segundo a tradição, trajava á Luiz XIII.

Os moços de curro levavam fatos semelhantes aos dos campinos do Ribatejo, e o grupo era constituido por Carlos da Costa Freire (abegão), José Eugenio de Menezes, Manoel Souto Mayor, José Maria Moreira, Alfredo Appleton, Luiz Perestrello de Vasconcellos e D. Nuno d'Almada.

Os andarilhos, que eram os meninos D.

FERNANDO REBELLO DE ANDRADE

FERNANDO ANTAS

Joaquim de Castello Branco, Eduardo Quintella de Mendonça e D. José de Castro Rezende, vestiam riquissimos fatos á Henrique III.

A corrida foi dirigida pelo sr. visconde de Asseca, pertencendo os touros aos srs. Emilio Infante, visconde de Varzea e Victorino de Avellar Froes.

A lide decorreu animadissima, imprimindo-lhe todos os lidadores o maior luzimento, desde o principio ao fim.

FREDERICO CORREIA AROUCA

N'essa corrida tomaram parte: como cavalleiros, Carlos Relvas, D. Caetano de Bragança e D. José d'Avillez Junior (hoje conde das Galveias); bandarilheiros, Victorino Froes, Antonio Perestrello, Salvador da França, D. Vasco Belmonte, João Ferreira Pinto e Pedro de Figueiredo; forcados, Ruy Rebello de Andrade (cabo), Manuel Lopes, Duarte Pinto Coelho, Pedro de Oliveira, Jorge Rebello da Silva, Simão de Sousa Coutinho (Redondo), Manuel Figueira Freire e D. Luiz da Camara (Belmonte); abegão, João Lobo de Moura.

EDUARDO REBELLO DE ANDRADE

RUY REBELLO DE ANDRADE

Foi esta, como já dissemos, tambem uma festa brilhante, em que o actual conde das Galveias fez auspiciosamente o seu debute nas lides tauromachicas.

. . .

D'entre as *touradas de fidalgos*, organisadas pela nova geração, uma ao menos temos que especialisar, devido ao brilhantismo de que foi revestida — a que se realisou em Cintra a 20 de abril de 1890.

ERNESTO CALLEYA

Photogs. da collecção Segismundo Costa e Fernando Viegas.

CARLOS ABREU.

Notas sobre o Theatro de l'Oeuvre

Lugné-Poe e Suzanne Després

Ao meu eminente confrade H. Hofmannsthal

Homenagem

— «Os latinos teem tudo a ganhar dos allemães. Nos nossos paizes muitos aventureiros dirigem ou querem dirigir o gosto do publico que guarda uma tendencia natural para se aviltar.»

E Lugné-Poe dizendo-me isto, mostra-nos toda a repugnancia pelos *vendedores do templo*, que fazem do theatro um mercado repugnante sem Ideal nem Belleza.

Lugné-Poe teve sempre este condão: seguir um caminho rútilo d'uma Arte cheia de sol. Apesar de todas as barreiras que o acaso ou a malevolencia ergue aos apostolos sinceros, apesar de todas as tormentas, elle segue timoneiro audaz, ao leme d'essa caravela admiravel de l'*Œuvre*, por mares *nunca d'antes navegados*, á conquista d'uma India do espirito humano. E n'essa intensidade, n'essa nevrose do culto em que elle deixa toda a sua vida, nós vamos encontrar a sua historia dolorida e apaixonada. Elle segue a batalha, a tragica batalha, em que nós vamos todos empenhados, d'uma Arte crucificante e divina, d'uma Ressurreição esperando a alvorada d'um dia eternisador do Bello. E nenhuma outra musa mais o possue, o attrae, o domina; nunca Sphynge mais o perturbou, querendo elle desvendar o mysterio guardado para os Deuses. De ha muito que camaradas meus, n'outras paragens lhe erguiam lenda ou analysavam a evolução de l'*Œuvre*. E a figura de Lugné-Poe surgia-me do negro de desenhos modernos, toda esculpturada em Arte e Belleza, eterno caminheiro seguindo o calvario em procura da flôr preciosa da Verdade. E é n'essa *Œuvre*, n'esse labutar de anciedades e de vida, que nós lhe encontramos o poema, todo brocado de alma; toda a côr de imagens roupadas de vigor que nos maravilham e nos atraem. E toda essa existencia dada a uma causa ingrata, todo o cerebro, todo o sangue, está disperso nas tormentas da Batalha, nas paginas memoraveis e historicas como feitos heroicos que atestam as obras erguidas á luz por esse Theatro.

Desde Antoine, o grande, exemplo que abriu caminho a uma reforma artistica, trazendo á figura uma educação definida adentro da movimentação e marcação de cena, notas vividas e impressões que se ligavam, que se completavam, até Lugné-Poe a transformação segue seu curso, a evolução actua pouco a pouco nas suas concepções novas. A vida de Lugné-Poe tem sido semear a Belleza como um incentivo ao desenvolvimento de l'*Œuvre*, e a consagração veiu aos poucos sagrando-o no seu movimento de idéas e de trabalho. Elle esbateu á luz avida da cena francesa, todo esse ramo florido de genios, corbeille d'astros, onde a figura admiravel de Ibsen, o cruel, passa a par de Hauptmann, Sudermann, Bjœrnson e tantos outros. E todos estes espectros geniaes deixaram a l'*Œuvre* um traço da sua garra. E n'essa fé d'uma religião de amor, sem li-

mites para o espiríto humano Lugné-Poe ergueu o seu estandarte, e foi, Europa em fora como um evangelisador d'um credo novo, levar a esmola da sua paixão aos seus irmãos d'alem fronteiras que lhe abriam as portas e fraternisavam com elle no mesmo evangelho de Luz, de Amor e de Justiça.

«A arte é bella. A arte é bella!»

E a seu lado, toda aureolada de genio, essa mulher estranha, companheira querida, essa Suzanne Després, que tem sido para elle a amiga dedicada n'essas horas em que a fadiga e a luta ensanguentam a vida.

LUGNE-POE

E elle vae, em procura do Bello, venha d'onde venha. Elle vae, caminhos aridos e dificeis no seu trabalho de descentralisação, no seu evangelho com suas crises de grandeza, erguel-o até á Verdade nas suas correntes universaes. Elle tem passado a Europa, ante a tela d'um publico avido e cruel, um publico que o analysa de livro em punho, que o segue, cena a cena, detalhe a detalhe, na envergadura das personagens; publico intellectual e terrivel, e terrivel porque é intellectual, que lhe vae no alcance das transições, da marcação, da alegria ou do soffrimento, e Lugné-Poe ganhou victoria. E para isto é preciso ter legado a sua vida á Arte. Em todos os seus ramos elle tem sido o actor e o auctor. Tanto a alma d'um theatro, como a vida d'essa interessante e documentada publicação que elle redige. E' tudo. E' vigor que adeja ahi em todas as suas soberbas manifestações esteticas. O Theatro de l'*Œuvre* é hoje a personificação d'um poema estranho, e Poe, pelo seu talento e pela sua actividade, tem conseguido florir a sua grande arvore. D'onde veiu este homem? Quem o conduziu á Arte? A sua vontade e o seu instincto. Dois factores poderosos, que, guiados pela intelligencia, abrem os altares da divinisação artistica aos seus apostolos.

A epopeia de l'*Œuvre*, é elle que a ergue nos seus braços, que a mostra ás multidões, e essas noites sensacionaes marcam acontecimentos. Basta citar a representação do *Roi Bombance* do meu querido camarada Marinetti. Representação turbulenta, cruel, julgando-se alguns criticos no tumulto do *Hernani*, de Hugo. Essa noite comparavel ás tormentas das peças *Ubu-Roi* e *Pan*, deu á deliciosa tragedia de Marinetti um successo enorme. Lugné-Poe foi o creador do papel de *Anguille* e houve-se magistralmente. Marinetti atacado pelo seu manifesto Futurismo, cheio d'uma bella ancia de lucta e de Belleza, encontrou no theatro de l'*Œuvre* a porta que se abriu ao estravagante e pungente *Roi Bombance*. Essas creações de combate que á força de luta e de genio se erguem contra o máo caminho do gosto publico, deram-lhe a consagração que atravessou fronteiras e semeou a sua *Œuvre* por toda a parte mundo em fóra...

*
* *

— «Na Allemanha, na mais pequena cidade, ha troupes proprias; sómente nos paizes latinos é que o theatro é precario e nomade.»

Esta phrase pungente, foi a resposta a uma pergunta que eu lhe tinha feito sobre thea-

tro. Ella vem até nós, dizer-nos tambem como nós soffremos do mesmo aniquilamento...

E ao lado de Lugné-Poe eu tenho de frisar essa alta personalidade que é Suzanne Després, a emocionante, e que completa a sua obra. Esta artista é hoje a primeira tragica da França, que nos seus enovelamentos tem o poder sugestivo de Eleonora Duse e que tem acompanhado a travessia do marinheiro audaz, com alta dedicação e amor. E ante o seu fulgor divino eu estranhei que ella não tivesse o seu theatro, como Rejane e Sarah. E tanto mais que na tragedia moderna, n'essa onda de preconceitos e convenções em luta com a verdade, nenhuma a egualou em França. Creadora em todas as obras, artista da nevrose, ella nos traduz o amor nas suas crises, a paixão nas suas avalanches. Ella fôi a tragica viuva *Bratt* de *Bjœrnson*, a *Nora* de *Ibsen*, a *Poil* de *Carotte;* ella animou a *Robe Rouge* e o *Assommoir*. E n'esta carreira estranha, surge-nos ha pouco na *Elektra* do illustre Hofmannsthal, obra consideravel e grande em que ella attingiu o mais alto nimbo de grandeza, espalhando ás mãos cheias, como flores divinaes — a paixão, a dôr, o desespero, o sonho...

SUZANNE DESPRES NO PAPEL DE ELEKTRA

E' pois necessario que a França lhe dê um theatro, por justiça e por dever. E' ahi que mais tarde nós iremos prestar-lhe o culto que merece o seu genio, todos nós apostolos da mesma divindade, toda a confraria que se estende as mãos por cima das fronteiras, aproximando Christiania de Paris e de Moscou. Suzanne Després tem ante si o horisonte. Tenho a esperança que se não entreporá ante ella o muro convencional da «*Comédie Française*». Ella deve ter a sua casa. E esta impressão nasceu-me n'uma noite em que sahindo do *Vaudeville* onde ella representava o *Lys*, caminhando atravez dos risonhos *boulevards*, eu seguia essas pesadas moradias burguezas, como tumulos d'uma cidade cemiterio, onde se poderia erguer o altar d'um Theatro Humano, onde essa figura seguisse o seu rutilo caminho...

Tempo virá...

ARCHER DE LIMA.

Phantasias de Damião

Ao Antonio Corrêa d'Oliveira

Damião era um phantasista das minhas relações, mas o mais singular d'esta terra de phantasistas.

Não conheço mercador de pannos que o avantajasse no equilibrio da sua escripturação diaria, desde o *deve* ao *haver*. Não gastava um phosphoro ou uma linha por desperdicio, vendo sempre deante do desperdicio o desespero dos momentos de falta. Ouvia missa aos domingos, confessava-se, jejuava. Nunca se retrahiu á applicação d'uns synapismos, em caso de defluxo, convencido, como os que não são phantasistas, de que a mostarda continúa a ser panacêa benefica contra os humores do catarrhal. Mas se um olhar, uma palavra, um gesto o despertavam para as vertigens da imaginação, elle deixava de ser equilibrado, servo de Deus, devoto da mostarda, mesmo Damião, para ser, eu sei lá!... neve dos Alpes, pennugem macia dos ninhos, perfume bucolico do rosmaninho que na paz dos campos nos acaricia o olfato...

A primeira vez que me julgou digno das suas confidencias, garantiu-me, com segurança, que descendia das vagas do mar, em que se lembrava ter sido espuma, rugido, seiva das algas fluctuantes, berço ora suave ora agitado das conchas e dos buzios, afago das areias d'oiro, agonia dos naufragos abandonados. Sentia ainda em si o echo da ultima palavra — uma palavra penetrada d'amor, de tristeza e de saudade — que uma pobre virgem, ao morrer, lhe confiára na immensa solidão das aguas. Nem conseguia evocar o seu derradeiro olhar, para o céo negro, revôlto e indifferente, sem confrangimentos de piedade — olhar d'amargura e de raiva, em que relampejou, instantaneamente, todo o fôgo da vida e do amor que as vagas suffocavam. Uma recordação, porém, sobrelevava o numero illimitado das outras recordações — pela claridade que lhe projectava na alma. Colhera-a n'um instante suavissimo em que fôra espuma e reflexo. Espuma e reflexo, sorriso das ondas e espelho do céo, embalára no seio sensual o rosto de certa noiva, que resplandecia como um vitral com sol, ao vêr surgir, na praia em que se banhava, o noivo ausente e inesperado. Foi como se a alma, luz do coração, lhe aflorasse aos olhos, aos labios, á face ruborisada, e a tocasse do fulgôr das papoilas ao clarear da manhã — e assim a tivera em si, colorida, feliz, para encanto das aguas inconstantes.

Damião, não sei pelo quê, percebeu-me indicios de incredualidade deante da sua origem mythologica, deante das reminiscencias herdadas da primitiva origem. E logo corroborou, n'uma sincera energia:

— Fui vaga do mar, acredita. E senão repara no ondeado do meu cabello, no scintilar dos meus olhos, na alvura dos meus dentes, na minha dôr pelas vegetações emmurchecidas, nas agitações da minha carne, nos meus enternecimentos languidos...

Não passaram muitos dias sem affirmar que a onda de que nascera, ao dar-lhe forma humana e sensivel, enclausurára na sua carne uma rajada de vento e um raio terno de luar — e era ainda a rajada que fremia

nos seus impetos de colera, e o raio de luar, esmaecido, mas sempre terno, que lhe vinha espreitar ás pupilas apenas um colo redondo lhe alterava o bater do coração...

Damião não deve a sua estranha origem somente ás vagas, ao vento e ao luar. Lembra-se de ter ouvido na flôr das madresilvas o zumbido laborioso das abelhas, e de ser larva na folha d'uma alface. D'isto foi testemunha uma horta que verdejava nas abas de duas serras, sob as prodigalidades paternaes d'um regato e de grandes arvores seculares. Ahi, no tablado d'essa folha e na simplicidade d'essa horta, se desenrolou uma das muitas tragedias da sua incerta vida, na manhã em que um rouxinol cruelmente o devorou. Mas, como á maior dôr não deixou ainda de corresponder pelo menos um segundo de ventura, a larva de Damião desfructou compensações consoladoras. Na viscera do rouxinol fez-se sangue irrequieto, tinta modesta de plumagem, anceio amoroso, e o enlevo d'uma menina pallida que namorava da janella do seu quarto a horas mortas...

E asseverou-me até, em ar de plena certeza, que os seus membros, os pellos luzidios do seu bigóde, foram luz das madrugadas.

— Luz das madrugadas?! E como foste luz, Damião? — interroguei, n'uma seriedade simulada.

— Espera, eu explico... — o seu olhar projectou a doçura d'um prazer secreto, que se lhe espalhou na face. — Eu explico... quer dizer... como fui luz, nem sei, devo confessar. Sei apenas que vinha dos lados d'onde vem o sol, mensageira humilde d'um Senhor todo-esplendoroso, atravez dos gorgeios timidos e da gaze subtil da neblina que deve ser o bafo das hervas, cobertas de suor. Vibrava esparso no alvôr que descia do céo, fazia surgir as arvores e os montes da confusão da treva, que a terra a pouco e pouco ia bebendo. E o prazer supremo — as pupilas, ao relatá-lo, tornaram a acender-se-lhe de goso — o prazer supremo das minhas jornadas matutinas estava em insinuar-me, entrar pelas frestas das janellas em quartos de mulher, nos dias cálidos de verão.

Damião concentrou-se, como que a apanhar fios dispersos, a reconstituir a impressão das alcôvas devassadas, das lindas mulheres surprehendidas nos descuidos do somno d'uma manhã abafadiça.

Eu, mordido de interesse, sacudi-o, bradei:

— Damião, vá... Damião...

Elle esfregou as palpebras, fitou-me - e sorriu-se. A seguir esboçou um bocejo, d'olhos em alvo, distendendo os braços, ainda a sorrir. E falou por fim... O que eu não sei, é reconstituir, imprimindo-lhe a sua dutilidade, a sua clareza, o seu poder singular de moldar idéas e sensações, o verbo fulgurante da luz. — Damião, n'esse minuto espiritual de communhão com o infinito, attingiu a eloquencia facil, impressiva da luz, que tudo esclarece e illumina.

Elle fôra luz discreta das madrugadas, em pleno estio. E deve considerar-se que é ao abrir das madrugadas, sob a influencia enervante d'uma atmosphera pesada, que todas as mulheres, as que sofrem, as que amam, as qua fazem soffrer, repousam em somno reparador das fadigas da calmaria, com as roupas em desalinho, ou das emoções que a alma transmitte aos nervos, com o abandono d'um ramo quebrado. Era a essa hora que elle vinha esparso na affavel claridade que precede o dia de sol ardente. Percorria o espaço sem limites, acordava nas devesas as aves e os gados, uma ou outra vez demorava-se na folhagem macia dos arvoredos, ou deixava-se deslizar, tremulo e irisado, no seio fresco d'uma gotta de orvalho que era por fim a misericordia d'uma flôr cheia de sêde. E nada lhe dsspertava os innocentes estimulos de quem vê só para illuminar, como entrar em quartos de aroma e recato femininos, podendo gosar, acariciar com amor e com enlêvo a côr, a nobreza alada de certos contornos que a propria estatuaria ignora.

E' verdade que uma manhã ia-se perdendo, bebido pela sêda perfumada d'um lenço. Ficara-se esquecido sobre o abysmo d'uns olhos negros, meio vellados, na tepidez d'uma lagrima silenciosa, a ouvir segredos que só conhece quem sáe d'um coração ensopado no fel da saudade. Valeu-lhe a benigna providencia do acaso — a inclinação subita da face para o escuro da roupa. Ahi, abandonada de luz, irmã do coração d'onde viera, abandonado da felicidade, a lagrima rolou, resignada e sem rumor.

Damião, na intensidade de quem sentiu e sente o que descreve, passou a evocar

bustos de virgens desnudados, no esplendor da mocidade em exuberante florescencia. Uma d'essas virgens, tão fresca como o pampano da vinha ao abrir em folhas, descobrira os braços, descobrira o peito — e do seu peito alteavam-se as duas urnas mais puras que elle tinha visto, tumidas e esphericas, dois sorvetes de leite com morangos a boiar ao alto. O pobre Damião não reconstitue a correcção d'esses braços, a brancura d'esse collo, as urnas altivas em que o mundo se revê na graça, na incerteza, nos mysterios, na fecundidade que não esperimente a illusão de que elles vão pertencer-lhe, tumidos, esphericos e immaculados como n'essa sagrada manhã.

Falou-me tambem, e com louvor, d'um lindo pé.

— Sem calos? — resmuneei, desdenhoso, contundido pela brusca transição dos bustos de virgens para o lindo prosaismo d'um pé.

— Um pé, sim, sem calos — dizia elle, inflammado — e pequenino, leve, setinoso como se o tivessem reduzido, como se carinhosamente o fizessem delicado, breve e setinoso para que pudesse passear, sem o ferir, sobre o setim alvissimo dos lyrios e das rosas... Do pé, ligado á perna por uma curva de cólo d'ave que se alteia para o vôo, subia-se ao artelho...

Eu começava a ouvi-lo, com o coração de novo oppresso, os olhos dilatados, a respiração desegual, á espera que do traço vivo e quente da sua palavra sahisse a téla dominadora d'uma Danaë authentica, surprehendida na sua immaculada nudez por um Jupiter transformado em luz... Mas Damião fez uma pausa inesperada.

— E depois, depois? — inqueri, insoffrido.

Elle bateu socegadamente na testa, e clamou:

— Ah! espera... Lembrou-me agora certo quarto, em que entrei furtivamente, diluido na espessura dos reposteiros, e que será para mim, agora e sempre, entre as primeiras, a primeira das minhas recordações.

— Sim? — perguntei, esmorecido.

— E' verdade. Um quarto... — as suas pupilas fulguraram, os labios tremeram-lhe n'uma crispação nervosa, e a sua physionomia, como a sua voz, irradiaram um brilho e um calôr de incendio. — Um quarto em que havia o perfume de essencias orientaes, o recolhimento mystico das meias penumbras religiosas, quadros com figuras afogadas em sombra, bibelots que mal se definiam no vago crepusculo ambiente — e um leito commodo, de pau santo, sob um docel majestoso que o envolvia com o ar patriarchal de quem abençôa, com o zelo cauteloso de quem esconde. O leito dominava-se através d'uma ponta do docel levantada.

Baixou a voz, não o ouvisse alguem. E a sua voz, d'um calor e d'um brilho cada vez mais vivo, lenta, accentuada, com a vibração propria do crepitar d'um tronco em chammas, communicava-me aos ouvidos, aos impetos estuantes do sangue a tensão irreprimivel da ancia de colher, para lá do mysterio a revelação que, n'este caso, repousava sobre o leito de pau santo, no quebranto flacido das formas adormecidas...

Mas a linguagem — asseverava Damião, agora contristado — não tinha coloridos, nem linhas bem precisas, nem rythmos bem combinados para corresponder ao encanto da sua visão. Só a phrase d'onde brotasse a côr immortal das telas classicas, embebidas de sol e de sonho, só a expressão que reproduzisse o traço seguro do escopro d'um mestre em marmore que fôsse ao mesmo tempo carne, vida e amor, só o verbo fluido e musical como a harmonia do som, poderiam, e quem sabe, mesmo assim? poderiam arrancar do fundo claro da sua memoria esse corpo divino a que o abandono e a calidez da noite desnudaram o busto. Surgindo d'entre as rendas fluctuantes dos lençóes, lembrava a allegoria de Venus a emergir, pagã e sadia, da espuma inquieta das ondas. Do nariz á bocca, bocca sinuosa, com labios como talhados na polpa d'um gômo de laranja; do queixo ao collo, do collo aos peitos arqueados n'uma altivez solemne de ogiva; dos peitos aos braços, que irrompiam, roliços, da alvura das espaduas indo fechar n'uns pulsos quasi infantis, em mãos descarnadas e esguias, ella affirmava vigorosamente o soberano triumpho da curva. Da testa, regular, brunida e serena, cahia-lhe uma madeixa, em espiral, a que o respirar imprimia uma suave palpitação.

Damião era, como disse já, um raio de luz da madrugada. E nunca, como n'esse instante, lamentou não ser o fogo ardente que tudo calcina e funde. Fundindo-a, te-la-

hia absorvido, para que ella, radiosa emanação da belleza recolhida no espirito creador das formas e dos seres, por todo o sempre imprimisse ás fórmas e aos seres a que désse vida, a superioridade das linhas perfeitas. Assim, esse corpo magnifico, mas transitorio que devia ter alvoraçado tantos corações, que tantas almas sensiveis devia ter saturado d'amargura, esse corpo ephemero tornar-se-hia transubstanciada fonte de perpetua perfeição. A um afago seu, da terra semeada brotariam hastes mais esbeltas do que as palmeiras novas e em cada haste as flôres teriam o colorido de labios de mocidade humedecidos no ardor dos beijos. E dos flancos fecundados que lhe recebessem a benção, o influxo, o calôr, os ramos da humanidade, á semelhança dos ramos vegetaes, desentranhar-se-hiam em fructos mais puros do que o pômo de Tentação Onde chegasse o milagre d'um raio luminoso provido da emanação d'essa belleza estranha, esquecer-se-hia, como n'uma região de maravilhas, a existencia remota do disforme e do incorrecto. Não haveria mais aleijados, nem velhos sem amor, nem arbustos retorcidos, n'uma angustia muda e hirta. E tudo o que nascesse sob essa influencia occulta e invisivel, havia de trazer impressa — Damião jurava-o, convictamente — como uma rubrica de origem, a imagem e a similhança de certo signal voluptuoso que lembrava, a negrejar sobre o velludo branco da sua carne, a marca de fogo d'um desejo.

Mas a espiral de cabello, sacudida pelo respirar, agora mais fundo, roçou-lhe as narinas. Toda ella estremeceu, levando a mão, n'um arripio, ás mucosas irritadas. E ao deixar cahir o braço, tocou a ponta erguida do docel, que cahiu tambem e envolveu em penumbra o leito de pau santo.

Elle ainda ouviu um ligeiro murmurio em que se denunciava resaibo dôce de sonho amoroso — e viu-se de repente, sem saber como, surprezo e confuso, n'um outro quarto, com outro perfume e outro leito, longe d'alli.

Era um quarto que conhecia já e de que fôra expulso duas madrugadas antes, á hora em que recolhia d'um baile aquella que o habitava. Esta, agora, dormia. Ia admirá-la em toda a sua opulencia majestosa e desprevenida, n'um ambiente claro, sem reposteiros, sem docel.

Não é sem horror que Damião reconstitue a impressão que lhe deixou essa mulher que dois dias atraz lhe parecera d'uma opulencia nobre de deusa pagã. Porque, sobre o leito, elle viu o mesmo rosto — mas desbotado como uma frontaria velha sem rebôco, emmurchecido como uma folha em adeantado outomno. A bocca, aberta, n'um vinco de cansaço, era vasia como uma jarra sem flôres. E o peito, a descoberto, gretado, raso e descolorido revelava na sua desolação a tristeza funda da vida que nunca amanhecera para os estimulos sagrados do amor.

Fugia, vibrando na intensidade da surpreza, e viu ainda no marmore do banquinho um cópo de crystal com uma dentadura descarnada — e aos pés da cama, entre as rendas das saias e dos corpetes, destacavam dois hemispherios de borracha, redondos, inertes, seccos como seixos...

Foi desde essa madrugada de sensações tão desencontradas que Damião deixou de ser vaga, espuma, luz, para ser apenas e intransigentemente Damião.

Sousa Costa.

NEURASTHENICOS, *fatigados — por excessos de trabalhos — mentaes —* **DEBILITADOS**, *por esforços phisicos e musculares, curam-se com a*

Somatose

em pó ou liquida — (dôce ou secca)

Vende-se

nas pharmacias e drogarias

Rainha de Inglaterra

A actual rainha de Inglaterra e imperatriz das Indias, Victoria Mary, era princesa de Teck e nasceu a 26 de maio de 1867. Foi primeiro noiva do irmão mais velho do presente monarcha, duque de Clarence, que morreu muito novo. E' uma senhora formosa, adorada pelo povo inglez, pelos seus extremos de bondade e pelo carinho com que suaviza o infortunio dos seus subditos para quem a riqueza não foi prodiga.

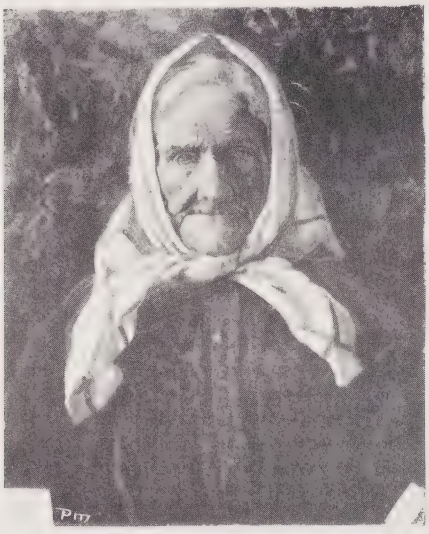
A rainha Mary, logo nos primeiros annos da sua juventude, teve de encarar a serio as responsabilidades da vida. Foi obrigada a dirigir a casa de um pae prodigo; adquiriu com esse encargo precoce maturidade. Essa escola tornou-a uma espôsa seria e digna. O duque de Clarence ao morrer confiou a sua noiva ao irmão. Foi quasi um capitulo de romance esse casamento.

VICTORIA MARY

Bellas Artes

Oitava exposição da Sociedade Nacional

Menos concorrida ainda pelos profissionaes que a anterior. Encontravam-se ali, todavia,



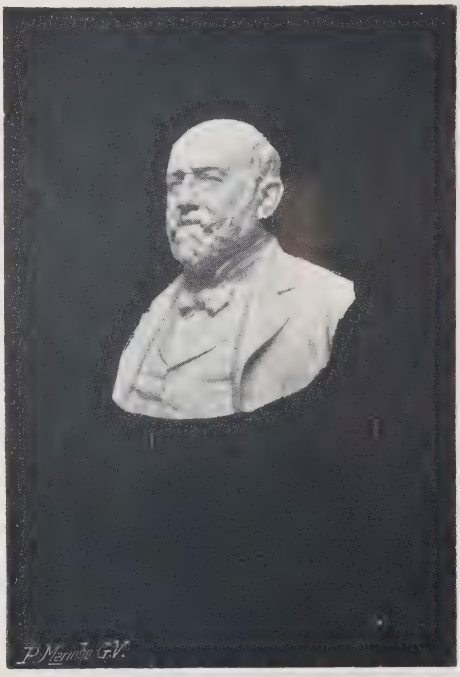
UMA VELHA
(Retrato a oleo de A. Cardozo)

dois bellos retratos de Malhôa, alguns quadrinhos de Velloso Salgado, diversas obras de Souza Pinto, de D. Emilia dos Santos Braga, um

ESTUDO DO NU
(Quadro a oleo de Henrique Franco)

soberbo busto de Costa Motta, aguarellas de Gameiro, e ainda d'outros, de valor e de reputação feita no nosso meio artistico. Columbano, que não concorreu, apresentou, no entanto, varios discipulos seus, os quaes, com as suas obras, não deixaram esquecer o mestre. O mesmo succedeu com Carlos Reis, Antonio Ramalho e Con tantino Fernandes abstiveram-se completamente, com funda pena para quem se interessa por coisas de arte.

Abundaram as amadoras e amadores. Entre tentativas, mais ou menos bem succedidas, con!am-se alguns trabalhos de merito, que nos



BUSTO DO CONDE DE BURNAY
(Por Costa Motta)

consolam um tanto da persistente ausencia dos artistas de nome feito. Se fosse possivel promulgar uma lei que multasse pesadamente esses transfugas!...

* * *

Afora esta exposição houve mais três interessantes. Uma nos armazens Grandella, em que o illustre pintor Thomaz de Mello e uma sua discipula, «Emilia», concorreram com telas de subido merecimento; outra na *Illustração Portugueza* em que o pintor Alberto Silva patenteou quanto aproveitara com a sua estada em Paris; e a terceira no lyceu *Camões*, organizada pelos alumnos, e onde havia alguns estudos denunciadores de approveitaveis vocações e de grandes promessas no futuro.

Simões de Castro

Simões de Castro é um rapaz novo, cheio de vivacidade, de alegria, de faculdades de estudo e de observação. A litteratura tentou-o e n'ella se lançou

impetuosamente, como sempre succede nos verdes annos. Além de duas peças de theatro *A declaração* e *O irremediavel*, escriptas com fogo e intensidade, conta muitos outros trabalhos, todos elles reveladores de um criterio bem orientado e culto.

A nova canhoneira «Beira»

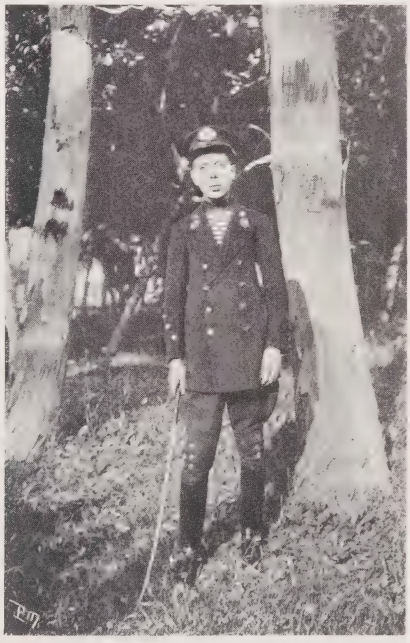
O SEU LANÇAMENTO A AGUA

Concurso hippico

Decorreu no meio da maior animação o concurso hippico que durante uma semana prendeu a attenção de Lisboa. Houve provas magnificas, cavalleiros que se distinguiram pela sua elegancia e pericia e ainda pelos esplendidos animaes

ALFERES JOÃO DE MENDONÇA
1.º *premio de cavallo de apresentação*

que montavam. Terminadas as provas no campo, disputadas por cavalleiros portuguezes e estrangeiros, o *Turf* offereceu um jantar aos dois officiaes hespanhoes que tomaram parte no concurso.



ANTONIO PEREIRA DE CARVALHO
Vencedor das provas disputadas por discipulos

Chronica da moda

A Tetralogia de Wagner e as modas actuaes. — Os revoltados contra a moda. — A necessidade d'uma reacção forte para triumpho das senhoras de bom gôsto. — A diversidade dos aspectos da moda. — As «mousselines» de seda plissadas. — Os crêpes da China. — Os bordados em «dinon» de 1850, transportados para os nossos dias. — O tailleur de sêda azul será uma consagração mundana d'esta época. — Os chapéos. — A moda nas sombrinhas, etc. etc.

O anno passado ouvimos dizer a um dos nossos *habituées*, de S. Carlos, assistindo á grandiosa obra — *a Tetralogia* —:

«Sômos bem desgraçados desde que conhecemos a musica de Wagner!

A maior parte das pessoas não a comprehendem, ficam como que esmagadas por esta grandeza extraordinaria, e comtudo, essa onda de belleza colossal veio-nos relembrar com saudade, as nossas queridas cavatinas d'outr'ora, que hoje se tornaram insupportaveis, e até mesmo os bailados que perderam aquelle *charme* com que nos deleitavamos, batendo o compasso nas passagens mais familiares e que fizeram a fortuna dos orgãos e realejos da *Barbarie*...

Somos bem desgraçados!»

Não acham as nossas queridas leitoras que este capricho — do qual deixamos toda a responsabilidade ao seu auctor e que tanto diz respeito á admiravel revelação musical do *demi-siècle*, desde a apparição do Tristão e a Tetralogia — póde applicar-se a varios assumptos?

Ha coisas que nos encantam durante muito tempo; ha modas que surgem não nos seduzindo de repente, mas influenciando-nos; e, d'um momento para o outro, queimamos os nossos idolos da vespera — sem comtudo nos sentirmos ainda bastante encantados para os podermos substituir — e eis-nos num periodo de amargura infinita!

Pois bem: neste momento as modas fazem-nos sentir essa amargura:

Toda a gente as discute, e estamos convencidas que no fundo, nenhuma mulher as achará talvez bonitas. Se interrogassem vinte pessoas numa sala, dezanove revoltar-se-iam contra as saias *entravées*, tão apertadas que mal se poderá dançar, andar, descer d'um trem, subir ou descer uma escada; contra as *jaquettes* tão curtas, tão sem elegancia, que fazem lembrar uma simples *matinée;* contra os chapéos, parecendo umas alcôfas ou uns capacetes de *scaphandros*, não falando nos que, pelas suas dimensões, em largura, tornam impossivel o uso das sombrinhas e guarda chuvas; revoltar-se-iam ainda sobre as *toilettes* de noite, que são tão curtas, tão apertadas, tão estranguladas que, mesmo custando alguns centos de mil réis, teem a apparencia de insignificantes vestidinhos, sem luxo, e o seu *chic* não chega a ver-se senão em pequenos detalhes de guarnições, que um profano, mal poderá distinguir. Emfim toda a gente critica... e se se pensa em reagir, usando uma saia moderada, uma *jaquette* de comprimento rasoavel, um chapéo que fique bem e uma toilette de noite com saia comprida, harmoniosamente *drapprée* num tecido macio — *chatoyant* — arriscamo-nos a dar a impressão de não sabermos acompanhar a moda... e a sentirmo-nos *démodées!*...

Seria muito triste se isto continuasse; mas parece estarmos finalmente chegados ao extremo. E' preciso unirmo-nos, porque a união faz a força, afim de que tenhamos uma grande energia para o movimento de reação ser completo e triumpharem então as mulheres de bom gosto, que, graças a Deus, ainda são em grande numero...

Para isto se conseguir, conservando no emtanto todas as modas actuaes, bastaria sómente attenuar os pontos de exaggero que chegam ao ridiculo.

Ha tambem o lado consolador que põe termo a certos caprichos:

E' que as modas tem uma tal diversidade de aspectos que se lhes podem applicar maravilhosas audacias, completamente contrarias ás tendencias geraes. E' assim que ao lado de saias d'um metro e vinte de largo, se vêem reapparecer, recentemente, as saias plissádas tendo sete a oito metros de largura, mas conservando sempre e impressão direita a *silhouette affinée*, condição *sine qua-non* da elegancia.

* * *

As *mousselines* de seda plissádas acharam tambem nas tunicas, uma encantadora occasião de se manifestarem.

Citaremos por exemplo um modelo delicioso, que constituiu uma das mais primorosas *toilettes* que sahiram da casa de modas, Paris em Lisboa, casa que todos nós conhecemos pela sua justificadissima fama de elegancia e de bom gosto: A tunica direita, plissáda em sobrepliz, accentuava assim duplamente o seu nome de tunica de «menino de côro», feita em *mousseline* de seda côr de rosa, bordada, d'uma larga renda de *maline*, assentando sobre uma saia egualmente plissáda em *mousseline* cereja apanhada em baixo e fazendo effeito da banda de *charmeuse* que segura a bainha. O *empiecement* ligeiramente *échancré* da tunica e a parte de baixo das mangas, em meio comprimento, eram em renda *maline*, formando, junto ao pescoço, uma delicada e graciosa *collerete* muitissimo bem indicada para este vestido lindo de fórma e tonalidade.

A côr de cereja, transparecendo a côr de rosa da tunica, dava a mais agradavel e esplendida combinação.

* * *

Os crepes de China *(tussor)* são, entre todos os tecidos de verão, os mais usados, em côres claras, como azul pastel, côr de carne, verde nilo, são d'uma grande frescura de tons e

TRAJES DE PASSEIO

Senhoras anemicas, creanças pallidas e sem appetite, recuperam a suade e augmentam o peso do corpo, tomando **SOMATOSE.**

guarnecem-se de barras de *taffetás* do tom do fundo; por exemplo, num vestido azul claro com ligeiros desenhos, feito em duas saias, a tunica muito comprida, deixa ó ver vinte centimetros da saia de baixo, d um azul mais escuro que o tecido desenhado; esta tunica embainhada com uma barra de *taffettá* azul, bordado com um cordão grosso, é aberta debaixo do braço, á judia, e guarnecida da mesma barra bordada, deixando ver por uma abertura ao lado, o vestido de baixo; uma pequena *guimpe* interior em *linon* antigo, completa es e conjuncto de *toilette* para menina.

Encontraremos de resto, alliadas a muitas combinações estes finos bordados em *linon* que por si só puzeram uma nota de graça nas modas de 1850, que ha tanto tempo estavam abandonadas.

Hoje são procuradas com enthusiasmo e o seu archaismo é um ponto seguro de successo para as frescas e lindas toilettes de verão.

Sobre estes tecidos, applicam-se com o maior apuro de elegancia e bom gosto, as tunicas duplas e as simples tunicas em *mousselines* de seda. A dupla tunica tem qualquer coisa de mais *recherché* e, apesar d'estas sobreposições dos tecidos, é necessario em absoluto que a linha fique sempre delgada; concebe-se tambem que haja obras primas de talhe que por si só revelam a mão d'um mestre que sabe dar á *toilette* uma nota de elegancia desusada e particular.

Segundo se quer aclarar ou escurecer a tonalidade geral, a *mousseline* de seda deve ser do tom do fundo ou do tom do desenho: sobre os *foulards* ou crepes da *China (tussor)* — com fundo branco e desenhos pretos, póde ser velada de mousseline de seda preta, verde esmeralda, ou azul saxe; estas combinações dão effeitos de tons verdadeiramente lindos e novos; uma barra de *charmeuse*, do mesmo tom, com o competente forro de lan para o tornar pesado e cahir bem como se deseja.

Esta indicação a proposito das tunicas de *chiffon* de seda em azul saxe é que nós aconselhamos com prazer, repetindo mais uma vez que será esta côr uma das mais queridas e predilectas da estação. O seu successo no emtanto excederá a espectativa geral.

O *tailleur* de seda azul *(moirée)* será das maiores consagrações mundanas e a toilette preferida das nossas elegantes.

Em todos os tons naturaes ha sempre uma distincção pratica da melhor ligação e a côr crua allia-se maravilhosamente aos bordados de *linon* do mesmo tom, para se fazer o corpo — blusa — Esta semilhança de côr póde permittir mesmo esta inovação; os casacos sem mangas substituidas pelas da blusa.

Já demonstramos o nosso pouco apreço pelo chapéo *bonet* turco; no emtanto alguns ha que, inspirados nesta fórma, modificando-a, chegam a fazer encantadoras toques em palha leve, entremeadas de fitas de *moirée*, que na realidade são lindas; outros em tule guarnecidos d'aigrettes de dois tons. *O dérnier cri* são estas *aigrettes* matisadas, metade de côr mais escura e a outra metade mais clara, ou o contrario, acabando em preto: côr de rosa e beije, roxa e amethysta, branco e preto, eis as combinações mais apreciadas. Quanto ás plumas ha tambem uma inovação; ás plumas *tigrees*, quero dizer *tachetes* d'uma tinta mais escura que a das plumas, em branco e preto, cinzento em dois tons, dá-se-lhes o nome de pluma *chinchilla;* são muito elegantes e consideradas *chics*.

* * *

A moda nas sombrinhas acompanha o movimento dos vestidos. São deliciosas e maravilhosamente frageis. Poderão servir para tudo menos, para tirar o sol, pela leveza e transparencia dos seus tecidos. Outra particularidade que se distingue nellas é a altura dos cabos, que medem um metro e vinte centimetros e são em madeira da *Ilha*, ou em junco, substituindo *le pommeau* por uma graciosa caixa para pós de arroz, ou o indispensavel frasco para saes. Temos inumeros modelos a que as nossas leitoras poderão apreciar a divertida novidade e perfeita elegancia.

* * *

Na nossa estampa, a primeira figura representa um vestido desenhado em cambraia branca fina sobre a qual são introduzidas barras estreitas de bordado depio em fundo de azul de fumo. O chapéo é preto ornamentado com ave de paraiso.

A segunda figura mostra um trajo a debrum largo de setim que entrou outra vez na moda. O traje é de *petit drap* em tom delicado de ouro velho com a beira e parte do corsage de «aeolienne» preto. O chapéo é de ouro velho escuro guarnecido com grandes ramalhetes de margaridas em tons de verde pallido.

* * *

Para o proximo numero trataremos da *écharpes* e agasalhos de verão.

Na Escola Academica

EXERCICIOS DE GYMNASTICA SUECA

«Contos de março»

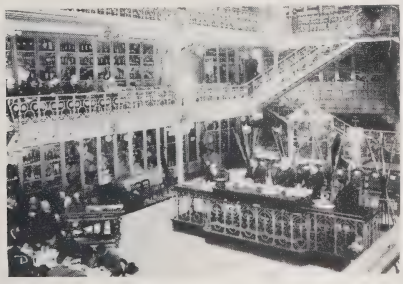
Os *Serões* prestam n'este numero homenagem, embora tardia, ao primoroso auctor dos *Contos de março*. Essas lendas, esses sonhos,

LUIS DA CAMARA REYS

esses amores, essas ironias, escriptas em linguagem san, quente, com requintes de galharda gentileza, leem-se de um trago e deixam após si uma deliciosa fragrancia de juventude e de poesia.

Congresso nacional

Um dos acontecimentos de sensação do mez foi a realização do Congresso Nacional na sala Portugal, da Sociedade de Geographia. Discu-



MESA DA PRESIDENCIA

tiram-se ali assumptos que muito interessam a nossa vida social. Estas reuniões offerecem vantagens serias em muitos pontos de vista.

Concurso pecuario

Foi em extremo concorrida a exposição de vaccas leiteiras no Campo Grande. Exhibiram-se ali esplendidos exemplares, portuguezes e estrangeiros. El-rei e o principe real estiveram examinando detidamente os especimens expostos. Dias depois foram distribuidos por

GRUPO DE VACCAS HOLLANDEZAS

Sua Magestade os premios na sede da Real Associação de Agricultura, seguido de um jantar a que presidiu o sr. ministro das Obras Publicas, conselheiro Moreira Junior.

«Á margem do codigo»

D'entre os modernos dramaturgos, um dos que com maior facilidade e mais retumbantemente triumphou, foi Luiz Barreto da Cruz

LUIZ BARRETO DA CRUZ

com a sua magnifica peça *A' margem do codigo*. Revelou-se n'ella um comediographo de talento e um psychologo de intensa e madura observação. *A' margem do codigo* não é só uma peça para se ver e applaudir, é tambem uma obra litteraria digna de leitura e de ponderação.

Theatros

D. Amelia. — Como os demais annos, foi recebida com bastante enthusiasmo, a estreia da companhia de zarzuela, tendo por principal figura, no elemento feminino, a *tiple* Pilar Marti, a quem o publico dispensou estrondosas ovações.

E' notoria a predilecção do nosso povo por este genero de theatro, que com os seus bailados e estonteantes *seguidillas*, provoca sempre frémitos de applausos e transmitte á platéa uma nota alegre, como é raro ver-se em outros espectaculos. A musica viva e saltitante, com aquelle tic hespanhol, harmonizada com pandeirêtas, castanholas e requebros musicaes que nenhuma como a mulher hespanhola, sabe acompanhar n'uma voluptuosidade e ondulações de linhas graciosas e suggestivas, tem, entre nós, um elevado numero de adeptos e consegue aquecer o publico; de fórma, que estas recitas despertam sempre a curiosidade e dão ao theatro um aspecto festivo, que dispõe bem o espectador mais semsaborão. E, em bôa verdade, se Zacconi, o celebre tragico italiano, attrae e empolga pela sua sublime arte de representar, Pilar Marti, prende e arrebata pela sua vivacidade e desenvoltura galante, e a sua arte tem egualmente os seus encantos e as suas seducções. E' a segunda feição porque se encara o theatro; para uns, elle deve applicar-se ao util e dar-nos qualquer coisa que possa servir de estudo e proveito o, — uma lição moral, um exemplo para a vida pratica; para outros, o theatro deve unicamente visar o recreio de espirito; ser coi a passageira que desappareça da retina ao cahir do panno, deixando apenas a recordação d'umas horas bem passadas.

Rir é o lemma para alguns, o theatro é para divertir e nada mais.

Não vem agora para o caso discutir uma ou outra d'estas opiniões, e sim dar cumprimento á nossa missão de informar os nossos amaveis leitores, um pouco resumidamente, porque assim nos impõe o espaço de que podêmos dispôr, do que ha passado pela ribalta dos nossos theatros.

Das zarzuelas já nossas conhecidas, alcançaram novo successo: — *El trebol*, *El santo de la Izidra*, *Los africanista*, *La revoltosa*, *El pobre Valbuena*, *Enseñanza libre*, *Sangre Moza*, *Las Bribonas*, *Verbena de la Paloma*, *La gatita blanca*, *Alegria de la Huerta*, etc., zarzuelas que se impõem pela graça do entrêcho e musica de inspirada melodiá; das novas ha a citar: — *Camisaria*, de Alvarez e Tirado, musica de Lleo, que pertence ao numero das mais felizes, pois que, aproveita com valôr a nota caracteristica das do seu genero: muitas canções bailados e espirito em barda. — *Los hombres alegres*, de Peso y Abati, peça de triumpho seguro, enredo com certa novidade, dialogo vivo e bem manejado, muita graça e numeros de musica de bello effeito. — *La alegria del batallon*, de Arniches e Quintana, peça militar, como o titulo indica; n'ella se entrelaçam as situações comicas, que provocam a franca gargalhada, com outras sentimentaes, dando assim uma variante de côres, que bastante a recommendam. A musica de Serrano está bem orchestrada, sae mesmo do vulgar no genero, o que tudo demonstra haver razão no successo que obteve em Hespanha. — *Ese es mi armanito*, de Monis e Domingues, como na *Camisaria*, exhibe uns typos comicos e caracteristicos; escripta n'umas horas de bom humor, prehenche bem o fim a que se propõe, pois que, obriga a rir o menos expansivo dos mortaes; a musica de Foglietti é alegre e de agradavel audição, contraste frisante com a de *El club de las solteras*, do mesmo auctor, que pela cadencia e estylo não obteve egual agrado. Esta zarzuela original dos laureados escriptores Arniche e Garcia Alvarez, não é tambem das suas melhores obras, o que não quer dizer, que não tenha scenas aproveitaveis e numeros de musica, como por exemplo, o da valsa, que o publico com justiça palmeou. — *Toros en Aranjuez*, é o que se chama, uma farça engraçadissima uma serie de trapalhadas, uma successão de episodios comicos que fazem rir, quem mesmo não queira.

Sem duvida, Camaño e Soler foram muito felizes porque o espirito é realmente ás mãos cheia .

Para complemento d'esta nossa noticia dirêmos tambem que a companhia era de primeira ordem, possuindo bons elementos, de maneira a só termos que elogiar o desempenho de todas as peças enumeradas.

Pilar Marti, Amalia Campos, Dolores Cortêz, Latorre, Bodalo, Hervas, Lamas, etc., são artistas de valor que, no genero — zarzuelas — teem logar d'honra.

Trindade. — A revista *A's armas!* orignal dos srs. Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, que no theatro Carlos Alberto, do Porto, contou 72 representações, teve egualmente, em Lisboa, um lisongeiro acolhimento, o que é mais para notar, visto a peça visar, em especial, factos passados n'aquella cidade, e portanto na maioria, desconhecidos do publico da capital.

Não é presentemente, tarefa facil fazer uma revista, com os requisitos que o genero exige, e que agrade, como succedia, ha uns annos; as mutilações do lapis azul tira-lhe por completo todo o seu sainête, de que temos um exemplo frisante na revista *O Tim-tim*, do sr. Sousa Bastos, comparando a primeira serie de recitas que ella deu no theatro da Rua dos Condes, com as que vieram depois. Nem o proprio Alfredo de Carvalho, no papel de *Lucas* conseguiu sustentar o mesmo agrado de *compère*. E já pelo elevado numero de revistas, já pela falta de critica desassombrada e imparcial dos factos, e abuso da pornographia. certo é, que as d'hoje pecam pela ausencia de novidade, graça e valôr critico, dando em resultado a sua decadencia, o que leva a suppôr a sua desapparição, em época não muito remota, com que francamente, todos havemos de lucrar.

Em tempos antigos, a revista, uma unica por anno, constituia um prato agradavel e dava

bôas enchentes; hoje, em geral, umas cem por anno, aborrecem e, o que é mais, algumas na linguagem vão um pouco além do toleravel em theatro. As *piadas*, chamemos-lhes assim, com o *double-sens*, toleram-se, mas a linguagem desbragada que se ouve actualmente, pelos nossos palcos, é que precisa um travão forte, de effeito radical. Graça pornographica qualquer a tem, o difficil é precisamente o contrario; por isso, por causa d'essa incomprehensivel tolerancia, é que o numero dos nossos comediographos augmenta de dia para dia.

Não tem, porém, em absoluto, este segundo defeito, a revista *A's Armas*, a que vimos de nos referir, e crêmos mesmo, que os ditos mais asperos que a peça tem, veem do numero de representações. O 3.º acto, em especial, é bom cem applauso. Se *O arco da velha*, não fosse já a nôna ou decima d'este anno, tinha obtido um exito muito superior ao que teve na sua *première*. Que precisava uns cortes, é verdade, mas que a par d'uns pequenos *senões*, tem muita coisa aproveitavel, tambem é uma verdade, e comtudo, rapida foi a bôa impressão e quasi despercebida passou a critica em alguns dos quadros, como no que tem por titulo *Madame d'Embrulhar*. Estão os seus três actos polvilhados de bastante graça, sem pimenta em demasia, e o desempenho muito para elogiar tratando-se para mais, de artistas pouco habituados ao genero, excepção feita á actriz Mercedes Blasco; assim temos: Telmo no *compère*, que tirou todo o partido do papel; Cardoso em diversas *rabulas*, bem como, Alegrim, Monteiro, Gil, Julio Candeira, Miguel Pereira, Vieira Marques e Brandão; Mercedes, Rosa d'Andrade e Jesuina que deram um optimo conjunto, merecendo os applausos que o publico lhes dispensou.

THEATRO DA RUA DOS CONDES — *A herança da fada* (2.º acto)

e tem novidade, sendo o quadro *No bazar dos tres vintens*, o de melhor effeito.

O desempenho a cargo de Ernesto Portulez, Mattos, Julio Guimarães, Delfina Victor, Maria Pinto, Marietta Mariz, Albertina d'Oliveira, etc. é bom; muito cuidada a enscenação de Portulez e tem bellos numeros a musica de Manoel Benjamim e Paschoal Pereira.

E passamos ao

Gymnasio. — Mais uma revista *O arco da velha*, original dos srs. Xavier da Silva e João Bastos, com musica dos mae tros Alfredo Mantua e Wenceslau Pinto; e quer acreditem, quer não, succede com estas peças, o mesmo que acontece com o melhor manjar — de muito repetido... enjôa.

O prejuizo é manifesto, pois que, dá como resultado não serem devidamente apreciadas algumas das revistas, que, sem duvida, merecem.

Justo é uma referencia especial á actriz Alda de Aguiar, que dia á dia, progride de fórma accentuada, e ao scenographo Luiz Salvador que apresentou uns bellos trabalhos.

Rua dos Condes. — D'esta vez o popular theatro da Rua dos Condes, inaugurou a época de verão, com uma magica *A herança da fada*, arreglo de Celestino da Silva e musica de Luiz Junior; e bem andou, fazendo reviver, como ha duas épocas, o theatro da Trindade, essas peças, de tanto apreço para os nossos avós, e nas quaes a phantasia pode correr pelo tablado do palco, de mãos dadas com a graça e esplendor de guarda-roupa e scenographia, recreando

o espirito, sem pedir favores á logica e desculpas ao lapis das... mutilações. Já tambem tiveram as magicas a sua época, appareciam como os cogumelos, não havendo theatro de feira que não levasse á scena, uma magica nova, por noite; era um inferno; mas tamanho foi o esfalfamento, que ha uns bons trinta e tantos e annos, fugiram dos cartazes. O mesmo ha de succeder ás revistas; mas antes estas do que ellas, e por maior razão, pelo cuidado com que eram escriptas, podendo todo o chefe de familia, sem receio, levar ao theatro as suas esposas e filhas, o que não succede hoje, infelizmente.

A magica *A herança da fada*, recente-se da falta de habito, no presente, para esses trabalhos, não deixando, porém, de haver agradado e ter o publico palmeado interpretes e auctores, sem esquecer os scenographos José d'Almeida, Venancio e Luiz Salvador.

Principe Real. — Com um novo quadro intitulado, *O hotel do Lagarto*, continúa dando boas casas, a revista *Sol e Sombra*, que no Porto não foi recebida, como em Lisboa. O quadro, novo tem realmente, graça, está bem architectado, cabendo louvores aos artistas, Gomes, Gentil, Lopes, Lucinda, Julia Mendes, Emilia Romo e Isabel Ferreira que o interpretaram muito bem.

H. O.

Bodas de diamante do «Açoriano Oriental»

COMMISSÃO INICIADORA DA CELEBRAÇÃO DO 75.º ANNIVERSARIO DO «AÇORIANO ORIENTAL» EM PONTA DELGADA

Da esquerda para a direita: Em pé: *Annibal Bicudo, collaborador do «Diario dos Açores»; Francisco Manuel Bicudo Corrêa, representante da «Persuasão»; Padre Manuel Vicente, representante d'«O Autonomico»; Alfredo da Camara, d'rector d'«O Reporter»; D. Maria Evelina de Sousa, redactora da «Revista Pedagogica»; Jacintho Leite do Canto Pacheco, representante da «Gazeta da Relação»; Padre Herculano Romão Ferreira, representante do «San Miguel»; Manuel Rezende Carreiro, do «Diario dos Açores».*

Sentados: *Manuel Pereira de Lacerda, director do «Diario dos Açores»; D. Alice Moderno, redactora d'«A Folha».*

«O pintor Nuno Gonçalves»

Os nomes do dr. José de Figueiredo e de Luciano Freire andam na bocca de toda a gente que em Portugal e no estrangeiro se interes-

DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO

sam pela arte nacional. E, na realidade, nunca homenagem d'este genero foi mais merecida. Ambos são dois benemeritos. Um, o dr. José de Figueiredo, auctorizado critico de arte, enthusiasta por tudo quanto significa ar e, es-

LUCIANO FREIRE

creveu um livro, que tem tanto de erudito e de attrahente, como de util e de sensatamente orientado.

Outro, Luciano Freire, pintor conhecido e admirado, restaurou com rara probidade e acêrto as obras do seu celebre collega do seculo XV, Nuno Gonçalves.

«Italia»

Justino de Montalvão é hoje um dos nossos mais scintillantes prosadores. O seu recente livro *Italia* representa mais uma demonstração do brilho do seu estylo artisticamente facetado, a acuidade da sua minuciosa observação, o carinho e certeza da sua pupilla sempre avida de de cobrir bellezas e novidades. Justino de Montalvão fixou na sua bella obra um grupo das mais lindas paisagens italianas, e, a sua penna e a sua arte não são inferiores ao pincel e á arte de qualquer dos grandes artistas que teem tratado da Italia.

JUSTINO DE MONTALVÃO

Azulejos artisticos

Jorge Colaço expoz no mez de junho, no seu confortavel *atelier*, uma porção de *panneaux*. Quasi todos tratam de assumptos historicos, taes como a *Tomada de Ceuta*, o *Combate dos Arcos de Valle de Vez*, o episodio de *Guzman, el sereno, etc.*, além de incidentes de caça, scenas da vida do Douro, e um soberbo retrato

JORGE COLAÇO

da extincta duqueza de Palmella. Estes trabalhos confirmam todos que o talento de Jorge Colaço n'esta difficilima especialidade attingiu um elevadissimo grau de perfeição.

Redacção do «Diario de Noticias»

REDACTORES EFFECTIVOS E DEMAIS PESSOAL DA REDACÇÃO

Bibliographia

A Atlantida. — O reverendo J. A. Gomes Ribeiro, professor do collegio de Campolide, traduziu o celebre poema catalão *A Atlantida.* A traducção é trabalho de pôlpa, estudado com toda a attenção e realizado com me.tria.

La littérature portugaise. — João de Barros, espirito estudioso e dos mais lucidos da moderna geração, publicou ha pouco tempo uma excellente obra com esse titulo. Muito bem feito, escripto com grande sobriedade, compara a litteratura portugueza com as suas congéneres estrangeiras; trata da sua evolução; do lyrismo e dos principaes representantes d'essa escola; do romantismo, do naturalismo, do symbolismo e do movimento idealista contemporaneo. E' um estudo completo e digno de ser devidamente apreciado.

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

Musica dos "Serões"

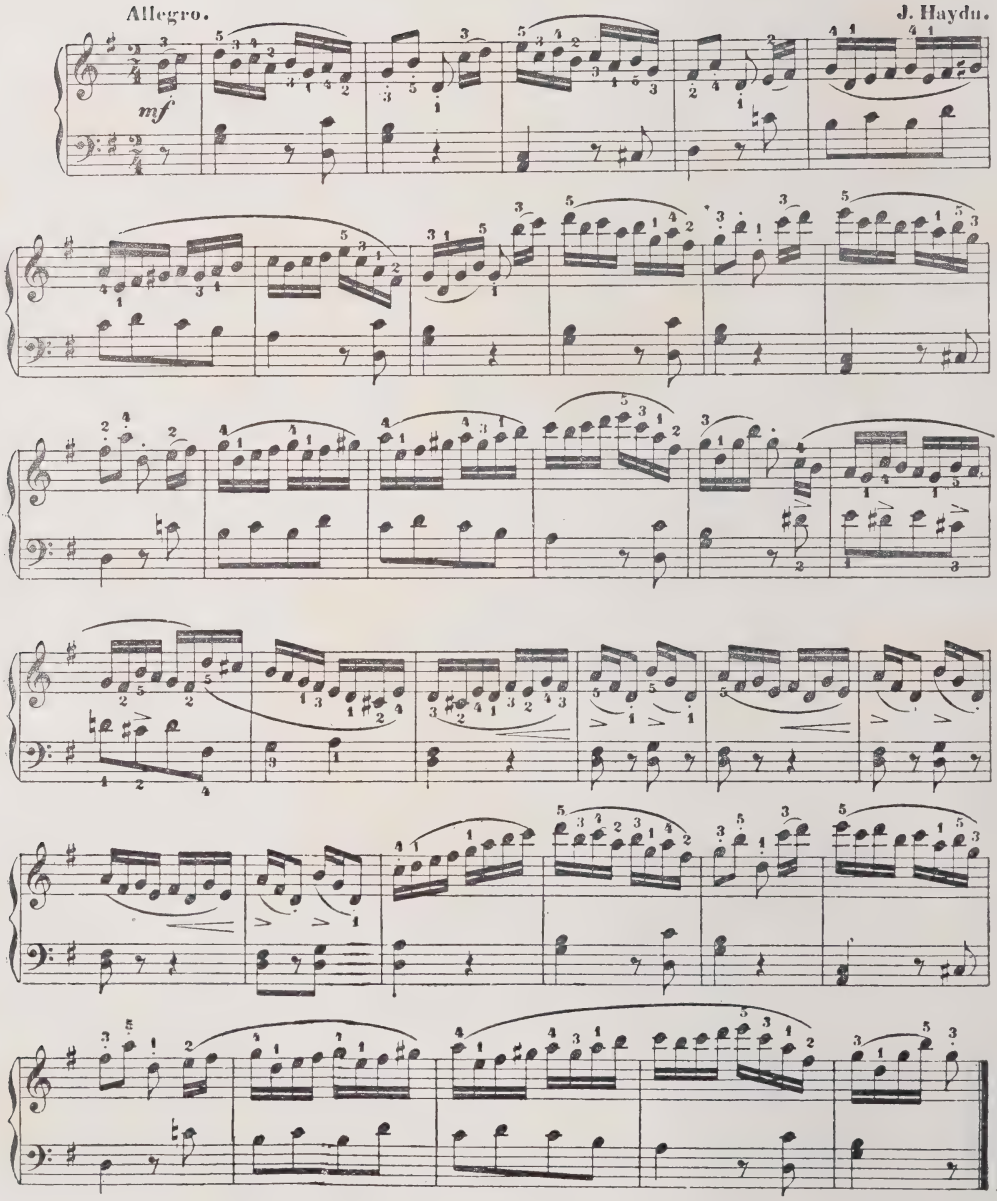
RONDÓ

MUSICA

DE

J. HAYDN

Rondó



SERÕES

BRINDE

UMA VIAGEM A PARIS

(Ida e volta em 1.ª classe, partida de Lisboa), em época á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente, como em 1909.

BRINDE MENSAL A TODOS OS LEITORES

Pela apresentação de BONUS publicados em cada numero

descontos em varios estabelecimentos sobre as compras effectuadas

GRANDE VANTAGEM AOS ASSIGNANTES

Desejosa a administração dos **SERÕES** de reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar-lhes o completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — **a todos que assignarem a revista SERÕES por periodo não inferior a um semestre —,** o adquirir um qualquer volume publicado ou todos os treze, com um desconto de 50 %, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) **600 réis** ou, ainda, **1$000 réis,** lindamente encadernado em capas de luxo.

O preço da assignatura dos **SERÕES** é:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Numero avulso, 200 réis

ANNUNCIOS

A administração dos **SERÕES,** revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos **SERÕES,** nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios,** que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante.

Administração dos SERÕES — 30, Praça dos Restauradores (Palacio Foz), 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, ulagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, picadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, té qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas, nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas a manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, fridas, crostas, assamentos;
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

Blenol - Lindacutis - Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Da linda fgnez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SERÕES

N.º 62 — Agosto 1910

Assignatura { Semestre.. 1$200 / Anno ..... 2$200
Numero avulso 200

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial

CASTELLO DE OBIDOS

Cliché de Jorge de Almeida Lima

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

A MAIOR E MAIS IMPORTANTE

FABRICA PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construcção de pontes, vigamentos e estructuras metallicas, fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR

MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUCÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES

Alfaias e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos

SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero de machinas

Materias primas e manufacturadas para as industrias

ESCRIPTORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE

N. 256 — BELEM

Telegrammas

Santamaro

LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente

AVENIDA DE D. CARLOS

E

RUA VASCO DA GAMA

LISBOA

A ILLUSTRADORA L. DO C. 17. LISBOA

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

Pag.

UMA FEIRA EM TORRES NOVAS — Quadro de Carlos Reis
(Frontispicio) 82

ARREDORES PITTORESCOS DE LISBOA
(7 illustrações e 1 vinheta) por Victor Ribeiro 83

A FALA DAS COISAS *(Versos)* de João de Lebre e Lima 88

HISTORIA D'AMOR DE LANCELOT E GENOVEVA
(3 illustrações) traducção de B. de Salles 89

EVOLUÇÃO *(Versos)* de M. Nobre de Mello 93

O CASAMENTO NOS DIVERSOS POVOS E PERANTE A HISTORIA
(7 illustrações) por Carneiro de Moura 94

UMA VAIDADE *(Versos)* dé J. Regalla 100

O TENTO VERMELHO
(2 illustrações e 1 vinheta) versão do inglez por Manuel de Macedo 101

ANTHERO *(Versos)* de Felix Horta 106

DO TEJO Á GIRONDA
(7 illustrações) por Manoel de Sousa Pinto 107

OS MARTYRES
(1 vinheta) versão de Alexandre Fontes 115

TORQUATO TASSO E METASTASIO
(10 illustrações e 1 vinheta) compilado por Eduardo de Noronha 120

OS NOCTIVAGOS DE LISBOA
(5 illustrações) por José Soares 131

SALAMANCA *(Versos)* de Manuel Eugenio Massa 136

MACAU
(4 illustrações e 1 vinheta) por Arthur Lobo d'Avila 138

O CASTELLO DE BELMONTE
(5 illustrações) por Hippolyto Raposo 143

BAPTISMO DO SOL *(Versos)* de D. Maria de Castro 148

BIBLIOGRAPHIA 149

ECCOS E REFLEXOS
(22 illustrações) 150

A MUSICA DOS SERÕES

MARCHA FUNEBRE, de Fr. Chopin . . . . . 2 pag.

A Quebradura curada

Vê V. este pedreiro fechando a abertura nesta parede?

E' essa a fórma porque eu curo a quebradura. Enchendo a abertura com material novo e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura numa parede, a parede de musculo que protege os intestinos e outros orgãos internos. E' quasi tão facil curar uma ferida ou rotura neste musculo como em um braço ou mão.

Comtudo esta rotura não é talvez maior que a cabeça de um dedo.

Mas e sufficientemente grande para deixar que os intestinos passem através. E' claro que isto não póde cicatrizar sem que a natureza seja auxiliada.

E é isso precisamente o que o meu methodo faz. Permitte-lhe a V. reter a protusão dentro da parede no seu mesmo sitio.

Depois dou a V. um Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da pelle até aos bordos da abertura e remove o annel calloso que se tem formado ao redor da rotura.

Então começa o processo de cicatrização. A natureza livre já do instestino saído e do annel calloso da abertura, e estimulada pela acção do Lymphol deita uma porção de lympha e a abertura é outra vez occupada com novo musculo.

Não é isto simples? Não é isto razoavel? Tenho provado os seus meritos em milhares de casos. Proval-o-hei a qualquer herniado que me envie o seu nome.

Escreva-me V. indicando o numero a que corresponde o seu caso e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita do meu Desenvolvente Lymphol e um livro lindamente illustrado ácêrca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me envie V. dinheiro. Só o seu nome e endereço.

Wm. S. RICE, R. S. Ltd.,

(ESPECIALISTAS)

(G. P. O. Box n.º 5) (Depot.º S. 351), 8 & 9, STONECUTTER ST.,

LONDRES, E. C., INGLATERRA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

Caldeira Pires

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quarteis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas differentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3$000 réis

Colladas em panno, envernisada, com reguas de madeira **5$000 réis**

PROPRIEDADE E DEPOSITO GERAL

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de agosto de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer encommenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.ª

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de agosto de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar nos espectaculos realisados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de agosto de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de agosto de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de **10 por 100**

durante o mez de agosto de 1910.

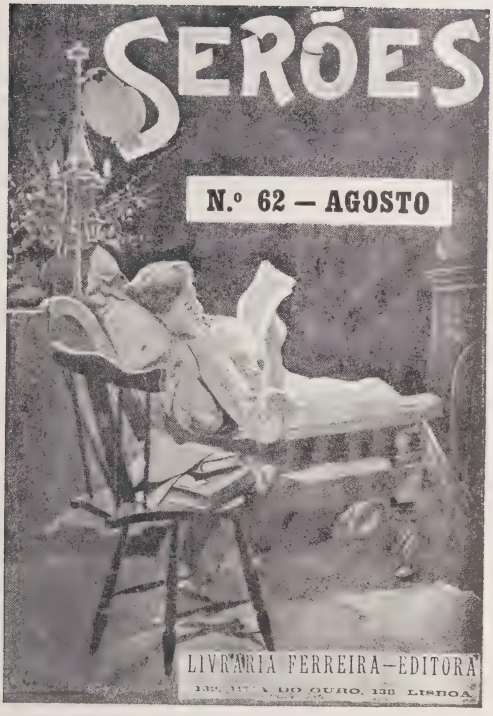
Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de agosto de 1910.


SERÕES
N.º 62 — AGOSTO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
DO OURO, 138 LISBOA

Uma feira em Torres Novas—*Quadro de Carlos Reis*

Arredores pittorescos de Lisboa

Linda-a-Velha — Carnaxide — Senhora da Rocha á Cruz Quebrada

Por meio das extensas e aridas lombadas da serra do Monsanto e dos campos desarborizados que se extendem em volta da linda cidade do Tejo, a norte e a poente d'ella, surgem de longe em longe uns pequenos oasis, formosos e pittorescos, onde a arvore vetusta, o choupo de folhas ondulantes ao sopro da viração, uma ou outra quinta de vicejantes e frondosas sombras, um regato, uma fonte, uma aldeola, põem na paizagem, em geral desoladora e triste, uma nota encantadora, pittoresca e poetica.

Assim vemos em varios recantinhos da escalvada serra e de suas dependencias a quinta e sitio de Queluz, o logarejo de São Domingos de Bemfica, a quinta e fonte da Pimenteira, o logarsito do Monsanto, e nas faldas occidentaes essa encantadora curva que vae de Algés, até ao alto de Linda-a-Velha, desce pelo pendor opposto até ao valle do Jamor, á ponte de Carnaxide, ao jardimsinho florido da Senhora da Rocha, e depois por uma estrada que rodeia o valle, pela deliciosa Linda-a-Pastora, que se reclina n'um amphiteatro ridente, até ás sombras amenas da Cruz Quebrada, na Avenida Thomaz Ribeiro.

Quem partindo de Algés, toma em direitura a seus cabeços e outeiros arredondados, em que veem esbater-se até ao rio, as grandes massas basalticas do Monsanto, e sobe da ribeira de Algés, ensombrada junto á antiga ponte de 1608, por arvores annosas, ulmos de copa densa verdenegra, entra pela estrada da Maruja, outeiro acima, até chegar á bella povoação de Linda-a-Velha.

A estrada é boa, alegre, soalheira, sem uma arvore, subindo sempre, até se deparar, á esquerda do caminho, com a pequena ermida e o seu adro, onde se realisa todos os annos pittoresco e animado arraial. Junto á ermida, em umas casas contiguas, encontra o visitante a casa da antiga fabricante de bolos, aquella bôa e agradavel velhinha, sempre affavel e risonha, que offerecia á numerosa freguezia que ainda hoje alli acode, a pé, de trem, de automovel, os seus bolos de amor, os pães de ló incomparaveis e mil outros productos da sua confeitaria.

A industria fabril assentou arraiaes na

pittoresca aldeola, e as fabricas de camisas de Pereira da Costa alli vieram estabelecer-se ha já muitos annos.

PONTE E CRUZEIRO DA CRUZ QUEBRADA

Chegado o passeante ao alto d'este cabeço, mal transpõe o fim do pequenino povoado, que panorama surprehendente se lhe depára! E' um vasto horizonte, coroado ao longe pelos cabeços e lombas escalvadas, que vão até Outorella, Queijas, Alfragide e Queluz. Mas, ao fundo, patenteia-se em harmonioso e simples amphiteatro a formosa Linda-a-Pastora; á direita, na quebrada do valle, a povoação de Carnaxide; em baixo, o curso sinuoso do Jamor, que no verão é quasi enxuto e pantanoso, serpeando entre arvores e quintas magnificas, como as da Graça e do Rodizio, coroado por pontes singelas e velhas, e no meio a grande egreja nova da Senhora da Rocha, com sua fonte de magnifica agua, e jardimsinho tão sorridente e ameno.

A estas duas povoações chamavam os antigos Ninha-a-Velha e Ninha-a-Pastora, denominações tão poeticas e gentis como os bellos logares a que eram dados. Só depois o vulgo os converteu em Linda-a-Velha e Linda-a-Pastora.

Deixando atraz de nós a ermidinha de Nossa Senhora do Rosario, de Ninha-a-Velha, e descendo a encosta até á ponte que atravessa o Jamor, depois de termos passado em frente do antigo cemiterio de Carnaxide, atravessamos a povoação, que se extende para cima, com a sua parochial egreja de São Romão.

Em Carnaxide era a residencia predilecta do auctor do *D. Jayme*, que entre Carnaxide e o forte da Feitoria, á beira-mar, passava tranquillamente a temporada estival, dando os seus compridos passeios pelas estradas poeirentas e soalheiras,

UM ASPECTO DO JAMOR

com todo o enthusiasmo da sua grande alma de sonhador e de poeta. A Thomaz Ribeiro devem aquelles sitios gratas recordações, e

por isso, na avenida nova, que da Cruz Quebrada dá hoje magnifico accesso até Carnaxide, puzeram as vereações a denominação de — Avenida Thomaz Ribeiro.

Na Rocha, formou-se a lenda do apparecimento de uma imagem n'uma pequena gruta, que alli se encontrava, correndo logo a beata tradição de milagre. Foram uns rapazitos, que em 1822 por alli corriam em perseguição de uns coelhos, os que fizeram o achado da imagem, origem das milagrosas e crendeiras lendas.

O clero ganancioso chamou logo a devota imagem para a Sé, na mira de attrair a romaria e as esmolas dos fieis, conseguindo que a gruta fosse tapada a pedra e cal.

OUTRO ASPECTO DO JAMOR

Passava um dia o melancolico e ponderado monarcha D. Pedro V por aquelles campos, e uma bôa velhinha do sitio lhe narrou com palavras vehementes de religiosa crente no milagroso caso, a historia da Rocha. O espirito de D. Pedro V, propenso a estas devoções da fé catholica, prometteu logo reconduzir para alli a imagem raptada pela clerezia da Sé. Não poude cumprir, porque a morte ceifou precocemente aquella existencia tão promettedora para os destinos da nação.

Foi muitos annos depois o poeta Thomaz Ribeiro, quem para attender aos pedidos d'aquelles povos promoveu a edificação do templo, denominado da *Rocha* ou da *Senhora Apparecida*. Levantou-se um templo de linhas amplas, sobre um largo e uma rampa, que, em ponto minusculo, trazem á lembrança o grandioso saunctuario do fanatismo em Lourdes.

O RIO JAMOR EM LINDA-A-PASTORA

A poesia do sitio, modesta e simples, ficou tristemente quebrada com a egreja nova, construcção cujo desenho se não accomoda com a singeleza da paizagem e a poetica simplicidade aldeã da lenda. O pittoresco do sitio estava pedindo, no dizer de um illustre poeta, que por alguns annos dirigiu carinhosamente os *Serões*, uma ermidinha rustica e modesta, uma verdadeira ermidinha de aldêa, em logar d'aquelle vasto e desgracioso templo que a superstição religiosa delineou e construiu.

Thomaz Ribeiro adorava o pittoresco do sitio, e dedicou-lhe o seu poemeto — *A Rocha*. «A Rocha, diz elle, que é a nota principal d'este poema, vive entre os meus grandes amores. Esta devoção que se esconde aqui no fundo d'esta concha florida e esmaltada, na sua ermida singela e cariciosa, com a sua fonte crystallina, a sua gruta mysteriosa, o seu rio murmuro e transparente, o seu jardim que ajudei a cultivar, onde tanta vez passeei, longe do bulicio das multidões, conversando com o jardineiro e com as flôres, etc.»

Effectivamente o espirito captiva-se d'aquelle pequenino recanto, onde o Jamor, passando sob a ponte da estrada, contorna o pittoresco jardimsinho da capella, e onde, da parte superior, brota entre rochas, uma nascente de agua limpida e purissima.

Percorre-se mais um lanço de estrada, e chega-se á aprazivel aldeola de Ninha-a-Pastora, pequenina, alegre, limpa, semeada

de casinhas caiadas, com a sua ermidinha de S. João Baptista, e á qual se prende a memoria d'aquella grande e superior intelligencia de Pinheiro Chagas, que desde tempos antigos, quando ainda o comboio não silvava pela estrada de Cascaes, quando toda aquella região era ainda de sitios sertanejos, mal conhecidos de poucos, ia descansar da sua incessante actividade intellectual, para aquella aldeola, tão risonha e socegada.

Não faltam a Linda-a-Pastora estas tradições litterarias, que muito a recommendam. Alli estanceou por algum tempo Almeida Garrett, que lhe dedicou, com interessantes palavras de introducção, um romance do seu cancioneiro, conhecido do vulgo pelo titulo de *Pastorinha*, e ao qual Garrett entendeu dar o de *Linda-a-Pastora*.

A EGREJA DA ROCHA

Eis como o eminente poeta fala da região pittoresca, de que estamos tratando: — Já me eram familiares de annos aquelles sitios; mas posso dizer que os não conheci bem e como elles são devéras, senão quando, haverá hoje tres annos, alli fui no dia 1.º de maio. Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pontos que tenho nomeado; mas chegando á ribeira do Jamor, parei extasiado no meio de sua ponte, porque a varzea que d'ahi se extende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em derredor, estava tudo de uma belleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até os altos onde velejam centenares de moinhos. Arvores grandes e bellas, como rara vez se encontram n'esta provincia *dendroclasta*, rodeavam melancolicamente no mais fundo do valle, a velha mansão do Rodizio. E lá, em perspectiva, no fundo do quadro, uma aldeia da Suissa com suas casinhas brancas, suas ruas em socalcos, seu presbiterio ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreiraes, jardimsitos, quasi pensís, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difficil encontrar tão perto de uma grande capital.

«O logarejo é bem conhecido de nome e fama, chama-se *Linda-a-Pastora*.

«Porquê? Não sei... Namorei-me do sitio por modo que alli passei o verão todo; e d'alli fiz deliciosas excursões pelas visinhanças, que todas são bonitas.»

Assim d'ella fala Garrett.

O mais interessante da excursão que começámos é descer da estrada por corregos e ruasinhas ladeirentas e estreitas, ouvindo as palestras dos visinhos, que acodem a espreitar quem passa, e chegar assim até á beira do Jamor, que corre preguiçoso em sinuosas curvas, por entre quintas, até passar por debaixo da velha ponte, sobre a qual uma cruz com os braços partidos, deu provavelmente o nome ao sitio da Cruz Quebrada, que por alli começa.

Desta cruz e pontes da Cruz Quebrada é curiosa a historia:

Foi um fradinho do convento dos arrabidos de S. José de Ribamar, chamado fr. Ro-

drigo de Deus, que, condoendo-se das difficuldades que soffriam aquelles povos, em tempo de invernias, com o atravessar os rios de Laveiras e Linhal-pastor, influiu no Senado de Lisboa para se fazerem as pontes. Até então havia, nas margens d'estes rios homens que se incumbiam de transportar ás costas as pessoas que não iam em cavalgaduras. Porém, quando chegava a noite, ou por occasião de grossas levadas, os perigos e obstaculos augmentavam, ora padecendo as vidas, ora padecendo a moralidade.

JUNTO A SENHORA DA ROCHA

Foi isto em 1606. Uma carta do frade achada na Torre do Tombo, pelo sr. Pedro de Azevedo, conta largamente como se fizeram estas obras, que ainda hoje attestam em letreiros a sua origem. Foram ellas a ponte velha de Algés, onde se lê — *A cidade, anno 1608*, o cruzeiro da Cruz Quebrada, as pontes sobre o Jamor, das ques a que está perto de Linda-a-Pastora e adeante da curiosa fonte e tanque de lavadeiras, diz egualmente — *A cidade, anno de 1606*. Hoje as pontes são em grande numero, havendo em Algés, além da velha ponte de pedra, outra que dá serventia á viação ordinaria da estrada real e a do caminho de ferro; na Cruz Quebrada, além da antiga ponte havia outra, sobre que passava o comboio, e que ruiu desastrosamente levada por uma impetuosa cheia do Jamor; acha-se ao presente substituida por uma magnifica e extensa ponte de ferro.

E é por ahi, que tomando o comboio na estação da Cruz Quebrada, ao fim da avenida Coutinho, onde o conhecido industrial tinha a sua fabrica, o excursionista pode gosar ainda, da portinhola da carruagem de caminho de ferro, uma formosa vista panoramica, que de longe lhe mostra n'um saudoso e rapido perpassar, a ultima perspectiva d'aquelles lindos e pittorescos arrabaldes da nossa capital, infelizmente pouco conhecidos da maioria da nossa gente, por indole pouco affeita a estas saudaveis e instructivas distracções de excursionismo modesto. Delles nos dão uma pallida idéa, as gravuras deste artigo, reproducção de clichés artisticos do sr. Alberto Guimarães.

Garrett, com o seu fino sentir de artista, dizia que quem desce a margem norte do Tejo, de Lisboa a Belem, Algés, Dafundo e Cruz Quebrada — «tem dado o mais bonito passeio que se póde dar nas visinhanças da capital.»

VICTOR RIBEIRO.

A FALA DAS COISAS

Os marmores pagãos

tiritando ao longo dos museus gelados
e contemplando as vidraças fóscas, doiradas pelo sol:

Chegou a Primavera e as borboletas
Abrem á luz os vôos perfumados!
Andam lá fóra noivos enlaçados,
N'um palpitar de confissões secretas!

Chegou a Primavera! P'los vallados,
Elasticos, velozes como settas,
Saltando e rindo os faunos namorados
Vão perseguindo as naiades inquietas.

Chegou a Primavera!... Que saudade!
Já não vem até nós a mocidade
Coroar-nos de myrthos e de rosas!

Ninguem já nos invoca a protecção
E do que fômos sômos lastimosas
Sombras, a tiritar n'esta prisão!

As raizes

collando á terra os ouvidos e ouvindo
fóra alguem que diz: — «Linda arvore!»
— e logo segue indifferente o seu caminho:

Carne de mágoa a nossa mágoa ainda
Nem mesmo sob a terra terminou.
Ai, quem se lembra, quando a filha é linda,
Do ventre amargurado que a gerou!

Ai, quem se lembra!... O Sol, que tudo alinda,
Jamais os nossos corpos estreitou.
Ninguem fala de nós! e — oh! magoa infinda! —
A nossa filha até nos despresou!

Disse-lhe alguem: — «Que linda que tu és!»
E a misera julgou-se d'outra casta...
Ergueu-se altiva, calca-nos aos pés.

E desde então, em lucta singular,
Ai, quanto mais de nós ella se afasta,
Mais nós nos escondemos a chorar!

Coimbra.

João de Lebre e Lima.

POR Alice e Claude Askew

«Ha sempre este frio aqui, no jardim?» Aquella que fôra outr'ora a rainhã Genoveva, lançou um olhar abatido em volta de si e por fim, os seus olhos fixaram-se n'uma joven noviça, occupada em colher umas flôres. Flôres de convento, quasi todas, altos lyrios brancos, delicadas primulas; nenhuma flôr d'aroma forte nem de vivo colorido.

«Está frio aqui?» — respondeu a noviça admirada, porque n'aquelle lindo dia de junho, o céo, limpo de nuvens, deixava o sol brilhar intensamente. Olhou para Genoveva, maravilhada da sua belleza, do seu rosto de neve, dos labios tão vermelhos como ella nunca tinha visto; maravilhada do lindo cabello que lhe cahia de ambos os lados do rosto, tão extremamente sedoso e fino, como brilhante e louro; admirada do niveo collo de cysne e das pallidas mãos aristocraticas.

«Porque me olhas assim, creança?» — perguntou a rainha docemente — «O que vês escripto no meu rosto, na minha fronte?»

«Sois tão linda!» — murmnrou a noviça; os seus labios tremeram: — «E eu gosto tanto de tudo o que é bello!»

«Não!» — disse a rainha estremecendo — «não me digas isso»; — depois, olhando primeiro em volta de si como se temesse ser ouvida, continuou em voz tão baixa que era quasi um murmurio: — «Conheces-me, sabes quem sou? creança, nem sequer suspeitas?»

«Não sei» — respondeu simplesmente a noviça. — «Não temos communicação alguma com o mundo, passamos o tempo em orações. Quem sois vós?»

«Uma pobre alma despedaçada!...» — a orgulhosa e linda cabeça inclinou-se sobre o peito e Genoveva soltou um suspiro que era quasi um soluço.

— «Oh! minha irmã, creança innocente e pura, tu que não conheces senão a paz, ouve a minha historia, julga-me e condemna-me; porque eu tenho de fallar, ou endoideço!»

A creança ergueu os seus doces olhos garços, cheios d'uma timida admiração.

«Ouvirei» — disse ella com doçura — «se isso allivia o vosso coração. Mas quem sou eu, para louvar ou condemnar?!»

«Será tão grande a minha culpa?» — murmurou a pallida rainha — «ou seria o destino? Serás o meu juiz, creança inexperiente, tu cujos ouvidos eu temo manchar com as minhas palavras.»

Tomou o rosto da noviça entre as mãos emquanto fallava, depois abandonou-a com um amargo soluço

«Oh! que deliciosa coisa é a pureza» — exclamou; em seguida, dirigiu-se por entre os massiços de verdura, para um banco perto da cêrca. A noviça foi atraz d'ella e ajoelhou-se-lhe aos pés.

Estava tudo silencioso no jardim, ouvia-se apenas o zumbido das abelhas. Uma borboleta passou, de azas abertas, e ao longe, nos prados, podia distinguir-se o canto dos ralos.

«Senhora» — disse a creança... depois interrompeu-se, temendo que as boas freiras se zangassem por ella fallar áquella desconhecida; e comtudo, estava morrendo por ouvir-lhe a historia. Tinha visto aquella pal-

lida e linda mulher passeando agitadamente no jardim, e perguntara a si mesma quem poderia ser, vestida como estava, de purpura real com bordados d'ouro. Certamente alguma dama da côrte do rei Arthur!? Porque ainda não tinham chegado á noviça as noticias da ultima batalha e da morte do rei.

«Creança» — disse Genoveva — «descança as tuas frescas mãos nas minhas. Não falles, não me interrompas e se eu me perturbar e as minhas palavras te parecerem extranhas, diz comtigo que sou tua irmã, lamenta-me e compadece-te de mim.»

Callou-se um instante; depois ergueu a cabeça para o céo como se este fôsse um espelho immenso.

«Cahiu sobre mim a maldição, pelas desgraças que eu trouxe a estas terras. Campos e rios tornaram-se vermelhos por minha causa, e comtudo, Deus o sabe, eu não queria abandonar o meu castello, nem ambicionava ser rainha»...

OLHOU PARA GENOVEVA . . .

«Ser rainha»...

A noviça tremeu ao ouvir isto, mas Genoveva mal notou o grito de espanto e de surpreza.

«Não deviam ter mandado lord Lancelot buscar-me para me trazer ao rei»; — a sua doce voz tremeu e protestou: — «elle, alto e gentil como uma arvore da floresta, com os seus olhos azues e brilhantes, e o seu cabello d'ouro. Não era natural que as nossas almas se embriagassem uma com a outra, como ao beber um vinho capitoso? Oh! aquella longa viagem para a minha nova patria, aquella viagem!»

Toda a sua alma vibrava e resplandecia no seu rosto, e a noviça, ajoelhada a seus pés, suspendia a respiração, espantada das palavras ardentes que sahiam d'aquelles labios formosos de mulher.

«O rei era um santo, mas eu era como as outras mulheres e a minha juventude era apaixonada e quente. Oh! creança, quando os menestreis cantavam o amor, Lancelot e eu cruzávamos o nosso olhar...» — a voz da rainha estremeceu e os seus tristes olhos tornaram-se mais escuros. — «O rei tinha os seus pensamentos fixos em assumptos do seu paiz. Eu era mais sua irmã que sua mulher; a nossa camaradagem limitava-se a um aperto de mão; bem differente da minha intimidade com Lancelot.»

«Oh! Senhora, senhora!» — a noviça ergueu o rosto, surprehendida de o sentir molhado de lagrimas, e o coração soffrendo por penas alheias. — «O que é o amor? E' uma coisa assim tão doce?»

«Doce?» A rainha sòrriu tristemente.

— «Doce e amarga, mel misturado com fel, extase a nenhum egual, soffrimento superior a todos; o unico grande sentimento da vida! Creança, estás adormecida, envolta em santos sonhos de doce alegria; mas eu sou uma mulher, e acordei.» — Curvou-se e examinou curiosamente a noviça. — «O amor acordou-me, — murmurou ella — «ensinou-me a conhecer o grito agreste do vento, e a entristecer com o longo murmurio do mar; a comprehender o que está no seio das rosas. Creança, o amor arrancou uma rainha do seu throno e manchou a honra do mais heroico cavalleiro da terra. Foge do amor!»

«Oh! as torres e os telhados de Camelot, a cidade que se ergue encantadora para o céo, com o seu rio serpeando alegremente! Não ha janella sem uma dama a sorrir. Todo o dia brilha o sol nos elmos dos cavalleiros, tornando-os de ouro.» Callou-se e passou a mão pela fronte. — «Diziam que todas as estradas iam ter a Camelot, mas isso foi ha muito tempo, antes que a lingua viperina de Modred me denunciasse ao meu senhor, me denunciasse ao rei.»

«Senhora» — disse a creança. — «Ouvi tantas vezes fallar em Camelot! Como é o palacio? E' tão bello como dizem?»

«Um palacio de magico esplendor, rico de tapeçarias, perfumado de flôres. Esse palacio, não foi feito por mãos humanas; ergueu-se mystico e maravilhoso, e ha-de desvanecer-se algum dia nubloso, sem que mais se lembrem d'elle. Não haverá mais festas nas suas salas. Os vinhos preciosos beberam-se todos, as taças estão vasias, essas douradas taças em que elle corria.» — A rainha interrompeu-se; depois, começou a soluçar. — «Luctámos contra o nosso amor, mas uma noite, elle veiu quando tudo estava adormecido e silencioso; vinha pallido e triste; e eu, não podia supportar a minha triste vida. Olhámos um para o outro, e comprehendemos que o mesmo mal nos attingira.»

Suspirou e chorou.

A noviça uniu as suas mãos e disse: — «Senhora como me entristecestes!»

«Triste», — disse sorrindo a pallida Genoveva — «triste por minha causa! Pois bem, ouve o resto. Lancelot ajoelhou aos meus pés. «Minha rainha», — disse elle, — «serei falso ao meu rei, ao meu juramento, a mim proprio, falso ao mundo inteiro, mas verdadeiro comvosco!» — Eu colloquei as minhas mãos sobre a sua fronte e senti que escaldava. — «Amor é peccado» — disse eu, mas as palavras parece que não tinham significação nos meus labios. — «E' certo, assim é» — respondeu elle; depois, inclinámo-nos um para o outro e beijámo-nos. Não creio que um beijo egual tenha sido dado na terra: foi o preço de duas almas, e mergulhou uma cidade em sangue. Mas que divino extase! Permanecemos na escuridão...» — A rainha fallava em voz tão baixa, que a noviça tinha de se inclinar para a ouvir. — «Os aromas mais doces da terra envolviam-nos e eu soltei o meu cabello para nos cobrir a ambos. Elle e eu estavamos tão tristes, e ao mesmo tempo tão gloriosos; sentiamos-nos cahir no mal e erguer acima de todos os bens da terra. — «Peccámos» — murmurei eu, mas um outro beijo vinha afogar as minhas palavras.

— «Traidor ao rei» — dizia elle — «deixa-me morrer!» «Sim, morre» — respondia eu, — «mas sobre o meu coração» — E as minhas lagrimas corriam...

Foi uma noite de suspiros e lamentos pela honra perdida, e comtudo, nenhum homem nem mulher alguma se amaram jámais tão completamente. Veiu depois a aurora vermelha, e Modred que se approximava do castello, e o clangor das espadas e os homens armados. Eu gritei de horror, deixando Lancelot affrontar a hora que o dia tinha trazido, castigar Modred e, até se fôsse preciso, erguer a espada contra o seu rei.»

«Oh! senhora», — disse a noviça tremendo. «Sois então a rainha? Aquella linda Genoveva; e que me contaes d'esse cavalleiro que todos julgavam ser a flôr dos gentis-homens?»

«A verdade»; — foi a resposta que murmuraram os seus labios; — «a amarga e triste verdade. O rei morreu, ferido na batalha, expulsando Modred que queria roubar-lhe o throno. Os cavalleiros que fôram outr'ora a gloria do mundo, os campeões da côrte do rei Arthur, os paladinos da sua honra, morreram tambem; e Lancelot... oh! pede a Deus por elle!... o seu grande coração despedaçou-se quando teve que supportar o olhar do seu rei.» — Uniu as mãos, depois ergueu-as n'um desespero. — «Peccou por minha causa», — chorou ella — «oh! que o castigo venha para mim e o poupe a elle, meu Deus, porque era leal e bom, e

amava Arthur, amou-o até á morte como ninguem.»

«Senhora» — soluçou a creança — como podia elle amar o amo a quem trahiu?»

NÃO CREIO QUE UM BEIJO EGUAL TENHA SIDO DADO NA TERRA . . .

Genoveva torceu as mãos n'um gesto de desespero.

«A culpa foi minha» — soluçou ella — «a culpa foi minha. Devia ter-lhe fechado a minha porta, não o deixar entrar. Affirmote, a culpa foi minha. Olhei para elle, e o meu olhar expressava bem o meu amor. Encantei-o com a minha doçura e os meus sorrisos. Podia ter voltado o rosto, ter-lhe recusado a mão. Oh! que o inferno seja para mim, e o céo para Lancelot!»

«Póde ser». — Genoveva sorriu tristemente. — «Eu sei que o rei me perdoou ao morrer. Bom Arthur, tão glorioso, tão leal!» E Lancelot tambem foi na paz de Deus; correu para a batalha, morreu de espada na mão, combatendo o traidor que nos denunciou. Uma boa morte, a melhor que podia ter.»

«Então, já não existe» — suspirou a noviça. — «Oh! sinto no meu coração o luto da sua morte.»

«Não», — disse Genoveva — «só eu devo usar esse luto. E' bem meu, como um filho o não é, de sua mãe. E' a minha carne, a minha vida, a minha morte. O meu cavalleiro, o meu amor; e hei-de derramar eu só, todas as lagrimas que hão-de chorar-se por elle. Pertence-me esse direito; comprei-o com o meu coração e a minha alma. Ninguem deverá lamentar Lancelot senão Genoveva.»

Calou-se um momento; depois ergueu-se do banco onde estivera sentada, e aquella figura gentil, mostrou-se em toda a sua immensa distincção.

«Noviça» — disse ella — «parece-me que, se rezar, ajoelhada, o dia inteiro e usar o

burel sobre a minha pelle fina e me deitar sobre o duro catre todas as noites, alcançarei a paz, finalmente, a paz!»

«Tambem assim o julgo, senhora», — murmurou a creança — «assim o creio.»

«Se cortar o meu cabello», — continuou a rainha — «e rezar sempre e sempre, Deus ha-de mandar-me o perdão.»

«Ha-de mandal-o, por certo» — respondeu a noviça. — «Senhora, não tenhaes receio.»

«Mas se o ajoelhar nos degraus do altar usando o burel e dormindo no catre, me não trouxer a paz?» — perguntou a rainha anciosa. — «Porque as freiras pódem contar-me de peccados que foram perdoados e da paz que voltou aos corações afflictos; mas eu sei que mesmo com o habito de freira, e embora castigue a minha carne e o meu sangue, hei-de amar Lancelot e pensar n'elle, desejando ardentemente mais uma hora da sua presença, um beijo dos seus labios, os seus braços em volta do meu corpo, e o seu coração unido ao meu.» — Olhou para a noviça com o rosto pallido e o olhar brilhante, depois ergueu os braços n'uma attitude de desesperada revolta.

«Oh!» — exclamou ella — «o que eu daria por mais uma hora com Lancelot!»

Trad. de B. DE SALLES.

Evolução

Sombras da Morte, espiritos errantes,
que perpassaes em nêgros turbilhões,
arrebatados na aza das Visões,
entre os nevoeiros, pelos céus distantes...

Sonhos dispersos de almas caminhantes
que atravessáes á noite as solidões,
inda arrastando os ultimos clarões
dos astros êrmos, que habitaveis d'antes;

Bem vos conheço, Fórmas vagabundas,
accidentes revôltos e libertos
do primitivo e substancial supporte!

Por isso, erraes nas cerrações profundas;
chimericos, phantasticos, e incertos
Espiritos da Dôr! Sombras da Morte!

M. Nobre de Mello.

O casamento nos diversos povos e perante a historia

I

Nos registos da historiographia não se encontram facilmente documentos da situação da mulher primitiva.

A' litteratura da civilisação greco-romana, filiada na civilisação da Persia, da Assyria e do Egypto, e em todo caso uma manifestação do espirito indo-europeu, e ainda aos agiologos hebreus é que podemos pedir a tradição longinqua do estado da mulher primitiva.

Herodoto narra que as tribus nómadas da Africa não conheceram o casamento e que a mulher era para ellas um objecto procreador de occasião, como entre as feras.

As creanças não tinham pae conhecido, e só mais tarde se lhes foi attribuindo a paternidade d'aquelle com quem tinham traços physionomicos communs.

Este estado da mulher é commum a todos os povos no estado do individualismo anarchico.

Os costumes selvagens das tribus africanas contados por Herodoto repetem-se nos antigos povos, habitantes das margens do Euxino e do planalto da Scythia, como diz Strabão.

Entre os Scythas, as mulheres e as filhas eram possuidas em commum. E ainda os primitivos povos da Italia e da Grecia, segundo a tradição, viveram em estado de amor livre e de promiscuidade, antes da instituição da familia, isto é, antes do desenvolvimento da sociabilidade.

Diz-se que foi Cecrops o primeiro q e em Athenas uniu o homem á mulher impondo-lhes fidelidade mútua; antes d'isso, nenhum filho reconhecia o pae. Este estado, a par do predominio da fôrça bruta pela qual o homem tomava como que vencida a mulher da sua escolha, corresponde já ao desenvolvimento da idéa da propriedade, pela occupação perduravel. O homem via na mulher escolhida um objecto de propriedade, e, defendendo-a, pela natureza exclusiva da posse, tomava os filhos da sua propriedade, a mulher, como um producto da accessão. Eram propriedade individual os filhos, como o eram os filhos dos animaes apprehendidos e domesticados.

Theopompo, verificando a existencia d'este estado primitivo na Italia, diz que entre os Thirrenos todas as mulheres eram communs. Os filhos eram educados em commum, porque ninguem sabia quaes fossem os seus.

Correlativamente a este estado, a mulher mantinha a independencia individual propria

d'aquella phase do individualismo anarchico. A mais forte poderia até dominar e escravisar um homem que menos o fosse. Era a lucta estreme da força bruta.

Os filhos eram só da mãe, e era pela linha feminina que as genealogias se contavam. Deve reportar-se a esta phase a existencia lendaria das Amazonas, tanto mais que a tradição as colloca nos paizes onde existiu a communidade das mulheres.

Então a mulher primitiva, válida e livre, chegou a dominar o homem.

Nas ilhas de Tonga e Marianas e em muitas tribus da India cisgangetica, é pelas mulheres que se fixa o parentesco, os filhos pertencem á mãe, as mulheres não teem especificação de funcções industriaes; dirigem os barcos de pesca, são militares e teem voto nos conselhos da orla.

RAINHA EGYPCIA

Mas no caminho ascendente da evolução, pelo desenvolvimento da sociabilidade, crearam-se as ideias de propriedade individual, as mulheres e os homens vencidos pelos mais fortes passaram a formar nucleos sociaes, e até pelo impulso da integração que revestiu o caracter de defeza chegou-se á organisação da tribu, e por isso, como antecedente social, á organisação da familia.

Foi, é certo, em virtude da força bruta que a familia se organisou. A mulher era propriedade, como os filhos, do chefe da familia.

II

Depois veiu a especificação de funcções. O chefe, o pae, mandava; a mulher e os filhos obedeciam á força. Eram escravos. Mas nem todos trabalhavam da mesma maneira. A mulher, physiologicamente differente do homem, não póde nem trabalhar sempre, em virtude dos estados sexuaes, nem póde trabalhar em certos misteres arduos.

MATRONA HEBRAICA

A lactação dos filhos e as industrias caseiras foram naturalmente as suas funcções principaes.

E com o desenvolvimento das ideias moraes, com a generalisação das concepções do desconhecido, que foram até a concepção theologica das religiões, a mulher teve o seu logar natural no culto domestico, na religião do lar.

Meiga e timida, a mulher abatida pela força escravisante do homem deu corpo ás concepções religiosas, pelo terror. Foi da bocca da mulher que o homem primitivo, filho ou esposo, ouviu a narração constrangida do horror das tempestades, das doenças, que um espirito mais poderoso que o pae de seus filhos mandava á terra. Tal foi o inicio do sacerdocio da mulher na religião do lar, e só quando o homem alargou o ambito das relações sociaes, é que a si mesmo se fez sacerdote da religião geral da tribu ou da nação.

Depois da constituição da familia, a mulher perdeu por completo a independencia, porque a familia primitiva, constituida pela attracção da força bruta do homem, não era uma sociedade. A mulher perdeu por isso a sua independencia, porque o poder do chefe era absoluto, n'aquella phase em que ainda não existia o poder absoluto dos Cesares, evolução do patriarchado.

Não existindo o poder publico, o pae era na familia o legislador e o juiz, e as mulheres, os filhos e os escravos, todos eram os vassallos do pequeno Cesar familiar. Só este tinha direitos.

E' então que se origina a compra da mulher.

A filha, que era a escrava do chefe da familia, só podia passar para outra familia pela compra.

Com effeito o casamento passou a consistir n'uma venda, feita pelo pae da noiva. Este facto dava direito ao comprador, ao marido, de por sua vez vender a mulher que assim comprara. E podia comprar mais que uma; o seu poder abso-

luto não tinha limites na acquisição de taes propriedades. D'ahi a polygamia. E ainda, como consequencia do principio lucrativo, a mulher que se comprava, se fosse esteril, porque não augmentava pelos filhos o numero de escravos ao chefe da familia, era repellida e menos boa.

Foi d'este facto material e interesseiro que veiu a abjecção religiosa da esterilidade.

Este regimen de patriarchado absoluto ainda hoje sobrevive nas tribus da Africa central.

III

Os direitos civis da mulher derivavam do seu estado familiar. Não governando a sua pessoa tambem não podia ter bens, como escrava que era. Sendo propriedade do marido, pela morte d'este, era um bem successivel na mão dos seus herdeiros. Se os herdeiros eram os filhos, passava a mãe a ser propriedade d'estes. Pelo menos era um regimen consequente. Sendo os herdeiros ascendentes ou collateraes podiam vender a mulher viuva ou tomal-a como esposa. Emfim, era uma herança a explorar.

MULHER ARABE

Mais tarde este poder dos herdeiros sobre a viuva passou a ser simples tutella. Era já o inicio d'essa creação metaphysica do direito romano — a personalidade juridica.

O impulso psychologico que mais concorreu para o desenvolvimento da mulher na familia patriarchal e que a elevou mais tarde moralmente até perante a consagração das religiões, foi a sua qualidade de sacerdotiza na familia.

A mulher, timida e supersticiosa, foi na familia o elemento religioso, quando ainda não havia o culto publico.

D'ahi a respeitabilidade moral da mulher nas civilisações primitivas. O *Genesis*, os *Vedas*, os poemas de Homero reconhecem a influencia moral da mulher na familia parallelamente ao poder material do homem.

Ahi está a genese d'essa força insinuante que mais tarde, nos tempos do christianismo, havia de elevar a mulher, aureolada de Virgem e Mãe, na crença piedosa da religião de Jesus e de S. Paulo, que operou a revolução moral democratica mais radical que ainda o mundo viu.

E' muito antiga, pois, a base religiosa da familia, e se é certo que as sociedades humanas se iniciam pela comprehensão philosophica theologica, não poderia deixar de assim ser na familia — a sociedade organica basilar das complexas sociedades humanas.

IV

Foi a mulher a mantenedora do sentimento religioso na familia; creou a religião do lar; por ella se elevou, tanto mais que desejando o homem ter descendentes para a protecção celeste, só a mulher lhe dava essa familia filial que o perpetuava e protegia. «Desgraçado d'aquelle que morrendo deixa a casa deserta e os altares abandonados!» Tal era a crença, protectora da mulher, diffundida nas civilisações primitivas da Grecia, de Roma, da Germania, da India e de todo o Oriente.

Depois quando o culto familiar foi generalisado, appareceu o culto publico; mas o respeito religioso pela mulher ficou.

Crearam-se correlativamente os Estados, e a situação da mulher na sociedade lá foi seguindo essa evolução historica que a civilisação regista e que tem como factor culminante a influencia da mulher, a Mãe dos grandes homens, a conselheira dos Heroes.

E quanta vez a mulher a quem os direitos civis e politicos eram negados n'essa phase do absolutismo patriarchal e do absolutismo dos Cesares, quanta vez não foi ella a estrella das batalhas, a consoladora dos vencidos?

Porque não conquistou então a mulher, n'esta phase historica, direitos civis e politicos? E' que as sociedades humanas só modernamente caminham na integração social, industrial e pacifica, e a mulher antiga, n'esses tempos tenebrosos de brutalissimas luctas armadas, apenas tinha o seu logar de acção, pacifica e efficaz, no lar, para aconchegar o chefe, para acalentar os filhos. Que mais poderia n'esses tempos preoccupar a actividade feminina?

Tudo é opportuno na Historia. A mulher antiga foi a escrava para não ir rasgar o peito nas batalhas d'aquelle periodo de inauditas ferocidades. A mulher moderna em toda a parte encontra missões de paz, na officina como no lar. Mas para que taes funcções assuma, já não precisa de se escravisar no lar, occulta aos perigos da barbarie. Livre, irá a toda a parte levar o amor e a paz, o trabalho e a vida.

A familia moderna é o nucleo d'onde irradia a força das collectividades; a familia primitiva foi o occulto refugio das bravas luctas das tribus hostis.

Por isso lá ficou a mulher, escrava e sacerdotiza, occulta e sem personalidade juridica, defendida á discreção pelos filhos, ou pelo pae, seu senhor. Esta consideração ia até a mulher propriamente escrava. As escravas Eliezer do *Genesis*, a Ecuba dos troianos, a Euméa de Homero, não representam de nenhuma maneira o estado de escravidão medieval. E' que já então a protecção do Estado tornava menos necessario o aconchego do lar e a unidade religiosa da familia de que os escravos faziam parte no regimen patriarchal.

MULHERES GREGAS

As epochas heroicas dos alvores da civilisação coincidem com este estado familiar. E quem negará então á mulher essa influencia magica que dos conselhos do lar levou ao campo das batalhas o heroismo lendario d'esses cyclos longinquos da historia?...

V

Na evolução do individualismo em quanto este se caracterisou pela força bruta, a mulher teve um papel escravisado — porque era fraca.

Na evolução do Estado a mulher foi esquecida — porque não era um elemento revolucionario.

Mas quando o individualismo religioso e metaphysico creou os principios da personalidade juridica da egualdade e fraternidade humanas, á mulher foram reconhecidos por coherencia direitos civis. E' certo que se lhe negou a instrucção e foi assim a mulher escravisada intellectualmente; é certo que a sua formosura plastica e os seus encantos moraes foram o pretexto para a tornar o joguete de fementidas adulações, e a mulher foi ainda mais uma vez a escrava estonteada e illudida.

Mas já é tempo da emancipação completa da especie, e só depois de emancipada a mulher, quer dizer — só depois de educada e apta para as luctas da vida, depois de se tornar a digna companheira do homem, justa e consciente, é que a humanidade estará apta para se integrar n'esse Estado perfeito organico, em que todos os elementos trabalhem, produzam e se solidarisem.

A evolução das sociedades não é egualmente progressiva em todos os povos e em todos os climas. Assim no Oriente passou-se por curta transição do regimen patriarchal para o absolutismo cesarista.

Agrupadas as familias em tribus, em cidades e em Estados, a forma do poder d'estes foi, como o tinha sido na familia, o poder patriarchal. Este serviu de typo ao poder do Cesar, que veiu substituir o patriarcha, elle proprio patriarcha d'uma grande familia — a nação.

Nas planicies infindas do Oriente asiatico, onde a população humana cresceu indolente e prolifica, a integração cesarista fez-se sem esforço e d'ahi a creação d'esses immensos Estados compactos em que o poder do ty-

rano crescia na razão da vastidão do imperio.

Formaram-se no Oriente esses estados moraes quebrados de audacias e por isso mesmo improgressivos. Ahi só tenuemente se descobre a força do individualismo para a desintegração evolutiva.

Ainda hoje esse Oriente lendario é a patria do despotismo, e só a influencia do Occidente ha de quebrar aquelle encanto de marasmo em que vivem os povos do Levante.

Assim como ainda hoje se encontram na Oceania, na Africa e nas Indias occidentaes *survivances* do regimen patriarchal, assim tambem os imperios do Oriente são documentos contemporaneos do absolutismo cesarista dos primeiros tempos historicos.

N'este regimen, o monarcha é para a nação o que o patriarcha fôra para a familia patriarchal — unico juiz, legislador pontifice, senhor absoluto da pessoa e bens de todos os vassallos.

Mas a auctoridade do patriarcha era moderada pelos affectos da familia; o poder do Cesar é cru e brutal, e só quando os sentimentos religiosos se desenvolvem e entram na crença do Cesar, é que este, reconhecendo a superioridade divina, encontra limites ao seu despotismo.

MULHERES GREGAS

Com effeito a religião nos povos do Oriente tem um logar culminante, e até a sua constituição é predominantemente moral como na China.

Fóra dos preceitos dos Livros Santos não ha logar senão para o arbitrario. O direito entre os povos orientaes é de origem religiosa; os codigos que o impõem confundem-no com a moral e com a theologia. O direito penal, o publico e o privado tudo alli é confuso e indistincto.

Mas a tendencia do direito positivo é a sua restricção, e o ideal juridico seria o estado em que com uma lei em que se estatuisse — «cumpra o homem os dictames da consciencia illustrada» — todos por impulsos moraes hereditarios concorressem sem anomalias para o regular funccionamento organico da sociedade.

Mas nos primordios da civilisação tudo regulava a lei. Por isso no regimen do absolutismo cesarista nada escapa á sua omnipotencia. Penetra no lar e regulamenta as relações entre a mulher e o marido, ainda as mais secretas.

N'esta situação diminue muito o poder do marido para com a mulher e os filhos. Imperam a lei religiosa e o despota. Quem faltar aos deveres religiosos para com a mulher, provoca a colera dos deuses.

VI

Já sob uma comprehensão funccional, o primeiro dever do pae para com as filhas é casal-as quando puberes.

No Oriente, o casamento é uma obrigação legal, uma divida para com o Estado, que procura pela população o seu engrandecimento e a sua defeza.

Os persas, os indios e os hebreus negavam o poder paternal ao pae que não quizesse e não realisasse o casamento das filhas. E' que acima dos interesses da familia já existiam os do Estado.

D'aqui vinha o direito attribuido ás filhas puberes de se casarem por sua escolha, independentemente da vontade do pae, quando este não consentisse no casamento.

Ha até na China o costume de um official publico reunir na lua da média primavera todos os celibatarios, homens de 30 annos e mulheres de 20, para os castigar se persistirem no celibato.

Sendo pois uma obrigação do pae o casamento das filhas, desapparece o casamento por venda da éra patriarchal.

Foi o legislador Manu quem primeiro, na India, prohibiu a venda das filhas para casamento. Ninguem se paga para cumprir uma obrigação.

Depois o principio de Manu generalisou-se a toda a Asia.

No *Talmud* e no *Coran* prohibe-se o offerecimento de presentes nupciaes ao pae da noiva; é a ella mesma que se devem. Assim o antigo preço da compra da esposa, é substituido por arrhas offerecidas a esta.

Casada, a mulher passa para o poder marital mas sob a protecção da lei. Não era ainda então o casamento uma sociedade, era antes a imagem do Estado absoluto, em que a mulher representava os vassallos perante o soberano, o marido. A familia n'esta phase é uma molecula social imperfeita como imperfeitas são as formas sociaes ou do Estado a que esta phase familiar corresponde.

MULHERES ROMANAS

No *Coran* o marido é «senhor da mulher mas Deus é poderoso e tem as suas vistas sobre elle».

Já então o marido deve protecção e fidelidade á mulher, mas a fidelidade não consiste em não haver outras mulheres mas em não desprezar a legitima, não lhe negando a facilidade da procreação. Não se trata, pois, ainda d'um principio formal de individualismo feminino, posto que seja a genése do posterior respeito pela personalidade juridica da mulher. Então o homem deve fidelidade á mulher, não pelo respeito que á sua pessoa é devido, porque até pode ter outras livremente, mas para não desprezar o interesse do Estado, se ella é prolifica.

Não pode o homem negar-se a procrear, chega-se mesmo a regulamentar esta ordem de deveres conjugaes, e até na Turquia a mulher, desprezada pelo marido como fêmea, pode leval-o perante a justiça do Cadi para o fazer punir. E' o regimen do Estado absoluto.

VII

As legislações orientaes, salvo o caso de esterilidade, são pouco favoraveis ao divorcio.

E' que o divorcio é menos proprio para o augmento da população que o Estado tem em vista.

As leis da India e da China determinam e limitam os casos em que o repudio da mulher é permittido. Entre os mahometanos, a obrigação de dar arrhas á mulher repudiada é uma entrave ao divorcio.

Como se vê, a mulher faz parte da familia, a sua individualidade fica adstricta á familia do marido e o Estado a esta a entrega. Por isso, morto o marido, a mulher e os seus bens proprios ficam sob a tutella dos seus herdeiros.

E' de notar que, sendo o Amor, a Religião e a Propriedade os mais poderosos elementos do individualismo, desenvolvendo-se o amor na forma matrimonial, tambem a religião segue protectoramente a mulher, e os principios de propriedade chegam a proteger esta, pela tendencia do espirito humano á generalisação. Já se revela um esboço da propriedade feminina na obrigação attribuida aos parentes do defuncto marido de respeitar as arrhas da viuva, as suas escravas e os seus direitos successorios.

Com effeito, á mulher, a principio excluida das heranças pelos varões, graças á evolução das idéas religiosas e ao seu influxo preponderante no lar, pelas suas graças e pelas suas virtudes, pouco a pouco foi-se-lhe reconhecendo o direito á partilha hereditaria concorrendo n'uma parte minima com

os varões, o que representa um triumpho a favor da mulher.

Sendo, pois, o homem quem mais trabalhava na conquista da propriedade e da sua conservação, justo era, para o tempo, que maior quinhão lhe fosse attribuido.

Mas sendo as idéas religiosas producto da mentalidade humana, e não sendo a mulher nos periodos das conquistas da força bruta reconhecidamente egual ao homem, d'ahi a concepção da inferioridade religiosa da mulher. E assim, se perante o absolutismo dos Cesares a mulher soffre a protecção da lei, o que se não dava no patriarchado, em contraposição a mulher degrada-se moralmente porque já não é na familia a sacerdotiza, e entregue á lei, sem sufficiente liberdade, perde o decoro e desmoralisa-se. E' um erro pensar que a mulher ganha em moralidade pela oppressão; a mulher como o homem' como todos os organismos conscientes, só se expandem, e por isso só se moralisam, se teem consciencia n'um regimen de natural acção, isto é — de liberdade.

(Continúa.)

CARNEIRO DE MOURA.

Uma vaidade

Ao José Novaes

Passei a vida a amar e a amar envelheci.
A caprichosa Sorte, um dia foi-me pôr
em frente ao teu balcão. Tocou-me o resplendor
do teu rosto e eu ceguei — ceguei a olhar para ti.

Para merecer-te, mil e mil golpes soffri
e a cada golpe mais crescia o meu ardor
podendo bem medir a grandeza do amor
pelas vezes sem fim que meu sangue verti...

Hoje, no espelho, vejo o horroroso destroço
da minha mocidade... o que eu não hei penado
para assim envelhecer sendo ainda tão moço!

Mas embora! que importa a Dôr? Que importa o Pranto?
E's tão linda e eu, Mulher, amo-te tanto, tanto,
que até sinto vaidade em ser tão desgraçado...

J. Regalla.

O tento vermelho

VÉTÉRIN pegou nos papeis que o capitão lhe atirou para cima da mêsa e rosnou, sorumbatico:

— Gabo-lhe a pachorra, meu capitão. O tempo que anda a estragar com esse tal namorico ainda nos vem a custar a vida, a todos, tão certo!

Rebenta para ahi a guarda avançada alleman, não tarda nada, e as ternuras, ao depois, hão de lhe servir de muito.

Nicolau La Hire pôs-se a pé, ergueu o sabre de cima da cadeira, unico traste de luxo do cubiculo que lhe coubera em sorte, na sordida estalagem da aldeóla. Commandava um piquete de couraceiros, reliquia avariada de um regimento disperso, contido em respeito por uma força prussiana. Tencionava reunir-se ao corpo a que pertencia, oppunham-se a isso, não só os innumeros obstaculos que lhe tolhiam o caminho, mas ainda o ter-lhe dado volta ao miolo o palminho de cara da menina Rachel Nay, a rapariga mais linda e apetitoza em toda a aldeia de Orgemont.

Sem se mostrar offendido com a familiaridade do subalterno, a quem votava sincera amizade, replicou:

— Não te assustes sem motivo. Que queres? Se o amor fala mais alto que o toque do clarim?

— Mais alto falam as bombas, e estão para ahi em cima de nós, quando menos as esperarmos. Não sou dos mais medrozos, graças a Deus; mas quando o inimigo aperta comnosco, não chega o tempo para amores. E demais, lembre-se de quem é. A filha de um reles camponio mulher do capitão La Hire! Se é coisa que tenha geito! E assim como assim, não a apanha; que ella tem o casamento tratado com aquelle patife do Simão Mansart, que móra, além, no palacête, que se vê d'aqui, no topo daquelle monte.

Vétérin apontou para um edificio, que se entrevia por detrás de um grupo de acacias, que coroavam um oiteiro, dominando a aldeia com a casaria e a estrada, tudo coberto de neve, quadro de desolação a que servia de moldura a janéla viuva de postigos.

— Pois é isso, justamente, que me dá cuidado, replicou La Hire, medindo o sobrado ás passadas. — Ella, casar com aquelle tratante, que só lhe inspira aversão e terror, com um avarento, um sevandija! — Calou-se, de subito, e depois, continuou: — A minha Rachel: a mais linda e mimosa flôr silvestre, de quantas brotaram jámais por esses campos da nossa querida França! Pode lá ser! Brada aos ceus!

— Estamos bem servidos! atalhou Vétérin, desdenhoso, encolhendo os hombros. Não, que em alguem lhe tocando na tecla... agora o verás!

— Cala essa bôca! vociferou La Hire — pedaço de atrevido! E, em tom mais ameno, proseguiu: — Não posso nem devo, desampará-la, eu, que tanto lhe quero, de mais a mais tendo a certeza, de que é amplamente retribuido o meu affecto, pois estou convencido de que, assim que me vir pelas costas, aquelle milhafre do Mansart não desiste de levar a sua ávante. Olha quem!

— Mas por que não vae ter com elle? Em lhe fazendo zunir a espada a dois dedos daquellas orelhas de morcego... ou então, o que ainda será melhor, tilintar-lhe aos ouvidos com a bolsa bem recheada...

La Hire ficou-se a scismar, por instantes, em seguida replicou:

— Não lembras mal. — E é para já... Abalamos, esta noite. Passa palavra. O Laporte vem marchando para Besançon, que se acha em estado de sitio. Nós, em rigor, deviamos ir reunir-nos a elle, a três leguas daqui, se os malditos Prussianos deixassem de nos aperrear.

E saiu, resmungando:

— Tenho que falar com a Rachel, antes de me ir embora.

... O AMOR FALA MAIS ALTO QUE O TOQUE DO CLARIM

•

— Ouviu bem o que eu lhe disse, senhor Mansart? trovejou La Hire.

Simão não abriu bico, e aguentou, sem pestanejar, o olhar duro, firme do capitão de couraceiros. Refegou-lhe os cantos daquella bôca de mealheiro um risinho protervo, e com as espalmadas manapolas pôs-se a cofiar as cabeçorras de dois alentados mastins, agachados a seus pés, no sobrado.

— A menina Rachel Nay dispensa as suas attenções, reatou o official. A sua pessoa, para ella, não tira nem põe.

O seu dinheiro que, se a voz publica não mente, o senhor tem gasto a sua vida a ajuntar, á custa do suor seja de quem fôr, não tem poder para comprar o coração de uma mulher, e o della, muito menos, pois quem dispõe delle, é este seu criado.

E o risinho do nosso Simão cada vez mais peçonhento. Não ignorava que a sovinice o alára nas asas da fama; estava farto de saber que á viuva e ao orfam escasseavam motivos de lhe querer bem. O instincto da socanquice pusera-lhe o coração que nem um figo passado. Mas, sem se intimidar, retorquiu:

— Cada qual sabe de si, senhor official. Com que direito tenta impôr-me a sua vontade? Tenho ouvido tilintar muita espora, e não me assustam olhos arregalados!

Disponho de certa influencia sobre os paes da menina Rachel, que são pobrissimos, e tenciono aproveitá-la, dê por onde dér. Aposto o meu dinheiro contra os seus dotes fisicos e os seus modos de pimpão, e verêmos quem vence.

— Escute! bramiu La Hire, com a voz tomada, de furor.

— Descerei a entrar em ajuste com o senhor, comquanto, em nome de Deus! me pése na consciencia semelhante acto. Desde que o dinheiro é o sopro vital da sua existencia, offereço-lhe cinco mil francos, se desistir do seu proposito.

— Recuso.

— Dez mil!

E o Mansart, sempre com o tal risinho, deu dois trincos com aquelles seus dedos de harpia.

— Ora vamos, offereço-lhe quinze mil francos, e nem mais um soldo, ouviu?

O Simão estava meio abalado, e as manopolas, nervosas, a barafustarem nas cabeçorras dos canzarrões; sopitou porém a crescente tentação, e respondeu, com azedume:

— O senhor, que tanto alarga os cordões á bolsa, é porque se arreceia de mim.

— Não, três vezes não!

— Pense bem no caso! Esteja certo de que não desisto da mão dessa menina.

— Sinto muito. Mas creia que não arredo pé do meu intento.

— Cautéla! clamou La Hire, com voz tremenda a tal ponto, que os cachorros pegaram a rosnar e a arreganhar o dente.

E, como que por instincto, supposto que sem más tenções, levou a mão aos cópos da espada.

Mansart ergueu-se, dum pulo, da cadeira.

— Cautéla com os cães! reguingou.

— Cautéla com os Prussianos, lhe digo eu; que não podem tardar por ahi, — replicou o capitão, e quando percebeu a efficacia da observação, dispôs-se a tirar partido da vantagem, — tem que ter cautéla comsigo, meu caro senhor, e muito mais cautéla ainda com o seu dinheiro. Saibá que nos anda agarrada á sombra uma força prussiana, e que o mais certo é aparecerem por ahi. Talvez lhe agrade a noticia?

Mansart pôs-se livido.

— E trazem comsigo duas peças de artilharia, para abrilhantar a funçanata.

Mal havia ainda articulado a ultima palavra, eis que um som cavo, um estrondo soturno, como que vindo de muito longe, o atalha, de subito.

— Maldição! Foi um tiro de peça, exclamou.

Abafou-lhe a exclamação novo tiro, mais estrondozo, e como que de mais perto. Rebentara a bomba. Lá debaixo, da aldeia, ouviu-se um debil clamôr de vozes.

— São os «Azues», estão comnosco, afinal, disse La Hire, e saiu a correr.

Olhou para o Norte e viu uma nuvemzinha a resvalar no ceu, toldando as estrellas.

Era o fumo do canhão recentemente disparado. Interrompia, naquella direcção, a superficie plana dos campos, sepultos numa densa camada de neve, uma altura do terreno. O capitão resmungou:

— Elles lá estão, naquelle cômoro. Pregam com meia duzia de bombas na aldeia e põem-nos a andar. O remedio que lhe vejo é a retirada, segundo o costume. Pouco importa, contanto que eu consiga desviá-los de Orgemont.

Vieram-lhe as lagrimas aos olhos, ao lembrar-se de Rachel.

— Já ahi estão, os taes allemães? indagou por detrás delle uma voz, a tremer.

O Mansart havia tambem saído de casa. Aquella nota bellica, a primeira que lhe tinha ferido os ouvidos, tolhera-o de pavôr.

— Ainda duvída, replicou o official, a rir. — E o senhor, é de esperar, não deixará de ter a despensa menos mal recheada, pois se os Prussianos o honrarem com a sua visita, verá que têm uns estomagos que nem os lobos.

Ouviu-se um toque de clarim.

— Estão á minha espera, pelos modos, murmurou La Hire.

Fazia um frio de rachar. A atmosféra, tal qual o terreno, dir-se-ia congelada, beliscava os pulmões, difficultando a respiração.

Os varejados ramos das arvores, no pomar, era como se estivessem tentando adquirir um pouco de calor, á força de exercicio. O crescente da lua, na sua fáse derradeira, surgira, e o desmaiado clarão que difundia por sobre a campina dir-se-ia haver-se petrificado tambem com o frio, tornando-se permanente.

Ainda bem La Hire não havia tomado a resolução de se pôr a caminho, eis que uma labareda rubra fulge no topo da lomba do terreno, extinguindo-se de subito. Seguiu-se um estampido, a explosão de uma peça de montanha.

Cortou os ares, veloz, um luzeiro muito vívido.

Ouviu-se zunir o que quer que fôsse, investir por entre as acacias do jardim, decepando ramos e escarvando a terra. Depois, um fragôr de explosão, um fogacho, um berro, tremendo.

Voltaram a cerrar-se as trevas, como dantes, insensiveis áquelle brado de afflicção.

La Hire soltou as unhas, aferradas ao sólo do jardim. Ergueu o rosto, sujo de terra.

— Irra! cuidei estar aviado de vez! murmurou.

Levantou-se, visto haver atirado comsigo de bruços, e espraiou em volta de si uns olhos encandeados ainda pela explosão.

— Olá, Simão! Simão Mansart! Você ainda estará vivo?

De uma das janélas do andar terreo retiniu uma gargalhada escarninha.

— Avie-se! Os Prussianos estão á sua espera! clamou Mansart.

La Hire encolheu os hombros, depois, saíu a correr do jardim e foi ter com a or-

denança, que o esperava com o caválo á reata.

No acto de meter por ali fóra, a galope, vararam-n'o as setas do Amôr, e tomou-o ardentissimo desejo de tornar a vêr a sua adorada Rachel, ainda uma vez, de sentir nos labios a meiga pressão dos labios da donzella, e em volta do pescoço, os niveos braços a cingi-lo.

E aquella onda de paixão que lhe percorria as veias como que lhe afrouxava os nervos, quebrando-lhe a energia, e involvendo-lhe a coragem num amoroso véu.

Foi encontrar o Vétérin a arder de impaciencia, á sua espera; galgou por ali fóra, com a sua gente, em direcção ao sul, tentando atrahir os Prussianos, a vêr se os desviava da aldeia.

*
* *

Decorreram semanas. Os combates com os Prussianos, que continuavam a talar o país e a esfacelar o coração a tanta gente, apenas ameaçaram Orgemont.

O Simão Mansart jazia na cama, muitissimo doente, e todos o suppunham ás portas da morte. A uma hora avançada da noite, recebia Rachel uma carta. Era de Simão Mansart, e rezava o seguinte:

«Rachel

«— Estou muito mal, e poucas horas me «restam de vida. Aceita a mão de um mo«ribundo? E' extravagante o pedido; e com«tudo, se me fôr dado chamar-lhe minha «mulher, durante uma hora, só que seja, «não lhe causará isso um desgosto por ahi «além, e para mim representará uma hora «de ventura.

«...Tenho em meu poder, nesta casa, «uma importante quantia de dinheiro, que «representa a maior parte da minha riqueza. «Estou ancioso por vê-la de posse dos meus «bens, assim que eu fechar os olhos. Man«dei lavrar um documento, mediante o qual «lhe confiro tudo quanto tenho. Falta ape«nas a sua assignatura e tudo é seu, ainda «antes de eu me ter ido deste mundo. As«sim o dispús, receando que pudesse dizer «comsigo: — E se afinal elle não morrer? — «Em qualquer das hipoteses, ficará rica. «Mas não se assuste; a minha vida está por «um fio, mal posso segurar a penna. Des«prezou a minha proposta de casamento, «Rachel; em todo o caso, não póde, nem «deve, dar-me nova prova de aversão. Con«sinta em que lhe dê o nome de esposa; «permita-me apertar-lhe a mão, e não me «negue este ultimo alivio, nesta hora so«lemne.

«*Simão Mansart.*»

O velho José Nay, quando lhe lêram a carta, pôs-se a bater palmadas nas esmagriçadas coxas.

— E eu, quando tu vieste a este mundo, com pêna de que não tivesse vindo antes um rapaz! clamou. — Isto é o que se chama um sortão! E desta vez, espero que terás mais juizo. Vê se te avias, e vamos por ahi fóra. Vou atrelar o garrano á carreta. A noite está de meter medo, mas uma fortuna assim não nos vem bater á porta duas vezes. E dahi, a gente deve respeitar o ultimo desejo de um homem que está com os pés para a cova.

E investiu para a porta, acrescentando:

— A nossa pobreza é tamanha! Foi Deus que se lembrou de nós.

Rachel puséra-se livida que nem uma defunta. O Simão Mansart, em vida, sempre lhe infundira pavôr; agora, nos instantes derradeiros, vinha ainda ameaçar-lhe a paz de espirito! Olhando o casamento, á luz, apenas, a que o olham os amantes, assustava-a o lance, e não pouco.

*

Volveu um mês.

Um bello dia, o logarejo achava-se todo elle numa azáfama.

Pela estrada, pessima e toda atascada de neve, vinha a galopar, destemido, um cavaleiro. Era uma estampa de homem. Com um capacete de aço e o penacho a adejar, uma couraça rutilante, calção escarlate, e umas grandes botas subindo-lhe acima dos joelhos; o espadão, aos baldões, a espuma, a soltar-se do rubro focinho do soberbo caválo. Cortava-lhe a face bronzeada uma formidavel cicatriz, acrescentando, e não pouco, a fereza do seu aspecto.

Arretou a montada que estacou de chofre.

— Que é feito da menina Rachel Nay? indagou.

Foram chamá-la. Apeou do caválo, num pulo, tirou o capacete, sobraçando-o, de braço arqueado, e cortejou, com marcial galhardia, ao passo que nos olhos se lhe lia o justo apreço da formosura da donzella. Era, nem mais nem menos, que Felipe Vétérin.

— Venho buscá-la, *mademoiselle*, declarou, tentando ameigar a voz, aspera e roufênha com as vicissitudes da guerra.

Esvaiu-se o sangue das faces de Rachel.

— E trago-lhe um recado do Nicolau La Hire, meu intimo amigo. Está ferido — ai! queira perdoar, sou mesmo um estupido! Vou logo ás do cabo! A ferida nem por isso é grande coisa, mas sempre é o bastante para o impedir de vir buscá-la, em pessôa. Valha-nos Deus! Não é caso para esses sustos, minha lindeza; que o melhor ainda está no sácco — uma noticiasinha de truz, que hade fazer voltar a côr a essas facezinhas de setim.— E senão, escute! Armámos uma emboscada a um piquete de Prussianos e fizemo-los em hastilhas, e o La Hire, não faz ideia, só por si, valeu por quatro. Que o nosso coronel, quando foi informado do caso, prometeu que havia de conceder ao La Hire quanto elle lhe pedisse. «Visto isso, disse o Nicolau, mande alguem a Orgemont, que dista daqui três leguas, e esse alguem que me traga a minha noiva, pois lhe quero dar um beijo.»

E vae dahi, nós todos, applaudimos o pedido, pois nos falava ao coração, lembrando, a cada qual, a moça em que tinha posto o sentido, e que estava á sua espera.

— NÃO... POSSO IR; É IMPOSSIVEL!

— Está dito, respondeu o coronel, e has-de casar com ella, La Hire, se é essa a tua intenção. E ella, depois, que volte para a companhia dos paes, até que tenhâmos visto o fim a esta maldita guerra.

E ahi está ao que eu cá venho, minha lindeza. Para a levar em minha companhia. Ora esta! parece que ainda perdeu mais a côr! Tenha animo! Vae apanhar umas bôdas, que não haverá por toda essa França mulher que não se coma d'inveja. Os sinos da egreja a repicar e a nossa gente a fazer alas pela estrada, as peças a salvar, e cada peito escondido por uma couraça a arfar com o vivorio!

Pela folha desta espada que trago á cinta, por que é que eu não havia de estar na pelle do Nicolau La Hire!

Rachel tentou falar, mas era tal o peso que sentia no coração, que as palavras como que se lhe atravessavam na garganta. Até que por fim, emitiu, debilmente:

— Não... posso ir; é impossivel.

O subalterno soltou uma gargalhada.

— Peço perdão, exclamou, mas declarei que vinha buscá-la, e eu, sem a menina, é que me não atrevo a aparecer lá no regimento, tinha que brigar com todos elles, cada um por sua vez. E em vista do exposto, minha rica menina, trate de arranjar uma cavalgadura, e toca por ahi fóra, tão certo como eu dar pelo nome de Felipe Vétérin.

Pôs-se a torcer o bigode, e nos olhos de azeviche como que uma ameaça a luci-lar-lhe.

(Continúa.)

Versão do inglês por MANUEL DE MACEDO.

ANTHERO

Suicidou-se hontem á tarde, junto á ancora do convento de Nossa Senhora da Esperança, o poeta Anthero do Quental....

(DOS JORNAES.)

Cavalleiro da Crença, marchou fórte
Em cáta da Razão da madrugada,
Vivendo sempre a vida torturada
Dos que buscam o Bem que marca o Norte;

Cavalleiro do Amor, cruzou a espada,
Armado em guerra a guerrear a Mórte
E quiz ir devastando a córte e córte
A tréva que se erguia allucinada.

E, na ancia de sondar o Insondavel,
Na fébre de palpar o Impalpavel
Foi confundindo o seu olhar profundo!

Heroe que tinha a fé d'uma creança,
Encontrou-se com a Mórte ao pé da Esperança;
Não lhe coubéra a Alma neste mundo.

Coimbra, 1910.

FELIX HORTA.

PRAÇA DE TOURNY

Do Tejo á Gironda

Paginas do caminho

EMBARCAR é sempre um bom momento na vida; alegra, sacode, remoça. Ainda quando doloroso, esse instante da abalada por mar é vigoroso e é bello, dá á alma mais atormentada uma visão melhor do futuro, desperta o animo, refortalece a vontade. E' esse mesmo, talvez, o segredo da tenacidade dos emigrantes.

O barco foi a mais atrevida e galharda das creações humanas.

O universo sem velas seria um deserto arido e funebre, lugubre como uma floresta sem ramos, triste como uma campina de primavera sem flores. E o vapor, esse palacio veloz, é hoje, sem duvida, a mais attrahente das casas do mundo.

Não ha hoteis na terra, por mais *palaces*, mais *grandes* ou mais *splendids* que sejam, que rivalisem em conforto e encanto com esses vastos e ambulantes hoteis do mar, com as luxuosissimas hospedarias do oceano. Como os poderia haver, se, para rivalisar com esses fluctuantes quarteis de viajantes, preciso seria crear, movel nas cidades immoveis, o hotel ideal, que, com os seus hospedes tranquillamente installados em seus quartos e salas, caminhasse atravez das ruas, das praças, das estradas, mostrando-lhes pelas largas janellas uma successão de coisas, de edificios, de panoramas, tal qual o vapor, que é a casa e o carro do mar ao mesmo tempo, nos desenrola deante dos olhos?

O mar revolto e bravio, intratavel, o mar de d'antes, o mar agreste e ruim dos pescadores, o mar selvagem, por meio d'elles, offerece a todos uma hospitalidade magnifica, que os paizes não têm. Ha vapores dis-

postos de tal guiza, tão ricamente ataviados, que satisfariam á primeira a mais acceleradа mania das grandezas e lisonjearão de chofre o mais esfomeado desejo de apparato.

Não são talvez os preferiveis; porque a verdade é que quem não tiver habitualmente principesco passadio, creados numerosos e baixellas opulentas ao seu dispôr, mal sabe viver, sentir-se-ha contra geito, n'esse meio sumptuoso dos imponentes transatlanticos, que os inglezes povoam de *spleen* e de *smokings*, os allemães encharcam de cerveja e *prosits* insistentes, e onde as norte-americanas, incompromettiveis e compromettedoras, gostam de brincar, ousada e virginalmente, aos mais fogosos e inconsequentes idyllios.

Outras moradas ha, no emtanto, amenas, appeteciveis, para as saborosas travessias do mar, mais modestas e menos garridas, que offerecem, sem tamanha ostentação e sem tão assanhados *flirts*, um commodo conforto deleitoso.

Se uns são, no mar, em avantajada copia, os palacios grandiosos, cujo luxo hostilisa e nos torna estranhos, são as outras, com agradavel equivalencia, como as casas bem guarnecidas, cujas paredes retêm, cujos moveis convidam hospitaleiramente.

E se, apoz as arduas horas laborosas, a entrada no lar reconforta, allivia, refrigera, como uma esponja humida n'um rosto empoeirado, ao cabo dos mezes longos e seguidos de trabalho, o ingressar num d'esses desanfastiados lares de viagem é o mais esplendido, o mais jocundo, começo de ferias.

Invariavelmente compadeço esses pobres passageiros ricos, que, para ganhar Paris, ou seja a Europa, voluntaria e dispendiosamente se mettem no *sud-express*, jaula abafada e tremelicante, empilhados como sardinhas em sal, safanados como gallinhas á cata da Hespanha — a leal depennadora das capoeiras portuguezas.

Entre o comboio e o vapor, o cerebro não pode hesitar um minuto: escolhe o vapor.

Quem poderá escolher o comboio é apenas o estomago. A escolha do meio de transporte, nas longas jornadas em que se pode optar, torna-se assim um signal certo de diagnostico.

A ferroviaria preferencia significa unicamente melindrosidade estomacal; é uma bem-aventurança como outra qualquer, das que se não aprendem no cathecismo: bem-aventurados os que enjôam, porque d'elles serão os *wagons*.

Quando virem passar o expresso, com os seus passageiros entalados em guaritas exiguas, tenham a certeza de que vae alli um comboio de enjoados, ou, por outra, de enjoaveis commodistas, que não querem sujeitar-se á azeda prova. Se lá apparecer senhor sem esse vicio, é infallivelmente um homem com pressa, e para os homens com pressa todos os meios são bons e todas as viagens são pessimas.

SANTA-MARIA EM LA BASTIDE

Nos embarques, ha, de ordinario, a sensação apprehensiva do desconhecido, a latente covardia da novidade, que o homem nunca conseguirá expungir inteiramente. A maioria dos mortaes, quando embarca, vae envergonhada, com essa peculiar e confrangente timidez que nos assalta ao approximar de uma casa que nos vae hospedar e de cuja familia só conhecemos o pae ou o filho — angustiosa espectativa, que um meu amigo complicadamente explica pelo receio que a nossa amizade alimenta de que a gente do nosso hospedador não seja sufficientemente digna d'elle, e é afinal, quasi ao certo, uma exclusiva mortificação da nossa vaidade, ante

a possibilidade de lograrmos o favorecido retrato que de nós tenha feito o amigo, e se tenham encarregado de ampliar as senhoras de sua casa, com seus olhos de augmento.

O embarque tem um quê da entrada no collegio, essa hora inobliteravel: o mesmo temor aos olhares e aos ditos dos que já lá estão, a desconfiança pelos que vão ser nossos companheiros, até, quasi sempre, uma embirração subita que repentinamente se cria contra alguma das primeiras caras que vemos, e na qual, ás vezes com um odio que pode durar toda a vida, no nosso caso, pelo menos, toda a viagem, condensamos vingativamente a má disposição que o nosso mau humor amedrontado e encolhido nos instilla.

Embarcar é como ir para a escola. Se os meninos já estão na classe, experimentamos em toda a nossa pelle as alfinetadas dos seus olhares, zumbem-nos os ouvidos, os olhos sentem sobre si um pezo forte que os não deixa levantar, e no nosso cerebro estarrecido, paralisado, esvoaçam commentarios, allusões, doestos, que surprehendemos ou suppomos adivinhar.

IGREJA DE NOTRE-DAME

Se as aulas ainda estão desertas, é uma desoladora impressão a que nos toma, alli no canto onde nos mandaram esperar, e onde ficamos cravados como se o mestre nos tivesse espetado no chão. Apossa-se de nós o panico terror da chegada dos camaradas, estremecemos ao minimo ruido, aguçamos o ouvido, e bemdizemos cada rumor que se affasta ou interrompe, cada minuto que prolonga aquella nossa solidão, em que desejariamos permanecer, pensando-nos seguros, defendidos pelo silencio.

Ah! como o silencio foi, para nós, nesse dia lembrado, o nosso protector e o nosso amigo! Como sentimos e agradecemos a sua muda caricia paternal! E como nos aconchegámos, transidos e confiados, nesse amparador regaço da boa deusa do desrumor, tão silenciosa, tão desrumorosa, que nem seu nome se pronunciou ainda!

Mas, de repente, entra de crescer a vozearia e irrompe em balburdia a pequenada, pequenada da nossa edade e do nosso tamanho, que, não obstante, nos parece uma horda assoladora de homens feitos e provados na lucta. Trememos, como deve tremer um coelho ao sentir o cão que o fareja, e a primeira invectiva que nos dirigem, esse golpe fundo da iniciação, é tal e qual como o tiro do caçador: fulmina-nos, anniquila-nos. A nossa alma succumbe. Quem nos apostrophou, quem nos ridicularisou, tem-nos na mão como uma peça de caça bem ferida, e, ao podermos escapar d'essa violenta agonia que nos amarrou, somos mais felizes que um peixe esgueirado da rede.

Com os passageiros, esses collegiaes de maior edade, o mesmo succede. Bastará notar a docilidade, essa solicita docilidade da inadaptação, com que a maior parte das pessoas entra n'um vapor.

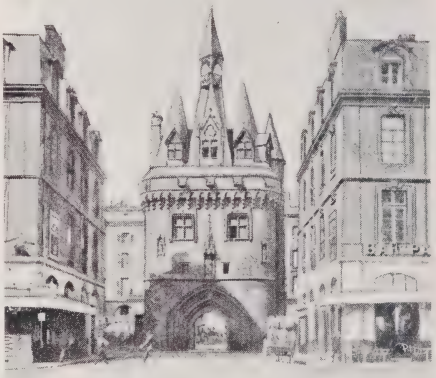
O encarregado dispõe de nós a seu talante, como se fosse elle o dono do bilhete; seguimo-lo obedientemente. Poucos recalcitram, tanto mais que nos fallam sempre em lingua estrangeira, e nada intimida um homem como uma interpellação que não percebe.

Se os passageiros que já vêm no navio estão em terra, ha para o novo passageiro, principalmente se entra no meio da viagem, a dolorosa sensação do cantinho da aula á espera dos restantes. Se estão todos, por acaso, no vapor, debruçados nos varandins a olhar quem chega, temos então a mesma impressão dos olhos que alfineteiam, que contundem, que trespassam, como brazas

que ardessem sob uma grelha, onde, em má hora, nos deitassem.

Quem quizer seguir mais longe o confronto poste-se num caes de desembarque, e observe a sahida dos passageiros de um vapor. Ha a mesma alegria ruidosa, a mesma desentorpecedora necessidade de agitação, a mesma alacridade e despreoccupação, dos ranchos escolares ao fim da tarefa. Ri-se de tudo e para todos; não ha rancores nem tristezas. São, em tudo, creanças grandes, que vão folgar, sem quizilias, sem rivalidades, sem planos. Lançam-se á conquista do porto como as outras ao gozo da rua, risonhamente, estouvadamente, esvasiando a bolsa no primeiro vendedor, entregando toda a alma ao primeiro prazer, sem cuidados, á tôa.

Ao saltar no Caes do Sodré, sob chuva inclemente, para a lancha das *Messageries Maritimes* com o meu companheiro, pratico do mar, é outra inteiramente a disposição que me governa. Tenho a sensação de voltar a casa, de ir, quando muito, visitar um antigo conhecimento. O *La Cordillère* aguarda-me de longe, quasi irreconhecivel entre a bruma densa, que tudo amollece e empapa, a roupa e os contornos. E' um velho amigo, que fuma impaciente, nervosamente, á minha espera. Já vivi n'elle indiziveis dias de aquietadora calma, de Portugal até ao Brazil; conheço-o completamente. Ao entrar do portaló, dou logo de cara com o creado que da outra vez me serviu, vejo os mesmos officiaes, o mesmo *maître d'hotel*. Não ha que ver: sou de casa; e tomo então, prazenteiro, por alli dentro, não como o collegial timido que se estreia, mas como o antigo alumno que sorri aos alumnos d'agora.



PORTA DE CAHHAU OU DO PALACIO

O Tejo está agitado, barrento, feiissimo. A cidade, envolta em chuva e nevoa, lembra um velho panno de theatro, desbotado e roto, de lona encardida. Lisboa apparece-me como um imprestavel scenario de magica retirada do cartaz. O zimborio da Estrella, mal visivel, assume rediculamente, na tela parda do ar, as apagadas proporções da virtuosa cupula encantada, sob a qual uma fada com lentejoulas e varizes albergou os amores disparatados da pastorinha vesga com o brutamontes do principe, n'um theatro barato e sem fortuna. Não era a capital, essa Lisboa, que eu via, sob o aguaçal tremendo, a engatinhar pelas collinas: era uma reles apotheose esburacada n'uma barraca de feira.

Sôam os signaes da ultima manobra. A sereia de bordo, com a sua voz de caverna, solta rouquenha os tres silvos da despedida, esses silvos profundos, que communicam uma estranha vibração a todo o barco, e nos percorrem os nervos, que parecem integrados, desde essa hora, na rêde intrincada dos tubos por onde o vapor pode expandir-se. Começamos a fazer parte integrante do monstro, cuja respiração potente entra de ouvir-se, com as ferreas pancadas rythmicas do seu coração em chamma. A ancora sobe pesada, com o atropellado ruido do guincho devorando a corrente, que lembra alguem calçado de ferro a correr por uma escada de marmore. E o nosso hotel põe-se em movimento.

O rio, que vae cheio, está violento e irado, sob as nuvens carrancudas, que vertem seus cantaros agora de mansinho. E' o Tejo num dos seus dias de mau humor: rabujento, colerico, iracundo, revolvendo zangas sujas contra o bojo que desliza sem lhes fazer caso. Seguimos por onde o leme aponta, com desespero do velho agastado, que protesta e escabuja, sem levar a melhor. O velho rio espuma, destempera, resmunga, remexendo,

como maximo recurso de poderio, umas ridiculas barbas, que são ondas falsificadas; mas, impotente como todos os iracundos, em rompantes bravios, só consegue perder a sua bella linha respeitavel de doce patriarcha das barbas azuladas e rosplendentes.

Adeante, os Jeronymos apparecem, com toda a deselegancia dos seus corpos justapostos, que tanto os prejudica de longe, e o rio, d'esta feita, arrenegado e bilioso, desdiz d'elles em contraste. O Tejo manso, azul, como um tanque immenso, onde se tivesse lavado o azul fresco do seu ceu ligeiramente desbotado, o Tejo de quasi sempre, é um rio, que, como um symbolo glorioso, explica todas as ociosidades, toda a somnolencia, todo o fatalismo da raça das suas margens — esse fatalismo sem dôr, que é fructo indolente da indolencia. Aos pés dos Jeronymos, padrão das conquistas, parece uma alfombra azul prolongando o triumpho — é o capacho da victoria. Nesse instante, barrento, fero, revolto, elle, não sei porquê, lembra melhor o scenario das caravellas, essas gaivotas valorosas, que, com uma cruz rubra nas azas pandas, foram ao cabo do mundo despertar o Adamastor. Embaciado, summido pela nevoa, o mosteiro dos navegadores eclipsa-se, a bem dizer, para que surja, evocada pelo sonho, a capellinha modesta d'outras eras, que as mães e as noivas alagaram de pranto, e cujo sino tangeu a hora sem egual victoriosa, que abria ao mundo velho o mundo ainda mais velho.

MONUMENTO DOS GIRONDINOS

E' bem assim, entre a tormenta, olvidada a muralha que ampara o caes, aquella a praia do velho fatidico do Restello, cujo negro humor se diria renasceu no rio irritado; quando, nos outros dias de sol, numerosos, é antes a terra onde deve ter pisado elegante e garboso, saracoteado, aquelle Leonardo Ribeiro, namorador-mór da frota portugueza, que dizia, antes da procella colerica dos deuses:

Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo que de amores?

A Torre de Belem, pallida sob a sua corôa de ameias, á beira-rio, lembra uma fada assustada a fugir de um gazometro,

Gloria dos olhos dôr dos corações.

E invocando Camões, que é o melhor deus no mar portuguez, approximamo-nos da barra, onde ondas altas revolteiam em grandes acenos.

Um francez, a nosso lado, olha afflicto, com um binoculo tremulo, a undivaga refrega. O meu companheiro, que se mostra excellentemente disposto para não enjoar, diz-lhe alarmadoramente:

— *Voilà, monsieur, les petits moutons! Un joli troupeau, n'est-ce-pas?*

O francez, com um certo ar panico, responde atemorisado:

— *Cela des moutons? Mais vous vous trompez, cher monsieur! Plutôt des boucs enragés! Quelle facheuse idée j'ai eu de dejeuner si bien!*

Um arranco mais forte, ao deixar do rio, abalou n'este momento toda a saboreada digestão do francez, e, emquanto nos affastavamos, para não termos de verificar a exactidão dos seus dizeres, ouvimol-o, que commentava melancholicamente, como um avarento ao perder do seu thesouro:

— *Quel dommage! Un si magnifique dejeuner à la carte...*

E retirou-se com a sua pena funda.

Ao dobrar do Cabo da Roca — talvez da roca de Penelope, que devia ter sido a Lisboa de Ulysses — avistamos outro vapor, que

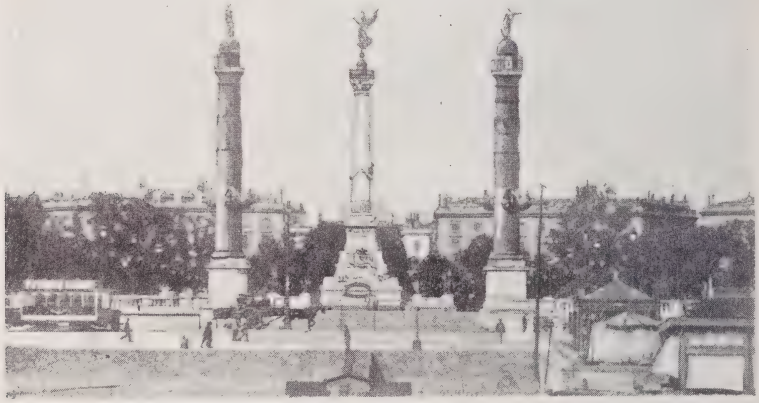
vae na mesma direcção que seguimos, e baila desesperadamente. E' o *Times*, sahido pouco antes de nós.

Rimos de o ver assim dançar á laia de barrica vasia, como o veneravel jornal inglez, cujo nome elle adoptou, a debater-se vacillante contra o mar encapellado da publica opinião...

E nada mais de interessante nos fornece esse primeiro dia agitadissimo.

*
* *

No segundo, apoz uma noite tormentosa, em que as proprias malas brincaram ás cor-



PRAÇA DE QUINCONCES — COLUMNAS ROSTRAES E MONUMENTO DOS GIRONDINOS

ridas nos camarotes, e depois de um almoço parco, a que só seis passageiros compareceram, eis-nos na tolda superior a gozar a refrega. Cada passada é um problema de equilibrio e vontade; estamos, para os effeitos da gravidade, como que completamente ebrios, despojados quasi da nobre horizontalidade caracteristica da especie, que o mar teima em não admittir n'essas horas violentas, e arriscados a romper alguma aduela, como succedeu áquelle senhor de sapatos de verniz, que, julgando-se certamente em algum baile luzido, fez um gallo tremendo entre as pastinhas lustrosas, o que o obriga a andar de cabeça amarrada, com grave prejuizo da sua muito espectaculosa elegancia.

Com alma nos agarramos aos calabres estendidos de ponta a ponta e de lado a lado, aos corrimões das escadas, ás alças, aos varões, ás saliencias dos varios compartimentos. As cadeiras volantes, de que ninguem se lembra, passeiam sósinhas, livremente, pela tolda, e nesses solavancos furiosos, em que o helice ás vezes pula fóra d'agua a moer em falso, dando a impressão assustadora d'um morto que saltasse da cova, admiramos a solidez imponente dos parafusos que atarracham as cadeiras da sala de fumo, onde nos sentámos.

Por uma das vidraças, depara-se-nos o espectaculo enternecedor e heroi-comico de um inglez, que, cá fóra, proclama imperturbavel os direitos de Albion a escolher o seu logar. Com duas cordas, amarrou a sua cadeira de lona aos ferros de uma das claraboias, e, repimpado n'ella, de rosto voltado ao oceano, fuma o seu cachimbo fleugmaticamente, desafiadoramente. Cobre-o um impermeavel em doblecapa verde esperança, com botões por toda a parte, uns reboludos e immensos botões torrados, escuros, que imitam á maravilha castanhas assadas. Na cabeça, tem um estapafurdio sueste, tambem verde, que lhe desce até aos hombros, e está preso na gola alta com dois botões eguaes aos outros. E' um espadaudo e rapado inglez de viagem, em dois tons, pois as botas cyclopicas são da côr do cachimbo, que é, por seu turno, da côr dos botões, que parecem de castanheiro. E fuma, fuma chronometricamente, fuma sempre, inapagavelmente, ante a furia convulsa do mar amotinado.

Sobre a babylonia esbravejante das ondas, que o temporal dementa, o barco faz esforços para se adeantar. Perdeu agora mais o vae-vem de prôa a pôpa, mas ganhou em oscillação de bordo a bordo, lembrando um equilibrista sem maromba. Vagas atrevidas, irasciveis, esbofeteiam em saraivadas espumantes o convez, galgando até á tolda, onde

o inglez em dois tons, tranquillissimo, se limita a descruzar as pernas ou a atirar-lhes uma baforada do seu *rising-hope*.

Mas de repente, ameaçadoramente, uma aba de furacão agarra o toldo por baixo, como uma vela, e, n'um grande balanço, tenta tombar o navio todo a um lado. Ha susto, gritos, balburdia. Estrugem apitos, como nas desordens de terra, e n'um instante, á voz do commando, a marinhagem trepa aos parapeitos, e, com machadas, com navalhas, com facões, com o que teve ás mãos, começa de cortar os cabos que aguentam o toldo e a retalhar este precipitadamente. A lona curtida, enchumbada, vôa em estilhas dilacerantes, em grandes farrapos duros, que sibillam como projecteis e talhariam como gumes o anteparo que topassem na passagem.

A BOLSA

Recolhidos no salão, espreitamos a manobra por traz dos vidros. A chuva agora cahe sem nenhum resguardo; os pobres homens da tripulação estão encharcados a pingar. O inglez teve afinal de desertar, mas não sabemos d'elle; a sua cadeira, rompendo as amarras, foi parar junto á amurada. Um companheiro valoroso arrisca-se a vir cá fóra espreitar, e, debruçando-se a uma das bordas, solta este afflictivo grito de terror:

— *Homem ao mar!*

Percorre-nos o grande calafrio da morte. Tremendo, acudimos todos para o parapeito. Lá vemos a debater-se sobre o vagalhão o verde impermeavel e o sueste amplo do inglez das castanhas. Vae-se chamar gente, dá-se o alarme, e já se trata de arrear um escaler, tentando o impossivel, quando o nosso inglez, de cabello arrepiado e fatinho leve, com o cachimbo borcado na bocca, surge a indagar.

Rimos como poucas vezes se ri na vida. O proprio inglez, reconhecendo na nossa gargalhada uma saudação estrondosa á sua vida, esboça um sorriso, aperta-nos a mão, e inclina-se para ver o seu cadaver... A agua, colhendo a geito a borracha refractaria, ageitou-a de tal guiza, que o casaco esverdeado, com o sueste adherente, de mangas enfoladas e costas enfunadas, é bem um naufrago desesperado. Faltam-lhe apenas as botas cyclopicas do seu ex-possuidor.

Pouco depois do episodio alegre do inglez das duas côres, dobrado aos rebolões o Finisterra, faz-se a bordo um recolhimento de morte. Todos desapparecem, o pessoal e os poucos passageiros que resistiam. Durante horas e horas fatigantes, apprehensivas, rolamos como o mar decreta, sacolejados, abanados, moidos. O temporal parece ainda crescer, quando, transpondo muito ao largo o Machichaco, entramos no golfo temeroso da Gasconha. Com bom tempo, a bahia da Biscaia nem sempre é suave. Com a borrasca que nos persegue, basta pronunciar-lhe o nome, para o bom leitor, em sua casa, atar as mãos na cabeça.

O capitão Richard, lobo velho do mar, disse-nos de manhã, querendo rir, que para a proxima viagem tomaria o *sud-express*, mas o certo é que na sua face havia fadiga, e que em todo o dia nunca mais o vimos, todo attento, lá em cima, á manobra perigosa.

Comtudo, d'essa travessia assustadora do golpho, em que houve gritos e a propria louça de bordo não ficou inteira, eu guardarei apenas uma lembrança ligeira, deliciosa, galante — uma lembrança feminina.

Como que galvanisada pelo perfume da sua França, que ella devia ter surprehendido anciosa no vento que corria velocissimo, appareceu-nos de surpreza, á tarde, no salão, uma rapariga que ainda não viramos.

pois desde Lisboa que as damas se sumiram totalmente.

No seu rosto empallidecido, olheirento, sem retoque, adivinhava-se que padecera com o balanço, mas nos seus olhos, já luzentes, havia uma alegria a romper, como uma madrugada feliz, que ia em breve dourar aquella face.

Pondo as mãos em pala contra a vidraça, procurou enxergar na distancia o primeiro indicio da sua patria, cuja costa demandavamos. O horizonte baixo, fechado, caliginoso, nada lhe revelou de seus segredos, e ella, meia cambaleante ainda, tornou a sentar-se defronte de nós.

O meu companheiro, alegradissimo com a apparição, assaz gentil e incendiariamente loira, rompeu o silencio, que todos tres estavamos desejando terminasse, e a creaturinha, n'um francez cantante, que soou a nossos ouvidos, batidos das ondas brutas, como apaziguadora cantilena de fonte, deixou logo transbordar a alegria que lhe fervia n'alma.

De França, da sua França, que parecia ungir, como mel, doce, a sua bocca pequena, fôra ha annos para a Argentina, atraz d'um sonho... O sonho disfizera-se com o tempo, e ella, a quem nunca a saudade da patria abandonara, bemdizia agora a morte do seu sonho, que lhe restituia a terra amada. Muito mais nos contou ella, que, como puro exemplar do seu sexo, apoz alguns dias de enjoado mutismo, mostrava gozar a volupia da palavra. Mas, se as suas palavras de regosijo e expansão nos foram agradaveis, mais bella foi para mim, que toda ella mesma, uma sua lembrança.

Depois de fallar inebriadamente, saboreadamente, com prazer muito visivel de desentorpecer a lingua, quiz expressar d'outro modo o seu contentamento de poder pisar no dia seguinte a sua França. Os seus azues olhos de bonança cahiram sobre o piano, de que ninguem se havia ha dias lembrado, e correu para elle.

O barco jogava ainda endemoinhadamente, e ella não conseguiria manter-se no banco, que girava, se nós a não ajudassemos. Triumphante, abriu a tampa e sorriu ao teclado, como uma creança a um brinquedo, e, com esforços inauditos, começou a tocar musicas da sua terra.

Era curiosissimo. O mar invalidava toda a melodia e atabalhoava todo o compasso. O teclado furtava-se ás vezes, com a oscillação, aos seus dedos cariciosos. Nós, agarrados ao piano para não tombarmos, aguentavamo-la no seu posto, e a musica sahia fanhosa, desdentada, gaga. Dava a perfeita idéa de musica entornada... Comtudo, no meio da tempestade magestosa, que bramia e rolava de barra a barra do ceu, sobre o barco, que parecia diminuido, alquebrado, da resistencia, essa figurinha agil e engraçada, impondo á colera do mar, ao esforço do vapor, á tempestade que rugia, a nós proprios, que a seguravamos, o seu capricho, era um symbolo agradavel, tentador do fragil, eterno, poder da mulher — e por isso, desde essa hora, o meu enthusiastico amigo decidiu chamá-la a nympha da Biscaia...

* * *

No dia seguinte, corrigido um grande desvio que levavamos, communicamos, finalmente, com a terra em Pauillac. A maré permitte que o vapor suba o rio, e, pela Gironda acima, ganhamos Bordeus, onde nos espera gente assustada. Temos um ar victorioso de nautas valorosos... Um jornalista vem entrevistar o commandante, para dizer depois no *Petite Gironde* a sua resposta:

— «*Ne m'en parlez pas; depuis Lisbonne la traversée a été mauvaise. Nons étions à peine sortis du Taje, que nous avons été assaillis par une mer demontée et un violent vent de nord-ouest, si bien qu'après avoir doublé le cap Finistère le navire a roulé formidablement. La nuit derniére a été particuliérement pénible; personne n'a pu dormir.*»

Felizmente, a nós ninguem nos perguntou nada, senão o cocheiro. Para onde iamos?

— *Hotel Bayonne.*

Manoel de Sousa Pinto.

Os Martyres

POR CHATEAUBRIAND

CANTO XXII

Que valem as penas do corpo, a par dos tormentos da alma! Que fogo tem ardencia, que possa comparar-se á dos remorsos!

O justo é atormentado no corpo; mas a alma, qual fortaleza inexpugnavel, permanece-lhe incolume, emquanto tudo por fóra é devastado. O mau, pelo contrario, repousa em catre de velludo, ou sobre recamo de flôres; mas, parecendo gosar em plena paz, já o inimigo lhe abriu por dentro brecha traiçoeira, e funestos indicios nos desvendam o segredo d'esse homem, na apparencia felicissimo: tal, em campina verdejante, se enxerga o manto funebre da morte, pairando sobre torres de cidade, cujas ruinas a fome e a peste disputam ferozes entre si.

Hiérocles renegou do Céo: o Céo abandona-o ao inferno. Publio, que quer acabar de perder o seu rival, descobriu as infidelidades do ministro do imperante: o sophista distrahira grande parte dos thesouros do principe. Cada qual excogita um novo crime para Hiérocles: porque facil é a cobarde accusação do mau, quando abatido, para os que tambem cobardemente o desculpavam, nas horas do triumpho. E o inimigo de Deus, o que fará? Partir-se-ha para Alexandria, sem diligenciar salvar aquella, a quem perdeu? Demorar-se-ha em Roma, assistindo ás sanguinolentas exequias de Cymódoce?

O odio da plebe não o deixa; um principe terrivel o ameaça; paixão medonha lhe abrasa mente e coração. N'esta perplexidade, os olhos do perfido injectam-se; o olhar torna-se-lhe fixo; os labios descerram-se-lhe; estremecem-lhe as faces, lividas, em tremuras que lhe tomam todo o corpo: serpente por si propria envenenada, com os succos da sua guela mortifera; estirado na via publica, o reptil revolve-se difficilmente no solo; tem as palpebras cerradas; a guela ennegrecida, deixando cahir uma baba verde e pestilenta; a pelle amarellada e retesada, não se lhe arredondando já em seus anneis: assim, inspira medo ainda, mas medo que não tem a ennobrecê-lo o sentimento da força.

Quão differente o christão, em cujas veias quasi exhaustas, circula todavia sangue bastante para fazer pulsar um grande coração! Mas pouco eram tantos remorsos e dôres, precursores sómente de maior castigo, reservado aos inimigos dos fieis. Deus faz um asseno ao anjo exterminador, e apontalhe a dedo duas victimas. O ministro das vinganças celestes arma-se immediatamente com duas azas de fogo, cujo bater pelo espaço simula o rumor longinquo do trovão. Empunha na dextra uma das septe taças, re-

pletas da colera de Deus; e na sinistra, o gladio que matou os recemnascidos do Egypto, e fez parar o sol, illuminando o campo de Senaxerib. Nações inteiras, por seus crimes condemnadas, somem-se perante este espirito inexoravel, e é em vão que mais tarde o homem tenta resurgi-las. Foi elle quem gravou, no festim de Balthazar, as palavras mysteriosas; quem derrubou a fouce do vindimeiro, e a fouce do segador, quando, na ilha de Patmos, João entreviu os formidaveis semblantes do Futuro.

O anjo exterminador desce á Terra n'um relampago, semelhante a essas estrellas que se despegam do céo, trazendo o pavor ao coração do nauta; envolto nas pregas de uma nuvem, inocula-se no pallacio dos Cesares, no momento exacto em que Galerio se ostentava prospero, sentado em banquete voluptuoso.

As luzes do aposento empallidecem; presente-se lá fóra um como arrastar de machinas de guerra; os commensaes levam as mãos a seus cabellos hirtos; sahem-lhes dos olhos lagrimas involuntarias; as sombras dos velhos Romanos levantam-se entre elles e as paredes; e Galerio tem o presentimento da proxima destruição do imperio. Invisivel sempre, o anjo abeira-se do potentado da terra, e deita-lhe na taça algumas gottas do vinho da colera celeste. Impellido pelo seu mau destino, o imperante leva aos labios o fatal licor; mas mal acabava de libar á fortuna dos Cesares, sente-se inopinadamente embriagado; inesperada e repentina dôr o prostra aos pés dos escravos: Deus atirara esse gigante a terra, n'um momento.

Uma viga cortada no cume do Gárgaro, apodrecera em pallacio habitado por uma raça antiga; um dia, as labaredas, que brilhavam na lareira do principe, galgam até topar com a trave resequida; o roble incendeia-se, o vigamento estala, e projecta-se com estrondo nas salas, que estremecem: assim cahiu Galerio. O anjo abandona-o a este primeiro effeito da colera celeste, e vôa á pousada onde gemia Hiérocles. Com um golpe do gladio do Altissimo, fustiga o anjo os flancos do ministro traidor. Declara-se logo uma doença horrenda, cujo germen havia sido importado do Oriente. O misero vê-se com o corpo cheio de uma lepra espessa; as vestes prendem-se-lhe á pelle, como as tunicas de Dejaníra e de Medeia; sente-se com a cabeça ida; blasphema contra céos e terra, e implora depois os christãos, para que o livrem dos espiritos da treva, de quem se sente possesso. Já ia a noite em meio. Hiérocles chama pelos escravos; ordena-lhes que apromptem uma liteira; salta do leito, embrulha-se n'um manto, e manda, como doido, que o conduzam á pousada do juiz dos christãos.

«Festo! lhe brada elle; tens em teu poder uma christã, que é todo o meu tormento: salva-a, entrega-m'a; não a condemnes ás feras; o edicto faculta-te o condemná-la á infamia... Percebes?»

O perverso atira com uma bolsa ás plantas do juiz; e parte-se depois, vociferando, mugindo, como um touro combalido arrastando-se entre os juncos de um paúl.

Por este tempo, havia-se desvanecido a derradeira esperança dos christãos: o mensageiro enviado a Diocleciano por Eudóro, para convidá-lo a retomar o imperio, estava de volta de Salôna. Zacharias fê-lo entrar no carcere. Os confessores tinham todos a sua sentença pronunciada: condemnados a morrer no amphitheatro, como Eudóro. Rodeado pelos bispos, que lhe curavam as feridas, o filho de Lásthenes antolhava-se no chão, sobre as tunicas dos martyres: tal um guerreiro exanime, reclinado sobre pendões arrancados ao inimigo, e rodeado pelos companheiros d'armas. Commovido, interdicto, o mensageiro permanecia com o olhar pregado no esposo de Cymódoce.

«Fallae, irmão, disse-lhe Eudóro; a carne tenho-a um pouco dolorida, mas a alma vigorosa, e sã. Felicitae-me por estar sendo tractado por mãos, que tantas vezes tocaram no corpo de Jesus Christo »

O mensageiro, enxugando as lagrimas, deu conta por estas palavras, da sua entrevista com Diocleciano.

«Eudóro: segundo me havieis ordenado, embarquei no Adriatico, e cheguei em breve a Salôna. Perguntei por Diocleciano, outr'ora Díocles, imperador. Foi-me dicto que habitava em suas hortas, a quatro milhas da cidade. Para lá me encaminhei, a pé. Cheguei á pousada de Díocles; atravessei pateos, onde não vi nem guardas, nem escripiões; não sabia a quem me dirigisse. Enxerguei então um homem, entrado já em annos, que trabalhava n'um pomar; cheguei-

me, e perguntei-lhe onde poderia encontrar o principe, que procurava.

— «Sou eu o Díocles, respondeu me o ve-«lho, continuando a trabalhar. Podeis come-«çar, se alguma cousa tendes a dizer-me.»

«Fiquei attonito.

— «Então! volveu-me Diocleciano, o que «vos traz por cá? Tendes sementes novas a «offerecer-me, e pretendeis que vos dê ou-«tras em troca?»

«Depuz a vossa epistola nas mãos do ve-lho imperante; fiz-lhe sentir os males dos Romanos, e o desejo dos christãos de o ve-rem de novo á testa do governo.

«Ouvindo isto, Diocleciano exclamou, in-terrompendo o seu trabalho:

— «Prouvera aos deuses que aquelles «que vos mandam, vissem tambem os legu-«mes, que cultivo por minhas proprias mãos «em Salôna; não me convidariam a retomar o imperio!»

«Observei-lhe que já um outro hortelão havia consentido em pôr a corôa na cabeça.

— «O hortelão Sidonio? inquiriu elle. Não «estava no meu caso: eu, desci do throno; «elle, teve a tentação de lá subir. Nada «Alexandre conseguiria de mim.»

«Em vão quiz insistir; não pude obter outra resposta.

— «Prestae-me, porém, um serviço, me «disse elle bruscamente. Está acolá um poço; «sois joven, e eu velho: tirae-me a agua de «que as minhas couves carecem.»

«E voltou-me as costas Diocleciano, e Díocles pegou no regador.»

O mensageiro calou-se. Cyrillo dirige-lhe a palavra:

«Não nos podieis ter trazido mais agra-davel resposta. Eudóro, depois que partireis, communicara-nos o mobil da vossa viagem: temiam os bispos que conseguisseis ser ou-vido. Mas o martyrio illuminou o filho de Lásthenes; elle sabe agora o que lhe cum-pre: Galerio é nosso principe legitimo.»

— «Sim, disse Eudóro, arrependido e hu-milde, reconheço-me justamente castigado por um mau proposito.»

Assim fallavam estes martyres, quebran-tados pelas algemas e pelos cavalletes de Galerio: tal o corajoso animal, que empista os ursos e os javalis nas florestas do Ache-loio, incorrendo, sem o merecer, na ani-madversão do caçador; ferido pelo harpéo, ás feras destinado, o molosso volteia com o golpe, e estrebucha no sólo, ensanguentado; mas antes de expirar, dirige um olhar sub-misso para o dono, como a exprobá-lo por se haver privado de um servidor fiel.

Entretanto, Eudóro, prestes a despedir-se da vida, sentia-se como sacudido por vio-lenta inquietação. Mau grado o fervor da sua Fé, e a exaltação da sua alma, o mar-tyr não podia pensar, sem medo, no destino da filha de Homero... Que virá a ser da pobre? Recahirá nas mãos de Hiérocles? Será interrogada pelo juiz? E terá acaso forças para tão terriveis provações? Tê-la-hiam condemnado já, após a sua primeira confissão, conjunctamente com os confessores das prisões de S. Pedro? Eudóro represen-tava-se Cymódoce, dilacerada por leões, im-plorando debalde soccorro, do esposo, por quem a virgem se sacrificava. Depois, pin-tava-se-lhe na imaginação o quadro da fe-licidade, que lhe fôra dado gosar com mu-lher tão bella, e tão pura. Mas, de súbito, uma voz lhe brada, a voz da consciencia:

«São esses, ó martyr, os pensamentos que ora te devem occupar? A Eternidade! a Eternidade!»

Argutos conhecedores do coração huma-no, aventavam já os bispos a lucta, travada no imo da alma do athleta. Adivinhavam-lhe os pensamentos, e diligenciavam revigo-rar-lhe a coragem:

«Companheiro, dizia-lhe Cyrillo, sintamo-nos tomados de alegria: iremos prestes á Gloria. Olhae-me esta prisão: campina vi-cejante, campo de espigas maduras, não tar-dará ceifadas para abastecimento dos cel-leiros do Bom-Pastor! Cymódoce achar-se-ha comnosco, porventura: flôr perdida entre as searas, perfumando a eira, em que me-das e medas se amontoam! Se Deus assim o quer, cumpra-se a vontade de Deus! Mas peçamos antes ao Céo, que deixe a vossa esposa na terra, para que offerte por nós, ao Eterno, o sacrificio das suas preces in-nocentes.»

Quando, após noite de estio asphyxiante, se levanta do oriente aragem fresca, vinda com os primeiros alvores da madrugada, o nauta, detido na sombra, em calmaria, saúda o Zephyro, filho da Aurora, que a derrota bonançoso lhe faculta: taes as palavras de Cyrillo, qual halito beneficente, ao martyr reanimam, impellindo-o no caminho do Céo. Todavia, não póde despojar-se inteiramente

da carne: ha muito que encarrregara alguns christãos intrepidos, de salvarem Cymódoce, não poupando cuidados, trabalhos, nem dinheiro; confiava sobretudo na coragem de Dorotheio, que já por duas vezes experimentara, debalde, pela calada da noite, dar assalto ao carcere da filha de Demódoco. Mais feliz com relação a este, conseguira o pio Dorotheio arrancá-lo dos degraus do templo, e conduzi-lo a bom retiro.

«Desgraçado, dizia-lhe elle, para que adeantardes o fim dos vossos dias? Temeis que elles vos não fujam, com bastante rapidez? Guardae as vossas cãs para vossa filha! Se Deus vo-la quizer tornar a dar, olhae que será ella, dos dois, quem mais careça de carinhos: pois terá perdido seu esposo!»

— «Mas como queres, lhe respondia o velho, que eu cesse de pedir por minha filha! Para ella se me encaminhava o olhar, da outra banda do tumulo! Herdeira ultima da lyra de Homero, haviam-na as Musas ornado de preciosos dons. Administrava-me a pousada; ninguem, na presença d'ella, ousara insultar os meus cabellos brancos. Cresceriam, saltando-me nos joelhos, filhos eguaes a essa mãe! Cymódoce, de ti, cujo fallar era tão doce, em que se tornaram as promessas? Dizia-me ella: «Qual dôr a minha, meu pae, se as Parcas inflexiveis te roubassem jámais ao meu amor! Cortaria as tranças sobre o teu tumulo; passaria os dias a chorar-te, com as minhas companheiras!» Mas, ai de mim! filha minha, serei eu quem fique para te chorar! Serei eu, quem em terra extranjeira, sem filhos, sem patria, sem arrimo, clamarei por ti tres vezes, juncto ao teu leito de morte!»

Qual a um touro arrancado ás honras do pastio, e apartado da novilha, prestes a ser sacrificada aos deuses, assim Dorotheio arrasta a Demódoco, para longe do carcere de Cymódoce.

Já a moça christã havia descerrado as palpebras á luz, ou antes ás trevas do ergastulo. Lê e relê vinte vezes a epistola de Eudóro, e vinte vezes a rega com as lagrimas.

«Extremecido desposado meu, diz ella, no fallar desconcertado das suas duas religiões — senhor, heroe egual aos deuses, ides pois comparecer perante os juizes?... Um ferro cruel! E não estar eu lá, para te tractar das tuas feridas!... Meu pae! porque tão sózinha me deixaes? Vinde! guiae-me ao mais gentil dos mortaes! Arruí-vos, portas sem piedade, que quero ir levar a vida ao soberano esposo da minha alma!»

Assim se carpia Cymódoce no silencio do carcere, emquanto, na vizinhança das prisões, se desencadeava um tumulto, que os martyres escutavam: assemelhava-se ao estrondear do oceano, revoltoso; ao fragor da tempestade, ribombando no cume de montanhas alterosas; ao estraladejar de incendio, em ramaria de pinheiros, pela imprudencia de um zagal: era o grito popular.

Havia em Roma uma usança antiga: na vespera da execução dos criminosos, condemnados ás feras, dava-se-lhes, á porta da prisão, um repasto, chamado o bodo-livre. Os executandos, tinham, n'este repasto, todas as delicadezas de um sumptuoso festim: refinamento barbaro da lei, ou brutal clemencia da religião; da lei, querendo mandar chorar a vida áquelles que estavam prestes a perdê-la; da religião, que não encarando a vida senão pelo prisma do prazer, desejara que o homem, moribundo, se retirasse do mundo saciado.

Esta derradeira collação era servida em uma banca, immensa, no vestibulo da prisão. Curioso e sanguinario, o povo espalhava-se em redor, e os soldados mantinham a ordem. Prestes sahiam os martyres, dos carceres, e vinham sentar-se ao funebre banquete, todos algemados, e com cadeias aos pés, mas de maneira a poderem servir-se das mãos. Os que não podiam andar, por estarem feridos ou tolhidos, vinham amparados pelos irmãos. Eudóro arrastava-se, amparado por dois bispos, venerandos; e os outros confessores, movidos de commiseração e reverencia, extendiam-lhes os mantos, na passagem. Quando appareceu fóra da porta, a multidão não poude calar um brado commovido, e os legionarios fizeram ao seu deposto capitão, a saudação das armas. Os presos alinhavam-se nos catres, voltados para o povo; o centro da banca, occupavam-no Eudóro e Cyrillo; na fronte d'estes dois, resplandecia o que a mocidade e a velhice teem de mais bello: Jacob e Josepho, sentados ao festim do Pharaão. Cyrillo convida os fieis a distribuirem pelo povo as victualhas ricas, afim de substitui-las por singello ágape, composto de pão e vinho. Pasmada, a multidão con-

serva-se em silencio, curiosa por ouvir o que irão dizer os confessores.

E Cyrillo dizia:

«Com justiça é este repasto appellidado livre, porque nos liberta das peias d'este mundo, e dos males da humanidade. Não foi Deus quem fez a morte, e sim o homem. Os homens dar-nos-hão ámanhã, quinhão na sua obra, e Deus, fonte de vida, dar-nos-ha a vida. Oremos, irmãos; oremos por este povo: hoje, parece que effectivamente o compunge a nossa sorte; ámanhã, quando morrermos, será um só em seus applausos: é bem para lastimar! Oremos por elle, e por Galerio, imperador.»

E os martyres oravam pelo povo, e por Galerio, imperador.

Habituados a ver os criminosos regalarem-se como doidos, na orgia do ultimo banquete, ou lamentarem-se pela perda da vida, os pagãos não cessavam de pasmar. Os mais lettrados diziam:

«Que assembleia é esta, de Catões, palestrando sossegadamente na morte, na vespera de dizer adeus á vida? Porventura nos não parecem philosophos, estes homens, a quem nos inculcam como inimigos dos deuses? Que majestade em sua fronte! Que simpleza e comedimento em seu fallar e gestos!»

A plebe dizia:

«Quem é este ancião expressando-se com tamanha auctoridade, e com fallar tão meigo e comedido? Os christãos pedem por nós e por Galerio; lastimam-nos; distribuem pelo povo o seu repasto; antolham-se cobertos de feridas, e de nada nos accusam, nem a quem os condemnou! O Deus d'elles será acaso o verdadeiro Deus?»

Taes os dizeres da multidão. D'entre tantos miseros idólatras, alguns retiraram-se, possuidos de terror; começaram outros a chorar, e a clamar:

«Grande é o Deus dos christãos! Grande é o Deus dos christãos!»

E ficaram para ser catechizados, e creram em Jesus-Christo.

Que espectaculo para a Roma pagã! Que grande licção para ella, esta communhão dos martyres! Homens que dentro em pouco haviam de ir perder a vida, trocavam entre si palavras cheias de uncção e caridade: quando as breves andorinhas se aprestam para dos nossos climas debandar, reunem-se nas torres de um campanario de aldeia, ou nas margens de um lago solitario; o canto da partida, echos não ha que não accordem, repetindo-o; aos primeiros assomos da nortada, levantam logo as aves o vôo, para o céo; e lá vão, em busca de nova primavera, e de terra mais ditosa.

Em meio d'esta scena commovente, enxerga-se um escravo, correndo: atravessa a multidão; pergunta por Eudóro; entrega-lhe uma missiva, do juiz. Eudóro desdobra-a: continha estas palavras:

«Festo, juiz, ao christão Eudóro, saúde!»

«Cymódoce, condemnada á infamia. Hié-«rocles tem certa a sua presa. Pela amizade «que me inspiras, supplico-t'o, Eudóro, sa-«crifica aos deuses! Vem exigir a tua es-«posa: juro-te que a has-de ter pura, e «digna de ti!»

Eudóro desmaia; rodeiam-no; os legionarios proximos apossam-se da carta; o povo reclama-lhe a leitura; um tribuno lê-a, em voz alta; os bispos ficam consternados, mudos; a assembleia revolve-se, em tumulto. Eudóro volta a si, e vê-se cercado pelos legionarios, de joelhos, que lhe bradam:

«Amigo, sacrificae! Em vez do altar, tendes aqui as nossas aguias.»

E apresentam-lhe uma taça, com vinho, para a libação. Horrivel tentação se apossa da alma do mancebo. Cymódoce condemnada á infamia! Cymódoce nos braços de Hiérocles! O arcaboiço do martyr desopprime-se: reabrem-se-lhe as feridas, espadana sangue em abundancia. O povo, transido de piedade, cae tambem á uma de joelhos, e repete com os legionarios:

«Sacrificae! sacrificae!»

Então, Eudóro, em voz sumida:

«As aguias?»

Triumphantes, os soldados batem nos escudos, e apressam-se a apresentar-lhe os estandartes. Eudóro levanta-se; os centuriões amparam-no; caminha quasi a entestar com as aguias; estabelece-se silencio. Eudóro empunha a taça; os bispos velam os rostos com os mantos, e os confessores dão um grito: com o grito, a taça cae das mãos de Eudóro, que derruba as aguias de arremesso, e brada, voltando-se para os companheiros de martyrio: — «Christão! eu sou christão!»

Alexandre Fontes.

Torquato Tasso e Metastasio

I

Torquato Tasso

Albertino Mussato — «Acchileis» e «Eccerinis» — Martirano — «Sophonisba» — Trissino — Guido della Colona — «Rosmunda» e «Orestes» — Rucellai — Alamanni — Speroni — «Horazia» — Aretino — «Didone» e «Marianna» — «Adriana» — Torquato Tasso — «Il Tancredi» — «Merope» — A «tragedia cittadina» — «Erminigildo» — Cinthio — Martirano — Pona — Maffei — Ingegneri — Billota — Guidi — Martelli Bernardoni.

No grande movimento da Renascença, a Italia foi a primeira a dar o exemplo da tragedia clasica. Pertence ao poeta e historiador Albertino Mussato, nascido em Padua, em 1261 e fallecido, em Chiozza, em 1330, a iniciativa de ter feito uma das primeiras tentativas para o apparecimento do drama historico moderno. Mussato prestou serviços á sua cidade natal, que o enviou a negociar junto do imperador Henrique VII a manutenção dos seus privilegios; foi infeliz e por isso severamente julgado. Combateu Cano della Scala, mas foi aprisionado pelo celebre *condottiere*, que o tratou com consideração. De regresso a Padua, occupava-se em redigir a historia do seu tempo, quando em 1325 a sua má sorte o implicou n'um processo politico que custou a vida a um seu irmão e lhe valeu a elle o exilio. A sua obra historica é importante, mas deve principalmente a sua fama ás duas tragedias escriptas em verso latino intituladas: *Achilleis* e *Eccerinis*. Esta ultima tem por heroe o tyranno de Padua, Ezzelino.

Outro poeta dramatico italiano de valor foi o bispo Coriolano Martirano, philologo tambem, nascido em Cosenza em fins do seculo XV e fallecido em Hespanha em 1557. Primeiro advogado e depois padre, foi nomeado pelo papa Clemente VII bispo de S. Marcos, na Calabria; assistiu ao concilio de Trento, e seguiu mais tarde para Hespanha chamado pelo imperador Carlos V que o nomeara secretario do conselho de Napoles. Ha d'elle: *Epistolae familiares*, de 1556, e uma collecção escolhida das suas obras, publicada por seu sobrinho, Marzio: *Tragaediae VIII, Comœdiae II, Odysseae* lib *XII, Batrachomyomachia* e *Argonautica*, de 1556.

A primeira tragedia italiana é a *Sophonisba* de Trissino, obra muito erudita, mas fria. Giovan Giorgio Trissino nasceu em Vicencio, em 1478, e morreu em Roma em 1550. Accusado de simpathizar com o imperador Maximiliano, foi obrigado a abandonar a sua patria, viajou na Allemanha e dirigiu-se a Roma. Mal era conhecido por algumas tentativas poeticas, quando appareceu, em 1515, a sua celebre *Sophonisba*, a primeira tragedia conforme as regras dos antigos que a Europa viu. Essa obra valeu-lhe o favor de Leão X, que o incumbiu de varias missões diplomaticas. De regresso á sua terra escreveu varios trabalhos, mas entristeceu-lhe os ultimos annos da sua vida um longo processo que lhe instaurou seu filho Julio, reivindicando os bens de sua mãe, e que o arruinou. Poeta ou critico, Trissino

nunca cessou de recommendar a imitação dos antigos e a cultura dos generos em que elles tinham primado: epopéa, tragedia, ode. Além da sua *Sophonisba*, Trissino deixou uma comedia imitada dos *Menechmas* de Plauto, *Gli Simillimi*, 1547, e outras obras litterarias.

Não devemos deixar de citar n'esta altura Guido della Colonna, chronista e poeta siciliano do seculo VIII. Era de Messina, onde exerceu as funcções de juiz. A sua *Historia Trajana*, escripta por volta de 1276, obteve um exito extraordinario. Figura n'este estudo porque Boccacio, Chaucer e Shakspeare se inspiraram algumas vezes nos seus trabalhos.

As tragedias *Rosmunda* e *Orestes*, a primeira apparecida em 1516, são devidas a Giovanni Rucellai, nascido em Florença em 1475 e fallecido em Roma em 1525. Rucellai era sobrinho de Lourenço de Medicis o *Magnifico*. Obrigado a sahir em 1494, de Florença, d'onde os Medicis acabavam de ser expulsos, foi para Roma, onde completou os seus estudos litterarios e dedicou-se á poesia. De regresso á sua cidade natal, em 1512, desempenhou diversos cargos e contribuiu para a repatriação dos Medicis. Depois da elevação ao solo pontificio de seu primo Leão X, Rucellai recebeu a nomeação de protonotario apostolico e foi depois mandado a França, na qualidade de nuncio. No pontificado de Clemente VII foi governador do castello de Santo Angelo. Escreveu tambem um poema *As abelhas*, imitação de Virgilio, uma das melhores producções italianas no genero didactico.

GIOVAN GIORGIO TRISSINO

Luiz Alamanni, nascido em Florença em 1495 e fallecido em Amboise em 1556, foi exilado de Florença e refugiou-se em França. Acolhido na côrte de Francisco I, que em 1554 o mandou n'uma embaixada junto de Carlos V, escreveu varias obras e entre ellas a tragedia *Antigona*. O auctor já celebre na Italia, contentou-se em transcrever para a lingua italiana as bellezas da *Antigona* de Sophocles, que Rucellai já imitara na sua *Rosmunda*. O seu estylo é muito superior ao dos poetas que o precederam. Clareza, elegancia, pouca energia, mas nunca emphase, taes são as qualidades que se notam na *Antigona* de Alamanni, impressa pela primeira vez em Lyão, em 1533.

Sperone Speroni degli Alvarotti viu a luz em Padua em 1500 e ali se finou em 1588. Lecionou logica e philosophia na sua terra natal, depois substituiu durante algum tempo Pomponacio em Bolonha. Foi membro do «Conselho dos Dezaseis» em Veneza, desde 1534 a 1548, e embaixador em Roma de Gui de Ubaldo, duque de Urbino, de 1560 a 1564. Tratou de assumptos de moral e litteratura em dialogos imitados de Platão e de Cicero. Compoz uma tragedia intitulada *Canace e Macarea* em 1546, imitada de Seneca, e considerada durante muito tempo como uma obra prima.

A tragedia *Horazia*, em verso, é devida a Pedro Aretino, celebre escriptor satyrico, nascido em Arezzo, d'onde lhe vem o nome, em 1492, e fallecido em Veneza em 1557. Passou toda a sua mocidade em Perusa, depois de ter estudado na universidade d'essa terra e de se ter dedicado durante algum tempo á pintura. Dirigiu-se a Roma no pontificado de Leão X, tornando-se notavel pelo seu espirito satyrico, mordaz, que poz primeiro ao serviço de Leão X e, mais tarde, ao de Clemente VII. Estes dois Medicis foram os seus dois primeiros protectores, mas não satisfizeram completamente a sua ambição, que era grande, e sahiu de Roma em 1525, para ficar ao serviço de um outro Medicis, João dos Bandos-Negros. Tendo morrido este *condottiere* em 1517, Aretino estabeleceu-se em Veneza. Gosava já de grande fama sem ter feito mais que pasquins, pequenos escriptos satyricos em prosa, ou as mais das vezes em verso, que circulavam clandestinamente e em que elle era primoroso.

Em Veneza, alojou-se n'um palacio das margens do Grande-Canal, e a opulencia em que teve a habilidade de viver n'uma época em que os maiores poetas, como Ariosto, eram obrigados a estar a soldo de um principe, n'uma especie de domesticidade, para não morrer de fome, deu origem a todas as especies de fabulas que os documentos desmentem. A habilidade de Aretino consistiu em arranjar varios amos, para não estar subordinado a um só; a tornar-se

pensionista simultaneamente dos Medicis, de Carlos V e de um certo numero de principes italianos, como o duque de Urbino, o principe de Salerno, o marquez del Vasto, bem como os representantes do imperador da Italia. O dinheiro que soube arrancar-lhes provinha muito menos, apesar de tudo quanto se tem dito, do receio que inspirava como satirico que da sua esperteza em lisonjear e em servir os seus differentes protectores, em provocar as generosidades de um divulgando as liberalidades dos outros. As obras que redigiu nos generos mais differentes, a partir de 1532, alcançaram todas uma voga consideravel, e collocaram-no á frente dos litteratos do seu tempo, o que explica perfeitamente o preço que os principes puzeram á sua amisade. São ellas, a par de muitas outras, o seu theatro composto de cinco comedias: *Cortigiana*, 1534; *Il Marescalco*, 1535; *Ipppocrito*, 1542; *Il Filosofo*, 1546; *Talanta*, 1550; e a tragedia em verso, a que atrás se fez referencia, *Horazia*, 1546, baseada no mesmo assumpto que a de Corneille, o combate dos Horacios e dos Curiacios.

PEDRO ARETINO

As tragedias *Didone* e *Marianna* são devidas a Ludovico Dolce, nascido em Veneza em 1505 e fallecido em 1568. Além de traducções de Horacio, Virgilio, Cicero e de Seneca, etc., escreveu: *Dialogo della instituzone delle donne; Osservazioni nella volgar lingua*, as duas tragedias a que nos referimos, a ultima datada de 1565, e *Vidas* do imperador Carlos V e do imperador Fernando.

A tragedia *Adriana*, representada antes de 1561 a 1586 e que se baseia na historia de Romeu e Julieta, é devida á penna de Luiz Groto ou Grotto, poeta veneziano chamado o *Cego de Adria*. Nasceu em Adria em 1541 e finou-se em Veneza em 1585. Perdeu a vista pouco depois de nascer, o que não o impediu de se dedicar ao estudo com amor. Além da tragedia *Adriana*, escreveu as comedias *Emilia*, *O tesouro*, *A Alteria*; poesias pastoris, cartas familiares, e uma edição, muito correcta de *Boccacio*.

Torquato Tasso era filho do poeta Bernardo Tasso. Nasceu em Sorrento em 1544 e expirou em Roma em 1595. Frequentou na universidade de Padua theologia, philosophia e jurisprudencia, Tornou-o conhecido o poema de cavallaria *Reinaldo*, que publicou aos dezasete annos e que foi acolhido pelos applausos enthusiastas de toda a Italia. Chamado á côrte do duque de Ferrara Affonso II em 1565, nomeado gentilhomem do cardeal Luiz de Este, irmão do duque, a quem acompanhou a França em 1571, recebido com favor pelo rei Carlos IX, decahiu pouco depois das graças do cardeal, mas de regresso a Italia, abriram-lhe os braços com a mesma benevolencia que antes, consagrando-se á composição da sua *Jerusalem libertada*, já delineada nos seus primeiros versos antes da partida. Nos intervallos, escreveu, em 1572, *Aminta*, comedia pastoral, que ficou como modelo no genero. Foi em 1575 que terminou a *Jerusalem libertada*, e antes mesmo de ser impressa (só o devia ter sido em 1580) principiaram as infelicidades do poeta.

Convém, em primeiro logar, pôr de parte a lenda que espalhou que Tasso, enamorado da irman do duque de Ferrara, Leonor de Este, fôra surprehendido e depois expulso pelo seu protector e por fim encerrado, como reincidente, n'um hospital de doidos. A causa das infelicidades de Tasso deve-as á sua prodigiosa fatuidade. Pensara em explorar a generosidade dos pequenos principes italianos, cujos antepassados glorificava, e alienou a amisade do duque de Ferrara addiando sempre a dedicatoria que lhe devia fazer do seu poema. Apoderou-se d'elle o delirio da perseguição. Em 1577 fugiu, durante a noite, do palacio de Ferrara, refugiou-se em casa de sua irman, em Sorrento e pediu depois ao duque a continuação de relações. O duque restituiu-lhe os seus antigos aposentos e admittiu-o novamente á sua meza. Tasso fugiu outra vez e percorreu ao acaso a Italia.

De volta a Ferrara, decorrido algum tempo, chegou ao palacio do duque no momento em que elle dava grandes festas para celebrar o seu segundo casamento com Margarida de Gonzaga, 1579; ninguem se im-

portou com elle e o duque recusou-se a recebê-lo. O poeta excedeu-se a ponto de injuriar o seu bemfeitor, e Affonso mandou-o metter no hospital de Sant'Anna. Foi ali que o viu Montaigne, que d'elle se lembrou nos seus *Essais*. A *Jerusalem libertada* foi impressa em Veneza, em 1580, por um manuscripto roubado ao poeta durante o seu captiveiro. Logo que ficou livre, Tasso oppoz-se formalmente a qualquer publicação. Receava as censuras ecclesiasticas, e, ameaçado de excommunhão, declarou que se submetteria a todas as exigencias do Santo Officio. Ora, nenhuma passagem da sua obra era bem vista pelo sagrado tribunal, e Tasso resolvera refundir tudo quando o livro appareceu.

Não quiz reconher como sua tal publicação, e, quando o restituiram á liberdade em 1586, depois de sete annos de duro sequestro, consagrou-se ao novo poema, *Jerusalem conquistada*, que desejava compôr segundo o plano traçado pelos inquisidores e a quem queria fazer esquecer e sua obra prima. Esta *Jerusalem conquistada* só appareceu em 1593. Uma epopéa sobre a creação, *Sette gionarte*, apenas se imprimiu em 1607, depois da sua morte.

Tasso passou o resto da vida vagueando de cidade em cidade, luctando muita vez com a miseria, e sempre devorado por sombria melancolia. O cardeal Aldrobondini, eleito papa com o nome de Clemente VIII, quiz reaccender na alma do poeta o sentimento da vida com o da gloria, renovando para elle o triumpho e a coroação no capitolio. Não estavam ainda terminados os preparativos da festa quando Tasso morreu. Para o theatro escreveu a tragedia *Torrismondo*, traduzida em francez por Vion, em 1836, que contém bellas situações e córos magestosos.

TORQUATO TASSO

A tragedia *Il Tancredi*, publicada em 1588, pertence a Frederico Asinari, conde de Camerano, nascido em Asti. Serviu nas tropas do duque de Saboia, Philisberto-Manuel, nas do imperador Maximiliano II e cultivou a poesia. A tragedia *Il Tancredi*, foi primeiro attribuida a Tasso e depois a um dos seus parentes, talvez a seu filho Octaviano Asinari.

A tragedia *Merope*, a ultima em que figurou o côro fixo, foi escripta por Pomponio Torelli, nascido em 1539 e fallecido em Parma em 1608. Pertencia á familia dos condes de Guastada, viajou em França, casou no seu regresso com uma sobrinha do papa Pio V e conquistou a confiança do duque de Parma, Octaviano Farnesio. Nas suas obras litterarias, numerosas, encontram-se outras tragedias além da *Merope*.

A tragedia *Soldato*, de Leonico, publicada em 1550, gosa da fama de originar na Italia a *tragedia cittadina*, ou tragedia domestica.

Mondela tratou, em 1582, assumptos de historia moderna na sua *Isifile* e Fuligni seguiu-lhe no encalço, em 1589, com o *Bragadino*. O uso, ou melhor o abuso de introduzir no seculo XVII arias musicaes nas tragedias constituiu um perigo serio para a sua existencia. Alguns historiadores attribuem a Prospero Bonarelli, auctor da tragedia *Solimano*, o ter rompido com a tradição e acabar com o côro na tragedia italiana. Prospero Bonarelli Della Rovere nasceu em Urbino ao que parece, em 1588, e morreu ali em 1659. São suas, como dissemos, as tragedias *Solimano*, 1619, e *Medoro incoronato*, 1645, e as comedias *Abbagli felici*, *Fuggitivi amanti* e *Lo spedale*, uma pastoral tragi-comica, etc. Seu filho Pedro tambem escreveu para o theatro e acompanhou a França, em 1640, o legado Mazarini.

Ferrante Pallavicino auctor da tragedia *Erminigildo*, publicada em 1655, quiz fazer uma innovação no genero empregando o rythmo. O gosto do povo, porém, recusou-se terminantemente a acceitar semelhante novidade. Pallavicino nasceu em Plasencia, por volta de 1618. Refugiado primeiro em Veneza, por causa de um rapto escandaloso, publicou ali as suas primeiras obras Expulso da republica por causa da licenciosidade dos seus escriptos, dirigiu-se para a Allemanha e ahi escreveu violentas satiras contra os Barberinos e a curia romana. Commettendo a imprudencia de se aventurar no condado de Avignon, lá foi preso, e decapitado em 1644.

Antes de proseguirmos devemos citar o nome de Giovanni Andrea dell'Auguillara, nascido em Sufri, Toscana, em 1517 e fal-

lecido em 1570. Entre outras obras traduziu um *Œdipo Rei*.

Giovanni Battista Giraldi, denominado *Cinthio*, nasceu em Ferrara em 1504 e morreu ali em 1573. Lecionou medicina e philosophia em Ferrara e depois foi secretario de Estado no tempo dos duques Hercules II e Affonso II. Occupou em seguida uma cadeira de eloquencia em Pavia e tornou-se membro da academia dos *Affidati* onde tomou o nome de *Cinthio*. Escreveu nove tragedias publicadas em Veneza, em 1583 e uma collecção de novellas. Ha d'elle uma tragedia muito falada a *Orbecche* que data de 1541. As *Hecatommithi*, novellas, publicadas em 1562, ás quaes Shakspeare foi buscar muitos dos seus themas, foram traduzidas em francez por G. Chappuys, com o titulo de: *As cem excellentes novellas*.

FRANCISCO SCIPIÃO, MARQUEZ DE MAFFEI

No seculo XVII, em 1635, appareceu a tragedia *Cleopatra*, a melhor obra dramatica de Francisco Pona. Medico e litterato, nasceu em Verona em 1594 e ahi falleceu em 1655. Aos vinte annos tomou o grau de doutor em philosophia e medicina, adquiriu logo uma grande reputação e veio a ser, em 1651 historiographo do imperador Fernando III e membro das academias dos *Filarmonica* de Verona e da *Incogniti* de Veneza. Pona deixou mais de cento e dez obras, que tratam de materias medicas, philosophicas, historicas, poeticas, dramaticas, sagradas, etc.

A tragedia *Merope* de Maffei representa uma das mais ruidosas victorias da litteratura dramatica. O auctor escreveu-a á maneira dos gregos sem os copiar servilmente. Baseou-se na mithologia. Merope era filha de Cypselo e rainha de Messenia. O usurpador Polyphonte, assassino de Cresphante, marido de Merope, e de dois dos seus filhos, queria obrigá-la a casar com elle, quando apparece o terceiro filho Æpytes e immola Polyphonte n'um sacrificio. Maffei obteve um grande triumpho e inspirou a *Merope* de Voltaire. E' escripta em *versi sciolti*, verso solto, processo que Voltaire tentou imitar, mas sem grande exito.

Francisco Scipião, marquez de Maffei, poeta e antiquario italiano, nasceu em Verona em 1675 e ahi falleceu em 1755. Irmão mais novo do general Maffei, entrou, em 1703, ao serviço da Baviera e fez com elle a campanha de 1704. De accordo com Apostolo Zeno publicou em 1709 um periodico intitulado: *Giornale de letterati d'Italia*, e, com o fim de reformar o theatro, quasi inteiramente abandonado aos comicos da farça, fez representar, em 1713, a sua tragedia *Merope*. Depois de viajar pela França, Inglaterra, Hollanda e Allemanha, onde o receberam com as maiores distincções, mandou construir em Verona um museu e um observatorio. Entre as suas obras citam-se *Teatro italiano*, de 1723 a 1725 e *Dei teatri antichi e moderni*, publicado em 1753.

Angelo Ingegneri foi um curioso typo de escriptor dramatico. Nasceu em Venesa em 1550 e morreu em Turim ou em Venesa em 1613. Principiou por fazer traducções. De Turim, onde estava em 1578, e onde recolheu o Tasso fugitivo, passou para Parma, onde publicou, em 1581, uma edição da *Jerusalem libertada;* publicou tambem outra, no mesmo anno, em Casalmaggiore. Chamado a Guastalla, por D. Fernando Gonzaga II, para ali dirigir uma fabrica de sabão, Ingegneri não soube administrar os seus negocios, porque foi preso por dividas, em 1587. Encontra-se mais tarde ao serviço do cardeal Cinzio Aldobrandini, em Roma, depois ao do duque de Saboia, em Turim, em 1602, onde tornou a conhecer os rigores da prisão. Deixou algumas poesias em dialecto veneziano, uma tragedia intitulada *Tomiri*, um poema contra a alchimia e uma obra de critica dramatica: *Discorso della poesia rapresentativa*.

Vicente Billota figura n'este estudo por ser auctor da tragedia *Paride*, representada em Napoles em 1638. Pertencia a uma familia illustre na litteratura, era descendente dos Valois e morreu no principio do seculo XVII. O papa Paulo V tomou-o para seu camarista. Era conhecido pelo *Thyrsis de Benevente* e tambem escreveu duas *canzoni* para casamentos.

Carlos Alexandre Guidi fez representar em 1680 a sua tragedia *Amalas semta Italia*. Nasceu em Pavia em 1650 e morreu em 1712. Contribuiu para banir da littera-

tura italiana os *concetti* e o que era brilhante mas artificioso, mas introduziu, com o enthusiasmo pindarico, a emphase na expressão e nas idéas. Ha d'elle: *Poesie liriche*, publicadas em 1681; a pastoral *Endimione*, representada em 1692; a cantata *Dafne*, que data do mesmo anno; *Poesia*, de 1701; *Seis homelias do papa Clemente XI*, traduzidas em verso, de 1712.

Algumas das composições dramaticas de Pedro Jacques Martelli ou Martello, como por exemplo as tragedias *Alcestes* e *Iphigenia em Taurida*, obtiveram um exito notavel. Nasceu esse poeta em Bolonha em 1665 e morreu ali em 1727. Foi secretario do senado em Bolonha em 1697, professor de litteratura na universidade d'essa cidade em 1707 e acompanhou pouco depois, como secretario, Filippe Aldobrandini, embaixador em Roma; mais tarde, em 1713, desempenhou o mesmo cargo em Paris com Pompeu Aldobrandini. Tentou baldadamente pôr em moda os versos de doze pés, rimando dois a dois e baptisados, por causa do seu nome, com a designação de *martellianos*. As suas obras foram publicadas em Bolonha nos annos de 1733 a 1735.

As tragedias *Irene* e *Aspasia* foram escriptas por Pedro Antonio Bernardoni, ou pelo menos representadas a primeira em 1695, a segunda em 1697. Nasceu esse poeta em Vignola, perto de Modena, em 1672, e finou-se em Bolonha em 1714. Em 1707 a côrte de Vienna d'Austria agraciou-o com a dignidade de poeta imperial. Além d'essas tragedias escreveu: *I fiori*, publicadas em Bolonha, em 1694; *Rime varie*, em Vienna, em 1705, e dramas sem musica.

São estes os poetas tragicos de maior nomeada na Italia até fins do seculo XVII. Estudaremos no proximo capitulo os que se lhe succederam.

Quasi todos estes escriptores dramaticos foram buscar, como acabamos de vêr, á antiguidade, á Edade media ou á historia moderna, os assumptos para as suas peças, mas conservaram, no entanto, na acção e nas personagens a simplicidade dos classicos. E não exaggeramos dizendo que a Italia, paiz privilegiado das Bellas-Artes, foi a mais poderosa alavanca do theatro actual, embora outras litteraturas, nomeadamente a francêsa, reclamem para si essa fama em honra.

II

Metastasio

Metastasio e a sua tragedia «Attilio Regulo» — Campi — Gorini — Alfieri — Monti — Manzoni — «O Conde de Carmagnola» — Niccolini — «Antonio Foscarini» — Silvio Pellico — «Francesca di Rimini».

Pedro Bonaventura Trapassi, conhecido pelo nome de Metastasio foi uma das glorias da Italia, que tantas conta. Nasceu em Roma em 1698 e morreu em Vienna em 1782. Pertencia a uma familia pobre; muito novo ainda mostrou espantosa facilidade para a improvização em verso, e compoz, aos quinze annos a sua primeira peça *Il Giustino*. Era uma imitação pura dos antigos, mas não tem merito. N'esta época, a conselho do jurisconsulto Gravina, que se incumbira da sua educação, Trapassi mudou o seu nome para o de Metastasio, palavra grega, que significa passar, e cujo sentido é o mesmo que Trapassi. Gravina morreu em 1718 deixando ao seu protegido quinze mil escudos romanos. Metastasio, depois de dissipar esta herança dirigiu-se a Napoles, em 1731, e ligou-se com uma actriz celebre, M.me Bulgarelli, conhecida pela *Romanina*, para quem escreveu numerosas tragedias lyricas, que fizeram a sua reputação. A *Didone abbandonata*, principalmente excitou um enthusiasmo universal. Tempo depois dirigiu-se com a sua companheira a Veneza onde fez representar *Sirœ*, em seguida regressou a Roma, onde exhibiu, em 1727, *Catone*, *Ezio*, *Artaserse*, *Semiramide*, *Alessandro*. Chamado em 1730 a Vienna por Carlos VI não se limitou a compôr tragedias: *Demetrio*, *Issipile*, *Giuseppe riconosciuto*, *Demofonte*, *La Clemenza di Tito*, *L'Olimpiade*, escreveu para as magnificas festas que se davam então na côrte, peças, poesias, cantatas, etc. No entrementes, morreu *Romanina*, em 1734, deixando-lhe em testamento trinta mil escudos, que elle cedeu ao pobre Bulgarini, marido da cantora. Após a morte de Carlos VI, conservou-se em Vienna, onde Maria Thereza continuou a tratá-lo com grandes honras, mas as guerras que se seguiram e a devoção da imperatriz levaram-no a cessar com os seus trabalhos dra-

maticos. Occupou-se sobretudo a escrever uma *Analyse da Poetica de Aristoteles*, e *Observação sobre o theatro grego*.

Metastasio gosou, no seculo XVIII, de uma reputação immensa. Voltaire achava que muitas scenas das suas tragedias eram dignas de Racine. O que domina n'elle, é a melodia e a suavidade da versificação, a rara habilidade com a qual elle soube harmonizar o estilo dramatico com o rythmo musical; mas falta-lhe vigor originalidade, naturalidade. Deixou sessenta e tres tragedias lyricas e operas de diversos generos, um numero consideravel de cantatas, oratorias, cançonetas, sonetos, idyllios, elegias, etc. A melhor edição das suas obras é a que foi publicada por Pezzana, de 1780 a 1782.

Na tragedia *Attilio Regulo* aproveitou Metastasio o assumpto que a historia romana lhe fornece. Attilio Regulo, consul romano na época da guerra punica, foi aprisionado pelos carthaginezes. Estes enviaram-no a Roma, sob palavra, para tratar da troca dos prisioneiros. Attilio foi o primeiro a aconselhar aos romanos que não assentisem na troca, e voltou com essa resposta a Carthago, apesar das supplicas de sua filha e genro e apesar de saber que o esperavam os mais crueis supplicios. Os carthaginezes ficaram admirados com o regresso de Attilio, que ia espontaneamente entregar-se, para não faltar á fé jurada, a uma morte certa, e deram-lhe a liberdade. A tragedia contem scenas formosissimas.

Paulo Emilio Campi auctor das tragedias *Biblis* e *Wladimiro* ou a *Conversão da Russia* nasceu em Modena em 1740 e morreu em 1796. A primeira das suas tragedias obteve grande exito nos theatros italianos; a segunda data de 1777. Sustentou aturada correspondencia com Voltaire e dirigiu-lhe entre outras uma carta, em 1774, sobre o dialogo *Pegaso e o Velho*.

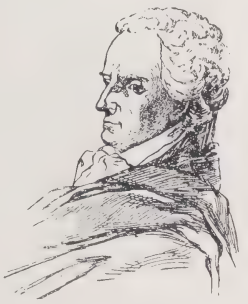
A tragedia *Jezabel* foi escripta por Giuseppe Corio, marquez de Gorini. Nasceu esse poeta em Milão nos fins do seculo XVII e finou-se em em 1761. Estudou em Paris as obras primas do theatro francez. De regresso á patria fez representar com exito peças imitadas de Corneille, Racine e Molière, que estão reunidas no seu *Theatro tragico e comico*, publicado em 1732. Ha inda d'elle: *Rimas diversas*, publicadas em 1724; Politica, *dirito e religione*, publicada em 1742 e *L'Uomo, rattato fisico-morale*, publicado em 1756.

PEDRO BONAVENTURA TRAPASSI, o *Metastasio*

Após estes appareceu o maior dos poetas tragicos da Italia o conde Victor Alfieri. Nasceu em 1749, em Asti, Piemonte, e morreu em Florença em 1803. Passou a mocidade nos prazeres e nas aventuras e percorreu n'uma carreira douda uma parte da Europa, sem outro fim, como elle proprio declarou, senão para *andar em movimento*. Só começou a escrever em 1775. O theatro attrahia-o, e escreveu vinte tragedias. Substituiu a maneira branda, effeminada e graciosa dos antecessores por um dialogo cerrado, nervoso e preciso, por um estilo varonil, puro, extramente conciso, cheio de imagens empolgantes e de pensamentos fortes, por uma acção sobria até á seccura, por caracteres traçados com energia, por situações verdadeiramente tragicas e sentimentos elevados. As suas obras mais notaveis são: *Philippe II, Polynice, Antigona, Agamemnon, Virginia, Orestes, A conjura dos Pazzi, Don Garcia, Rosemonde, Maria Stuart, Timoleon, Octavia, Merope* e *Saul*. Em resumo, reconhece-se geralmente que é inferior aos grandes poetas modernos que trataram dos mesmos assumptos. Imitador da escola francesa, apesar das suas prevenções e negativas, ficou, segundo o habil critico Guiguené, á mesma distancia dos grandes tragicos francezes que estes dos gregos. Além do seu theatro escreveu uma *Historia da minha vida*, que foi traduzida em francez e um tratado *Da tyrannia*.

Alfieri no principio da sua carreira teve a felicidade de encontrar uma mulher cheia de encanto e de elevação, a condessa d'Albany, esposa dos ultimo dos Stuarts, cuja influencia o prendeu para sempre ao trabalho. Separado d'ella pelo capricho dos acontecimentos e do mundo, encontrou-a em Paris, onde fôra, para man-

dar imprimir as suas *Obras dramaticas*, e casou com ella quando enviuvou, em 1788. A condessa d'Albany mandou-lhe erigir, na egreja de Santa Croce, em Florença, um monumento em marmore, uma das obras primas de Canova, e que está collocado entre os tumulos de Machiavello e de Miguel Angelo. A condessa d'Albany publicou uma edição completa das suas obras em Pisa, de 1805 a 1815. As tragedias de Alfieri fôram traduzidas para francez por Petiot e publicadas em Paris, em 1802.



O CONDE VICTOR ALFIERI

Na *Antigona*, imitada de Sophocles, Alfieri eliminou do seu trabalho todas as personagens subalternas que dão um certo valor á tragedia do poeta grego e não aproveitou mais que as figuras absolutamente indispensaveis á acção: Creon, Hemon e Antígona. Na *Agamemnon*, que subiu á scena em 1783, Alfieri apresenta um heroe fatigado de poder, desgostoso da gloria adquirida pelas desgraças da humanidade e procurando a paz da vida particular junto de uma esposa que o trahe e que lhe deve dar á morte. Nunca Alfieri levou mais longe o terror e a compaixão, e, entre as suas mais felizes concepções dramaticas, esta, pela simplicidade do plano, pela pintura das paixões, merece ser collocada em primeiro logar. Na tragedia *Philippe II*, representada em 1774, por consequencia anterior ao *D. Carlos* de Schiller, baseia o seu entrecho na mesma tradição, hoje demonstrada ser falsa, e que fazia de D. Carlos o rival feliz de seu pae. Alfieri delineou nessa obra scenas de uma grande formosura; e reproduziu sobretudo com estupenda verdade a profunda dissimulação do monarca hespanhol.

Vicenzo Monti um dos mais versateis litteratos do universo nasceu em Ortazzo, perto d'Alfonsina e de Fusignano em 1754 e finou-se em Milão em 1828. Pertenceu, desde 1775, á Academia dos Arcades e foi para Roma em 1778. As suas primeiras poesias: *Visão de Ezequiel*, *Virginia*, *Sonetos sobre a morte de Judas Machabeu*, *Prosopopéa de Pericles*, publicadas em 1779, poesias escriptas com sabor classico, attestam a variedade da sua leitura: Dante, a Biblia, Ossian, Marini. A sua primeira tragedia *Aristodemo*, posta em scena em 1784, é uma imitação de Alfieri, assim como o *Galeoto Manfredi*, de 1788, e o *Caio Graccho*, escripta de 1800 a 1802, mas imitações repletas de talento. A *Bassvilliana*, 1793, inspirada pela morte do enviado francez Bassville, trucidado pela populaça romana, poema verdadeiramente dantesco, escripto em *terzine*, constituiu o primeiro escalão de Monti através das numerosas palinodias de que a sua carreira foi semeada.

Ali mostrava-se profundamente monarchico e religioso; depois vêmo-lo alternativamente na *Musogonia*, chamar as armas da Austria contra os francezes; no *Fanatismo* e na *Superstição* maldizer o que elle chamava os crimes dos papas; na *Canzone sobre o Congresso d'Udina* saudar o sol nascer de Bonaparte. Obrigado a refugiar-se em França, quando os austriacos tomaram a offensiva, foi para Paris, onde contava obter uma cadeira no Collegio de França, mas só recebeu um subsidio de quinhentos francos. Escreveu a proposito da morte do seu amigo Marcheroni, a sua *Marcheroniana*, obra odienta, cheia de allusões pessoaes contra os seus inimigos. De regresso á Italia, depois de Marengo, Monti compoz versos que todos os exilados puderam repetir com elle: *Bella Italia, amante Spondale*, 1802; a canção intitulada: *Fior di mia gioventute*, 1803; *Theseu*, acção dramatica, representada no Scala, e, no momento da coroação do imperador uma cantata em que a sombra do Dante aconselhava á Italia a procurar um rei.

Recompensado foi o seu lyrismo com a nomeação de professor de eloquencia de Pavia e com o logar de historiógrapho no novo reino de Italia. Monti celebrou desde então todas as victorias de Napoleão: *O bardo da Floresta Negra*, *A espada de Frederico*, etc. Isto não impediu ao ser vencido Napoleão que elle cantasse com o mesmo enthusiasmo na *Mystica homenagem*, 1815, no *O convite a Pallas* e na *Volta d'Astréa*, o regresso dos austriacos. Deve-se-lhe uma boa acção na *Illiada*. A sua obra em prosa mais consideravel é a *Proposta de certas correcções e addições a*

fazer ao diccionario de la Crusca, 1818, obra em que as questões grammaticaes são tratadas com attractivo e espirito.

Antes de falar de Alexandre Manzoni, devemos citar Francesca Manzoni, auctora das tragedias sacras: *Esther; Abigail; Debhora,* 1735; *La Madre dei Maccabei,* 1727; e uma traducção dos *Tristes,* de Ovidio. Nasceu essa poetisa em Barsio, no Milanez, em 1710 e falleceu em 1743. Foi educada sob a direcção do pae, jurisconsulto de talento, e recebeu larga instrucção. Além das tragedias citadas, deixou varias poesias em diversas collecções.

VICENZO MONTI

Alexandre Manzoni nasceu em Milão em 1785 e morreu em 1783. Era, por sua mãe, neto de Beccaria. Publicou em 1805, em Paris, a sua primeira poesia: *Sur la morte de Carlo Imbonati.* Em 1807 voltou a Milão com sua mãe, e ahi publicou pouco depois o seu poema: *Urania,* bastante medíocre. Apesar das suas primeiras tendencias philosophicas, que herdara de Beccaria, o espirito de Manzoni sentia-se attrahido para o catholicismo; esta conversão accentuou-se com a publicação dos *Hymnos sacros* sobre as principaes festas da religião romana, 1810; era a aurora do romantismo na Italia. Duas tragedias, nas quaes a influencia de Goethe é visivel: *O conde de Carmagnola* e os *Adelchi,* succederam a estas primeiras producções. Teem partes muito notaveis; o seu defeito, reside no temperamento do poeta, demasiado calmo para traduzir a paixão e o terror. São mais feitas para se lerem que para a scena. Manzoni nunca se empenhou por que fossem representadas.

ALEXANDRE MANZONI

Os seus triumphos aos olhos dos letrados só se tornaram completos com o romance *Promessi sposi,* «Os noivos», que appareceu em milão em 1827 e tornou Manzoni verdadeiramente popular. As suas outras obras: *Discursos sobre a historia da Lombardia,* 1822; *Observações sobre a moral catholica.* 1834; a *Historia da columna infame,* 1842; pouco accrescentaram a sua reputação. A influencia litteraria que as suas obras exerceram fez-se sentir principalmente na lingua que Manzoni rejuvenesceu colhendo no seu manacial os diversos dialectos italianos. As suas qualidades são sobretudo liricas, como o demonstram os coros das suas tragedias, a sua ode do *Cinco de maio de 1821* e certas paginas muito poeticas dos *Promessi sposi.* Immutavel nas suas opiniões, não cessou, sob o dominio austriaco, de pertencer á causa liberal. Talvez contra vontade sua, inspirasse os escriptos de Gioberti, de Romini, de Carlo Troya, de Massimo d'Azeglio, e secundado por isso mesmo o movimento nacional de 1847. Conservou-se tambem immutavelmente invariavel na sua fé catholica. A sua morte produziu na Italia uma impressão profunda, e Milão chorou-o com funeraes quasi reaes.

A tragedia o *Conde de Carmagnola,* de Manzoni, é em verso, em cinco actos e appareceu em 1820. A acção desenvolve-se com grande simplicidade. Baseia-se na vida de Carmagnola, guerreiro italiano do seculo xv. Chamava-se Francisco Bussone e era filho de um aldeão de Carmagnola, d'onde lhe proveio o nome. Entrou como *condottiere* ao serviço do duque de Milão, Visconti, e obteve tantas victorias que o duque lhe deu a filha em casamento. Pouco tempo depois, porém, o sogro tentou desembaraçar-se d'elle porque o genro planeava fazer uma revolução semelhante á que mais tarde realizou Sforza. Carmagnola fugiu para Veneza e o duque confiscou-lhe os bens. Carmagnola, salvo milagrosamente do veneno mandado propinar pelo duque, pôz-se á frente das tropas de Veneza e de Florença contra Milão. Marcha sobre Brescia e obriga o sogro a assignar um tratado oneroso. A victoria no anno seguinte continúa ainda ao lado de Carmagnola. Aprisiona o general contrario e dez mil soldados, mas em vez de marchar sobre Milão, conserva-se inactivo. liberta os prisioneiros e obriga Veneza a fazer a paz. O senado veneziano decide a morte de Carmagnola. Chama-o á cidade, onde é intro-

duzido com grande pompa no palacio do doge; separado logo da comitiva, preso e amordaçado, levam-no á praça de S. Marcos onde o decapitam. A republica confiscou-lhe os bens, incumbindo-se, todavia, da subsistencia da viuva e estabelecendo dotes ás filhas.

Esta é a parte historica. Na tragedia de Manzoni os três primeiros actos abrangem scenas da vida militar do protagonista. Ferese a batalha e Carmagnola vencedor solta os prisioneiros impellido por sentimentos de humanidade. Accusado perante o conselho dos Dez, tenta em vão defender-se, sendo condemnado á morte por traição por um tribunal mudo e mascarado. No quinto acto, Carmagnola marcha para o supplicio. O valor d'esta obra consiste na sua perfeita unidade, no encanto e na pureza do verso que a tornam uma obra classica do theatro italiano.

João Baptista Niccolini, um dos mais afamados poetas da Italia, nasceu em San Giuliano, Toscana, em 1785, e morreu em 1861. Ligou-se intimamente com Ugo Foscolo, que lhe dedicou, em 1803, o seu *Commentario da cabelleira de Berenice*, poema grego de Callimaco. A primeira tentativa de Niccolini appareceu em 1804: é o poema da *Peste de Livorno*. Protegido pela princeza Elisa, rainha da Etruria, obteve um logar de secretario na Academia das Bellas Artes de Florença, onde professou os cursos de historia de mithologia, de 1807 a 1808. A sua primeira obra dramatica foi a tragedia *Polissena*, 1810; appareceram em seguida *Edipo, I sete a Tebe, Agamemnone, Medea*, outras imitações do antigo, e depois *Matilda*, drama moderno, 1815; *Nabucco*, 1819, onde sob nomes antigos o auctor põe em scena Napoleão, Maria Luiza, Pio VII, Carnot, e faz a critica tanto da theocracia como do despotismo. Na volta do duque Fernando, Niccolini foi nomeado bibliothecario adjunto do palacio Pitti; mas querendo manter-se independente, abandonou a côrte e ficou n'um estado precario até o momento em que um dos seus tios, ao morrer, lhe deixou uma bella riqueza.

Pôde então entregar-se completamente ás lettras. Escreveu discursos em prosa. *Sobre a semelhança da poesia e da pintura; Sobre a formação da lingua*, 1818; *Sobre o sublime e Miguel Angelo*, 1825; etc. Emfim, em 1827, offereceu ao publico, depois de dez annos de silencio, uma obra notavel: *Antonio Foscarini*, seguida d'outros grandes dramas historicos: *Giovanni da Procida*, 1830, cujo exito foi immenso; *Lodovico Sforza*, 1834, bello estudo historico; *Rosmonda d'Ingilterra*, 1839, drama; *Beatrici Cenci*. O talento do poeta pareceu ainda ampliar-se nas suas ultimas obras dramaticas, inspiradas pelo patriotismo mais elevado: *Arnaldo da Brescia*, 1845, sua obra prima, e *Filippe Strozzi*, 1847. A sua ultima obra: *Mario e os Cimbrios* não passa de um esboço. Niccolini é mais historiador que tragico e mais orador que poeta; busca sobretudo a verdade, a exactidão dos factos, das situações, dos caracteres; as suas personagens são verdadeiras, embora de uma verdade muitas vezes ideal. Pelo seu estylo nervoso e colorido, conciso sem seccura, mantem-se n'um justo meio entre os classicos e os romanticos. As suas *obras completas* appareceram depois da sua morte, 1860-1880.

JOÃO BAPTISTA NICCOLINI

O drama *Antonio Foscarini* foi representado em Florença, em 1827, e é em verso. Niccolini aproveitou um assumpto historico. Existia em Veneza uma lei inflexivel: qualquer homem que entrasse de noite em casa de um embaixador estrangeiro seria condemnado á morte. Ora, a janella de uma veneziana, amante de Antonio Foscarini, filho do doge, era contígua á varanda do embaixador de Hespanha. Uma noite, estando em perigo de ser descoberto com a amante, para lhe salvar a honra, a troco da propria vida, Foscarini salta para a janella do representante de Castella. Depois, deixa-se encarcerar, condemnar e executar sem proferir uma unica palavra. A scena mais tragica é aquella em que Foscarini se encontra a sós com o pae, que comprehende que o filho não commettera nenhuma traição em detrimento do Estado, e que lhe occulta um segredo que lhe pode salvar a vida. O velho doge quer que o filho fale; interroga-o, con-

jura-o a responder; supplica-lhe que lhe diga a verdade e chega a ajoelhar-se-lhe aos pés. Antonio Foscarini soffre e chora, mas resiste. Inabalavel no seu silencio, deve calar-se e morrer, para não comprometter a amante.

Silvio Pellico nasceu em Salones, em 1789 e finou-se em Turim em 1854. D'um temperamento debil e de um caracter meigo, educado em sentimentos religiosos, que levou por vezes até á exaltação, compoz, depois de terminados os seus estudos, duas tragedias: *Leodamia* e a commovedora *Francesca da Rimini*. Professor n'uma casa rica, conheceu M.me de Stael, Schlegel, Thorwaldsen e Byron, que traduziu *Francesca da Rimini;* em troca Silvio Pellico traduziu *Manfredo*. Foi preceptor dos filhos do conde Porro, em casa do qual se reuniam patriotas ardentes, quando, desejoso de conhecer a organização de uma sociedade que se envolvia no mysterio, commetteu a imprudencia de confiar ao correio uma carta em que perguntava quaes as obrigações que tinha a contrahir para se tornar carbonario. A missiva foi entregue ao conde de Babna, governador de Milão. Pellico foi preso, e, depois de um processo instaurado sobre apontamentos, sem defesa nem acareamento de testemunhas, condemnado á morte. O imperador commutou a pena em quinze annos de *carcere rigoroso,* 1822, que o poeta cumpriu em Spielberg.

SILVIO PELLICO

Confrange ler no livro *Le Mie Prigioni* «As minhas prisões», a narrativa das torturas moraes e physicas que soffreu. Soltaram-no em 1830. Os theatros de Turim quizeram representar as tragedias que Pellico compuzera durante o captiveiro: *Esther d'Engadi* e *Gismonda*, mas foram prohibidas pela censura. O maior exito litterario, porém, que alcançou deve-o a descripção do seu encerramento á *Le Mie Prigioni*, 1833. Silvio Pellico quasi se atemorizou. Vergado pelo soffrimento, submetteu-se inteiramente, diz-se á Austria. Nos ultimos tempos da sua existencia, vivia muito retirado, em Turim, em casa do marquez de Barolo, que o tomara para bibliothecario. Em 1834 publicou os *Deveres dos homens,* obra que, apesar da sua monotonia, recebeu bom acolhimento do publico. As suas *Obras completas* conteem, entre outros trabalhos já mencionados, quatro tragedias: *Leomiero da Dertona, Conradino, Herodiada* e *Thomas Morus; cantiche* ou novellas em verso; poesias religiosas e mysticas, entre outras, paraphrases da *Imitação;* esboços de dois ensaios dramaticos, *Raphael de Sienne* e os *Français d'Agrigente*. As suas *Cartas* foram colleccionadas por G. Stefani e traduzidas em francez por A. de Latour, em 1857.

Francesca di Rimini, italiana que viveu seculo XIII deveu a sua celebridade a Dante que a apresentou como heroina de um dos mais bellos episodios da *Divina Comedia,* no canto V do *Inferno*. Filha de Guido de Polenta, senhor de Ravenna, e dotada de grande belleza, casara contra vontade com Lanciotto, filho de Malatesta, senhor de Rimini. Lanciotto era disforme; seu irmão mais novo, Paolo, pelo contrario, podia chamar-se um lindo rapaz. Francesca depressa desprezou o marido para se lançar nos braços do cunhado. Lanciotto surprehendeu-os e matou-os com a mesma estocada. Dante penetrando no circulo onde estão entregues ao supplicio as almas d'aquelles que o amor perdeu, vê duas sombras estreitamente enlaçadas, arrebatadas pelo furacão infernal. Param um momento e Francesca conta-lhe a sua tragica historia:

— «Nós líamos um dia, por passatempo a historia de Lancelote e como d'elle se apoderou o amor; estávamos sós e sem nenhuma suspeita. Diversas vezes essa leitura nos fez levantar os olhos e empallidecer; mas essa historia tem uma passagem que nos perdeu. Quando líamos como esse amante tão terno beijou, com um sorriso, a bocca adorada, este, que nunca se separa de mim, beijou-me todo trémulo, nos labios. O livro e aquelle que o escreveu serviram-nos de intermediarios. Não lemos mais n'esse dia.»

A tragedia de Silvio Pellico foi representada em Milão, em 1815. Como tragedia falta-lhe movimento, mas o auctor teve o merito de escrever uma obra tragica original.

Compilado por

EDUARDO DE NORONHA.

Os noctivagos de Lisboa

(Notas d'um reporter)

(CONCLUSÃO)

E os esturdios? Ah! sim, os esturdios! Quasi me ia esquecendo d'elles: são tão poucos e tão... *maus!* Podia até mesmo dizer que desappareceram com a ultima geração, que deixou a Bohemia a balões de oxigenio. Com o advento da geração nova, vieram para a esturdia lisboeta algumas duzias de rapazolas de 15 a 20 annos, todos elles pequeninos e enfezados, mais parecendo necessitarem de amado que de amante, troçando de tudo inconscientemente e não acreditando em nada, nem mesmo no amor. Sem a natural e expansiva alegria da mocidade, quando se riem fazem-o como se estivessem n'uma sala aristocratica — por medida —, ou então como se fossem cavalariços — alvarmente, aos pinotes. As unicas notas alegres da bohemia nocturna da capital dão-a ainda alguns, poucos, dos antigos que não se resignam a separar-se d'ella.

E' com esta mão cheia de creançolas fidalgos ou afidalgados, com meia duzia de aficionados tauromachicos, outra meia de actores de terceira ordem e com a multidão anonyma dos inclassificaveis que em Lisboa se faz *la noce*. Como?

Extincto o Augusto que, com o Tavares, constituiam os centros *chics* da pandega nocturna, ficou este sósinho empunhando o glorioso sceptro. Mas bem depressa o Tavares teve de soffrer grandes transformações que attingiram a parte destinada ao pagode: os gabinetes. De quatro que eram, mais ou me-

A' PORTA DO SILVA

UM ASPECTO DA «FLOR DE S. ROQUE»

nos alegres, passaram a dois, porventura melhor decorados, mas mais soturnos. A esturdia fugiu de lá, e os pobres gabinetes estão quasi exclusivamente reduzidos a ser o refugio de aventuras discretas. A' porta que lhes dá serventia, na rua das Gaveas, pára ás vezes um trem, com cocheiro de imponente libré, para junto do qual os creados correm solicitos e respeitosos, a receberem ordens de Sua... Excellencia (?).

Os esturdios invadiram então o Silva, que por esse tempo fizera reformas, substituindo as oleographias de casa d'hospedes, que *ornamentavam* a sala, por dois grandes espelhos, e o velho papel das paredes por outro a fingir talha, mas conservando aquelle elegantissimo aparador, a fim de a casa não perder de todo o seu antigo e distincto aspecto... N'essa sala ceiam os freguezes mais pacatos. Os bórguistas installam-se nos gabinetes — vastos compartimentos forrados a papel barato, de paredes quasi nuas e tendo, como unica mobilia, a grande meza das refeições, meia duzia de cadeiras, um aparador e uma

chaise longue a incommoda, mas indispensavel, *chaise longue*...

Ali faz as suas luculianas orgias a mocidade alfacinha. Durante toda a noite é uma berrata ensurdecedora, por entre a qual sobresahem avinhadas obscenidades em hespanhol e galanterias portuguezas de praça de touros, á mistura com o fado *rigoroso* acompanhado á guitarra, ou com tangos voluptuosos rithmados a castanholas.

A's duas por tres arma-se uma zaragata: é a amante de occasião do Chico Maldonado que se safou para o gabinete do Anacleto Tiburcio. Intervéem os amigos das partes em litigio, e tudo serena. Por volta das tantas, começam esses pequenos antros a despejar Pacas, Lolas e Consuelos, cada uma acompanhada do seu *homem* que, todo ancho, a leva pelo braço até á porta, onde o *Conde* ou o *Mira* as espera com a sua *lata de chá* — vulgo carruagem — para as levar a casa. — «São duas boas *facas,* patrão! Isto vae n'um rufo!» — E vae effectivamente n'um rufo, por aquelle Chiado abaixo, ou por aquelle Chiado acima, aos solavancos, a desconjuntar-se, n'uma corrida por tal forma doida que chega a imaginar-se cem vezes que a tranquitana se espalha de subito, feita em fanicos, sobre o basalto da calçada. A' porta do Silva fica de guarda o *Opportuno* — um velhote com cara de S. Pedro, que já em tempos teve alguma coisa de seu, e agora está reduzido á triste condição de guarda nocturno do Amor...

O PRATAS

Mas onde a Bohemia nocturna tem um tal ou quê de — permittam-me o exaggero — montmartreana, é na Flôr de S. Roque e no Royal. A Flôr é um restaurantesinho situado no ultimo quarteirão da rua de S. Roque, á mão direita de quem sobe, onde, durante o dia, aufere alimentos em fraternal convivio uma pacata população de funccionarios publicos, officiaes de marinha, jornalistas, estudantes de escolas superiores e varias outras creaturas de bons costumes — e á noite, a partir das onze, dá guarida a alguns pandegos de espirito, a muitos outros que o não teem e a quantas sacerdotisas de Venus manteem o fogo do Amor Facil na cidade de Ulysses.

A Flôr pertence ao Camillo, um velhote obeso, mas sympathico, digno filho da Galliza, que trata os seus freguezes como pessoas de familia, nos breves intervallos que o somno lhe deixa livre. Porque o bom Camillo passa a sua calma existencia a dormir — desde que se senta ao balcão, de manhã, até que de lá sae, pela madrugada. Por isso, ás duas por tres, o freguez desprevenido sente-se estremecer nos seus fundamentos, ao ouvir os accordes sinistros de uma aria estranha, que dir-se-ia cantada por Lucifer n'um momento de bom humor: — E' o Camillo a resonar.

A Flôr constitue para as mundanas lisboetas de varias cathegorias, edades e... côres, um logar de *repouso*. Por mais mal cabida que pareça aqui esta palavra, ella é realmente a apropriada. Com effeito, ao entrarem ali, todas, ou quasi todas, deixam á porta o interesse, porque só vão procurar alguns momentos de distracção, de alegria sincera e espontanea, que n'esses breves instantes lhes façam esquecer as miserias da sua vida. E assim, fraternisam despreoccupadamente, quasi infantilmente, com meia duzia de bohemios de espirito, outra meia que o não teem, um ou outro estudante, um ou outro jornalista, até que os primeiros alvores da madrugada as façam voltar á realidade da vida, a não ser que, entretanto, se tenha esboçado qualquer pequeno romance que vá ter o seu desfecho n'um quarto independente das immediações...

UM TYPO POPULAR

No Royal já não succede o mesmo. O Royal á noite é um verdadeiro mercado do Amor. As *cocottes* vão ali, como Dianas de novo genero, á caça do *pato* nacional ou forasteiro, mas especialmente d'este ultimo, que ao Royal accorre quasi machinalmente, por instincto, como um enxame de abelhas cáe sobre um prado em flôr. Por isso, durante toda a noite é uma lucta feroz a *bocks*, calices de Benedictine e *omolettes* de camarão, a ver quem hade... ser conquistado pela Lolita, pela Deolinda ou pela Collete... De resto, o local convida a estas justas amorosas. A sala — ampla, alegre, cheia de luz e de côr — deita sobre a praça Duque da Terceira, ao fundo da qual o Tejo, banhado de luar, parece uma enorme giboia de prata que se arrasta lentamente para se ir afogar no Oceano...

São cêrca de quatro horas. Vamos agora ao Central, o restaurante da bohemia de meia tigela. Mas tomemos pela rua do Alecrim, para passarmos de novo ao *Salon Bleu*. O trajecto é mais apropriado para uma excursão d'esta natureza.

A' luz mortiça dos candieiros divisam-se, subindo acabrunhadamente, alguns derreados batoteiros, a quem a Sorte expulsou das alfurjas circumvisinhas. Não se conhecem, porventura nunca se viram senão n'aquella noite, deante do panno verde; mas como a infelicidade solidarisa as almas... infelizes, durante a marcha vão-se approximando uns dos outros, a pouco e pouco, até chegarem a constituir um grupo unico, em que se discute o *caso* especial de cada um:

— Ah! aquelle 32! Toda a noite a jogar n'elle, e só veiu quando eu já estava sem vintem! Se tem vindo cinco minutos antes, salvava-me!

— E o meu *salto*, que estava tão bonito! Se não fôsse aquella maldita scena de copas!

— Eu ainda *appellei* uma *armação* de duas *corôas*. Mas não joguei mais, para ao menos salvar a ceia!

... O *Salon* está deserto. Apenas o *Opportuno*, que vem do Silva em missão diplomatica, o atravessa apressadamente, dirigindo-se para o lado da rua das Gaveas. Pelo Chiado acima veem já, tiritando, alguns vendedores de jornaes, a caminho das respectivas officinas de impressão. A' esquina da rua Ivens palestram o D. Antonio Almada, o conde de Lagoaça e o Antonio Manuel que sahiram do Gremio e ali aguardam a passagem de tipoias que os conduzam a casa. Na rua do Carmo, o esforçado guarda nocturno, terror dos gatunos, cavaqueia com o policia de giro, e lá em baixo, á esquina do Rocio, um cego vende cautelas.

Subamos a calçada do Carmo. Cá está o Central. Duas ligeiras pancadas no vidro da porta, e esta abre-se como que por encanto, dando-nos passagem para uma grande sala

com uma inconcebivel decoração *arte-nova*. Ao centro e aos lados, tres enormes filas de mezas; ao fundo, o balcão, occupando a esquerda, e á direita uma grande porta dando para os gabinetes, onde *cocottes* baratas e *patos* burguezissimos estão fazendo uma respeitavel chiadeira.

As mezas da sala encontram-se quasi todas tomadas por jornalistas sem cotação, empregados do commercio, actores modestos, vadios mais ou menos bem postos, um ou outro cocheiro, um ou outro toureiro de inverno. Lá está o Pratas, o typo do bohemio macambuzio. Surge para a vida depois da uma da madrugada, dirigindo-se logo, pausadamente, para a *Ginginha*. Póde chover a potes, cahirem raios e coriscos, que elle não apressa o passo. Uma vez na pequena locanda da rua de Santo Antão, põe-se a beberricar e a conversar com os outros freguezes ou, na sua falta, com o caixeiro, e só de lá sae quando a casa fecha — ás duas horas. Começa então o seu martyrio. Para onde hade ir? Se os fundos estão baixos, passeia até ás quatro horas, que é quando a policia permitte que as casas de bebidas abram de novo, ou então senta-se n'um banco do Rocio e ali fica philosophando sobre a tyrannia policial. N'uma noite chuvosa fôram encontral-o assim, e como lhe perguntassem o que estava fazendo ali, com aquelle tempo, elle respondeu com uma grande ingenuidade: «— Estou á espera que a *Ginginha* abra...» Se os fundos estão altos, vae passar o interregno ginginaceo para o Central, onde agora o vemos, abancando sósinho a uma meza, com o seu *frack* e o seu chapéu mole, a sua bella barba preta e o olhar errante, denunciando uma dolorida nostalgia...

UM TYPO DAS RUAS

Quando Deus quer, arma-se no Central uma baralha medonha, e tudo aquillo, freguezes, creados e patrões, vae parar á esquadra para ser autoado.

Além do Central, e da sua cathegoria, temos ainda o Madrid e o Paris, onde a vida nocturna é como a dos outros, mas mais comedida e mais pacata. As Hortas, o «Zé Azeiteiro», o «Aguia Roxa», o «Zé dos Pacatos» e outros ainda, são um tanto ou quanto frequentados, mas a moda relegou-os já para um plano muito secundario.

Os esturdios de mais baixa condição escolhem naturalmente restaurantes mais modestos: o «Paesinho», na rua das Gaveas, quartel general do Fado rigoroso, isto é, do exercito do Vicio que occupa todo o Bairro Alto; o «Canario», junto do Central e em cujo enorme e complicado subterraneo se póde fazer o maior barulho, ferir ou mesmo matar, que ninguem cá fóra dará por isso; o «Tacão», na travessa da Boa Hora, onde se encontra o bello grão temperado; o «Constante», na travessa da Palha, que tambem toda a noite dá de comer a quem tem fome, e mais dois ou tres que carinhosamente recolhem durante algumas horas aquelles que só gostam de ir para casa quando o gallo canta.

Como já passa das quatro, vamos até á *Ginginha*. Lá encontramos gente de todas as qualidades e feitios, vinda dos restaurantes mais *chics* ás tabernas mais immundas. Ali tudo fraternisa, áquella hora, desde o fidalgo estouvado ao plebeu esturdio e ao operario que vae para o seu trabalho.

Lá está, a um canto, o fiel Pratas que só finalmente se resolve a recolher á sua thebaida quando a calma serenidade da manhã é despertada pelo *brou-ha-ha* da Praça da Figueira e pelos agudos pregões das saloias, elevando-se de todos os lados:

— Ióóóó... leite!

Setembro de 1909.

José Soares.

SALAMANCA

(Impressões)

Numa palpitação de relicario velho
Salamanca — a vetusta — ergue as fachadas de oiro
Tostadas desde outr'ora ao mesmo sol vermelho
Que aloura a vasta seara e morde o sangue ao toiro.

Em volta nem canções nem os choupos em fila
Ouvindo á beira d'agua a voz do rouxinol:
A terra larga e negra onde o arado scintilla
E na arena do espaço — indomavel — o sol.

Mas dentro, ante o esplendor das suas frontarias,
Mortas com altivez como mumias reaes,
Escutam-se pairando as longas symphonias
Que exhalam, flor's da arte, os blocos ancestraes...

Blocos em que o cinzel, como um plectro dourado
Vibrado pela mão d'um menestrel sem par,
Tocou d'alguma vez, no fundo do passado,
Deixando-os para sempre em extase a cantar...

Lyra monumental, lyra augusta e sonora
A' qual a sua corda amarrou cada edade,
Lyra d'onde se esvae pelos seculos fóra
Uma onda immortal de mysterio e saudade...

Rhapsodia de granito atravessando as éras
E vindo desmaiar em nosso coração,
Como alguem que ao morrer nos confessa as chimeras
Que lhe foram na vida a occulta aspiração!...

Das érmas cathedrais nas ogivas suspensas
Ouvem-se inda arrulhar perdidas orações:
Dir-se-ha que a alma exul das moribundas crenças
Veiu fazer o ninho entre os seus mil florões;

De recanto em recanto uma aza estremece,
Uma aza fugiu pelas naves além,
Inda arqueja no alto um fremito de prece
E da sombra ogival um gorgeio nos vem.

Inda a pedra murmura uma supplica etherea
E extaticos de azul os altos corucheos
Desabrocham no ár sobre a nossa miseria
Na somnambula paz de quem avista Deus!

Mas já solemne e forte, expondo entre as arcadas
Os velhos medalhões com seus nobres perfis,
Um palacio recorda as raças brazonadas
De guerreiro arcabouço e gestos senhoris...

Já na pedra palpita a reverente graça,
O garbo cortezão d'outra edade distante:
Dos relêvos á flor um requebro perpassa
E um emblema lavrado é uma phrase galante.

Nas viellas medievais, sob a humida teia
Que o passado bordou na penumbra dormente,
Nas viellas medievais plange, esmaéce, ondeia
O cántico da lenda ignorada e gemente...

E mansa a alma antiga em minha alma pousa,
Vive da minha vida e floresce outra vez...
E eu amo... eu sinto.. eu choro a magua mysteriosa
D'alguem que ali chorou ha seculos talvez!

Soluça-me no peito uma saudade errante,
Desmaia no meu labio um beijo sem calor
E um coração de cinza — eterno agonizante —
Carpe dentro de mim não sei que esparso amor.

Alongam-se espectrais as alas dos mosteiros
Onde a cella inda zumbe e verdeja alecrim,
E os collegios ao lado evocam sobranceiros
As altas discussões troantes de latim.

E grave e doutoral, como a caveira núa
D'um antigo propheta abandonada ao vento
Em torno a cuja morte inda treme e fluctua
Um halo sonhador de immortal pensamento.

Ei-la a Universidade em sua pompa lendaria
Que o Tempo foi tecendo e a Gloria coroou,
Crestada ainda a fronte esplendida e mortuaria
Da chama espiritual que lá dentro habitou.

Ei-la a que outr'ora ousou, pitonisa incendida
Na furia da verdade indomita e pagã,
Arrebatar sem médo os segrêdos da vida
Ao livro azul de Deus e á garra de Satan.

Mas tudo adormeceu, e ao longo da fachada
Calma de pensamento, impregnada de som
Como o vento atravez da floresta sagrada
Marulha a bronzea voz de Fray Luis de Leon!

Dezembro, 1909

MANUEL EUGENIO MASSA.

MACAU

Apontamentos historicos — A incuria portugueza nas relações com a China — De Lisboa a Macau — Macau pittoresco — O anno novo china — A procissão do Dragão

(CONCLUSÃO)

Em 1874, salvo erro, por influencias inglezas, poz-se termo á emigração.

Foi-se a illusoria prosperidade, e ficou-nos uma colonia sem recursos agricolas, e sem instrumentos de trabalho para a funcção commercial, unica que podia exercer.

O temeroso tufão de setembro de 1874 arrasou a cidade, e para a reedificar teve o governador, que em dezembro tomou posse, de contractar, com auctorisação do governo de Lisboa, um emprestimo em Hong-Kong. Ia a obra de reparação em começo, quando o tufão de maio de 1875 veiu aggravar o estado de ruina da cidade, causando novos e grandes prejuizos, abatendo a ala direita do palacio do governo, em que houve numerosas victimas, estando prestes a perecer a familia do governador, de que faziamos parte.

Desde então, a colonia tem seguido n'um caminho de decadencia, a que não obstaram as illusorias prosperidades d'alguns annos de augmento no rendimentodo fantan e das loterias chinezas, principaes receitas da colonia.

Quando veiu a ultima sublevação na China, contra os europeus, em que fôram atacadas as legações em Pekin, o que determinou a occupação por forças das potencias, houve um novo ensejo para Portugal se fazer representar, e obter um tratado e delimitação de fronteiras. Fallou-se n'isso nos jornaes de Lisboa; mas, como de costume, nada se fez, por a politica não dar tempo de pensar em coisas serias.

Tarde e a más horas, se enviou um ministro plenipotenciario, com a ingrata missão de negociar contra o mau humor da China, ferida no seu orgulho e nas tradições de isolamento, pela abertura de novos portos a que as grandes, potencias a tinham constrangido.

Viu bem a situação o nosso plenipotenciario, o sr. conselheiro José d'Azevedo Castello Branco. Comprehendeu que era inutil, em tal momento, agitar a questão melindrosa do reconhecimento da nacionalidade portugueza e delimitação de Macau, tratando antes de mover a China pela conveniencia, unica mola effectiva, quando se não póde uzar da força.

Mau grado a indisposição dos celestes

vencidos, e o seu espirito refractario á civilisação europêa, era fóra de duvida que a abertura de novos portos ao commercio estrangeiro, a construcção de vias de communicação e caminhos de ferro, fariam soprar no Imperio do Meio uma aragem de progresso, dando um safanão á immobilidade buddhica da estacionaria civilisação chineza.

Pensou, e bem, o plenipotenciario de Portugal, que o salvaterio de Macau estaria em tornar a colonia uma entrada commercial para a provincia de Cantão, commoda e convidativa, ligando a colonia portugueza com a grande cidade china por meio d'um caminho de ferro, e poupando o commercio de cabotagem e o de longo curso, ao trajecto fluvial, cheio de contratempos desde a bocca do Tigre até á capital dos Dois Quongs.

GENERAL JOAQUIM JOSÉ MACHADO

Que a ideia sorriu á China, prova-o a conclusão do tratado. E Macau, tornado um porto de grande movimento e util aos chinas, daria aos portuguezes uma baze importantissima, para reivindicarem, de direito, a sua nacionalidade estabelecida de facto.

Hoje, apezar da arrogancia chineza ter chegado a falar no recurso á guerra, o meio porque os celestes vão matando a nossa colonia é precisamente a inversa d'aquella prosperidade: é promovendo o exodo da população chineza, a emigração dos commerciantes abastados, a extincção do commercio, confiando em que, á medida que o novo porto e cidade rival de Hong-Shau prosperar, Macau irá perecendo de inanidade, até que de nada valha e facil lhes seja expulsar-nos d'ali.

Mas o tratado negociado pelo sr. Azevedo Castello Branco não foi ratificado, por desleixo, ou cousa peor, da politica portugueza!

E depois d'este lindo remate á quasi centenaria inepcia dos nossos governos, é no momento em que a China, que não desconhece os nossos descalabros: os Sanatorios da Madeira, Lourenço Marques, Angola, S. Thomé e a crise interna do Continente, julga o momento azado para nos apertar a garganta, que nos lançâmos em perigosas negociações, exigindo á China não só a posse de Macau, mas este mundo e o outro!

Oxalá o resultado da inopportuna tenta-

tiva não venha a ser o que justamente receiam quantos conhecem um pouco o assumpto e o caracter chinez.

* * *

Tratemos, porém, de Macau sob um ponto de vista menos sombrio, a sua feição de cidade meia china, meia colonia europêa.

A viagem de Lisboa a esse nosso limitado dominio no Extremo Oriente, é das mais interessantes para qualquer europeu, e em particular para o portuguez, que por esses mares fóra vae percorrendo o theatro, e encontrando padrões, do tempo aureo dos luzitanos.

Seguindo a via mais frequente, é primeiro a França que o deslumbra com o progresso das suas grandes cidades; Bordeos, um pequeno Paris, e Marselha, que Puvis de Chavane intitulou em um dos seus quadros: *Porte de l'Orient,* e em cujas avenidas, praças e celebrados caes se acotovella uma concorrencia variegada, composta das raças mais diversas de todas as partes do mundo, representantes de innumeros paizes, vestindo os seus trajos caracteristicos.

RAPARIGA CHINA

Depois é Napoles, cuja bahia, unica, com o seu alteroso Vesuvio empennachado de fumo, e os seus barcos replectos de cantores e musicos, tem já o seu quê de sabôr oriental, dentro em pouco accentuado em Port-Said, onde o arabe, e o egypcio, com as suas caravanas demorando nas *gares* para atravessarem o Canal, animam, se é possivel animar, a paisagem morta do deserto, a perder-se de vista nas miragens das areias prateadas tremeluzindo no horisonte.

No extremo opposto da obra colossal de Lesseps, Suez lança-nos em pleno Mar-Vermelho, e por todo elle, até se aportar a Aden, revivem as recordações biblicas com o aspecto do Sinae, e as dos feitos gloriosos do grande Affonso d'Albuquerque.

Depois é Ponta de Galles, Singapura, e o Mar da India, que esse capitão, assim como Vasco da Gama, D. Francisco d'Almeida, e tantos outros navegadores e guerreiros illustres, tornaram theatro das façanhas portuguezas, e, finalmente, o Mar da China, em que fomos tambem os primeiros europeus que os filhos do Celeste Imperio conheceram.

Ahi surge Macau, uma peninsulasinha mycroscopica, ligada por um isthmo, pouco mais largo do que uma estrada, á grande ilha de Hiang-Chan.

Dão á pequena colonia portugueza um aspecto aguerrido e mediaval, as suas eminencias todas coroadas de fortalezas, como que a defenderem a cidade que se estende á beira-mar, do colosso tremendo da ilha da Lapa, erguida sobre o porto interior.

A mais alta d'essas eminencias é aquella em que se ergue a capella de Nossa Senhora da Guia, o pharol e a fortaleza do mesmo nome, sobranceira ao mar, e para o lado da terra, ao Campo da Victoria. Proximo d'ella, sobre a praia de Cacilhas, uma recordação do Tejo, ergue-se a fortaleza de D. Maria I, e proximo, do outro lado da estrada, a de Mong-ha, dominando o bairro china do mesmo nome, que entesta com o de Patane. Na elevação central, impondo-se tanto á parte europêa da cidade, como ao Bazar e bairros chinezes, ergue-se a fortaleza do Monte.

Na *Praia Grande,* magnifica avenida

marginal sobre o porto exterior, ergue-se, n'um dos extremos, a bateria razante de S. Francisco, sobre a qual demora o quartel do mesmo nome. No outro extremo, já proximo da embocadura do rio, encontra-se a fortaleza de Bom-Parto, fronteira á ilha da Taipa, por nós occupada, e onde existe a fortaleza da mesma denominação.

Finalmente, na entrada do porto interior, acha-se a fortaleza de S. Thiago da Barra, em que existe uma capella com a imagem do Santo padroeiro dos antigos batalhadores portuguezes.

E' precisamente na sua frente, do outro lado do rio, que se encontra a decantada ilha de D. João, em que tantas vezes os chinas tem tentado implantar, com todos os matadores, mastros e insignias, uma nova alfandega.

Não faltam, pois, a Macau, baluartes de guerra, e tempo houve em que todos elles se achavam dotados com boa e numerosa artilheria. Hoje, não sabemos como se acham guarnecidos.

Macau é, além d'isso, uma cidade dotada com bons edificios, cuja construcção se tem ido melhorando, sob o ponto de vista da resistencia a offerecer aos terriveis e frequentes tufões, que em geral a visitam durante a monção do sul, trazendo a população com o crédo na bocca desde maio a fim de outubro, época em que o vento muda principiando a monção do norte.

MULHER CHINEZA

Entre esses edificios ha a notar os antigos conventos de S. José, Santo Agostinho, S. Francisco, e as ruinas da grande casa de S. Paulo, tudo obra dos jesuitas; os palacios do governo, o antigo e actual, que era o palacio do visconde do Cercal, a Sé, o hospital de S. Januario, a casa do Leal Senado, restaurada em 1875, o quartel dos Moiros, e numerosas egrejas, sendo uma das principaes a de S. Lourenço.

Sobre o rio, em frente da pequena ilha Verde, em que ha uma dependencia do Seminario de S. José, existe uma frondosa matta, que encerra a celebre Gruta de Camões. Esta quinta e respectivo palacio são hoje propriedade do Estado.

Na parte, por assim dizer, européa de Macau, ha muitas casas particulares de magnifica apparencia, chácaras e vivendas de construcção apropriada ao clima e pelo typo das que se vêem nas colonias de Singapura, Hong-Kong e Saigon.

A parte chineza comprehende os dois bairros de Mong-Ha e de Patane, e a parte central da cidade, o chamado *Bazar*. Ahi as ruas, embora do typo absolutamente china, são mais largas do que as ruas de Cantão, e guarnecidas por bons estabelecimentos. E' no Bazar que ficam as casas de jogo de Fan-Tan, os *coláos*, ou casas de pasto, e as grandes lojas de armamento, em que até se vêem empilhadas peças de artilheria, e as salas de espectaculo, denominado: o *auto* china.

Como edificios notaveis da cidade chineza, havia na época a que nos referimos, os dois bellos templos ou *pagodes*, da Barra, o da Porta do Cerco e o do bairro Mong-Ha.

Pelo anno novo china, a grande festa dos celestes, toda a cidade se acha engalanada. Noite e dia retumbam as bategas e tamtans, no rio e em terra, e não afrouxa um momento o estalar dos *panchões*, ou petardos chinezes. No Bazar, a multidão acotovella-se, mil bancas de jogos diversissimos funccionam por toda a parte, e nos pavilhões enormes, armados com bambus, e guarnecidos maravilhosamente de plantas,

espelhos, pinturas e profuzamente illuminados com balões e lanternas, as incriveis orchestras chinezas fazem-se ouvir, acompanhando as representações das peças classicas da velha litteratura dramatica do Imperio do Meio. De dia, a famosa procissão do Dragão, percorre as arterias do bairro chinez. A féra, bicha enorme, de lona pintada, em cujo ventre se escondem dezenas de *colees* que, nos seus endemoninhados saltos, dão o movimento do colear da serpe, pretende tragar com a descomunal bocarra o sol, representado por uma enorme bola, que um outro *colee,* ainda mais possésso do que aquelles, agita doidamente na sua frente. A multidão applaude delirante.

FIGURAS DO THEATRO CHINA

Tal era, muito rapidamente esquissado, o Macau de ha trinta annos, terra attrahente, de existencia agradavel, em que só havia um ponto negro: os tufões, e, peior do que os tufões, a interminavel questão das alfandegas chinezas.

Parece que o conflicto politico de sempre chegou agora a uma crise aguda, talvez mais grave do que todos os tufões até hoje passados á historia. Todos os que de Macau guardam uma boa recordação, fazem, sem duvida, sinceros votos, para que breve domine melhor monção, trazendo a paz e a prosperidade á leal cidade do santo nome de Deus de Ma-au, padrão de seculares glorias para Portugal, que bem merecem ser mantidas.

ARTHUR LOBO D'AVILA.

FRONTESPICIO DO CASTELLO

O castello de Belmonte

O Castello de Belmonte pertence ao numero d'aquelles que os primeiros monarcas de Portugal ergueram na linha da fronteira, esperando a arremetida castelhana.

Antes uma atalaia que um ponto de resistencia, ficava-lhe a descoberto na linha norte-sul, toda a região do valle do Zezere, estendida ao longo da Estrella por mais de doze leguas, emquanto para o oriente, do alto das ameias, a vista penetrava já muito em terras inimigas.

Aos invasores, com destino ao coração da Beira, defrontavam-se logo Alfaiates, Sabugal e Monsanto e, já quando a serra lhes parecia ganha, restava ainda dominar a valentia rude dos adeantados de Belmonte, de quem a historia regista lealdades épicas.

Pobre de productos — arborescencias doentias, vivendo a morrer no solo granitico até meia encosta, onde o ar nevado começa a gelar as seivas — a terra é triste, searas de centeio apenas revestem de verdura os declives, a pegar com varzeas do valle do rio que enchem de fartura os lavradores.

D'algumas ravinas que cortam a serra, emergem, quasi a medo, arbustos fructiferos, angustiados da sombra, com as raizes descobertas, a terra para sempre a fugir-lhes, e quanto se póde descobrir pela extensão desegual da cordilheira, é d'uma nudez biblica, de que até as aves fogem, hostilizadas.

Quem atravessa em comboio a collina aspera a caminho de Benespera, vê recortar-se no azul do ar, já longe, o perfil medievo do castello e por noites enluaradas, ao fundo dos valles, vae a fortaleza surgindo, a limitar o scenario, altivamente serena.

Para a banda do léste, talhada em escarpa, já a paisagem muda, emquanto a vae protegendo a elevação por onde a villa foi assentando entre o verde-negro dos olivaes.

JANELLA DO CASTELLO, ESTYLO MANUELINO

Rebanhos pequenos — pastores ensamarrados vão de pedra em pedra, seguindo as rezes, tristes como ellas, que nem os chocalhos teem echo, por entre o pasto sempre secco, longe dos abrigos na terra virgem da Serra da Esperança, para onde certos frades fugiram do mundo.

Que solidão, santo Deus!

E para o serrano que lucta contra a ingratidão das terras, nunca a alegria é franca, os dias correm-lhe como os passos d'um destino, vive quasi sempre abatido e poucas vezes lhe vem a lembrança de cantar.

Se em dias de sol passa pelos ares o som do pifaro, é á certa pastor novo que o toca, porque o velho só tem alma para a saudade do tempo em que o trazia sempre no sarrão, contente da vida, alimentado de leite e centeio branco — branco, que no meio das searas não cria a terra hervas daninhas que lhe escureçam a côr.

Para o pastor da Estrella e jacentes, como para os rusticos beirões, castellos que negrejem pelos altos, eram para deter a moirama que roubava, no tempo das guerras, os filhos por batizar...

Não têem ideia da lucta pela independencia e o hespanhol não se lhes ergue no espirito como o inimigo politico secular, é simplesmente o *estrangeiro* que falla outra lingua, hereditariamente repulsivo e mau.

Vive fóra da consciencia de Patria a que a ignorancia não lhe permitte elevar-se e, se fôram sempre os beirões, desde os companheiros de Viriatho, os defensores mais ardorosos da independencia — era apenas o receio de perder a cabana e o rebanho que os obrigava a converter o cajado em maça de armas.

O Estado existe como um jugo que é inevitavel supportar, nem a sua prosperidade ou ruina o interessam e só se lembra d'elle, quando chegam os mezes do imposto ou o anno de tirar as sortes.

A população rural que vive da terra e para a terra, desconhece inteiramente os beneficios que podem advir da associação politica e nos campos largos ou na sombra das rochas encontra a saude e a paz, em completo alheamento da vida nacional.

Em nenhuma outra região é maior o convivio do homem com a natureza: á maneira dos pastores de Virgilio, o serrano beirão deita-se á luz das estrellas, que lhe dizem as horas da noite pelos buracos do telhado, lê as invernias nos circulos vaporosos da lua e adivinha nas tintas esmeraldinas de que os poentes se velam os dias criadores e as colheitas abundantes.

Se a gente do litoral desdobra a actividade pela aventura da pesca e pelo amanho das gandaras — a vida aqui é sempre egual, alimentada mez e anno na esperança dos productos da terra e do gado.

A' roda dos castellos, um camponez interrogado, saberá dizer lendas ingenuas ou deturpações de factos historicos.

Ninguem as fixa e transmitte como elle, guardadas com o carinho d'uma revelação

alta e verdadeira — do tempo em que ainda as pedras fallávam...

«... Um nobre cavalleiro, de capa de velludo e calção azul, chamava um dia as creanças que brincavam á porta do castello. Abriu o cofre onde guardava um caldeirinho d'oiro e, desatando uma liga a que o prendeu, tirava da cisterna agua muito fresca de que lhes deu a beber.

— Ide, que nunca a sêde vos afflija; dizei aos que vierem que dentro da torre do castello ha agua para toda a villa.»

N'um dia de inverno, o filho do castellão saíra á caça, como costumava. Perdido nos matos, anoiteceu-lhe longe e quando chegou pela luz das estrellas, fóra d'horas, já tinham trancado as portas do castello.

Veiu um assalto inimigo e, certo de perder o filho, não quiz o castellão sacrificar a fortaleza.

Além, no carneiro d'aquella capellinha, quando uma vez foram abrir a porta, encontraram sentado o esqueleto d'uma menina de treze annos, que tinham enterrado viva. Jesus!

* * *

Presentemente, o castello é uma ruina. Para o interior, onde é facil reconstituir ainda parte da moradia do alcaide-mór, entra-se por uma porta ogival n'um recinto em que alguns arcos de supporte mal vencem o entulho, de enterrados no desmonoramento.

Da muralha, larga e resistente, já caíu a cornija, derruida pelo mau azar até ao nivel superior das janellas, quasi todas barbaras reducções rectangulares de antigos portados de volta inteira em todo o recinto.

Do pouco que lá existe agora, ao desamparo mais absoluto, e á falta de subsidios mais concludentes, podemos crer que a architectura do castello apresenta tres periodos, perfeitamente caracterisados: a construcção primitiva de D. Diníz a que pertencem as portas ogivaes inferiores; a restauração manuelina que abrange o corpo da torre de menagem, a reforma das muralhas a partir das portas e a linda janella para norte que dava luz para um aposento nobre; finalmente, as obras do seculo XVII que compreendem as casas dos senhores do castello, o remate ameado da torre e varias interpolações constructivas.

CAPELLA DA SENHORA DA PIEDADE
PERTENCENTE A CASA CONDE DE BELMONTE
NO INTERIOR DA IGREJA

A janella manuelina a que a neve de quatro seculos roeu os frisos do peitoril, engastada de improviso na muralha como um caso de exilio, entre a construcção nua do velho castello — é um primor de sobriedade e harmonia.

Os olhos que percorreram as pedras enegrecidas, cansados da aspereza da muralha — vigiando os cumes nevados e o rio que adormece ao longo do valle, surprehende-os aquella joia de granito, rematada pela esphera armillar e pelo brazão famoso dos Cabraes, besantado de ouro.

A feição decorativa simples que um artista de longe lhe veiu dar, ganhando em equilibrio esthetico o que a aspereza do granito lhe recusou em filigranas, devia torná-la um dos exemplares manuelinos mais perfeitos do paiz e a mais bella e gloriosa das construcções da nossa provincia.

Ali, nas paredes vetustas que ouviram os

primeiros vagidos do descobridor do Brazil, devia esculpir-se a esphera armillar. Era justo.

O artista cinzelava uma apotheose, acolhendo-a na curva dos florões estylizados, por baixo d'um brazão illustre, a cujos titulares pertenceria a gloria de descobrir meio mundo.

A familia Cabral estava ligada aos destinos das navegações e conquistas.

Na jornada de Ceuta, segundo refere Azurara, já Fernão Alvares Cabral tivera em sonhos uma visão na *abra* de Gibraltar, em que o Infante Dom Henrique lhe apparecia em lucta aberta com os mouros, vencendo-os com nobre esforço e galharda altivez.

O moço cavalleiro inquietava-se pela sorte do Infante, a quem ia servindo de Vedor no impedimento de seu pae, Luiz Alvares Cabral, que ia commandando uma das naus da armada.

Não passava ainda meio seculo depois que seu pae, Alvaro Gil Cabral, alcaide-mór da Guarda, acclamava rei o Mestre de Avís nas côrtes de Coimbra e recusava altivamente prestar homenagem ao rei castelhano a quem o Bispo traidor, D. Affonso Correia, offerecera a cidade estando em Hespanha, aonde depois se exilou para receber sem escrupulo um bispado por bulla do papa Clemente VII, de Avinhão, cabeça do Schisma.

TORRE DE CENTUN COELLI

Frei Gonçalo Velho Cabral descobria os Açores e Fernão Alvares Cabral morria heroicamente ás mãos dos moiros nas muralhas de Tanger. Pelo seculo xv, a lealdade dos Cabraes tinha fama por todo o reino e Garcia de Resende podia escrever no seu Cancioneiro:

Escripto trazem na fronte
Seu esforço e lealdade
N'aquella gran liberdade
Do castello de Belmonte.

Em 1500, a conselho de Vasco da Gama, D. Manuel confia a Pedro Alvares Cabral a mais forte armada que no Occidente fôra vista, para ir á India mostrar o poderío do rei de Portugal, e o glorioso navegador descobria um novo continente e continuava sua derrota para os mares orientaes.

D'esta illustre familia existem em Belmonte muitas memorias e vestigios, quer em brazões e casas de habitação, quer na igreja matriz ao lado da qual se ergue o pantheon do seculo xvii com carneiro e alguns ediculos lateraes com inscripções.

No interior da igreja, junto ao arco cruzeiro do lado do evangelho, levanta-se uma capella abobadada em arcos ogivaes (seculo xiv) assentes em capiteis anteriores, cri-

minosamente branqueados de cal cada anno, os quaes é de presumir sejam restos do primitivo oratorio fundado em tempo de D. Dinís por Maria Gil Cabral, prima e esposa de Gil Alvares Cabral, progenitor da familia de Belmonte.

N'ella se vê um velho tumulo brazonado e um grupo tosco da *Piedade,* esculpturado em rocha viva.

Toda a igreja em que é facil deparar com algumas peças primitivas, offerece elementos de estudo valiosissimos em capiteis, arcos, symbolos heraldicos, sobre os quaes fôram passando as tendencias e a inspiração apaixonada de cinco seculos de arte.

Depois do meado do seculo XVII, talvez logo após a Restauração, e por causa d'ella, cessam os documentos de architectura e deve ter-se accentuado desde então extraordinariamente a decadencia do antigo municipio fronteiriço que trazia cartas de foral desde Sancho I.

VISTA TIRADA DO CASTELLO ABRANGENDO O ZEZERE E PARTE DA SERRA DA ESTRELLA

* * *

Quasi dois kilometros a norte do castello e proximo da estrada real, levanta-se no meio dos restolhos a *Torre de Centum-Cellas* (Centumcelli) a chamar na solidão da campina os reparos de quem passa.

Em volta d'esta exquisita construcção teem circulado as mais estranhas phantasias, cuidando-a alguns antiquarios obra romana, onde esteve preso o papa S. Cornelio, outros uma atalaia do tempo de D. Dinís, e já se tem chegado a imaginar que nos tempos recuados do rei Wamba, ali se demorou alguns mêses o papa S. Damaso.

Taes conjecturas de antiguidade derivam da existencia d'uma remota povoação d'aquelle nome a que Sancho I concedeu foral (1188) e que provavelmente não chegou a repovoar-se, como aconteceu a muitas outras.

A *torre* é um edificio pesado, rectangular, de vinte metros d'alto e onze por dezesete de face, tem toda a apparencia de construcção relativamente moderna, deixada por concluir e não anterior ao seculo XVII.

E' curiosa pela disposição dos materiaes e distribuição de janellas e portas, mas difficilmente poderá determinar-se o fim a que era destinada.

Fôsse para moradia particular, celleiro ou convento, o que não póde é continuar a attribuir-se-lhe uma hypothetica antiguidade, logo desmentida ao primeiro aspecto — com licença de graves auctoridades que possam sobre o caso vir a pronunciar-se.

(Clichés do sr. José Henriques Pereira de Sousa.)

HIPPOLYTO RAPOSO.

Baptismo do Sol

A palpitar ainda e estremecendo
Da vida creadora do meu seio,
— Filho do meu Amor, — eu baptisei-o
Quando o Sol triumfal vinha nascendo...

Aureolou-lhe a loira cabecinha
A luz pura do Sol, cobrindo-a de oiro,
— E esta flôr do meu corpo, meu thesoiro,
— Esta rosa de Amor é toda minha...

Beijou-o a luz do Sol divinamente,
P'ra que elle saiba viver naturalmente,
— Alma de Sol e Amor a abençoar...

Cingindo os Homens num florido abraço,
Erguendo a Vida pelo Amor no espaço,
Erguendo a Alma, para Deus, no olhar!...

Coimbra.

Maria de Castro.

Bibliographia

Trinta e cinco annos de vida militar. — O sr. barão das Lages (Luiz) publicou, com este titulo, uma biographia muito interessante e curiosa de seu avô, o primeiro barão das Lages. Contem subsidios valiosos para a historia militar do paiz.

No primeiro centenario de Alexandre Herculano. — O sr. Gomes de Brito, um investigador e um escriptor conscienciosissimo, publicou no momento em que se commemorava o centenario do nosso grande historiador um livro com o titulo que serve de epigraphe a esta rapida noticia. E' uma biographia, sem a aridez d'essa ordem de publicações, largamente documentada, e que se lê com prazer e vantagem.

Individualidades. — N'uma elegante edição de 213 paginas acaba o sr. Henrique das Neves, de colleccionar uma porção de dados biographicos e anecdotas de algumas das individualidades mais conhecidas do nosso paiz. E' um livro que se lê de um folego. De linguagem facil, cuidada, sem ser pretenciosa, o auctor faz desfilar por deante de nós figuras conhecidas e alguns traços da sua vida que nos encantam umas vezes, nos fazem sorrir outras e nos prendem e nos empolgam sempre.

Serão inquieto. — E' um delicioso livro de contos em que o seu auctor, Antonio Patricio, um novo cheio de qualidades e de faculdades, nos prende á sua prosa, ao vigor da sua exposição, aos paradoxos revolucionarios e fulgurantemente imprevistos do seu dialogo. Não seria equitativo pôr em evidencia este conto mais do que aquelle, todos são eguaes pelo interesse que despertam e pelo fogo e simultaneamente humorismo que de lá resaltam, mas o intitulado *Suze* é um primor dessa impetuosa maneira de escrever e de encarar as coisas da vida, que só a juventude realiza.

Aonde? — E' um livro de versos de Eduardo Carvalho. O prologo é original, e o que vale mais, sentido e verdadeiro. Ha palavras ali, que talvez não agradem a muitos, mas que representam verdades como punhos, como é costume dizer-se. Os versos teem inspiração, são fluentes, de cadencia harmoniosa. Não concordamos com a intenção da maioria, mas... quem é que até aos vinte e cinco annos não tem escripto coisas semelhantes?

Dez contos em papel. — Um livro de contos de André Brun. Lê-se a correr, de sorriso nos labios, e fica-se com pena que termine tão depressa. André Brun tem graça, essa boa graça dos nossos antigos, que mordisca ao de leve alguma cutis mais mimosa, mas que não magôa nem offende. Ha por ali uma ou outra allusão inoffensiva, critica de costumes, de quando em quando uma nota sentimental, observação e bom humor em barda, referencias alegres, saudades d'outros tempos. E' um livro para o espirito como um copo de bom Champagne é para o corpo. Desanuvia-nos e sente-se com vontade de mais.

DEBILITADOS *por* **EXCESSOS de forças physicas e musculares, pessoas excessivamente NERVOSAS,** *curam-se completamente com a* **Somatose** *em pó ou liquida (dôce ou secca)* **Vende-se nas pharmacias e drogarias**

Senhoras em evidencia

Arte

A carta que, com a devida venia, abaixo transcrevemos, dirigida pelo insigne esculptor Teixeira Lopes á sua discipula D. Ada da Cunha, vale por si só mais, do que a mais elogiosa biographia.

Ex.ma Amiga e presada discipula

Dois mezes de descanço são muito necessarios, mas ajora torna-se tambem necessario retomar os seus estudos, voltar ao trabalho bemdito que, só esse é capaz de nos conceder aquella felicidade e aquelle bem estar consolador que muitos não

D. ADA DA CUNHA

conhecem. Sabe com eu aprecio as suas aptidões para a esculptura, estando d'ha muito convencido que tem diante de si um lindo futuro, em Portugal, onde poucas senhoras se entregam seriamente ás artes ou a sciencia. Tirando-as do assumpto «toilette» pouco mais as interessa na vida. Seja artista, mas seja-o a valer, entregue-se completamente, incondicionalmente a esse ideal, acceitando as rosas e os espinhos. São muitos esses espinhos, é verdade, e, como eu os conheço bem! Mas, minha Amiga, ha consolações e essas só a arte as póde dar. Trabalhe muito e sempre. Os trabalhos que tem feito são uma boa promessa. O busto d'El-Rei tem qualidades pouco vulgares, não obstante ser feito de photographias, tra-

CABEÇA DE CREANÇA

(Esculptura da Ex.ma Sr.a D. Ada da Cunha)

balho sempre ingrato, que daria immensas difficuldades fosse a quem fosse. Os outros trabalhos em bronze e marmore teem um estylo que me agrada, sem «maneirismos», coisa detestavel em arte, principalmente na esculptura que é uma arte nobre entre todas. Devemos procurar a verdade; só o que tem a impressão da vida tem direito a atravessar os seculos, mas ha coisas que a esculptura não supporta.

INFANCIA DE JESUS

(Esculptura da Ex.ma Sr.a D. Ada da Cunha)

Esperando vel-a breve no seu posto, animada para novas luctas, e mandando-lhe lembranças com muitos cumprimentos para sua Ex.ma Mãe,

Amigo dedicado
(a) TEIXEIRA LOPES.

Gaya, 16 de junho de 1910.

Que artigo critico ou encomiastico vale a singeleza e a sinceridade d'esta carta!

No Velodromo

PARADA ESCOLAR DE 1:500 CREANÇAS

Livros

Um temperamento complexo e completo de homem de letras, servido pela mais corajosa das tenacidades, por um amor ao trabalho que só vimos tão grande em Balzac, no grande Camillo e no sr. Theophilo Braga na sua primeira phase.

Poeta, dramaturgo, jornalista, critico e romancista, José Agostinho publicou agora em menos de tres mezes, tres obras: *Alexandre Herculano*, volume de critica em que a figura do *Solitario de Val de Lobos* ficou integrada no seu meio e na sua época, integralmente estudada portanto; *Eça de Queiroz*, outro volume de critica que faz, como o primeiro, parte da serie *Os nossos escriptores;* e o poema *O Christo.*

Tendo isto segundas edições revistas, depuradas, mondadas, perfeitas.

Se estão nas segundas edições que mais é preciso dizer?

JOSÉ AGOSTINHO

Que nos desvanecemos em ver como José Agostinho do seu retrahimento vae abrindo a golpes de gloria o seu caminho na historia da litteratura portugueza, onde já hoje tem um incontestado e brilhante logar.

* * *

Lisboa Tragica, o novo livro de Albino Forjaz de Sampaio, accentua as bellas qualidades de observação, de estylo e de humorismo do

seu auctor. Espirito avido de impressões, interessando- e pelos que soffrem, zurzindo aqui e ali os fortes e os despotas, criticando sem mercê o que se lhe offerece digno d'isso, Albino Forjaz de Sampaio, tem sabido conquistar

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

á custa de um real valor, de um trabalho intemerato, de um itinerario que elle marcou deante de si e do qual não se afasta uma linha, sejam quaes fôr os obstaculos que se lhe ergam na frente. Sob uma apparencia franzina e delicada, é um forte, uma individualidade.

Musica

D. ELVIRA LEITE

Esta senhora acaba de terminar o curso do Conservatorio com distincção.

Sanz Peña em Lisboa

Demorou-se alguns dias entre nós o sr. Sanz Peña, presidente eleito da Republica Argentina. Antigo ministro plenipotenciario do seu paiz em Italia, chamou-o o voto dos seus concidadãos a desempenhar a suprema magistratura da sua patria. Em Italia, em Hespanha, em todos os paizes que tem visitado receberam-no os governos e as populações com es-

O PRESIDENTE E O MINISTRO DA ARGENTINA

peciaes demonstrações de affecto e de carinho. O mesmo succedeu em Portugal, cujas tradicções de hospitalidade e de cavalheirismo devem ter deixado optima impressão no nosso illustre hospede.

Corrida de automoveis

UMA VOLTA DIFFICIL

A gravura representa um aspecto da corrida de rampa, realizada na Pimenteira em 10 de julho ultimo. Assistiram para mais de 30:000 espectadores, o que só por si prova o enthusiasmo que o espectaculo despertou.

Lyceus de Lisboa

D. DOMITILLA DE CARVALHO

Terminou o anno lectivo e com elle os trabalhos inherentes. Não ha duvida que o ensino secundario progrediu immenso entre nós. O que, não ha muitos annos, constituia uma tarefa obrigatoria, tida por fatigante, quasi um sacrificio, a que todos ou quasi todos se eximiam pelos meios ao seu alcance, representa hoje um attractivo, uma distracção intellectual, um dever agradavel de cumprir. Dos nossos estabelecimentos de ensino desappareceram a compostura rígida o silencio affectado e severo, que recordava o claustro e a educação monastica. Surgiu em compensação a alegria franca, a expansão natural das creanças, o riso communicativo peculiar aos verdes annos. O professor não é já o tyranno antigo, o verdugo inimigo da gargalhada, a personificação do terror. Hoje é um amigo recebido com jubilo, um tutor espiritual cheio de bondade, um guia da educação do cerebro e da educação physica.

Os *Serões* publicando neste numero os retratos da Ex.ma Sr.a D. Domitilla de Carvalho, poetisa de raro talento, formada em tres faculdades e reitora do lyceu *Maria Pia;* do Ex.mo Sr. Dr. Ruy Telles Palhinha, douto lente da Escola Polytechnica e reitor do lyceu *Camões;* do Ex.mo Sr. Abel Fontoura da Costa, illustre official de marinha, lente da Escola Naval e reitor do lyceu *Passos Manuel;* do Ex.mo Sr. Dr. Antonio Joaquim de Oliveira, erudito bacharel em direito e em theologia e reitor do lyceu da *Lapa*, prestam homenagem a quatro individualidades, representantes de uma larga maioria do professorado portuguez, que tem sabido remodelar o ensino secundario em Portugal e que tem tomado a peito não só aprestar milhares de intelligencias para a lucta pela vida, mas ainda dar ao paiz cidadãos vigorosos, conscios das suas obrigações civicas.

E' enorme, agigantado, o passo dado neste sentido. Nunca, no nosso paiz, a celebre maxima de Juvenal, tantas vezes evocada: *Mens sana in corpore sano*, adquiriu tamanho culto. A Inglaterra e a Allemanha, para não citar outras nações, devem a melhor parte do seu poderio moral e do seu desenvolvimento material á robustez que os educadores dessas raças souberam fazer adquirir aos seus filhos. Se cerebros bem educados constituem o orgulho e a esperança de um povo, a sua resistencia physica, a confiança na sua força, representam um penhor seguro da sua autonomia politica.

O lemma actual das potencias é a *paz armada* e presentemente não se póde armar melhor um povo do que educando-o.

DR. RUY TELLES PALHINHA

DR. ANTONIO JOAQUIM DE OLIVEIRA

ABEL FONTOURA DA COSTA

Ensino feminino

D. DEOLINDA NOGUEIRA DOS REIS

Numa festa, e por signal bem sympathica e brilhante, effectuada no lyceu *Maria Pia* no dia 8 de maio do corrente anno, entre outros numeros de um programma escrupulosamente organizado e enthusiasticamente cumprido, houve duas palestras interessantissimas. Realizou uma a Ex.ma Sr.a D. Deolinda Nogueira dos Reis, alumna da quinta classe do referido lyceu, e outra a Ex.ma Sr.a D. Isabel Maria Flores Villar, alumna da quarta classe. A primeira teve por thema *Uma visita escolar*, a segunda *Sparta e Athenas*. Ambas revelaram estudo aturado, dicção facil, elaboração cuidadosa e, acima de tudo, um aproveitamento que deve orgulhar os seus professores.

D. ISABEL MARIA FLORES VILLAR

Sciencia

APPARELHO PARA TIRAR PHOTOGRAPHIAS DOS ASTROS

Festa militar

Foi das mais sympathicas e imponentes a festa realizada no regimento de cavallaria 2 por occasião do juramento de bandeiras prestado pelos recrutas. Assistiu á ceremonia el-rei. O regimento ouviu missa no mosteiro dos Jeronymos. Em seguida á missa el-rei tomou o commando do corpo, dirigindo-se para o quartel onde se effectuou a solemnidade militar. Após a formatura, revista, etc., foi offerecido um magnifico almoço aos officiaes, aos officiaes inferiores e melhoradas consideravelmente as refeições das praças.

NOS JERONYMOS

Chronica da moda

A chegada do mez de agosto e a debandada para as praias — A belleza dos tecidos de verão — Pequenos «nadas» que affirmam a mulher «chic» — A obrigação que toda a mulher tem de ser bella — A estética acima de tudo — A simplicidade da mulher elegante é o seu maior encanto — O caminho para attenuar as modas actuaes — As elegantes na espectativa — Os tecidos de lan como novidade — O successo extraordinario das tunicas — Os manteaux — As charlottes» tomando vulto colossal — As flores dos chapeus — Os penteados — As perolas como rainhas da época — O azul tornou-se a côr predilecta desta estação — As «écharpes», etc.

Chegou o mez de agosto e com elle a excessiva temperatura que favorece o desabrochar das flores, não menos brilhantes e vistosas do que as verdadeiras flores com vida, que são as *toilettes* femininas, *toilettes* claras, deslumbrantes de côr e de frescura, vaporosas, harmonisadas com o doce azul das naves grandiosas dos espaços e com os effluvios vagos dos perfumados roseiraes em flôr...

E' o momento da debandada, a época de se animarem as nossas lindas e pittorescas praias, attrahindo para ellas uma multidão de banhistas entre a qual se vê a mais brilhante sociedade feminina do nosso querido paiz. Será pois em Cascaes, a praia por excellencia mais elegante e animada, ou na Figueira, sem contestação a mais movimentada e concorrida e ainda em tantas outras que as nossas lindas senhoras portuguezas terão occasião de brilhar, mostrando todos os requintes da sua suprema elegancia, em *toilettes* esmeradamente confeccionadas com esses admiraveis e bellissimos tecidos que a estação de verão nos trouxe como as mais extraordinarias novidades.

Em todas as nossas chronicas de verão temos fallado sobre este delicado assumpto, levando a nossa audacia a dar ás leitoras conselhos (sem nol-os pedirem) de pessoa verdadeiramen e amiga.

Nas poucas festas e divertimentos mundanos, que ultimamente tem havido, temos feito um pequeno estudo psycologico da moda nas mulheres bonitas e nas... feias, occupando-nos um pouco menos das ultimas, é claro...

Em Portugal já se veste muito bem, havendo um grande numero de senhoras que em toda a parte do mundo seriam consideradas verdadeiras *elegantes* e que no seu *porte* esbelto, nas suas figuras esculpturaes, fazem realçar o bom gosto dos modelos escolhidos e o *raffinement* dos tecidos e das suas guarnições!

E' em todos estes pequeninos nadas que se define e se affirma a mulher *ultra-chic*.

Veste no rigor da ultima moda! *le dernier cri* é finamente aproveitado por ella, maravilhosamente posto em pratica, affastando de si o exagero ridiculo e improprio da mulher verdadeiramente elegante.

Qual será o principal cuidado, o supremo ideal da mulher elegante? Incontestavelmente tornar-se bella, quando mesmo o não seja, para despertar não só a admiração dos homens, mas tambem, na sua *méchanceté*, a inveja fatal e tormentosa das feias...

Teem pois, minhas queridas e gentis leitoras, que procurar esconder algum pequenino defeito physico, harmonisando-o com a moda e fazer sobresahir a gentil figurinha, sem *arrebiques* que as torne desgraciosas. A primeira qualidade da mulher mundana é ser bonita e ter a elegancia natural que a caracterisa, sem affectação nem artificios nos seus gestos e nas suas palavras.

A simplicidade graciosa da mulher traduz-se em todos os seus movimentos e é o seu maior encanto...

* * *

Não ha nada peor que a *bisbilhotice* dum chronista de modas, quando começa a divagar... O nosso desejo seria conversar dilatadamente com V. Ex.as e dizer-lhes ainda mais das muitas opiniões que temos acêrca das modas em geral, mas o tempo é pouco, o espaço escasseia e os assumptos a que precisamos referir-nos não nos deixam soltar as azas doiradas a todas as nossas phantasias...

Segundo dizem, e é opinião dos grandes mestres na arte de vestir, estamos muito perto, não direi duma reacção, (a palavra parece talvez um pouco grave para aqui), mas de uma attenuação nas modas actuaes. Sopra uma aragem de conciliação sobre os themas conhecidos e as variações muito reveladoras de que em breve espaço de tempo haverá umas modificações muito razoaveis e de extraordinarios effeitos.

Reina uma anciedade inexplicavel nos grandes centros da moda, e a espectativa absorve os espiritos das nossas elegantes mundanas.

O que podemos affiançar desde já é que a *silhouette* das nossas lindas mulheres portuguêsas terá tudo a lucrar.

Por emquanto nada mais poderemos adiantar... Não nos é permittido revelar segredos, não diremos de estado... mas segredos elegantes, sensacionaes, cheios de novidade e de encanto...

* * *

Os tecidos de lan constituem nesta estação uma verdadeira novidade. Ha já alguns annos que estavam postos de parte, reapparecendo agora com todo o *entrain*.

Fazem-se elegantissimas *toilettes* ligeiras, para manhan, passeios de campo e beira-mar.

Continuam as lindas tunicas (e o seu successo é admiravel!) em rendas verdadeiras de Irlanda e mousselines de sedas, — a segunda velando muitas vezes a primeira, — *raffinement* exquisito, quando esta é preciosa. Uma e outra repousam sobre uma saia de crepe da China ou *liberty*, moderadamente estofada e em geral de uma côr muito viva. O preto sobre o verde claro, obtem um effeito lindo e desuzado, sobre

tudo, para as mulheres loiras, porque as torna singularmente bellas, pondo-as em destaque.

Uma surpreza feliz: — os *manteaux* voltam este anno a ter uma grande voga! Não nos referimos, bem entendido, aos *manteaux* de noite, mas áquelles de que nós estavamos privadas ha tanto tempo e que tão indispensaveis se tornam nas tardes frescas de outomno, quando o sol desapparece, fazendo-nos sentir um *frisson* desagradavel nos hombros.

Estes *manteaux* de dia não existiam.

Vêl-os agora reapparecer, quer como agasalhos praticos, quer como simples adornos de luxo, conforme o uso ao qual se destinam, é uma novidade que nos alegra pela elegancia e conforto que offerecem numa estação traiçoeira de temperatura desigual.

Aconselhamos ás nossas gentis leitoras que adoptem esta sympathica moda, que tambem é hygienica ao mesmo tempo, juntando assim o util ao agradavel. Com um bocado de panno inglès, leve e quente, duma certa resistencia, faz-se um longo *manteaux* redingote, largo, amplo, apertado apenas na cintura por *une patte* como, os modernos *pardessus* dos homens.

São duma elegancia invulgar no genero, simples e excellentes tambem para viagens. Se porém se deseja mais *habillé* e mais rico, póde fazer-se executar este mesmo modelo em *liberty preto*, guarnecido com *revers de taffetá*.

Obteem-se assim tons deliciosos. Os mais bonitos talvez e que o rigor da moda especialisa em todo o caso, approximam-se sobre tudo dos tons antigos. Os fundos em côres apagadas, sem brilho, quasi mortos, com largas barras de sedas *pompadour*, teem um *chic* particular para os verdadeiros *manteaux* d'*après-midi*.

UM LINDO TRAJE DE CAMPO
Ultimo figurino de Londres

Temos tambem como triumpho o *manteaux* japonez, o qual póde ser egualmente usado de dia e á noite.

Como já tivemos occasião de dizer, as côres preferidas para dia são côres apagadas, mas em compensação as de noite escolhem-se muito vivas e brilhantes, guarnecidas de lindas applicações, borlas, franjas, galões dourados e prateados, etc. Estes *manteaux* fazem-se particularmente apertados em baixo.

No emtanto daremos um conselho pratico, que vem a ser, deixar-lhes largura rasoavel, para não nos prenderem os movimentos, o que muito contribue para os tornar assim mais elegantes.

* * *

A ultima moda das *charlottes* estreitas e altas toma um vulto verdadeiramente collos al. Fazem-se tão altas e tão estreitas, assemelhando-se, com os seus enfeites esvoaçando e os seus *cocards* de flores, aos bonets *á la citoyenne* que fizeram tanto furor no tempo da Convenção.

São elegantissimos e verdadeiramente os chapeus *chics* para casino. Não se poderão usar com vestidos muito

Em todos os casos nos quaes se deve favorecer o appetite, augmentar as forças, restabelecer o estado geral, nada melhor que a **SOMATOSE**.

ligeiros e seria perfeitamente ridiculo acompanhando costumes *troteurs*.

As flores dos campos sobre as *capelines* de Italia como que *s'epanouissent*... Os botões d'ouro, os *bluets*, as lindas margaridas, tanto da nossa predilecção, e as espigas naturaes põem sobre os largos chapeus, que apenas são guarnecidos duma tira de velludo preto em volta da cópa, uma nota gentilmente bucolica...

Vêem-se tambem grupos de *bouquets* d'iris palidos, amarellos ou brancos e as tulipas maravilhosas, es as bellas tulipas arrendadas, em tons vivos e brilhantes que triumpham em toda a linha.

* * *

Os penteados desgraciosos que até aqui tem predominado parecem entrar num periodo mais feliz. *O calot* desapparece a pouco e pouco. O penteado grego, com todos os seus *chis-chis* ligeiros e leves continua a usar-se, assim como os classicos *bandós*, emoldurando os lindos rostos das nossas leitoras.

Para a noite e sobre os *bandós* ligeiramente ondulados, usam-se fios de perolas. São estas verdadeiramente as rainhas da occasião, usando-se de differentes e encantadoras maneiras: nos cabellos, em collares, nos hombros e mesmo até servindo de pulseiras!

*

O azul continúa sendo a côr predilecta em todos os variadissimos tons, desde o azul *marino* ao azul *nilo* e para todas as *toilettes*.

*

Muito praticas e egualmente confortaveis e commodas são as *écharpes* em setim *liberty*. A difficuldade consiste na escolha das côres e nos tons; mas temos fé no bom gosto das nossas leitoras, que realizarão maravilhas de graça delicada na escolha deste interessante detalhe, que tanto completa uma *toilette* elegante e *chic*.

Theatros

Trindade. — Assignalou a companhia do theatro Carlos Alberto, do Porto, mais um triumpho á conhecida e apreciada operetta, *Viuva Alegre*, cuja musica de Franz Lear, o publico não se cansa de applaudir. A ella largamente nos referimos já, quando levada á scena pela companhia Taveira, sendo nessa occasião, a protagonista desempenhada pela sr.ª Etelvina Serra, que, diga-se de passagem, a sua voz, ainda que de timbre agradavel, não possue o volume necessario para bem cumprir as exigencias da partitura. Se a composição musical da *Viuva Alegre* não encerra grandes exercicios de vocalisação, requer comtudo, vozes malleaveis e de apreciavel volume no registo medio para pôr a claro o relevo que exige a sua inspirada melodia; e são precisamente estes requisitos, que a sr.ª Delphina Victor possue e tornou agradavel a audição da musica de Lear pela companhia do Carlos Alberto.

Na parte de canto merece tambem uma referencia o actor Antonio Vivas, que se distinguiu no papel de *Roussillon*. Compozeram o bom conjuncto que a peça teve, os artistas, Duarte, Albertina d'Oliveira, Jayme Silva, Mattos e Elvira de Jesus.

D'esta operetta passou Portulez, emprezario da companhia, para a antiquissima peça phantastica, *A gata borralheira*, com o novo titulo, *O chapim de crystal*, que ha uns bons quarenta e tantos annos, fez as delicias dos nossos paes. Foi um successo nessa época, e apesar dos seus cabellos brancos, ainda hoje consegue agradar a novos e velhos, muito principalmente, quando è bem posta em scena, como succedeu agora. As apotheoses, muito em especial, a do 2.º acto, são de magnifico effeito, e ha mesmo em toda a peça bastante espirito sem recorrer aos ditos equivocos, tão de uso ao presente.

Coube ao actor Gomes, a personagem grotesca do *Rei Hilarião 6.º*, outr'ora desempenhada por Izidoro e depois por Alfredo de Carvalho, merecendo os elogios da imprensa e os applausos do publico.

Primorosa a enscenação de E. Portulez.

Gymnasio. — Com um novo quadro, seguiu viagem por mais umas noites, a revista *Arco da Velha*, dos srs. Xavier da Silva e João Bastos, dando casas regulares.

Avenida. — A troupe Rentini, depois d'uma *tournée* pelas provincias, voltou ao theatro Avenida, onde tem dado algumas recitas com as sempre queridas operettas, *Viuva Alegre* e *Sonho de Valsa*, não sendo regateados applausos a Rentini, Leopoldo Froes e Barreiros.

Rua dos Condes. — Não teve o acolhimento que era para desejar, a operetta de costumes portuguezes, original do dr. Mario Monteiro e para a qual o maestro sr. Filippe Duarte compoz uma musica muito linda. Ultimamente apenas Gervasio Lobato e João da Camara conseguiram fazer vingar a operetta portugueza, genero onde muitos teem naufragado. A peça, *O sr. Doutor*, a que nos referimos, possue a par d'alguns defeitos, algumas qualidades, que o dr. Mario Monteiro, em futuros trabalhos, crêmos, conseguirá pôr mais a relevo.

Colyseu dos Recreios. — O campeonato internacional de lucta no *ring* do Colyseu, constituiu, porém, o *clou* das novidades theatraes nesta época que abrange o nosso *magazine*, demonstrando o publico em todas as sessões, um extraordinario enthusiasmo, chegando a haver varias discussões, mais ou menos acaloradas, entre diversos espectadores.

Dos mais interessantes combates, citaremos os realisados por Deriaz e Rank; Wonders e Rabasson; Jackson e Paulsen; Roland e Breitenback; Apollon e Reutter; Fouson e Roland; Orlando e Celestin Moret, etc., a que

se seguiram e se entrelaçaram outros, em que figuravam estes mesmos luctadores, sendo os resultados a contento de gregos e troianos, com uns segundos a mais ou a menos, e, ora uma *cintura de lado*, ora uma de *frente*, tudo na melhor harmonia e a satisfazer todos os paladares. E para que não faltasse o excitante por excellencia d'estes espectaculos, se effectuaram tambem diversos *matchs de box*, que alegraram uns, impressionaram outros, dando logar ás duas correntes, uma de applausos, outra de protestos. Vamos pela segunda, que nos desculpem os amadores do espectaculo, de dois homens com os olhos inchados, deitando sangue pela bocca e pelo nariz,-fóra as lesões internas que poderão occasionar um sôco no peito ou no estomago, combates estes, como o que ha pouco se travou entre os campeões de *box*, Jim Jeffries e Jack Johnson, conhecido pelo terrivel *boxeur* da raça negra!

H. O.

Caldas da Rainha

Na estrada que das Caldas da Rainha vae para Rio Maior, a cerca de um kilometro, passado o logar dos Vidaes, do lado norte da estrada, e na charneca, existe n'um monticulo o arco que hoje reproduzimos. Parece que esse arco marcava a estrada ou começo dos contos do convento de Alcobaça. E-te arco tem em cima a estatua de D. Affonso Henriques, e na meia canna do arco, um letreiro que diz: «O santo rei D. Affonso-Henriques, fundador de Alcobaça». A gente das visinhanças chama ao monumento *O rei da memoria*.

O REI DA MEMORIA

A photographia, que reproduzimos, foi-nos amavelmente offerecida pelo sr. commendador Jorge de Lima.

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

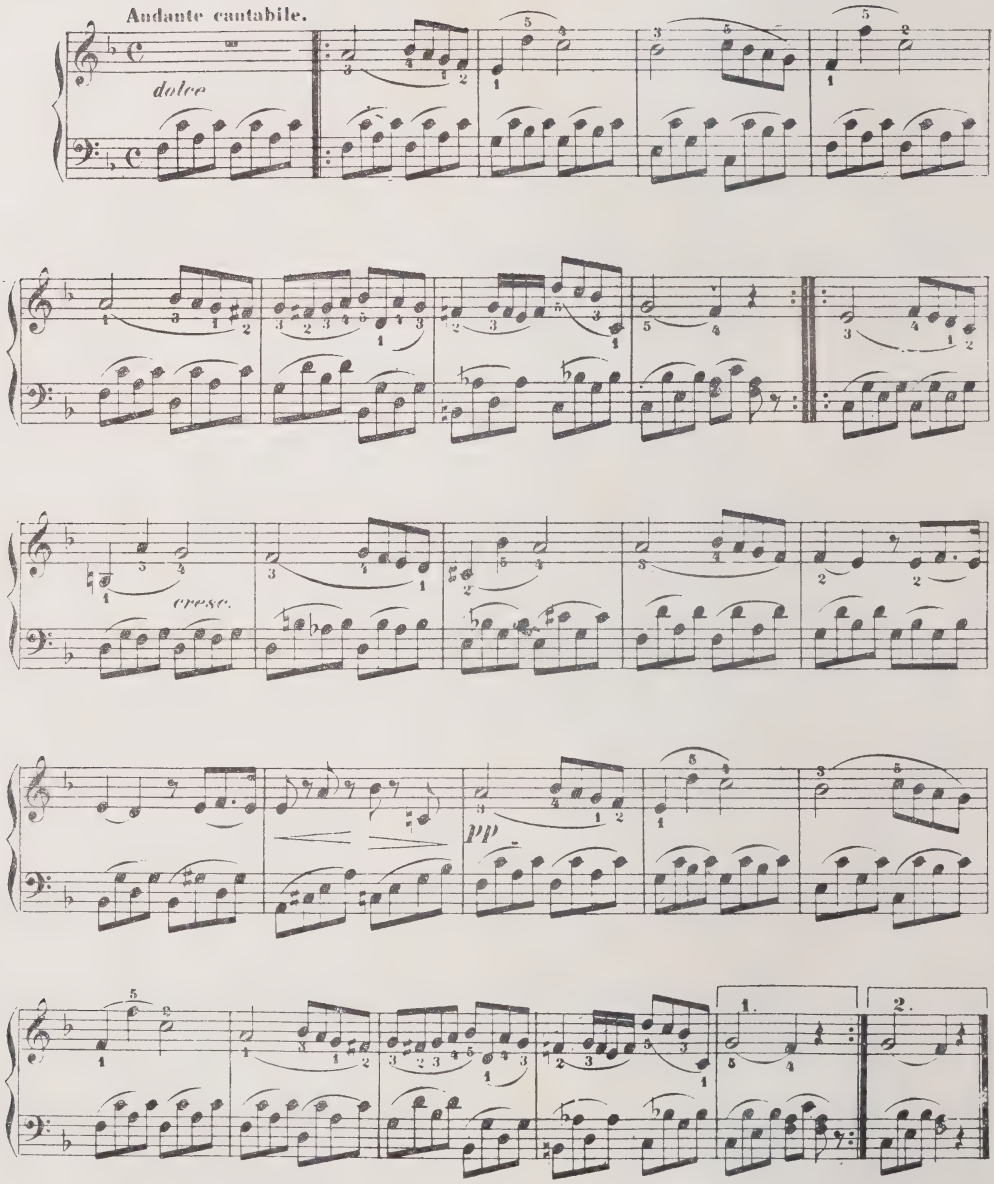
Marcha Funebre

DE

Fr. Chopin

Marcha funebre

Fr. Chopin.



SERÕES

BRINDE

UMA VIAGEM A PARIS

(Ida e volta em 1.ª classe, partida de Lisboa), em época á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente, como em 1909.

BRINDE MENSAL A TODOS OS LEITORES

Pela apresentação de BONUS publicados em cada numero

descontos em varios estabelecimentos sobre as compras effectuadas

GRANDE VANTAGEM AOS ASSIGNANTES

Desejosa a administração dos **SERÕES** de reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar-lhes o completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — **a todos que assignarem a revista SERÕES por periodo não inferior a um semestre** —, o adquirir um qualquer volume publicado ou todos os treze, com um desconto de 50 %, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) **600 réis** ou, ainda, **1$000 réis,** lindamente encadernado em capas de luxo.

O preço da assignatura dos **SERÕES** é:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Numero avulso, 200 réis

ANNUNCIOS

A administração dos **SERÕES,** revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos **SERÕES,** nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios,** que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante.

Administração dos SERÕES — 30, Praça dos Restauradores (Palacio Foz), 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, ié qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas, nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico*, de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usae-os, fridas, crostas, assamentos;
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, e superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Blenol — Lindacutis — Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porêm tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

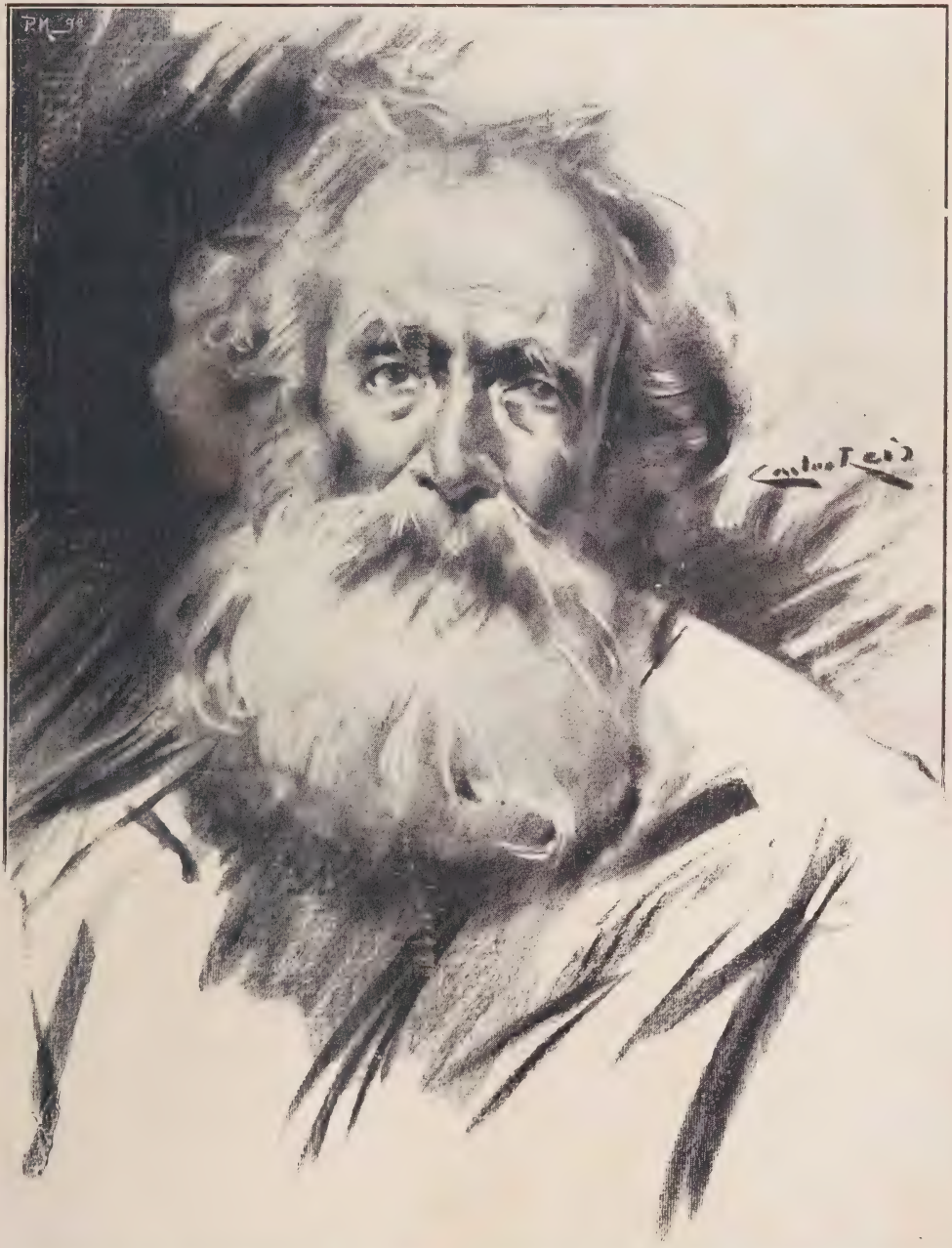
Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SERÕES

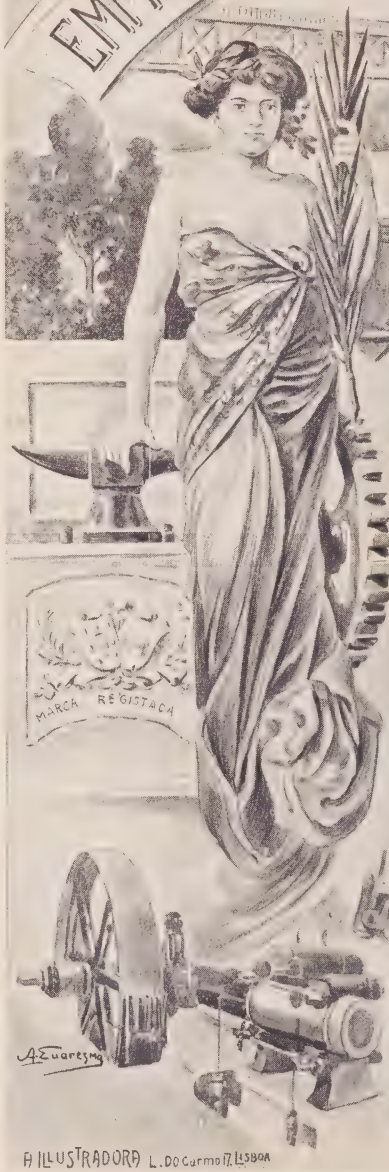
N.º 63 — Setembro 1910

Assignatura { Semestre.. 1$200 / Anno ..... 2$200
Numero avulso 200

Composto e impresso
na Typ. do Annuario Commercial



EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA



A MAIOR E MAIS IMPORTANTE

FABRICA PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construcção de pontes,
vigamentos e estructuras metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR

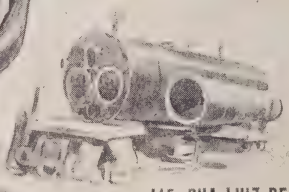
MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUCÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES

Alfaias e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos

SYSTEMA PRIVILEGIADO



Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRIPTORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE
N.º 256—BELEM

Telegrammas
Santamaro
LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente

AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA

A ILLUSTRADORA L. DO Carmo 17. LISBOA

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial**, Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE PAG.

A FONTINHA
Poesia original de RIBERA Y ROVIRA, escripta em catalão, e traduzida em francez por MADAME IDA SELLERIER e em portuguez por AFFONSO LOPES VIEIRA *(Frontispicio)* 162

DE INHAMBANE A LISBOA
(5 illustrações) por THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT 163

A VELHA PONTE *(Versos)* de AUGUSTE ANGELLIER, traducção de J. DE OLIVEIRA SIMÕES 170

MALFADADA
(2 vinhetas) por COSTA MACEDO 171

AS ZEBRAS
(2 illustrações e 1 vinheta) por J. BETHENCOURT FERREIRA 178

MULHER *(Versos)* por MIRANDA SANTOS 183

A CARTA ROUBADA
(2 illustrações e 1 vinheta) 184

AS ORCHIDEAS
(3 illustrações e 1 vinheta) por ALVARO COELHO 189

PERSONAGENS CLASSICAS
(9 illustrações e 1 vinheta) compilado por EDUARDO DE NORONHA 193

O TENTO VERMELHO
(2 illustrações e 1 vinheta) versão do inglez por MANUEL DE MACEDO 204

LE SOLEIL AUX CHAMPS ET A LA VILLE *(Versos)* por THOMAZ D'EÇA LEAL 210

ALJUBARROTA
(3 illustrações e 2 vinhetas) por ANTONIO GUIMARÃES 212

A INDUSTRIA DO LIVRO EM PORTUGAL
(7 illustrações e 2 vinhetas) por RICARDO DE SOUZA 217

O CASAMENTO NOS DIVERSOS POVOS E PERANTE A HISTORIA
(6 illustrações) por CARNEIRO DE MOURA 223

CAVE AMORE *(Versos)* trad. de CLAUDINO POPELIN, por J. REGALLA 230

BIBLIOGRAPHIA 231

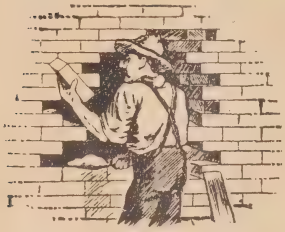
ECCOS E REFLEXOS
(11 illustrações) 232

A MUSICA DOS SERÕES

CÔRO DE JUDAS MACHABEU, de G. F. HANDEL . . . . . 2 pag.

A Quebradura curada

Vê V. este pedreiro fechando a abertura nesta parede?



E' essa a fórma porque eu curo a quebradura. Enchendo a abertura com material novo e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura numa parede, a parede de musculo que protege os intestinos e outros orgãos internos. E' quasi tão facil curar uma ferida ou rotura neste musculo como em um braço ou mão.

Comtudo esta rotura não é talvez maior que a cabeça de um dedo.

Mas e sufficientemente grande para deixar que os intestinos passem através. E' claro que isto não póde cicatrizar sem que a natureza seja auxiliada.

E é isso precisamente o que o meu methodo faz. Permitte-lhe a V. reter a protusão dentro da parede no seu mesmo sitio.

Depois dou a V. um Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da pelle até aos bordos da abertura e remove o annel calloso que se tem formado ao redor da rotura.

Então começa o processo de cicatrização. A natureza livre já do instestino saído e do annel calloso da abertura, e estimulada pela acção do Lymphol deita uma porção de lympha e a abertura é outra vez occupada com novo musculo.

Não é isto simples? Não é isto razoavel? Tenho provado os seus meritos em milhares de casos. Proval-o-hei a qualquer herniado que me envie o seu nome.

Escreva-me V. indicando o numero a que corresponde o seu caso e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita do meu Desenvolvente Lymphol e um livro lindamente illustrado ácêrca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me envie V. dinheiro. Só o seu nome e endereço.

Wm. S. RICE, R. S. Ltd.,

(ESPECIALISTAS)

(G. P. O. Box n.º 5) (Depot.º S. 351), 8 & 9, STONECUTTER ST.,

LONDRES, E. C., INGLATERRA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

Caldeira Pires

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quarteis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas differentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3$000 réis

Colladas em panno, envernisada, com reguas de madeira **5$000 réis**

PROPRIEDADE E DEPOSITO GERAL

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de setembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer encommenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.ª

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de setembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar nos espectaculos realisados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de setembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de setembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de **10 por 100**

durante o mez de setembro 1910.

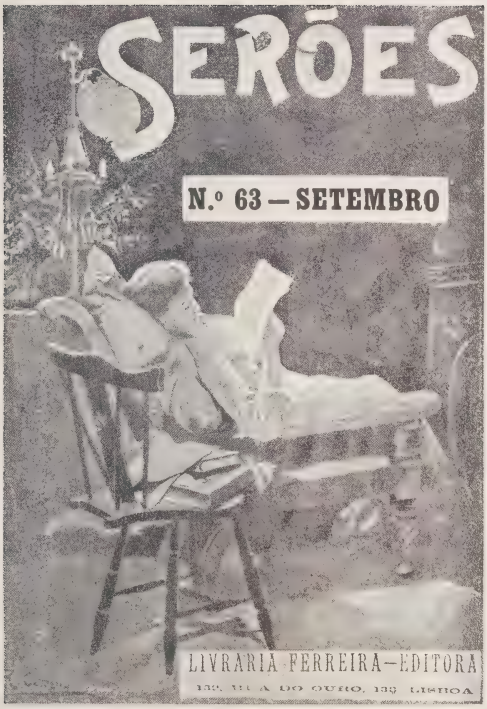
Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de setembro 1910.


SERÕES
N.º 63 — SETEMBRO
LIVRARIA FERREIRA — EDITORA

El Fontinyó

Al fons d'aquella prada
brollava un fontinyó
d'una aygua regalada,
d'un só enamoradó.

Malgrat y essé allunyada
era una processó:
tenia nomenada
la font de l'Aymadó.

Donzells, gentils donzelles,
hi anaven a parelles
y's feyen juraments:

mes, des que hi perjuraren
y el fontinyo oblidaren...
no regalima gens.

Ribera y Rovira.

La Fontaine

Au fond du grand pré en fleur
coulait la claire fontaine,
et son murmure charmeur
semblait un chant qui s'égrène.

Elle était loin du village,
mais chacun voulait un jour
faire un doux pélerinage
à la fontaine d'Amour.

Lá, pour engager serment,
filles et garçons gaiment
allaient sur ses bords connus:

mais bientôt ils oublièrent...
La source ils abandonérent...
et elle ne coula plus.

Trad. de Ida Sellerier.

A Fontinha

Ao fundo do prado em flôr,
uma fontinha brotava
e a agua pura cantava
com amoroso rumôr.

Inda que longe ficava
ia do campo em redôr
o povo, que lhe chamava
fonte d'Amôr.

Rapazes e raparigas,
os seus amores juraram
n'aquellas aguas amigas;

mas, dês que foram desleaes,
a fonte que abandonaram
não correu mais.

Trad. de Affonso Lopes-Vieira.

A FONTINHA

Poesia original de Ribera y Rovira, escripta em catalão, e traduzida em francez por Madame Ida Sellerier e em portuguez por Affonso Lopes-Vieira

HOSPITAL DE MOÇAMBIQUE

De Inhambane a Lisboa

(Continuação)

III

NO EGYPTO

Não chegamos a desembarcar em Suez, demorando-nos apenas o tempo necessario para deixar sahir do canal o rebocador que ao longo d'elle nos devia levar até Port-Said. Trez ou quatro horas depois puzemo-nos em marcha, e uma noite e um dia navegámos entre duas muralhas de pedra, só interrompidas pelos lagos.

A vista do canal pouco tinha de interessante. De quando em quando, um vapor encostado a uma reintrancia na muralha, a dar-nos caminho livre. Os projectores, fixados á prôa do nosso navio, lançavam sobre as aguas uma chuva de prata. D'um lado e d'outro, as areias do Egypto, requeimadas do sol, a confundir-se com o ceu.

Estamos já perto de Port-Said, cidade cosmopolita, de madeira e zinco, onde tantas virtudes e tantos vicios tambem vão todos os dias aportar, na lucta, na febre incommensuravel do oiro e da gloria. Encontra-se ali gente de todos os paizes, e até alguma que nunca teve patria. Ao lado d'um inglez, montado n'um burro tão pequeno que o cavalleiro quasi toca com os pés no chão, um arabe de rosto bronzeado, um grego de face patibular, um italiano com os seus trages caracteristicos, entoando uma canção da sua terra.

Eram cerca de duas horas da madrugada quando desembarcámos. A cidade, de tão illuminada com luz electrica, parecia batida de sol. Lojas com tudo quanto a Allemanha fabrica, desde os tapetes da... Persia,

até ás cimitarras cravejadas de pedraria, véus bordados a prata, tecidos riquissimos de seda e oiro, tudo ali se vende, e tudo compram por alto preço os milhares de viajantes que, de todas as partes do mundo, ali veem passar. N'um barco, uns italianos de rostos esfomeados, tocavam e cantavam. N'uma carruagem de aluguer, puchada por dois bons cavallos, um nababo passeava, a entreter as horas até á partida do paquete que o devia levar á Europa, que vinha deslumbrar com as pedrarias e oiro das lendas da India. A um canto, agachada, o rosto esqualido onde ainda se podiam vêr restos de passada belleza, uma mulher já velha apezar de não ter mais de 25 annos, uma primavera!, pedia esmola, em phrase sentida, procurando despertar a compaixão de quem passasse por aquella ruina, rebutalho que, quem sabe?, pisavam aos pés aquelles mesmos que, meia duzia d'annos atraz, se extasiavam deante do seu corpo esculptural, d'um marmore rosado que palpitava, que era vida e que era amor. Como teria ella ido parar ali? Não sei. Mas debaixo d'aquelles farrapos, quantas loucuras e que horrivel drama se não adivinhava?!

MOÇAMBIQUE — PONTE, PALACIO DE S. PAULO E ALFANDEGA

Fomos para o hotel passar o resto da noite. De manhã, depois d'um passeio pelas ruas da cidade, meia duzia de compras disparatadas, e um almoço mais detestavel ainda do que a comida de bordo, tomamos o caminho de ferro que nos ia levar ao Cairo. Deante dos nossos olhos fugia o terreno. Era o Egypto, essa terra que dominada, escarnecida, pisada aos pés tanta vez, consegue ainda, atravez de milhares de annos, viver, e pelos seus monumentos, pelos seus tumulos, pelos obeliscos aqui e além esparsos, recordar, bem nitido, o que foram as velhas civilisações, as artes, os costumes, as religiões, os deuses, as festas, os banquetes, todas as manifestações, em summa, d'uma vida ha muito seculo acabada, mas que, desenhada a escopro ou pintada de tintas indeleveis, palpita ainda e parece que dia a dia mais!

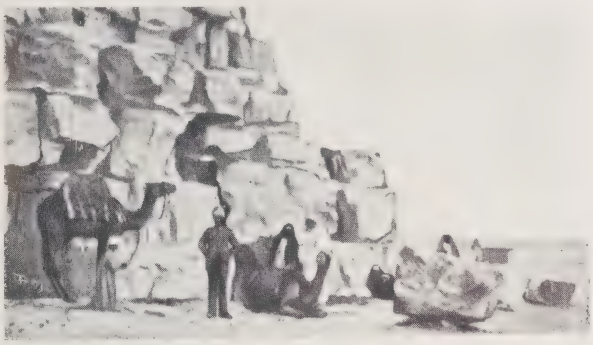
Ao longo do canal até Ismaelia, desviava-se d'ali o caminho de ferro, bordando agora o Calish, canal de Ismaelia, até ao Cairo. Ahi chegamos de noite, e foi tão grande a impressão que aquelle dia em mim fez que, ou fosse superintensidade de vida ou fosse febre que de Inhambane trazia ainda, não pude fazer mais do que, guiado por um «drogman» qualquer, dirigir-me ao hotel, pedir um quarto e dormir. Era já dia alto quando acordei. Defronte da minha janella estendia-se a praça de Esbequieh, circundada de parques, com o jardim onde foi morto Kleber a recordar a campanha heroica de Napoleão. Um sol que, sem incommodar, aquecia, inundava de luz aquella vista admiravel, bungalows elegantes, casas muito brancas de moucharabiés cerrados, uma ou outra palmeira mais alta, balouçando á aragem a sua cupula verde.

Cheias de gente, as ruas offereciam um magnifico espectaculo. No Mousky, de ruas largas e direitas, cruzava-se uma multidão de variegada nacionalidade, desde a ingleza classicamente esgrouviada do Cook, ao subdito do Celeste Imperio passeiando em terras d'Africa o seu rabicho, as suas sandalias reviradas de palha amarella com bordados a seda. Cafés e casinos de camaréras abriam de par em par as suas portas a todos os vicios e a todos os desejos. No bazar acotovelava-se uma multidão que berrava, cantava e dançava, fazendo um barulho ensurdecedor, pondo deante dos olhos uma mescla de mil côres variadas.

Do outro lado do rio fica o velho Cairo. Ruas estreitas, sinuosas e porcas, gente

que se amontôa como sardinha em pilha, burros cruzando em todas as direcções, aqui e além um camelo, pondo uma nodoa amarello escuro no branco dos albornós dos arabes ou na tunica escura dos cophtas e judeus, e, de quando em quando, dominando todo este barulho, o grito de «affasta» de um negro conduzindo á arreata um burro montado por uma mulher de que o «habbarah», ainda que de tafeta ligeiro, não deixa vêr as feições, apenas permittindo a uns olhos ardentes, muito negros, muito grandes, lançarem por entre elle e o «borghot» um raio de fogo que encanta, que endoidece como um mysterio.

Ao lado d'este bolicio, ruas silenciosas como tumulos, bordadas de casas de que as grades dos moucharabiés não deixam vêr o interior, só se sabendo que n'ellas ha vida pelas notas desgarradas de qualquer canção, que de quando em quando cortam aquelle silencio. Sahimos d'uma d'ellas para desembocar n'uma outra cheia de animação e vida. Homens passavam em caravana, os camelos carregados das mercadorias que do deserto tinham vindo buscar á cidade. A um canto da rua um santão prégava uma doutrina qualquer, e mais adeante um arabe feiticeiro brincava com uma enorme serpente que em volta do pescoço se lhe enroscava, fazendo o espanto d'um grupo de raparigas e garotos que, extasiados, o olhavam.



JUNTO A GRANDE PYRAMIDE

N'este passeio pela cidade se passou o primeiro dia. E á noite, depois do jantar n'um *cabaret* do Mousky, em trajes proprios, anichados n'uns sophás fôfos e bons, nas mãos uma taça minuscula cheia do mais delicioso café que até hoje me tem sido dado provar, um narguilé de comprido tubo ao canto da bocca, graves, orientaes, assistimos a uma adoravel dança, qualquer coisa de visão das «Mil e uma noites», esse livro de que ali se folheia a cada hora uma pagina, tão viva, tão forte na sensação que faz experimentar, que, uma vez vista, nunca mais em verdade se póde esquecer.

De calotes doiradas sahindo do «tarbouch» que lhes cobria a cabeça, as «gawasies» dançavam ao som dos tambores que com os dedos scintilantes de anneis iam ao mesmo tempo tocando. Com o bater no chão dos calcanhares, em compassos agora rapidos e loucos para d'ahi a pouco se tornarem vagarosos e dolentes, as manilhas dos braços e das pernas punham na musica uma nota metallica. Entre a veste e a cintura, o corpo nu de que um veu de mousseline deixa vêr o rosado mate, ia desenhando curvas que eram epopeias, d'uma voluptuosidade que a não podia haver maior nem mais impressionante. A' volta, sentadas, as «almehs» cantavam. Era um murmurio longinquo, como o de um rio correndo sereno no seu leito de areia fina. Mais depressa agora os tambores soavam, e mais alto se elevava o canto, mais apressado o movimento das ancas das dançarinas. E ia subindo, e ia-se tornando mais rapido, até que no fim já não era uma dança, era uma orgia. Aquelles corpos endoideciam, aquellas gargantas tinham notas que eram um grito de loucos desejos. Sentia-se na athmosphera um cheiro de carne que pedia carne.

E isto não parava, e isto augmentava ainda, como o som de uma corda prestes a partir.

E partiu... E, de toda essa noite, só nos ficou como que uma recordação longinqua, muito velha, poeirenta de milhares d'annos, d'uma epocha ha muito passada, mas que tinhamos vivido, que deante dos nossos olhos, nitida e forte, se tinha desenrolado.

No chão, de fatigadas, as «gawasies» tinham-se deitado. E do seu cabello esparso

pelos hombros palpitantes, quentes, sahiam os reflexos doirados de dezenas de pequenas moedas com que estavam enfeitados.

Outra vez a musica ia começar, mas agora n'um compasso differente, uma melodia quasi selvagem, com paragens bruscas, notas agudas a que se seguiam sons metallicos de manilhas, semelhando um ranger de dentes. E, no meio do circulo formado pelas «almehs», uma figura soberba de nubia appareceu, o corpo só coberto d'um finissimo colar de perolas em roda da cintura, uma nudez que, de tão esculptural, era casta como a de um bronze. O que foi esse quarto d'hora, não sei, não posso descrevel-o. Foi um seculo e foi um instante. Foi a ventura suprema e um doloroso anceio.

N'aquella fronte pura, de traços finos, d'uma correcção sem macula, os olhos brilhavam, firmes, quasi duros, emquanto dos «crotalia» que nas mãos trazia sahiam sons bruscos, como que quebrados a meio da sua vibração. O corpo tinha contracções de animal ferido. E iam sendo cada vez menos intensas, cada vez menores, os olhos, tão negros ha instantes, adoçando-se, perdendo depois a côr, até parecerem duas gottas d'agua limpida, crystalina, o olhar d'um morto, vendo longe, muito além, uma ventura pela derradeira vez sonhada, pela vez primeira vívida e palpavel.

O ventre então contorcia-se como se fôra de anneis de cobra. E as perolas, muito diaphanas, d'uma palidez de luar, punham reflexos de prata n'aquelle corpo em que a linha curva tinha tido a sua maior, mais pura, mais deliciosa apotheose.

Erguera acima da cabeça os braços nus, e dos «crotalia» sahia um som apagado, languido, muito doce, como um soluço de mulher apoz um combate d'amor. Uma luz mais viva inundou a sala, e então, destacando-se no branco do fundo, a figura da nubia firmou-se como um marmore, frio e rigido, mas fazendo tremer e fazendo palpitar. Depois, um segundo de trevas, e desappareceu no mesmo ambiente de sonho em que entrara, tão forte e delicada ao mesmo tempo, que a gente tinha medo de lhe tocar, de partir aquelle corpo divinal, se ao nosso peito se estreitasse em tão apertado abraço que o coração parasse e a vida se nos fosse...

Foi esta a minha segunda noite do Cairo, terra d'encanto e de mysterio, terra de sonho e d'amor.

Na manhã seguinte, depois d'uma noite absolutamente perdida, tamanha era a excitação da scena da vespera, que de tão formidavelmente intensa quasi me custava a crêr tivesse sido uma realidade, levantei-me cedo para o classico passeio ás pyramides de Giseh. Acompanhado do meu drogman, um typo original, mixto de oriental e arabe, indolente e astuto, ladrão e obsequiador, lá fui estrada fóra, montado n'um burro de passo tão apressado que quasi me custava a vêr a paisagem em redor, campos cultivados, larga planicie toda verdura, onde homens de «kamiss» branco, o cajado na mão, apascentavam rebanhos de carneiros. Lá mais longe, por um estreito carreiro, duas arabes caminhavam, levando á cabeça amphoras de purissima fórma antiga.

Ao longo do Nilo corria a linha ferrea, sombreada de gigantescas arvores, reflectindo-se nas aguas. Tufos de palmeiras, aqui e além esparsos, balouçavam ao vento fresco da manhã as suas compridas folhas. N'um pequeno ribeiro, uma mulher, linda como um sonho, banhava uma creança de olhos negros, muito vivos, emquanto uma outra, deitada sobre a relva, cantava uma canção dolente, a recordar-lhe a mocidade, os campos onde brincara na sua infancia, os montes, muito longe, perdidos no azul, que tinham sido o seu primeiro horisonte. E enquadrando esta scena d'um seculo ha muito ido já, o deserto, nu, arido, sem fim, e um ceu d'uma côr de saphira purissima, que os raios do sol que nascia começavam a doirar. Pela planice cultivada caminhamos até ao deserto, em cujo limiar as pyramides se levantam. Afastada pelo meu drogman a chusma de cicerones que de todos os lados surgiram, a quererem tudo mostrar, tudo dizer e tudo vender, desde pequenas estatuetas que juravam por Allah terem sido encontradas no tumulo de Cheops, até a um bocado de tecido da kamiss de Cleopatra (!), comecei a subida dos 482 pés que d'altura tem a maior das pyramides, operação para mim bem difficil, confesso. Por varias vezes parei, e só ao cabo de muitos esforços, depois d'um gatinhar de que sahi com as mãos e calças esfarrapadas, cheguei ao cimo da pyramide, d'onde a vista é tudo quanto de

mais surprehendente a imaginação humana possa architectar. D'um lado, as areias do deserto, mysteriosas, infundindo pavor. Do outro, um taboleiro immenso de verdura sobre que parecem assentar as cupulas das mesquitas do Cairo, e em que surgem aqui e além pontas de obeliscos, pedras calcinadas pelo sol de annos sem conto, mas tendo ainda alma, mas palpitando sempre.

Serpeando por entre a verdura, corre o Nilo, o rio que dá vida, prestes n'essa epocha a inundar os campos, dando-lhes alento, tornando-os ricos e fecundos. E á lembrança veio-me então a velha ceremonia da festa da inundação, em que ao Nilo era sacrificada a mais linda rapariga, a noiva que a gratidão d'um povo ás aguas offerecia. Se isto foi uma realidade ou simplesmente uma lenda creada pela imaginação popular, não sei. Mas nas margens pareceu-me que fios de cabellos loiros punham ainda aqui e além, na areia, reflexos doirados...

UMA ALDEIA ARABE, PERTO DAS PYRAMIDES

Percorremos o interior da grande pyramide, pelo corredor que leva á camara do rei, onde vi um sarcofago magnificamente trabalhado, cuja tampa, deitada criminosamente para um canto, attestava quanta barbaridade em nome da civilisação se tem praticado; desci á camara da rainha, a uma outra ainda por baixo d'esta, vi as camaras mais pequenas que contornam a camara do rei, visitei tudo, vi tudo, e para mim mesmo pensei quanta vaidade, quanta crueza ou então que sublimidade de pensamento não foram necessarias n'um homem, para, friamente, sem uma hesitação, sem um remorso na consciencia, sacrificar gente que tinha affectos, que tinha familia, que era miseravel mas que era gente, que vivia e tinha dentro do peito um coração, para assim a sacrificar á satisfação da sua phantasia, á vaidade incommensuravel de, debaixo d'uma maravilha de granito, abrigar um corpo resequido, hirto, sem um movimento, sem uma pulsação!

Depois, tendo almoçado á sombra da grande pyramide, fomos visitar a segunda, quasi da mesma altura, mas, não sei porque, sem a mesma imponencia que commove. A camara, cavada em rocha, apresenta ainda nas paredes restos de hierogliphos que o tempo corroeu, como um justiceiro implacavel.

Por fóra, o revestimento de marmore polído prohibe a subida a todos menos aos cicerones que n'ella realisam milagres de equilibrio e destreza.

Mas de todas as pyramides, que são muitas, espalhadas pela planice como um rebanho que as duas maiores guardam apascentando, aquella que mais me impressionou foi a terceira. Não sei a razão, mas tem qualquer coisa que seduz como uma mulher. Tem só a terça parte da altura das outras e parece mais alta ainda, de tão delicada e ao mesmo tempo forte, sem a rudeza que impõe mas com a graça que encanta.

A' sombra d'ella adormeci e em sonho me pareceu vêr o Nilo, correndo serenamente no seu leito d'areia fina; junto á margem, uma rapariga de olhos verdes como o mar e como elle revoltos, banhava o seu corpo esculptural, marmore soberbo que o sol doirava. E as aguas paravam n'um extase, e a cada caricia estremeciam n'um infinito prazer. No peito, um colar de coraes d'um encarnado vivo, mais vivos faziam parecer dois outros, firmes e erectos. Tinha movimentos de tigre e o espreguiçar dolente d'uma gazella. Os braços erguiam-se, fazendo pala deante dos olhos, para que o sol lhes não batesse demasiado forte. No ventre tercio, as aguas, em gottas, vinham brincar. E, boiando em redor, uns cabellos de sonho pareciam uma corrente no rio vinda desaguar, em catadupa lusente

como oiro. Acabara-se o banho. Caminhara para a margem, e o corpo divinal parecia agora uma estatua sobre o verde do terreno. E nú, soberbo, qualquer coisa de grande, poderoso e forte, mas tão franzino e delicado, voltava-se direito para o sol, como n'um desafio de luz e de calor. Começara a vestir-se. Sobre a khamiss de finissimo tecido branco, uma outra azul. Puzera o borghot, por onde passava, fino como um raio de sol luzindo n'uma espada, o seu olhar glauco. Por cima, o habbarah de tafetá muito leve fluctuava ao vento. Nos pés, as sandalias bordadas a oiro quasi se não viam de tão pequeninas que eram. E os seus dedos finos compunham tranças delicadas.

Levantou-se, deu dois passos e parou junto d'umas pedras que uma arvore sombreava. Recostada, via o rio correr cantando e enigmaticamente sorria, a lembrar, quem sabe?, qualquer sonho d'amor. Os pés, que as aguas quasi vinham beijar, brincavam-lhe distrahidamente. E uma das sandalias cahiu, e o rio levou-a, cantando mais forte, mais alegre, como n'um hymno de victoria.

A's mãos do rei Mycerinno foi cahir o sapatinho branco e oiro, e logo no peito o coração lhe bateu mais apressado, n'uma paixão ardente por aquella mulher. E casaram.

E á sombra d'essa pyramide dormiu durante seculos o rei, até que a civilisação o levou para uma prosaica vitrine do museu de Londres! Aquella pyramide! Ah, que se ella falasse, o que poderia dizer! Diz a lenda que a rainha Nitocris a mandou construir, pedindo a cada um dos seus amantes uma pedra. Diz isto e eu creio-o. Crei-o, e não sei que mais me commova, se a compaixão pelo marido, se a inveja de ter este homem possuido essa maravilha de amor, epopeia formidavel de desejos, doidice suprema, suprema ventura.

A' sombra da pyramide adormeci, e era tarde, quasi noite já, quando acordei. Jantamos, eu e o drogman, e, aproveitando a pouca luz que ainda havia, fiz com gesso, que tivera o cuidado de levar, a moldagem d'alguns dos hyerogliphos, que queria guardar como uma recordação do meu delicioso sonho. Guardei-os. Tive um trabalhão doido para os empacotar, embrulhados n'umas ceroulas de malha para que se não partissem, trazidos com toda a cautela para o hotel, e do Egypto até Lisboa quasi sempre na minha mão os passeei por toda a parte. Ha dias, procurei decifral-os. Mas quando julgava que por elles viria a saber qualquer coisa mais da vida d'essa mulher que eu amava atravez de quarenta e tantos seculos; quando acalentava a esperança de conhecer das suas occupações, do seu viver intimo, dos seus gostos, de tudo quanto a interessava, quanto prendia a sua attenção; quando cria que com isso poderia reconstituir a sua vida, fazel-a palpitar outra vez, ver-lhe o sorriso e sentir-lhe as caricias; vel-a orando n'um extase, olhal-a, passando uma a uma as perolas do seu colar, collocar-lh'o gentilmente no pescoço esguio, descobrindo-lhe levemente o seio palpitante de amor; quando esperava que assim, vivendo da sua vida, eu poderia cingil-a n'um abraço ardente, deliciosa loucura, delicioso sonho, quando assim pensava, e de anceio o coração me batia tão forte dentro do peito que o comprimia com receio de morrer, morrendo ia tambem ao lêr nos moldes que com tanta canceira e tamanho carinho de tão longe trouxera — n'um d'elles, «Mary Cooley» e no outro, advinham? «Commendador Joaquim Fernandes, 28-5-96»!!!

Oh excommungada raça, oh maldita gente! N'essas maravilhas de seculos, de que cada pedra representa uma lagrima de gente que ao seu peso ajoelhou para nunca mais se erguer; de homens que soffreram, que hora a hora gemeram sob o peso da carga ou sob o vergão duro do azorrague, abafando a dôr, recalcando dentro do peito a saudade da sua patria, tão longe deixada e que nunca mais tornariam a vêr; n'um d'esses monumentos de vaidade, mais de vaidade sublime, a cuja phantasia e acção nem sequer o tempo, que tudo destroe e tudo acaba, pôz limite; e, maior crime ainda!, n'aquella delicada pyramide de que cada palmo foi um abraço ardente, cada grão de pedra um sonho d'amante, olhos nos olhos, dois corpos palpitando unisonos, labios unidos n'um beijo quente; n'essa delicada lembrança da suprema arte, escrevêr uma Mary qualquer, velha com certeza, de oculos sobre uns olhos que as palpebras flacidas mal deixavam abrir, os sapatões enormes de pregos aguçados, pizando, que herezia!, o mesmo chão que a sandalia dourada, que o Nilo amorosamente roubara, mal tocava ao de leve; um monstro, de corpo defor-

mado n'um espartilho barato, na cabeça um chapéo de palha, ridiculo, disforme, comprado n'um armazem em liquidação, e que d'ali passaria, ia jural-o, para qualquer asquerosa frequentadora das espeluncas de White Chapel; ou então, um sr. Fernandes qualquer, velho sentenciado, de largo cadastro na policia, a quem certamente as estorções aos pretos tinham dado farto recheio e a commenda da Conceição, pobre Senhora que tantos illustres cidadãos tem posto á força sob a sua protecção, escreverem ali aquella velha bar-maid, promovida por engano a senhora de qualidade, e este commendador, promovido pelos seus merecimentos a bandido endinheirado, os seus anonymos nomes, é de morrer de desgosto, de se sentir a gente com pena de existir n'um seculo de... civilisação e de luz.

APASCENTANDO UM REBANHO

Oh gentio lá do centro de Africa! Vocês que conservam com carinho, com estremoso cuidado, até os proprios animaes em que julgam estar a vida ou a alma dos seus avós; que deante das suas imagens se prostram reverentes, e não consentem nunca a ninguem, seja quem fôr, que com mão sacrilega n'elles toque; que se deixam até devorar por elles, e com isso se sentem felizes porque julgam que assim mais d'elles se aproximam, voçês que assim fazem, com que magoador mas justo escarneo se ririam d'esta gente que vos chama «selvagens», e que nem sequer a um monumento de pedra que á sua sombra bemfazeja deixa descançar, respeita, sem se lembrar que n'essa mole está a alma de passadas civilisações, de passadas gentes que foram grandes, que deram leis ao mundo, e que ao mundo dia a dia vão dando ainda novas lições da sublimidade do seu pensamento, da grandiosidade do seu proceder, da sua arte que seculos sobre seculos não conseguiram nem conseguirão nunca derruir!

Para não ser obrigado a fazer novamente as 25 milhas que do Cairo me separavam, resolvi dormir ali, o que fiz na primeira das pyramides. E no dia seguinte, ainda com luar, tendo admirado mais uma vez aquelle panorama soberbo, fui vêr a Esphinge, deitada sobre a areia, o corpo meio mergulhado n'ella, guarda immovel d'aquelle vasto cemiterio, parecendo tudo ouvir, com o seu olhar gelado tudo vêr. Está mutilada, mas tem vida sempre; passaram-lhe por cima os seculos, as aguas, os ventos mortiferos do deserto, e ella continua sempre alerta, sentinella que o somno não ataca, que o frio ou o calor não faz nunca desertar.

Tinha qualquer coisa que infundia respeito aquella noite d'um luar purissimo, alumiando os tumulos brancos como a neve, semelhando um vasto acampamento, dormindo tranquillo sob o céu cravejado de estrellas, de que nem uma só nuvem vinha empanar o brilho. Muito ao longe, a casaria do Cairo destacava-se no horisonte. Perto das pyramides, n'uma aldeia arabe que um affluente do Nilo vinha beijar, tudo dormia no maior silencio, a casaria a reflectir-se nas aguas que corriam docemente para o mar. As palmeiras ondulavam lentas á brisa da manhã que vinha a romper. Uma immensa paz pairava por sobre aquella terra. E a Esphinge continuava velando, tudo ouvindo, tudo vendo com o seu olhar fixo que fascina.

Vinha rompendo a manhã e o scenario então foi uma verdadeira apotheose de luz e vida. As pyramides, batidas de sol, tinham reflexos côr de rosa, parecendo que nos veios d'aquellas pedras girava sangue. Irradiavam luz, e esta ia-se diffundindo, alumiando a pouco e pouco a paisagem toda, luzindo além n'um tumulo, arrancando faiscas á areia do deserto, em nevoa ainda lá para longe, caminho da solidão e da morte. Sahindo das casas de tectos planos, formando

cisterna, os arabes dirigiam-se á mesquita. E, lá do cimo da torre, um padre, voltado para a cidade santa, pedia a Allah protecção para aquella gente.

Em cantos monotonos, sempre os mesmos, mas que apezar d'isso tinham encanto, se demoraram uma meia hora.

(Continúa.)

Mulheres, de tunica azul, o rosto velado, iam agora á fonte encher as suas amphoras. E um a um, sahindo apressados dos curraes, os carneiros lá iam, guiados por pastores, para as margens verdes do rio.

E o Nilo, espreguiçando-se, estremecia dolente ás caricias da aragem da manhã.

THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT.

A velha ponte

(De Auguste Angellier)

Na velha ponte verde-escura
Falavam manso, a meia voz,
Dois namorados, com doçura;
Eramos nós!

Elle dizia, meigo e terno,
O amor que tinha o peito seu,
Fiel, apaixonado, eterno.
Esse era eu!

Ella escutava n'um enleio
Que punha o coração a nú;
Timido arfava o branco seio.
Essa eras tu!

Na velha ponte, a mesma d'antes
Dois namorados falam, sós,
Jurando amar-se bem, constantes.
Não somos nós!...

J. de Oliveira Simões.

Malfadada

A João Luzo

CAMILLA, a sempre varejada da fortuna, — aquella que fôra expulsa da quinta onde servia, sabem? — conseguiu esconder, depois da amargura mais dolorosa da sua vida, a frangalhia do seu traje e a morbidez do seu corpo em uma casinhola a curta distancia da villa. Caminha-se, primeiro por um calejão de campo plaino, depois por um carreiro d'encosta suave, e, passantes segundos, está-se lá. Pobre morada, mas lindo sitio! A porta abre-se para o sol pela dilatação de uma explanada symetrica do verdor dos tojos e laivosa do ouro diluido da resêda, do carmezim da queiró, da purpura do panasco, e detalha abruptamente a povoação: o casario a escorrer, pinturesco na sua heterogeneidade, pelas abas do morro; os quinteiros apertados em quadrilateros de fortim; os jardins desvelando apotheoses de côres; os pomares aprumando esveltezas de tons, tenuidades de recortes umbrosos. O postigo, á esquerda, esse mira para uma penedia que se debruça, feito onda cyclopica, sobre um algar e para o velludo nocturno, rythmico, infindo, de um pinhal.

E aqui atravessa agora, a pobre de Christo, um periodo de felicidade como nunca teve, nem sonhara ter, deante de tantos revezes passados. O filho floresce, — o filho, essa sua nova alma germinada ha pouco tempo da sua carne peccadora todavia indefesa; o passado vae-se-lhe esbatendo do coração, — nem mesmo o resaibo das tormentas maximas o faz já vibrar como dantes; e já não tem fome nem outras necessidades de primeira mão.

Mas que sacrificios não offertou ella ao deus doloroso dos infortunados para alcançar essa tranquillidade!

Apparecera naquelle burgo a tropeçar de cançaço, a cair de lazeira, a verter lagrimas sobre o filho que levava ao peito. As primeiras pessoas que a viram e lhe falaram, compadecidas, — quasi a chorarem com ella, a recolheram e alimentaram o melhor que puderam. Depois, dias depois, quando a acharam um tudo-nada refeita, levaram-na para aquelle tecto

Mas passou nelle muita miseria nos primeiros tempos. Chegou a não ter um pedaço de pão, um farrapo para gasalhar o innocente. E então isso da seccura do seu leite... ai que dôr!... O que lhe valeu foi apparecerem por lá a retouçar pela beira da porta (até parecia milagre) umas cabras muito mansas, de turgidas tetas maternaes. Foi-as ordenhando, ordenhando quanto podia, e assim, louvado o Senhor, salvou o filho. De contrario, elle morreria. Ora oiçam-na nesta afflicção, ao falar para o anjo, e certifiquem-se:

— Esta boquinha bem pucha nos meus seios... como pucha!... mas nada de sair o precizo, nada de sairem senão umas gottas mirradas... que mais me parecem de fel... que bem se me afiguram a morte do desgraçadinho!...

Porém isso passou, como a ultima golfada dos seus martyrios; e, retemperada, afoita, consegue tambem trabalho. E como era bom trabalhar! Era esta a mais bella sorte que os destinos podiam talhar á gente pobre e san: trabalhar, em uma fabrica, ao hymno estrepitoso, jucundo, do rojar das lançadeiras, trabalhar, nos eirados, pelos capitosos

luares estivaes e ao desfiar de descantes de amor e graça, trabalhar, nos campos, pelas horas ouradas do outono, pelo tempo marmoreo do inverno, trabalhar emfim até recolher ao teu seio, ó terra.

Mas vejamos o passado de Camilla: o passado que se lhe vae esbatendo da alma como uma commiseração do fado que sempre lhe fôra tam damninho.

Tivera pae e mãe por largos tempos. Irmãos, nunca os tivera. O pae, esse não podia ter sido mais desgraçado. Quanto ceitil lhe fosse ás mãos, quanto diluia, nevrotico, delirante, em vinho e cigarros. Emborrachava-se quasi diariamente. Recolhia a deshoras, sempre que cerrava a ultima tasca, que se apagava a ultima candeia pelas alfurjas das rascoeiras. E era longinqua a vez em que, antes de se enfiar na cama, não praguejava, esmurrando os trastes, não ralhava á mulher, maldizendo a hora em que casara; e só adormecia quando os pastores, com os rebanhos ondulosos, passavam, cantarolando, para o pascigo já alastrado de luz — se não fosse até o sol chegar a accender as esmeraldas das baixadas humidas. Dahi o elle erguer-se, para almoçar, ás horas da merenda. Naquelle instante, então, é que a mulher as escutava: se não lhe désse o que lhe appetecesse — presigo, vinho... e ella aonde os tinha? — ia tudo raso, havia brutalidades de modo a se lhe esboroarem todos os desvelos, toda a sua heroica indulgencia de esposa-martyr.

— Tu o que fazes, ó bruxa? Se o não ganhas tens essa rapariga!

E virando-se para esta, o alarve:

— Ouves, ó pequena? E' trazer-me dinheiro, muito dinheiro! Senão... espatifo-te, mato-te, lêsma!

E esta, tremula, envergonhada do que lançara o pae, condoida da triste vida d'elle, lá tinha de partir, quer fosse a offerecer-se á scintillação vulcanica de julho, quer a entanguir-se com os velos de neve de dezembro. Batia ao portal alto e laminado do primeiro «riquinho». O que teria? Talvez uma voz alliviadora, um braço a estender um canto de bróa. Talvez uns dedos a verterem uma moeda, um taleigo a despejar umas malgas de feijão. O que seria!... Isto, as mais das vezes: uns pêrros d'olhar fuzilante, dentes arreganhados e investidas ferozes.

Emtanto nunca desacoroçoava, ia logo bater a outro, a mais outro portal. Até que, pelas Avè-Marias, por essas piedosas Avè-Marias de céos d'amathista e de almas contrictas, lá conseguia levar qualquer cousa — cousa de nada, de fazer esbravejar mais o pae, de lhe dar aos olhos vermelhidão de brazas, de o concitar a excessos inedictos.

Tinha este viver, quando de chofre lhe morre elle. Oh! e de que módo! Sob pauladas, entre facadas, em uma escarapela d'alcool. Foi de noite, muito tarde. Assim mesmo acordaram a mãe para lh'o dizerem. E a mãe, mal tapando o corpo, correu impetuosamente, o cabello ao vento, — um vento de cavar barrocas, — o casaco desapertado, a saia a cair e a estorvar-lhe o caminhar, ou porque se enfunava para a dianteira, ou porque se arremessava para traz, em esbatimento vigoroso, bronzeo.

Ella, a sua filha, tinha que ficar em casa para a guardar, para guardar os cacarécos. Mas não póde. E' que a afflicção pela desgraça do pae era desesperadora, forçava-a a ir em remoinho instinctivo. E alcançando a mãe, refreou o passo, o alento — para palmilhar depois como uma sylphide... Ai! podia ser ouvida! Chut! Porém, se aquella de subito estugava a marcha, ella a estugava; e se gemia, ella gemia.

Finalmente, pararam ambas ao defronte de um novello de gente, onde referviam maldições em uma vozearia rouquejante como ondas batendo em cavernas. Nisto desfez-se o novello, bruxoleou uma candeia; porque apparecia a viuva, e o vendeiro das Carvalhas assomara á porta. «O' borrachos! onde está o meu homem? O' assassinos! que fizesteis delle?» E alguns daquelle circulo de bandarras e sanguinosos iam-se approximando, encolorisados e resolvendo a descer os páos sobre a viuva, que tão desassisadamente os interrogava, — quando surdem perto o regedor e os cabos. Toda a corja corre, desapparece; e o vendeiro indica-lhe, entre umas ortigas, o seu homem. E ella então, correndo para o seu lado:

— José! José! sou eu, Conceição, a tua mulher, quem te chama! Os malditos já se foram. Levanta-te que são horas d'ires p'ra casa. Tenho-te lá um caldinho muito bom. Avia-te, José!

Mas elle nem um suspiro podia offerecer, em resposta, á desconnexação da mulher

porque já estava sem vida havia bons minutos.

Camilla, redondamente esquecida da ordem da mãe, da ordem de guardar a casa, tambem se acérca, desvairada, do pae e, chamando-lhe paesinho, beija-o, diz-lhe que aquillo não é nada...

A sua mãe pouco mais durou. E essa — que desvarío, santo Deus! — matou-se com petroleo, como fazem as doidas de amor. Camilla havia saído para pedir. Pela visinhança pesava uma mansuetude de casaes sem viv'alma. Untou as vestes, a cara, e com um graveto que arrancou á lareira, inflammou-se. Scena d'estarrecer.—Ella corria por todo o casebre, para deante e para traz, a alumiá-lo com um clarão violento. E ria, em um descosido d'ensandecida, e gritava, feita bacchante no frenesi do galope, e praguejava, como heresiarca, contra a carne que se revoloteava em chios frementes, que se contorcia de dôr, — que não aguentava langorosamente, ou com sorrisos, feita salamandra, á chamma purificadora. Porfim rezava alto, em encommendação da alma ao Creador, e já soffria beatificamente, quando os visinhos abateram, a machadadas, a porta para acudirem, para salvarem do fogo Camilla e a mãe e dão com aquelle brazido, circunscripto sobre o piso terroso, a expirar em um monte inanimado e em umas serpentes fugidias que se haviam transmutado para os caibros esfumados, para o telhado cobreado.

Quem valerá agora á orphan? Ella propria: mas sem ser pedinte, como fôra para os paes, amealhando-lhes um pão que nunca lhes déra a felicidade. Será malteza; e corre para a primeira terra em busca de trabalho.

Ao caminhar encontra, enleando o seu fado em uma trova ditosa, um almocrove, olhar sereno e acolhedor, corpo, da fortidão do teixo, a ondear na corrente perfumada de boninas, uma cabeça de barbaro tistana.

— Salve-o Deus, senhor!

— Santas tardes, cachopa. Perdôa, aonde vaes de longada tam só?

— Nem sei. Como sou uma desgraçada!... ai! se soubesse o quanto sou desgraçada!...

— Sim. Já vejo, és uma infeliz. Mas p'ra que sitios te diriges?

— Como sou uma desgraçada, vou por aqui fóra, ao deus dará, vou p'ra todas as terras, como malteza; ora a trabalhar por um caldo, ora por uma enxerga, ora por um saiote, e hoje em Sobradello, ámanhã em Rossas, depois mais arriba...

— Não te agonies... O teu nome?

— Camilla.

— Não te agonies, Camilla. P'ra viveres não será preciso tanto. Ouve, eu te arranjarei em Sobradello, o primeiro logar que vamos encontrar, e p'ra sempre. Sou de lá. Tenho lá os meus amigos, gente d'haveres e prestativa.

— Se me fizer essa esmola, como lh'a agradecerei, rico bemfeitor!. .

Pouco mais andam, e, ao virarem uma corcova da cordilheira que ascende, formidavel, para a Cabreira, vêem casas d'aquella villoria. Até chegarem, o recoveiro pensou e descobriu a quinta em que podia ir falar para empregar a pequena. — A de Soutello, d'extensos trigaes e expessos olivedos, de fartas vindimas e numeroso gado. E como tinha gente! Um mundo: gente que nem em romarias. Ora vejam: quando era das sachadas, ou das arrincadas, a corda dos trabalhadores não findava, abrangia o campo de lés a lés e dava conta d'elle em tempo de duas tonadilhas. Sempre ha gente muita rica!...

Porém o dono, o sr. Agostinho, — um sybarita d'untos bamboleantes e de uma informidade de ascidia, — tem, para muitos, um defeito: gosta loucamente de mulheres, seduz virgens, arrepanha casadas e, como aveza muita massa, para fazer prevaricar os Poderes e emmudecer os necessitados, não lhe succede nada. Ora, Camilla é nova, gracial como uma levandisca enamorada. E que olhos os seus: parecem fundidos na aurifulgencia dos sóes. E que bôca: calida, um cravo sanguineo a entreabrir harmoniosamente.

O almocreve andava sempre por fóra, pela recovagem, não sabia do proceder do sr. Agostinho. Então, lá foi parar-lhe, com a miragem d'ir praticar um bem, debaixo da sua boa fé de caminheiro que só alimenta a alma e os sentidos com as simplezas silvestres. Elle disse-lhe que levasse logo a pequena — que a levasse desde que ella era, como dizia, uma moça prendada, louçan e mimosa, a lembrar que poisara do céo.

Quando ao outro dia Camilla chegou, o sr. Agostinho estava no quinteiro á sua espera. Com um modo carrancudo, d'alto senhor, informou-a de que, por ser um tanto fraca — queria dizer, não ter o vigor precizo para a lide da enxada, da rabiça, iria para um logar de serviços leves da casa. Que não lh'o agradecesse porque, n'esses amanhos, ainda lhe dava maior canceira...

Ella, porém, não podia deixar de agradecer-lhe; e agradecendo na sua fórma rustica — mudamente, com toda a alma, ali ficou, commovida, acanhada, a ouvir a canção ridente de que lhe havia chegado emfim uma aurora bemfaseja, uma aurora cujos primeiros alvores lhe abafariam todos os escuros que acabava de atravessar.

O sr. Agostinho — homem de grande pratica — deduziu logo, ao vê-la n'aquelle enlevo, que ella era uma castidade estreme, uma castidade em percepção e corpo; e que por isso lhe seria delicioso o prendê-la e dilacerar mais aquelle hymen. E' conveniente, emtanto, mostrar agora a sua catadura de patrão e determinar:

— Vae lá para dentro, procura a senhora e diz-lhe que te dê serviço. A sr.ª Antonia é quem toma conta do governo da casa... E' preciso obedeceres-lhe!

Ha abundancia, alegria, tudo, n'aquella quinta. Camilla nunca tivera abundancia, nunca tivera alegria. Mezes ávante, pois, é outra. Outra completamente: é mais carregada a sepia dos seus cabellos; tem o rosto escarolado do terror da mizeria; alteou-se-lhe a turgescencia dos seios; accendeu-se um novo brilho nos seus olhos; e já se lhe quebram, na bôca de rosa, risadas sugestivas gorgeantes.

Por estas alturas, ella ouve o primeiro paleio do amo. Até então que de zelos este lhe não dedicou! Elle havia presigo todos os dias: vinho do melhor; gulozeimas de vez em quando; roupa de aquecer — tudo.

Naturalmente a nuvem d'invejas, de picuinhas e malquerença acastellou-se de roldão sobre a cabeça d'aquella especie de favorita.

Mas o sr. Agostinho explicou á sr.ª Antonia, para que ella se convencesse e convencesse os mais, (que tinha muita pena, oh! se tinha! da orphã, por ser tão fraca, tão delgada; que se não houvesse cuidados, certo entisicaria). De resto, sempre severo para ella, não lhe dava confiança como á sr.ª Antonia, e só lhe dirigia a palavra para a mandar.

Portanto aquelle tratamento desusado que lhe dava não significava engodo, mas caridade. Caridade... pois sim — torciam, perversa, scepticamente todos. — Só quem o não conhecesse é que podia engulir a pilula. Emfim, não havia outro remedio, tinham de calar-se.

Camilla, porém, acreditava no sr. Agostinho. Acreditava cegamente. — Quando elle lhe arremette o primeiro bote, nada teme, ouve-o com sorrisos ingenuos, com devoção, pensa até, tal o seu descuido, que está a ordenar-lhe algum serviço.

— Que diz o senhor? Alguma cousa p'ra já, quer?

E espargiu tal candidez pelo semblante, tocou as palavras de tal serenidade, que elle não pôde avançar, como queria, n'esse dia. Aguardou-se então para um outro e para quando ella tivesse d'ir, de manhan, á horta, lá abaixo, atraz de um olival. Essa occasião chegou logo e elle, occulto entre troncos, esperou-a desde cedo, com nevrose, e sempre de ouvido álerta para que não deixasse de lhe soar todo o crystal da cantiga matutina da linda serva. E afinal não cantara n'essa manhan, apparecera a estalar as couves sem ruido, sem lhe ouvir, á ida sequer os passos. Mas o que queria lá estava.

— Bons dias, Camilla! grita-lhe, approximando-se subitamente. — Então hoje não cantas? Olha que o cantar faz bem, faz esquecer... — E, cada vez mais perto, quasi a sorver-lhe o halito, circumvaga o olhar por todos os lados, conclue em um beijo: — Faz esquecer as tristezas!

Camilla temeu d'esta vez o sr. Agostinho; estremeceu, como se a tocasse um mau vento, ao elle lhe apparecer tão subitamente e áquella hora; horrorisou-se, fugiu, ao sentir o contacto d'aquelles beiços roxos de volupia, ao vêr conspurcada a sua pelle virgem, ao lhe segredar a innocencia que aquelle beijo lhe faria brotar no corpo uma rosaça de macula eterna. Agora o patrão, de assalto, entesou-se, quiz, intimou:

— Já para aqui, sua tola, sua ingrata! E' assim que paga o bem que eu lhe fiz?! Não se lembra em que condições veiu para minha casa? Era uma faminta, um andrajo, um mólho de pelles, uma mosca morta. E hoje,

hoje, não é gente?! Pois então é obedecer!

E a serva lá parou, lá veiu, encolhida, aninhada, — ora pedindo perdão, ora desculpa: «Perdôe... Desculpe por quem é, meu senhor!», para ao pé do amo e ahi lhe offerece, a vibrar de submissão, a face, o corpo immaculado.

Camilla, depois do holocausto da sua mais açucenal mocidade, está para ser mãe. O sr. Agostinho já está quasi esquecido d'ella. E quando lhe annunciam o nascimento do seu filho — isto é, do filho da sua creada Camilla, recebe a noticia com esta sécca:

— Ora, ora! Que tenho eu com isso? Por acaso sou o pae?

Se o era!... Mas, claro, ninguem de casa se arrojava a dizê-lo, salvo á puridade, de intimo para intimo. Ao contrario, e então se divulgassem o facto por fóra?... adeus bom passadío, adeus fartura d'aquella quinta! seriam todos expulsos de lá, todos! E por isso... bôca calada como até aqui, tudo mysterio com o que pairasse sobre aquelles dominios e dissesse respeito ao seu senhor absoluto.

Camilla poucos dias esteve de cama. Quando se ergueu, aos cambaleios, galvanisada de fraqueza, foi logo direita ao postigo para gosar um pouco da claridade tonificante da manhan. Já tinha tantas saudades da luz!... Emtanto, o goso foi de minutos. Porque não tardou a notar, no jardim, palmilhando em uma beatitude de sensualão, o sr. Agostinho e, d'ahi, a medir toda a sua desgraça, a vêr que era desgraçada como nunca o havia sido...

Porfim, mal se lhe haviam ainda desfeito os vincos das lagrimas, chega a Beatriz. A Beatriz é parceira, a parceira que mais invejara os bellos tratos que ella tivera e sobre os quaes bordara as mais bizarras flôres da maldade. Era porque a sua época de preferida estava, ao tempo, virtualmente eclipsada — e quem podia querer uma ruina? — e porque, mesmo quando a atravessara com fulgurancias, nunca chegara a ter os mimos de Camilla.

— Ora viva, Camillinha! Então, melhor, estás melhor, não é assim? E o menino... ferinho, sim? Deus o fade p'ra bom, p'ra teu arrimo. Não, que tu bem precisas, filha!

— Se preciso!... Não tenho ninguem por mim no mundo.

Contrapõe a Beatriz:

— Ah! isso mais devagar. Ninguem, é modo de dizer.—E hesitando capciosamente: Não tens... o patrão? O sr. Agostinho, que diacho, é bom por ti. Amostrou-o um rôr de vezes, a quando chegastes, e muito tempo depois.

— Esse não é mais. E se o foi... Ai! quem não sabe com que fim elle me fez tanta cousa!... Como eu fui cega!...

E a infortunada cahiu, soluçando, sobre o enxergão.

Depois serenou, limpou os olhos, e, como que virada para uma vaga consoladora e resarciva:

— Se ao menos, quando eu morrer... porque eu não aturo muito — elle perfilhar o rapaz!...

Vae a outra e faz-se de sonsa:

— Que rapaz, menina!? Então este teu filho é... do sr. Agostinho?! Crédo! Tu não estás bôa da cabeça! Agora, pobre de ti, tens razão: é da fraqueza. E'.

E foi sahindo, a benzer-se:

— Cruzes! cruzes! A rapariga não está bôa, ensandeceu!

— Que dizes, ó Beatriz? pergunta-lhe o patrão que a vê sair com tanto espalhafato, espalhafato que avoluma ao ella o enxergar.

— Parece que viste o demonio!

— Se lhe parece, senhor! — E lá vae a serpe envenenar. — Ai! se lhe parece que não tenho o direito de me benzer!... Avalie, a Camilla... que hoje não é senão um estafermo como eu, acaba de me dizer que... ai, Jesus, que doidice! que vossemecê é pae do fedelho que ella teve agora — agora, porque com certeza já teve muitos — e que quer que o perfilhe já, já!

— Isso que dizes é exacto, ó mulher?

— Na minha salvação! (E batia rijamente no peito raso). Inda eu morra n'este instante se o não fôr!

No dia seguinte, de madrugada — uma madrugada escura como antros — Camilla é sobresaltada com uns empurrões, umas punhadas d'hercules na porta do seu pardieiro.

— Lá vou! Quem bate?

— Abra! Abra depressa!

E abrindo, apparecem-lhe, de impeto, dois machacazes disfarçados. Ella treme com toda a sua timidez feminil, e assalta-a a freima de um novo martyrio.

— Avie-se! Arranje os trapos que tem de girar!

— Mas porque? Para onde? E como poderei eu andar?! E quem me leva o innocentinho?! Pelo amor de Deus... deixem-me! Olhem que só me levantei hontem! Olhem que me matam, mais ao meu filho!...

E a mater estorcia-se, implorava; empuchava delicadamente as vesteas dos dois a rogar-lhes que tivessem coração...

Mas elles não o tinham e não gostavam de lamurias. Era aviar-se! Ao contrario iria á força e, para maior castigo, sem o fedelho!

Deante d'isto, ella, transfigurada em força, dá um salto, relampagueia um olhar de louca e, cingindo o recem-nado ao peito, diz, em um aprumo de comediante:

— Vamos, meus senhores!

Fóra, a dois passos da herdade, havia uma azinhaga, só asperidades. que avançava até um pragal retirado da villa. — Os malsins do sr. Agostinho Soutello, munidos de luzetas, carregaram por lá a mãe e o filho.

A caminhada, até abrir o dia, foi um supplicio para a pobre. Ao começo, n'aquella vereda, foi com as silvas a morderem-lhe as carnes, os cerquinhos a rasgarem-lhe as vestes. Adeante, na estrada velha, com as aguilhoadas do saibro e a dentuça do cascalho. Mais além, foi com o estiramento a pique de certas lombadas. Por ultimo, com os vagidos lancinantes do innocente.

Mas o dia desabrochou em uma flôr d'ouro e penetrou e aqueceu Camilla; e na sua alma irradiou logo a esperança de que não augmentariam, desde esse momento, as torturas d'aquella viagem.

Subiam um monte — a entestar pela corda cimeira, com um *stractus intermino,* a amedrontar, pelos lados, com uma penedia cerrada — quando os dois a agarram, a varejam e lhe dizem, em tom terrificante tal a paisagem:

— Agora, mulher, que estamos bem longe das terras do seu antigo bemfeitor, vamos deixá-la e dizer-lhe que está cumprida a nossa missão. A missão de a arredarmos de lá e de lhe impormos que nunca! percebeu? que nunca mais se atreva a tocar no nome do sr. Agostinho Soutello. Este nome é sagrado, tudo o que lhe diz respeito é sagrado!

E virando costas, os dois lá se fôram, a descoser gargalhadas lapurdias.

— «Que felicidade... Lá vão... Lá vão elles!» E toca a rir, a sapatear infantilmente. Estava livre dos farçantes, livre, embora em um sitio medonho. E fizera-se-lhe uma luz no cerebro e ella desvendara a causa da sua expulsão. Fôra esta: uma intriga. A Beatriz — estava mesmo a vê-la — vomitara-a hontem, ao sair de sua casa, e o sr. Agostinho, que a ouvira com todo o empenho, mandou logo escorraçá-la, escorraçar a serva Camilla... Era isso... Emfim, via-se livre! livre dos farçantes, livre do monstro chamado Agostinho Soutello!

Sob este prazer, foi assentar-se em um lagedo. Estava bem fatigada! Já tinha alguma fome. O filho, coitadinho, dormia. Valia-lhe ao menos isso. Cingiu-lhe bem a manta ao corpo, beijou-lhe o alabastro do rosto e foi deitá-lo, risonha, em uma enxergasita que improvisara com gilbardeiras e fetos sêccos. A seguir foi procurar um fructo, qualquer cousa para enganar o estomago, e descobriu uma touceira de pútegas. Sorveu-as soffregamente, lembrando a uncção de uma israelita do Exodo a sorver o maná. Descançou mais algum tempo, o filho já acordado, e metteu-se á estrada a olhar sempre para traz com terror. Não, que os assalariados do sr. Agostinho podiam voltar...

E andou, — teve de vencer ainda bastantes lombas, de passar muitos vallados, de desesperar-se, de descrer da benignidade divina, — até entrar na terra onde está hoje: onde está ganhando a vida em um tear que uma excellente velha tecelã lhe cedera a troco de umas magras corôas.

Santa gente a d'esta terra. Elle mais caritativa não havia!... Logo que certas senhoras souberam da sua desgraça e que ella queria ardentemente trabalhar, para se sustentar a si e ao filho, empenharam-se com o gerente da fabrica, lá a arrumaram a praticar debuxo e, por fim, como vissem que era um córte na alma o ella apartar-se todos os dias, de manhãsinha á noite, d'aquelle innocente, afiançaram-na e conseguiram da fabrica materia em bruto para ella tecer em casa.

Lá tira então, diariamente, os seus quatrocentos réis e lá vive aquella vida de felicidade, de amor para o filho, de gratidão

para este bom povo cujas acções lhe parece serem de uma limpidez d'hostia e de um desinteresse edenico. Só deseja de futuro uns dias mais para crear o filho, para o fazer um verdadeiro homem. Depois, não se importará de morrer.

E o seu filho, a sua vida, por entre as luminosidades de quietude e d'aquellas paredes, vae crescendo, chilreante e são, e encantando-a a ella, e encantando toda a gente.

Mas um dia a pobre mãe tem um grande desgosto: ouve dizer que o menino é o retrâto do sr. Agostinho. Oh! e ella que se não lembrava mais d'essa cara!... Foi um mal que se lhe descicatrisou no peito. Seria mesmo parecido?

— A cara chapada! affirmara-lh'o um morador de Sobradello, que a visitara ao passar por aquelles sitios.

Tempos a seguir tem uma agitação. Ouve, de pessoa bem ao par, que breve arrancará para os seus lados, de passagem para terras impervias, uma enorme tribu de ciganos. Aquillo é que era uma horda devastadora: pilhava animaes, milho... creanças — nada lhe escapava!

Vem o dia de ir á fabrica receber a féria. E sempre estava precisada! Mas... e os ciganos, os ciganos?...

Mal ella se lembrava d'elles, se lhe atristava o rosto, se lhe esbrasiavam as pupillas, clamando resoluta por fim: «Não vou»! ao passo que chocava os batentes do tear, como para delir a idéa que lhe pesava: Tréco, tarréco, tréco! Porém urgia caminhar, não havia outro remedio. Ademais isso de os ciganos apparecerem por lá parecia historia. Pois, não se falava n'essa cafila havia tanto tempo, e nada d'ella passar?! E depois, tambem, a fabrica ficava perto, podia ir em um pulo e encontrar ainda o filho a dormir. — Que isto de o acordar era um grande peccado, ai, era um grande peccado acordá-lo, pobresinho!

E assim concertou e assim fez. Ao voltar notou, porém, de longe a porta escancarada. Quem a abriria? Sobresaltada, o coração a soffocá-la, correu em uma cegueira vertiginosa e quando entrou no tugurio, e procurou na cama, e esquadrinhou pelos cantos, e virou trastes, e revolveu roupas, e agitou trapos — não viu o filho! Lembrou-se do rodilhão dos zingaros, veiu cá para fóra e, gritando com todas as suas forças de allucinada, soltou esconjuros, fez reboar lamentos, para todo o povoado se mover, para todos lhe acudirem.

O povo acudiu em tropel, em troços resfolegantes, e em poucos minutos coalhou ao derredor d'ella, a indagar, a compadecer-se. Mas a desgraçada só sabia pedir, a enroscar-se de dôr, a arrepellar-se de desespero:

—Ai! acompanhem-me, acompanhem-me!... Vamos atraz dos excommungados!...

Commiserandos gypsios. Vós, como não possuís, ao que parece, um unico vaso de sangue escorreito, quer dizer — limpo da execração que vos ferreteou no fado perpetuamente nomade e soffredor a vossa empestada Sindhi, tendes de gemer até com as culpas de um sr. Agostinho Soutello.

Quem roubou o filho da Camilla, bem o sabeis, não foi nenhum de vós, nenhum de vós, ó ardentes stoicos hindús, jámais passou por aquelles lindos sitios; quem o roubou foi esse senhor Agostinho. E fê-lo porque, sabedor de que elle se parecia comsigo, quiz ter o capricho de o vêr ao seu lado na sua abastada herdade. Mas o melhor foi o motivo, o motivo que o levou á pratica de tão simplicissimo feito, e que a seguir explicou á sr.ª Antonia, para ella por sua vez o explicar aos mais: a mãe, a miseravel mãe não tinha pão para sustentar a creança!

— De sorte que — acrescentavam os da quinta convictamente — até fôra uma obra de caridade o acto do sr. Agostinho!...

COSTA MACEDO.

As zebras

NIMAL feio! Animal bonito!! Esta designação de feio e de bonito tem muito de relativo, principalmente entre os animaes.

Alguns, que a maioria das pessoas teem como horrendos, apresentam contudo aos olhos do naturalista e do amador apreciaveis sinaes de belleza. E' uma questão de modos de ver e um facto psychologico que se não acha bem explicado. O que é bello para um negro da Africa Central ou para um indigena da papuasia, será detestavel para qualquer de nós e *vice-versa*.

Diz-se popularmente: feio como burro! e apesar disso esses formosos animaes que são as zebras teem mais de um ponto de similhança com aquelle.

A zebra é mais elegante e esbelta; a listragem original da sua pelle sobre fundo claro confere-lhe um certo pinturesco, que daria a idea de fazer della um animal heraldico, ou melhor, uma especie ornamental e de luxo, aproveitando o decorativo da sua zebrura.

Seria com efeito um animal nobre se o domesticassem e o sujeitassem ao apuramento de raça como o cavallo; será ainda um animal util se, deixando de o considerarem caça, o reduzirem a prestar os serviços de que elle é capaz, como montada e tiro.

Teem efectivamente a fama de ariscas e indomaveis as zebras, o que, se tem um certo fundamento, não é contudo um mal irremediavel, por isso que, em época recente, a habilidade e a paciencia do homem conseguiram triumfar da natural selvageria e esquivança destes animaes.

A sua belleza e graciosidade, dada esta condição de domesticidade, impõe-os á sympathia de quem saiba ver nelles alguma cousa mais do que um alvo para caçadores ou um alimento para disputar.

Já o egregio Buffon aconselhava a que se tentasse a domesticação da zebra e Daubenton dizia que ella se podia domar como o onagro ou o cavallo selvagem, para obter um animal de carga mais forte que o burro e mais bello que o cavallo, mesmo sem ricos arnezes.

A rebeldia da zebra, exageros á parte, não é uma simples invenção de romancista ou conto fabuloso de aventureiros em viagens sertanejas. Tem o seu fundo de verdade na observação de exploradores conscienciosos e até em factos historicos.

Em 1761 procuraram domar duas zebras da *ménagerie* de Versailles para as montarem, mas era necessaria muita precaução, porque escouceavam ao minimo toque das orelhas. O mesmo auctor diz que foram vistos quatro individuos desta especie em Lisboa, atrelados ao coche real (!). Ora isto não é verdade.

As zebras nunca andaram atreladas aos coches reaes portugueses, nem era facil conseguil-o, em presença da rudeza nativa destes equidios. Tentar sómente sujeital-as ao carro seria uma especie de temeridade muito mal sucedida, se não usassem antes de uma tactica educativa, sem a qual nada se pode obter dellas.

Alguma cousa de verdadeiro ha contudo no espirito daquella ousada afirmativa. E' o que refere o venerando publicista Vilhena Barbosa, na sua memoria sobre a historia das colecções e estudos de zoologia em

Portugal (1). Refere este escritor que El-rei D. Pedro III estabelecera na quinta real de Queluz um viveiro de aves exoticas e jaulas com féras dos sertões de Africa Ocidental, no pavimento terreo de um dos corpos do palacio. Tambem ahi se conservaram por algum tempo umas zebras vindas do Congo para a rainha D. Maria I. Julgando-se que poderiam ser domesticadas e ensinadas a puxar por um carro descoberto, em que costumavam passear nas ruas da quinta os jovens principes D. Antonio e D. Maria Tereza, netos daquella soberana, mandaram-se fazer no Arsenal do Exercito sellas e arreios de marroquim verde, com profusão de ferragens douradas. Foram porém baldados todos os esforços. As endiabradas zebras nem consentiam que se lhes pozessem os arreios.

No entanto a historia das zebras em Portugal no seculo XVIII tem-se repetido, provavelmente deturpada, mas não facilmente sustentavel com documentos fidedignos, como o que acabamos de citar.

Buffon refere-se ás atrelagens de zebras que os hollandezes faziam para o Stathouder, mas Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire (2) desmentem o asserto, assim como o que se refere ás da rainha de Portugal, cuja significação se depreende do que foi publicado pelo historiographo português.

Esta contradita não quer dizer que não haja zebras mansas e bem educadas.

A este respeito escreve Selous (3) que o seu natural não é muito circunspecto. Nos sitios em que ella (a zebra) não tem sido muito inquietada vem trotar perto das caravanas. Os novos deixam-se domesticar muito bem e rapidamente. Este auctor não crê que a zebra seja o animal manhoso que geralmente se supõe. Diz elle ter conhecido muitas que eram doceis e algumas meio domesticadas, que durante um certo tempo foram empregadas no serviço das diligencias no Transvaal e que não tinham aspecto feroz. Viu-as juntarem-se a animaes domesticos.

(1) V. Barbosa, *Apontamentos para a historia das collecções e dos estudos zoologicos em Portugal*, Lisboa, Sociedade do Jardim Zoologico, 1885.

(2) *Histoire Naturelle des mammifères*, par Geoffroy Saint-Hilaire et Cuvier, III, Paris, 1824.

(3) Selous, *in. Les animaux vivants du monde.*

Considerou-se por muito tempo a zebra como insusceptivel de domesticidade, em consequencia da sua excessiva selvageria. Contudo os viajantes repararam que os negros cavalgavam os *hippotigres*.

O dr. Paul Ruchard, membro de uma expedição allemã, foi um dos primeiros que escreveu ácerca da possibilidade da zebra ser utilizada como montada e como animal de carga. Houve uma época em que ninguem se ocupou do assunto, ou pareceu tal. Na actualidade tanto os inglêses como os alemães e os belgas tratam sériamente do aproveitamento deste animal. Já os alemães o empregam como montada, na sua colonia d'Africa oriental. A exemplo destes, o governo do Congo belga decretou medidas de preservação da zebra, que virá a prestar os seus relevantes serviços aos colonos.

A sua andadura é rapida, por isso mais propria que o camelo para a viajem e mesmo para o transporte de mercadorias e bagagens.

A domesticação da zebra é longa e dificil no entanto. Um oficial belga, o capitão Nys, foi encarregado desta missão especial, no Congo.

A zebra é ciosa da sua liberdade; tirada do seu meio habitual, d'entre os seus companheiros, parece redobrar de ferocidade; torna-se mais esquiva, mais dificil de ser aproximada pelo homem, deixa de comer, morre de nostalgia, emfim!

Apanhada em pequena é mais passivel de amansamento e de ensino.

Uma vez presos os adultos indomaveis dão mostras de uma maldade extrema, atiram-se contra as tabuas da sua prisão, de modo a ferirem-se gravemente e a terem de ser abatidos.

O capitão Nys conseguiu porem 65 zebras amansadas, sem morderem nem darem coices. Dahi ao ensino pouco vae. Na Africa oriental alemã, onde o Conde de Goetzen, governador da colonia, tomou a iniciativa desta experiencia, segundo uma noticia publicada por P. Walle, diligenciou-se empregar a zebra em exercicio militar. A tentativa, que a principio pareceu infrutifera, lentamente permittiu encontrar maneira de alcançar um exito satisfatorio.

Começaram por reunir os animaes em rebanhos de 200 cabeças, em grandes prados; entre os animaes escolheram alguns dos mais tranquillos e prenderam-n'os em estrebarias, separados uns dos outros, dando-lhes por companheiros os burros que lhes dão exemplo de quietação e de brandura. Quando elles se tornam socegados, tratam de os ajaezar e de os habituar aos cuidados... domesticos.

Fazem-n'os sair aos pares com os burros e obrigam-n'os a andar.

O seu ponto fraco está nas orelhas! Quem o diria! Puxando-lhe as orelhas o animal cessa de resistir. Nem sempre assim, porque o chicote não deixa de ser instrumento de ensino para essas alimarias de uma indole excepcional.

As primeiras experiencias de cavallaria e de tiro deram excelentes resultados.

E' realmente curioso um grupo de oficiaes montados nesta especie de cavallos listados, verdadeiros hippotigres, como os denominavam os antigos. Observa-se este aspecto de uma grande originalidade em uma gravura que acompanha a noticia destes factos publicados ha pouco pela *Vulgarisation scientifique* e que por dificuldades technicas não nos é possivel reproduzir.

JARDIM ZOOLOGICO — ZEBRA DE BURCHELL (VARIEDADE DE CHAPMAN)

. . .

A ferocidade humana, sempre mais para temer que a dos irracionaes, tem desenvolvido a possivel actividade para perseguir e levar as zebras até aos limites da sua extincção, pelo simples prazer de abater caça. O reconhecimento da utilidade de similhantes especies operou de ha tempo para cá um reviramento e hoje os governos de diferentes nações coloniaes tomam medidas de protecção, para impedir o massacre e a desaparição dessas preciosas especies. E' o proprio viajante Vasse, caçador emerito, que diz no seu livro *Trois années de chasse au Mozambique* (1) que a zebra é um animal tão maravilhoso e pronto a prestar tão grandes serviços em um paiz onde os animaes de tiro morrem, que elle deplora que até aqui só tenham tentado domestical-o a bala, enquanto no Transvaal os mail-coachs levam zebras atreladas.

Alem das qualidades de rapidez de andadura, de resistencia no caminhar e da especial firmeza que mostram nos atalhos pedregosos e nos invios dedalos da montanha, as zebras possuem uma excepcional imunidade contra as picadas temiveis da mosca tzé-tzé, o flagello da Africa Oriental e austral, o qual destroe desapiedadamente todo o gado cavallar.

Por isso se procura obter da zebra, por uma artificiosa domesticação e um paciente ensino, o que se deverá exigir do cavallo ou das muares. Tem-se tratado de crear

(1) Guillaume Vasse, *Trois années de chasse au Mozambique*, Paris, Hachette, 1909.

mestiços que reforcem aquellas qualidades preciosas, d'onde os variados cruzamentos que produzem os *zebroides* ou *zebrulas*.

O professor Ewart emprehendeu ha poucos annos a interessante experiencia do castiçamento entre zebras e cavallos, creando animaes vigorosos e resistentes para os arduos trabalhos nos climas quentes e ainda susceptiveis de arrostar o inverno nos montes da Escocia (1).

Os resultados alcançados por este e outros experimentadores, principalmente na Africa oriental inglesa (Uganda) são dos mais animadores. Tambem na provincia de Angola o explorador portuguez e distincto, medico da armada, dr. Pereira do Nascimento fez uma experiencia deste genero com notavel exito.

A apropriação da zebra ou dos zebroides aos diferentes trabalhos, particularmente aos exercicios militares, constitue um problema de zoologia aplicada, que muito interessa as nações colonisadoras e cuja solução todas devem auxiliar.

* * *

Hippotigris chamaram os antigos a estes equidios, d'onde se deprehende que os romanos tiveram conhecimento da zebra. A historia efectivamente refere que um certo perfeito de Roma no anno 202 enviou centuriões á ilha dø Erythrea (Mar vermelho) para buscar os *cavallos do sol*, que eram *semilhantes aos tigres*. Ora as zebras chegavam até á Abyssinia e o commercio que então se fazia tornava possivel pôl-as ao alcance dos romanos. Um outro historiador, Dion Cassius, diz que o imperador Caracalla fez aparecer no circo, no anno de Roma 661, um elephante, um rhinoceronte, um tigre e um *Hippotigre*, assim denominado pela similhança com o cavallo e com o tigre (2). Estas referencias, a serem verdadeiras, mostram que estes animaes se dilatavam por uma area muito mais extensa do que hoje, em que tendem a rarear.

Uma das suas especies extinguiu-se de todo: a *Cuaga (Equus quagga Gml.)*, assim chamada em razão da voz que fazia ouvir. Era outr'ora muito abundante na Colonia do Cabo (seculo XVI). Formava manadas numerosas, que foram afugentadas e destruidas pelos colonos. Abundante ainda no seculo XVIII, traziam-na á Europa como curiosidade. Em 1800 um tal Scheriff Parkins passeava em Hyde Park num phaeton atrelado a duas cuagas. Os ultimos sobreviventes teriam sido exterminados no meado do seculo passado (Trouessart).

Outra especie que se extinguiu foi a zebra de Burchell. Muitos tomam por zebra de Burchell a de Chapman *(E. chapmani Layard)*, actualmente mais conhecida, porem a primeira distingue-se desta pela ausencia de zebruras nos membros. Habitava o Orange e a Griqualandia ocidental, trazida por Burchell. Depois da abertura do canal de Suez, segundo afirma o citado naturalista francês, foi substituida pela zebra de Chapman, importada de Zanzibar e de outros pontos da Africa oriental. Nos diversos museus de historia natural, á excepção dos da Peninsula, existem exemplares, em geral muito antigos e deformados, como mostram os numerosos documentos publicados por Ridgeway nos *Proceedings* da Sociedade Zoologica de Londres, em outubro de 1909. Os mais modernos são o do Jardim Zoologico de Berlim, vivo ainda em 1894, e o que se acha no Museu de Paris e pertenceu provavelmente ao cazal que vivia em 1825 no Jardim das Plantas e a que se refere Trouessart (1).

Recentemente possue o Museu Bocage uma pelle bem conservada de zebra da variedade *granti*, da Africa oriental portuguesa.

As especies consideradas hoje pelos naturalistas são a zebra de montanha *(Equus Zebra)*, a zebra de Grévy *(E. grevyi)* e a de Chapman *(E. Chapmani)*, esta ultima considerada como uma variedade ou sub-especie do *Equus burchelli*, cujas modalidades de côr e desenho originaram as variedades que formam o grupo burchelliano em que esta especie se resolve. Entre a zebra de montanha e a de Burchell parece haver um intimo parentesco. O professor Ewart mostra essa transição representada pela variedade de Crawshay encontrada na Nyassalandia. A principal caracteristica do agru-

(1) *Les animaux vivants du monde.*

(2) In Geoffroy Saint Hilaire & Cuvier, *loc. cit.*

(1) Trouessart, *Bull. Mus. Hist. Nat.*, n.º 7, 1906.

pamento burchelliano é a existencia de largas faxas por todo o corpo, as quaes só aparecem distinctamente na garupa da zebra de montanha. Na variedade de Grévy as faxas são estreitas e muito proximas, enquanto na de Chapman são mais largas e distantes umas das outras, formando labyrintos. Mas todas estas distincções, fundadas unicamente nas disposições incertas do desenho e nos matizes subtis da coloração, escapam de certo aos menos versados no estudo dos animaes e, mesmo para os naturalistas, dão origem a divergencias de opinião, que fazem vacilar essas caracteristicas.

Contudo a variação da zebra é um facto; simplesmente a dificuldade reside em achar o verdadeiro parentesco das especies e variedades formadas á custa da divisão e sub-divisão do genero.

A sua distribuição geographica é diversa e este facto é sem duvida muito importante para a identificação dessas variedades e para explicar a sua origem.

JARDIM ZOOLOGICO — ZEBRA DE BURCHELL (VARIEDADE DE CHAPMAN)

A zebra de montanha é oriunda da colonia do Cabo; a de Grévy, da Somalilandia, geralmente da Africa oriental inglesa; a de Chapman encontra-se no Transvaal, enquanto a de Crawshay habita na Nyassalandia e a variedade de Grant na Africa equatorial.

As divergencias dos seus caracteres provam que a zebra varia de uma para outra localidade e mostram a inconsistencia da maioria das especies erectas á custa destas variedades locaes.

Conforme as observações e estudos feitos por Ridgeway, parece provavel que o ponto de irradiação destas diferentes variedades, saidas de um tronco commum, que seria provavelmente a zebra de Grévy, se encontra perto do Lago Baringo, proximo do Lago Victoria, na Africa equatorial, onde se estabelece naturalmente o ponto de contacto entre esta especie e as diferentes formas representativas do *E. burchelli,* constituindo o grupo ou *familia* burchelliana.

Seja como fôr, o que tem sido observado e experimentado á cerca destes curiosos e interessantissimos animaes permitte-nos chegar ás seguintes conclusões:

Que a zebra, longe de ser o animal irreductivel que se tem feito acreditar, é um animal domesticavel e portanto ella não deve ser tratada como qualquer especie feroz ou selvagem, a que se promove a caça livre, sujeitando-o á acção destruidora que esta manifestamente exerce nos animaes de maior porte e de mais dificil reprodução.

Que, pelas experiencias a que tem sido submettida, a zebra é um animal util, aproveitavel para determinados serviços, principalmente como animal de carga ou de tiro, nas regiões quentes do globo, onde pode substituir com vantagem reconhecida o cavallo, que sucumbe facilmente nessas paragens, em virtude de doenças parasitarias a que a zebra resiste.

Que se torna muito interessante e util o cruzamento com outras especies e a creação de mestiços *(zebrulas* ou *zebroides),* que

conservam e ampliam as qualidades das zebras.

Que ella é aclimavel em regiões extremas, onde se pode tirar partido de um animal ao mesmo tempo vistoso, de boa estampa e de predicados que o tornam muito aceitavel.

Nestes tempos de expansão e actividade colonial, a creação das zebras e a sua domesticação constitue um notavel progresso, que se pode considerar mesmo uma importante conquista, a qual, ao lado de identico trabalho com os elephantes, ha de desempenhar um papel de effeito na civilização africana, facilitando o esforço e auxiliando impagavelmente o homem nas grandes labutações de que o vasto continente negro é constantemente theatro, para a extração e commercio das suas insondaveis riquezas.

(Photographias de Eduardo Costa.)

J. Bethencourt Ferreira.
Naturalista do Museu Bocage (Escola Polytechnica)

Mulher

D'antes, uma alegria transparente
Como a esperança clara e vaporosa,
Via-se sempre inquieta e caprichosa
No teu rosto, suave, de innocente.

Agora, pensativa e já doente,
Sofres n'uma tristeza luminosa,
Como o sol na agonia côr de rosa
Entre as nuvens sombrias do poente.

. . . Os sorrisos de luz e de bondade,
As caricias profundas da saudade
Na espressão meiga d'esse teu olhar,

Dizem que o teu ancioso coração
Chora luctando e tem luctado em vão
Como a ave presa sem poder voar!

Miranda Santos.

A carta roubada

Nil sapientiae odiosius acumine nimio.

SENECA.

EM Paris, ao cahir da noite, depois de um dia sombrio e tempestuoso do outomno de 18.., gosava o duplo prazer da meditação e de um cachimbo de escuma, em companhia do meu amigo C. Augusto Dupin, na sua pequena bibliotheca que ao mesmo tempo lhe servia de gabinete de trabalho, no terceiro andar, da rua Dunot, n.º 33, no Faubourg Saint-Germain. Estavamos, havia mais de uma hora, mergulhados no mais profundo silencio, e a quem por acaso nos tivesse observado, pareceriamos, um e outro, inteira e unicamente attentos a seguir as espiraes onduladas do fumo que enchia a atmosphera do aposento. O meu espirito occupava-se a ruminar certos pontos da conversa que tiveramos pouco antes, quando a porta se abriu dando passagem ao nosso antigo conhecido G., Prefeito da policia.

Acolhemol-o cordealmente, porque esse homem tinha o seu lado divertido, apesar de a certos respeitos ser um tanto despresivel, e, de resto, havia bastantes annos que o não viamos. Como estavamos ás escuras, Dupin foi accender um candieiro; mas tornou a sentar-se, sem nada ter feito, quando G. disse que nos vinha consultar, ou, antes, pedir a opinião do meu amigo, ácêrca d'um negocio que dizia respeito ás suas funcções de Prefeito e que lhe tinha causado serios embaraços.

— Se é um caso que exige reflexão, disse Dupin, no momento em que ia accender o candieiro, teremos toda a vantagem em o apreciar na escuridão.

— Ainda uma das suas idéas extravagantes, observou o Prefeito, que tinha a mania de qualificar de extravagancia tudo o que excedia o alcance da sua intelligencia.

— E' verdade, respondeu Dupin, offerecendo um cachimbo ao visitante e chegando-lhe um confortavel fauteuil.

— E então, em que consiste a difficuldade? perguntei eu. Não se trata de algum assassinio, assim espero.

— Oh! não. Nada d'isso. O caso é muito simples, e sem duvida sahiriamos d'elle satisfatoriamente; mas pensei que não desagradaria a Dupin conhecel-o detalhadamente, de tal modo me pareceu extravagante.

— Simples e extravagante, observou Dupin.

— Sim, e todavia não é extravagante que eu devia dizer. Mas tem-nos singularmente embaraçado, pois, por mais simples que seja, não deixa de nos conservar em cheque.

— E' talvez a propria simplicidade que o induz em erro.

— Ahi está uma cousa que não faz sentido! respondeu o Prefeito rindo.

— O mysterio é talvez claro demais...

— Oh! céos! Ouviu-se já semelhante idéa!

— Mas, no fim de contas, perguntei, de que se trata?

— Vou-lhe expôr o caso em poucas palavras, respondeu o Prefeito, mas, antes de começar, permittam que lhes diga que é um caso que exige o mais absoluto segredo e

que me arriscaria a perder a posição que actualmente occupo, se se descobrisse que o communiquei a alguem.

— Comece.

— Lá vae Fui pessoalmente avisado que havia sido roubado dos aposentos reaes um papel da maxima importancia. O individuo que d'elle se apoderou, é conhecido, indubitavelmente conhecido, porque foi visto em flagrante. Sabe-se tambem que o conserva ainda em seu poder.

— E como se sabe isso?

— Deduz-se de um modo que não admitte duvidas, da propria natureza do documento e da não-opposição de certos effeitos que não deixariam de se produzir immediatamente se o ladrão se desapossasse d'elle.

— Seja um pouco mais explicito.

— Posso ir até lhes dizer que esse papel assegura ao seu possuidor uma certa força de intimidação em determinado logar onde esse tal poder tem uma importancia enorme.

— Não comprehendo lá muito bem, observou Dupin.

— Realmente? Pois bem! A revelação d'esse documento a um terceiro individuo, que eu não nomearei, levantaria suspeitas na honra de uma pessoa da mais alta condição, e este facto dá ao portador um incommodo ascendente sobre esta ultima, cuja honra e socego estão assim compromettidos.

— Mas esse ascendente só é possivel se o ladrão se sabe conhecido da sua victima. Que poude ousar...

— O ladrão, disse G..., é o ministro D..., que não recua deante de uma empreza digna ou indigna d'um galanteador. A maneira como foi effectuado o roubo revela tanta dextreza como audacia. O documento de que se trata — uma carta, para nada lhes occultar — foi recebido pela victima quando esta se encontrava sósinha no regio *boudoir*. Foi interrompida na leitura pela chegada inesperada do alto personagem a quem ella especialmente tinha de dissimular essa carta. Tentou á pressa, mas em vão, mettel-a n'uma gaveta, e foi obrigada a deixal-a aberta, como estava, em cima de uma meza. Foi então que o ministro D... chegou. Immediatamente o seu olhar de lynce descobre o papel, reconhece a letra, nota a perturbação da pessoa a quem era destinada e penetra-lhe o segredo. Trata do expediente de alguns negocios, depois tira da algibeira uma carta que offerecia alguma semelhança com a outra, abre-a, finge lel-a e atira-a para junto da primeira. Depois de uma conversa de um quarto d'hora ácêrca de negocios publicos, despede-se, e leva de cima da meza a carta a que não tinha direito algum. Nada escapou á destinataria, mas esta, bem entendido, não ousou chamar a attenção sobre o facto, em consequencia da presença do terceiro personagem. O ministro sahiu, deixando sobre a meza a sua propria carta que não tinha importancia alguma.

— O ladrão sabe-se, portanto, conhecido da victima.

— Sim, respondeu o Prefeito, e o poder de intimidação, assim conquistado, tem sido utilisado ha alguns mezes, sob o ponto de vista politico, com uma feição muito perigosa. A victima do roubo está cada dia mais convencida da necessidade imperiosa de ,a todo o custo, rehaver a sua carta. Mas isso, bem entendido, não se póde fazer ás claras. No fim de contas, levada pelo desespero, encarregou-me do assumpto.

— Não era provavel, disse Dupin no meio de uma verdadeira nuvem de fumo, escolher ou mesmo imaginar um agente mais sagaz.

— Lisongeia-me, retorquiu o Prefeito; mas não é de todo impossivel que seja essa a opinião que fizeram de mim.

— E' manifesto, como judiciosamente fez observar, que a carta ainda está em poder do ministro, pois que é a posse e não o uso d'ella que confere ao detentor o seu ascendente. A utilisação da carta anniquilaria o poder de que se trata.

— E' exacto, disse G..., e é depois de ter essa convicção que me puz em campo. O meu primeiro cuidado foi proceder a uma completa busca em casa do ministro, e o difficil era operar sem que elle soubesse. Antes de tudo, tive o cuidado de me salvaguardar contra o perigo de o deixar suspeitar das nossas intenções.

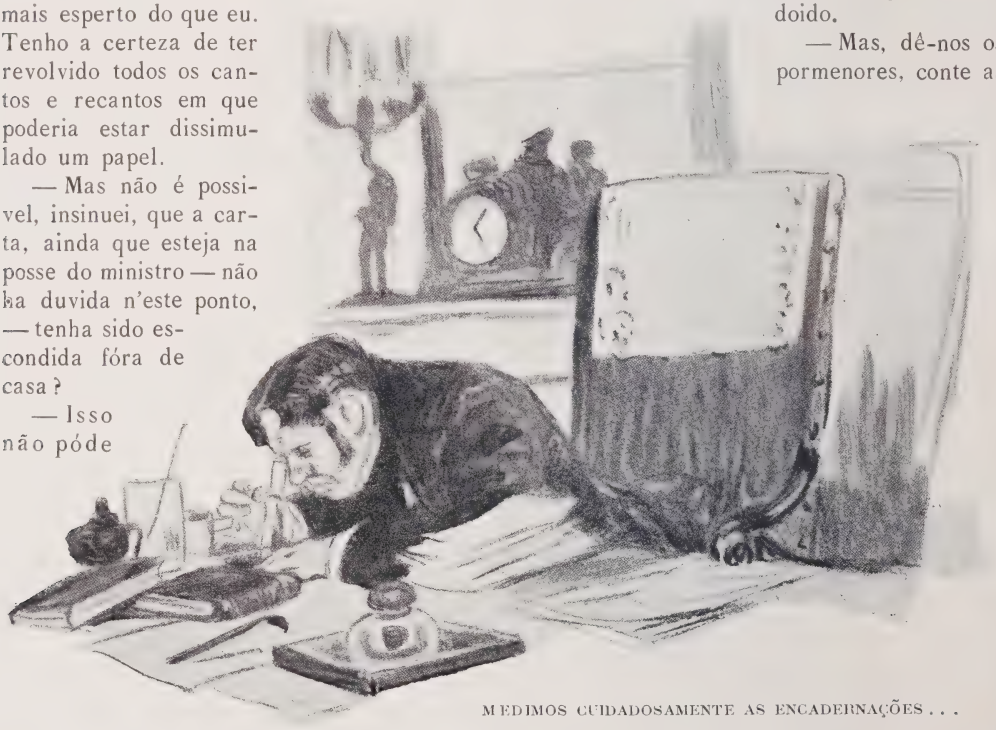
— Essa especie de pesquizas põem em relevo a sua competencia. Em muitas occasiões a policia já tem effectuado outras semelhantes.

— Oh! certamente! e foi isso o que me fazia ter boas esperanças. Os habitos do ministro davam-me tambem grande vantatagem. Frequentemente está fóra de casa, toda a noite. Os creados não são numero-

sos e dormem longe dos quartos do patrão. São napolitanos, o que quer dizer que não é preciso muito para os embriagar. Tenho chaves, bem sabem, que me permitte abrir qualquer porta em Paris. Durante três mezes não houve uma noite que não tivesse passado, pelo menos uma grande parte, a farejar a casa. A minha honra estava em jogo, e — posso bem confiar-lhes este segredo — no fim de contas, havia uma valiosa recompensa. Não abandonei as minhas buscas sem me ter absolutamente convencido que o ladrão ainda era mais esperto do que eu. Tenho a certeza de ter revolvido todos os cantos e recantos em que poderia estar dissimulado um papel.

— Mas não é possivel, insinuei, que a carta, ainda que esteja na posse do ministro — não ha duvida n'este ponto, — tenha sido escondida fóra de casa?

— Isso não póde



MEDIMOS CUIDADOSAMENTE AS ENCADEIRAÇÕES . . .

ser, observa Dupin. O estado actual, a situação particular dos negocios na côrte e o caracter especial d'esta intriga, em que D... se encontra mettido, fazem da immediata efficacia da carta, isto é, da faculdade de a produzir em tempo util, um ponto cuja importancia equivale quasi ao beneficio da sua posse.

— A faculdade de a produzir? perguntei surpreso.

— Ou, se prefere, de a aniquilar, respondeu Dupin.

— Tem razão, observei, o papel está certamente em casa. O ministro trazel-o comsigo, é uma hypothese que devemos rejeitar.

— Isso não resta duvida, explicou o Prefeito. Já duas vezes foi assaltado por falsos gatunos e conscienciosamente revistado na minha presença.

— Teria podido evitar esse cuidado. D... não é, julgo, absolutamente doido, e por consequencia não deixou de prever os laços que lhe seriam armados.

— Não é *absolutamente* doido, disse G..., mas é um poeta, o que, a meu vêr, não está muito longe de um doido.

— Mas, dê-nos os pormenores, conte as particularidades do seu inquerito.

— O facto é que procurámos por toda a parte. Desde muito tempo que tenho pratica d'estes negocios. Examinei a habitação, casa por casa, consagrando as noites de uma semana para cada aposento. Abrimos todas as gavetas imaginaveis, e, não ignoram por certo, que para um agente de policia que conhece o seu mister, não ha gaveta secreta. Era preciso ser novato para deixar escapar uma gaveta secreta em pesquizas d'esta natureza. A cousa é simples. Ha um certo numero de volumes e de superficies mensuraveis em cada casa. Para este effeito,

usamos umas reguas muito precisas. Não nos escaparia a quinquagesima parte d'uma linha. Depois dos aposentos passámos ás cadeiras. Sondámos os estofos com essas agulhas finas e compridas que me teem visto empregar. Tirámos todas as partes superiores das mezas...

— Para quê?

— Muitas vezes a parte superior d'uma meza, ou d'um movel analogo, é tirada pela pessoa que deseja occultar um objecto. Perfura-se o pé da meza, ou introduz-se esse objecto na cavidade assim praticada e torna-se a collocar a parte superior no seu logar. A parte superior e a inferior das columnas d'um leito podem ser aproveitadas da mesma maneira.

— Mas a cavidade não podia ser revelada ao ouvido por simples percussão?

— De modo algum, se, antes de collocar o objecto, houve a precaução de o envolver em algodão. Além d'isso, n'este caso, era indispensavel proceder sem barulho.

— Mas não poude desmontar todos os moveis do modo que indicou. E' facil enrolar uma carta n'uma espiral delgada approximando-se muito em aspecto e dimensões a uma agulha grossa de fazer meia; e sob esta fórma póde ser introduzida na travessa d'uma cadeira, por exemplo. Não desmanchou, decerto, todas as cadeiras?

— Não, mas fizemos muito melhor, passámos em revista os pés de todas as cadeiras da casa, e as juncturas de todos os moveis com o auxilio de um poderoso microscopio. Se houvesse vestigios de qualquer coisa, não deixariamos de os descobrir immediatamente. Um simples grão de pó produzido por uma verruma, teria sido tão visivel para nós com uma maçã. A menor anomalia na juncção, um insolito intersticio bastariam para nos revelar o que procuravamos.

— Supponho que tenham inspeccionado os espelhos entre o vidro e a madeira e sondado os leitos e os estofos, as cortinas e os tapetes.

— Bem entendido. Depois de termos inspeccionado todo o mobiliario, explorámos o proprio edificio. Dividimos a sua superficie total em partes que numerámos para não omittir nenhuma. Examinámos cada pé quadrado da casa servindo-nos ainda do microscopio.

— Devia ter-lhe custado alguma cousa?

— Certamente, mas a recompensa offerecida valia a pena.

— E tambem viu o chão?

— O chão é todo de mosaico. Deu-nos relativamente pouco trabalho. Examinámos as juncções dos ladrilhos. Não tinham sido mexidas.

— Naturalmente viu os papeis de D... e os livros da bibliotheca?

— Abrimos todos os massos e não nos contentámos em folhear os livros. Medimos cuidadosamente as encadernações e submettemol-as, cada uma de per si, á inquirição do microscopio. Se recentemente tivessem tocado em alguma, não escaparia esse facto á nossa observação.

— Perscrutaram o soalho por baixo dos tapetes?

— Sem duvida. Levantámos os tapetes e inspeccionámos os soalhos com o microscopio.

— E os papeis das paredes?

— Egualmente.

— Procuraram nos subterraneos?

— Tambem.

— Então a carta não está n'esses logares como pensa, disse eu.

— Receio que não tenha razão. Mas, diga-me Dupin, o que me resta fazer na sua opinião?

— Uma busca completa.

— Não dará resultado algum, respondeu G... Tão verdade como eu respirar, a carta não está na casa.

— Não tenho melhor conselho a dar-lhe. Naturalmente possue uma descripção exacta da carta?

— Oh! sim!

E o prefeito poz-se a dar-me uma idéa muito circumstanciada do documento roubado, e particularmente o seu aspecto exterior. Pouco depois, o homem despediu-se de nós, mais desanimado do que nunca o tinhamos visto.

* * *

Um mez depois pouco mais ou menos, fez-nos segunda visita, e encontrou-nos da mesma maneira que da outra vez. Pegou n'um cachimbo, sentou-se e depois de encetar uma conversa sem interesse, perguntei-lhe:

— Então, G..., o que ha de novo a res-

peito da carta roubada? Julgo que acabou por admittir que o seu ministro não é facil de enrolar.

— Que vá para o diabo! disse o Prefeito. Fiz a nova busca que Dupin me aconselhára, mas, como eu previa, perdi o meu tempo.

— Parece-me... realmente, G... que não fez tudo que era possivel.

— Como? De que maneira?

— Ora, podia aconselhar-se na materia. Recorda-se da historia que se conta de Abernethy, o celebre medico inglez?

— Não! Que se enforque o tal Abernethy.

— Mas, observou o prefeito ligeiramente desapontado. Eu estou disposto a acceitar a consulta e a pagal-a. Daria na realidade cincoenta mil francos a quem me auxiliasse n'este negocio.

— N'esse caso, replicou Dupin abrindo uma gaveta e tirando um livrete, só tem que encher o cheque da somma indicada. Quando o tiver assignado entregar-lhe-hei a carta.

Eu fiquei atordoado. O Prefeito parecia absolutamente petrificado. Durante bastantes minutos, ficou immovel e mudo, fitando

EU ESTOU DISPOSTO A ACCEITAR A CONSULTA E A PAGAL-A...

— Certamente, se isso lhe póde ser agradavel. Um bello dia, um personagem muito rico e muito avarento lembrou-se de obter de Abernethy uma consulta gratuita. Para este effeito, no meio de uma sociedade, travou com elle uma conversa das mais banaes e insidiosamente foi-lhe expondo o seu caso como sendo um personagem imaginario.

— Suppondo, disse o avaro, que sejam estes os symptomas, o que lhe teria aconselhado, doutor?

— Aconselhado? respondeu Abernethy... uma consulta; isso não admitte duvida.

o meu amigo com incredulidade, bocca aberta e olhos saltando-lhe das orbitas; depois pareceu voltar a si, pegou n'uma penna e não sem algumas hesitações, encheu e assignou um cheque de cincoenta mil francos que apresentou a Dupin. Este examinou-o ponto por ponto e metteu-o na carteira; em seguida abrindo a sua secretária, tirou uma carta e deu-a ao Prefeito, que a agarrou com uma alegria angustiada, abriu-a com as mãos tremulas, lançou uma vista d'olhos para o contheúdo, e depois enfiando pela porta, safou-se sem mais ceremonia.

(Continúa.)

As orchideas

Quem, num bello dia do mês de abril, percorrer os campos á volta de Lisboa, encontrará, decerto, nos terrenos calcareos, humidos e incultos, uma pequena planta de folhas verdes com uma flôr avelludada, vermelho escura, manchada de linhas amarello-esverdeadas que parece uma abelha pousada. E' a *herva abelha,* a *Ophrys apifera,* dos botanicos, uma das mais vulgares entre nós das plantas dessa singular familia das orchideas, que parece estar destinada a produzir, em os nossos dias, aquella fascinação que deslumbrou outr'ora os apaixonados amadores das tulipas.

Bem justificado é, em verdade, o poder fascinante que estas curiosissimas plantas exercem nos amadores do mundo vegetal; pois se a natureza se comprazeu em espalhar a variedade nas fórmas vegetaes, foi em extremo prodiga para com estas.

Encontram-se nos climas mais diversos, desde as regiões polares, até ao equador; desde o nivel do mar, até á altura onde surgem nas montanhas as neves eternas. Vivem em todos os solos, ou mesmo até chegam a dispensá-los; fixando-se a ramos de arvores extendem raizes, que na humidade do ar encontram a agua de que carecem para viver.

As suas flôres teem fórmas encantadoras e, por vezes, rescendem aromas deliciosos, que, nalgumas, existem tambem nos fructos; bastará lembrar a bem conhecida baunilha *(Vanilla).*

Não ha palavras que descrevam as fórmas caprichosas de taes plantas; chamar-lhes phantasticas, é pouco: — numa estufa de orchideas achareis plantas com folhas que vos lembrarão palmeiras e cactos, caules que parecerão fios tenuissimos, flôres que direis feitas de cera ou dos mais preciosos tecidos e nellas vereis chapins de fadas, borboletas, orelhas de morcegos, taças que ficariam bem nas mãos de um retrato preraphaelista; as mais variadas côres as tingirão rivalisando em cambiantes com os effeitos da gaze ondeante da dansa serpentina, ou com as mais bellas musselinas da casa Liberty de Londres.

E quantas destas maravilhas existem no globo espargidas a largas mãos pela natureza? Não é facil responder, e póde mesmo talvez affirmar-se que é illimitado o numero das suas variedades, dada a possibilidade de formação de novos hybridos obtidos pelos cruzamentos operados pelo vento e pelos insectos. Conhecem-se já cêrca de 500 generos com mais de 10:000 especies, das quaes o maior numero se encontra na zona torrida. Em Portugal vivem espontaneas, segundo a classificação do sr. José d'Ascenção Guimarães, umas 42 especies.

Facil é comprehender quantas transformações podem ser alcançadas de uma familia tão malleavel, digamos assim, pelas mãos habeis dos jardineiros.

Ha apenas cêrca de meio seculo que começaram as orchideas a attrahir a attenção dos floricultores e nesse curto espaço de tempo ellas conseguiram, principalmente na Inglaterra, enfeitiçar até ás raias da loucura os maniacos das collecionações.

Hoje, muitas centenas de individuos consagram a existencia a esse genero de cultura, emquanto outros arriscam a propria vida em climas inhospitos em busca de novas especies, conseguindo, por vezes apenas, o passarem á immortalidade, dando o seu nome a uma planta desconhecida. As aventuras destes pioneiros da botanica encheriam paginas inteiras, muitas vezes encerradas de uma fórma tragica, porque as raridades encontram-se hoje só em logares quasi inaccessiveis e com difficuldades pasmosas.

Em a Nova Guiné um collecionador encontrou, ha alguns annos, uma bella orchidea cobrindo um cemiterio dos indigenas e estes opposeram uma energica resistencia a que se lhe tocasse; o pobre collecionador pensava, já, abandonar o seu magnifico achado, porque nada movia os indigenas a consentirem que a enxada sacrilega revolvesse a terra das sepulturas, quando se lembrou de lhes offerecer, em troca dos ambicionados bolbos, uns balões de vidro de côres, que lhes produziram o mesmo effeito que os barretes vermelhos que o nosso Gama mostrou aos indigenas da Bahia de Santa Helena. Hamelin, o descobridor da rara *Eulophia Elisabethae*, encontrou-a desenvolvendo-se nos topos de arvores de dezenas de metros de altura, que elle proprio teve de abater e cortar depois os ramos a que se fixava a preciosa planta.

O *Cypripedium Fairieanum* que, em 1906, causou verdadeiro furor na Inglaterra é uma orchidea do Himalaya cuja flôr fôra em tempos trazida para a Europa, sem indicação exacta do habitat. Debalde um horticultor inglez offereceu, por muito tempo, 1:000 libras a quem lhe indicasse o local em que ella se encontrava, porque a região onde ella existe não era accessivel aos europeus. Só quando numerosas forças militares inglesas occuparam o Himalaya oriental, se póde penetrar nessa região, onde os indios perseguiam os europeus, e achar a bella planta.

CATTLEYA ACLANDII

Mas não basta ter colhido as orchideas, é preciso transportá-las para paises como a Inglaterra e ahi collocá-las num meio artificial que reproduza tanto quanto possivel as condições de solo, clima, e humidade em que ellas se encontravam. Umas são cultivadas em estufas frias, outras em estufas aquecidas de verão e de inverno; as epiphytas, que vivem nos troncos, carecem constantemente de atmosphera humida.

O cultor de orchideas não se contenta com as que a natureza lhe offerece, procura obter novas variedades. Conseguem-se estas por sementeira, empregando sementes em que se operou artificialmente a fecundação. Esta é facil de realisar em geral, mas o cultor deve esperar longo tempo para poder verificar o resultado dos seus trabalhos. O amadurecimento do fructo, que deve ser tratado com todo o cuidado, só se produz no fim de nove a doze mezes, semeada

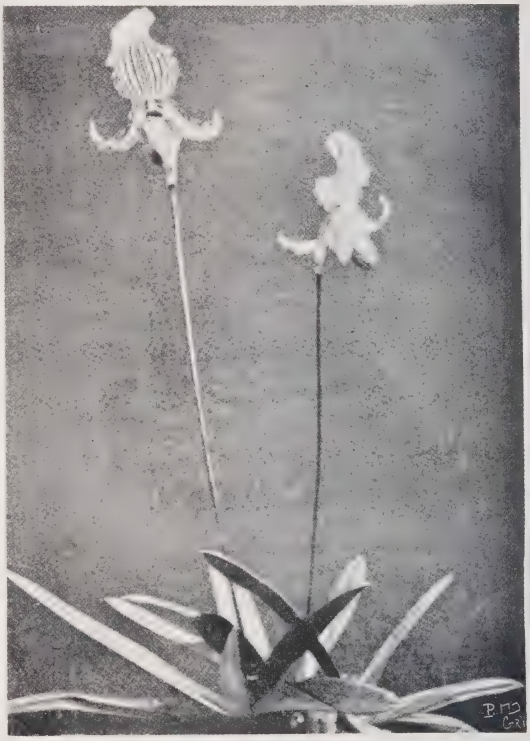
a planta, são necessarios três a quatro meses para que ella attinja as dimensões de excesso de frio ou calor, de secura ou humidade, matá-la-ha immediatamente. Mais

ESTUFA DE ORCHIDEAS DE MR. CHAMBERLAIN

uma cabeça de alfinete, e quantas difficuldades ha a vencer nisto; o mais ligeiro ainda, para que a planta venha a florescer e o horticultor veja o resultado final da sua

paciencia e habilidade, se porventura alcançou uma riqueza ou apenas uns exemplares vulgares, é preciso esperar cinco, seis, dez e até doze annos, pois só decorrido este longo tempo, a orchidea dá flôr pela primeira vez.

Na maior parte dos casos, as plantas não offerecem nada de notavel; mas se uma planta nova e com bellas côres, ou novas fórmas apparece entre ellas, então o cultor encontra a merecida compensação dos seus esforços.



CYPRIPEDIUM FAIRIEANUM

E' uma bella prova disto o succedido com o *Odontoglossum crispum Pittianum*, que pertencia á famosa collecção de Pitt, vendida em leilão, nos principios do anno de 1906. Esta planta, cujas flôres são de uma rara belleza, fôra avaliada em 500 libras. O lanço foi rapidamente coberto e o martello do pregoeiro dava as três pancadas, annunciando que a planta estava arrematada por 1:150 guineus, ou sejam cêrca de réis 6:000$000. Em troca desta linda somma recebia o comprador uma plantazinha que um golpe de ar frio mataria num apice. Existe ainda uma outra variedade muito apreciada da mesma orchidea, o *Odontoglossum crispum Cooksoniae*, vendido em 1905, em Bruxellas, por 2:400$000 réis.

Mas ao lado destas plantas de preço fabuloso, ha outras accessiveis a bolsas mais modestas, e cuja belleza não é inferior á daquellas; assim, nos bons estabelecimentos de horticultura do Porto se pode adquirir por 2$000 réis a *Cattleya Acklandii*, uma linda orchidea de flôr côr de rosa pallida; a variedade branca que não é tão bella, mas é extremamente rara, vende-se na Inglaterra pelo preço minimo de 157$500 réis.

A cultura das orchideas não é, pois, somente apanagio dos ricos, e entre estes mesmos alguns não preferem senão plantas de preço modico, entre elles conta-se o grande amador de orchideas sr. J. Chamberlain, o famoso milionario inglês.

Joseph Chamberlain concorreu de modo notavel para vulgarisar na Inglaterra a cultura das orchideas; a lapella do defensor accerrimo do protecionismo é ornada sempre por um raminho de avenca ligado a uma flôr de *Odontoglossum*.

Em Lisboa, só temos conhecimento de um notavel amador de orchideas, o sr. dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, que possue uma collecção preciosa.

Muitas das orchideas são de facil cultura, mesmo em casa, dispensando estufa. Citaremos, entre estas, o *Odontoglossum Rissi majus*, a *Coelogyne cristata*, o *Dendrobium Jamesianum* e o *Cypripedium villosum*. Pena é que os nossos horticultores as não cultivem de preferencia, e as tornem accessiveis, por modico preço, a todos os adoradores da deusa Flora.

ALVARO COELHO.

PERSONAGENS CLASSICAS

I

A comedia regular italiana

A comedia regular — Bibbiena — Boiardo — Accolti — Ariosto — «Cassaria» — «Nigromante» — Grazzini — «Madragora» — Machiavello — Sannazaro — Caro-Cecchi — Alemani — Cini — Guarini — A comedia pastoral — «A Aminta» — «Il pastor fido» — Beccari — Giordano Bruno.

A primeira comedia regular, representada na Italia, deve-se ao cardeal Devizio da Bibbiena, amigo de Leão X. Intitula-se *La Calandria*, peça satirica, licenciosa até, mas que pouco deve aos antigos. Em seguida appareceu a *Mandragora*, de Machiavalo, as comedias de Ariosto, algumas das quaes são imitadas de Plauto, as de Aretino, sempre originaes e cheias de graça, de Cecchi, de Larca, de Lodovico Dolce, de Francesco d'Ambra. No seculo XVII, a comedia regular, classica, soffre accentuada declinação. E' a época em que, á imitação das *atellanas*, se produzem na comedia popular, geralmente escripta em differentes dialectos, esses typos que se tornaram immorredouros no theatro.

Bernardo Devizio da Bibbiena, cardeal, nascido em 1470 e fallecido em 1520, era oriundo de uma familia obscura. Partiu para Roma com o cardeal João de Medicis, depois da morte de Alexandre VI, sendo incumbido pelo papa Julio II de differentes negocios importantes. Elevado ao pontificado o cardeal João, com o nome de Leão X, deu a Bibbiena o barrete de cardeal, 1513, enviando-o depois a França como legado. De regresso a Roma, morreu subitamente em seguida a uma viva discussão que teve com o pontifice que, ao que dizem, o arguia de tecer intrigas no proposito de lhe succeder na tiara. Erudito e lettrado, o cardeal Bibbiena, contribuiu muito para que Leão X desenvolvesse o gosto pelas lettras. Imitou de Plauto e de Terencio algumas comedias, sendo uma d'ellas a *Calandria*, representada perante o proprio pontifice. Essa comedia foi tambem representada na côrte de Henrique II.

Matheus Mario, conde Bojardo ou Boiardo, escreveu uma comedia em cinco actos, uma das mais antigas que registra a historia do theatro, mas cujo titulo não chegou até nós. Esse poeta nasceu em Scandiano, ducado de Modena, em 1430 e morreu em Reggio em 1494. Doutor em direito e em philosophia pela universidade de Ferrara, seguiu a carreira das armas e ligou-se aos duques de Ferrara, Borso d'Este e Hercules I, que lhe confiaram varios cargos importantes, principalmente o governo de Reggio, que conservou até á morte, depois de ter sido algum tempo capitão de Modena, 1481. Escreveu o *Orlando innamorato*, epopéa em sessenta e nove cantos, que não acabou, e só foi impressa em 1495. O *Orlando furioso*, de Ariosto, é uma continuação d'este poema. Escreveu tambem poesias latinas e italianas.

Bernardo Accolti, denominado o *Unico Aretino*, nasceu em Arezzo em 1465 e finou-se em 1526. Adquiriu no seu tempo grande celebridade e muita gente ia ouvi-lo recitar ou improvizar versos em publico. O cardeal Bembo fez d'elle um grande elogio. Bernardo Accolti possuia muito enge-

nho e imaginação. Foi nomeado por Leão X escriptor e abreviador apostolico. E' auctor de uma comedia, *Virginia,* publicada com as suas poesias em Florença, em 1513.

Lodovico Ariosto nasceu em Reggio em 1474 e finou-se em Ferrara em 1533. Pertencia a uma antiga e nobre familia do ducado de Modena. O vivo impulso dado aos espiritos pelos precursores da Renascença orientou-o muito novo para as lettras. Era o momento em que, graças ás investigações e aos felizes achados de Petrarca, Pogge, Marcilio Ticino, esses infatigaveis descobridores de manuscriptos, toda a antiguidade, durante tanto tempo mergulhada nas trevas, surge á luz do dia. Plauto e Terencio acabavam de ser impressos; Ariosto extrahiu d'ahi duas comedias italianas: *I Suppositi* e a *Cassaria*. Uma pequena collecção de poesias lyricas, latinas e italianas, chamou tambem para elle a attenção do cardeal d'Este, irmão do duque Hercules II, de Ferrara. D'ahi por deante o moço poeta nunca mais deixou de pertencer ao sequito do cardeal ou de seu irmão. Não era perfeitamente uma sinecura viver na côrte d'esses pequenos principes, invejosos uns dos outros, disputando entre si os litteratos que podiam dar fama á sua casa, e só pagando com uma hospitalidade bastante larga e alguns presentes a assiduidade continua dos seus poetas favoritos. Deviam, mais, servir-lhes de secretario ou de embaixador, encarregarem-se de missões delicadas e levá-las a bom termo. Ariosto desempenhou com intelligencia e actividade o seu cargo de gentilhomem da casa do cardeal, acompanhou o seu protector nas suas viagens e embaixadas, estudou por sua conta negocios espinhosos, e teve ainda tempo de escrever em sua casa a maior parte da sua obra prima, *Orlando furioso*. Bojardo e Palci, tinham-lhe já fornecido, como se disse atraz, um no seu *Orlando innamorato,* outro no seu *Morgante maggiore,* dois modelos d'este genero de poema semi-serio e semi-burlesco, que Ariosto facetou até á perfeição.

LODOVICO ARIOSTO

Tendo-se zangado com o cardeal, ligou-se ao duque Hercules I, que ha muito tempo desejava tê-lo. O duque encarregou-o, como seu irmão, de diversas missões diplomaticas, de que se desobrigou com desvello, e mesmo, para utilizar os seus serviços, nomeou-o governador de um districto infestado de quadrilhas de salteadores, com instrucções de os destruir. Não era encargo para um poeta, mas Ariosto demonstrou que possuia egualmente o estofo de um capitão e guerreou com tanta facilidade como escrevia, isto por 1522. Foi em 1514 ou 1515 que Ariosto se desaveio com o cardeal de Este. O seu primeiro cuidado, em casa do duque Hercules, incidiu todo em dar a ultima demão ao seu poema, e em 1516 fez sahir a primeira edição. A fama do auctor estendeu-se quasi immediatamente a toda a Europa. Além d'esta vasta composição, em que Ariosto ostentou todas as riquezas da sua imaginação, escreveu junto do duque de Ferrara um grande numero de pequenos poemas de occasião, estancias, sonetos, satiras, poesias latinas, que foram colligidas nas suas obras completas, e fez representar nas diversões da côrte, além do *I Suppositi* e a *Cassaria,* comedias escriptas na sua mocidade, duas outras peças theatraes de um valor muito superior a esses primeiros ensaios. São ellas a *Lena* e *O Nigromante,* comedias em verso, bem como uma quinta, a *Scolastica,* que Ariosto principiara a escrever para o casamento de Renata, filha de Luiz XII, com um principe de Este, e da qual só acabou os tres primeiros actos; os dois restantes foram escriptos por Gabriel de Ariosto, irmão do poeta. As comedias de Ariosto denotam uma graça e uma originalidade de invenção pouco communs.

A *Cassaria* foi representada na côrte do duque de Ferrara, em 1515, E' uma das primeiras comedias regulares escripta em italiano. O nó da intriga reside no cofre de um velho avarento. O filho, que o sabe cheio de ouro, consegue depois de muitos ardís, apoderar-se d'elle para comprar uma escrava por quem anda apaixonado. O fundo d'esta peça é constituido por velhacadas e maus costumes, animada, por assim dizer, pelo espirito de Plauto. Era o defeito da época. A intriga é pouco complicada, mas viva e bem orientada.

O *Nigromante*, que tem cinco actos, desenvolve a seguinte acção. Um rapaz casado secretamente vê-se impellido pela familia, que ignorava o primeiro consorcio, a um novo enlace. Isto é feito com tal rapidez, que o mancebo, não achando meio de se libertar de tantas instancias, se deixa encadear de novo, o que o converte n'um bigamo a seu pesar. Para fazer annular este segundo casamento, imagina um meio singular: finge-se impotente. Desolação da noiva e de toda a casa. Chama-se um magico de passagem pela cidade, um homem de virtude que, estando em convivio com os expiritos, ha de descobrir um expediente para conjurar o destino do pobre rapaz. O magico não descobre outra coisa senão estender as mãos e receber dobrões. Recebe-os do sogro para que cure o genro e recebe-os d'este para que a enfermidade persista. E' um *imbroglio* completo. O aspecto serio do nigromante, o seu espirito sempre vivo e fertil em expedientes, auxiliado pelas manhas do classico creado imprimem á obra um accentuado cunho jocoso.

Antonio Francisco Grazzini nasceu em Floreça em 1503 e ali morreu em 1583. Contribuiu em 1540 para a fundação da academia florentina dos *Humidos*, onde tomou o cognome de *Il lasca* (cadoz); depois para o da famosa academia de Crusca, 1550. Uma parte das suas obras perdeu-se. Entre as que nos restam, distinguem-se sete comedias: sonetos, *capitoli* satyricos, 1584; e sobretudo uma collecção de novellas espirituosa: *Cene*, á maneira do *Boccacio*.

A comedia *Madragora* de Machiavello, appareceu em 1518. La Fontaine imitou n'um dos seus mais lindos contos esta comedia, uma das primeiras por ordem de data, do theatro moderno.

Um nescio, messer Nicia Calfucci, possue a mulher mais formosa e de mais juizo de Florença, mas não tem filhos d'ella e vive desolado. Callimaco, apaixonado por esta nova Lucrecia, a quem não póde seduzir, faz acreditar ao descontente esposo, que está de posse da receita de uma poção de mandragora, que torna fecundas as mulheres estereis. A poção, porém, apresenta um inconveniente: as primeiras caricias da mulher que a bebeu são mortaes. Nicia não quer mais ouvir falar em mandragora. Callimaco suggere-lhe um expediente. Tudo se pode arranjar fazendo com que durma uma noite com sua mulher o primeiro pateta que se preste a isso. O veneno depois de uma vez infundido *in anima vili*, não offerece nenhum perigo. O pobre diabo do marido, depois de muito tergirversar, resolve-se a acceitar o expediente. Callimaco disfarçado em moço de fretes, faz com que Nicia, por acaso, o escolha a elle, mediante a interferencia de dois cumplices. Gallimaco é introduzido no quarto da condescendente dama, ao passo, que durante esse tempo, o marido esfrega as mãos muito satisfeito. Nada mais habilmente construido que essa successão de scenas de um comico perfeito.

Nicoloau Machiavello nasceu em Florença em 1469 e finou-se em 1527. Pertencente a uma antiga familia patricia, mas decadente, Machiavello, filho de um pobre logista, foi educado por um litterato Virgilio Adriano. Em 1498 recebeu a nomeação de chanceller do Conselho de Senhores, e em seguida a de secretario de Estado. Tinha a seu cargo a correspondencia politica, o registro das deliberações do conselho que constituia o poder executivo de Florença, a redacção dos tratados e a maior parte das relações diplomaticas. Neste intervallo acceitou vinte e três missões no estrangeiro, nomeadamente em França, junto de Luiz XII. Emprehendera assegurar a independencia dos florentinos, e para o conseguir, tentou crear milicias nacionaes, afim de libertar a sua patria dos *condottieri*. Absorvido até ahi pelos seus trabalhos politicos, só publicara poesias da mocidade e as suas *Legações*. Foi então que o Papa e o imperador, victoriosos da França, alliada de Florença, tornaram a dar posse d'esta cidade aos Medicis, que proscreveram Machiavello, 1512. Deve-se á este exilio a maior parte das obras que immortalizaram o nome de Machiavello. Escreveu, em 1515, a mais celebre de todas, aquella que um erro singular faz chamar *O Principe*, e que elle intitulara: *Opusculo dei principati*, «Opusculo dos governos»; no mesmo anno, muito provavelmente, compoz o seu *Tratado da Arte da Guerra*, Os *Discursos sobre Tito Livio* são de 1516 e as *Historias Floretinas* de 1525.

Machiavello viveu assim em San-Casciano, perto de Florença, até a morte de Lourenço de Medicis. Por esta época Leão X, que já o fizera comprehender na amnistia promul-

gada por occasião do seu advento, consultou-o sobre divessas reformas a applicar a Florença, e depois encarregou-o de mandar reconstruir as fortificações da cidade, porfim, de organizar o exercito da liga formada contra Carlos V. Mas Machiavello morreu pouco depois, talvez envenenado. Durante trezentos annos, o nome de Machiavello tornou-se synonimo de astucia, de duplicidade, de crueldade fria e calculada. O auctor do *Principe* foi, com mais verosimilhança, um ardente patriota, que gemia sobre a decadencia da Italia e queria tornar a collocá-la na categoria das nações, mesmo que fosse organizando um poderoso despotismo, bastante forte para dominar todas as tyrannias locaes e expulsar os estrangeiros. As suas doutrinas concordavam com o direito publico do tempo. Historiador vigoroso, que reune a erudição, a profundeza e a gravidade ao encanto e ao interesse das narrativas, considera-se Machiavello como um dos maiores escriptores da Italia. Apesar d'isto o seu nome introduziu-se na linguagem para designar um homem de Estado sem escrupulos.

JACOPO SANNAZARO

Jacopo Sannazaro, celebre na composição, para a côrte, em lingua vulgar, de differentes satiras e farças, que faziam mais ou menos claramente allusão aos acontecimentos do dia, nasceu em Napoles, em 1458, e ali morreu em 1530. Amigo de Gioviano Pontano, foi um dos membros principaes da sua academia, onde tomou o nome de *Actius Sincerus*. Tornara-se já afamado graças ao seu romance pastoral *A arcadia*, composto antes de 1481 e impresso em Veneza, contra vontade do auctor, em 1502. Compuzera-o como artista erudíto e, como se disse com justiça, fizera n'elle trabalho de mosaista, introduzindo no seu labor, com mão por vezes um pouco pesada, as reminiscencias das suas leituras, tanto das producções de Petrarca, como das dos auctores antigos: Homero, Theocrito, Virgilio, Ovidio, Nemesiano, etc. Mas o sentimento que anima a obra é sincero: é o amor profundo do poeta por Carmosina Bonifacio. Nas *Eglogæ piscatoriæ*, suggeridas pelo mar da Sicilia, encontra-se a inspiração longinqua de Theocrito e sobretudo a de Virgilio, que elle renovou substituindo por pescadores os eternos pastores.

Em 1501 Sannazaro acompanhou a França, no exilio, o rei Frederico, despojado dos seus estados, e voltou á Italia depois da morte do seu soberano, em 1504. De regresso a Napoles, na bonita vivenda da Margellina, que lhe dera o infeliz Frederico, passou o resto da sua vida no estudo e no trabalho, animado pela ternura de Cassandra Marchese. Foi então que escreveu grande parte dos três livros de elegias e dos três livros de epigrammas latinos que se lhe conhecem. Mais que nunca é n'elles sincera a inspiração, o verso elegante e sobrio, da mesma fórma que nos três livros do poema *De partu Virginis*, 1526, que é a obra mais importante da maturidade do poeta.

Nos comediographos do seculo XV devem ainda mencionar-se Ambra e Biolco pela acção preponderante que exerceu no theatro.

Annibal Caro, auctor da comedia *Gli Straccioni*, «Os miseraveis», 1582, comedia originalissima, nasceu em 1507, em Citta Nuova, Marche d'Ancona, e morreu em Roma em 1566. Foi secretario do duque de Parma e encarregado de importantes missões junto de Carlos V. Considera-se Caro como um dos mais bellos talentos da Italia do seculo XVI. Ha d'elle uma traducção em verso da *Eneida*, 1581, que passa por ser uma obra prima; *Poesias*, publicadas em 1569, cheias de elegancia e de harmonia; *Cartas familiares*, 1572-1575, que são um modelo de bôa prosa italiana.

Antonio Cecchi é o typo do auctor dramatico da Renascença, ora mystico, como na *Esaltazione della croce*, 1589, ora obscuro, por imitação da antiguidade pagan: *Commedie in prosa*, 1550; *Commedie in versi*, 1585; *Commedie inedite per cura di Giovanni Tortoli*, 1855; *di G. Milanesi*, Florença, 1856; *di M. dello Russo*, 1864. Este poeta comico nasceu em 1518 e morreu em 1587.

Antonio Alemani ou Alemano foi um poeta florentino que floresceu nos fins do seculo XV e principios do seculo XVI. Varias das suas peças burlescas foram impressas com as de Burchiello. Devem-se-lhe tambem:

Commedia la quale tratta d'ella conversione di Santa Maria Magdalena, 1521.

A *Vedova*, peça representada em 1569 e muito apreciada, porque se encontram n'ella exemplos dos diversos dialectos da Italia, foi escripta por João Baptista Cini, nascido em Florença em 1530. Foi simultaneamente poeta, auctor dramatico e decorador. Fez representar numerosas peças de theatro.

Giovanni Baptista Guarini nasceu em Ferrara, em 1537 e morreu em Veneza em 1612. Primeiro professor de Bellas-letras em Ferrara, esteve durante muito tempo ao serviço do duque Affonso II de Este e passou a sua vida nas pequenas côrtes de Ferrara, de Mantua, de Florença e de Urbino. Existem d'elle: *Rimas; Dialogo; Il secretario*, 1594; *Idropica*, comedia em 5 actos e em prosa, 1582; etc. Mas a sua obra capital é o *Pastor Fido*, tragi-comedia pastoral em cinco actos, 1590. E' uma imitação do genero pastoral creado por Tasso, na sua *Aminta*. As *obras* de Guarini, comedias, sonetos, satiras, cartas, etc., foram publicadas em Ferrara, em 1737.

Dá-se, em geral, o nome de *pastoral* a toda a especie de obras em que se representa a vida campestre, em particular a dos pastores e das pastoras, e, no theatro, aquellas cujas personagens são pastores e pastoras. Reserva-se, porém, esse nome mais accentuadamente para certas composições de maior fôlego, desenvolvidas sob a fórma dramatica, épica ou romanesca. Este genero, imitado dos antigos, foi introduzido na Italia no tempo da Renascença por Sannazaro, como atraz se disse. A sua *Arcadia*, 1504, intercalada de prosa e verso, conservou durante muito tempo uma grande voga. A primeira pastoral dramatica foi o *Sacrificio*, 1554, de Beccari, logo seguida da famosa *Aminta*, 1573, de Tasso, e do *Pastor Fido*, 1585, de Guarini.

GIOVANNI GUARINI

Em Hespanha appareceram a *Diana apaixonada*, 1547, de Jorge de Montemayor e a *Galatéa*, 1584, de Cervantes. Em França, a pastoral romanesca e heroica, nascida simultaneamente da *Diana* e dos *Amadis*, produziu a sua obra prima na *Astréa*, 1610, de d'Urfé. Em 1625, Racan publicou, o seu lindo poema das *Bergeries*, e Mairet, escreveu para o theatro a sua *Silvia*, 1621, e a sua *Silvanire*, 1625. A escola classica, todavia, interrompeu por algum tempo a carreira do genero.

A pastoral renasce no seculo XVIII, mas não incarna já o ideal de uma sociedade galante e polida; exprime aspirações novas, idéas philosophicas e humanitarias. Apparece então um sentimento mais verdadeiro da natureza; mas as obras do suisso Gessner, *A morte de Abel*, ou melhor, em França, as de Florian, *Galatéa*, *Estella*, 1788, as de Berquin e d'outros, são ainda insipidas e affectadas. No seculo XIX, a vida campestre encontrou admiraveis interpretes e inspirou obras primas como os poemas de Mistral, *Mireille*; de Laprade, *Pernette*; de Jean Aicard, *Miette et Noré*, diversos romances de Jorge Sand, de Fernando Fabre, de Pouvillon, etc.

A *Aminta* de Tasso, representada em 1572, ficou modelo do genero e marca uma data notavel na historia da litteratura italiana. Não é que não se tenha tentado antes de Tasso transportar pastores para a scena, mas é que passando pela sua mão este novo genero litterario, adquiriu um grau de perfeição até então desconhecido. O estylo da *Aminta* é puro e gracioso. Tasso retratou n'essa peça, allegoricamente, a côrte de Ferrara.

A pastoral *Il Pastor Fido*, «O pastor fiel» tem cinco actos e é em verso. Data de 1590. O seu entrecho é o seguinte: A arcadia, exposta ás iras de Diana ha mais de um seculo, é constrangida a sacrificar-lhe todos os annos uma virgem. Este tributo só cessará quando dois corações de origem celeste se unirem pelo amor, e quando a alta piedade de um pastor fiel tiver reparado o antigo erro de uma pastora que o não foi. O oraculo cumpre-se pela dedicação de Nistyl, que obtem o titulo de *Pastor fiel*, e pelo casamento de Dorina e de Sylvio. Notavel pela riqueza e frescura da poesia, o *Pastor Fido* alcançou um immenso exito. A fabula principal está entremeada de episodios onde abundam as passagens travêssas, as descripções risonhas, e por vezes rebuscadas. A

obra deve principalmente o seu exito á pintura do amor campestre, tal como se comprehendia n'essa época; apesar de tudo quanto o genero apresenta de falso para nós, algumas scenas são verdadeiramente commovedoras.

A pastoral *Il sacrifizio* para a qual Alfonso della Viola compoz a musica e que foi representada em 1554, é fria e langorosa. Fez época na historia do theatro italiano, porque é a primeira comedia d'esse genero que se conhece e porque tornou Beccari, seu auctor, o verdadeiro inventor da especialidade. Agostinho Beccari nasceu em Ferrara em 1540 e morreu em 1590.

Giordano Bruno, o grande pensador, é auctor de uma comedia em prosa *Il Candelaio*, «o fabricante de velas», cheia de graça e de bom humor, mas cujo assumpto é enigmatico. Bruno nasceu em Nola, em 1550, e foi queimado vivo em Roma em 1600. Vestira na juventude o habito de dominicano, mas tornado incrédulo, abandonou o convento e começou a sua vida errante visitando successivamente Napoles, Genova, Nice, Milão, Veneza, sempre expulso de cidade em cidade por causa da audacia das suas opiniões. Em 1580, estando em Genova, abraçou o calvinismo. Depressa se desaveio com Calvino e Beze e se encaminhou para Lyon, depois para Tolosa, que acolheu a sua palavra com clamores e por fim para Paris. Bruno encontrou em Paris protectores poderosos no grande prior Henrique d'Angoulême e no embaixador de Veneza J. Moro, que o apresentou a Henrique III. Graças a este alto patrocinio, obteve do reitor da Universidade de Paris, João Filerac, permissão de ensinar philosophia.

Em Paris, Bruno, alcançou os maiores triumphos. Era vivo, bonito, eloquente. Tanto quanto se póde ajuizar das suas lições pelos seus livros, Giordano Bruno combatia todo o ensino official de então. Substituiu a logica de Aristoteles por outra, cujos germens fôra buscar a Raimundo Lulle; á astronomia de Ptolomeu oppoz a de Copernico; á physica de Aristoteles, ao seu mundo finito, ao seu céo incorruptivel contrapoz a idéa de um mundo infinito, movimentado por uma evolução universal e eterna; estabeleceu como contraste da religião christan a religião da natureza, e só via nas religiões superstições e simbolos. Visitou a Inglaterra e a Allemanha. Em 1592 teve a imprudencia de voltar á Italia, onde a Inquisição o mandou prender. Accusado de here-ia, foi intimado a retractar-se sob pena de morte. Recusou. Foi excommungado e degradado. Concederam-lhe um prazo de oito dias para confessar as suas faltas; recusou reconhecê-las, e morreu com grande pompa na fogueira, como apóstata, heretico e transgressor dos seus votos.

II

Commedia dell'arte

Poliziano — «Cefalo» — Chiabrera — Cortese — Peri — Rinuccini — Bettini — Os três Bonarelli della Rovere — Borghini — Draghetti — Scipião — Testi — Araldo — Nardi — Richi — Seco ou Secchi — «Commedia dell'arte» — Ruzzante — Personagens da comedia italiana — Arlecchino, Brighella, Beltramo, Scapino, Pantalone, Zacometo, Pulcinella, Scaramucchia, Spavento, Tartaglia, Marco-Pepe, Cassandro, Stenterello, Gianduja, Covicello, Giangurgolo, Peppe-Napa, Pagliaccio, Pasquino, Pedrolino, Razullo, Sitonno, Smargiasso, Spezzafer.

Falámos no capitulo anterior da pastoral ou drama pastoril, idylio bucolico n'uma fórma dramatica. N'esse genero houve os que eram só destinados á declamação e os adornados com musica, pois como já se disse (1), o drama pastoril é parente proximo da opera. N'esta especialidade, a primeira obra de que ha conhecimento é o *Orfeo* de Angelo Cini ou Ambrogini, conhecido pelo Poliziano, humanista italiano, nascido em Montepulciano, em latim «Mons Politianus.» e d'ahi o sobrenome, perto de Sicuna, em 1454, e fallecido em Florença em 1494. Estudou em Florença, onde ouviu as lições de Marsilo Ticino e de João Argyropulos, em 1469. Traduziu em versos latinos o segundo livro da *Illiada* e os seguintes até o quinto, e captou o favor de Lourenço de Medicis, que fez d'elle, em 1470, um dos seus secretarios. Em 1471 escreveu o seu *Orfeo*, a sua primeira composição dramatica, a primeira

(1) *Evolução do theatro.*

escripta em italiano sobre um assumpto profano, e que foi representada na côrte de Mantua. As suas *Stanze* para as justas em que ficou vencedor Julião de Medicis, irmão de Lourenço, em 1475, ficaram, com justiça, celebres. Poliziano foi acima de tudo um philologo e é considerado como um dos melhores historiadores do seu seculo pela sua breve e empolgante narração da conjura dos Pazzi, em 1478.

ANGELO CINI OU AMBROZINI
O «POLIZIANO»

A *Cefalo* ou *Aurora* foi representada em 1487, em Ferrara. Escreveu-a Nicclau Corregio, nascido em 1449 e fallecido em Ferrara em 1508. Alistou-se em 1482 ao serviço de Hercules Este, duque de Ferrara, para combater os venezianos, e foi encarregado de conduzir, de Roma a Ferrara, Lucrecia Borgia, noiva de Affonso de Este.

Gabriel Chiabrera, nascido em Savona em 1552 e fallecido em 1637, estudou com amor Pindaro e Anacreonte e conseguiu introduzir na poesia italiana a sublimidade lyrica do primeiro, a graça e a elegancia do segundo. Compoz poemas épicos, pequenas epopéas, comedias, dramas lyricos, etc.

Francisco Bracciolini, padre, nasceu em Pistoia em 1566 e morreu em 1646. Deixou: *La croce racquistata*, 1605, poema heroico; *Lo sherno degli Dei*, 1618, poema heroi-comico e algumas tragedias.

A pastoral *La Rosa* pertence a Julio Cesar Cortese, nascido em Napoles em 1570 e fallecido em 1630. Esse poeta adquiriu no genero burlesco uma brilhante reputação. Ha d'elle interessantes poemas satyricos: *A Vajasseide; Mico passaro innamorato; Cerriglio incantato* e o romance em prosa *Aventuras di Ciulio et di Perna.*

PANTALONE

João Domenico Peri, conhecido pelo «poeta dos bosques», nasceu no condado de Sienna em 1570, e morreu em 1638. Seus paes eram pobres camponezes; passou nos bosques a maior parte da sua juventude. Graças a algumas poesias de occasião, compostas a proposito de viagens e de festas de principes, o seu nome começou a divulgar-se. Chamado a Florença por Como II, o poeta campezino levou ali um drama rustico que foi posto em musica e representado com exito. Como II arbitrou uma pensão ao poeta, que aproveitou os seus ocios para compôr o *Adamo cacciato dal paradiso*, tragi-comedia, 1627 e duas collecções de dramas campestres: *Drammi pastorali* e *Commedie boscherecce*, 1628. Existem ainda de Peri dois poemas: *Il mundo disolato* e *Fiesole distrutta*, 1619.

Ottavio Rinuccini nasceu em Florença em 1565 e morreu em 1621. E' o creador do recitativo. Uma das suas obras primas é *Ariana em Naxos*. Maria de Medicis levou-o comsigo para França, onde Henrique IV o accumulou de favores. Além dos seus dramas lyricos, ha d'elle peças anacreonticas cheias de delicadeza e de sentimento. Publicou *Dafne, rappreżentazioni in versi*, 1600, reimpressa com a *Euridice* e a *Ariana* do mesmo auctor, com o titulo de *Drammi musicali*, em 1802. As suas *Poesias diversas* foram publicadas por iniciativa de seu filho, em 1622.

Mario Bettini era jesuita. Nasceu em Bolonha em 1582 e morreu em 1657. A mais conhecida das suas obras litterarias é uma peça intitulada *Rubenus*, de 1614, que agradou pela sua singularidade e foi traduzida em varias linguas.

O drama pastoril *Filli di Sciro*, 1607, que gosou, no seu tempo, de uma grande reputação, tornou afamado Guidubaldo Bonarelli d'ella Rovere. Nasceu esse poeta em Urbino em 1563 e morreu em 1608. O duque de Ferrara, Affonso d'Este, e mais tarde o duque de Modena confiaram-lhe diversas missões diplomaticas. Foi um dos fundadores da academia *Dei Intrepidi*, em Ferrara.

Esta familia Bonarelli d'ella Rovere forneceu um contingente importante de comediógraphos á Italia. Prospero, irmão do precedente, nascido em 1588 e fallecido em Ancona em 1659 compoz para o theatro um

grande numero de trabalhos; as tragedias: *Il Solimano,* 1619; e *Il Medoro incoronato,* 1645; três comedias em prosa: *Gli abbagli felici; I fuggitivi amanti* e *Lo Spedale,* 1646; uma pastoral tragi-comedia intitulada *Imeneo,* 1641; etc. Ha ainda mais d'elle: *Della fortuna d'Erosmando e Floridalba,* 1642.

O filho do anterior, Pedro Bonarelli della Revere, entregou-se com seu pae á poesia dramatica, e acompanhou a França, em 1640, o legado Mazarini. Existe d'este uma collecção de peças de theatro, com o titulo de: *Poezie dramatiche,* 1655. Publicou tambem *Poezie liriche,* 1655, e *Discorsi academici,* 1658.

Rafael Borghini escreveu varias comedias, e, em 1584, uma obra sobre artes intitulada: *Il riposo.*

Francisco Draghetti, poeta do seculo XVI, escreveu dois pequenos poemas jocosos com o titulo *Horto delicioso delli Sponsi novelli* e *Il labirinto de mal maritati.* Compoz igualmente uma pequena comedia em dialecto bolonhez intitulada: *Lamento di Tugnol da Mnerbi.*

Eurico Scipião, auctor do *Deidamia, dramma musicale,* representado em Veneza em 1644; *Poezie,* 1653; *Rivolte di Parnasso,* 1625; nasceu em Messina em 1592 e morreu em 1670. Tomou ordens e algumas das suas obras obtiveram exito.

Fulvio, conde de Testi, auctor das peças *Arlinda* e *Ilha d'Alcino,* nasceu em Ferrara em 1593 e morreu em Modena em 1646. Exerceu o cargo de bibliothecario do duque de Ferrara, depois o de secretario de Estado no ducado de Modena. Nomeado conde e embaixador em Madrid, não foi bem succedido nas suas funcções e obteve o governo da Ganfagrana, em 1640. Foi então que se comprometteu com Mazarin n'uma intriga que nunca se soube bem o que era e que determinou a sua prisão. Morreu no carcere. Além das duas peças escreveu *Cartas,* poesias lyricas, *Rime,* 1613; *Italia,* 1617.

Além dos escriptores dramaticos a que atraz nos referimos e succintamente biographamos, ha a accrescentar os nomes de Araldo, Nardi, Ricchi e Seco ou Secchi, dos quaes não pudemos obter nenhuma nota biographica nem bibliographica.

A Italia foi berço de um genero interessante a *Commedia dell'arte,* mais tarde introduzida em França com o nome de *Comédie improvisée, comédie sur canevas, comédie à l'impromptu.* A originalidade da *commedia dell'arte* consiste em que só o plano da peça é traçado nas suas linhas geraes e o resto, os pormenores, o dialogo, as réplicas, os ditos espirituosos ficam ao arbitrio, ao engenho pessoal do actor. Uma unica coisa facilita a imaginação d'este: é que os papeis da *commedia dell'arte* são nitidamente desenhados e consagrados pela tradição, e não se pode afastar d'ellas. Foi *Ruzzante,* Angelo Beolco, quem primeiro deu corpo a esta comedia de improvização. Angelo Beolco nasceu em Padua e viveu de 1502 a 1542. Era primoroso no desempenho do papel de *Ruzzante,* uma especie de capitão. Em 1528 fez representar a sua primeira comedia em prosa, em que cada personagem falava um dialecto differente. Beolco, como tantas vezes succede, era simultaneamente actor e auctor, e publicou seis comedias em diversos dialectos, incluindo o grego do tempo, 1530. Era um meio de interessar mais particularmente cada localidade na mesma peça e tornar a obra mais popular. Nas peças improvizadas, cada provincia continuava a ser representada por uma personagem que falava o seu dialecto: Bergamo deu *Arlequim* e *Brighella;* Milão, *Beltramo* e *Scapino;* Veneza, *Pantalone* e *Zacometo;* Napoles, *Pulcinella, Scaramuccia, Spaviento, Tartaglia,* o *Capitão* e o *Bascegliese;* Roma, *Marco-Pepe, Gelfomimo* e *Cassandro;* Florença, *Stantorello;* Bolonha, o *Dottore* e *Narcisino;* Turim, *Gianduja;* a Calabria, *Covicello* e *Giangurgolo;* a Sicilia, o *Barone, Peppe-Nappa,* etc. Estes typos pouco variaram, relativamente, com o tempo e encontram-se ainda nas comedias de «marionettes», fórma popular de *Commedia dell'arte.* Ha mais n'estas comedias os *Inamoratos* e com papeis mais ou menos serios a *Smeraldina, Colombina, Spilleta* e outros typos de creadas ou servettas.

Entre os estudos curiosos e eruditos que o theatro nos proporciona, um dos menos conhecidos é o das personagens mais ou menos classicas. Se o entrecho das tragedias, comedias e outras peças muito occupou o cerebro dos grandes tragicos da antiguidade, dos dramaturgos e comediógraphos que deixaram um nome fulgurante na historia da litteratura dramatica, não menos traba-

lho, desvello e conhecimento da alma humana lhes custou o crearem e desenharem personagens que teem atravessado os seculos como um símbolo que nunca mais se apagará da memoria dos homens. Facto curioso, existem individualidades que figuram hoje no theatro como se exhibiam ha milhares de annos, apresentando a mesma estructura psycologica, o que não admira muito, e com análoga condição scenica, o que surprehende um pouco.

TARTAGLIA

Está n'estas circumstancias o *Arlecchino,* que alguns querem que corresponda ao antigo francez *Hellequin,* nome de um diabo famoso nas lendas medievas, e outros que ascenda á mais alta antiguidade. Encontra-se ahi o bobo grego, o sátiro vestido com a pelle de uma fera estreitamente apertada ao corpo, tendo na mão uma varinha, no rosto uma mascara de côr trigueira e na cabeça um pequeno chapéo preto ou branco e que representa o rustico atheniense, malicioso e grosseiro, ridiculo e zombeteiro. Esse bobo grego passou para Roma onde se transformou no Macco e no Bucco das *atellanas.* Mais tarde chamou-se *Sannio* (de *sanna,* galhofa, motejo, careta) e appareceu em scena com o rosto bezuntado de cebo, com a cabeça rapada, e com um traje de retalhos de diversas côres. A Italia moderna recorreu ás proprias tradições para crear o seu arlequim, que completou mettendo-lhe uma espada de pau na mão, com a mascara e com o chapéo do bufão grego. Cremos que a dezignação antiga de *Sannio* se perpetuou na de *Zanni,* nome que os italianos dão ao seu arlequim.

SIANGURGOLO

Arlequim parece ter sido a principio a personificação dos habitantes de Bergamo, como representara outr'ora o camponez de Athenas e o escravo em Roma, como Pantalone e Scapino se identificaram com os venezianos e com os napolitanos. Depois de ter feito as delicias da Italia, o jocoso trio atravessou para França, onde encontrou excellente acolhimento. Arlequim levou para ali o seu traje tradicional: mascara preta, chapéo cinzento, veste pintalgada, de retalhos verdes, encarnados, amarellos, azues, e a vara. Mas modificou a linguagem e os costumes. Em Bergamo, Arlequim era um jogral baixo, impudente, com frequencia feroz e cynico, sempre guloso e poltrão, e é assim encadernado que surge no *Hanswurst* da comedia alleman; em França, onde, sob os auspicios de Mazarino, se apresentou de começo ante uma sociedade brilhante e polida, Arlequim conservou os seus defeitos, mas occultou-os debaixo de uma capa menos grosseira e mais espirituosa e divertida.

Brighella é outra curiosa personagem da *commedia dell'arte.* Vestido todo de branco, tinha na origem alguma semelhança com o francez Pierrot. Introduzido em França no seculo XVI com o nome de «Briguelle», metamorphoseou-se em creado velhaco e mentiroso.

Beltramo foi um typo caracterisado definitivamente pelo actor italiano Nicolo Barbieri no começo do seculo XVII, *Beltramo* apresenta alguma analogia com Pantalone, mas é menos ingenuo, menos ridiculo, e sabia muito a proposito tirar partido da finura que fingia esconder por traz do seu ar bonacheirão.

Scapino, que figurou uma das principaes personagens do antigo theatro italiano, foi naturalizado francez por Molière nas suas *Fourberies de Scapin. Scapino* é o typo do creado ordinario, da familia dos *Zanni,* que descendem por seu turno dos Davo e dos Geta. O primeiro Scapino que appareceu em França, na côrte de Luiz XIII, foi Francesco Gabrieli; fazia parte da companhia dos *Fedeli,* dirigida por Beltramo (Nicolo Barbieri), Brighelle, Flautino, Grandelino são variedades do Scapino, cujo traje primitivo foi modificado por Mezzetin. Foi o proprio Molière quem estabeleceu o papel do Scapino francez, no qual brilharam successivamente, depois d'elle, Rosimond, Raisin cadet, La Thorillière filho, Armand, Préville, Dugazon, Monrose pae, Samson, Regnier e Coquelin mais velho. O papel

representa-se ainda com o traje de Mezzetin: justilho, calção, manto de fazenda ás riscas brancas e vermelhas e barrete da mesma fazenda.

O *Pantalone*, como atraz dissemos, é um typo originario de Veneza. E verosimil que o seu nome provenha do patrono d'aquella cidade San Pantaleone. E' um velho com pigarro, escarrando a cada momento, libidinoso e avarento. Veste a beca doutoral e uma casaca guarnecida de botões. E' victima de todos os Arlequins de Italia e de todos os Scapinos de França, confunde-se, como o Bartholo da *Commedia sostenuta*, passa pelo Jacquemin Sadot dos theatros de feira francezes para ir bater aos Gorgibus e aos Sganarellos de Molière. Shakspeare pintou este typo no *Como vos approuver*. Tambem se costuma dar o nome de *pantalone* aos venezianos, por graça, como o de *alfacinha* aos lisboetas.

Zacometo é a corruptela de Giacometto. Zacometo chamava-se no seculo XVIII Momalo, diminuitivo de Girolamo. E' o *caratterista* veneziano. Vestido ordinariamente de algodão branco, pinta a cara de branco como Pierrot, salvo uma grande mancha de encarnado côr de sangue, posta brutalmente n'uma das mãos, e uma meia vermelha, a moda veneziana do seculo XV.

PEPE-NAPPA

O *Pulcinella* napolitano, não é o polichinello corcunda, de traje vistoso, aclimado em França. E' uma personagem de comedia, de nariz adunco, mas de figura direita, de camisola e calças brancas, com uma meia mascara negra. Ruidoso, vivo, passa o seu tempo em fanfarronadas e a mofar de Cassandra.

Scaramuccia é um typo vestido de preto da cabeça aos pés, o que auctorisou Molière a dizer, falando de uma noite sem estrellas: «O céo, esta noite, vestiu-se de Scaramouche!» Tiberio Fiorelli, que o vestiu primeiro e inventou talvez o nome de Scaramuccia, era filho de Silvio Fiorello, chamado «o capitão Matamouros» o que explica o parentesco de Scaramuccia com Matamouros. Tiberio foi para Paris em 1640 e teve a honra de fazer rir Luiz XIV ainda no berço, e aquella, ainda maior, de servir de modelo ao joven Molière. Scaramuccia teve a existencia mais movimentada. Mezzetin contou a *Vie de Scaramouche*, que appareceu por morte do velho comediante, em 1694. O nome ficou como classificação, participando um pouco do «Capitão» e do «Arlequim», com a pallidez do Pierrot, as sobrancelhas muito negras, o bigode á china e a viola ao lado.

Spaviento é o typo do «Fanfarrão», do «Capitão». Esta personagem data do seculo XV e foi introduzida em França, em 1577, pela companhia dos Gelosi.

Tartaglia (Tartamudo) é um typo originario de Napoles. Creado palrador e gago, perpetuamente zangado, gordo, com banhas, gabarola e poltrão, tem a vista curta e usa grandes lunetas azues. Foi um typo pouco espalhado em França.

Marco-Pepe é uma especie de polichinello romano, adversario irreconciliavel do outro polichinello, «Meo-Patacca». Mais velhaco ainda, se é possivel, que o verdadeiro polichinello, *Marco-Pepe* grita mais que toda a gente, e é sovado por toda a gente. Zacconi, director do theatro Emiliano em Roma, corcovado, representou *Marco-Pepe* e deu-lhe uma prodigiosa popularidade.

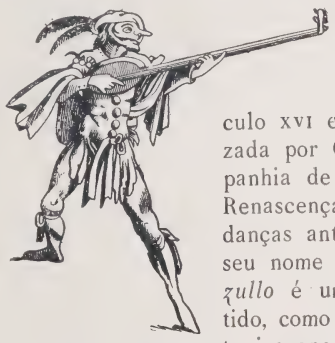
Cassandro é o typo do velho imbecil e crédulo, joguete ordinario e victima facil de Lelio, Colombina, Arlequim e Pierrot. Este typo gosou de uma grande voga durante os vinte ultimos annos do seculo XVIII. Appareceu pela primeira vez em França em 1780 n'uma farça de Piis e Barré: *Cassandro oculista;* depois no *Cassandro mecanico*, *Cassandro astrologo* e n'uma porção d'outras peças. O vocabulo passou para a lingua franceza e chama-se ali ainda Cassandro a um velho ridiculo e sempre ludibriado.

Stenterello ou *Stentarello* é um typo destinado a soffrer. E' como o Jocrisse dos francezes. O seu traje é sempre pintalgado: veste de barregana azul-claro, collete amarello, um calção com uma perna preta e outra verde, meias de algodão, uma lisa e outra ás riscas.

Gianduja é um typo ordinario de Turim, mas egualmente popular em Genova e Milão e que se chamou primeiro «Girolamo» (Jeronymo). Os emprezarios mudaram-lhe o

nome, em 1802, por consideração para com o rei Jeronymo; o comediante tomou o appellido menos compromettedor de *Gianduja* (João do quartilho). E' um camponez finorio, fingindo-se tolo, um falso pateta, ou melhor um pateta com malicia. E' o typo do rei Bobèche.

A Calabria não apresenta caracteres menos curiosos. Um d'elles é *Covicello*, abreviatura de Jacoviello. Provém dos Abruzzos e figura na *Malmantile* de Lippi. O seu typo na Italia é o de um *bravo* imbecil, de bigode feito a carvão, com uma espada que tem a rematar-lhe os copos uma laranja. Salvator Rosa pintou-o, e Hoffman no seu *Conto*, fornece pormenores interessantes sobre tal personagem, que se póde approximar do «Thrason» de Terencio. Esta classificação depressa desappareceu, por isso que Gherardi não a cita nunca, e que, na scena franceza, só apparece uma unica vez no *Bourgeois gentilhomme* de Molière. E' um creado patife, da escola dos Mascarillos e dos Scapinos, que se apresenta com audacia e ostenta através de toda a peça as caretas do seu rosto de napolitano manhoso.



RAZULLO

Giangurgolo, «João Guloso» tambem da Calabria, typo dos «capitães», é de uma voracidade terrivel. E' libertino, poltrão, gabazola e gatuno. As suas caracteristicas são: comprido nariz postiço, bigodes para metter medo aos pardaes, chapéo amplo e ponteagudo, um espadagão interminavel cheio de teias de aranha, justilho escarlate com mangas de um amarello esmaecido ás riscas vermelhas.

Peppe-Nappa pertence á comedia siciliana, e, salvo a côr do traje, é quasi identico a «Giglio». Veste uma libré azul clara, uma faixa branca na cabeça, chapéo branco ou cinzento e sapatos de cabedal tambem branco. A sua agilidade surprehende; dansa, salta. E' quasi sempre creado, seja de amos novos, seja de velhos. O seu maior defeito reside na gulosice.

A *Commedia dell'arte* ainda apresenta outros typos dignos de nota, como por exemo *Pagliaccio*, antecessor do «Pailasse» francez. Serve ordinariamente de creado a «Pantalone». O seu papel e o seu traje approximam-se do de Pierrot; mas differença-se d'este pela tolice. Embora dê os conselhos mais ousados, a sua covardia não conhece limites e, affectando agilidade, não deixa nunca de se estender ao comprido.

Pasquino arvora-se em émulo de «Brighella» e de «Scaramuccia». Descarado, glutão, mentiroso, tagarella, *Pasquino* mostra-se por occasiões melancolico, mas a maior parte das vezes apresenta-se enthusiasta dos bailes, amigo de brincar e habil nas piruetas.

Pedrolino foi na Italia o predecessor de «Pierrot». Appareceu muitas vezes em França na companhia dos *Gelosi*, de 1576 a 1604.

Razullo apparece-nos como o typo grotesco do dansador florentino do seculo XVI e cuja physionomia foi eternizada por Callot. *Razullo* tinha na companhia de dansarinos que, na época da Renascença renovaram a tradição das danças antigas, a funcção indicada pelo seu nome de «zangarrear» a viola. *Razullo* é um pequeno ser disforme, vestido, como um jogral da côrte, com uma tunica apertada por uma enfiada enorme de botões.

Sitonno faz parte do repertorio napolitano e ridiculariza os defeitos do homem do povo. Surge sempre a proposito para provocar rixas no meio dos ajuntamentos, mas derrama com muito mais vontade vinho que sangue. Veste o traje do povo miudo napolitano, casaco redondo de belbutina amarella, carapuça á banda, calças claras e cinta vermelha.

Smargiasso ou *Vappo* pinta uma personagem napolitana, fanfarrona, brigan, gabazolla e pusillanime. Veste um traje «á regencia» e cinge uma espada compridissima.

Spezaffer constitue mais um typo da comedia italiana. Foi levado para França, em 1640, pelo actor italiano Giuseppi Bianchi. O seu traje francez data do reinado de Luiz XIII; chapéo redondo com pennacho, grande collarinho e larguissimo justilho.

No proximo capitulo concluiremos a descripção succinta d'estes typos de comedia.

Compilado por

EDUARDO DE NORONHA.

O tento vermelho

(CONCLUSÃO)

Durante este coloquio, estavam á porta da cabana do velho José, e Rachel puxou lá para dentro Vétérin, fechando a porta na cara do magote de aldeões, cuja attenção se voltou para a montada do militar, e, com a afflicção a embargar-lhe a voz, disse:

— E não obstante, não o posso acompanhar. Já estou casada. Sou mulher de outro homem.

O subalterno deu um passo atrás; depois, com um riso aspero, um riso de desprezo:

— Ha! ha! exclamou, dando aos hombros, isso agora é outro caso. Mas quem não hade gostar da noticia é o pobre do Felipe La Hire, — e encaminhou para a porta.

— Não se retire, accudiu a rapariga, corando até á raiz dos cabellos perante o tom ironico do militar. Tenho um recado para lhe dar, em resposta ao seu. Queira dizer ao Nicolau que, comquanto elle não deva tornar a apparecer em Orgemont, nem tornar a ver-me, sou apenas casada nominalmente. Atesto a Deus em como sou e ficarei sempre donzella, por amor ao Nicolau.

Diga-lhe, tambem, que poucas semanas depois de elle se haver ausentado, o Simão Mansart...

— Ah! atalhou Vétérin, tenho ouvido falar dessa prenda.

— O Simão Mansart adoeceu. A's portas da morte (que assim o suppunhamos todos), propôs-me casamento, pois me quer tanto como quer á burra do dinheiro. E em trôco, offereceu-me quanto dinheiro tinha escondido em casa.

Recusei.—Insistiram comigo, alegando que o senhor Mansart não tinha a quem deixar a riqueza que havia accumulado, e que se limitava a rogar-me que lhe concedesse o poder dar-me o nome de esposa, ainda que fosse apenas pelo espaço de uma hora, pois que, se eu nessa qualidade lhe assistisse ao passamento, sequer ao menos morreria consolado. Insisti na recusa. Depois, puseram-se a apertar comigo — que existia um documento que só esperava pela minha assignatura, e em virtude do qual, ainda em vida do senhor Simão Mansart, a sua riqueza me era transferida, — e que era certo, e mais que certo, elle não poder escapar. Tornei a declinar a offerta. Allegaram que devia respeitar o ultimo pedido de um moribundo que me testificava tanta affeição; e que isso representava, não só um dever, mas ainda uma acção nobre e digna, da minha parte. Não annui, ainda, desta vez.

— Pois sim! Mas sempre veiu a ceder! suspirou Vétérin, confrangido o coração por uma lagrima a estilar pelas faces mimosas da pobre rapariga.

— Pelo amor que voto a meus paes. Fizeram a sua vontade, afinal. São pobrissimos, e a guerra acabou de nos desgraçar. Fiz calar a voz do coração, a da consciencia, e disse que sim. Naquella mesma noite assignei o tal papel e fiquei sendo noiva do senhor Simão Mansart; naquella mesma noite, eu, sentada á cabeceira do seu leito e com a minha mão entre as suas, e elle a fitar-me uns olhos em que eu, aterrada, lhe lia a expressão do mais ardente amôr.

— E o patife, escapou? Com trezentos...!

Iria jurar que não estava tão mal como alegava. Logo vi que era marosca!

— Foi Deus que assim o quis! Nunca mais o tornei a vêr, nem elle, a mim... Queira dizer isto ao Nicolau, senhor sargento; e entregar-lhe tambem esta papelada, rogando-lhe, da minha parte, que a destrua, para que nunca lhe occorra pensar que «a Rachel casou com semelhante homem com a mira na riqueza». Eu, ao principio, lembrei-me de a devolver ao senhor Mansart, pois, tenha a certeza, não era eu que tocava em semelhante dinheiro, que viria interpor-se entre mim e o Nicolau. E queira dizer-lhe, ainda, que não tenha pena de mim, que o não mereço, e que me varra da memoria, por uma vez.

— E dir-lhe-ei, tambem, que a menina ainda lhe quer muito. Pois não é assim, *mademoiselle*? accudiu o Vétérin, com a voz alterada.

— Diga, diga! exclamou Rachel, tentando em vão conter as lagrimas.

E agarrou-se ao braço do militar, ás mãos ambas, e elle a sentir-lhe, na face, o halito candente.

— Diga-lhe que... que o amor que eu lhe tinha, é tanto como o desprezo que voto a mim propria; que o meu coração, que uma vez lhe entreguei, lhe ficará pertencendo para sempre; que penso nelle, dia e noite, e que, embora ausente, é como se a todo o instante o tivesse ante meus olhos. E pode, tambem, dizer-lhe, se quiser, que tenho o coração esfacelado — não, não, não lho diga! Vinha logo a correr por ahi abaixo, e isso não pode, não deve ser!

«Ai! meu Deus!»

E os dedos a enclavinharem-se-lhe no musculoso braço do sargento; e a voz a afogar-se-lhe num soluço!

A Vétérin arrazaram-se-lhe os olhos de agua, fartou-se de pestanejar o pobre do homem.

— Leve-lhe o meu recado. — Conte-lhe tudo. Mas... que digo eu? — O que o senhor lhe não pode levar, é a minha voz, são os meus olhos, em que elle me lia cada pensamento.

«E não obstante, o senhor não esquecerá, decerto, o que eu lhe disse e o estado em que me vem encontrar.

«E diga ao Nicolau, que o amo como elle me ensinou a amá-lo, que, sem elle, este mundo, para mim, todo elle é trevas, e que hei de amá-lo, em quanto Deus me conceder um sopro de vida!»

O militar achegou-a a si, pois sentiu que ia caír no chão, desamparada. Rachel, aguentou-se, mercê de supremo esforço, e impelliu-o brandamente para a porta. Voltou-se para trás Vetérin afim de vêr mais uma vez aquella figura supplicante, com o cabello desgrenhado a encobrir-lhe em parte a face sulcada de lagrimas; e saíu por ali fóra, a rosnar, com uma voz, que a si proprio, atentando bem, lhe haveria causado estranheza.

— Com a breca! Está-me parecendo que o tal Simão Mansart é um trambolho d'alto lá com elle!

. . .

Naquelle mesmo dia, á tarde, estava o Simão Mansart sósinho, sentado ao escasso lume da lareira, eis que ouve os canzarrões num ladrar furibundo. Como não cessasse a matinada, investiu para a porta, e prefigurou-se-lhe lobrigar, na escuridão da noite, um vulto ainda mais negro, assomando ao portão.

— Não me fará o favor de chamar esses seus cordeirinhos? clamou um vozeirão.

— Quem é você? — Que pretende? esganiçou o Mansart, sempre desconfiado a mais não poder ser, tratando-se de gente estranha, e muito em especial, de quantos o procuravam por noite escura.

— O senhor não me conhece, mas venho procurá-lo por causa de um negocio.

— Não duvído, mas appareça por cá, a qualquer hora do dia, amigo; e fez menção de lhe bater com a porta na cara.

— Sim, senhor, foi a resposta immediata. Mas estou resolvido a falar-lhe desde já, e se os seus cachorrinhos tentarem deter-me, têm que se aguentar com as consequencias.

O Simão, incredulo, desfechou uma gargalhada; mas quando ouviu o portão de ferro ringir nos gonzos ferrugentos, e a rosnadela dos mastins, exclamou com vehemencia:

— Cautéla! Olhe que o fazem em postas!

— Um, quando menos, sempre ficará pelas custas! foi a réplica resoluta.

— Espere ahi! vou chamá-los, accudiu Mansart, que nunca houvera cedido, se suspeitasse, sequer, as intenções do collocutor.

Assobiou aos cães, mas logo se arrependeu ao dar com os olhos na visita, e quando viu que era um militar francês, como uma torre, flamante e com cara de poucos amigos, que com um abraço era capaz de o pôr mais chato que um figo esborrachado.

— Dá licença? disse o adventicio, e foi entrando com improencia tal, que o outro se viu obrigado a ir recuando. Fechou a porta, — e espécou-se-lhe adiante, — alto, erecto, imperativo.

— Que deseja, camarada? perguntou o Simão, tremulo de raiva... e de medo.

— Não se vê um palmo adiante do nariz! E que lume tão pifio, com uma noite de bater o dente!

— Escusamos de luz para conversar, e, pelo que me diz respeito, estou quente, graças a Deus.

— E pobre, na proporção; não é verdade? E' este o motivo que aqui me traz.

Mansart assumiu uns modos mais urbanos. Tinha delegado a sua riqueza numa rapariga, que o não podia tragar. Restabelecida a paz, os tribunaes não deixariam de lhe sanccionar a ella o direito. Assim, pois, qualquer proposta, um negociozinho qualquer, eram bemvindos.

— Dou pelo nome de Felipe Vétérin, declarou o couraceiro, cruzando os braços rematados por um par de guantes façanhudos, e infitando uns olhos de ruim agoiro na harpia do Mansart. — O capitão La Hire honra-me com a sua amizade. Sou o seu confidente, aqui onde me vê.

— E a mim com a sua inimizade, rosnou Simão; e os olhos encovados a despedirem chispas.

— E vim a Orgemont para bem delle.

— Ah! Está ferido?

— Está.

Mansart esfregou as mãos.

— Mas não com gravidade, felizmente. A não ser que o senhor queira escutar-me, palpita-me que o capitão não deixará de lhe vir fazer a sua visita, um dia destes.

QUE DESEJA, CAMARADA? PERGUNTOU O SIMÃO, TREMENDO DE MEDO... E DE RAIVA

O Simão encolheu-se todo na cadeira.

— Mas que tenho eu com isso? perguntou. E que vem o senhor aqui fazer?

Vétérin proseguiu, sem sossobrar:

— Vim trazer um recado á menina Rachel Nay.

«Ora, a dita menina, uma joia, por signal...»

— Actualmente, já lhe não compete esse appelido, e portanto, far-me-á o favor de guardar os seus cumprimentos para quando eu lhos pedir, atalhou o outro, furibundo.

— O senhor é seu marido; valha a verdade. E tambem lhe trago um recado. E não obstante, é mal cabida a designação, aqui para nós, pois o que eu lhe venho propôr é ideia minha, unicamente, e que eu desejo expôr-lhe, para interesse do meu particular amigo, o senhor capitão Nicolau La Hire.

E' um caso algum tanto fóra do commum. — Elle ahi vae:

«A menina Rachel casou com o senhor, na persuasão de que o senhor se achava ás portas da morte. Mas as portas não se quiseram abrir. Foi bom para o senhor, e mau para ella; pessimo para o Nicolau, a quem ella adora. Ora, pois, o La Hire bebe os ares pela pequena; ella é tão indispensavel á sua ventura como o é para o senhor o seu dinheiro. Atente bem nisto que lhe estou dizendo.»

Deu-se uma pausa. E prorompeu o Mansart:

— Que quer dizer com isso?

— Que lhe venho propôr a restituição do tal documento que representa a riqueza que o senhor delegou em sua esposa. — Devagar! Já lá vamos! — Com uma condição, ainda assim. Tem que restituir a liberdade a essa menina.

Illuminou a carantonha do Simão um clarão de jubilo infernal, apagando-se, acto-continuo.

— Não póde ser, exclamou. E' minha mulher; estamos casados legalmente, lembre-se desta circunstancia. Como é, pois, que eu posso restituir-lhe a liberdade? Como é que ella póde ser mulher de outrem?

— E não obstante, o La Hire jurou que só na qualidade de marido os seus labios tocarão jámais nos labios della.

— Mas como é que isso póde ser? — Ponha o caso em si!

Vétérin, sem descoroçoar, proseguiu:

— E' certo que, se eu lhe restituir este documento, que o senhor, tenho a certeza, está morrendo por vêr nas suas mãos, não conseguiria romper o laço que o prende ao senhor a menina Rachel; e comtudo, estou resolvido a devolver-lho. Ora, dando-se isto, o senhor ficava-lhe chamando a ella sua mulher e de posse do seu peculio, não é verdade? Assim era, ao que parece, mas o peór é o surgir de permeio um «se»; visto como, supposto eu da melhor vontade lhe restitua a papeleta, não deixa de ser possivel que isso lhe custe a vida.

— A vida!

— Nem mais nem menos.

Mansart encolheu-se todo.

— Ameaça-me? rouquejou, todo a tremer.

— De modo nenhum. Olhe para aqui.

Adiantou para a mêsa o nosso Vétérin, e despejou-lhe em cima uma mancheia de tentos de jogo.

— Estão aqui trinta, declarou. Poderá verificar que vinte e nove são brancos e o restante, vermelho. Não os quer contar?

— Não senhor, não preciso, fio-me na sua palavra.

— Sempre será bom que os conte. Muito bem. E agora vou expôr-lhe a minha ideia, que é tão desusada e tão dramatica, que me sinto ufano por me haver occorrido, palavra! Vou deitar estes tentozinhos de marfim no meu capacete e tapá-los com um lenço — assim. E pedir-lhe-ei — se é que é homem corajoso, que levante a ponta do lenço e tire um tento — um só. Se fôr branco — como é quasi certo que sáia — restituo-lhe a papeleta que aqui tenho, e desejo-lhe uma noite feliz, no gozo do seu pé de meia, e na posse da menina Rachel. Mas dado o caso que sáia o unico vermelho — o que é aliás muitissimo improvavel — então — então — se fôr o vermelho — sinto dizer-lhe...

Calou-se o couraceiro e vibrou um olhar firme e resoluto ao interloucutor. Pôs-se livido Mansart.

— E que mais, indagou com a voz a tremer; por que se cala? E se eu tirar o vermelho — que acontece?

Vétérin encolheu os hombros e replicou:

— N'esse caso, tenho que lhe pedir que se bata commigo.

— Intenta pois assassinar-me! rouquejou o Simão, recuando.

— Perdão, tenho aqui um par de pistolas. Bater-nos-iamos com lealdade.

— Mas isso é horrivel, monstruoso! Nem falar n'isso é bom!

— Tão horrivel, quasi, como desposar uma menina cujo coração se entregou a outro homem; tão monstruoso como o interpor-se eternamente entre dois corações que palpitam um pelo outro, foi a resposta desabrida.

— Digo, e repito, nem quero ouvir falar em semelhante coisa, insistiu Mansart, frenetico.

— Refinadissima asneira, eis o que é. Quem me déra estar no seu logar. As probabilidades em viver são doze; a de morte, uma, só. E ainda neste caso a briga será leal — comquanto, e juro-o por esta espada que trago á cinta, — eu tencione fazer quanto estiver ao meu alcance para o matar.

Considére. Entre o senhor e a riqueza permeia apenas um instante. Ora, vamos, já podia estar feito, e esquecido, a estas horas.

— Se é que se préza em ser cavalheiro, e não nutre a meu respeito qualquer intenção sinistra, queira saír desta casa, immediatamente.

— Muito bem, retiro-me, declarou Vétérin.

E deu um passo para a porta, abriu-a e estava prestes a transpô-la, eis que o faz retroceder a voz anciosa de Simão.

— E dahi?

— As probabilidades em meu favor são insufficentes.

— Refinadissimo covarde?

— Accrescente mais seis e prontifico-me a annuir.

O couraceiro pôs-se a rir e lançou mais seis tentos para dentro do capacete.

— Elles cá vão, declarou. — Tire um; á vontade!

- Sacuda-os muito bem, segredou Mansart, que dir-se-ia estar prestes a perder os sentidos com a excitação de jogo terrivel a tal ponto.

Dito isto insinuou a mão por baixo do lenço, e enfiou-a no capacete. Sacou-a depois, muito devagar. O sargento fugiu-lhe com o capacete, para evitar trapaça, e o Simão fitou os olhos no tento seguro nas pontas dos dedos.

Era o vermelho!

E pôs-se a murmurar; umas palavras inarticuladas, como de quem se achasse sob a acção do terror de uma morte por estrangulação, num pesadêlo. E ficou-se com os olhos pregados naquelle simbolo de morte. Invadiu-lhe a fronte um froixo sanguineo, inchando-lhe as veias, esvaiu-se, incontinente, deixando-o livido como um defunto.

— Ah, ah! exclamou Vétérin, — a sorte não o favoreceu!

Mansart recuou uns passos, tal qual uma fera que se sente ferida, e, fingindo estar moribunda, reconcentra o melhor das suas forças á espera de que se chegue de perto o adversario.

— Deve concordar que já é ser tumba! insistiu Vétérin, frio que nem um torrão de neve. Trinta e cinco contra um! E' espantoso, palavra!...

Pôs um par de pistolas em cima da mêsa.

— Vamos a isto, senhor, exclamou, de subito, em voz dura, incisiva. Vae portar-se como homem, não é verdade?

Mansart parecia impossibilitado de responder; talvez não pudesse. Sem desfitar o sargento, seguia-lhe os movimentos com a mais intensa anciedade.

Vétérin revistou as pistolas, observando, de revez, o rosto exangue do interlocutor. Impeliu para este uma pistola.

— O melhor que tem que fazer, é defender-se, observou. — E o dito, dito.

Recuou uns passos e ergueu a arma.

— Suspenda! rouquejou Mansart, com a voz embargada. — Não nos batemos em egualdade de circunstancias.

— Que quer dizer?

— O senhor é habil no uso da sua arma, ao passo que eu...

— O remedio está á mão.

Vétérin soprou a véla.

— Cuidado! exclamou. — Vou disparar, não tarda nada.

O cêpo de madeira, que ardia no fogão, no lado opposto do aposento, emitiu um fogacho rubro, nebuloso.

Os dois contendores tinham ambos recuado para a sombra; um e outro na espectativa.

Silencio absoluto, quebrado, a revezes, pelo socinar manso do madeiro, a arfar, rubro e cinzento, á proporção que o ventilava a corrente de ar. Vétérin nem respirava, sequer; a varar com a vista as trevas, tentando discernir o vulto do Simão Mansart.

Não se ouvia o mais tenue rumor. De repente, quis-lhe parecer que lobrigava o que quer que fosse, negro, a meia duzia de pés do espaço que occupava. Devia de ser o Mansart, com certeza.

O couraceiro ergueu a pistola e apontou ao centro daquelle vulto indistincto; e contudo, o dedo não premeu o gatilho. Pelo contrario, foi abaixando gradualmente a pistola.

— Que demonio terão estes meus nervos? disse comsigo.

E para ali se ficou, hirto, rigido, indeciso.

— E por que não? tornou a dizer comsigo.

— E' leal o combate. Ora adeus! peores coisas tenho eu feito.

Correu mais um minuto.

Vétérin arrancou um suspiro.

— E caso é que não posso, murmurou; nem mesmo por tua causa, Nicolau La Hire.

E bradou, de rijo:

— Acenda a véla; socegue, que lhe não faço mal.

Nada de resposta.

— Não se arreceie de mim, repetiu o militar.

A mesma calada.

— Se eu bulir, aquelle patife atira-me, disse mentalmente Vétérin.

E não obstante, avançou direito á mêsa, a procurar ás apalpadelas o castiçal. Encontrou-o, foi-se ao fogão, e chegou a torcida ao cêpo abrasado. E nem por um instante desviou os olhos do que quer que era, negro, que elle suppunha ser o Simão Mansart.

A véla, fumegou, lucilou e acendeu-se. Enganara-se o nosso militar, percebeu que o tal vulto negro era apenas uma cadeira.

Vétérin rodou sobre os tacões, á espera de uma bala, e apontou a pistola. Soltou um grito abafado perante o espectaculo que se lhe frenteou.

O Simão Mansart, todo elle num feixe, a um canto do quarto, segurando nos dedos mortos a pistola ainda por engatilhar, e com os olhos envidraçados fitos no clarão da labareda. A excitação do jogo, e o terror do duelo irrealizado, fizeram-lhe parar o coração.

O SIMÃO MANSART, TODO ELLE NUM FEIXE...

Benzeu-se Vétérin.

— Deus me seja juiz! Eu, se o fiz, foi pela amizade que voto ao Nicolau, exclamou.

Foi-se ao fogão e atirou para as brasas uns papeis.

E de repente, tomou-se de um terror instantaneo que o fez fugir a sete pés daquella casa. A aragem esperta, incisiva e um esforço valente restituiram-lhe a serenidade de animo.

Deteve-se. um instante, a contemplar o palacete com as janélas ás escuras e com um aspecto de morte; e disse, em voz alta, como que concluindo um pensamento por emitir:

—... e hão-de casar, assim que acabar a guerra!

Versão do inglês, por M. Macedo.

Le soleil aux champs et à la ville

A Eduardo de Noronha

La dernière étoile est morte, et le beau soleil,
Ouvrant son éventail d'or, doucement réveille
La terre-qui répose après le rude effort
Des éternels rivaux-la vie contre la mort.

Le jour vient peu à peu... Et sa lumière inonde
Le visage souffrant, anéanti du monde.
Une poussière dorée parait vibrer dans l'air,
Tombe sur le gazon comme une pluie légère
Et couronne de feu les monts, les tours, les arbres...
Et arrache des eaux des éclats de verts marbres.
On entend dans les mues les cantiques des coqs...
Des bergers matineux épient du haut des roqs...
Et, au fort bruit des coups de fusil et des cors
De chasse, des oiseaux détachent leurs essors...

Le grand soleil éclat, radieux, et vivifiant!
Un jour commence. Peu à peu jetent leurs chants
Les puissants campagnards qui soignent les pacages...
Des moulins d'aile blanche initient leurs roulages...
Passent des jougs de boeufs... Et autour des fontaines,
En remplissant les pots, des filles gaies et saines
Parlent de leurs amours, maudisant les amants
Qui pour mieux les tromper leurs ont promis la main.

Au loin tinte la cloche... À travers le bocage,
Chemine, parasol ouvert, le curé sage.
Lá-bas, dans la vallée, le train passe le pont
Avec son grand pannache et son bruit profond.

Le grand soleil avance... et l'ombre meurt. Des femmes,
Sur la rive du fleuve, étincelant de flammes,
Savonnent des petits habits d'enfants. Les fleurs,
À qui la nuit effraye et émeut jusqu'aux pleurs,
Dégagent maintenant leurs parfums au soleil
Et exposent leurs seins aux baisers des abeilles...

Le mouvement agite et feconde la terre
Et tout ce que du sang et de la sève enserre!
«Divin soleil! Soyez le bien venu!» parait
Crier le campagnard, le maître de la fôret.
«Vous me donnez de la santé, la joie de vivre,
«L'énergie, et l'amour, et tout ce qui m'énivre!
«Soyez béni, Soleil! Apparaissez toujours
«À l'horizon doré pour que j'aie de beaux jours!
«Venez à moi! Entrez chez moi, mon Dieu-Soleil!...
«Que vous êtes de Dieu la plus grande merveille!!...
Et le soleil éclat...

.....

. Dans la chambre à coucher
D'un beau palais, le maître, à son lit, fait sonner
Un bouton électrique; et un valet survient
Pressé et un peu pâle...
— «À vos ordres, «dit».
— «Viens!»
Crie, furieux, le marquis, avec des airs terribles...
Le pauvre valet songe à des choses horribles
Et il veut, malgré lui, comprendre les signaux
Tragiques du Marquis.
— «La fenêtre, crapaud!...
Ferme mieux la fenêtre, idiot, que le soleil
Maudit vient de couper mon delicieux sommeil!...

17-7-1910

Thomaz d'Eça Leal.

Elementos para a iconographia d'uma batalha

Aljubarrota

Eu sou dos que, de preferencia á febre desvastadora dos descobrimentos e conquistas, dão mais valor, como demonstração da nossa vitalidade nacional, á revolução popular, que, no seculo XIV. lançou os fundamentos d'uma dynastia gloriosa. Synthetisando o principio dominante do amor da patria, cuja ideia se veiu definindo através a historia agitada e violenta da primeira dynastia, esse movimento brusco. que assentou firmemente as bases da nossa autonomia nacional, não tem egual na historia portugueza, nem mesmo no periodo faustoso e imponente da primeira metade do seculo XVI. Era a proclamação dos direitos do terceiro estado, como elemento imprescindivel da organisação social, e a alliança mais profunda entre o rei e o povo. Guiava-os o mesmo ideal, erguia-os a mesma paixão, a que não eram certamente extranhos a porção de sangue plebeu que corria nas veias do Mestre d'Aviz e a alma simples do Condestabre, figura gloriosa e boa, tão grande que attinge as nebulosidades da lenda, tão humilde, que a amava e comprehendia, entre todos, a alma popular.

A historia apaixonada e cortezã das chronicas, desconhecendo os modernos processos de critica, ignorando a logica inmutavel da sequencia dos factos e as leis rudimentares da evolução e organisação social dos corpos nacionaes, pretende envolver n'uma aureola de mysterioso encanto e explicar pela razão suprema da fé religiosa essa epopeia extraordinaria de heroismo que marca a maioridade d'um povo, a sua libertação do nucleo centralista da peninsula, quando lhe faltavam as naturaes condições ethnologicas, as mais simples qualidades essenciaes para a constituição da sua independencia. Sómente, pouco a pouco, como quem levanta um edificio monstro, a ambição d'alguns, os odios de muitos, fóram solidificando esse desejo insaciavel d'uma autonomia politica, a que mais tarde as razões da historia e o amor do povo deram a fórma definitiva e a chancella indestructivel, este ultimo com o seu sangue, nos campos da batalha. Veiu finalmente a lucta aberta, em pleno sol, o *corps à corps* de duas nações que se separavam definitivamente para a historia, lucta em que o povo poz toda a energia do seu esforço e a sinceridade das suas intenções.

Essa revolução gloriosa que, iniciada n'um assassinio vae dar á empreza arrojada de Ceuta, o inicio da vida agitada do colosso, tem o seu *maximum* de intensidade e de gloria na memoravel batalha de Aljubarrota, que é o golpe de morte na desmedida ambição castelhana. Até alli, os que defendiam a independencia da patria tinham a inconsciencia da propria força, atemorisavam-se com a deserção acomodaticia dos mais fortes e sentiam a sua pequenez em face da extraordinaria força do inimigo. Desde essa tarde sangrenta de 1385 dissiparam-se todos os temores, desfizeram-se todos os receios. Ninguem poderia vencel-os, porque do seu lado estava a razão e mais do que isso a fé e a pureza religiosa, por isso que não só defendiam a sua terra, mas combatiam os scismaticos, que eram pelo falso pontifice.

Esta tambem, como quasi todas as guerras tinha a animal-a, no fundo, uma questão religiosa, que servia de estimulo aos espiritos mais escrupulosos.

* * *

A batalha de Aljubarrota não é só, como vulgarmente a classificam, um acto de heroico esforço, é tambem, e sobretudo, um modelo de boa tactica militar da epocha e uma demonstração do tino pratico e experiencia do condestabre, um mixto de heroe de cavallaria e fino homem de guerra. A victoria de 10:000 contra 32:000 não foi sómente a consequencia, aliaz muito natural, da superioridade do ideal dos vencedores; foi o resultado d'um intelligente plano de guerra, do que melhor se fazia no tempo.

CRUSEIRO DE D. JOÃO I, EM GUIMARÃES
D'ONDE FEZ A ROMAGEM A PÉ ATÉ SANTA MARIA DA OLIVEIRA

E no emtanto tudo era contra os portuguezes: a superioridade numerica do inimigo, a fraqueza moral resultante de se encontrar nas fileiras inimigas a primeira nobreza de Portugal, a organisação quasi tumultuaria das hostes, constituida por creaturas bisonhas, inexperientes e mal armadas, *chamorros* sem a pratica de guerra. Mas havia unidade, harmonia, grandeza d'alma n'aquelle grupo que se deixava levar confiado pelo braço possante, energico, destemido, da mais pura alma de portuguez, D. Nuno!

O Mestre habitava, em Guimarães, as casas a par Santa Maria da Oliveira, que pertenciam ao Dom Prior, que a onda revolucionaria que o fizera rei, ha pouco tempo ainda havia lançado das torres da Sé de Lisboa, na incommoda companhia do arcebispo castelhano. Ayres Gomes da Silva, uma figura austera e honrada, estoicamente fiel aos seus juramentos, abandonado do seu rei, que lhe negava recursos, abria ao Mestre as portas do colosso invencivel que era o velho castello e refugiava-se na protecção do cunhado, o arcebispo de Toledo. Não se póde deixar passar, sem um estremecimento de respeito, o seu perfil glorioso, recortado em linhas severas pela penna invocadora de Fernão Lopes. Destaca-se na sua figura gloriosa um caracter sem mancha, rigidamente aferrado á sua palavra, que nem as maiores dôres seriam capazes de o levarem a falsear. Tendo jurado fidelidade a D. Beatriz, Ayres Gomes da Silva só abandonou, cançado de trabalhos, de desgostos e de velhice, a sua fortaleza historica, quando recebeu ordem de a entregar, porque não valia a pena soccorrel-a n'aquelle momento. Passa já como uma sombra porque a morte o espreitava a poucos dias da entrega do castello. Já não

era aquelle moço gentil da côrte, que no dizer do chronista tinha *fermoso e bem parecente corpo;* os seus levavam-no em braços, ao tempo que o Mestre d'Aviz entrava no castello por entre uma vozearia de acclamações.

D. João, fazendo de Guimarães o seu ponto de apoio, d'alli estendia as garras d'ambição, conquistando terras e castellos que o temor e a incerteza traziam prezos ao de Castella. Hoje Ponte de Lima, ámanhã Braga, depois outra e outra, e dentro em pouco as hostes diminutas do Mestre eram senhoras d'Entre Douro e Minho, talando a miudo os campos da Galliza. Nos dias de calma, o Mestre dava-se talvez ao deleite d'aquelles campos floridos, onde a natureza prodiga derramou exhuberantemente a harmonia da côr, o gôso material d'uma festa permanente, a doçura e a calma paysagem incomparavel. Na simplicidade do seu feitio, na consequencia natural da sua situação de rei por graça d'um povo, deviam correr-lhe serenos os tempos de repouso entre os bons servidores do velho e historico burgo, que mais tarde tão distinctamente havia de galardoar na empreza de Ceuta.

CASAS DO D. PRIOR, ONDE VIVIA D. JOÃO I QUANDO PARTIU PARA A BATALHA DE ALJUBARROTA

Junto da imagem de Santa Maria, em quem a sua fé simplista confiava plenamente, assim se demorou alguns meses, no meio d'aquelle scenario pittoresco e guerreiro da historica villa, em cuja sociedade d'um cunho acentuadamente medievico se agitavam certas figuras mysteriosas. Em Guimarães vivia, então, uma serie de typos originaes, que, através da escuridão da historia, chegaram até nós n'uma encantadora atmosphera de lenda. Alli existia, por aquelle tempo, um frade franciscano, senhor de grande fama de virtude e dom prophetico. A rainha-mãe de Castella, princeza D. Joana, a quem a divergencia da egreja catholica, que originára o scisma, trazia a alma afflicta, enviou delegados da sua confiança a consultar o frade vimaranense, sobre a qual dos dois papas, o de Avinhão ou de Roma, Urbano VI ou Clemente VII, devia obediencia seu filho, D. João I de Castella. E a lenda narra que, antes dos commissionados lhe expôrem o fim da sua visita, já o bom do Bandarra franciscano lhe affirmava propheticamente a morte da rainha que alli os mandára e que o rei de Castella obedeceria a Clemente VII, pelo que Deus o castigaria. E os factos confirmaram a extranha prophecia!

* * *

O Mestre recebera em Guimarães a noticia da entrada do rei de Castella pelo Alemtejo, pelo que partira immediatamente ao encontro do Condestavel, com a sua hoste que se compunha de 4:000 homens.

Antes de partir, talvez, tendo no olhar toda a energia da sua ambição astuciosa, entrou no velho templo romanico, em cuja frente reverdecia a oliveira symbolica. Alli prometteria á Virgem que, a regressar victorioso, faria o romagem a pé até ao seu templo, que reconstruiria. E cumpriu.

Passarei por cima da conhecida descripção da batalha, que não póde ter na minha penna humilde o relevo que lhe deram Lopes Ayala, Froissart e Fernão Lopes, Ximenes de Sandoval e Oliveira Martins. D. João I de Castella vae já a caminho de Sevilha, chorando amargamente a sua desventura, a que só a sua morte desastrosa havia de pôr um termo. Tres dias os vencedores ficaram sobre o campo da batalha, segundo a velha

tradição medievica. Os despojos do acampamento castelhano desappareciam na voracidade dos vencedores. Não devia ser grande a riqueza alli abandonada, ao contrario do que affirmam os chronistas. Fr. Gabriel de Talavéra, na sua *Historia de N. S. de Guadalupe,* conta que em novembro do anno anterior, D. João pedira um emprestimo á cidade de Murcia, e que, pelo mesmo tempo, levantára 4:000 marcos de prata do Sanctuario de Guadalupe, entre a qual se contava um riquissimo e precioso retabulo do mesmo metal para cunhar em moeda. E o povo pensava, na sua crença infantil, que tal facto occasionára, como castigo, a derrota. Quem assim d'esta maneira necessitava recorrer ao emprestimo, não trazia, segundo todas as probabilidades, grande riqueza na sua bagagem. Do que se conhece actualmente e do que temos noticias, ha, além dos apetrechos de guerra, lanças, bandeiras e cavallos, uma riquissima tenda, sob a qual D. João recebeu mais tarde o sogro na fronteira da Galicia; o sceptro do monarcha hespanhol; um crucifixo contendo o santo lenho de Vera Cruz, que costumava estar em Burgos; o falcão que acompanhava o rei, etc. De tudo, porém, mais ou menos authentico, temos hoje, sómente, a celebre caldeira de Alcobaça, a biblia encontrada na tenda do rei castelhano, e que se guarda na Bibliotheca Nacional. No museu da Collegiada de Guimarães, existe o triplico de prata que a tradição diz ter sido tomado na batalha, mas parece ser obra de ourivesaria portugueza do seculo xv.

O ALTAR DE SANTA MARIA DA VICTORIA, ONDE TODOS OS ANNOS SE COMMEMORA, EM GUIMARÃES, A BATALHA DE ALJUBARROTA

Os documentos iconographicos, referentes a esta memoravel batalha, são raros e muitos d'elles de duvidosa authenticidade. Fernão Lopes affirma que, ao termo da sua romagem a Santa Maria da Oliveira, D. João I offerecera á Virgem o seu pellote e a sua lança. A lança já hoje não apparece a comprovar a tradição; mas o pellote lá se patenteia todos os annos, coçado e gasto, restos pouco elucidativos de antiga grandeza. Pelo que se vê, o pellote ou *jaquet,* como lhe chamava Froissart, ou ainda *floternel,* como o denominam outros documentos, é um pesado casaco almofadado, de tecido grosseiro, que parece ser destinado a adoçar as asperesas da armadura, sob a qual se vestia. Além do pellote e da lança, Fr. Manuel dos Santos affirma que D. João déra á Collegiada *doze corpos d'anjos, grandes, de prata e uns corporaes bordados com ouro fino,* em que se viam as imagens dos reis

de Castella com corôa e suas armas. De taes objectos, porém, não existe nem lembrança, tendo sido muito provavelmente levados, como tantos outros objectos, na voragem, para lhe não chamar outra cousa, das invasões napoleonicas.

D. João I cumprira a sua promessa: veiu em romagem a Santa Maria, a pé!

Foi esse templo glorioso que, desde a minha infancia, eu aprendi a admirar pela sua alta significação historica, que me suggeriu estas rapidas recordações. Quantas vezes, ao alvorecer do dia 14 d'agosto, mal luzia a madrugada, descia alegre até ao seu cruzeiro bysantino a gosar, na simplicidade dos meus poucos annos, a ceremonia que ha seis seculos commemorava o acontecimento notavel! E era sempre a mesma missa solemne, na presença da camara e dos conegos o mesmo sermão ao ar-livre, em que qualquer clerigo, menos lido em profundezas historicas, entoava erros palmares em altisono berreiro patriotico; a mesma pasmaceira popular, os mesmos commentarios pittorescos, em frente do pellote; a mesma ceremonia funebre, ainda, pelos que morreram na batalha!...

Vae já longe, desbaratada pelas realidades da vida e pelos ensinamentos da verdade, qualquer espirito de crença, que porventura me tivesse ficado d'essas horas longinquas d'uma infancia feliz. Mas o que ficou no meu coração e no meu cerebro, profundamente vincado, foi um amôr saudoso pelas cousas do passado n'essa terra encantadora onde nasci. Em cada monumento, em cada rua, d'uma nomenclatura tão caracteristica, se lêem paginas de historia, não já de historia méramente local, mas da mesma historia nacional, que d'alli brotou prenhe de heroismo e de audacia.

Do alto da torre de menagem, esguia e ousada, do seu velho castello oito vezes secular, muitas vezes reli paginas fulgurantes da gloria da minha patria, invocando esse burgo pequeno que subia a collina de Santa Maria da Oliveira ás muralhas do Castello, d'onde havia de largar, n'um arranco terrivel, o vôo d'aguia, que estendeu a garra dominante do Minho ao Algarve! Terra de sonho e de lenda, de cujos muros vetustos surgem figuras de heroes e de santos a recordar a gloria d'um tempo, que não volta mais!

Lisboa, 24—VI—910.

ANTONIO GUIMARÃES.

A industria do livro em Portugal

De todas as industrias em que Portugal se tem evidenciado mais nestes ultimos tempos, occupam as artes graphicas logar proeminente, não só pelo estudo e seguimento das evoluções da arte, como tambem pelo desenvolvimento que teem adquirido muito principalmente de ha quarenta annos a esta parte.

A industria do livro cada vez vae tomando maiores proporções, avançando de uma maneira digna de elogio, e parecendo até comprovar-se, ter diminuido o numero de analphabetos, o que, diga-se em abono da verdade, já não é sem tempo.

Indubitavelmente, lê-se muito mais hoje do que se lia em meados do seculo findo, e a profusão com que o livro está espalhado por toda a parte, prova quanto o gosto pela leitura se tem propagado por este bom povo portuguez.

PAULINO FERREIRA

Ha lojas que, embora não seja essa a sua especialidade, fazem mais negocio em livros do que no seu commercio, como são as tabacarias, kiosques, bengaleiros dos theatros e até á porta de algumas tabernas, como por exemplo, aquella da rua do Arsenal, onde um velho alfarrabista assenta os seus arraiaes, vendendo livros, juntamente com boquilhas, pentes e bujigangas diversas.

Depois, as encadernações chamam muito a attenção do transeunte.

Num livro, pode o seu conteúdo não prestar, ser completamente falho de interesse, não conter litteratura; mas apresente-se com uma capa bonita, chic, e verá como desapparece do mercado e se exgotta a edição n'um instante.

O livro parece-se um pouco com aquellas mulheres que, embora não sejam bonitas, sabem vestir com elegancia, apresentando-se por essas ruas nuns requintes de distincção e desafiando os homens á conquista do supremo gozo, á illusão dos sentidos.

O livro é tambem uma illusão dos sentidos.

E, assim como a parte propriamente typographica d'um livro, depende bastante da impressão, isto é, do artista que o imprime, assim tambem estas duas dependem da outra parte annexa que se chama encadernação,

e é n'ella que está realmente o *desideratum* da acceitação ou regeição da obra.

Ainda ha pouco tempo tivemos occasião de folhear um pequeno livro impresso na typographia da Academia Real das Sciencias, em 1823, cuja impressão deixa bastante a desejar, tal é a irregularidade da tinta e pouco alceamento que tem.

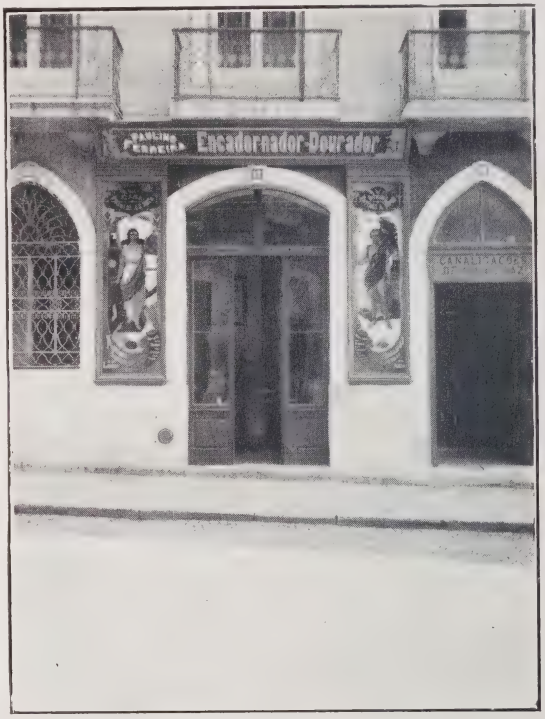
Pois a encadernação em marroquim vermelho, e os *ferros* que apresenta formando desenhos caprichosos, são tudo quanto ha de mais artistico! De maneira que, quem olha para o pequeno volume, sente ao folheal-o um grande desconsolo, e diz comsigo:

— Mal empregada encadernação!...

Ora para que uma obra sáia prefeita, repetimos, é preciso que o conjuncto typographico seja homogenio afim de que a encadernação feche depois o trabalho com chave de ouro.

Mas se a arte de encadernador já estava bastante adeantada ha 87 annos, o que fará hoje, com os machinismos e outros melhoramentos verdadeiramente engenhosos, de que dispõe?

Quer o leitor acompanhar-nos a visitar uma das primeiras, senão a primeira officina de encadernação existente no paiz?



FACHADA DA OFFICINA DE PAULINO FERREIRA

. . .

Estamos na Rua Nova da Trindade.

Paremos aqui em frente do n.º 82.

E' uma porta só, nem muito pequena nem muito grande.

O leitor já viu alguma vez uma colmeia?

A entrada é pequena, pequenissima mesmo, ás vezes mal se vê, mas lá dentro trabalha uma alluvião de operarias.

Pois esta porta é a entrada para a colmeia de Paulino Ferreira.

Empurre a porta, e entre.

Que vê?

Uma casa á entrada, com o seu balcão modesto, cheio de livros, uns promptos a sahir, outros em brochura ou folhas soltas, esperando a sua vez para encadernar.

Na parede da esquerda vê-se um grande quadro cheio de capas de livros de luxo, que já figuraram em differentes exposições a que concorreu, e cujos diplomas se admiram mais abaixo e nas paredes lateraes.

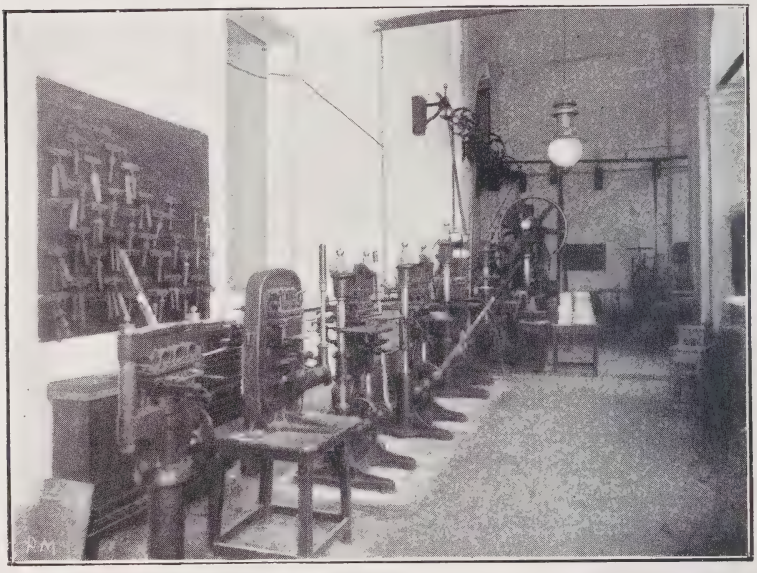
Do lado direito de quem entra, uma grande *vitrine* com livros em profusão, de encadernações caprichosas a ouro, a prata, em percaline, em marroquim, de differentes gostos e feitios; livros que nos prendem a attenção, que nos encantam, que nos obrigam a ler os titulos nas lombadas e portadas artisticamentes impressas.

Depois, segue-se um corredor enorme, com vinte a trinta metros de comprimento, todo atravancado de fardos de papel, esperando a entrada na officina de dobragem.

Em toda a extensão d'este corredor, armarios até ao tecto, cheios de pelles para as encadernações, formam grandes rolos que parecem os canudos d'um enorme orgão, cujo teclado Paulino Ferreira conhece perfeitamente.

PARTE DO PESSOAL DAS OFFICINAS DE PAULINO FERREIRA

Mas não se detenha, leitor, porque vamos agora entrar na verdadeira colmeia.



CASA DO DOURADO — UM ASPECTO

Hein!... Que me diz a esta enorme casa? Olhe que não tem menos extensão que o corredor d'onde acabamos de sahir.

Mesas a todo o comprimento, apanhando o centro do *atelier*, onde trabalham os operarios nos diversos misteres da manipulação do livro, prensas d'um e outro lado, guilhotinas, etc. tudo n'uma ordem inexcedivel e que dão áquella casa um movimento de trabalho e de vida desusada, que nos empolga, fazendo-nos parecer que estamos visitando uma officina estrangeira.

OFFICINA DO CORPO D'OBRA

De dia, a luz entra a jorros pelas enormes portas e janellas em arco, luz que vem desafogadamente, á vontade, sem peias nem empecilhos, do grande quintal que lhe fica ao lado esquerdo.

De noite, lampadas electricas, presas por cordões pendentes de tecto, lembram gottas de crystal escorrendo suavemente das alturas, e enchendo a casa d'uma claridade tal como se fosse pleno dia.

Chegando ao fundo d'esta dependencia, volta-se então para a esquerda, e encontramo-nos na secção dos douradores.

E' tambem uma casa em nada inferior áquella de onde sahimos, e onde estão sete ou oito balancés de diversos tamanho, em que se imprime as capas artisticas, de côres variadas, que dão aos livros um bello aspecto e fóra do vulgar.

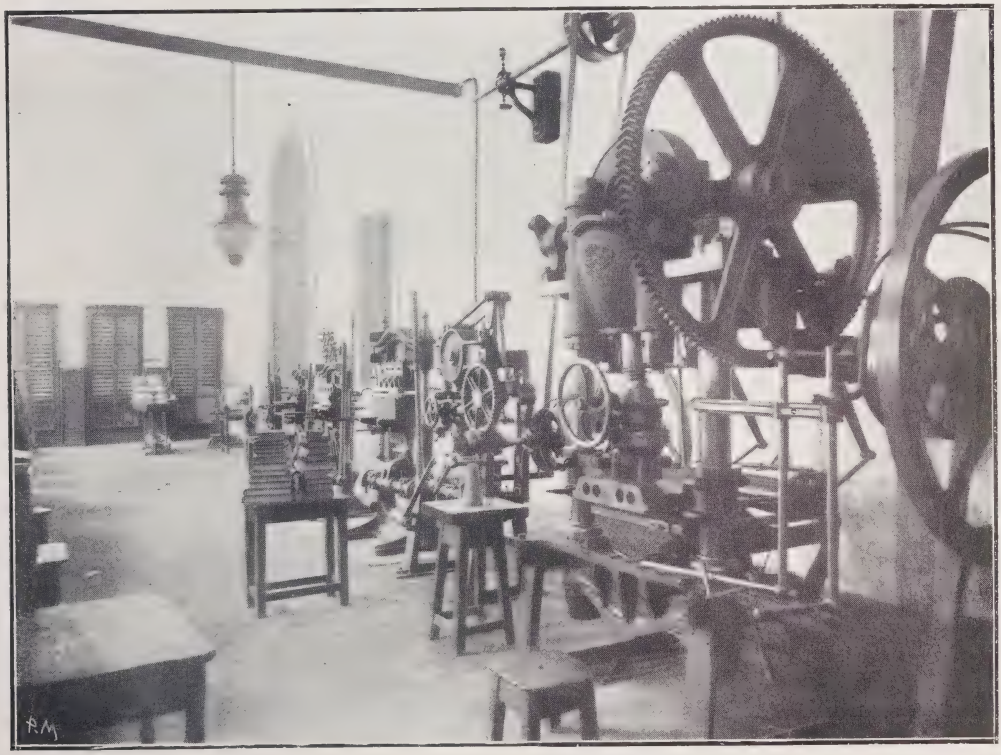
Esqueceu-nos dizer que antes de aqui

entrarmos, se vê o motor a gaz da força de cinco cavallos, e que põe em movimento tanto as guilhotinas como os balancés, o maior dos quaes difficil seria trabalhar a braço, tal é o tamanho d'elle.

A' direita da casa dos douradores, fica a secção do alçado, cuja porta enorme, rasgada até quasi ao tecto, dá claridade bastante para que os operarios possam trabalhar ainda nos dias mais escuros.

Para se não julgar que exaggeramos em vez de voltarmos á direita o fizermos para a esquerda, encontramo-nos então na casa da dobragem e costura dos livros, onde operarias das mais habeis dobram e cosem as folhas.

Paulino Ferreira que teve occasião de ir lá fóra ao estrangeiro estudar os melhoramentos a introduzir na sua arte, não se poupa a despezas nem a fadigas para conseguir que a sua officina seja a primeira do paiz, e vê hoje realisado esse desejo.



CASA DO DOURADO — OUTRO ASPECTO

nesta descrição, bastará dizer que todas estas dependencias, pertenciam ao extincto convento dos frades da Trindade, e por aqui se avaliará a vastidão do edificio, que era um dos maiores de Lisboa.

Onde está hoje a cervejaria, era nesse tempo o refeitorio, e a parte onde Paulino Ferreira tem a casa do alçado, foi a Capella, cujas dimensões não são inferiores ás da cervejaria.

Mas prosigamos na nossa visita:

Se ao chegarmos á casa dos douradores,

Em França, na Suissa e na Belgica teve elle ensejo de poder analysar o systema de trabalho que ali se executa na industria do livro, podendo assim adquirir novas machinas que muito o auxiliam na factura das obras de que se encarrega.

Agora mesmo acaba elle de partir novamente para Londres, Paris e Bruxellas com sem seus dois filhos, afim de verem e estudarem novos melhoramentos com que virão augmentar mais ainda o seu estabelecimento.

Mas, Paulino Ferreira açambarcou já as

principaes obras que andam ahi espalhadas por todo o paiz, como por exemplo: o *Annuario Commercial de Portugal,* cujo trabalho é de uma responsabilidade enorme; o *Almanak Laemmert,* obra destinada ao Brazil e tambem de grandes encargos materiaes; os *Serões;* os *Livros de leitura* para as escolas primarias; o *Album das Casas Recommendadas,* etc., etc., etc.

CASA DO ALÇADO E BROCHURA

Seus filhos, que lhe seguem as piugadas, trabalham no mesmo genero, é claro, e são portanto os continuadores d'esta grande obra de aperfeiçoamento da arte de encadernar, sendo já hoje considerados como dois artistas distinctos.

Além d'isto, a sua papelaria na rua Augusta, 220 e 222, é uma especie de succursal, onde se recebem encommendas que elle satisfaz com uma promptidão inexcedivel.

Esta casa, que foi ultimamente reformada, é ampliada com o primeiro andar de que Paulino Ferreira faz exposição permanente de objectos religiosos e artigos do culto, tendo uma variedade enorme de esculpturas que são verdadeiras obras primas, e das quaes é elle o unico representante em Portugal.

Paulino Ferreira possue o raro condão de attrahir a si aquelles que com elle privam, não só pela sua conversação agradavel, como tambem pelo seu caracter franco, obsequiador e honesto; o bastante para que os seus freguezes o estimem e respeitem, vendo nelle o homem activo e trabalhador, predicados estes que tornam Paulino Ferreira um verdadeiro industrial.

RICARDO DE SOUZA.

O casamento nos diversos povos e perante a historia

(Continuação)

VIII

Em toda a Asia, a mulher é considerada como um ser inferior. Segundo os Livros Santos da India, Manu deu em partilha ás mulheres o amor do seu leito e dos adornos, a concupiscencia, a colera, as más inclinações, os maus desejos, a perversidade. Tambem assim pensou Proudhon, e como isto é injusto se se pensa que o depravador da mulher, hoje, como sempre, tem sido o homem, que a deixa na ignorancia e na escravidão, prohibindo-lhe os estimulos moraes, fingindo-se seu respeitador para a ludibriar...

Pela concepção de Manu, na India, as mulheres devem ser constantemente vigiadas, por serem incapazes de brio e honestidade. Que admira se aos seres humilhados não resta o inquebrantavel estimulo da dignidade humana!

Perante a lei judaica, as mulheres, os escravos e as creanças são indignos de estudar a lei santa, e Mahomet ensinou que um homem vale duas mulheres e que uma mulher vale dois escravos. Fôrça da logica! Quem negará hoje aos que fôram escravos as qualidades potenciaes de homens! E se para Mahomet o escravo valia ainda menos que a mulher, é que esta era menos escravisada.

Liberte-se pela educação a mulher, como se libertaram os escravos, e a especie humana terá n'ella a base da sociedade familiar, o orgão funccional da moralidade, da resignação e do trabalho tranquillo.

Pensam os mahometanos que a mulher com effeito tem uma alma espiritual como elles a attribuem á humanidade, mas uma alma inferior, indigna de entrar no paraiso.

E' ainda esta a concepção dos chinezes. Os missionarios europeus não puderam convencel-os de que a alma da mulher fôsse immortal.

E com effeito se a immortalidade consiste na consagração dos grandes feitos, que logar ha n'esse ambito indefinido dos grandes espiritos para a obscuridade da mulher...

Quem sabe o vosso nome, oh mães de Tasso ou Dante!...

Além d'isso, um facto ha importante que marca a persistente depressão da mulher no oriente. E' a polygamia.

O homem, poderoso, não fórma sociedade

conjugal com a mulher, que domina. A mulher, fraca, não se póde oppôr ao vicio do homem, obedece. O homem, se póde manter mais que uma mulher, faz-se polygamo; o Estado não lh'o prohibe, porque só quer o augmento da população, e a mulher, até perante a religião, não é egual ao homem.

IX

Não é pois a polygamia uma questão de clima, como pensou Montesquieu, porque em todos os climas tem ella existido; é uma manifestação do estado social e de determinismo biologico.

Os legisladores que ainda na Asia estabeleceram as leis mais puras e mais santas, Zoroastro e Moysés, transigiram com a polygamia, esse regimen de aviltamento da especie.

MATRONA ROMANA

Tem-se pensado que a polygamia se explica pelo excesso de população feminina, como na Batavia, onde nasce um varão para dez mulheres. Mas a polygamia encontra-se entre os indios das duas Americas, nos tartaros das duas Russias, nos gêlos do Kamtschatka, na região dos tropicos, em todos os povos emfim, independentemente do clima, onde exista o regimen patriarchal ou despotico.

Demais, a polygamia no Oriente, se é um regimen legal, nem sempre é um facto, ou por deficiencia de mulheres ou pela pobreza dos homens. Entre os mussulmanos, apenas um por cento dos homens tem duas mulheres. Só nas grandes capitaes, onde a riqueza se agglomera, é que existem os ricos harens, para onde são arrastadas mulheres de todos os pontos da Asia, e até isto explica em certas regiões a deficiencia de mulheres e por isso a polyandria.

Nos povos das steppes da Tartaria ou das montanhas do Himalaya e do Caucaso, onde a belleza das mulheres provoca a procura dos harens, os homens da mesma familia teem uma só mulher, escrava polyandrica, por não haver na tribu bastantes individuos do seu sexo.

E' uma anomalia regressiva ao estado primitivo do matriarchado.

A polygamia, pois, não é uma questão de clima, é como a escravidão da mulher e a falta da liberdade politica o resultado d'um estado social primitivo. E se no Oriente ha polygamia, é porque tambem lá subsiste o despotismo.

X

No Egypto, no emtanto, desde os primitivos tempos que a mulher foi tida em grande estimação. Lá as mulheres não fôram escravas mas as companheiras de seus maridos; apresentavam-se livremente em publico e gosavam d'uma grande independencia de acção.

D'ahi a existencia da rainha Hatasu, filha de Thothmes I. Nitocris, da sexta dynastia de Maneton, governou o Egypto como unica rainha, e Sabak-nefru-ra, esposa de Amenemhat IV, reinou durante alguns annos. A consideração, porém, que mereceu a mulher aos egypcios não desdiz o principio da fôrça bruta, que regulou as primitivas relações sociaes do patriarchado e do cesarismo. A mulher no Egypto foi respeitada precisamente pelas suas qualidades de fôrça. A idéa moral e abstracta do respeito pelas individualidades, pelas mulheres e pelas creanças indefesas, só havia de apparecer com o desenvolvimento do cerebro humano que, adstricto a idéas geraes, cresceu pela fixação lenta dos habitos e pela evolução das concepções singulares, até esse pantheismo sentimental do Bem.

A posição occupada pela rainha do Egypto Hatasu, explica-se pelo facto de seu pae haver deixado como herdeiro do throno o mais velho de seus dois filhos, Thothmes-Nefer-Sham, ou Thothmes II, de caracter affavel mas debil. E sua irmã Hatasu era mulher de grande energia, varonil, intelligente, emprehendedora, vingativa e pouco escrupulosa. Casou com seu irmão, como era permittido, dominou-o e governou o Egypto (Rawlinson).

XI

O municipalismo das cidades gregas explica o estado da mulher n'essa phase social, estado bem differente do periodo heroico e patriarchal, em que o espirito grego,

amante do bello, se comprazia na contemplação plastica da mulher.

Mas as luctas politicas da Grecia alhearam os cidadãos do recinto do Lar, e a mulher lá ficou, ignorada, menos escrava do que o ilota, por amor da maternidade grega.

Nas cidades gregas, os negocios públicos e particulares debatiam-se perante a assembléa popular. O cidadão não vivia em casa, estava na assembléa, na praça publica.

Ao contrario, a mulher, que não tinha direitos politicos, porque não tinha sido elemento de fôrça na conquista do territorio e da liberdade, essa não podia sahir de casa, com o espirito entibiado pelo abandono do homem.

Não póde ser organica a familia onde os sexos se não conjuntam, e se o cidadão grego teve uma comprehensão organica do municipio, não pôde realisar grandes idéas politicas porque lhe faltava a integração da mulher na familia organica e por isso no Estado.

Tal é a principal razão da rapida decadencia da Grecia.

Em Sparta, matava-se a mulher maldita que não promettia ao Estado um soldado vigoroso. Quando uma mulher era fecunda, podia ser emprestada pelo marido para dar ao Estado filhos d'outro pae!

Os gregos ainda estavam perto da civilisação hindú, cujos livros santos asseveram que as mulheres são peores que a morte, que o inferno, que o veneno e que as serpentes. A falta de liberdade e de instrucção na mulher redul-a a simples femea, ao abandono lascivo. D'ahi a desconfiança do homem. Ha muitos seculos que o homem procura tornar honesta a mulher — prendendo-a e escravisando-a; conseguirá o que deseja — libertando-a e educando-a.

IMPERATRIZ DE BIZANCIO

XII

Vivia o grego na praça publica, a mulher ficava tristemente desprezada no gineceu, onde só podia ser vista pelos parentes mais proximos. Só em casos raros e previstos pela lei a mulher podia ser vista em publico. Esta desconfiança pela mulher manifesta-se depois e notavelmente entre os mussulmanos. E afinal nunca se pensou em educar a mulher, deselvolvendo-lhe os instinctos de dignidade. Prefere-se isolal-a a tornal-a forte e briosa pela educação. A mulher moderna ainda hoje se recente d'esta educação tradicional, e por isso vive de exterioridades, de impressões, porque nunca a habituaram a estudar reflectidamente os problemas da vida. E' uma das mais deploraveis iniquidades na historia do egoismo humano, afinal explicavel pelas conquistas biologicas da Especie. E' assim que a lucta vital sempre se tem manifestado. Que infinda lucta não é essa, a do escravo que passa para servo da gleba, para proletario, e que reinvindica o seu definitivo logar conquistado na integração organica do Estado democratico?

Sem a assistencia do homem, alheado na praça publica, na Grecia desappareceu a vida domestica, e o casamento assim, sem attractivos, passou a ser para os gregos um encargo pesado, apenas supportavel em nome do interesse do Estado para a procreação dos filhos. Só por obrigação legal é que o grego se casava. N'esta situação dos espiritos, comprehende-se o regimen manogamo do casamento grego. De mulher o *quantum satis*...

Para verificação de que este estado familiar se explica pela absorpção politica do cidadão, basta recordar a consideração dos gregos no periodo heroico pela mulher.

Nos tempos homericos, não ha homem honesto e sensato que não ame e não honre a mulher. «Não ha nenhum bem tão precioso, diz Achilles, como a união conjugal em que reine a concordia e o amor reciproco».

Mas estes factos não envolvem nenhuma efficaz conquista do individualismo feminista, a mulher é amada por esse espirito artistico do grego, que a esqueceu mais tarde pelos encantos das luctas politicas.

Tal é a razão por que a mulher grega não manteve a situação carinhosa do periodo heroico.

XIII

Demais, é incontestavel que o grego considerou sempre a mulher um ser inferior, mas linda para o amor e para a estatuaria.

Nunca pensou o grego na conveniente educação da mulher.

Na *Iliada*, os velhos troianos cujos filhos tinham morrido n'uma longa e cruel guerra declaram ao ver passar Helena, a linda grega encantada de Paris, que comprehendem como por uma tal mulher se tenha supportado uma tremenda guerra de dez annos.

E' ainda este o sentimento que levou Jacob a servir como escravo quatorze annos o pae da sua amada, para havel-a. Mas este sentimento de amor pela mulher, commum aos povos sentimentaes, tem sido porventura a causa do atraso na evolução feminista, porque o homem no seu amor lascivo, egoista e feroz pela mulher, isola-a, clausura-a, brutalisa-a até, para a possuir n'uma passividade animal que afinal bem pouco deve lisonjear a sua intellectualidade reflectida.

Muitos são os exemplos da admiração dos gregos primitivos pela belleza da mulher.

No nono canto da *Iliada*, Paris e Menélau, rivaes em amor e adversarios nos combates, empenham-se n'uma lucta, cujo premio será Helena. Esta vem á trincheira para ver Paris, o cobarde que abusa da hospitalidade, e para ver tambem o seu antigo esposo Menelau. Helena encontra Priamo, e a vista da formosa mulher não irrita o velho pae, apesar de ser ella a causa da invasão dos gregos em terras de Troia, apesar de ser por ella que durante nove longos annos os troianos soffreram os flagellos da guerra e viram perecer a flôr da sua mocidade e a esperança da patria; por ella um dos seus filhos vae arriscar a vida n'uma lucta desegual. Pois tantas desgraças não encolerisam o velho contra Helena. «Vem, diz Priamo a Helena, assenta-te junto a mim, minha querida filha, vê teu antigo esposo e teus parentes; não é a ti que eu accuso de tantos infortunios, mas aos deuses que excitaram contra mim esta guerra, origem de tantas lagrimas.» A admiração do velho pela belleza da mulher, o despreso pela sua individualidade psychologica e determinante!

RAINHA FRANCA

Além d'isso, Menelau, o marido offendido, tambem não toma em muita conta as responsabilidades da estonteada e ignorante Helena, quando, depois da queda de Troia, recebe benignamente a esposa infiel.

XIV

A educação das mulheres foi muito despresada na Grecia. Nasciam, viviam e morriam no gineceu, estioladas na funcção exclusiva e material da procreação. Nem a educação dos filhos lhes era attribuida. E afinal tantos seculos volvidos para ainda ser hoje a mulher, para muitos homens, um objecto miseravel de recreação libidinosa, estatelada nos cochins de brutalissimos nababos.

Ao contrario da mulher, o atheniense recebia uma educação liberal. Conhecia a litteratura e a arte dos genios hellenicos; lia assistia ás representações dos theatros e ás discussões philosophicas. A' mulher só se lhe impunha este movimento regressivo do espirito: — não devia falar, nem ouvir, e devia ser vista o menos possivel. Nenhuma virtude podia ter a mulher grega, n'este estado negativo em que a collocavam, pois que o seu unico ambito de acção era a quietitude em casa, a obediencia a seus paes ou a seu marido. Sabia no emtanto cantar e dançar, para poder tomar logar nos córos no dia em que uma festa religiosa lhe permittisse sahir do gineceu, esse logar de eterna clausura da mulher grega.

A civilisação grega abriu um profundo abysmo entre a mulher e o homem. Este quanto mais se educava mais se distanciava da mulher, immobilisada na ignorancia... Dir-se-ha que temos progredido muito pelo que respeita á educação da mulher?... Responda a leviandade feminina que cacareja nénias junto do homem moderno nobilitado pelo trabalho.

XV

Mas na Grecia tambem houve as cortezãs, que, livres das obrigações domesticas, se podiam relacionar livremente com os homens e tomar parte nos seus divertimentos e trabalhos. Applicavam-se aos altos estudos e proporcionavam á sociedade grega esse fino prazer intellectual de que os gregos eram tão ávidos e que não po-

diam ter junto as suas irmãs e a suas mulheres (1).

As cortezãs representaram um papel brilhante na sociedade grega, mas, como excepção que eram, não teem importancia para o nosso estudo.

Os gregos mantiveram sempre a mulher sob tutela, não lhe reconheciam capacidade juridica. Esta dependia da força athletica, e a mulher, physicamente debil, não tinha titulos para tanto.

O proprio Aristoteles explicava que «o escravo não tem vontade; a creança teem-na incompleta e a mulher impotente».

A escolha de marido não era feita pela mulher; o tutor dispunha da sua mão.

Necessario é porém reconhecer que, entre os gregos, a familia foi menos viciosa que na India e que na Judéa. O gineceu na Grecia não era o harem. A incapacidade da mulher tinha-a sob tutela para a defender, como no direito moderno acontece aos menores. Na Grecia, o patrimonio da mulher era inviolavel, e a monogamia e o dote são pois factos differenciaes da civilisação hellenica, esse poderoso elo do cultismo humano que tanto foi influir na civilisação romana, e depois no mundo moderno.

Nós julgamos que vivemos sob a acção do nosso livre arbitrio; mas a verdade é que somos influenciados pelo meio.

A AMA FRANCA

(1) As *helairas*, na Grecia, eram mulheres muito illustradas, relacionadas com os legisladores, poetas, historiadores e oradores da época. Tambem na India as cortezãs eram as unicas mulheres educadas, como diz Dubois. E' que no regimen da escravidão da mulher legitima, esta não podia educar-se.

A polygamia existiu no Egypto e, em virtude da commodidade, primitiva, o casamento entre irmãos e primos. Na India tambem existiu a polygamia, mas lá a mulher era respeitada. «Não batas n'uma mulher... nem mesmo com uma flôr». Mas ella não entrava no leito sem saudar respeitosamente os pés de seu marido. Entre os gaulezes, parece que tambem existiu a polygamia.

Em Lacedemonia, a consideração do homem estava na proporção do numero de filhos. Em Sparta, pelas leis de Lycurgo, os homens dormiam uns com os outros, ao ar livre, e só a occultas se encontravam com suas mulheres, para não serem apupados; os filhos estavam a cargo da cidade, educados em commum; os mais debeis eram abandonados ou mortos.

XVI

O espirito grego, representado pela classe privilegiada dos eruditos, culminantemente especulativo, sem o estimulo da grande industria, abateu naturalmente a mulher que não pôde acompanhar o espirito de synthese do homem hellenico, e foi considerada um animal inferior, como os ilotas. O mundo romano, recebendo dos gregos a monogamia, restringiu á mulher a faculdade de haver patrimonio e dote, porque, em Roma, tambem não se chegou á concepção da fraternidade humana, e não era o cidadão que fazia a propriedade, antes era esta que fazia o cidadão. A propriedade, em Roma, era parte integrante da personalidade juridica do cidadão. Mas a propriedade só era attribuida aos que nas conquistas do territorio, pelas armas, se tornavam grandes. D'aqui a negação de personalidade juridica á mulher, porque não lhe era attribuida a propriedade da terra.

Foram precisos muitos annos ainda para que a idéa moral do individuo fosse um principio democratisante. Os principios do Christianismo, até esses, atravessaram retrahidos o longo periodo medieval e da renascença, até o apparecimento do espirito revolucionario do nosso tempo, que se prepara seguramente para grandes conquistas de fraternidade e de paz. Hoje a ninguem é negado o direito ao trabalho livre.

XVII

Vem o mundo romano da civilisação grega. Vieram diversos povos para a Italia,— da Hespanha os iberos, da Gallia os liguros e celtas, dos grandes Alpes os etruscos, dos Alpes Julianos os venetos, da costa oriental do Adriatico e do Peloponeso os ilirios e pelasgios, da Grecia, e mui numerosos, esses hellenos que na Italia meridional formaram a grande Grecia; da Asia Maior vieram os pelasgos lidios, e das costas da Syria e da Africa as colonias do Tiro e Carthago. Micali filia a cultura etrusca em Italia na cultura origental e egypciaca.

Mas certo é que em meio de tantos povos se levantou Roma com suas leis e religião, e a cidade de Romulo foi pouco e pouco conquistando a hegemonia da Italia, cortada de valles, e do mundo antigo, tão vasto e fragmentado.

A colonisação grega effectiva e preponderante na Italia começa no seculo VIII antes de Christo. Os calcidios fundam Cumas.

Na Italia, como em toda a Europa, nos primordios da civilisação, vingaram as formas theocraticas vindas da Asia. E' este um periodo de guerreiros e ao mesmo tempo de sacerdotes. Isto explica o abatimento do individualismo feminino.

Os antigos povos, pastores ou agricultores, sempre foram guerreiros, sempre n'elles a força material imperava, e n'elles, judeus ou arabes, celtas da Escocia ou da Irlanda, indigenas do Lacio ou da Sabina, a familia é o primeiro elemento da sociedade, mas sob a auctoridade patriarchal do chefe como Abraham, guerreiro e sacerdote.

XVIII

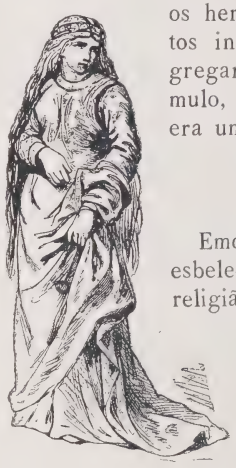
Em Roma, todos os direitos vinham da familia; os chefes eram os *Patres* (paes) e os *patricii;* a propriedade era o *patrimonio* (officio do pae); a patria a propriedade commum (*res patria*). A brogenitura no entanto não foi conhecida em Roma. A familia é constituida pelos *clientes,* por todos quantos na guerra e na paz ajudavam o *Pater,* como os *comites* germanicos, os *soldurii* dos aquitanos, os membros dos *clans* na Escocia. O patronato romano (*patrocinium*), como o patriciado, é uma lei de organisação das sociedades primitivas.

A existencia da plebe é commum ás civilisações guerreiras. O cidadão era o aristocrata, o vencedor, o possuidor da terra. Até na Etruria, apesar do desenvolvimento da riqueza mobiliaria, só a propriedade da terra nobilitava. A posse da terra era, como na Edade-Média, o symbolo do poder e o proprio poder. Os clientes, os que a trabalhavam, eram da familia. A principio deu-se a democracia dentro da aristocracia dos possuidores da terra. Esta era dividida egualmente. Os hebreus, antes de terem parte na *terra promettida,* foram todos eguaes, filhos do povo de Deus. Mas depois a propriedade passou a representar o trabalho accumulado e não uma distribuição, e d'ahi veiu a desegualdade.

A religião attribuiu á propriedade um caracter sagrado, protegida pelo deus *Terminus;* o furto é um crime e um peccado.

Assim os aristocratas da propriedade (*gentes patricium*) viviam no *pomerium,* o recinto sagrado do lar; os plebeus e os estrangeiros ficavam *extrapomerium,* fóra da cidade politica.

Mas nem sempre era a plebe pacifica; junto dos estados aristocraticos existiram sempre orlas indomitas, como os *autlaws,* os heroes dos tempos barbaros, elementos individualistas que tendem a desaggregar o poder absoluto do Estado. Romulo, expulso da casa patria de Alba, era um *condottiere.*



DAMA ALLEMAN

XIX

Emquanto a propriedade assim se ia esbelecendo em favor dos mais fortes, a religião adquiriria um accentuado caracter moral. Vesta, a virgem immaculada, a *Agni del Veda* da Asia, era a padroeira do logar domestico e do logar público; os Penates protegiam a familia, velavam pela paz do lar; a deusa Fidelidade fecundava a terra e as uniões conjugaes, apesar de sempre virgem. E' já a concepção christã da mulher virgem.

N'este ponto de vista, ha um grande progresso do mundo romano sobre o grego. Os deuses italianos, guardas da propriedade, da fé conjugal e da justiça, protectores da agricultura, presidem ás acções dos homenss. Esta concepção é contrária ao philosophismo grego, mas na prática é um melhor elemento de progresso moral. O Olympo romano não é brilhante como o grego, nem mysterioso como o do Egypto ou da India.

Em Roma, tudo está sob a égide da religião. Cada cidade, cada familia, cada homem, honra o seu deus, o genio protector (Lares, Penates). E' ainda hoje uma tradição romana a devoção dos santos, advoga-

dos de varios males, e dos Anjos da Guarda, nos povos do Occidente catholico.

Os Lares eram os genios da Familia; os Manes os dos seres que se haviam perdido.

Duas palavras designavam para o romano todas as virtudes — *vistus* e *pietas;* o valor e a firmeza; a paciencia no trabalho, o respeito aos deuses, aos antepassados, á patria e á familia, ás leis e á disciplina. «Nas sciencias e nas lettras vencem-nos os gregos — dizia Cicero — mas ha em nossos usos e em nossa conducta mais ordem e dignidade.»

Com effeito, a vida doméstica era em Roma simples e austera, sem luxo e sem ociosidade; o chefe trabalhava com os creados, a sua mulher com as creadas. Como Bertha, a fiandeira, a rainha Tanaquil e Lucrecia davam o exemplo do trabalho ás matronas romanas.

XX

Os romanos, mais trabalhadorse que os gregos, não passavam o tempo na praça pública, abandonando a familia.

Viviam nas casas, honravam-se de ser lavradores; só vinham a Roma em dias de mercado ou de comicio. Não perdiam o tempo. Se a estação não permittia a sahida para o campo, trabalhavam em casa, limpando os estábulos, compondo as alfaias agricolas; as mulheres concertavam a roupa do marido e dos filhos. Os dias de festa ainda eram aproveitados para ir vender azeite e fructos á cidade. Não permittiu Catão que os deveres religiosos fôssem estôrvo para o trabalho. «O pae de familia, dizia este, deve fazer dinheiro de tudo e não perder nada.» E este conselho só era para o pae de familia porque só elle existe n'ella: mulher, filhos, clientes, servos, tudo são coisas, instrumentos de trabalho, individuos sem vontade nem nome, sujeitos á omnipotencia do *Pater-familias.* Só este cumpre os *sacra privata,* dispõe das forças e das vidas dos seus escravos; como espôso pode condemnar á morte a mulher se viola a fé jurada, e não lhe deve a religião do luto nem a saudade da ausencia. Pode matar os filhos disformes, e vender os válidos até três vezes.

DAMA NORMANDA

Consules ou senadores pedem ser arrancados pelo poder paternal da tribuna ou da curia, para morrer, como o senador cúmplice de Catilina, que foi morto pelo seu proprio pae.

Aqui, se ainda ha a notar a eclosão da força individual nos escravos e na mulher, porque a civilisação não se faz d'um jacto, ha no entanto um progresso — o amor pelo trabalho e a cohesão familiar, pôsto que despotica.

Mas o espirito romano não pôde elevar-se além da creação auctoritaria do *Pater-familias,* com uma personalidade juridica absorvente, apenas attenuada a principio pelos preceitos da religião, depois pela influencia parallela da cidade e mais tarde pelo poder cesarico dos imperadores.

XXI

A cohesão familiar e o amor ao trabalho explicam a grandeza e perduração do povo romano, mas tambem d'alli veiu a usura, um vicio tão proprio dos povos agricultores. Este contracto fazia-se a 12, 15 ou a 20 %, e a lei entregava ao credor liberdade, os bens e até a vida do devedor insolvente.

As curias não acceitavam, no entanto, aos chefes de familia os testamentos pelos quaes os patrimonios teriam de sahir das familias. No regimen do individualismo agrario comprehendia-se isto; era a sua defesa. Por isso os romanos não receberam dos gregos o principio do dote e patrimonio para as mulheres. Este exclusivo passou para o Feudalismo, e acabou entre nós pela extincção dos morgados. Foram necessarios 27 seculos para esta conquista do individualismo. Como é lento o caminhar da civilisação se o comparâmos com a celeridade da vida do homem!

Não se deve porém concluir d'este abatimento secular da mulher que ella deixou de representar um elemento poderoso na civilisação através dos seculos.

No regimen patriarchal, foi a mulher a inspiradora do senso moral e religioso; depois, entre os gregos, clausurada no gineceu, foi para os filhos que educava o exemplo vivo da resignação e do amor. Em Roma,

á mulher se deveram esses carácteres austeros que se formaram no Lar, sob a vigilancia da mãe, exemplo de trabalho, de fidelidade e de honra. Vesta representa o espirito bom e protector da mulher.

Como a lei romana queria a conservação dos patrimonios, e a mulher era o elemento movel pelo casamento, esta não tinha patrimonio, pelo que estava sempre sob tutela, porque, em Roma, quem não tivesse propriedade não tinha personalidade juridica, não era pessoa, na familia e no Estado.

(Continúa.)

CARNEIRO DE MOURA.

Cave Amore

(Trad. de Claudino Popelin)

Logo que a simpathia, em seus paços dourados,
embala os corações nas asas feiticeiras,
a amisade e o amor, curvando as altaneiras
palmas, deixam cahir seus fructos matisados.

Mas quantos ficam logo a principio embriagados
ás pervincas preferindo as fataes dormideiras,
e as vertentes do Amor coalhadas de geleiras
á bemdita amisade em seus valles sagrados!

E na manhan da vida, embarcam satisfeitos
dos sonhos sobre o mar... mas quando o sol desmaia
seus corpos nús, na areia, extiram-se desfeitos...

O amor somente dá cadaveres á praia.
Ai quantos eu não vi, da vida sobre o mar,
naufragos da ventura, á tôna, a fluctuar...

J. Regalla.

Bibliographia

Ignez de Castro e Pedro o Crú. — O sr. M. Vieira Natividade, escriptor erudito e dotado de um fino espirito de investigação e de erudição, acaba de publicar um livro subidamente interessante. Tem essa obra, de grande alcance historico e archeologico, por titulo *Ignez de Castro e Pedro o Cru perante a iconographia dos seus tumulos*. Com uma grande paciencia e sagacidade o auctor dá-se ao trabalho de reconstruir a melhor e mais interessante parte da vida dos dois amantes pelo exame da sua iconographia. O texto vem cheio de photographias altamente elucidativas e extremamente artisticas tiradas pelo sr. Antonio Natividade, que honram tanto a sua arte como o trabalho que illustram.

Estrella cadente. — São versos dos vinte annos, de Vaz Passos, um rapaz enthusiasta, de estro inspirado, com aspirações elevadas e cantando, como a cotovia, a alvorada da sua existencia.

Outonaes. — Um repositorio de poesias sentidas, de Raul do Valle, que os leitores dos *Serões* conhecem já pelas diversas producções suas insertas n'esta publicação. E' um vate de merecimento que affirma mais uma vez o seu valor n'este livro.

Terra a terra. — O sr. Raul de Azevedo, escriptor de estylo facil e elegante, lembrou-se de publicar uma série de episodios, de factos, de observações que teve occasião de analisar no decorrer da sua vida. E' o seu jornal. E' um archivo interessante, com muitas notas espirituosas e aflorando assumptos que se lêem com prazer.

Canções do Norte. — E' um livro de versos que nos chega de Manaus, firmado pelo sr. Theodoro Rodrigues. O poeta em frente da natureza, pujante e magestosa, dedilha a lyra e deixa correr o estro á mercê da sua inspiração. As suas poesias revelam que sentiu o que escreveu e que sabe escrever o que sentiu.

Carteira de um africanista. — O major de engenharia Henrique Barahona, escriptor brilhante e colonial prestimoso, publicou com o titulo acima designado uma separata da *Revista de Engenharia Militar*, muito curiosa e importante, sobre as fortalezas da Guiné e da Africa Oriental. E' um trabalho de valor, onde á parte historica se allia uma exposição clara, methodica e attrahente.

Uma lenda do seculo XII. — O sr. barão das Lages (Luiz), aproveitou e desenvolveu com arte uma lenda baseada n'uma tragedia succedida no solar da Juncosa, ao norte d'Entre-os-Rios, a quatorze kilometros da estação de Cette. E' um livrinho attrahente que se lê de um fôlego.

Numerosas celebridades clinicas e medicas de todos os paizes, recommendam muitissimo a **Somatose** *de cujos effeitos estimulantes, tónicos e reconstituintes do systema nervoso formaram um juizo altamente favoravel. Vende-se em pó ou liquida nas pharmacias e drogarias.*

Senhoras em evidencia

Musica

Cada dia, no nosso restricto meio, mais se vae alargando o circulo dos eleitos da Arte, dos que attingem a perfeição consciente no culto do Bello. Na pintura, como na musica, a mulher portugueza vem de ha pouco firmando, d'uma maneira inilludivel, um logar de destaque.

A illustre senhora que hoje ennobrece as paginas d'esta publicação, Mademoiselle Felicidade da Costa Pereira, é, na divina arte da harmonia dos sons, um dos mais promettedores talentos da actual geração portugueza de *virtuoses*. Discipula do grande mestre portuguez, que é Rey Collaço, que n'ella encontrou a sua discipula predilecta, Mademoiselle Felicidade Costa Pereira causou o assombro de quantos tiveram a ventura de escutal-a, n'um concerto ha pouco realizado no Conservatorio, e em que collaboraram o seu illustre professor e Madame Kendal. Quem assim sabe interpretrar, tão commovidamente, os mais transcendentes e perfeitos trechos dos mestres da Arte, tem marcado um logar de evidente realce entre os artistas da nossa terra.

MADEMOISELLE FELICIDADE COSTA PEREIRA

Estas palavras não são, sómente, um rapido e justo elogio a quem o merece; são tambem um incentivo aos que iniciam a sua carreira para que não esmoreçam e sigam as pisadas d'aquella illustre dama que acaba de consagrar-se para o nosso acanhado mas intelligente meio artistico. Um povo tanto mais sóbe na craveira da civilização, quanto mais no seu seio se estende, se alastra o culto das manifestações artisticas. Portugal não é um paiz que desdenhe as bellezas da Arte musical. Muito pelo contrario a terra de Marcos Portugal foi sempre campo fertil dos melhores cultores da divina arte de Mozart. Isto nos defende e compensa de muita miseria nacional.

Mademoiselle Felicidade da Costa Pereira entrou definitivamente na limitada fileira dos consagrados.

Poesia

A illustre senhora, que subscreve o formoso volume que temos presente, faz com as *Glycinias*, a sua estreia no mundo das letras, estreia auspiciosa e promettedora, que revela um finissimo espirito, susceptivel de se exteriorizar nas fórmas mais caprichosas e na inspiração mais forte e elevada.

Depara-se-nos imagens formosissimas, fórmas originaes e conceituosas e, sobre tudo, um destaque de verdade que commove e deleita quem os lê. E' a synthetisação mais completa das qualidades d'uma alma, o sentimento posto na fórma caprichosa do verso com toda a belleza d'uma manifestação sincera, sem os relevos do artificio, sem a manifestação exclusiva da arte.

A poesia puramente subjectiva é por vezes fastidienta. O *eu* demasiadamente batido na leitura d'um volume é extremamente fatigante. E, de resto, hoje a poesia objectiva domina

todas as almas que sabem sentir, que sabem impressionar-se deante das alegrias ou das dôres que passam na peregrinação da vida. E' por isso talvez, que uma das poesias que mais nos impressionam no volume da distincta poetisa, é a que se intitula *Alma soffredôra*, que revela uma magua sentida das dôres hu-

D. LUTHGARDA GUIMARÃES DE CAIRES

manas, uma alma que não póde vêr passar, na estrada dolorosa da vida, quem chóre a magua immensa do soffrimento do viver.

Mulheres que passaes, offegantes, anciosas,
De olhar vago e turbado,
Ganhando o duro pão em lides trabalhosas
De tronco derreado;

.....

A todas que a miseria ao desalento leva
Almas abandonadas,
Eu quereria ainda illuminar a treva,
Em que estaes mergulhadas.

.....

E' assim olhando a cruz, serenas, sem temor,
Vos lembrareis até
Que á doce mãe de Deus, alanceada de dôr,
Nunca perdeu a fé.

De resto o elegante volume que uma formosissima capa ornamenta, contém poesias de muito valôr. Destacaremos: *A lenda de Guiomar*, *Noite de Natal*, e o formoso soneto *Infante Santo*.

D. Luthgarda Guimarães de Caires é, mostra-o o presente volume, uma poetisa de merito real, tendo conseguido conquistar o seu logar entre a fileira mais distincta das mais distinctas poetisas portuguezas. Esperamos que as suas faculdades superiores encontrem mais occasiões de se evidenciar porque de quem lança a publico um volume do valor das *Glycinias*, muito ha a esperar.

O elegante volume de versos é editado pela livraria Ferreira, da rua do Ouro.

Chronica da Moda

Lisboa despovoada de elegantes — As praias de Portugal batendo o record da elegancia — As toilettes para noite — Os vestidos de lingerie bordados — Os tailleurs inglezes preferidos no campo — As mussellines de seda e seus derivados — A renda tulle — A descripção duma toilette chegada de Paris — As blusas fieis á rotina — As cachemiras orientaes — O velludo preto é a grande moda da estação — Os sapatos de velludo — Os chales de cachemira da India, dos nossos avós — Os manteaux de setim e chiffon, etc., etc.

A nossa bella Lisboa despovoou-se a pouco e pouco, perdendo completamente o seu ar festivo e a sua estonteante animação, tão caracteristica e portuguêsa.

Em compensação, pois tudo tem as suas compensações, respira-se melhor, e apesar do excessivo calôr, as noites são amenas e a temperatura agradavel e fresca.

Não obstante as considerações que constantemente fazemos no nosso espirito, anceamos tambem por fugir para uma d'essas agradaveis praias tão beneficas, tão tonificantes para a combalida saude de um anno de excessivo trabalho, e de... saudades do mar!

Repousar das fadigas physicas e moraes que a vida constantemente nos dá, e docemente embalada pelos canticos das aves e pelas orchestrações alegres da prodigiosa e bella natureza, renovar forças e aspirar alentos para as luctas terriveis de todos os dias.

V. Ex.as, por certo não podem fazer uma pequena ideia da missão da desgraçada chronista!

A estação vae algo adiantada e se não fossem as formosas praias de Portugal que nesta temporada *batem o record* na elegancia, ver-nos-hiamos a braços *com a m'seria*... e nada de novo poderiamos dizer que vos merecesse cinco minutos d'attenção.

Nada d'isso acontecerá, porém, visto eu ter tanta e tanta coisa interessante para relatar e quando mais não fosse, o promettimento de chronicas alegres e mundanas acompanhadas dos devidos *cancans* que por essas praias iremos desfructando.

Perdoae-me a *tagarelice* e vamos ao que importa... ás novidades.

As creações recentes não são mais que variações sobre os themas conhecidos. A occupação principal, o que actualmente prende as attenções no mundo elegante feminino, são as *toilettes* para noite, essas maravilhas d'arte que a imaginação humana pôde inventar.

A impressão do conjuncto, a harmonia geral, são coisas que constituem o gosto *raffiné* de manifestações mundanas e n'um sentido mais amplo ainda, o estylo d'uma epocha!

A nossa tem feito certamente uma revolução e nunca nenhuma outra foi tão discutida. As criticas e as troças podiam julgal-a ephemera mas é um erro, criticas e troças teem persistido como a moda e se na realidade cer-

UMA «TOILETTE» DA ULTIMA MODA DE LONDRES

A alegria de vèr as creanças sans, robustas, fortes e rosadas, consegue-se unicamente administrando-lhes **SOMATOSE.**

tas exagerações que frizam a inconsciencia ou o grutesco são postas de parte pelos *leaders* na elegancia, a linha geral d'estas modas tão altamente discutidas foram adoptadas por todas as senhoras, tendo no emtanto algumas o criterio de encontrar meio de se affirmarem, differençando o verdadeiro *chic* das ridiculas imitações. Estas pequenas coisas são um verdadeiro mundo e escondem thesouros de gosto, de proporções justas e ainda uma vez é n'este sentido das harmonias que eu acabo de fallar.

Vejamos como a moda se manifesta por exemplo n'este momento:

Os delicados vestidos de *lingerie* bordados, que fazem o encanto das grandes reuniões sportivas, estes, não são o que, verdadeiros e entendidos mestres das modas querem exageradamente apertadas em baixo, roubando toda a gentil flexibilidade, o encanto, por assim dizer da mulher; não querem as fórmas direitas, estreitas, certamente fazendo a *silhouete* fina e alongada, mas cahindo frouxamente sobre um forro de seda molle, que é reduzido a mais extrema estreiteza.

Para o campo, onde a concorrencia é pequena, são preferidos os *tailleurs* inglezes. São sempre praticos, commodos e muito elegantes.

A *musselline* de seda e seus derivados, como gaze *chiffon*, gaze *royale linon* de seda e outros conservam-se fieis e sempre a favor das elegancias *raffines*, mas, a renda tulle não quer ceder e com razão, o seu precioso logar.

E' exclusivamente a ella que uma das grandes casas *chics* de Paris, confia a interpretação dos seus modelos tão encantadores. A renda tulle, genero applicação, tulle bordado a soutache incrustada de pequeninos florões debruados nas extremidades de maneira a fazer relevo sobre o fundo, tudo isto se presta ás mil maravilhas, a esses longos vestidos direitos com as suas tunicas abertas dos lados.

Este genero de bordado á ingleza applica-se sobre todos os tecidos finos como *taffetás* flexiveis, *tussor*, *voiles* de seda e algodão e *toiles*. Póde ser bordado a côres, o que é muito bonito, mas, aconselharemos as nossas amaveis leitoras a que o branco será fatalmente preferido pelas senhoras praticas e talvez até mais elegantes.

Tinhamos previsto no inverno que seria esta a orientação em genero bordados, constituindo uma encantadora phantasia para os vestidos de lavar. Começam a ser devidamente apreciadas com um successo enorme as simples e engraçadas incrustações em *cretone* sobre os tecidos leves e transparentes.

E' uma nota alegre que dá frescura e novidade ás *toilettes* de noite.

Devido á gentil amabilidade d'uma das senhoras mais elegantes da nossa sociedade, foi-nos permittido admirar um d'esses vestidos chegados ha poucos dias de Paris. O vestido que reune a uma simplicidade encantadora um *chic* admiravel, d'uma completa novidade para nós, é em renda tulle; a saia direita e curta tem em baixo uma incrustação de *cretone*, formando grinalda de rosas, d'um tom um pouco vivo quasi cereja.

A blusa, feitio *kimono*, tem a meio do corpo a mesma guarnição da saia, assim como em volta do decóte, sendo esta um pouco mais pequena. Completa esta graciosa *toilette* um cinto de seda da côr das rosas, fechando com uma fivella feita do mesmo *cretone* bordado. Dos lados, entre a renda e o forro, partem da cintura umas fitas em seda da côr do cinto que veem prender com umas rosetas das mesmas incrustações no fundo da saia. Este conjuncto de côres e a artistica disposição das guarnições fazem uma *toilette* admiravelmente bella, frêsca e cheia de novidade. Asseguramos um verdadeiro successo á sua *Dona*, o que não seria para nos espantar, visto que é sempre em toda a parte considerada *arbitro* em elegancia.

Aconselhamos as gentis leitoras d'esta chronica, que experimentem este simples bordado que bem confeccionado, lhes dará uma graciosa e linda guarnição. Terá o nosso triumpho e a inveja das que não tenham tido essa feliz lembrança.

As blusas continuam na sua *rotina* porque difficilmente poderão ser substituidas pela commodidade que offerecem. Fazem-se em rendas, tulles, cambraias e batistes. Estas, são para acompanharem as saias brancas em genero algodão e sarjas. Para o vestido *tailleur* completa-se com as *chemisettes* em tecidos japonezes, em *chiffons* de duas côres para fazer o tom do vestido. Tambem se fazem em sedas lavaveis, em sedas bordadas (suissas) que qualquer pessoa pode fazer pela simplicidade de confecção.

Muitas senhoras, consideradas pelo seu bom gosto não abandonaram as *cachemiras* orientaes que são na realidade muito bonitas e se prestam a fazer vestidos simples e elegantes.

O velludo preto é a grande moda da estação, vendo-se nos chapéos, nos vestidos, nas sombrinhas e até nos sapatos!

A sombrinha de velludo *daublée* de crepe da China, ou *liberty* da côr dos vestidos, a maior novidade n'esse genero.

Os sapatos de velludo preto são especialmente usados com vestidos brancos.

A moda actual distingue-se pela sua grande variedade e independencia phantastica e livre. Para uma senhora ser elegante, precisa apenas de muita arte, ousadia e habilidade na associação das côres e harmonia dos tecidos.

Com todos estes *predicados* consegue salientar-se, até mesmo n'um grande meio.

* * *

Um agasálho leve e ao mesmo tempo que nos preserve das humidades do outôno é essencialmente preciso e indispensavel. Para isso temos agora a mais recente novidade.

Os chales de cachemira da India, os que serviram d'agasalho elegante ás nossas avós, são agora artisticamente aproveitados para

d'elles se fazerem elegantes e confortaveis *manteaux*.

A sua originalidade está na maneira de os confeccionar, o que deve ser, segundo um bom modelo, feitio *kimono*. Podem ter umas barras de setim preto, ou então aproveitam-se-lhes as suas proprias franjas. E' o verdadeiro *manteaux* para casinos e hoteis, rivalísando com os de setim e *chiffon*, igualmente *chics*.

Aqui teem as nossas queridissimas leitoras o que lhe podemos dizer em novidades e cremos bem que não ficarão mal impressionadas com esta chronista, não direi d'agua doce, mas de *doces palavras*... Por essas praias elegantes onde a phantasia nos levar, não deixem V. Ex.as de rir, de dançar e de se divertirem porque o tempo que passa não volta mais, e depois... que saudades!!...

Real Associação Naval

Passeio ao Alfeite

UMA LARGADA

UM ASPECTO DA ASSISTENCIA

Foi interessantissimo, repleto de peripecias, o passeio que a Real Associação Naval organizou á quinta do Alfeite e a «gimkana» que se lhe seguiu. Reproduzimos alguns dos aspectos d'essa diversão.

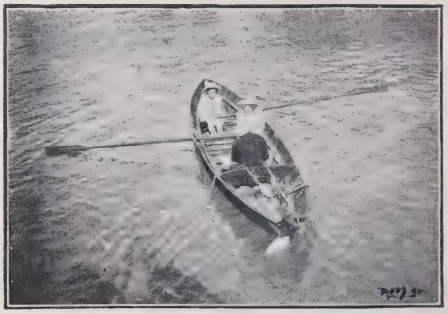
A regata da Azambuja

Decorreu magnifica, enthusiastica, a regata que a 24 do passado mez de julho se effectuou na Azambuja, disposta e levada a effeito pelo Real Club Naval de Lisboa e a que concorreu grande numero de senhoras.

Inserimos abaixo diversos incidentes d'essa manifestação desportiva.

O HIATE A VAPOR DO SR. HOLBECHE CONDUZINDO SUA ALTEZA O PRINCIPE REAL

OUTRIGGERS DE QUATRO REMOS



BARCO TRIPULADO PELAS SR.as GUDRUN WILARG E MILDA WILARG
TIMONEIRO, JOÃO ROCHA LEÃO

José da Purificação Coelho

Acaba de concluir o curso de architecto o sr. José da Purificação Coelho, que com bello aproveitamento e brilhantismo cursou as respectivas cadeiras na Academia de Bellas Artes.

Purificação Coelho foi não só um estudioso alumno que pela sua applicação mereceu sempre a consideração dos seus professores, mas tambem um bello camarada que de cada condiscipulo soube fazer um amigo.

Purificação Coelho que em breve se vae entregar aos labores da carreira a que se dedicou, seguirá por certo a escola de seu pae o sr. Thomé da Silva Coelho, que tendo-se votado ao mesmo mister, soube pela sua competencia, honradez e seriedade conquistar a estima de todos que com elle tratam.

Tourada de amadores em Cintra

O espectaculo tauromachico é ainda um dos preferidos para a beneficencia. A nossa gravura representa um grupo de denodados amadores que tomou parte n'uma d'essas festas.

UM VALENTE GRUPO DE LIDADORES

Theatros

«Os Lazaristas» e o actor Joaquim d'Almeida. — Ao falarmos do drama de Antonio Ennes, *Os Lazaristas*, ultimamente levado á scena no theatro *Etoile*, situado na calçada da Estrella, parece chegar-nos ainda aos nossos tympanos, os retumbantes applausos que a peça obteve, em todos os theatros de Portugal, desde o Gymnasio, onde se realisou a sua primeira representação. Poucas são as peças que em Portugal teem alcançado um tão ruidoso successo e conseguido levantar tanta celeuma, como esta obra do sr. Ennes, principalmente em Braga, onde, se não estamos em erro, Joaquim d'Almeida no papel de protogonista, foi alvo de bastantes manifestações hostis, que mais valorisaram o seu admiravel trabalho.

Em abono da verdade, porém, deve dizer-se, que tão grande exito veiu unicamente da occasião e não do valor da peça que, a nosso vêr, representa o peor trabalho theatral do distincto escriptor, que foi Antonio Ennes.

Muito e muito superior é o drama *O Saltimbanco*, original do mesmo auctor, e comtudo bem inferior foi o exito que obteve; nem parece ter sahido da mesma penna. Deixemos, porém, em socego as camadas poeirentas que cobrem a peça *Os Lazaristas*, e aproveitèmos a occasião que se nos offerece, para prestar uma justa homenagem a Joaquim d'Almeida, artista de alta valia, e que, sem dúvida, para quantos se interessam por coisas de theatro, se torna doloroso vel-o representar com artistas de mediocre categoria — excepção feita ao actor Luciano — e n'um theatro ainda bem mais insignificante do que aquelle onde, n'estes ultimos tempos, tem exhibido um reportorio em completa desharmonia com o seu elevado merito.

Joaquim d'Almeida é o que se chama um actor na verdadeira accepção da palavra. Attesta-o bem alto, a sua enorme galeria artistica; citamos ao acaso, as peças: *Os Lazaristas, O Saltimbanco, O drama do povo, Nitouche, Morte civil, As duas bengalas, Luiz XI, A sr.ª Ministra, Os Pimentas, O papá Lebonnard*, etc., etc., onde exhuberantemente brilha o seu enorme talento.

Conhecedor da scena como poucos, para elle não ha papeis fracos, uma simples rabula, como se diz em linguagem de bastidores, valorisa-se quando lhe é confiada, e d'isso deu sobejas provas ainda ha bem pouco tempo no Gymnasio.

Ha quem diga que Joaquim d'Almeida nunca estudou um papel, dando logar o facto ao abuso excessivo do ponto. Não é verdade; o que é certo, é que a sua intelligencia abrange com facilidade o typo a interpretar, que a simples leitura d'um papel lhe basta para conhecer a feição real da personagem, e que, se a memoria, hoje mais fraca, o atraiçôa, elle, conforme o tempo que mediou desde a *deixa* até ao pronunciar da phrase que tem a dizer, lhe imprime a precisa inflexão, de fórma que ella nada perde do seu valor. Ora isto sómente se

consegue, quando se é, como Joaquim d'Almeida, um grande artista. E' caso para dizer aos invejosos que procuram deprimir-lhe o valor que «quem com ferro mata, com ferro morre!

Pois este artista, vê-se na necessidade de representar em theatros de infima ordem e com *collegas*, cujos nomes são completamente desconhecidos no nosso meio theatral!...

SALÃO PHANTASTICO

A peça phantastica «O Jardim do Regedor»

Trindade. — Uma companhia sob a direcção do actor Alves da Silva, levou á scena o drama *Conselho de guerra*, cujo assumpto é a questão Dreyfus, que durante um largo periodo de tempo, tanto prendeu a attenção de todas as nações.

Como principal figura da peça, ha a que representa Emilio Zola e foi interpretada pelo actor Alves da Silva, com muita correcção.

A peça tem lances dramaticos d'uma grande intensidade, uma boa disposição nas scenas, que seguem n'uma ordem crescente de interesse, a que se junta um bom scenario e um desempenho muitissimo harmonico. A questão Dreyfus é moldada sobre intrigas jesuiticas e militares, que levaram Dreyfus á condemnação, surgindo d'entre ellas, a figura sympathica de Zola, conseguindo a peça, como é facil de prever, agitar a platéa que rompeu em applausos, aos que interpretavam as personagens julgadas *bôas* e em pateada, aos que tinham a seu cargo as personagens suppostas *tyrannas*.

Além do actor Alves da Silva, distinguiram-se no desempenho as actrizes Adelina Nobre, Cecilia Neves, Virginia Nery, e os actores José Monteiro, Joaquim Silva, Sacramento e Araujo Pereira.

Rua dos Condes. — Mais uma revista de Baptista Coelho e André Brun, com o titulo *O diabo que o carregue*, sobe todas as noites á scena, no theatro da Rua dos Condes, o que prova ter cahido no agrado do publico. Diremos, porém, que das peças dos mesmos auctores é a menos feliz, mostrando ter sido escripta um tanto sobre o joelho. Mas agrada ao nosso publico, que todas as noites, enche o theatro e crêmos que o auctor não pensou conseguir outra coisa.

*

Os theatros, porém, que presentemente attingem a méta da novidade, são os da *Feira d'Agosto:* Theatro Chalet, empreza Julia Mendes e direcção Alvaro Cabral, com a revista *Zig-Zag;* Theatro Chalet Avenida, com a revista, *Em aguas de bacalhau*, e o theatro Chalet Trindade, com a revista *Duras de roer*.

Uma alluvião!... Chalets... e revistas!!

Mas, todas as noites estão... *á cunha!*

H. O.

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

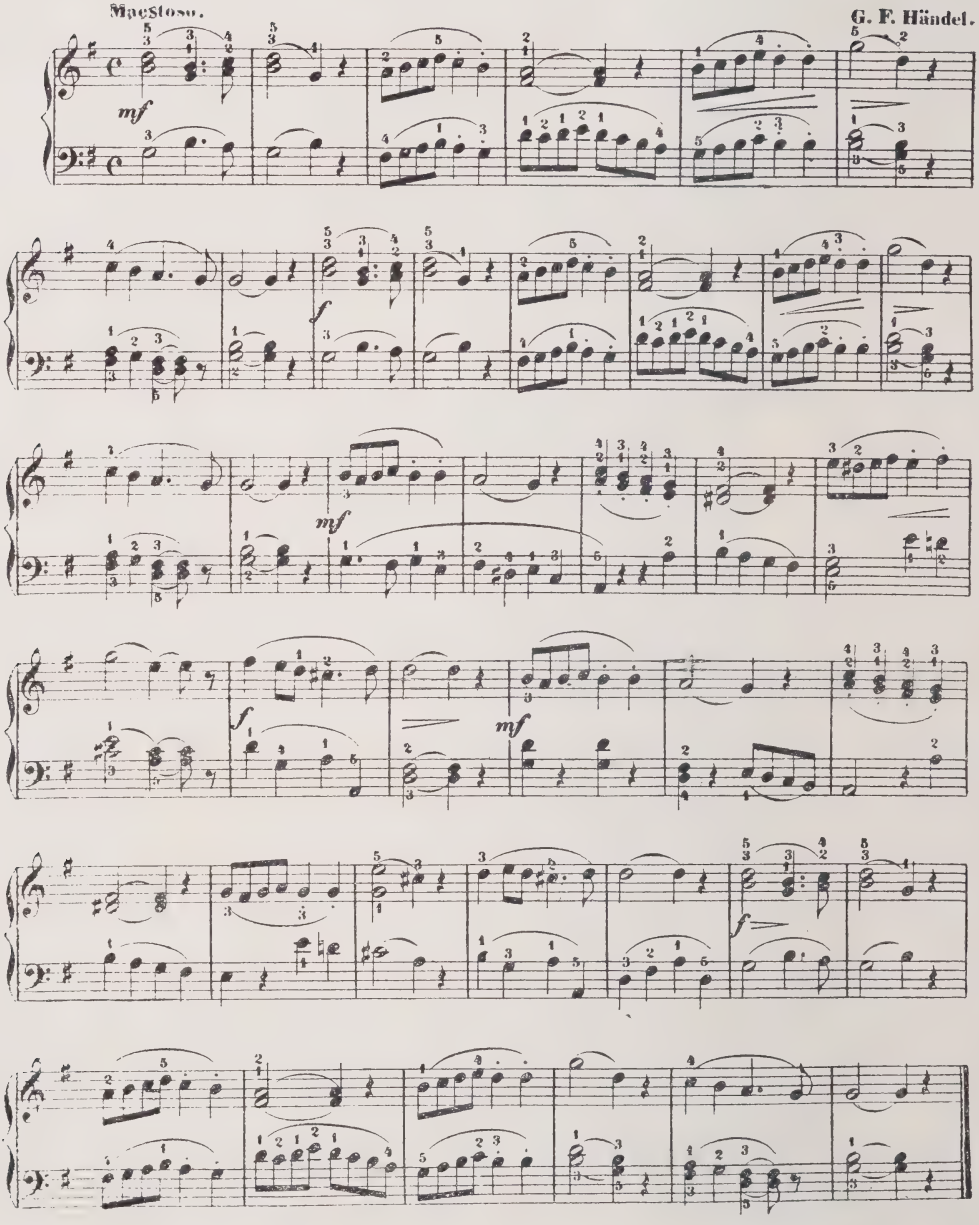
Musica dos SERÕES

Côro de Judas Machabeu

DE

G. F. HÄNDEL

Côro de Judas Machabeu



BRINDE

Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.ª classe)

OU O SEU EQUIVALENTE EM RÉIS

Senha numerada para o sorteio

Com o proximo n.º 64, referente ao mez de outubro do nosso magazine **Serões,** enviaremos, aos estimaveis assignantes, sómente assignantes, a senha numerada para o sorteio do BRINDE que promettemos no primeiro numero do corrente anno, uma vez que os seus recibos se achem liquidados com a administração dos **Serões.**

Aos senhores assignantes por periodo de um semestre, será enviada uma senha só com um numero, e com dois numeros na mesma senha, áquelles que assignaram por todo o anno de 1910.

O sorteio realisar-se-ha com a grande loteria do Natal, que se effectua nos ultimos dias de dezembro na Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

As senhas numeradas serão unicamente enviadas aos nossos assignantes que tenham adquirido este magazine por meio de assignatura semestral ou annual, dentro do corrente anno, assignaturas cobradas em troca do respectivo recibo passado pela administração dos **Serões.**

Esta explicação torna-se necessaria, visto alguns dos nossos correspondentes das provincias, que recebem os **Serões** em condições mui diversas, se julgarem com direito ao BRINDE, quando este só visa assignantes semestraes ou annuaes, e não compradores com commissão, ou avulsos.

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem a mão.*

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, é qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, fridas, crostas, assamentos;
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

Blenol — Lindacutis — Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SERÕES

N.º 64 — Outubro 1910

Assignatura { Semestre.. 1$200 / Anno ..... 2$200
Numero avulso 200

Composto e impresso
na Typ. do Annuario Commercial

EFFEITOS DO LUAR

O «Maris Stella» navegando

A MAIOR E MAIS IMPORTANTE

FABRICA

PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construcção de pontes,
vigamentos e estructuras metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR

MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUCÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES

Alfaias e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos

SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRIPTORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE
N.° 256—BELEM

Telegrammas
Santamaro
LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente
AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

Pag.

O JANTAR DO BISPO
Quadro de Pastoris *(Frontispicio)* 242

VISEU E A MONARCHIA VISIGOTHICA
(7 illustrações e 1 vinheta) por A. Beldiabo 243

RIO DA SOMBRA *(Versos)* por Augusto Casimiro *(2 illustrações)* 250

A CARTA ROUBADA
(3 illustrações e 2 vinhetas) por Edgard Pöe 252

VIDA NOVA *(Versos)* por José da Costa Sampaio *(1 illustração)* 258

O IMPERADOR DA ALLEMANHA
(3 illustrações e 1 vinheta) por Portugal da Silva 259

GORONGOZA, PAIZ DE CAÇA
(4 illustrações) por G. Bivar Pinto Lopes 269

LUIZ XIV E LA VALLIÉRE
(2 illustrações e 2 vinhetas) traducção de B. de Salles 275

AS LIÇÕES DA ITALIA
(11 illustrações e 1 vinheta) compilado por Eduardo de Noronha 281

SANATORIO *(Versos)* de Raul do Valle 292

UMA VISITA AOS MORMONS
(1 vinheta) versão do inglês por Manuel de Macedo 294

SONETO *(D'Arvers)* traducção de J. B. Pinto da Silva 299

A CONTEMPLAÇÃO DO CÉU
(2 illustrações e 1 vinheta) por Affonso de Castilho 300

BICHO DA TERRA *(Soneto)* por Alexandre Fontes 304

LES NOCES DE CANA
(1 illustração e 1 vinheta) por Arlindo Monteiro 305

PHANTASIA *(Versos)* por A. Mella 307

PRESAGIO TRISTE
(1 vinheta) por Aline Cunha 308

ECCOS E REFLEXOS
(10 illustrações) 310

NATAL *(Versos)* por João Maria Ferreira *(1 illustração)* 320

A MUSICA DOS SERÕES

ARLEQUIM, *Pas de Quatre* de Pedro F. Ribeiro d'Almeida . . . . . 3 pag.

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — *Notas sobre Anthero de Quental*, 1 vol. br.	700
Conan Doyle — *Aventuras do Brigadeiro Gérard*, 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — *O pintor Nuno Gonçalves*, 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1$500
Antonio Sergio — *Rimas*, 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — *Peregrinação*, edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — *Obras*, 2 vol. br.	1$200
André Brun — *Dez contos em papel*, 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — *Diccionario Pratico Illustrado*, 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3$000

CASTELLO DE MOURA

Afamadas aguas mineromedicinaes e indiscutivelmente as melhores de meza.

Refrigera os sãos e cura os doentes

Grand Prix, Rio de Janeiro 1908 — **Medalhas de Ouro**, Madrid 1907, Porto 1904 — **Medalha de Prata**, S. Luiz 1904.

TELEPHONE 880

Deposito geral: Rua Arco do Bandeira, 24

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

Caldeira Pires

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quarteis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas differentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3$000 réis

Colladas em panno, envernisada, com reguas de madeira **5$000 réis**

PROPRIEDADE E DEPOSITO GERAL

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de outubro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer encommenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.ª

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de outubro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar nos espectaculos realisados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de outubro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de outubro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de **10 por 100**

durante o mez de outubro 1910.

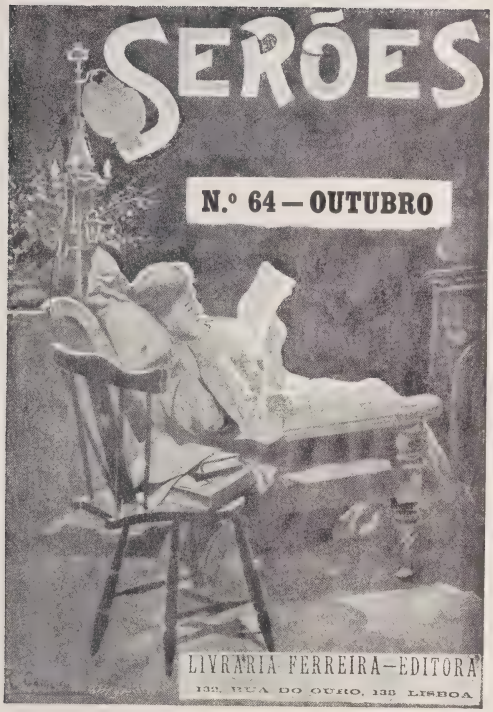
Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de outubro 1910.


SERÕES
N.º 64 — OUTUBRO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
133, RUA DO OURO, 135 LISBOA

O JANTAR DO BISPO

(Quadro de Pastoris)

PORTAO DO ANTIGO CONVENTO DE S. FRANCISCO DE ORGENS OU DO MONTE, CUJA IGREJA É HOJE MATRIZ DA PAROCHIA DE VISEU

Viseu e a monarchia visigothica

A origem de Viseu segundo diversos escriptores — Os varios nomes attribuidos á velha cidade — A lenda de Miragaya, immortalisada por Garrett — A primitiva Sé visiense em S. Miguel do Fetal — D. Rodrigo, o ultimo rei gôdo, e o seu tumulo em Viseu — A lenda da Nazareth.

A cidade de Viseu é das mais antigas da Peninsula como é tambem das que não conhecem, ao certo, a sua origem, perdendo-se n'um verdadeiro mar de conjecturas, melhor ou peor architectadas, não só o que diz respeito á sua fundação como ao nome de que usa e que parece não haver sido o que primeiro lhe foi dado. Sem pretendermos entrar em controversias ácerca de uma e outra coisa, nem alardear erudição, sempre diremos o que nos fôr occorrendo no decurso do estudo a que um dos pontos da nebulosa historia de Viseu nos arrastou e que hoje vimos apresentar aos leitores d'esta revista, convencidos de que algum interesse lhes despertará por se tratar de assumpto que não é geralmente conhecido.

Já Castilho, no *Outomno* que nos deixou, escrevera:

Cavar pelas ruinas de fundas verdades
é nobre fadiga;
mas contos, contados de edades a edades
tem força de encantos que a todos obriga.

Procurando «cavar nas ruinas do passado», predilecção especial de nosso espirito, deparou-se-nos como interessante, precisamente

pela diversidade de opiniões em que se envolve, sem que nada de concreto e de positivo se tenha apurado até agora, um ponto historico que se prende com a velha terra de Viriato e com o occaso da monarchia wisigothica: — o que se refere á morte e sepultura do ultimo rei gôdo da Peninsula, D. Rodrigo de Leão, duque da Betica por morte de Witiza, ao redor de cujo nome se crearam tantas lendas quantos são os escriptores que do assumpto se teem occupado.

Tal como da propria cidade onde é fama que teve seu ultimo leito o infortunado soberano: e, senão, vejamos, embora a largos traços. No seu livro *Poblacion general de España,* Rodrigo Mendes da Silva attribue aos turdulos a fundação de Viseu, 500 annos antes de Christo; depois o padre Leonardo de Sousa, no seu *Catalogo dos Bispos de Viseu,* começa a serie de prelados no anno 270, o que desde logo affirma já existir, melhor ou peor, a respectiva Sé no seculo III, continuando, porém, a subsistir as duvidas quanto á época precisa em que fôra creada a cidade, na moderna accepção do termo, se já o era a esse tempo ou se apenas seria uma povoação.

Das moedas e lapides com inscripções diversas, e segundo os textos d'ellas, depreende-se e fundamenta-se que Viseu não era de muito pequena importancia no tempo em que os romanos dictavam leis ao mundo, tanto mais quanto se sabe que ali fundaram um castello. A lenda de Viriato, derrotando junto da famosa Cava, o pretor Caio Negidio, em 146 ou 148 antes da nossa era, diz-nos que a povoação já existia no tempo da conquista romana.

PORTA DO SOLAR OU DE S. FRANCISCO, TAMBEM CHAMADA O ARCO DOS MELLOS, NAS ANTIGAS MURALHAS DE VISEU

VISTA DE UMA PARTE DA CIDADE DE VISEU

Por outro lado, segundo o testemunham os monumentos megalithicos encontrados em varios pontos do concelho de Viseu, taes como *orcas* ou *antas,* aquellas terras foram habitadas nos tempos pre-historicos, pois que taes monumentos são attribuidos aos celtas ou pre-celtas, contemporaneos dos iberos, que vieram para a Peninsula, no dizer de Herculano, em tempos muito proximos da infancia do genero humano.

Quanto ao nome da cidade, escriptores ha que affirmam ter-se chamado *Lancia*, outros *Verurium*, outros *Vicoaquario*, outros *Visontium* ou *Visonium*, e ainda outros *Vaca*, de *Vacua* segundo Estrabão, ou *Vaccum* segundo Ptlomeu, por estar nas proximidades do Rio Vouga. Mas, não ficam por aqui as presumpções. Botelho Ribeiro diz que foi *Vacca*, e que d'ella é que o Vouga tirou o nome, não sendo *Cava* senão o anagrama de *Vaca*; accrescentando que só se chamou Viseu quando Decio Junio Bruto, successor de Scipião, mandou edificar a fortaleza onde

De Witiza, filho de Vitulo, e duque de Betica, ao qual succedeu D. Rodrigo, como já dissemos, é que ainda nenhum escriptor, que nós saibamos, procurou fazer derivar o nome da cidade; e, no emtanto, talvez não fosse muito de estranhar, desde que Witiza fôra rei de Leão, e que d'esses reis fôra côrte, embora temporariamente, a que é hoje cidade de Viseu.

Ahi fica uma simples lembrança, que pode talvez dar logar a estudos de quem, por mais competente do que nós, maiores probabilidades tenha de descobrir a verdadeira

O GRANDE HOTEL — O MELHOR DE VISEU

hoje é a Sé, dando-lhe a designação de *Viso* por ficar no alto *(viso)* da encosta fronteira e sobranceira á cidade, da qual essa fortaleza ficou sendo o *aviso* ou atalaia; e que d'ahi derivou o nome por que passou a ser conhecida.

Ainda ha quem pretenda ter Viseu vindo de *Vizoy*, nome proprio de homem, muita vez encontrado em documentos dos seculos x e xi, exhibidos no *Portugaliae Monumenta* (tit. *Diplomata et Chartae*); e que a cidade tomasse o nome de algum personagem historico assim chamado, conforme varias terras da Peninsula o tomaram de romanos, suevos, gôdos e até moiros.

origem do nome da vetusta cidade beirã.

Viseu não tem apenas a lenda de Viriato, nem aquella que é objecto principal d'este estudo e a que vamos referir-nos (a do rei gôdo D. Rodrigo); tem ainda outra, que o nosso grande Almeida Garrett immortalisou no seu poema *Miragaya*. Esta até se reflecte no proprio brazão d'armas da cidade (o antigo, repudiado por uma camara municipal, ao parecer inimiga de *velharias*, em 1796), que era constituido por um escudo coroado e n'elle um castello de prata em campo azul, banhado por um rio. De um lado do castello a figura de um homem, com trajos de peregrino, tocando n'uma buzina;

e do outro lado um pinheiro. O castello representava o do moiro Alboazar; o rio era o Douro; o peregrino era o rei Ramiro de Leão; e o pinheiro alludia ao bosque em que a occultas se reunira a sua gente d'armas. Em documentos antigos apparece esse brazão modificado, vendo-se o homem que toca a buzina sobre as ameias do castello, em vez de estar ao lado.

Para os que não conheçam a lenda que deu origem a este brazão, como a deu ao de Villa Nova de Gaya mais tarde, e como a deu ao poema do immortal Garrett, aqui a apresentamos tal como anda na tradicção:

tes de que nos fallam as lendas da época. D. Ramiro enamorou-se perdidamente da filha do governador e tanto e tão bem soube requestal-a, que a moira consentiu em deixar se raptar, indo com elle para Zamora. Ali fez D. Ramiro baptisal-a christãmente, e a desposou sem se preoccupar com a bigamia que de tal consorcio resultava.

O mouro Alboazar, irmão da raptada, para se vingar de D. Ramiro, deliberou empregar a penna de Talião e, lançando-se ao caminho, veio até Viseu, onde logrou convencer D. Urraca, a tirar uma represalia do abandono a que o marido a votára,

O BAIRRO DE S. MIGUEL, EM VISEU, DOMINADO PELA HISTORICA IGREJA ONDE SE ENCONTRA O TUMULO DO ULTIMO REI VISIGODO

Em velhas eras parece que um senhor de grande importancia e haveres, por nome D. Ramiro, que era possuidor de Viseu e do reino de Leão, tinha um irmão que reinava em Zamora, e do qual não recordamos o nome. Este irmão do senhor de Viseu abandonou um dia o throno, razão pela qual D. Ramiro se foi em viagem, terras fóra, na ancia de preencher a vacatura régia, deixando no seu solar de Viseu, a esposa D. Urraca (ou D. Gaya), dama de elevada estirpe e de não menor formosura. Nas terras de Galla havia, por esse tempo, um governador agareno que tinha uma filha encantadora, uma d'aquellas moiras estonteantomando o moiro por seu amante. E foi então que os dois decidiram fazer o ninho do seu novo amor no castello de Gaya, fronteiro á cidade do Porto, deixando o solar de Viseu, onde ella não mais deveria voltar.

D. Ramiro, informado da feroz vingança de sua esposa D. Urraca, juntou a sua gente d'armas e decidiu-se a vir atacar o castello onde a infiel esposa se acoitava com Alboazar.

Não quiz, porém, atacar francamente, preferindo armar um estratagema que lhe pareceu daria melhor resultado. Deixando a sua gente escondida n'um pinhal proximo, disfarçou-se em mendigo ou em peregrino,

e assim buscou ensejo de, na ausencia do moiro, penetrar no castello de Gaya. Chegado á presença da esposa, arrancou o disfarce, a cabelleira e as barbas postiças, e, como offerecendo o seu perdão á infiel, pretendeu abraçal-a. Exprobações de parte a parte foram fazendo passar o tempo até que Alboazar, no regresso de uma caçada, entrou no castello apanhando ahi a D. Ramiro. Ia para matal-o, mas, a seu pedido, consentiu em que elle se despedisse da sua buzina, tangendo-a pela ultima vez. O toque da buzina era, porém, o signal combinado entre D. Ramiro e a sua gente, para em caso de perigo correr esta a soccorrel-o. Os christãos atacaram então o castello, inesperadamente, Alboazar foi morto na refrega, e a esposa infiel conduzida, desmaiada, para um dos barcos que esperavam no Douro o desfecho da contenda.

IGREJA DE S. MIGUEL DO FETAL, ONDE ESTA' O TUMULO DO REI VISIGODO

Ali, em pleno Douro, quando a pobre dama, recuperando os sentidos perdidos, lançava o olhar desvairado para o castello em chammas, D. Ramiro, pronunciando a phrase: *Mira Gaya,* deu-lhe a morte em vingança do ultraje recebido, sem querer attender a que primeiro a havia elle ultrajado. Como quando se trata da famosa menina chamada Victoria, que em morrendo a menina se acabou a historia, assim a lenda de D. Ramiro e da rainha Gaya acaba com a morte d'esta ás mãos do esposo.

Almeida Garrett, como já se disse, e é bem sabido, pôz esta lenda em formosos versos que nenhum portuguez deve desconhecer. Até que ponto a lenda tem visos de verdade, não é coisa para ser tratada no espaço de que nos é licito dispôr n'esta revista. Diremos, todavia, que Vilhena Barbosa, o auctor das *Cidades e Villas de Portugal,* assevera ter sido certo que D. Ramiro II, de Leão, raptára a moira Zahara, irmã ou filha de Alboazar, a qual se fez christã, tomando no baptismo o nome de Artida ou Artiga; e que dos seus amores com essa moira houvera um filho «que foi o fundador do mosteiro de Santo Thyrso, cinco léguas acima da cidade do Porto», e o qual filho se chamou Alboazar Ramires.

São muitas as variantes d'essa lenda, mas a que tem mais voga é a que deixamos apontada.

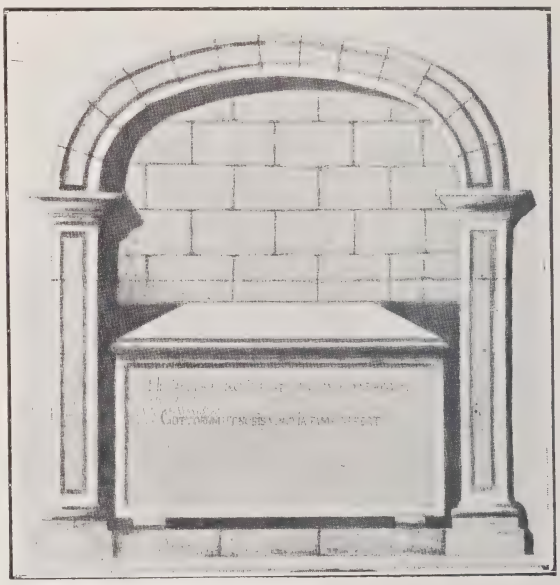
•

Segundo a doação que em seu testamento fez o Conde D. Henrique a sua mulher D. Thereza, ou Tareja, em 1080, confirmando a que, tambem em testamento, fizera D. Fernando o Magno, de Leão e Castella, fallecido em 1065, foi concedida aos clerigos (conegos), moradores na igreja de Santa Maria, da Sé Episcopal de Viseu, a posse do chão da dita igreja «pela parte de dentro do muro velho, entre o caminho de S. Miguel do Fetal e a rua da Regueira a entestar no caminho publico».

Em S. Miguel do Fetal existe uma velha egreja, hoje restaurada, que se diz ter sido a primitiva Sé de Viseu, segundo uns; e ter apenas servido de Sé, segundo outros, quando o Conde D. Henrique a cedeu ao prior D. Theodonio, para elle viver ali com os seus conegos, durante as obras da Sé, que a esse tempo era de bem modestas proporções, e que o citado D. Henrique mandára restaurar e ampliar, sendo essa uma

das sete reconstrucções que tal igreja tem soffrido, segundo diz a historia da diocese visiense. Hoje a Sé de Viseu é uma das melhores e, por certo, das mais notaveis do paiz, embora não seja das mais amplas, sendo especialmente digna de menção a sua architectura manuelina interior.

Na referida igreja de S. Miguel do Fetal, extra-muros de Viseu, antiquissima, como se deprehende do que fica referido, teve ou tem (que o ponto está ainda por esclarecer) o seu pantheon um rei authentico, D. Rodrigo, o ultimo monarcha dos wisigôdos. Ali se encontra o historico e bem modesto tumulo onde, segundo a tradicção, que nos não repugna acreditar, teve o seu ultimo leito aquelle soberano, derrotado em Guadalete.



TUMULO DO ULTIMO REI VISIGODO, EXISTENTE NA IGREJA DE S. MIGUEL DO FETAL

Ha noticia d'esse sarcophago desde o anno de 900 da nossa éra. Em 1730, o cabido visiense, mandando restaurar a velha igreja de S. Miguel, restaurou tambem o tumulo, fazendo substituir a velha e já apagada inscripção primitiva, pela que se vê na gravura que acompanha, com outras, este artigo, e que traduzida em vulgar diz assim: *Aqui jáz, ou jazeu o ultimo da ordem dos reis gôdos, segundo a fama refere.*

A inscripção antiga, que esta veio substituir, dizia, tal como se encontra reproduzida nos *Dialogos* de Manuel Botelho Pereira: — *Aqui jáz D. Rodrigo, ultimo rei dos gôdos. Maldito seja o furor de Julião* (o conde Julião, seu valido, que o atraiçoou e vendeu aos moiros, diz-se, por D. Rodrigo, com promessas de casamento, lhe ter seduzido e abandonado uma filha, a formosa Florinda, chamada Cava nas historias do tempo), *que tão pertinaz e porfiado foi; maldita a sua indignação tão dura; louco e cruel o tornou o odio, animoso a indignação e impetuoso o furor; esquecido da fidelidade e da religião, cruel para comsigo mesmo, homicida para com o seu soberano, inimigo para com os seus parentes, destruidor da sua patria e reu para com todos. Amarga será na bocca de todos a sua memoria, e para sempre apodrecerá e se corromperá o seu nome.*

A affirmação de Botelho Pereira é peremptoria: *Aqui jaz D. Rodrigo, ultimo rei dos gôdos;* e não é crivel que elle inventasse tão complicado epitaphio só pelo prazer de mentir. Mas os auctores modernos não se convenceram e negam que o rei D. Rodrigo ali fosse sepultado, teimando em asseverar que vencido e morto em Guadalete, na Andaluzia, não podia ter vindo para Viseu o seu cadaver. Que foi vencido é certo e acha-se historicamente comprovado, tão vencido que até terminou ahi a sua dynastia. Quanto a ser morto na batalha não ha prova completa.

Sabe-se que a batalha chamada de Guadalete durou oito dias, combatendo-se com igneo furor de parte a parte, até que o pobre rei gôdo viu o seu exercito desbaratado e a sua causa inteiramente perdida. Mas ha uma tradicção, a que os historiadores não teem querido attender, não se sabe bem por quê, a qual refere que D. Rodrigo se disfarçou em pastor, indo, de fugida, acolher-se ao convento de Cauliana, proximo de Merida, dando-se ahi a conhecer ao D. Abbade do mosteiro. Fugira a pé, porque o seu cavallo fôra morto no combate. Pouco depois elle e o D. Abbade, não se julgando seguros, abandonaram o convento, indo parar ao sitio onde hoje é a Villa da Pe-

derneira, na Nazareth. E lá o diz a conhecida quadra que anda nos cantáres do povo:

Deserto fica o mosteiro,
Mosteiro de Cauliana;
Peregrinos, rei e monge,
Hão passado o Guadiana.

Comsigo levaram uma imagem da Virgem, que se venerava no mosteiro (e que outra não é senão a actual Nossa Senhora da Nazareth). Ao fim de 26 dias de dolorosa jornada, ganharam o cimo de um monte onde abriram uma cova, protegida por uma cruz, decidindo D. Rodrigo passar ahi o resto da vida em oração ao Deus dos Christãos. O monge foi para o monte fronteiro, e um com o outro se correspondiam por meio de signaes. O monge, porém, pouco tempo viveu no seu retiro, indo D. Rodrigo um dia encontral-o morto. Piedosamente lhe sepultou o corpo junto da lapa onde collocou a imagem da Virgem; e não querendo mais viver por aquelles sitios, «se encaminhou para os lados de Viseu e ahi veio a acabar os seus dias».

Porque não ha de acceitar-se esta lenda? Que tem ella de inverosimil dados os costumes e as ideias d'essas épocas longinquas? Como é possivel acreditar-se que na igreja de S. Miguel do Fetal se construisse um tumulo, como o que a nossa gravura representa, para se dizer que n'elle estava o corpo de D. Rodrigo, sem elle lá estar? Com que intuitos se pretenderia mentir assim?...

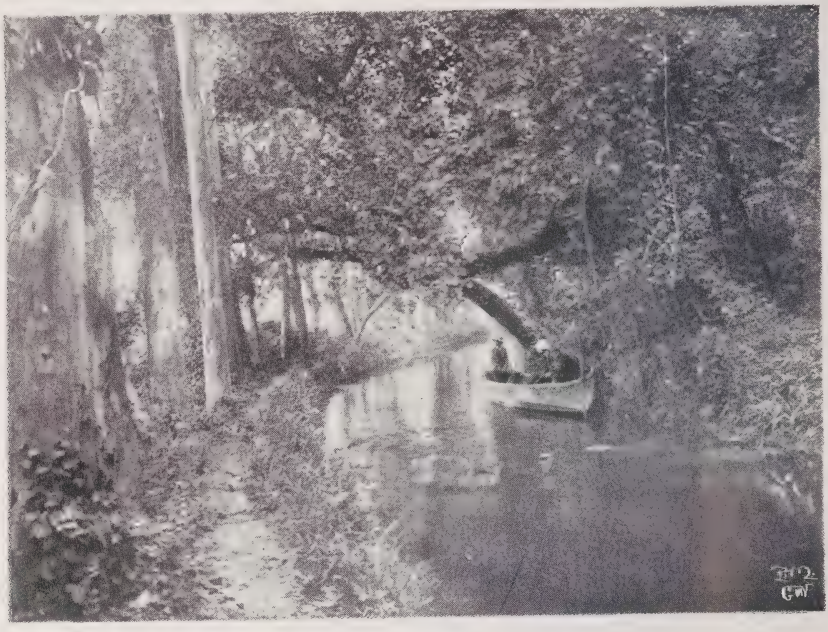
Que responda quem não esteja obsecado pela caturrice, que n'este, como em outros assumptos historicos, tão pretenciosamente se manifesta entre nós.

Certeza absoluta não pode havel-a hoje; mas as presumpções são todas de molde a que se acredite na verdade da lenda e, consequentemente, na verdade da inscripção primitiva. Quanto ao que se encontra escripto de ter sido D. Rodrigo morto (e até degolado, segundo um auctor) na batalha de Guadalete, merece-nos isso tanta fé como a que nos podem merecer as phantasiosas descripções que temos lido de um acontecimento tragico dos nossos dias ao qual tivemos a desventura de assistir, descripções que são tudo quanto ha de mais mentiroso, sendo aliaz acceites como boas e authenticas por quantos, que não se encontravam no local da tragedia, as suppõem com o fundamento que sabemos bem não podem ter.

Ora quando isto se dá com um facto passado em nossos dias, forjando-se mentiras que d'aqui a seculos ainda mais acreditadas serão, como não havemos de suppôr inquinadas da mesma falta de verdade as desencontradas noticias que dos longinquos tempos da batalha de Guadalete teem chegado até nós?...

Não crêmos que haja mais razão para acreditar na lenda que dá o rei gôdo como morto na batalha, do que na que o dá como vivo e fugitivo no sitio da Pederneira e, depois, como trasladando-se para Viseu e morrendo ahi.

A. Beldiabo.



Rio da Sombra

— Ilissus e Calirrhoé se fundiram... —
E assim nasceste do divino abraço
Em que a treva e a luz se confundiram,
Sobre o terreno e maternal regaço...

Rio da Sombra!... — Palas Atenêa
Viu-te, saudoso e triste, a soluçar,
Como as paisagens sob a lua cheia,
Brancos soluços mudos de luar...

E envolveu-te na sombra da folhagem
Em que o teu pranto, á luz, reverdecia,
P'ra que fosses a alma da paisagem,
Divinisada sob a luz do Dia...

Corpos de ondina — rútilos cabellos,
Torrentes de oiro e luz sobre marfim, —
(Só Policleto fez corpos tam bellos,
Fidias sómente os concebeu assim...)

— Corpos de ondina, como lirios quêdos,
Escutam o silencio, a murmurar...
— E nas sombras de sonho e de segrêdos
— Andam sònhos, segrêdos pelo ar...

Ponte dos faunos! Curva carinhosa
Onde os caprinos pés signaes deixaram,
E as ninfas, a sorrir, se debruçaram
Sobre o espelho da agua silenciosa...

Fonte dos Faunos! — Fiosinho de agua,
Labios leaes da generosa boca...
— Para a sêde maior da nossa magua,
— Toda a alegria, toda a crença é pouca!...

Soluços de agua, pranto claro, — e vêde
Como ella canta e segue e vae contente!...
— Pranto da Terra, como mata a sêde!
— Pranto de Dôr como allivia a gente!...

E olhae como ella pára de cansada
E se extasia a reflectir a vêrde
Comunidade calma, debruçada,
Que em seu regaço liquido se pérde!...

Bebei de bruços, meus irmãos, — o peito
Sobre o seio da Terra, unidamente,
— Porque foi sempre a Terra o melhor leito,
— E a Terra gosta de embalar a gente!...

Bebei! — Sêde infinita, insaciavel,
Sêde de Amor, de rútila Belléza,
Só a pode extinguir o inexgotavel
Seio materno e bom da Naturêsa...

Bebei! — Tremem na agua transparente
Fundos incertos, vagos, nebulosos...

— Hade a agua correr constantemente,
— Para extinguir a sêde aos sequiosos!...

— Bebei! que a Terra anciosamente clama
O maternal desejo de se dar...
— Agua divina ou creatura, ou chama,
— Vida esboçada, ou sentimento, ou lar!...

Arvore tragica

E aquella ancia vegetal? E aquella
Attração invencivel que tortura
A fórma calma, a quietação mais bella
De tronco exhuberante ou creatura?

Vêde que desespêro e que ternura!
— Febre de monge rude em 'streita cela,
— Ancia de artista impávido á procura
Da fórma ideal, esplendida que anhela!

— Vêde que bem querer, que heroica mágua,
— Torceu, lançou nervosamente os ramos
— Como garras crueis por sobre a agua...

— Olhai! — que tendes muito para ver!
— E é bem necessario que aprendamos
— Só contemplando as coisas — a vencer!

COIMBRA — S. João do Campo
Outubro, 1909

Augusto Casimiro.

ARVORE TRAGICA — *(De pé o poeta Jaime Cortesão*

A carta roubada

(CONCLUSÃO)

Logo que elle partiu, o meu amigo entrou em explicações:

— Quando G... nos contava detalhadamente a maneira como inspeccionára a casa de D..., tinha a certeza de que a busca fôra effectuada com a maior perfeição. As medidas fôram boas e excellentemente postas em pratica. O defeito era de serem inapplicaveis ao caso e ao homem de que se tratava. O nosso prefeito possue uma pequena collecção de habilidades a seu modo e que são deveras engenhosas, mas que constituem uma cama de Procusto á qual adapta os seus planos á força. Quando se engana é sempre porque foi muito profundo ou muito superficial, conforme o negocio que tinha entre mãos; e mais de um rapaz de escola se mostra com melhor logica do que elle. Conheci eu um de oito annos, cujos successos de adivinhação no jogo dos pares e impares excitavam a admiração universal. Esse jogo é simples.

«Um jogador tem na mão um certo numero de bolas e pergunta a outro se a quantidade é par ou impar. Se este acerta ganha uma bola, se não paga uma. O rapaz de que fallei ganhava todas as bolas da escola. Naturalmente tinha um certo methodo de adivinhação, methodo baseado na simples observação e na apreciação do grau de astucia dos seus adversarios. Por exemplo, tem por adversario um palerma que, levantando a mão, lhe pergunta: «Par ou impar?» O nosso estudante responde «impar» e perdeu. Mas da segunda vez ganha, porque raciocina: «Aquelle estupido tinha um numero par da primeira vez e toda a sua malicia não vae mais longe, da segunda vez, do que a leval-o a jogar impar.» E diz «impar» e ganha. Agora com um jogador d'um nivel intellectual superior teria certamente pensado assim: «Elle viu que na primeira vez eu disse impar e a sua primeira ideia seria variar simplesmente de par para impar como fez o outro, mas então uma segunda reflexão suggerir-lhe-ha que essa é uma variação muito simples e decidir se-ha finalmente pelo par como da primeira vez. Direi, pois, par.» E diz par e ganha. Pois bem, este methodo de raciocinio do rapaz de escola que os seus camaradas chamam sorte, em ultima analyse, sabe o que é?

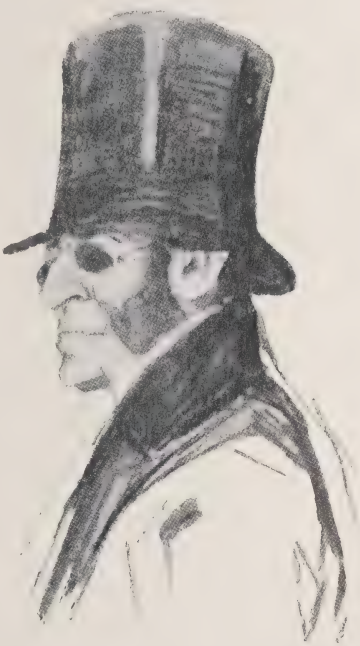
— E' simplesmente, respondi, da parte d'aquelle que raciocina, o facto de identificar a sua intelligencia com a do adversario.

— E' isso; e tendo perguntado ao rapaz por que meio effectuava essa completa identificação, d'onde tirava todo o seu successo, deu-me esta resposta: «Quando quero apreciar o grau de sagacidade ou de estupidez, de bondade ou de malevolencia d'um individuo, ou conhecer quaes são os seus pensamentos de momento, componho a expressão do meu rosto tão exactamente quanto possivel á imitação do seu, e espero então as ideias ou os sentimentos que germinarão no meu espirito e no meu coração e que se associarão áquella expressão da minha physionomia.» Esta resposta do rapaz de escola deixa muito atraz a falsa profundeza que se quiz attribuir a La Rochefoucauld, a Machiavel e a Campanella.

— E a identificação do intellecto do que raciocina com o do seu adversario, se bem comprehendo, depende da maior ou menor exactidão com a qual elle mede o intellecto d'esse adversario?

— Depende, com effeito, sob o ponto de vista do seu valor pratico. Se o prefeito e os seus acolytos se enganam tão frequentemente, é, em primeiro logar, porque desprezam uma tal identificação, e em segundo, porque apreciam mal, ou omittem completamente o apreciar a intelligencia com a qual teem de se haver.

«Não levam em conta, proseguiu Dupin, senão o engenho das suas proprias ideias, e se procuram uma cousa occulta, só pensam nos processos que teriam de empregar para a esconder. N'um sentido, não vão mal, porque o seu proprio engenho é uma fiel representação do da massa; mas quando a astucia de um determinado criminoso é d'um caracter differente da sua, naturalmente, o delinquente conserva-os em cheque. E' o que sempre acontece quando a habilidade d'este é maior do que a sua, e o que succede muitas vezes ainda quando é menor. Não sabem variar o principio das suas investigações; exaggeram ao extremo os velhos processos da sua rotina, sem modificar em nada esse principio. Assim, no caso de D..., o que se fez fóra do usual? O que são todas essas perfurações, sondagens, pesquizas, de microscopio na mão, a divisão das superficies da habitação em pequenos quadrados numerados? O que é isso senão a applicação exaggerada d'um systema ou d'uma serie de systemas de investigação que são baseados unicamente no conjuncto das noções que o prefeito adquiriu ácerca do engenho humano, systemas aos quaes se costumou na longa pratica da sua profissão? Não vê que elle considera como ponto assente que *todos* os homens, quando teem uma carta para esconder, se servem, senão exactamente d'um furo de verruma no pé d'uma cadeira, pelo menos n'um buraco ou n'um ponto afastado cuja escolha será suggerida pela mesma ordem de ideias que fez escolher para esconderijo, *uma certa vez*, um furo de verruma no pé de uma cadeira?



PUZ UNS OCULOS VERDES E APRESENTEI-ME EM CASA DO MINISTRO...

«E não vê ainda que esconderijos tão *recherchés* (*) não conveem senão em occasiões ordinarias e só são adoptados por espiritos ordinarios; porque em todos os casos em que se trata de objectos occultos, o facto de que foram dissimulados de uma maneira *recherchée* (*) é á primeira vista presumivel e presumido; assim a descoberta do objecto depende, não da penetração dos pesquizadores, mas simplesmente do cuidado, da paciencia e da decisão que põem nas buscas. Comprehende agora o que eu queria dizer affirmando que se a carta roubada tivesse sido escondida no dominio da investigação do prefeito, por outras palavras, se a ordem de ideias que sugeriu a escolha do esconderijo se encontrasse comprehendida na ordem de ideias do prefeito, não ha sombra de duvida que a carta teria sido descoberta. Ora este funccionario foi completamente mystificado; e a causa primaria do insuccesso reside em ter considerado o ministro como um doido, porque este adquiriu uma certa reputação de poeta. Todos os doidos são poetas, segundo o nosso prefeito, e o seu unico erro foi uma *non distributio medii* visto que deduziu d'este termo que todos os poetas são doidos.

— Mas é realmente o poeta? perguntei. São dois irmãos. O ministro, creio, escreveu um notavel trabalho sobre calculo differencial. Elle é o mathematico e não o poeta.

(*) No texto está em francez.

— Engana-se. Conheço-o muito bem. Elle é um e outro, poeta e mathematico; como tal, devia raciocionar judiciosamente Como simples mathematico não teria raciocionado absolutamente, estaria á mercê do prefeito.

— Surprehende-me; não tem a pretenção de reduzir ao nada uma ideia que muitos seculos amadureceram. A razão mathematica é desde largo tempo considerada como a razão por excellencia.

— Os mathematicos teem feito todo o possivel para acreditar o erro popular de que se fez echo. Assim, por um artificio digno de melhor causa, applicaram á algebra o termo de analyse. Os francezes foram na origem os culpados d'essa fraude. Mas se é preciso ligar alguma importancia á terminologia, se o valor das palavras provem da sua applicação — então a palavra *analyse* significa *algebra*, pouco mais ou menos como a palavra latina *ambitus* significa *ambição*, como *religio* significa *religião*, como as palavras *homines honesti* significam um grupo de *gente honrada*.

«Contesto a efficacia e por conseguinte o valor pratico de todo o raciocinio que é cultivado por outros processos que não sejam os da logica pura. Contesto em particular o raciocinio formado pelo estudo mathematico. As mathematicas são a sciencia da fórma e da quantidade; o raciocinio mathematico é simplesmente a logica applicada á observação da fórma e da quantidade. O grande erro consiste em suppôr que, mesmo as verdades do que se chama algebra pura são verdades abstractas ou geraes.

«E este erro é tão completo que estou confundido em o ver acolhido com tal unanimidade. Os axiomas mathematicos não são axiomas d'uma verdade geral. O que é verdadeiro sob o ponto de vista da fórma e da quantidade é muitas vezes grosseiramente falso a respeito da moral, por exemplo. N'esta ultima sciencia, é muito correntemente inexacto que a somma das partes seja egual ao todo. Em chimica egualmente, o axioma é erroneo. Acontece o mesmo na mechanica: porque dois motores animados cada um d'uma dada força não teem necessariamente, associados, uma força egual á somma das suas respectivas forças. Ha um bom numero de outras verdades mathematicas que não são verdadeiras senão nos limites da *relação*. Briand, na sua sapientissima Mythologia, menciona uma origem analoga de erros, quando faz notar que, apesar do descredito geral em que cahiram as fabulas do paganismo, tiramos ainda quotidianamente consequencias como o fariamos de realidades existentes. A respeito das realidades dos algebricos, que são propriamente pagãos, dá-se fé ás suas *fabulas pagãs* e tiram-se d'ellas consequencias, não tanto por esquecimento como por um vicio inconcebivel do nosso cerebro. Em poucas palavras, não tenho ainda encontrado mathematico puro a quem se possa confiar fóra das suas equações, ou que não tenha como artigo de fé clandestina que $x^2 + px$ é egual a zero, de um modo absoluto e incondicional. Diga a um d'esses senhores, se quer ter essa fantasia a titulo de experiencia, que em sua opinião se podem apresentar casos em que $x^2 + px$ não é, de uma maneira absoluta, egual a zero. Mas quando lhe tiver feito comprehender o que lhe quer dizer, ponha-se a salvo porque não resta duvida que elle tentará bater-lhe.

Como eu me contentasse em rir das suas ultimas observações, Dupin continuou:

«Concluo que se o ministro não tivesse sido senão um mathematico puro, o prefeito não se veria na dura necessidade de me confiar o mandato. Eu conhecia-o como sendo ao mesmo tempo mathematico e poeta e adoptei a minha maneira de proceder á sua capacidade, tendo em conta outra parte das circumstancias em que elle se tinha collocado. Sabia tambem que era um homem da côrte, intrigante e decidido. Um tal homem, pensei, deve estar sem duvida, ao corrente dos methodos ordinarios da policia; não deve deixar de prever — e os successos ulteriores assim demonstraram — os laços que lhe hão de armar. Reflecti que devia ter egualmente previsto as buscas secretas que foram effectuadas em sua casa; as frequentes ausencias do seu domicilio, á noite, ausencias que o prefeito saudára como motivos de successo, considerava-a seu como *ardis* destinados a deixar á policia o campo livre e o tempo necessario para realisar as buscas e para lhe suggerir mais facilmente a convicção, a que, de facto, G... finalmente chegou, de que a carta não estava em casa. Toda a serie de considerações que acabo de pormenorisar, com alguma prolixidade a respeito dos principios invariavel-

mente rotineiros que dirigem a policia nas pesquizas de objectos occultos, necessariamente se apresentaram ao espirito do ministro. Deviam imperiosamente leval-o a despresar os esconderijos complicados, queridos do vulgo. Não podia no meu entender, ser sufficientemente creança para não ver que o mais recondito logar da sua casa, estaria tão exposto como os quartos mais abertos da sua habitação, aos olhos, ás sondas, ás verrumas e aos microscopios do prefeito. Presenti emfim que seria animado pela necessidade dos factos a usar de meios *simples*, ainda mesmo que não fosse levado a isso por uma escolha deliberada. Deve recordar-se talvez das gargalhadas excessivas com que o prefeito acolheu a ideia que lhe suggeri na sua primeira visita, de que elle se encontrava muito embaraçado n'este mysterio por causa da sua grande simplicidade. . .

O MINISTRO

— Sim, lembro-me perfeitamente.

— O mundo material, continuou Dupin, comporta numerosas e muito exactas analogias com o immaterial; e é isso o que dá alguma côr de verdade a esse dogma de rhetorica, em que uma metaphora ou uma comparação são capazes de reforçar um argumento tão bom como embellezar uma descripção. O principio de *vis inertiæ* (força de inercia), por exemplo, parece ser identico nas sciencias physicas e metaphysicas. Nas primeiras, está estabelecido que um corpo de grandes dimensões é movido com mais esforço do que um de pequenas dimensões, e o movimento é proporcional a esse effeito; na metaphysica, as intelligencias de vasta capacidade, mais poderosas, mais estaveis e mais susceptiveis de acção do que as de grau inferior, são as mais difficeis de pôr em movimento e as mais embaraçadas e as mais hesitantes nos seus primeiros passos para a frente; um e outro principio são egualmente verdadeiros n'uma e outra sciencia. Do mesmo modo, tem notado, nas ruas, quaes são sobre as portas das lojas, as taboletas que attrahem mais a attenção?

— Nunca pensei n'isso.

— Ha um exercicio de adivinhação, que se faz sobre uma carta geographica.

«Um dos que entra no jogo pede ao outro para descobrir um certo nome, de cidade, de rio, de paiz, uma palavra qualquer sobre a superficie versicolor e cheia do mappa. Um novato, n'este jogo, procura geralmente embaraçar o adversario dando-lhe para procurar as palavras escriptas em lettra extremamente meuda; mas os maldosos escolhem palavras escriptas em grandes caracteres e que chegam de um lado a outro do mappa. Essas palavras, como as taboletas e os cartazes em lettras muito grandes, escapam á observação em razão da sua excessiva evidencia; aqui, a inattenção physica é um phenomeno exactamente analogo á inattenção moral que deixa escapar sem as ver, as considerações muito indiscretamente e muito materialmente evidentes. Mas este é um ponto muito além da comprehensão do prefeito. O nosso homem nunca julgou provavel ou possivel que o ministro tivesse posto a carta á vista de toda a gente com o fim de melhor impedir que a vissem. Quanto eu mais reflectia no caracter brilhante, distincto e original de D. . ., mais me convencia que o documento devia estar ao alcance da mão, e que o ministro recorrera ao engenhoso e sabio expediente de não tentar escondel-a.

«Compenetrado d'este facto, puz uns oculos verdes, e apresentei-me uma bella manhã, como por acaso, em casa do minis-

tro. Encontrei-o como de ordinario, e declarando-se cheio de aborrecimento. E' talvez o homem mais energico que existe hoje, mas sómente quando está bem certo de que ninguem o vê. Para me pagar na mesma moeda, queixei-me da fraqueza da minha vista e deplorei a necessidade de usar oculos, á sombra dos quaes eu inspeccionava minuciosamente todo o gabinete, tendo o ar de que estava todo occupado com a conversa.

«Fixava especialmente a attenção para a grande secretária junto da qual estava sentado, e sobre a qual estavam misturados com outros papeis e varias cartas, um ou dois instrumentos de musica e alguns livros. Todavia, aqui, depois de um minucioso e prolongado exame, nada vi que particularmente excitasse as minhas suspeitas.

«Por fim, os meus olhos fixaram-se n'um *porte-lettres* que estava suspenso por uma fita azul desbotada a um botão de latão, e que nos tres ou quatro compartimentos tinha alguns bilhetes de visita e uma carta, muito suja e amarrotada, e quasi rasgada em duas pelo meio. Parecia que tinham tido a intenção de a rasgar completamente como se fôsse um papel sem valor e que depois se mudou de ideia. Tinha um grande sinete preto de D... muito visivel e o nome do ministro em caracteres minusculos, escripto por mão de mulher. Tinha sido posta alli negligentemente e parece mesmo com certo desdem.

DUPIN

«Desde o primeiro golpe de vista persuadi-me de que era a que eu procurava. Differia, absolutamente, por todas as apparencias, dos signaes que o prefeito me dera. O sinete era preto e grande, com a lettra D... e não pequeno e vermelho com o escudo ducal da familia S... ; o nome do ministro estava em caracteres minusculos e de mão feminina e na outra o nome era de uma pessoa real e com uma lettra notavelmente rasgada e decidida. O unico ponto commum era o formato da carta. Mas todas essas differenças, pelo proprio facto do seu exaggero, a porcaria, o mau estado do papel rasgado, circumstancias tão contrarias aos verdadeiros habitos de D... — que é o methodo personificado; todas essas differenças, que suggeriam tão bem o designio de desviar o investigador ácerca da importancia do documento; tudo isso junto á situação mais que impudente d'esse documento, que saltava aos olhos de todas as visitas e concordava exactamente com as minhas conclusões preliminares; tudo isso corroborava singularmente as suspeitas.

«Prolonguei a minha visita o mais que pude e emquanto sustentava uma discussão muito animada com o ministro sobre um thema que eu sabia susceptivel de o interessar e enthusiasmar, a minha attenção concentrava-se na carta. No decurso do exame, gravei na minha memoria a sua apparencia exterior e a sua disposição no *porte-lettres;* e cheguei por fim a uma descoberta que dissipou a mais leve duvida que ainda poderia conservar. Reparando nas bordas do papel, notei que estavam enroladas de um modo pouco verosimil. Apresentavam o aspecto quebrado de um papel que teria sido dobrado uma vez com uma faca e depois tornado a dobrar em sentido contrario nos mesmos sitios e com o mesmo formato da carta original. Essa descoberta era decisiva. Era claro para mim que o sobrescripto tinha sido voltado como uma luva, de dentro para fóra, com um novo endereço e tornado a fechar. Despedi-me do ministro, deixando a minha caixa de rapé, de oiro, sobre a meza.

«No dia seguinte pela manhã, voltei a buscar a caixa de rapé e proseguimos com animação a nossa conversa da vespera. Quando estavamos assim entretidos, ouviu-se uma violenta detonação, como a de um tiro de pistola, mesmo por baixo das janellas da casa, seguida de gritos de susto e de clamores d'uma multidão aterrorisada. D... precipitou-se para uma janella, abriu-a e olhou para fóra. Durante este tempo fui direito ao *porte-lettres,* tirei a carta, metti-a na algibeira e substitui-a por um *fac-simile,* (pelo menos exteriormente), *fac-simile* que cuidadosamente havia preparado em casa.

«Quando acabou o barulho na rua, D... tirou-se da janella onde eu estava tambem desde que me apossei da carta. Alguns instantes depois despedi-me e sahi. O pretendido doido estava nas minhas mãos.

— Mas qual era a sua intenção, perguntei eu, substituindo a carta por um fac-simile? Não teria sido preferivel, logo na primeira visita, apoderar-se d'ella, sem outras formalidades e safar-se de seguida?

— D..., respondeu Dupin, é um homem que tem lume nos olhos, e não deixava de ter creados inteiramente dedicados aos seus interesses. Se tivesse tentado a insensata empreza de que me falla, não sahiria vivo dos aposentos ministeriaes. Poderia ser que o povo de Paris jamais ouvisse fallar de mim. Além d'estas considerações tinha uma intenção particular. Conhece as minhas preferencias politicas. N'esta occasião inspirei-me nos interesses do partido da senhora de que se tratava. Durante dezoito mezes o ministro teve-a sob o seu dominio. E' ella que está de cima agora, pois que, não tendo sido advertido de que a carta já não está em seu poder, quererá continuar, como antes, os seus processos de *chantage*. D'este modo a sua ruina politica será inevitavelmente obra das suas proprias mãos. A sua quéda não será menos precipitada do que grotesca. E' de bom tom evocar o *facilis descensus Averni* (1); mas todas as vezes que se tratar de alcançar um pincaro, pode-se repetir o que a Catalani dizia do canto: é muito mais facil subir do que descer. No caso presente, não experimento nem sympathia nem piedade por aquelle que vae dar a cambalhota. Esse *monstrum horrendum* é um homem de genio, mas completamente desprovido de escrupulos. Confesso entretanto que gostaria de conhecer a côr exacta dos seus pensamentos no momento em que, posto ao desafio por aquella que o prefeito denominou *uma certa pessoa*, elle fosse levado a abrir a carta que lhe deixei no *porte-lettres*.

— O que? Poz dentro do sobrescripto alguma cousa de particular?

— Parecia uma descortezia deixar o sobrescripto vasio. Seria uma especie de injuria. D... em Vienna fez-me uma partida e eu prometti-lhe, em tom de gracejo, de me recordar d'ella. Assim, prevendo que poderia ter curiosidade em conhecer a identidade de quem o houvera mystificado, pensei que seria realmente pena não lhe fornecer qualquer indicação a esse respeito. Elle conhece perfeitamente a minha lettra e copiei mesmo no meio da folha de papel branco estas palavras:

.....Un dessein si funeste,
S'il n'est digne d'Atrée, est digne de Thyeste.

Encontral-as-ha na *Atrée* de Crebillon.

(1) E' facil descer ao inferno.

EDGARD PÔE.

Vida Nova

«— Escuta, ó meu Adão, meu companheiro
(Eva diz com suave e clara voz):
— Quero exprimir-te o meu prazer primeiro
De vivermos ainda, — embora sós —.

«— Pensei morrer de susto quando a noite
Estendeu sobre nós seu manto escuro,
Mas agora da sorte o rijo açoite
Já não temo, e confio no futuro.

«— És para mim, — Adão, o ser mais caro;
Só a morte nos pode separar!
Vamos viver: — sê tu o meu amparo,
Pois eu tudo farei por te ajudar.

«— Quando o corpo sentires alagado
De suór-promissor de bellos fructos,
Meus carinhos de esposa, ó meu amado,
Tornarão teus trabalhos menos brutos.

«— Creio que o meu affecto e a tua idéa,
Mais forte hão-de fazer nossa união;
Nossa vida será uma epopéa
Em que a mente se ligue ao coração.

«— Não fiquemos inertes... É preciso
Conhecer toda a terra em que pisamos...
— Não queres fazer d'ella um Paraizo?!...
Leva-me pela mão: — marchemos, vamos!

Cheios de fé, mas de recursos — pobres,
Nessa mesma pobreza inda conseguem
Unificar o seu querer fecundo...
Eva — levando os sentimentos nobres,
E Adão — a idéa-força, — eil-os que seguem
Á conquista do mundo!

José da Costa Sampaio.

Os Soberanos da Europa

I

O IMPERADOR DA ALLEMANHA

Guilherme II

Como vive o Imperador — A sua mocidade — O dia do «Kaiser» — Um fabricante de porcelana — Maximas — O guardanapo ao pescoço — Guilherme II e o piloto — Sob diversos aspectos — Um collega imperial — Exemplos dignos d'imitação — Anecdotas.

O actual Imperador conta 51 annos, e é minha tenção — oxalá ella não falleça — deixar aqui a caracteristica do homem que, mesmo por entre os seus caprichos e temeridades, apresenta sempre alguma cousa de pessoal e de varonil.

Não conseguiu tornar-se sympathico a todos, mas a verdade é que a ninguem é indifferente.

Se não constitue uma individualidade, tambem não está alli um qualquer. E é assim que os seus caprichos e as suas temeridades teem o que quer que seja d'attrahente.

Dotado d'uma grande coragem, d'uma resistencia á prova das luctas mais tenazes, insinuando que a chegada das tropas allemãs do general Blücher ao campo de batalha de Waterloo fôra um enorme auxilio para a victoria dos alliados, lembrando aos seus soldados que a Allemanha então muito contribuira para o desastre francez, Guilherme II evoca recordações gloriosas de feitio a manter sempre elevado o espirito do seu exercito. E se a este liga grande amor não é menos o que toma pela armada, pois na força da marinha de guerra vê o factor primario do seu desenvolvimento commercial, caminho pelo qual tem enveredado com tanto exito.

E digam o que quizerem escriptores como Lepelletier, Guilherme II é *alguem*, não só como Imperador, mas tambem como homem, quer quando annulla um Bismarck, quer se rehabilita um Abdul-Hamid...

Ao dar-se a catastrophe do Bazar da Caridade, em Paris, foi o primeiro a enviar um telegramma de sentimento, mas não se esqueceu no dia seguinte d'apparecer como conquistador nos campos de Gravelotte. Conseguiu que a esquadra franceza fosse a Kiel e que os soldados allemães confraternisassem com os seus camaradas francezes em Canéa. E, sempre original, respondeu á rethorica dos discursos com que Paris saudou a chegada de Nansen, indo pessoalmente esperá-lo á estação e apontando-o aos filhos:

— Dêem a mão a esse *homem*. Olhem-n'o bem, para quando estiverem em condições d'apreciar a sua obra, poderem dizer: *Vimos Nansen.*

E' assim: observador attento e profundo,

diplomata sagaz e perigoso... Conquistou Paris com sentimentalismos e cortezias; mas nunca perdeu o ensejo de demonstrar aos adversarios que sem consentimento seu não se move uma folha das arvores...

A sua mocidade

O actual Imperador é filho de Frederico III e da Imperatriz Victoria e nasceu em Berlim.

Disse-se que descendia de Coligny. Parece, porém, que, por seus avós, pertence a outra illustre familia franceza — os Guises.

Eis as filiações:

A filha de Gaspar de Coligny esposou, em 1583, Guilherme Nassau Dillenburg; d'este casamento houve Frederico Henrique de Nassau, *stathoader* dos Paizes-Baixos; sua filha Luiza Henriqueta desposou o grande eleitor Frederico Guilherme I de Brandeburgo, do qual o Imperador allemão descende directamente. Por sua mãe, descende do duque Claudio de Guise, porque a filha d'esta, Maria de Lorraine, matrimoniou-se com Jacques V da Escossia; sua filha, Maria da Escossia, uniu-se a Jacques VI, mais tarde Jacques I d'Inglaterra; uma filha nascida d'este enlace, Isabel, ligou-se a Frederico V, eleitor palatino. E um filho da sua descendencia, Jacques II, é ascendente de Victoria, rainha d'Inglaterra, mãe de Victoria, mulher do Imperador Frederico III.

Aos 7 annos deram-lhe como aio o general Stalberg, sendo encarregado de o dirigir nos seus estudos o conselheiro Hinzpeter, que cumpriu excellentemente a missão.

Depois entrou em 1874 para o Licœum Fridericiamum, de Cassel, passando em 1877 para a Universidade de Bonn. Nomeado tenente n'esse anno, dedicou-se aos estudos militares, subindo ao throno a 15 de junho de 1888.

Fez uma viagem á Russia, Suecia e Dinamarca, reformou os quadros do exercito, substituiu o feld-marechal Moltke, chefe do estado-maior, pelo conde de Waldersee, e, cioso das suas prerogativas, acceitou a 20 de março de 1890, depois de a ter provocado, a demissão do Principe de Bismarck, nomeando successivamente chancelleres do imperio o general Caprivi, o Principe Hohenlohe e o conde de Bülow, governando elle acima de todos, mas desvelando-se sempre pelas classes operarias.

Casou a 18 de fevereiro de 1881 com a Princeza Augusta Victoria Landesburgo Augustenburgo, de quem tem sete filhos, sendo a esposa sete mezes mais velha do que elle.

O *Kaiser* foi um bom estudante, muito pontual, tendo uma predilecção especial por Horacio, gostando de procurar o commentario dos auctores nos monumentos, nas moedas, nas medalhas, e na historia agradava-lhe sobre tudo o que se referia ás grandes familias Hohenstanfen, Habsburgo e Hohenzollern. No exame final, em dezesete alumnos, foi o decimo classificado, e recebeu uma das medalhas destinadas aos tres alumnos mais applicados de rethorica. No dia em que se festejava a sua maioridade foi investido com a ordem da Aguia Negra.

O Principe Real e o ministro da Instrucção elaboraram o programma d'estudos, approvado tambem por Guilherme I.

O professor manteve sempre relações com o seu discipulo, que ao ser nomeado chefe d'Estado, conferiu-lhe todas as condecorações que um particular póde ter: o titulo de Excellencia, uma cadeira na Camara dos Senhores da Prussia, e mandou collocar o seu busto na Galeria Nacional.

Em Guilherme II ha o duplo cunho da pertinacia e da energia guelfas, da vontade e do idealismo dos Hohenzollern.

Através todas as phases do seu desenvolvimento, ante todas as metamorphoses, o caracter manteve-se sempre na mesma linha. Soube resistir — embora creança fraca e delicada, a quem um accidente de nascença tornava difficil servir-se do braço esquerdo — ás influencias exteriores, assim como se esquivou á disciplina do pensamento. A parte mais difficil da educação dos principes, cuja attenção se distrahe com mil cousas, é combater a falta de faculdade de concentração. E para o conseguir com Guilherme foi preciso muita severidade e a cooperação de todas as auctoridades interessadas para debellar essa opposição, até ao dia em que a consciencia desperta e guia a vontade. De sua mãe herdou o gosto pelas artes, de seu pae a desprevenção de castas, do seu preceptor, que raciocinava e philosophava, tomou o habito de discutir e d'argumentar, embora a influencia directa não fosse consideravel. O metal em que o vasaram não

se modificou ainda ; por vezes, acreditou-se que soffria deformações, — illusão que se mudou muitas vezes em desenganos!

Recebendo a instrucção religiosa d'um ecclesiastico liberal, passou bruscamente para as mãos d'um orthodoxo, pois nem mesmo assim no espirito do joven Principe se deu a menor confusão: seguiu o seu caminho e apenas as suas inspirações.

Um traço que bem o caracterisa.

Na infancia, detestava a agua e tinha um enorme horror pelo banho frio, que a mãe lhe impunha, segundo o costume inglez.

E para se esquivar, escapava das mãos das creadas e fugia para o fim do jardim.

Ahi divertia-se em passar e repassar por defronte da sentinella, lisonjeado, vendo o soldado de cada vez apresentar-lhe armas.

Mas uma manhã, com enorme surpresa, notou que o granadeiro que estava de sentinella, na sua marcha automatica, não fazia nenhum caso d'elle.

Voltou ao palacio, e foi direito ao gabinete de trabalho do pae.

— O que é que te aconteceu? Porque choras? perguntou o então *Kronprinz*.

O IMPERADOR DA ALLEMANHA

O Principe Guilherme explicou o que se passara.

Mostrou-se o pae surprehendido e contrariado, mas fazendo-o sentar nos joelhos, e examinando-o dos pés á cabeça, em seguida a um pequeno silencio:

— Meu filho, a sentinella não fez mais que o seu dever.

Admiradissimo o Principe perguntou:

— Porque, papá?

— Porque um soldado nunca deve apresentar armas a um Principe sujo!...

E o *Kronprinz* continuou o seu trabalho sem prestar mais attenção ao queixoso.

E' claro que toda esta scena estava preparada afim de servir d'estimulo, e a lição foi proveitosa.

Sem sob nenhuma fórma levar vida d'escandalo, o Principe divertia-se como lhe reclamava a sua impetuosa mocidade, gosando de todas as distracções da sua posição. Rigoroso para comsigo — porque desconheceu sempre a esturdia, — assim como para os outros, em questões de serviço, que tomava muito a peito, nunca permittiu que o prazer sobrelevasse o dever. E para se fazer obedecer precisava dar o exemplo.

Como elle vive

O Imperador prefere ler a que lhe leiam, o contrario de tantos Soberanos, e com esse fim reune um limitado grupo d'intimos, que escutam durante hora e meia, sem interrupção, artigos de jornaes, revistas e livros allemães, francezes e inglezes.

A leitura das linguas estranjeiras para ouvidos allemães, requer uma pronuncia accentuada e forte, que nenhuma pessoa da sua casa sería capaz de fazer.

Após essas sessões estabelece-se a discussão, em que Guilherme II não é o menos apaixonado, e a sua voz continúa sempre clara e sonora, porque pertence a um organismo que parece aço, devido a um trabalho regular e a uma vida austera e hygienica.

A força physica do Monarcha é extraordinaria, tantos são os exercicios desportivos a que se sujeita.

Toma, pelo menos, um banho diario, mas a bordo prefere os d'agua fria tirada do mar, seguindo-se uma ducha.

Joga muito o *tennis*, com pessoas que saibam, durando a partida duas horas.

E' ao mesmo tempo peão apaixonado e cavalleiro. Cada passeio é n'um galope rapido de seis a dez kilometros, tornando-se difficil ao seu sequito acompanhá-lo. A pé anda depressa e em passo largo, e, nem por isso deixa de conversar, não se lhe importando que o tempo esteja mau ou tempestuoso.

Alpinista enthusiasta, na Noruega subiu á montanha mais alta, nas proximidades de Dingermulen. Como caçador é magnifica a sua pontaria. A distancia de 400 ou 500 passos mata um veado só com um tiro.

Não apparenta nunca nenhuma fadiga e assim após alguns dias de manobras, trabalha com os seus generaes até ás 2 da noite nos planos d'exercicio do dia seguinte, e ás 4 da madrugada todos o vêem já a cavallo.

Tanto em caminho de ferro como a bordo não descansa, e o seu dia deve compôr-se de 17 horas uteis, tal é a sua existencia febril, semelhando um animatographo movido a vapor.

Levanta-se ás 5 horas, veste-se rapidamente e come ás 6 1/2, compondo-se o *menu* d'ovos, carnes frias e café, tudo preparado e servido por sua mulher n'um delicioso aposento com tapeçarias de seda resedá, quadros de Watteau, de Pesne e de Lancret.

A média diaria das cartas que elle escreve ou dicta por dia é superior a 24. O papel que usa são grandes folhas azues ou côr de chumbo, tendo na parte superior o seu brazão com lindas illuminuras.

Occupou-se no anno findo de 5:857 negocios externos e 50:200 internos, o seu gabinete militar e naval de 100:145, e com a sua propria mão escreveu 7:000 telegrammas, cartas, ordens e diversos documentos.

No seu gabinete de trabalho esperam-o montanhas de cartas, nada menos de 600 a 700, correspondencia recebida durante a noite, que correios especiaes levam de madrugada ao castello de Berlim ou ao palacio de Potsdam, e as communicações manuscriptas dos ministros e altas auctoridades administrativas. Como é elle que resolve pessoalmente todos os assumptos, lê tudo com minucia — o que estabeleceu como principio — não podendo perder um momento.

A's 7 horas vae beijar os filhos, seguindo-se o receber os funccionarios do palacio com quem estuda o programma d'esta ou d'aquella solemnidade, o projecto d'uma viagem e as despesas respectivas, e resolve os assumptos da vida quotidiana e domestica.

Pelas 8 encontra-se com os ministros, o chefe da policia, os generaes e funccionarios superiores que lhe dão de viva voz informações relativas aos decretos e documentos que levam á assignatura.

Em sendo 9 dá um passeio de carruagem ou a cavallo, e pelas 11 recomeça as conferencias e as communicações. E' tambem a hora das audiencias, em que comparece o funccionalismo recentemente, promovido, os officiaes que subiram de posto, os representantes dos Estados.

N'essas recepções muda cinco e seis vezes d'uniforme. Se o filho d'um general d'artilharia lhe vae participar a morte do pae, Guilherme II veste a farda d'artilheiro, ou a de cavallaria, a d'infantaria ou a farda d'almirante, segundo a pessoa que recebe e a situação que ella occupa; se é o representante ou addido militar d'uma potencia estranjeira, põe as condecorações respectivas d'esse paiz.

Cousa curiosa: no seu guarda-roupa tão complicado não ha um *robe de chambre*. Seu avô tambem não tinha. Um dia, varias damas mandaram-lhe um, bordado pelas suas mãos. O velho Imperador reenviou-o com estas laconicas palavras:

— *Os Hohenzollern não usam «robe de chambre», por ser em demasia feminino.*

Todo esse fatigante cerimonial dura até á 1 da tarde, hora a que vae almoçar com a familia.

Come bem e bebe apenas uma pequena quantidade de Champagne ou vinho de Moselle, misturado com agua mineral. Poz de lado a cerveja, assim como o *whisky*, Cognac e outros licores. Só em viagem fuma dois a tres charutos diarios, mas quando chega a metade deita-o fóra, e a não ser n'esse caso uns oito cigarros turcos.

A IMPERATRIZ DA ALLEMANHA E O FUTURO «KRONPRINZ»

Passa a conferenciar com os generaes e ministros sobre os negocios do Estado, depois vae *posar* aos *ateliers*, inspecciona os quarteis e as repartições publicas, e se o tempo não se apresenta mau, dá outro passeio de trem até ás 5 ou 6 horas.

A's 6 e meia ouve ainda algumas pessoas que teem reclamações a fazer-lhe, lê relatorios e assigna os decretos da manhã.

Janta ás 7, seguindo-se a lição de esgrima.

Toma uma leve refeição ás 10 horas, e retira-se logo para os seus aposentos ficando-lhe á cabeceira uma mesa com papel e lapis afim de poder assentar as observações ou apontamentos que lhe occorrem durante a insomnia ou ao despertar.

E como trabalha sempre, escrevendo, assignando ou dando expediente quer nos comboios ou no hiate, em muitas occasiões não dorme mais que duas a tres horas.

O seu gabinete de trabalho do castello de Rominten tem as paredes cheias das seguintes maximas:

O mundo é tão grande e o homem é tão pequeno, que não é possivel que este seja o centro d'aquelle.

Não desejem o que não se póde obter.

Sejam fortes na dôr.

Procure-se o bem em todas as cousas e a alegria na natureza e nos homens.

Uma hora d'alegria basta para fazer esquecer mil d'amargura.

Tome-se o dia como elle vem e os homens como elles são.

O homem desconfiado faz mal ao proximo e a si mesmo.

E' nosso dever considerar o proximo como

homem de bem até que elle prove o contrario.

Mesmo quando alguma cousa nos choca ou nos offende, quem sabe se ella não é necessaria á creação universal?

Faze sempre o que tiveres a fazer o melhor que possas, sem te importares com a recompensa.

Tudo n'este mundo, bom ou mau, é obra da grande e sabia vontade do Creador Omnipotente e Omnisciente, e nós, miseraveis creaturas, podemos não comprehender, mas seja sob que fórma fôr, o bem é sempre a vontade de Deus.

A pontualidade é a divisa dos Reis

Uma antiga maxima, cuja paternidade alguns attribuem a Luiz XIV e outros a... qualquer outro Monarcha, diz que a *exactidão é a delicadeza dos Reis.* O *Rei Sol* praticava-a a rigor, e a fama diz que nunca fez esperar ninguem por elle á hora que determinara. Assim não tolerava a menor infracção n'essa materia.

— Tive que esperar, senhor... observava uma vez asperamente a um dos seus dignitarios que acudira com um minuto d'atrazo.

Napoleão I exigia tambem dos seus subordinados uma escrupulosa exactidão.

— Faltar a ella, dizia algumas vezes, é sempre uma falta d'attenção, e em muitas occasiões póde ser um perigo.

O grande capitão como que presentia uma das causas principaes do seu desastre final. Se o general Grouchy tivesse chegado á hora certa á entrevista que o Imperador lhe aprazara em Waterloo, a tremenda derrota que soffreram os francezes n'aquella sangrenta jornada, ter-se-hia convertido em brilhante victoria. Se se perdeu a partida decisiva que Bonaparte jogava com os seus inimigos, o unico culpado foi o infeliz Grouchy.

O actual Imperador da Allemanha, que professa uma viva admiração pela memoria d'esses dois illustres Soberanos imitando-os no que póde, observa escrupulosamente o sentimento da pontualidade e quer que os mais façam o mesmo. Nos primeiros dias do seu reinado foi á Opera uma noite em que o não esperavam. Sentou-se no seu camarote e decorridos alguns minutos da hora marcada, mandou chamar o director de scena, que se desculpou da demora, allegando que o tenor chegara um pouco tarde e que ainda se estava vestindo.

— Por acaso não lhe pagam pontualmente? perguntou.

— Com mais pontualidade não póde ser, Majestade, cobra sempre adiantado!

— N'esse caso diga da minha parte ao burgomestre que lhe imponha a multa de 500 marcos. Ninguem tem direito de fazer esperar o publico. Nem mesmo os reis... embora sejam de theatro.

Outro exemplo do seu amor pela exactidão deu-o ao coronel d'um regimento de dragões da guarda real prussiana.

Estavam os soldados de manhã na parada do quartel prestes a marcharem para as manobras que se deviam realisar nos arredores da capital. Tudo a postos desde os homens a cavallo, em irreprehensivel posição, segurando as redeas e os sabres, e os officiaes nos seus logares. Não faltava ninguem, a não ser o coronel, que estava ainda nos seus aposentos vestindo-se socegadamente.

Davam as seis horas, a marcada para a partida, e ainda não soara a ultima badalada, quando appareceu Guilherme II, de uniforme, montado, acompanhado d'um ajudante. Ao notar a ausencia do coronel, franziu as sobrancelhas, mas deu ordem que o não prevenissem que elle estava alli.

— Esperaremos...

E assim passou meia hora, até que por fim se avistou o commandante.

Com certeza ao ver o Soberano o coração pulsou-lhe com violencia, ante aquelle rosto frio e impassivel, que embora não revelasse a menor irritação, tambem não indicava benevolencia.

Feitos os respectivos toques, o Imperador poz-se á frente dos esquadrões, dirigindo-se o regimento para o campo de manobras, effectuando-as segundo o plano combinado, e assim decorreram tres horas, sem que elle dirigisse uma só palavra d'approvação ou censura ao atterrorizado militar, que, inquieto, por mais d'uma vez se equivocou com as ordens que deu. Sua Majestade conservava uma attitude d'esphinge, e quando terminaram os exercicios, saudou militarmente, e sem pronunciar uma syllaba, espo-

reou o cavallo e retirou-se a galope para o palacio.

O coronel dos dragões passou 48 horas em mortaes angustias. A cada momento esperava uma mensagem notificando-lhe o desagrado imperial. Decorreram os primeiros dias, e já principiava a tranquillisar-se suppondo que a sua inexactidão fôra relegada, quando no terceiro viu chegar um emissario do Imperador que lhe entregou um pacote cuidadosamente atado e sellado com as armas imperiaes, onde se lia:

Da parte de Sua Majestade.

Perturbadissimo, abriu-o, e achou uma artistica caixa, tendo dentro um magnifico relogio despertador!

Tambem o seu barbeiro era d'uma inexactidão deploravel.

Uma occasião a demora foi de tal ordem, que o Imperador enviou-lhe um chronometro, o que não obstou a que as irregularidades continuassem. Guilherme mandou chamar o irreverente *Figaro* e perguntou-lhe:

— Ainda tens o relogio que te dei?

— Sim, Majestade. Aqui está.

— Bem! Visto que elle regula tão mal, toma lá este de nickel, e passa-me esse que é d'ouro!

O ACTUAL «KRONPRINZ» FREDERICO GUILHERME E SUA ESPOSA A PRINCEZA CECILIA DE MECKLEMBURGO

Um annel

O Imperador possue um annel, que é o talisman da familia e tem uma historia muito curiosa.

Conta a lenda que desde o tempo do Eleitor João de Brandeburgo, cada membro reinante da casa de Hohenzollern entrega antes de morrer um embrulho lacrado ao seu successor.

Encerra-se alli um annel com uma pedra negra. Quando a esposa do Eleitor deu á luz um filho varão, appareceu um enorme sapo que deixou cahir sobre o leito essa pedra negra, desapparecendo em seguida.

Sendo cuidadosamente arrecadada, o pae de Frederico o *Grande* mandou-a montar n'um annel.

Desde então este tem pertencido ao chefe da casa Hohenzollern. Guilherme II usa-o nas grandes solemnidades, e como todos os membros da sua familia, consagra a maior veneração a essa antiga reliquia.

E' crivel que alguem sorria.

Mas a verdade é que não se devem criticar estas tradições, porque n'ellas ha algo de subtil que escapara aos espiritos grosseiros.

Uma fabrica de porcelana

Com fundos do seu cofre particular mandou o Imperador construir no seu solar de Cadinen uma fabrica de porcelana onde se empregam mais de 2:000 operarios.

Embora á sua frente esteja um profissional, elle não renuncía á sua direcção. Assim escolhe o alto pessoal administrativo, caixeiros, empregados, chefes de serviço e até os operarios.

Indica-lhes os artigos preferidos pelo publico, e todos os modelos são submettidos a um exame, não sendo raro rectificar a obra dos artistas.

Estes vivem em casas confortaveis, cujos projectos foram delineados por Guilherme II, tendo cada uma o seu jardim. Trabalham desde segunda-feira até á sexta, 10 horas diarias, e no sabbado tres, observando-se ao domingo a folga com o mais stricto rigor.

Pensando em tudo, estabeleceu pensões para os velhos, viuvas e orphãos. No verão teem *sports* ao ar livre e no inverno jogos licitos em locaes abrigados, salas de leitura, bibliotheca, onde se vêem os jornaes mais importantes e as melhores revistas.

Se o Imperador está na sua residencia favorita, todos os dias, pelas 6 da manhã, vae visitar a fabrica, e aos operarios mais competentes pede-lhes informações sobre o fabrico e acaba por convidar para o almoço um dos chefes de serviço.

Ao relatorio que recebe semanalmente e onde está indicado o movimento d'esses oito dias, responde com um *memorandum* contendo censuras, elogios ou instrucções.

O capital alli empregado foi de 500 contos e rende 9 %.

Essa porcelana vende-se em Berlim n'um predio de quatro andares, onde se lê em enormes caracteres: *Hohenzollern*.

Anecdotas

A' mesa do Imperador não se encontram só officiaes, diplomatas, politicos e cortezãos.

Uma vez convidou para jantar um homem que se distinguira varias occasiões salvando da morte o seu semelhante, e, por sua ordem, fê-lo sentar no meio dos Principes. Ora, n'um caso d'esses, ha uma tradição que se respeita na côrte da Allemanha: o convidado tem direito a encher o bolso de sobremesas e de gulodices e de as levar para os seus, para a familia, para aquelles a quem estima.

E assim o nosso homem, quando chegou esse momento, tirou do bolso um grande lenço em quadrados, e tratou de lhe pôr fructas, bolos, etc., e, terminada a colheita, foi o proprio *Kronprinz* que o ajudou a atar o embrulho.

*

Estava Guilherme II em Hamburgo quando soube que a bailarina milaneza Antoinette Dell'Era, que residia na Allemanha desde 1881, resolvera retirar-se da scena, e annunciara a sua despedida em Berlim.

Partiu immediatamente para alli, ordenando que ao espectaculo se desse o caracter de gala, e assistiu a elle com o seu uniforme d'hussards, que só enverga nas importantes solemnidades.

Antes, porém, enviara á artista uma magnifica pulseira com o monogramma imperial em brilhantes.

Ao terminar a recita mandou-a chamar ao seu camarote, e, depois de lhe manifestar o seu pesar por ella abandonar o theatro, inclinou-se e beijou-lhe a mão.

O Imperador descera do throno para prestar o seu tributo d'admiração a uma filha do povo da Lombardia.

*

A Allemanha mostrou-se uma vez desgostosa com elle: foi ao saber que o *Kaiser* dissera que a musica de Wagner era ruidosa em excesso.

Um amigo do grande musico ficou tão indignado, que publicou n'um jornal varios artigos criticando aquella opinião.

O chanceller Bülow, considerando essas diatribes como crime de lesa-majestade, chamou para ellas a attenção imperial.

O alvejado devolveu os periodicos com esta laconica resposta:

— Isto não é questão de lesa-majestade; é, simplesmente, questão d'ouvido.

*

No decurso d'uma caçada que se realisou na Allemanha do Norte, Guilherme II man-

dou prevenir um castellão das cercanias, recentemente casado, que o honraria com a sua visita.

No dia seguinte, sentava-se á sua mesa, e emquanto conversava com a linda esposa do dono do solar, serviram-lhe uma taça de caldo.

Entretido com a conversação e suppondo que tinha ante si uma chavena de chá, o soberano pediu assucar e uma colher pequena. A castellã, lisonjeada com a attenção que lhe prestava o visitante, ou não se atrevendo a impedir uma ordem vinda de tão alto, calou-se.

O Imperador mexeu e depois levou-a aos labios. Percebendo o engano, mas ante a afflicção da dama, não deixou transparecer nada, e, estoicamente, enguliu a horrivel mistura até á ultima gotta.

E o almoço proseguiu alegremente.

•

Foi elle que aboliu o antigo costume allemão de prender o guardanapo debaixo do queixo.

Pouco depois d'essa ordem era convidado a jantar um funccionario que, conforme o habito, collocou o guardanapo ao pescoço.

Todos tremiam, buscando inquirir o que diria Sua Majestade ao notar uma tal falta d'etiqueta.

O Imperador, absorto na leitura d'um telegramma, não fizera immediato reparo, mas não tardou em observar, e, sorrindo, perguntou ao desgraçado conviva:

— Dar-se-ha o caso, excellentissimo, que esteja esperando o barbeiro?

•

Não costuma elle tolerar replicas dos seus subditos, mas ás vezes ainda as premeia.

Uma occasião ia a bordo do *Hohenzollern* e ao approximar-se d'um porto de mar do Norte, o *yacht* imperial recebeu o piloto da barra.

Guilherme II poz-se a seu lado e d'ahi a pouco fazia um gesto de quem ia ajudá-lo a manejar o leme, mas o velho lobo do mar, ignorando quem era o intruso, olhou para elle e com maus modos:

— Quem é aqui o piloto? o senhor ou eu?

Surprehendido com aquellas palavras o *Kaiser* não encontrou resposta e retirou-se para o seu camarote; mas, pouco depois, voltava á ponte e offerecendo uma caixa de charutos ao marinheiro, disse-lhe affectuosamente:

— O piloto eras tu!

•

No palacio de Potsdam notou um dia que uma das sentinellas parecia triste, embora desempenhasse rigorosamente a sua obrigação.

Acercando-se d'ella, interrogou-a com bondade.

Após umas certas hesitações, contou-lhe que devido a revezes da fortuna, esgotara as suas economias e se encontrava na impossibilidade de realisar o seu sonho, que era o de casar com uma rapariga da sua aldeia.

O Imperador mandou proceder a averiguações e vendo que era verdade o que o soldado lhe dissera, nomeou-o cabo, deu-lhe uma magnifica gratificação e fez com que a mulher entrasse para o serviço da Imperatriz.

•

Guilherme II tem o habito d'agarrar, á menor contrariedade, entre o pollegar e o index da mão esquerda o lobulo da orelha direita e puxar por ella com uma certa força.

Quando esteve em Inglaterra, por occasião do funeral do Rei Eduardo, recebeu um telegramma, que não lhe deveria ser muito agradavel, porque de seguida principiou a martyrisar o orgão auditivo.

O filho do duque de York perguntou-lhe:

— Porque é que o tio está puxando a orelha?

— Porque estou aborrecido.

— E faz sempre isso quando está aborrecido?

— Sempre.

— E se está aborrecidissimo?

— Puxo a orelha d'aquelle que me maça com perguntas.

•

Indo o *Kaiser* visitar um ponto afastado dos seus dominios, um dos alumnos da eschola primaria deu-lhe as boas vindas em nome dos seus camaradas.

O Imperador agradeceu e apontando uma laranja, perguntou:

— A que reino pertence este fructo?

— Ao reino vegetal, Senhor, respondeu uma menina.

Tirando uma moeda d'ouro, interrogou:

— E este dinheiro?

— Ao reino mineral.

— E a que reino pertenço eu?

Corou, receiando offender o Imperador Guilherme dizendo que elle pertencia ao reino animal; mas, n'uma inspiração engenhosa, respondeu com os olhos a brilharem-lhe:

— Ao reino de Deus, Senhor.

O Monarcha ficou commovido e uma lagrima lhe assomou aos olhos. Pondo a mão na cabeça da creança, disse:

— Oxalá eu seja digno d'esse reino!

Devia ser a resposta de quem declarou uma vez:

— Ha só um homem que eu nunca invejaria: aquelle que não ama a sua patria.

*

Conta-se que Sua Majestade vae dirigir um jornal O fundador é o Principe Max Egon de Farestenberg, e combater-se-ha alli o socialismo e os candidatos da extrema esquerda nas eleições que se devem realisar no proximo anno.

O modelo adoptado no novo periodico será o da imprensa americana.

Notas

O numero 9 apparece nas datas principaes da historia do Imperador.

E' o 9.º Rei da Prussia, nasceu em 1859, entrou no exercito em 1869, terminou os estudos em 1879, e as datas do seu nascimento e casamento (27 de janeiro e 18 de fevereiro) sommando os dois algarismos dão como total 9.

— Sempre que se photographa na companhia da Imperatriz procura que ella fique sentada e elle de pé, tanta é a desproporção d'estatura.

— Como é um colleccionador enthusiasta dedicou-se a reunir autographos d'homens notaveis e os que possue são valiosissimos.

— Muito generoso, em cada visita que faz a Inglaterra, deixa em gorgetas para aquelles que alli o servem quantia superior a mil libras.

— Uma das tradicções de familia dos Hohenzollern é que cada filho do *Kaiser* saiba um officio, mas a fundo. Quando o principe Joaquim completou 19 annos, Sua Majestade ordenou que fosse para o instituto de veterinaria de Pleven aprender o officio de ferrador, onde tinha as mesmas horas de trabalho que os seus companheiros.

— São innumeras as estatuas que ha na Allemanha de Guilherme II.

Em Munich está fardado de almirante; em Colonia a cavallo com o uniforme de couraceiro da guarda imperial e o capacete encimado pela aguia prussiana; no sanatorio do Monte das Oliveiras com a armadura dos cavalleiros das cruzadas e ostentando a corôa dos reis de Jerusalem; na Academia das Artes e Sciencias figura d'Imperador romano, de cabelleira e com uma corôa de louro; vê-se ainda no edificio dos correios, em Strasburgo, e a sua effigie esculpida no portico da cathedral de Metz, representando o propheta Daniel.

. . . . . .

Pois este homem que é generalissimo, almirante, musico, architecto, archeologo, poeta, *yachtman*, philosopho, pintor, escriptor, que faz caricaturas, é critico d'arte, insigne em discursos, e basta um gesto seu para que a Europa se apavore, a um americano que lhe perguntou se não gostaria de fazer uma viagem aos Estados-Unidos, respondeu:

— Muito; não desejava lá ir como Imperador, mas apenas como *private gentleman*. E não por quinze dias como qualquer *globe trotter*, mas, pelo menos, por tres mezes. Entretanto quem me substituiria, e o que pensaria o meu collega Taft que tem por principio: *Hard work, little play?* (Muito trabalho e poucos divertimentos.)

Guilherme II, sendo tudo... não consegue ser um cidadão livre!

Que admira que pelo rosto lhe transpareçam de vez em quando sombras de melancholia!

PORTUGAL DA SILVA.

LEOPARDO

Gorongoza, paiz de caça

Ha no Terrritorio de Manica e Sofala, administrado pela Companhia de Moçambique, varias regiões onde abunda a caça; mas d'essas regiões a mais povoada de animaes é a que occupa quasi toda a Circumscripção da Gorongoza e parte da de Cheringoma, parecendo que toda a fauna africana elegeu alli o seu habitat.

Outros paizes africanos, tambem abundantes em caça, são gabados em annuncios e reclamos como sendo superiores á Gorongoza em numero e variedade de especies animaes. Esta escolha da Gorongoza para termo de comparação basta de per si para dar idéa, não só de quanto este paiz pode merecer o nome, que já lhe tem sido dado, de *paraizo dos caçadores*, mas tambem de quanto elle é universalmente conhecido como tal.

Ora, se realmente ha regiões mais favorecidas sob o ponto de vista que nos occupa, é de notar que n'essas regiões a caça está espalhada por uma area muitas vezes superior á da Gorongoza, havendo por isso necessidade de uma grande demora para obter uma collecção de trophéos compensadora das fadigas e despezas. O que será difficil de encontrar n'outra qualquer parte do mundo é um paiz, onde, dentro de uma area relativamente acanhada, e por isso rapida

de percorrer, se encontre a variedade de especies e a quantidade de individuos que o caçador tem a certeza de ver na Gorongoza.

Accresce que, ao passo que os outros paizes de caça ficam a centenas de kilometros da costa, obrigando o caçador a uma demorada e fatigante viagem, a Gorongoza dista apenas um dia da Beira; de maneira que o viajante que embarque n'um dos paquetes da União-Castle até Cape-town, e alli tome o caminho de ferro para a Beira, póde achar-se acampado em plena região de caça menos de 20 dias depois da sua partida da Europa.

CABEÇA DE TIGRE

A demora na Beira, necessaria para a organisação da caçada, obtenção de licença, compra de provisões, etc., póde ser de poucos dias durante os quaes um excellente hotel fernecerá uma installação confortavel. A viagem recomeçará tomando o comboio para Villa Machado (5 horas de caminho), onde um hotel mais modesto mas conveniente, póde fornecer abrigo durante a demora que alli possa haver.

Se o caçador tiver tomado a tempo as suas disposições, poderá encontrar em Villa Machado, á sua chegada, os carregadores e guias que tiver requisitado á Companhia de Moçambique, cujo representante alli, assim como depois os da Gorongoza e Cheringoma, lhe proporcionará todas as facilidades de que necessite para o bom exito da sua expedição.

De Villa Machado para a Gorongoza a viagem póde fazer-se a pé ou de machila, gastando-se n'este caso seis a sete horas para attingir o rio Pungwe, que é sempre vadiavel na época propria da caça (maio a novembro).

Se fôr avançada a hora da chegada, a noite poderá passar-se n'uma das aldeias indigenas que abundam na margem do rio. No dia seguinte, poucos kilometros andados, começará o viajante a encontrar alvo para os seus tiros. E em poucas semanas poderá retirar satisfeito com uma magnifica collecção dos mais bellos e raros specimens.

Com effeito, á excepção da girafa e do avestruz (que aliás existem em outros pontos do territorio, como por exemplo no Alto Save), não ha especie da fauna sul e léste africana que não esteja representada, e em muitos casos numerosamente representada, na Gorongoza.

Algumas especies são raras como em toda a parte, outras são extremamente abundantes como em parte nenhuma.

Não cabe nos limites d'este artigo a enumeração completa e a descripção minuciosa de todas e de cada uma das especies de caça que o amador d'este genero de sport encontrará seguramente n'este paiz privilegiado. Farei apenas uma rapida resanha das principaes, apontando aos que menos perfunctoriamente se queiram inteirar do assumpto, as importantes e bem conhecidas obras dos srs. F. Vaughan Kirby *(Sport in East Central Africa)*, R. C. F. Maugham *(Portuguese East Africa)*. e G. Vasse *(Trois ans de chasse au Mozambique)*.

VENCEDOR E VENCIDO

Grandes mammiferos

Todos os grandes mammiferos terrestres hoje existentes estão representados na Gorongoza:

O *elephante* — cuja caça é de todas a mais fatigante, a mais perigosa, mas tambem a que maior prazer pode proporcionar ao caçador feliz;

O *hippopotamo* — que vive geralmente em lagôas de difficil approximação pela natureza alagadiça das margens, e sendo por isso difficil de caçar; mas apparecendo ás vezes nos rios Pungwe, Ndingedinge e Urema, sendo então de mais facil caça;

O *rhinoceronte* — muito raro, mas podendo ser procurado com exito no Maringwe, Santa e Cheringoma.

Depois de estes grandes animaes, ultimos restos de uma fauna de outras edades, merecem especial menção os seguintes:

O *bufalo* — que proporciona uma caça movimentada e que, em perigo, pouco cede á do elephante;

E a *zebra* — bello e enoffensivo animal, que na Gorongoza vive em numerosas manadas que offerecem á vista um espectaculo formosissimo, e deveras attrahente.

Antilopes

A vasta familia dos antilopes está representada pelas mais bellas e algumas das mais raras especies, d'entre as quaes citarei as seguintes:

O *leucorix* — o maior antilope do mundo, podendo attingir a altura de dois metros na agulha, e possuindo bonitas armas que podem attingir mais de 0,75 de comprimento;

O *condoma* — mais raro, não menos bello

e quasi tão corpulento, e possuindo (o macho) armas helicoidaes que n'alguns velhos individuos chega a quasi dois metros (o maior specimen registado por Rowland Ward media 64 pés inglezes ao longo da curva exterior);

O *antilope negro* — talvez o mais notavel dos antilopes, pelo seu porte airosissimo, pelas suas côres, pela elegante armação que constitue um dos trophéos mais apreciados; bastante perigoso quando ferido, assegurando-se que a fórma das armas, recurvadas para traz, lhe permitte defender-se com vantagem do proprio leão;

O *antilope roan* (como lhe chamam os inglezes) — bastante parecido com o antecedente, mas maior, com as armas e as crinas mais curtas, as orelhas maiores.

A graciosissima *impala* — que vive geralmente em numerosos bandos, e cujas armas de tamanho desproporcionado com a relativa pequenez do animal, são elegantissimas;

O *gnú* — desgracioso e grutesco animal, mixto de antilope, de boi e de cavallo, «verdadeira caricatura de todos estes animaes tão graciosos e tão nobres», como diz Brehm;

O *cobo* — cuja frequencia o sr. Maugham considera quasi fatigante;

A *gondonga* — cuja côr a torna ás vezes difficil de distinguir na paizagem circumjacente, mas cuja falta de presença de espirito faz com que seja uma facil victima;

A *chitakatira* — um pouco parecida com a antecedente, e que passa por ser o mais ligeiro e o mais resistente dos antilopes;

A *inyala* — tão rara em toda a parte, mas tão abundante no Maringwe, apesar do *dogma* corrente, e acceite pelo sr. Maugham, de que não existe entre o Save e o Zambeze;

A *mbauara* — que se encontra por toda a parte, e que, apesar da sua relativa pequenez, pode ser perigosa quando ferida;

A *cervicabra* — tão elegante.

E os antilopes de pequeno corpo:

O *oribi* — de pequenas armas direitas e agudas;

O *duiker* — que não excede 17 pollegadas de altura, e é caracterisado pela côr avermelhada e pelo tufo de pellos que tem na cabeça e lhe encobre parte das pequeninas armas conicas;

O *antilope de Livingstone* — bastante semelhante ao *oribi*, do qual se distingue por caracteres pouco importantes;

O *steinbuck*;

E o agil *klipspringer* — que habita as montanhas.

Porcinos

A familia dos porcinos é representada, além do hippopotamo já mencionado, por mais duas especies:

O *porco bravo* — de côr geralmente avermelhada com riscas amarellas, e apresentando acima da tromba duas proeminencias osseas caracteristicas;

E o horrendo *phacochero* — caracterisado pelas quatro verrugas que lhe afeiam as faces.

Primatas

Os primatas teem como representantes:

O *papião* — que se encontra em grandes bandos, o flagello das plantações; mas que, apesar da sua fealdade, é tão interessante no estado de domesticidade que acceita com incrivel facilidade;

O *macaco de Moçambique* — tambem facil de domesticar, e tambem grande destruidor de plantações quando em liberdade.

O gracioso *cercopitheco albigularis* — de linda pellagem;

E o grande *galago-l'emur* ou *falso macaco* — notavel pela belleza do pêllo.

Desdentados

Ha dois desdentados, apesar do sr. Maugham mencionar só um:

O *tamanduá do Cabo* — o unico representante actual dos orycteropideos;

E o *pangolim* — de tão curioso aspecto na sua armadura de escamas imbricadas.

Pequenos mammiferos

N'esta classe inteiramente arbitraria, que adopto por commodidade de exposição, agruparei os seguintes animaes, apesar de tão diversos:

O *gato-tigre* — de côres tão brilhantes, perseguidor encarniçado da pequena caça;

A *gineta* — grande inimigo das capoeiras;

O *gato-bonga* — quasi semelhante ao gato domestico;

O *gato de algalia* — notavel pela substancia fetida analoga ao almiscar que se segrega n'uma bolsa que tem proximo do anus;

O *chacal* — pobre rebuscador de restos dos grandes carnivoros;

O *coelho* — pouco abundante;

O *ratel* — guloso de mel;

O *manguço* — inimigo implacavel das serpentes;

O agil e gracioso *esquilo;*

O mysterioso *porco-espinho;*

A *lontra;*

O interessante *Hyrax* — o minusculo animal que a tyrannia dos methodos taximonicos agruparam muito tempo, ora com os roedores, ora com os rhinocerontes (!), ora com os masurpiaes, mas que hoje tem a honra de constituir uma ordem especial;

E um grande rato, que os indigenas chamam *sendzi* — e de cuja carne são muito gulosos.

Animaes ferozes

Mencionarei as seguintes especies:

A antipathica *hyena* — cuja ferocidade é de resto accentuada, ou talvez antes contrariada pela natural cobardia e escassez de meios de ataque;

O *cão selvagem* — pequeno e fraco animal, mas que costuma caçar em grandes bandos, tornando-se pelo numero tão temivel, que se affirma impôr respeito ao proprio leão.

O *leopardo* — terrivel destruidor de rebanhos, e, occasionalmente, inimigo serio com que o homem deve contar;

E por fim *l'ast but not least* — *o leão* — o imponente e bello animal, cuja caça constitue o sonho de todo o caçador que pisa o sólo africano.

Da abundancia e da ferocidade do leão na Gorongoza, diz Vaughan Kirby: «*... the real home of the lion in portuguese east Africa is the valleys of the Urema and Pungwe rivers, where also they have a reputation for unusual pugnacity.*»

Aves

Uma enorme variedade de aves offerece tambem vasta occupação á carabina do caçador: umas apreciaveis para enriquecer os menús, ordinariamente pouco variados, das refeições no matto; outras apenas interessantes pela belleza ou valor commercial da plumagem; outras ainda que apenas interessam ao naturalista ou ao curioso.

Do primeiro grupo citarei:

O *francolim* — especie de grande perdiz, de carne abundante e succulenta;

A *perdiz* — quasi semelhante á da Europa;

Duas especies de *pintadas* — que, convenientemente preparadas, se tornam de uma tenrura e succulencia dignas do gastronomo mais difficil;

A *codorniz* — semelhante á da Europa;

Três variedades de *rôlas;*

Um *pombo verde;*

Varias especies de *patos* — todos apreciaveis e alguns excellentes.

Do segundo grupo pódem citar-se:

O grutesco *marabú;*

As elegantes *garças;*

Os *piriquitos.*

Do terceiro grupo, muito mais numeroso, indicarei apenas:

As varias *aguias;*

Os *abutres;*

Os *pelicanos;*

As variadissimas *pernaltas,* etc.

Reptis

Na grande familia dos reptis merecem menção:

O *crocodilo* — facil de encontrar nas margens do Ndingedinge e Urema, e casualmente n'algumas lagôas do interior;

Uma variedade de *iguana,* talvez o *agama* — cuja pelle parece um tecido de missangas polychromas;

Duas especies de *tartarugas* — uma dos pantanos, outra de terra;

Muitas *serpentes,* a maior das quaes a *python* — fornece um apreciado trophéo.

. . . . . .

Esta longa, bem que incompleta enumeração, dá idéa da somma e da variedade de sensações que estão destinadas ao amador de caça que escolha a Gorongoza para exercicio d'este sport. Se se tratar de um verdadeiro caçador, que junte á sua paixão cinegetica uma regular dextreza e a persistencia indispensavel, não póde haver duvida de que o resultado da sua expedição excederá a sua espectativa, e que toda a vida conservará d'ella a mais viva recordação.

Para melhor se julgar da quantidade e variedade de caça que se póde matar n'este paiz encantado n'um lapso de poucos dias, leia-se o que ha pouco publicava um jornal da Beira *(The Beira Mail)*:

«As partidas de caça que ultimamente sahiram da Beira para o interior, parece terem gosado bom sport — e muito — a julgar pelo exito que tem tido a viagem do major Statham, de Pretoria. Intrepido caçador (elle matou o seu primeiro tigre na India quando tinha apenas onze annos de edade), o major Statham chegou á Beira ha cêrca de um mez e largou de Villa Machado, sendo apenas acompanhado por indigenas Seguiu para a Gorongoza e Cheringoma — districtos que já tinha visitado o anno passado — e, nos primeiros quinze dias de caçada, tinha tido um excellente *bag*, comprehendendo quatro leões de juba, duas *inyalas*, três *bufalos*, três *gnús*, um *condoma*, e varios *impalas* e outros antilopes menores...»

CABEÇA DE HYENA

O grande caçador Selous, que aliás da Gorongoza apenas visitou as proximidades do Pungwe, chama-lhe: «os ultimos sitios da Africa do Sul frequentados pela caça.»

E o sr. Maugham, no seu livro já mais de uma vez citado *Portuguese East Africa*, diz:

«A meu vêr, o grande encanto do vasto districto onde se deram os successos que tenho descripto, reside em não poder nunca uma pessoa prever de um momento para o outro que esplendido, imprevisto representante das mais raras especies de caça, póde atravessar o seu caminho. N'isto reside talvez o principal attractivo de uma classe de sport que não tem egual quanto a interesse, sustentado e penetrante *excitament*.»

Villa Paiva de Andrada — Março de 1910.

. . . . . .

E' sabido que os caçadores portuguezes formam legião, e creio que muitos d'elles trocariam com prazer as perdizes e os coelhos que o solo natal lhes offerece, por caçadas de maior interesse e perigo; mas tambem sei que são necessarias varias condições, difficeis de reunir, para que esse sonho se possa realisar.

Mas não é impossivel que um ou outro meu compatriota seja bastante feliz para reunir essas condições, isto é, que seja bastante desoccupado para poder dispôr dos três ou quatro mezes indispensaveis, que seja bastante rico para poder gastar as centenas de mil réis precisas, e que tenha bastante força de vontade e bastante amor pela caça, pelas viagens e pelas aventuras, para trocar por dias de fadiga, por noites inconfortaveis e por momentos de perigo, os prazeres, commodos e habituaes, de uma estação á porta da Havaneza, ou de uma pacata cavaqueira na pharmacia da aldeia em que vive.

Se essa *rara avis* existe, escreva-me; eu terei o maior prazer em lhe mandar as informações complementares de que necessite, em lhe preparar na Beira e na Gorongoza o que fôr necessario para a sua viagem no interior, e até em o acompanhar em parte da sua caçada, tanto tempo quanto m'o permittirem as minhas occupações officiaes. E esse meu prazer será tanto maior que, durante os dez annos que tenho vivido na Gorongoza, e tendo caçado com varias pessoas vindas de longe para esse fim, só uma vez ouvi falar portuguez... e foi a um brazileiro: Sua Alteza o sr. D. Pedro de Orléans e Bragança.

G. Bivar Pinto Lopes.

HISTORIA D'AMOR

Luiz XIV e La Valliére

POR Alice e Claude Askew

«Estarei aqui ao abrigo do mundo, minha irmã?» — a que assim falava, era pouco mais que uma creança; olhou, tremendo, para o alto muro do jardim do convento; pareceu-lhe uma barreira insupperavel, mas de que serviria, contra aquelle perante quem todas as portas se abriam, cuja palavra era mais que a lei, que o sentimento, que a fé? Poderia a santa egreja defendel-a contra a magestade do rei?

«Tende piedade d'uma alma, em que entrou a tentação!» — tinha ella dito uns dias antes, prostando-se aos pés da irmã superiora. O seu cabello solto, uma maravilhosa teia de seda dourada, brilhava aos raios do sol e emmoldurava a brancura lactea do seu rosto. — «Salvae-me, oh! minha irmã, salvae-me de mim mesma, e da voz da tentação. A vós, que sabeis a inclinação da minh'alma, venho eu implorar piedade...»

«Ergue-te minha filha, e diz-me o que te perturba» — respondeu a freira erguendo gentilmente Luiza de La Valliére, Luiza, a doce e terna creança, cuja alma era tão branca como o niveo rosto, cujos olhos eram tão azues como o céo na primavera, cujos labios santificados pela oração, estavam puros e innocentes.

Esses lindos olhos, agora perturbados, humedeciam de lagrimas as delicadas faces; os labios tremiam, tambem, como no terror d'um perigo indefinido e vago.

A sua historia era triste; pedia protecção contra aquelle que tudo podia, cuja vontade era uma ordem, a cujos caprichos ninguem ousava oppôr-se; triste, por revelar aquella fraqueza consciente; e depressa foi contada.

«Não sei quando foi a primeira vez que elle ergueu para mim os olhos, — suspirou Luiza, com o rosto meio escondido pelo habito austero que lhe cobria o despedaçado coração — «Eu era apenas um creança do sequito da rainha, tão pequena, tão humilde, a ultima de todas!» — Assim falava, sem reparar na sua belleza divina, no seu rosto que tinha o encanto da primavera, no seu lindo corpo que era a promessa da flôr que se entreabre. — «Levaram-me para a côrte, minha irmã» — continuou ella — «embora não fôsse essa a minha vontade, juro-lhe. Temia aquelle esplendor. Primeiro riam-se, as outras damas, porque eu mal parecia uma dama tambem. E então», — o rosto purpureou-se-lhe delicadamente — «começaram a dizer que eu era bella; que se quizesse, os mais nobres da França ajoelhariam aos meus pés, que escolheria o marido do meu gosto, ou um amante, e escarneciam-me quando falava em vir para o convento. O convento, para quem já tinha experimentado o que era a vida na côrte de Luiz XIV! O convento, para quem tinha este cabello, estes labios, não era um peccado, perguntavam ellas, não era fazer pouco da belleza que Deus me

tinha dado? Tudo isto me diziam, minha irmã, e eu, não sube que ellas diziam a verdade, senão quando me vestiram á moda da côrte e me ensinaram a copiar-lhes os modos. Depois, começou a accordar em mim qualquer coisa que até alli desconhecia.»

«Perdoae-me irmã, se assim cheguei a conhecer-me» — continuou ella com o rosto baixo — «Eu era como as outras que me rodeavam e porque sou fraca, assim me deixei levar.»

«Mas o rei? Relata-me o que se passou com elle», — interrompeu a freira com alguma severidade — «A tentação veio-te d'elle; dize-me, não é verdade?

Durante alguns minutos os soluços embargaram a voz da pobre rapariga; depois, mais calma, falou distinctamente como se tomasse a desesperada resolução de proclamar a verdade inteira, nada esconder dos recantos do seu coração, pôr a nú a sua propria alma. Mesmo no meio de seu desespero, um certo orgulho, forçava as suas palavras, triumphava como se quizesse, na sua aspiração á pureza, arrancar de si as sensações terrestres.

«Amo-o, minha irmã, é esse o meu peccado; e o castigo, doce e amargo, como o fructo prohibido, é que este amor é correspondido. Juro-lhe que se tivesse fechado este segredo para sempre no meu peito, elle tel-o-hia advinhado. Mas a despeito de orações, a despeito de lagrimas, — porque eu chorava e orava noite e dia — não consegui matar a paixão que me possuia. E então, desde que vi que por mim nada fazia, era por elle que eu resava; mas tudo foi em vão; em vão tambem, eu me escondia, quando o rei se approximava, pondo-me de traz das minhas companheiras, que troçavam da minha simplicidade, da côr que tingia as minhas faces. Mal adivinhavam o que me oprimia; mas elle, os seus olhos percorrendo os outros rostos, vinham demorar-se no meu. Sentia como se alli não estivesse mais ninguem e elle só a mim visse. Sorria-me e o seu olhar» — a joven uniu as mãos n'um gesto de angustia — «era um olhar tão doce, tão meigo, tão submisso, e tão triste! Que mais hei-de eu dizer minha irmã? E' Luiz XIV, o meu rei!»

«Creança, peccaste e peccaste gravemente.» — A freira estendeu as suas mãos pallidas e magras e tocou o peito da desventurada Luiza. — «O peccado está aqui, dentro de ti, e precisa remido com penitencia, mortificação e abstinencia. Não é ainda demasiado tarde, uma vez que fugiste á tentação e pediste o soccorro de Deus, o unico soccorro que podes ter». — Calou-se a freira e estabeleceu-se o silencio entre as quatro paredes da cella; silencio apenas interrompido pelo respirar opresso da penitente.

«Essa nefasta paixão» — continuou a religiosa algum tempo depois — «não cedeste a ella, pois não, minha filha?»

«Foi temendo o que poderia acontecer que eu fugi da côrte e vim para o sanctuario da vossa protecção, minha irmã» — respondeu Luiza de La Valliére com o rosto a arder e as mãos unidas ao peito. — «Pois quem póde resistir ao rei? Não é um capricho passageiro», — disse ella — «nem um amor ephemero que sinto dentro do peito. Elle ama-me — e os seus labios tremeram com a dôr da renuncia — «tanto como eu o amo. Desejar-me-hia a seu lado, mesmo que todo o mundo o visse.»

«Já não ha logar ao seu lado direito», — respondeu a freira — «e o seu lado esquerdo é o caminho do inferno.»

«Bem sei» — um estremecimento tornou convulso o seu rosto sereno — «mas como o mau caminho apparecia lindo, atapetado de flôres, quente de sol! Estive á beira d'elle, minha irmã e os meus pés moviam-se impacientes; mas alguma coisa dentro em mim fez-me conservar na sombra; foi como que uma delicada mão pousada no meu hombro, que me fez voltar e vêr que ia fóra do caminho divino». — Calou-se e depois accrescentou suavemente: — «Minha irmã, e é para Deus que eu venho.»

A freira fez com a mão um ligeiro signal da cruz sobre o peito e a fronte da penitente. «Assim seja, minha filha» — disse ella simplesmente.

E assim se passaram dias; mas nem a penitencia, nem a abstinencia, nem a oração traziam a paz ao espirito atormentado de Luiza de La Valliére. Como podia ella entregar-se ás coisas espirituaes, com o constante terror de que o seu real amado, a quem nunca fôra recusado um coração, a procurasse na sagrada reclusão do convento e rindo-se d'ella como d'uma creança desobediente, a levasse comsigo, sem olhar a

lagrimas e protestos, para o ambiente perturbador a que ella tinha fugido?

Amargas eram as lagrimas que chorava.

— «Possam ellas fazer desapparecer a belleza do meu rosto —», dizia no extase da oração — «Possa o ajoelhar, deformar o meu corpo, para que ninguem me deseje! Porque o céo não precisa da belleza da fórma e seria então a noiva de Senhor!

E havia occasiões, na solidão da cella, em que queria despedaçar o peito até que o sangue saltasse, no desejo selvagem de arrancar o amor que alli se abrigava, essa paixão terrestre que triumphava de todos os supplicios da carne, que a fazia suspirar pelo amor humano, embora só quizesse pensar no amor divino.

«Elle ha-de vir um dia» — dizia Luiza a si propria, mil vezes, e então, prostrando-se deante da cruz, resava para que não viesse.

«Estarei aqui bem guardada, minha irmã?» — Era a sua pergunta constante, e a invariavel resposta da irmã superiora trazia algum alivio á sua alma torturada.

«A chave da porta da cêrca está a teu cargo, minha filha. Está pendurada ao teu pescoço; não te posso reter aqui contra vontade. Não ha votos que te prendam; não ha obrigações a cumprir. Alcança a paz do Senhor, ella te bastará.»

AMO-TE, LUIZA; E EU, O REI, IMPLORO O TEU AMOR!

Assim falou a religiosa n'essa manhã a Luiza de La Valliére, quando a viu só no jardim do convento, e esta mais uma vez lhe fez a sua pergunta. Mas hoje o rosto da

Superiora era mais grave que o costume, mais triste, e comtudo, mais suave.

Luiza imaginou comprehender a transformação que n'ella se operára, como se fôsse intimamente prevenida d'um perigo, mas o olhar da freira não denunciou emoção, as linhas do seu rosto permaneceram serenas e calmas; a sua fronte, pura.

«Vae para a capella minha filha» — continuou a freira — «vae resar mais do que nunca. Prosta-te ante a cruz e deixa que a sombra te envolva. E póssa Aquelle que tudo vê, e nossa Senhora, Sua Mãe, guiar-te e guardar-te.

Inclinou-se e beijou a creança na fronte; depois, fazendo o signal da cruz, sahiu tranquillamente para ir juntar-se a um pequeno grupo de freiras que estava n'um canto do Jardim. Pareceu a Luiza que os olhares d'aquellas sanctas creaturas tinha estado pousado n'ella, n'esse dia, mais insistentemente, com uma especie de curiosidade e espanto.

Tremendo com um receio que ella mesma não sabia como justificar, dirigiu-se para a capella, e inclinou-se, como sempre, em frente do altar. A calma e o silencio amorteceram a excitação dos seus nervos; a capella estava fresca e escura tambem, porque o sol mal entrava n'esse dia pelos vitraes das janellas. Estava só, porque ainda não era bem a hora da reza e as freiras estavam occupadas nos seus labores domesticos. E comtudo, ao entrar n'aquelle sancto asylo, tinha olhado receosa para todos os lados, como se temesse que alguma extranha apparição sahisse da sombra e lhe interceptasse o caminho. Que temia ella? Homem ou espirito? Nem o sabia; mas desejava ardentemente chegar ao altar, e apressou os passos, a tremer.

Prostrada alli, recomeçou a sua agonia, com toda a intensidade. A alma e o corpo, agitavam-se egualmente: espirito e carne — céo e terra — havia n'ella uma tempestade indomavel. Apertou as mãos na cabeça para não ouvir os seus propios pensamentos, mas em vão, fechou os olhos para não vêr as ameaçadoras fórmas e rostos que lhe appareciam na sombra; rostos zangados, todas as paixões materialisadas da humanidade, luctando em volta de uma immensa cruz branca, ensanguentada. Fechou os olhos, tapou os ouvidos, tudo em vão; prostrou-se nos degraus do altar escondendo o rosto nas ondas douradas dos seus cabellos soltos. Céo ou inferno, Deus ou demonio — a quem pertenceria a victoria?

Chegou elle — o Rei — e foi como se a sua vinda trouxesse os raios do sol que penetraram na capella escura, illuminando-a, dourando-a com uma gloria nova. Parou um momento, observando a gentil, a fragil figurinha de mulher que se prostrava ante o altar, com os louros cabellos esparsos de ambos os lados da fronte, deixando vêr a brancura assetinada da sua nuca, e as mangas largas, deixando a nú os braços que se erguiam n'um supplica apaixonada e ferverosa.

O rei continuou a olhal-a, mas Luiza de La Valliére, n'esse momento, estava indifferente a qualquer emoção terrestre e inconsciente da sua presença; elle então, ajoelhou a seu lado, e tomou entre as suas, as delicadas mãosinhas que a prece fizera erguer.

«Luiza!» — o seu nome proferido n'um murmurio, pareceu-lhe vir do céo, a voz, d'alguem que ella conhecia e amava.

«Luiza!» — chamou elle de novo. Seria d'elle a victoria? Sim! Porque Luiza não se sentiu mais desgraçada e o sol que illuminava a capella, enchia-lhe a alma de luz. A cruz branca, nem a via já, deslumbrada; a propria cruz se escondeu...

«Luiza!» — ella ergueu a cabeça, lançando para traz as ondas soberbas do seu cabello louro e fixou os olhos vagos no rosto do homem que lhe tinha desviado as mãos da prece ferverosa. Seria d'elle a victoria, ou teria ella sido vencida na lucta que o seu espirito travára? Que importava se o resultado era o mesmo?

Ajudou-a a levantar-se; Luiza tremia como uma pobre folha que o vento impelle, mas o sangue voltava ás suas faces e os seus labios vermelhos desúniram-se como as pétalas d'uma rosa orvalhada.

«Luiz! Meu rei!» — Não poude dizer mais nada, mas esse grito, foi a canção victoriosa da carne, triumphando emfim!

Luiz, rei de França passou o seu braço em volta da delicada cintura que precisava amparo, porque na realidade, a creança succumbia á lucta que se travára no seu coração. Não lhe oppôz resistencia, antes se encostou meigamente ao seu peito, á doçura d'aquelles braços fortes.

Quanto lhe era doce aquelle refugio, de-

pois da tortura do seu espirito finalmente conquistado e submettido!

«Creança louca, fugir de mim!» — murmurou elle n'uma leve censura. — «Não sabias que te havia de encontrar onde quer que estivesses e te havia de trazer comigo? Porque te amo, Luiza, e eu, o teu rei imploro o teu amor. Mas é já meu o teu coração, não é verdade?» — accrescentou triumphante. — «Não ha palavras que m'o digam melhor que os teus olhos. Sim, embora tivesses fugido, amavas-me; e que somos nós, para poder arrancar o amor dos nossos corações? Amor, que está acima da realeza, acima da religião, rei e sacerdote, elle proprio, conquistador do corpo e da alma! Viver sem amor não é viver!»

Calou-se, mas Luiza não replicou; apenas inclinou a sua linda cabeça sobre o peito. A submissão era completa.

«Fizeste a tua escolha» — proseguiu, o rei, emquanto a afastava do altar — «e o futuro dirá se escolheste bem ou mal. Eu, nada temo, embora roube ao céo a sua noiva. O amor terrestre não póde manchar a tua pureza, Luiza, antes fará a tua alma mais branca, porque um affecto como o teu, ennobrece e não degrada, tanto á que o dá, como ao que o recebe. Vem, Luiza, a tua alma pertence-te, mas tu... tu és minha!»

VOLTARAS PARA O ALTAR QUE AGORA ABANDONAS, PARA COMPLETAR O SACRIFICIO!...

Seguiu-o como n'um sonho; nem uma vez

olhou para o Christo que pendia sobre o altar, suspenso na cruz que ella quizera abraçar.

O seu coração palpitou quando se abriu a porta da capella e o sol entrou, trazendo comsigo a vida e a luz da terra. A briza era suave, com o perfume inebriante da primavera e o canto harmonioso dos passaros. A natureza chamava-a; estava no ar que respirava; o seu perfume embriagava-a, alegrava-lhe a vista e o sussuro dos folhas sobre a sua cabeça, parecia a velha canção d'amor que entôa sempre a natureza. A morte ficava atraz d'ella; alli era a vida. O seu peito ergueu-se n'uma longa aspiração de ar e luz; encostou-se mais ainda ao braço que a protegia.

Das sombras d'um claustro adjuncto, onde esperava o resultado d'uma conferencia em que não tomára parte, a irmã superiora appareceu. Atraz d'ella, um pequeno grupo de freiras silenciosas.

«Minha filha é essa a tua escolha?» — Não havia colera na sua voz, nem ameaças. A freira permaneceu erecta, alta, com as mãos cruzadas no peito.

Luiza de La Valliére estremeceu, mas ainda mais se acolheu á protectora caricia dos braços do rei.

«A minha dama volta para a côrte, para a vida a que fôra destinada. Tal é a minha vontade, irmã superiora». — Era o rei que falava.

«Será assim por alguns annos» — disse a freira erguendo os braços como se prophetisasse o futuro — «Vae, creança louca» — disse, dirigindo-se directamente a Luiza — «e prova as delicias terrestes; algum dia a consciencia te perseguirá, mais forte que o amor, para não mais te abandonar. E por fim...»

Algumas palavras tremeram nos labios do rei, e fez como que um movimento para interromper a freira, mas havia, n'ella qualquer coisa que induzia ao silencio. Apertou Luiza mais docemente nos braços, d'encontro ao seu peito, de fórma que ella nem quasi pudesse ouvir ou vêr.

«E por fim...» — continuou a irmã superiora — «o negro véo do arrependimento cobrir-te-ha da cabeça aos pés, e será por tua culpa. Voltarás para o altar que agora abandonas, victima da penitencia, para completar o sacrificio. Lançar-te-has viva, no caixão do remorso. Chamarás a morte que te não ha-de ouvir. E' tua a mocidade, é tua a vida, mas por breves annos, e depois, virá o escuro valle que conduz á paz do Senhor. E agora vae, porque disse já tudo o que queria».

Apontou com a pallida mão para a porta do convento e silenciosamente afastou-se.

Luiz XIV, rei de França, e aquella que por algum tempo devia ser o objecto dos seus reaes favores, mas que já levava em si, no fundo da alma torturada, a semente do castigo, sahiram a porta do convento, para entrar no vasto mundo que lhes sorria, cheio de promessas.

Encaminharam-se para a vida; mas detraz d'elles, os sinos do convento tocaram tristemente, como um dobre de finados.

Trad. de B. DE SALLES.

As lições da Italia

I

Goldoni

Mais personagens da comedia italiana — Guido d'Arezzo, Crispino, Fenocchio, Flautino, Flavio, Fracasso, Fritellino, Grandellino, O bello Leandro, Lelio, Mario, Meneghino, Menego, Meo Patacca, Orazio, Ottavio, Trivellino, Pupazzo, Colombina, Fiorinetta, Isabel, Silvia, Violeta — Guarini — Fagiuoli — Gigli — Zeno — Lorenzini — Goldoni — «Pamela» — «Locandiera» — Os dois irmãos Gozzi.

Ainda sobre personagens de theatro e antes de completar a galeria que principiámos no capitulo anterior, será interessante saber, para os que não estão na posse do segredo, que no libreto da opera *Africana*, historicamente tão mal delineado por Scribe, a principal figura, depois da do protagonista, é «Vasco da Gama». Quando a admiravel partitura se cantou pela primeira vez em Lisboa, o marquez de Niza, descendente do glorioso descobridor, oppoz-se tenazmente a que apparecesse em scena tão nesciamente deturpado o seu antepassado, e, desde então, quando aqui se affixam cartazes annunciando o formoso *spartitto*, o illustre navegador é substituido por *Guido d'Arezzo*, que carrega com toda a supina ignorancia do libretista em assumptos historicos.

Crispino é uma personagem de origem italiana. Introduziu-o em França, levado de Hespanha, Scarron, em 1654, no *Ecolier de Salamanque* ou nos *Ennemis génereux*, imitado de Francisco de Rojas. Crispino é um creado chocarreiro, medroso, fanfarrão, velhaco, com umas dedadas de latim e de philosophia como os seus amos, sempre prompto a lisonjeá-los ou a injuriá-los, vestido quasi como elles (chapéo pequeno e fato preto, golilha branca, botas molles, cinto de couro e espada), apto para todos os misteres. Ora hospedeiro, como no *Fou raisonnable*, de Poisson, 1664; ora cavalleiro, como no *Crispin chevalier*, de Champmeslé, 1761; ora musico, como no *Crispin musicien*, d'Hauteroche, 1674; ora fidalgo, como no *Crispin gentilhomme*, de Montfleury, 1677; ora preceptor, como no *Crispin précepteur*, de La Thuillerie, 1679; ora medico, como no *Crispin médecin*, d'Hauteroche, 1680, ora espirito agudo, como no *Crispin bel sprit*, d'Abeille, 1861; etc. Uma dynastia de actores francezes, a dos Poisson, incarnou com grande exito no theatro o papel de Crispino. As duas melhores comedias francezas em que apparece esta personagem são: *Crispin rival de son maître*, 1707, de Le Sage, e a celebre comedia de Regnard, *Le legataire universel*, 1708.

O typo de *Fenocchio* data de 1560. *Fenocchio* apresenta-se como o eterno creado patife, intrometido sempre em intrigas amorosas. Apaixona-se de quando em quando por «Olivette», que, na sua qualidade de cosinheira, lhe é duplamente cara. «Arlequin» arvora-se em rival natural de *Fenocchio*, e este, fecundo em manhas e em vinganças, prega ao seu rival as partidas mais estupendas. Personagem singular, uma especie de «Scapino», razoavelmente mau e prodigiosamente travesso, *Fenocchio*, apparece ainda

nas comedias improvisadas de Napoles e de Florença.

Flautino, typo de servo, na comedia italiana, foi creado por João Gherardi, em Paris, em 1675, e tinha muita analogia com o de *Scapino*. A sua originalidade consistia em imitar com a garganta o som da flauta.

Flavio é um apaixonado. Rapaz bonito, irreprehensivelmente vestido, a quem as mulheres amam pela sua galantaria, pela sua habilidade para o soneto, para a musica, e porque ostenta maneiras palacianas, e anda em ponto de rebuçado. O typo foi creação de Ruzzante. *Flavio* apresenta-se vestido de preto, com enfeites brancos.

SCAPINO

O *Capitão Fracasso* pertence simultaneamente á comedia franceza e italiana e á categoria geral dos *capitães*. O capitão *Fracasso,* tomou o seu nome de gigante Fracassus (parte tudo) pae de Ferragú, de que fala Merlin Cocaie, na sua *Macaronéa*. O capitão *Fracasso* corresponde ao *Matamouros* hespanhol. Esta personagem de bigode de leopardo, de collar engommado, de chapéo com plumas, de nariz no ar, com a mão na terrivel espada, tem o aspecto de quem quer furar toda a gente. Na realidade, engole prudentemente os insultos e as cacetadas que apanha todos os dias. Tem por antepassado o militar fanfarrão, *miles gloriosus,* o *Pyrgopolinice*, «conquistador de praças fortes», de Plauto e do seu modelo grego. Callot, no principio do seculo XVIII, colloca no numero dos typos comicos dos seus *Petits danseurs* um *Fracasso,* de sabre de pau na mão, muito differente do capitão *Fracasso* ordinario.

Fritellino passou da comedia italiana do seculo XVI para a farça franceza. Desempenhava os papeis de creado na companhia de Tabarin.

CAPITÃO FRACASSO

Grandellino constitue uma variante de «Scapino». E' tambem um typo de servo. A sua creação data de 1687, e foi feita em Paris, por Constantin Constantini, então no theatro italiano que funccionava n'aquella cidade. A sua interpretação ficou lendaria.

O *Bello Leandro,* era na sua origem, o elegante apaixonado de Izabel ou de Beatriz. Apparecia fresco, rosado, coberto de fitas e de rendas, enganava os barbaças, paes ou maridos. Corneille transportou o papel para a comedia franceza; encontra-se ainda em Destouches. Envelhecendo adquiriu um feitio ridiculo. O *Leandro* do theatro no seculo XVII, tem, nos seus papeis de apaixonado, o que quer que seja de «matamouros»; é gabasola e poltrão, e n'essas circumstancias começam a escarnecê-lo, e até, quando é necessario, a sová-lo.

Lelio, novo, bonito, amado pela heroina da peça, é com frequencia rival do «Arlequin». *Lelio* passou para o repertorio francez e encontra-se a miude nas peças de Marivaux. O papel de *Lelio,* creado em França por Andeini, foi desempenhado após elle por Luiz e Francisco Riccobini, Antonio Luiz Balletti e Zanucci.

Mario não differia essencialmente do lindo «Leandro» e de «Lelio». Deveu sobretudo a sua particularidade ao excellente actor que interpretou o primeiro *Mario,* José Baletti, da companhia que L. Riccoboni levou para França em 1716. Foi no *Amante romanesco,* 1718, que creou esse papel e ficou-lhe o nome de *Mario*. Depois da morte de Baletti, 1462, Zanucci transmittiu ainda um certo brilho ao papel de *Mario*.

O *Meneghino* corresponde no Milanez ao «Stenterello» da Toscana e ao «Gianduja» do Piemonte. E' um camponez distrahido, ingenuo e poltrão, mas não privado de bom senso, e que diz com rudeza verdades fortes. Deriva de «Menego» do seculo XVI, e talvez tambem do «Menghino» e da «Lena» de Ariosto.

Menego é uma personagem creada por Marco Aurelio Alvarotto, actor da companhia paduana de Ruzzante. *Menego,* diminuitivo de Dominico, é um typo comico, especie de camponez ingenuo e poltrão, fiel imagem dos costumes rusticos da Italia na primeira metade do seculo XVI, e que, sob a mascara de uma apparente patetice, se queixa com amargura dos vicios da sua época.

Meo Patacca apresenta-se como uma especie de Pulcinella transteverino. Espirituoso e insolente, não soffre contradicções e recorre perpetuamente ao seu cajado. Fala o dialecto de Roma. Giuseppe Berneri escreveu um poema inteiro em dialecto popular de Roma ácêrca de *Meo Patacca*, em 1685, illustrado em 1823 por Bartolomeo Pinelli. Este artista dá a *Meo Patacca* o *fungo* com grandes abas e o manto; liga n'uma grande roseta sobre o peito uma especie de faixa que lhe serve de enfeite nos hombros. Pende-lhe de um cinto de couro um solido cacete. O collete, com rebordos, abotoa-se de lado. Os calções são abertos nas pernas.

ORAZIO

Orazio é um apaixonado da comedia italiana, creado em 1645, em Paris, por Marco Romaguezi. *Orazio* é uma especie de «Don Juan» sem impiedade. Seduz todas as mulheres; está sempre prompto a casar-se e a bater-se. *Orazio* vestia um justilho verde-mar ou verde claro, calções de setim branco, bordados a prata e cobertos de laços; meias de Milão, de seda; sapatos com pala, bastão e espada; «bacalháos» de cassa bordados com renda «guipure»; cabelleira frisada e annelada; chapéo cinzento com plumas brancas.

Ottavio apresenta outra variante de «Lelio». Foi creado por Andréa Zanotti, de Bolonha, em 1660, e tornado a representar com mais exito, em 1688, por J. B. Constantini. *Ottavio* occupa-se muito mais de canções e de dansas que de duellos e cavallos.

OTTAVIO

Trivellino foi um typo da Comedia Italiana, tambem creado em Paris pelos meados do seculo XVII. E' um lacaio, uma especie de «Arlequim» com menos finura, mas com maior dose de perversidade. Domenico Locatelli representou-o na Comedia Italiana, com exito, em 1653. O segundo dos *Trivellinos* foi Pedro Francisco Biancotelli, nascido em 1681, que desempenhou o papel, em Tolosa, em Montpellier, em Veneza, em Milão, em Parma, em Mantua, em Genova, e porfim em Paris, na companhia do Regente. O vestuario tradicional de *Trivellino* consistia n'um casaco e calças côr de camurça, matizado de triangulos de fazenda verde; galões e canhões vermelhos; crescentes e estrellas encarnadas; botões de metal; manto verde forrado de vermelho e debruado de amarello; chapéo cinzento, com pelle de coelho; cinto de couro amarello; sapatos de cabedal tambem amarello com laços encarnados; meias escarlates, mascara bordada de seda preta. Em francez é citado para designar um farçante, um bobo.

Pupazzo é a «marionette» italiana, que não tem senão uma cabeça e mãos de madeira, sendo o corpo um bolso no qual se mette a mão, de fórma que o pollegar e o medio fingem de braços fazendo o index mover a cabeça.

Vejamos agora quaes são os typos femeninos da comedia italiana. Um d'estes, dos mais conhecidos, é *Colombina*. Ora filha de «Cassandro» ou de «Pantalone», ora cortejada por esses velhos apaixonados, ora amante ou mulher de «Arlequim» ou de «Pierrot», *Colombina* é sobretudo uma viva e travessa creadinha. Foi assim que a delinearam Regnard e Dufresny, nas peças que compozeram para a primeira companhia que foi de Italia estabelecer-se em Paris e representar comedias jocosas em francez. Esta personagem modifica-se passando pelos differentes tablados, mas, em geral, conservam-lhe o vestido branco, o avental verde e o barretinho casquilhamente posto. Foi no theatro da Comedia Italiana, no *Retour de la foire de Bezons*, 1695, que *Colombina* vestiu, pela primeira vez, o traje d'arlequina. Conservou-o depois tradicionalmente.

Fiorinetta é uma apaixonada de um genero especial; aprendiza de cortezan que, sob o imperio de um amor puro, fica pelo menos desinteressada. Uma intermediaria dá-lhe a conhecer um homem que lhe agrada, por quem ella se apaixona; liga-se a elle e permanece-lhe fiel. Ruzzante, Parabosco e Calmo são os tres mestres da *Commedia dell'arte* que puzeram em scena com maior exito o typo de *Fiorinetta*. O seu traje consiste n'um vestido de setim branco, mangas tufadas de setim branco e segunda saia com desenhos lilazes e côr de rosa, cadeia e collar de ouro. Ha a juntar os ca-

bellos louros, que são obrigatorios do caracter e da tradição.

O typo de *Isabel* foi creado em Paris, em 1578, por uma actriz da companhia da *Gelosi,* Isabel Andreini. Este typo converteu-se, depois d'ella, no papel de Virginia Ramponi, em 1601. Os comediantes do palacio de Borgonha adoptaram-no egualmente; confundiu-se depois com o papel das apaixonadas. Deu-se ainda o nome de *Isabel* a um typo de creada que mystificava os bajoujos e ludibriava os velhos; era sobretudo um papel de mudanças de vestuario que subsistiu por algum tempo no Theatro Italiano de Paris e nos tablados de feira.

Silvia corresponde a um papel de apaixonada, creado em 1716, em Paris, por Gianetta Rosa Benozzi, que o representou durante quarenta e dois annos. As peças francezas de Marivaux apresentam com frequencia esse typo.

Violeta era uma variante de «Colombina». Foi creado em 1716, em Paris, por Margarida Rusca. Era a amante obrigada de «Arlequim», mas o seu papel acabou por se perder e diluir no de «Colombina».

TRIVELLINO

Voltemos agora aos comediógraphos dos seculos XVII e XVIII.

Alexandre Guarini, filho do grande Giovanni Baptista Guarini, nada mais se sabe d'elle senão que morreu em 1636 e que deixou a comedia *La Bradamante gelosa,* 1616; *L'apologia di Cesare,* 1638; e *Il frenetico savio,* 1644.

João Baptista Fagiuoli, um dos fundadores da Academia dos apathistas, nasceu em Florença em 1660 e ali morreu em 1742. As suas poesias burlescas e as suas comedias destinguem-se pela facilidade, espirito, graça e por uma jocosidade que não fére nunca a decencia. Publicou em 1729, *Rima piacevole;* em 1734-1736, *Commedie;* em 1737, *Proze.*

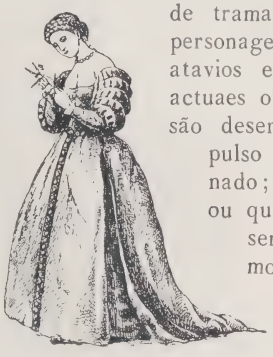
José Nenci Gigli, alcunhado *Jeronymo,* nasceu em Sienna, em 1660, e morreu em Roma, em 1722. Cultivou simultaneamente a historia, a philosophia, a astronomia, a musica e sobretudo a poesia. Fez comedias, dramas, satiras, libretos de operas que tiveram exito. Traduziu *Tartufo* com o titulo de *Don Pilone.*

Apostolo Zeno nasceu em Veneza em 1668 e ahi morreu em 1750. A leitura dos classicos latinos, de Dante e de Petrarca, levou-o a fazer uma guerra encarniçada ao mau gosto. Foi com este objectivo que, de combinação com Salvini, Redi, Magliabecchi, fundou em Veneza, em 1691 a academia *Degli Animati* (dos corajosos), depois emprehendeu em 1710, com Vallisnieri, a publicação do *Giornale de litterati,* do qual publicou vinte volumes no espaço de oito annos, e que appareceu até 1733. Foi chamado a Veneza por Carlos VI, que o nomeou, em 1718, poeta e historiógrapho imperial. Emprehendeu egualmente dar mais gravidade e estylo aos libretos das operas e escreveu um grande numero d'essa especie de obras, que, pela maior parte, fôram postas em musica por Caldora. Deixou sessenta e tres peças d'este genero publicadas com o titulo de: *Poesie dramatiche,* 1774. Compoz tambem uns vinte melodramas sacros sobre assumptos biblicos, 1735. Voltou para Veneza em 1728.

Francisco Maria Lorenzini nasceu em Roma em 1680 e ahi morreu em 1743. Ligou-se com as personagens mais distinctas do seu tempo; entre outras com o papa Clemente XII e com o cardeal Borghese, que lhe arbitrou uma pensão. Tornou-se membro, em 1705, e depois presidente, em 1728, da academia dos Arcades. Escrevia com pureza e elegancia. Citaremos d'elle, além das *Poesias* italianas e latinas insertas em diversas collecções litterarias, dramas sacros: *Jahel,* 1701; *Athalia,* 1703; *Maria Magdalena des Pazzi,* 1707; *Bethoabêa,* 1708; *Il Cardo,* 1728; *Dialogos sobre as taboas anatomicas de Eustachio;* etc.

Carlos Goldoni nasceu em Veneza, em 1707 e morreu em Paris em 1793. Formado em direito pela universidade de Padua, mas ficando advogado sem causas, escreveu uma tragedia: *Amalasunte;* em seguida uma pequena opera buffa: *O gondoleiro veneziano,* que obteve grande exito. Ligado a uma companhia de venezianos, que dava representações em Veneza, em Padua, Verona, começou a fornecer em abundancia comedias em esqueleto e peças de mascaras. Foi então que, fatigado de tecer sempre a mesma trama, Goldoni pensou em reformar o theatro italiano e em dotá-lo com peças mais litterarias; aboliu a mascara, poz o vestuario

em harmonia com o estado das personagens, emfim substituiu chocarrices, com frequencia indecentes, pela pintura dos costumes contemporaneos. A peça por onde começou esta innovação é *O homem perfeito*, representado em 1737. *O cortezão veneziano*, *O prodigo*, e sobretudo *A mulher de cabeça*, 1741, completaram a reforma. Goldoni fez ainda representar successivamente: *O filho do Arlequim perdido e encontrado*, *O creado com dois amos*, *A feliz herdeira*, *A rapariga honesta*, *A boa mulher*, *A viuva astuciosa*, *Os apaixonados*, *A casa nova*, *A estalagem de posta*. Chamado a Paris pelos gentishomens da camara real, trabalhou immediatamente para o Theatro Italiano, tornou-se leitor e professor de italiano dos filhos do rei, e fez representar *O amor paterno*, depois *Le bourru bienfaisant*, comedia escripta em francez, 1771, e que se manteve muito tempo no reportorio. Só deu depois *O avarento faustuoso*, 1773, e consagrou os ultimos annos da sua vida a escrever em francez curiosas memorias, 1787. A fecundidade de Goldoni é surprehendente. Ha d'elle mais de cento e cincoenta peças. A edição mais completa do seu theatro é a de Veneza, 1788: *Carlo Goldoni, Raccolta di tutte le sue opere teatrali*. As *Obras primas dramaticas de Goldoni*, 1801, conteem uma selecção das suas melhores peças, traduzidas em francez por Amar Duvivier.



FIORINETTA

CARLOS GOLDONI

A *Pamela* de Goldoni, é uma comedia que ainda hoje se representa. Foi extrahida de um romance inglez de Richardson (1740 e 1741). Pamela é uma creada nova, filha de uns rendeiros, educada por uma ama indulgente e generosa. A ama de Pamela morre, e no seu leito de morte confia a a seu filho, o conde de Belfort. Este é um libertino que trata com rudeza a rapariga, que a ameaça, que a isola porfim nas mãos de uma intermediaria. Pamela, joven e innocente, espanta-se, desculpa o seu joven amo, depois comprehende o que elle quer d'ella e resiste-lhe. Pamela resiste tão solidamente, derrama tantas lagrimas, que acaba por fazer com que o patrão case com ella. A comedia, como o romance, cheio de sensibilidade e de moral, obteve um grande exito.

A *Locandiera* é uma deliciosa peça, de trama simples, bordada entre poucas personagens e sem nenhuns d'esses ardis, atavios e surprezas que emaranham as actuaes obras de theatro. As personagens são desenhadas de um traço, mas com pulso firme e com objectivo determinado; o dialogo é castiço, com taes ou quaes resaibos de classicismo, mas sem lhe banir a graça, a graça como se comprehendia n'aquellas épocas, com uma pontinha de malicia e sem a torturante preoccupação de rebuscar a phrase. Ha scenas, que pela sua desprendida singeleza parecerão infantis, mas que possuem um adoravel cunho de realidade, ainda mais valorizado quando a interpretação lhe dá o devido realce. A vaidade feminina posta em jogo, entre um marquez orgulhoso e pobre, entre um conde rico e pouco atilado, e entre um galanteador de novo genero, que desdenha as mulheres para as... conquistar, mimoséa-nos com tres actos vivos, um verdadeiro mimo litterario, apesar de ter passado por cima d'ella mais de um seculo. A *Locandiera* foi traduzida para portuguez por Mello Barreto e representada no theatro de D. Maria em 1896. Quer a *Locandiera* quer a *Pamela* subiram á scena em Lisboa, em italiano, no theatro D. Amelia, ambas interpretadas pela actriz italiana Tina di Lorenzo, a primeira em 1907 e a segunda em 1909.

Os dois irmãos Gozzi occuparam um logar importante na litteratura dramatica do seu paiz.

Gaspare Gozzi nasceu em Veneza em 1713 e morreu em Padua em 1786. Pertencia a uma familia nobre. Obrigado a trabalhar para viver, traduziu livros francezes e comedias. O logar de inspector da bibliotheca, que obteve da republica de Ve-

neza, permittiu-lhe entregar-se a trabalhos mais importantes. Citam-se d'elle: *Julgamento dos antigos poetas sobre a critica moderna de Dante*, 1748; *Cartas familiares*, 1755; *O observador veneziano*, 1768, jornal de critica; *O triumpho da humildade*, 1759, poema em quatro cantos; *O mundo moral*, 1760. As suas obras completas, *Opere in versi e in prosa*, foram publicadas em Veneza em 1759.

O conde Carlo Gozzi, irmão do precedente, nasceu em Veneza em 1722 e morreu em 1806. Como seu irmão, principiou por fazer traducções do francez, mas abandonando depressa essa via, pediu as suas inspirações aos velhos *Contos de fadas* da Italia, e começou a compôr uma porção de «magicas» vivas e brilhantes, que fizeram as delicias do povo de Veneza, chamadas *fiabescos*. A comedia de costumes acabou por o empolgar, e Carlo Gozzi cahira n'um esquecimento profundo, quando, muito mais tarde, o reivindicaram para a escola romantica como um dos creadores do drama. As suas *obras* foram publicadas em Veneza em 1772-1791. Além das suas magicas, conteem diversas outras peças de theatro e uma estranha epopéa romanesca, *La Mas fisa bizzarra*. Carlo Gozzi tambem publicou *Memorias* muito interessantes em 1790. Os assumptos dos *fiabescos* de Gozzi aproveitou-os elle de uma collecção de contos e de lendas populares: *Lo cunto delli cunti*, muito semelhante ao *Gabinet des fées* em França. Com o titulo de *Theatro fiabesco de Carlo Gozzi*, A. Royer traduziu para francez cinco d'essas engraçadas magicas venezianas: *O corvo*, *O rei veado*, *Turandot*, *A Zobeida*, *O passarinho verde*. Citam-se ainda: *O amor das tres laranjas*, *A dama serpente*, *O monstro azul ferrete*.

N'esta época, no theatro como nos outros ramos de litteratura, accentua-se um renascimento efficaz. O genio tragico de Alfieri, a veia comica de Goldoni, a fantasia, como sublinhamos, de Carlo Gozzi, foram poderosos auxiliares d'esse movimento. A Metastasio deve-se a creação do scenario da Opera.

Ainda n'esta época a orientação dada ao theatro italiano pelas individualidades de maior talento concorreram, não pouco, para se preparar a unidade da Italia, que se devia realizar no seculo XIX.

II

A dramaturgia da unidade italiana

Cerini — Federici — Ponte — Rezzonico della Torre — Os irmãos Pindemonte — Ballochi — Avelloni — Nota — Giraud — Rosini — Canale — Marenco — Brofferio — Spuches — Montanelli — «Camma» — Pepoli — Ongaro — Ricciardi — Della Testa — Aureli — La Farina.

Carlos Goldoni deixou uma pleiade de continuadores. Um d'elles foi José Cerini, nascido em Solferino em 1738 e fallecido em Milão em 1779, Era advogado em Milão, onde fez representar com exito algumas peças de theatro: *Clary* (1772); *Cattiva matrigna* (1773), etc. Publicou tambem uma collecção de *poesias anacreonticas* (1776), cheias de graça.

João Baptista Frederico Viassolo, conhecido por Camillo Federici, nasceu perto de Mondovi em 1749 e morreu em 1802. Para seguir uma atriz formosa, Camilla Ricci, abandonou a magistratura, fez-se comediante, e escreveu numerosas peças, onde se encontram graça e sentimentos scenico. A sua obra prima, *A mentira dura pouco*, foi traduzida para francez por Creuzé de Lener e Roger e representada com exito na Comédie-Française, com o titulo de *La revanche* (1809). As suas *Obras dramaticas* fôram publicadas em Turim em 1793. Uma outra peça: *O remedio é peor que o mal*, foi tambem traduzida em francez.

Lourenço da Ponte era um aventureiro nascido em Ceneda, Veneto, em 1749 e fallecido em Nova-York em 1838. Alumno do grande seminario de Treviso, onde era professor, foi expulso de Veneza pelas suas satiras contra o governo. Refugiou-se em Goertz, em Dresde e em Vienna, onde escreveu libretos de operas para Salieri, Martini e Mozart (libretos do *Casamento do Figaro* e *D. João*). Depois da morte do imperador de Austria, José II, partiu para Trieste, onde casou com a filha de um negociante inglez. Estabelecendo uma livraria em Londres, falliu e embarcou para a America. Foi professor de italiano no Columbia-College de Nova York. Contou as vicissitudes da sua accidentada vida nas *Memorias* (1823-1827).

Carlos Gastão Rezzonico della Torre nasceu em Como, em 1742, e finou-se em Napoles, em 1796. Depois de seguir a carreira das armas, succedeu em 1769 a Frugoni na qualidade de secretario perpetuo da Academia de Bellas Artes de Parma, viajou depois pela Europa e relacionou-se com Frederico II, com Voltaire e com Cagliostro. As suas obras completas appareceram em 1835. Comprehendem composições dramaticas, pequenos poemas, poesias ligeiras, discursos academicos, relatorios de viagens e uma traducção da *Batrachomyomachia*, etc.

Os dois irmãos Pindemonte tambem deixaram bom nome na litteratura dramatica italiana.

O marquez Giovanni de Pindemonte nasceu em Verona, em 1751, e ali morreu, em 1812. Fez parte do grande conselho de Veneza, foi podestá em Vicencia e, banido pelo seu escandaloso procedimento, refugiou-se em França e d'ali seguiu para Milão, onde se tornou membro do governo da Republica Cisalpina. Residiu de novo em Paris, regressou a Milão em 1802 e elegeram-no deputado ao parlamento italiano. Era um improvisador notavel. Além das peças de theatro, publicadas com o titulo de *Compossimenti teatrali* (1804) escreveu poesias lyricas e fez uma traducção em verso dos *Remedios de amôr*, de Ovidio (1791).

A MORTE DE HIPPOLYTO
(Quadro de J. F. de Troy)

Seu irmão, o cavalleiro Hippolyto Pindemonte, nasceu tambem em Verona em 1753 e ahi se finou em 1828. Deixou em 1783 a ordem de Malta e partiu para Aversa, proximo de Verona, onde escreveu as suas poesias campestres (1788), agradaveis e graciosas composições. Escreveu mais: *Arminio* (1804) tragedia não destinada ao theatro e que contém grandes bellezas; *Epistole in versi* (1805); *I Sepoleri* (1805), poema cheio de sentimentos patheticos e de elevados sentimentos sobre a immortalidade; *Dodici sermone politice* (1819), satiras á maneira de Horacio; *Stanze* (1828), etc. A suas *Obras completas* fôram publicadas em Milão em 1829.

Luiz Balochi ou Balloco nasceu em 1766 e morreu em Paris em 1832. Compoz libretos e peças de apparato para o theatro italiano de Paris. Foi um dos auctores do *Cerco de Corintho* com Soumet (1816), e com Jouy, do *Moysés* (1827).

Francisco Avelloni, appellidado *Il Poetino*, por causa de ser de baixa estatura, nasceu em Veneza, em 1756, e morreu em Roma, em 1837. De uma grande fecundidade, compoz, affirma-se, perto de seiscentas peças, nas quaes procurou imitar a «maneira» de Beaumarchais.

O barão Alberto Nota nasceu em Turim em 1775 e ahi morreu em 1847. Successivamente empregado na côrte de Turim, substituto em Verceil (1811), tornou-se em seguida empregado do principe de Carignan e entrou na carreira da administração em 1820. Estreou-se em 1804 como auctor dramatico, com a *Duqueza de La Valliére* e em seguida fez representar: *Os primeiros passos no vicio* (1808); *Os dilettanti comicos* (1808); *O novo rico* (1809); *Os demandistas* (1811); *O philosopho celibatario* (1811), a sua obra prima; *A garrida* (1812); *O doente imaginario* (1813); *A mulher ambiciosa* (1817); *A feira* (1826); *Educação e natureza* (1847); *A paz domestica*; *O amor terrivel*. As suas melhores comedias fôram traduzidas para francez por Bettinges; *Theatro d'Alberto Nota* (1839).

O conde João Giraud nasceu em Roma em 1776, de uma familia franceza e falleceu em Napoles em 1834. A sua primeira peça *L'onesta non si vinci* representou-se em Roma em 1798. N'essa época organizou á sua custa um esquadrão de cavallaria em defesa de

Pio VI contra os francezes. A melhor das suas comedias é o *Preceptor em embaraços* (1807), critica espirituosa a uma educação muito severa. E' auctor de uma collecção de comedias infantís: *Theatro domestico*.

João Rosini, auctor do drama historico *Torquato Tasso* (1835), nasceu em Lucignano, Toscana, em 1776, e morreu em Pisa, em 1855. Foi professor durante muito tempo na universidade de Pisa. Deve-se-lhe uma collecção de poesias (1819), mas é principalmente como romancista que se distinguiu. *A religiosa de Monza* (1829), *O conde Urgolino da Gherardesca* e *Luiza Strozzi* (1833) são obras notaveis pelo interesse da narrativa, do enquadramento e pela exactidão historica. Tornou-se tambem afamado na critica artistica e litteraria.

MORTE DE FRANCESCA DE RIMINI
(Quadro de Cabanel)

São bastantes os escriptores italianos do seculo XIX que se dedicaram á tragedia.

Miguel José Conale nasceu em Genova em 1800 e morreu em 1890. Existe d'elle uma tragedia historica, *Simão Boccanegra* (1833). Além d'esta obra escreveu varios romances historicos: *O castello de Ricolfago* (1837); *Paolo da Novi, doge de Genova* (1838); *Jeronymo Adorno* (1846), e uma porção de innumeras obras historicas sobre Genova: *Historia da republica de Genova* (1864); *A Criméa e os seus senhores, desde as origens até o tratado de Paris* (1857); *A vida e as viagens de Christovam Colombo* (1863); *As tentativas dos navegadores genovezes para attingir as Indias* (1882).

Carlos Marenco nasceu na aldeia de Cassolo, provincia de Lomellina, em 1800, e morreu em 1846. *O Levita de Ephraim* (1841) e o bello drama de *Buondelmonte* (1828) começaram a sua reputação. Produziu em seguida: *Corso Donati*, quadro das discordias politicas dos italianos; *Ezzelin III*, onde pintava de maneira empolgante a queda d'esse tyranno; *Ugolino, A familia Foscari, Arnaldo de Brescia, Adeliza, Manfredo, Joanna I, Pia de Tolomei, Henrique de Suabia, A guerra dos barões, Corandino*. Todas estas tragedias historicas conteem em geral a descripção fiel dos caracteres, e são notaveis pela vivacidade da intriga e pela elegancia do estylo. A sua *Pia de Tolomei*, tirada de um episodio celebre de Dante, foi representada em Paris com grande exito.

Angelo Brofferio nasceu em 1802 em Castéllonuovo-Calcea, no Piemonte, e morreu ali em 1866. Fez representar com exito a tragedia *Vitigé, rei dos godos*. Em 1830 achou-se compromettido n'uma conspiração e foi encarcerado. Solto no momento da acclamação de Carlos Alberto, Brofferio entregou-se á advocacia e a sua eloquencia breve lhe proporcionou uma grande reputação. Eleito em 1848 deputado ao parlamento, tornou-se um dos oradores mais applaudidos e o chefe da opposição democratica, ao mesmo tempo que propagava as suas idéas para a fundação de novos jornaes. Combateu energicamente a politica moderada e a diplomacia do conde de Cavour, que atacou n'uma comedia satirica intitulada *O Tartufo politico* (1815). Depois da annexação das provincias italianas ao Piemonte, a sua auctoridade, um pouco diminuida pelo surgimento de novas personalidades parlamentares, ficou, no entanto, consideravel. Entre os seus trabalhos litterarios, além d'outras peças applaudidas, como o *Castello de Kenilworth* e *Angelica Kauffman*, citaremos: *Historia do Piemonte de 1814 até os nossos dias* (1850), e principalmente *Memorias do meu tempo* (1858-1861).

Giuseppe de Spuches, principe de Galati, nasceu em Palermo em 1819. Começou por collaborar em diversas publicações litterarias e publicou uma primeira tentativa de traducção grega, o *Œdipo-rei*, de Sophocles (1838). Appareceram em seguida, d'elle: *Discursos philologicos* (1860); *Epigraphes inéditas e outros documentos archeologicos*

(1865); *Poesias*, collecção de trechos poeticos e de pequenos poemas de um grande encanto (1868); *Medéa, Hippolyto, As phenicias, Hecuba, Rhesus, O Cyclope*, traducção de tragedias de Eurípedes (1871); *Carmina latina et graeca*, composições originaes do auctor e versos latinos e gregos (1871); *Algumas versões do grego*, collecção comprehendendo a *Iphigenia em Aulida* e *As Heraclides*, d'Euripides, *Os Idylios* de Moschus e de Bion, *Hero e Leandro*, de Museu (1878). Todas estas traducções denotam um gosto muito delicado pela antiguidade grega e latina e os pequenos poemas italianos, entre outros *Adelia de Borgonha*, em *terça-rima*, insertos na collecção intitulada *Poesias*, collocaram Giuseppe de Spuches na categoria dos melhores escriptores contemporaneos. Spuches foi mandado ao Parlamento como deputado por Palermo. Sua mulher, da familia Turrisi-Colonna (1822-1848), foi egualmente uma poetisa de valor.

José Montanelli nasceu em Fucecchio, Toscana, em 1813, e falleceu em 1862. Advogado em Pisa, muito dedicado ao papado e a Pio IX, foi a alma do movimento toscano e da resistencia á politica reaccionaria do grand-duque. Em 1848, combateu nas fileiras do batalhão universitario, constituido por estudantes e commandado pelos professores, e foi ferido em Curtatona. Mal curado, voltou a Florença, entrou no Parlamento, e succedeu, como presidente do conselho, a Gino Capponi. Após a fuga do gran-duque para Gaeta, tornou-se triumviro da Toscana com Guerrazzi e Mazzoni, depois demittiu-se das suas funcções para representar a Toscana em França. Foi durante estes dez annos que escreveu as suas *Memorias*, e traduziu para a Ristori, a *Medéa* de Legouvé; para a mesma tragica escreveu *Camma*, representada depois da *Medéa* no Theatro-Italiano. Após a libertação da Italia, a opposição que fez a Victor Manuel tirou-lhe uma parte da sua popularidade. Conseguira, todavia, fazer-se eleger deputado, quando morreu.

O JURAMENTO DOS HORACIOS
(Quadro de David)

Camma foi uma heroina galata. No seu *Tratado das virtudes das mulheres*, Plutarco conta um rasgo celebre. O marido de Camma morrera assassinado por Synorix, que a desejava para mulher, ella consentiu em desposá-lo. Mandava o uso que o esposo e a esposa bebessem ambos na mesma taça. Camma pegou primeiro na taça que enchera de veneno, e, depois de beber, apresentou-a a Synorix, que esvaziou o copo fatal. Então, Camma, transportada de alegria, exclamou que morria satisfeita, porque o marido estava vingado. Sobre este assumpto escreveram-se duas tragedias: uma de Thomaz Corneille; a outra, muito superior, de Montanelli, como atraz referimos, na qual Adelaide Ristori tinha um dos seus mais portentosos papeis.

Carlos Pepoli nasceu e falleceu em Bolonha (1801-1881). Tomou parte na insurreição de 1831, pertenceu ao governo provisorio estabelecido em Bolonha e em seguida recebeu a collocação de administrador das provincias de Urbino e de Pesaro. Vencido o seu partido, dirigiu-se a Paris, onde escreveu o libretto dos *Puritanos*, depois a Londres, onde produziu dois novos librettos: *Malek-Adel* para Costa, e *Jane Grey* para Vaccai. Fundou um curso publico da historia da Italia e da historia das Bellas-Artes (1837). De 1839 a 1848,

occupou a cadeira de litteratura italiana na Universidade de Londres. Chamado á Italia pelos acontecimentos de 1848, nomearam-no deputado, depois vice-presidente da Camara, reunida em Roma; a dupla invasão austriaca e franceza de 1848 forçou-o a voltar para Londres, onde se occupou principalmente de trabalhos historicos. De regresso definitivamente á sua patria, em 1859, foi eleito, em 1861, deputado ao Parlamento italiano. Publicou quatro volumes de *Miscelaneas* em verso e prosa (1833).

Francisco dall'Ongaro, um dos escriptores italianos mais fecundos, nasceu em Odezzo, Veneza, em 1808, e finou-se em Napoles, em 1873. Foi obrigado a renunciar ás funcções ecclesiasticas por causa das suas idéas avançadas; fundou em Trieste a *Favilla* e breve se viu forçado a refugiar-se em Roma, onde o nomearam, em 1849, membro da Assembléa Constituinte, director do «Monitor Romano» e combateu junto de Garibaldi contra o general Oudinot. Emigrou em seguida para a Belgica, dirigiu-se para Paris em 1856 e collaborou em diversos jornaes. Por occasião da guerra de Italia, em 1859, voltou para a Peninsula, e tornou-se titular de uma cadeira de litteratura dramatica em Florença. As suas obras são cheias de graça, de imaginação, de uma ardente dedicação á idéa da unidade italiana. Os seus melhores dramas são: *Il Fornaretto, Bianca Capello* e *Os dalmatas;* os seus dramas e poesias foram colleccionados com o titulo de *Fantazie dramatiche e liriche.* Devem-se-lhe tambem duas comedias: *Fasma* e *Il tesoro;* e poeticas canções em dialecto veneziano: *Alghe della laguna;* etc.

José Napoleão, conde Ricciardi, que tanto enalteceu a litteratura da sua patria, nasceu e morreu em Napoles (1808-1885). Vivo partidario, desde muito novo, da unidade italiana, fundou, em 1832, a revista *Il progresso,* mas teve breve de sahir da Italia e, de retorno a Napoles, viu-se preso como chefe de uma conspiração republicana (1834). Ao fim de oito mezes, transferiram-no de uma prisão para uma casa de doidos. Restituido á liberdade, emigrou para Hespanha, de lá para Paris, onde publicou artigos nos jornaes. poesias italianas (1844-1848) e brochuras politicas. Em 1848 elegeram-no deputado ao parlamento napolitano e depois do golpe de Estado de 15 de maio, penetrou na Calabria, sublevou-a e organizou um governo provisorio. Forçado a retirar ante as forças do general Nunziante, conseguiu embarcar para Corfu. D'ali passou para Roma, em seguida para a Corsega e voltou para Paris. Foi em Genova que escreveu a sua *Historia da Revolução de Italia* (1850). De novo em França, internaram-no em Tours. Condemnado á morte por contumacia (1853) sequestraram-lhe os bens e encontrou-se quasi sem recursos. Datam d'esta época os seus dramas historicos: *A liga lombarda. As vesperas sicilianas, Masaniello, A expulsão dos austriacos de Genova.* Publicou em seguida; O martyrologio italiano de 1792 a 1848 (1856); *Memorias autographas d'um rebelde* (1857); *A historia de Italia* (1857) e a *Historia da independencia italiana* (1859). De regresso a Italia, finda a campanha de 1859, elegeram-no deputado ao parlamento italiano, em 1861. Demittiu-se depois do caso d'Aspromonte. Deve-se-lhe ainda: *A historia de Garibaldi, Masaniello, historia da sublevação de Napoles em 1647; os papas e a Italia* (1862); etc.

Giuseppe Revere nasceu em Trieste em 1812 e falleceu em Roma em 1889. Estreou-se com grandes dramas historicos: *Savonarola, La Piagnonini, I arrabbiati* (1843); *Sampiero de Bastelica; O marquez de Bedmar; Lourenço de Medicis,* este ultimo traduzido por Alexandre Dumas. Revere escreveu mais um episodio da historia italiana: *La cacciata degli Spagnuoli da Siena* (1847), poesias lyricas: *Sdegno ed affetto* (1845). *Sonetti* (1849); *Persone ed ombre* (1862); *Osiride* (1879); *Sgoccioli* (1881), de uma feição espirituosa e humoristica.

Luigi Rocca, o renovador, por assim dizer, da opera comica na Italia, nasceu em Turim em 1812. Licenciado em direito, entrou para o jornalismo, depois publicou diversos volumes de versos: *Estudos poeticos* (1838); *Poesias alegres* (1840); differentes monographias: *O Sanctuario d'Oropa* (1839; *A egreja dos santos martyres* (1843); uma collecção de novellas: *Scenas de costumes contemporaneos* (1845). A revolução de 1848 atirou o durante um momento para a scena politica e elegeram-no deputado (1848-1849), mas breve voltou para as letras. De 1863 a 1878, publicou varias collecções de novellas, *Ultimas vigilias,* poe-

sias (1878), e fez representar algumas operas comicas: *Amôr e capricho* (1869); *Os recrutas* (1878). De 1869 a 1873, dirigiu a excellente revista *A Arte na Italia*, que fundara de collaboração com Biscarra.

Paulo Giacometti, auctor do celebre drama *Morte civil*, nasceu em Novi em 1817 e falleceu em Roma em 1882. Filho de um senador, Giacometti destinava-se á magistratura. Revezes de fortuna decidiram-no a buscar recursos no theatro. Fez representar um grande numero de peças baseadas em assumptos, geralmente, historicos: *Camões; Luiza Strozzi; A familia Foscari; Isabel de Fiesco; Carlos II Stuart; Elisabeth, rainha de Inglaterra; Torquato Tasso; Maria Antonieta; Miguel Angelo Buonaroti*, etc.

Uma louca ambição foi a comedia que, em 1845, deu a conhecer o valor de comediógrapho do conde Thomaz Gherardi Della Testa. Nasceu este auctor dramatico italiano em Tirricinola, perto de Pisa, em 1818, e morreu em Pistoia, em 1881. Depois de tomar parte na lucta contra a Austria em 1848, publicou primeiro alguns livros e tentou em seguida o theatro. A sua primeira comedia, *Uma louca ambição*, representou-se com exito em Florença. De então até morrer produziu umas vinte peças, entre as quaes são dignas de nota: *Um momento de erro, Uma viagem de instrucção, O conde e a actriz, O primeiro drama de um bas-bleu, Vingança e perdão, Cabeça e coração de mulher, Ambição e avareza, Prometter e cumprir, Amante e mãe, O reinado de Adelaide*, representada em 1885, em Paris; *O baile de mascaras, O cão da prima.*

TORQUATO TASSO EM SORRENTO
(Quadro de Curzon)

Mariano Aureli, professor italiano, nasceu em Bolonha em 1820. Deu ao theatro: *O complacente*, comedia representada em Bolonha, em 1854; *A filha do veterano e a grande dama*, drama representado na mesma cidade e no mesmo anno; *Carlos I e Oliveiro Cromwell*, drama, representado em Turim, em 1861; *Justiça e rigor*, comedia, representada em Parma, em 1865. Deve-se-lhe mais um *Diccionario do dialecto bolonhez*, publicado em Bolonha, em 1857 e um *Discurso sobre Jov. Pontanus*, publicado em Spoleta, em 1865;

Guiseppe La Farina distinguiu-se não só como estadista, mas ainda como dramaturgo. Nasceu em Messina, na Sicilia, em 1815, e falleceu em Turim, em 1863. Pediu, em 1828, para compartilhar do captiveiro de seu pae, preso por causas politicas. Tornou-se, em 1837, um dos chefes da revolta siciliana, e sahiu da ilha, onde voltou em 1839. Tendo fundado varios jornaes que foram supprimidos, e ameaçado sem cessar com a prisão, foi viver para Florença, em 1841, onde publicou, entre outras obras, uma *Historia popular de Italia*, em 1846, bem como dois dramas, e fundou, em 1847, o jornal democratico o *Alba*. No momento da revolução siciliana, em 1848, regressou a Palermo, foi eleito deputado, contribuiu para a expulsão do rei de Napoles e enviaram-no em missão a Roma, Florença e Turim, subiu a ministro, pronunciou-se pela resitencia a todo o custo, e, quando a auctoridade real foi restabelecida, dirigiu-se para Paris, onde residiu até 1853, depois habitou em Turim, 1854, onde fundou a *Rivista encyclopedica*, depois o *Piccolo corriere d'Italia*. Patriota ardente, foi um dos fundadores da Sociedade nacional italiana.

Tomou assento no Parlamento, e fundou, em 1863, a *Revista Contemporanea*. Entre as suas obras citaremos: *Historia da revolução siciliana de 1848-1849* (1851); *Historia da Italia de 1815 a 1850* (1851-1852); *Escriptos politicos* (1870).

Termina aqui a serie dos escriptores dramaticos italianos de hontem. Falaremos depois nos de hoje.

Compilado por EDUARDO DE NORONHA.

Sanatorio

Tysicos... vão tão tristes e derreados...
Olha aquelle casal: é do Desterro!
Conheço-os bem: tão funebres, coitados!
Um idyllio e dir-se-ia que é um enterro!

Olham-se com esse olhar de quem muito ama
Mal sabem elles, candidas crianças
Que a Morte está a lhes fazer a cama
Nas ruinas das proprias esperanças!

Dos tysicos o bando lutulento
Sonhando passa, tragico e dantesco:
Pernas tão finas... chega a ser grotesco!
Dir-se-ia até que as vai levar o vento.

E que lindos perfis de lua nova!
Vão de vagar (os vultos tão franzinos!)
Para que pressa? Hão de chegar á cova
Com as cruzes fataes dos seus destinos.

Vão tristes, vão somnambulas, caladas
Os passos morrem como nas alfombras:
Dir-se-ia assim ao vel-as, nas estradas,
Uma macabra procissão de sombras.

Falam de sonhos, de illusões, de amores
Que importa, se hão de vir dias mais calmos,
Se o coveiro, o melhor dos constructores
Já lhes marcou além os sete palmos.

Mas a noiva, a fiel tuberculose
Apressa já (paciencia, namorados!)
O enxoval e aprestos dos noivados
— Costureira do Além, mortalhas cose!

Se algumas vão, com furia voluptuosa,
Beijar do noivo o branco labio exangue,
Abre-se-lhes a bocca em rubra rosa,
O beijo dado afoga-se no sangue.

Entretanto, parecem tão contentes!
Apenas, mesmo assim muito de leve,
Nesses olhos que vão fechar-se em breve
Passam ás vezes sombras de poentes.

O' Sanatorio, ó tysicos, coitados?
Oh não! feliz e esperançado bando:
Viveis contentes e morreis sonhando
Com eternos amores e bons noivados.

Ser tysico tambem ai! quem me déra?
Só assim esta pobre alma sombria
Ter esperanças ainda poderia
Vendo outra vez florir a primavera!

Raul do Valle.

Mark Twain

Impressões de viagem — Uma visita aos Mormons

Pelas quatro horas da tarde alcançavamos o cimo da *Grande Montanha,* distante quinze milhas do Lago Salgado, no momento em que o Universo se achava glorificado pelo sol no occaso, e como que de subito, eis se desdobra ante nossos olhos o mais estupendo panorama de cerros alcantilados. E nós a contemplarmos tão assombroso espectaculo e tendo por docél um refulgente arco-iris! O proprio conductor da diligencia arretou os caválos, e ficou-se a contemplar, embevecido!

Dali a meia hora, ou mais, talvez, substituiram as parelhas e fômos cear em companhia de um Mormon — um «Anjo exterminador». «Anjos exterminadores» conforme eu o interpreto, são os «Santos da Ultima Hora», escolhidos pela *Igreja* para sobreintender na desapparição de cidadãos obnoxios. Eu tinha ouvido contar coisas espaventozas a respeito dos taes anjos mormons exterminadores, e dos feitos tetricos e sanguinolentos destes seres angelicos, e quando transpusémos os humbraes daquella casa, já levavamos á mão o nosso calafriozinho.

Mas, ai dos nossos romances, não passava de ser um velho patife, espalhafatozo, malfalante, offensivo. Era sufficientemente facinora, quero crer, para preencher o cadastro de um exterminador, mas, ora digam, acaso poderão conceber um anjo, seja qual fôr a *categoria,* isento de dignidade? Poderiam tolerar um anjo de camisa suja e sem suspensorios? Acham-se com animo de respeitar um anjo com um riso orneado e umas bravatas de salteador?

Achavam-se presentes ainda outros malandrins — collegas do primeiro — e um sujeito com aspecto de pessoa fina — um filho de Herber-C-Kimball, alto, esbelto, orçando pelos trinta annos. Cirandavam, para cá e para lá, um ror de femeas mal amanhadas, numa azafama, com cafeteiras, travessas de pão, e outros aprestos da ceia, esposas do *anjo,* que assim o ouvi dizer — de algumas, pelo menos. E eram-n'o, já se vê; pois se acaso houvessem sido umas mercenarias assalariadas, ellas aturavam lá um anjo baixando das alturas a praguejar e a fazer uma inferneira daquellas, e muito menos vindo como este, debaixo para cima.

Foi esta a nossa experiencia da tal «instituição especial» do oeste, e tudo menos aprazivel, para que digamos. Não nos demorámos muito a observá-la, antes acceleramos a marcha em direcção ao lar dos *Santos da Ultima Hora,* o baluarte dos profétas, a capital do unico monarca absoluto da America, — Utah, a cidade do Grande Lago Salgado. Ao caír da noite, transpunhamos os humbraes do Sanctuario — da Mansão do Lago Salgado, e desenfardavamos as bagagens.

. . . . . .

Tivémos uma ceia de carnes fresquissimas, aves e vegetaes — tão variada quanto abundante. Fômos dar a nossa volta pelas ruas, em seguida, para vêr as lojas, e estabelecimentos publicos; e sentiamo-nos como que fascinados ao contemplar subrepticiamente a quanto individuo suppunhamos ser um Mormon.

Aquillo era para nós um país de fadas— a todos os respeitos — uma terra de encantamentos, de trasgos e duendes, de misterio e pavôr.

A curiosidade impelia-nos a indagar de cada criança com que topávamos de quantas mães dispunha, e se acaso as podia diferençar umas das outras; e todos nós estremeciamos sempre que se abria ou fechava a porta de qualquer habitação, desvendando um vislumbre de humanas cabeças, costas e espáduas — pois a tal ponto almejávamos por obter uma visão satisfatoria de uma genuina familia mormonica, em toda a sua comprehensiva amplitude, disposta nos habituaes anneis concentricos do circulo familial.

A breve lance, o governador do territorio apresentou-nos a outros «gentios» e entretivemos em companhia delles uma hora de sociabilidade. «Gentios» são os individuos que não pertencem á seita dos Mormons. O nosso companheiro de viagem, o Bennis, foi tratando de si, durante este lapso de tarde, e não com um exito por ahi além, aqui para nós, pois nos appareceu na sala commum do hotel, pela volta das onze horas, alegrissimo, e a falar pelos cotovêlos, sem nexo e a torto e a direito, a arrancar, de vez em quando, uma palavra esfarrapada pela raiz, e com mais soluços do que sillabas. Isto e, conjuntamente, o elle pendurar o casaco a arrastar pelo chão, na cadeira, e o collete no lado opposto da mesma, e a arrastar pelo chão, igualmente, e pôr-se depois a contemplar o resultado, como supersticioso respeito, e finalmente, declarar que «excedia a sua compreensão» — e meter-se na cama, de botas e tudo, levou-nos a recear que haveria comido o que quer que fosse com que o estomago se lhe não dera bem.

Mas viémos depois a saber que fôra qualquer coisa que tinha bebido. Era o refresco exclusivo dos Mormons, — «O cortume do valle». «O cortume do valle», ou uma das fórmas do sobredito, pelo menos, é uma especie de whisky, ou um primo direito d'este; é um invento mormonico e fabricado apenas em Utah. Reza a tradição que é feito *(importado)* de fogo e enxofre. Se a memoria me não falha, os estabelecimentos publicos de bebidas não eram consentidos no *reino* pelo pontifice Brigham Young e o uso particular de bebidas espirituosas expressamente prohibido entre os fieis, excepto o limitarem-se ao uso do «cortume do valle».

No dia seguinte andámos a jardinar por toda a parte, através das ruas largas, direitas, aprazíveis, gozando a estranheza agradavel de uma cidade com quinze mil habitantes e sem vadios perceptiveis, e com absoluta ausencia de ébrios ou de gente arruaceira; com uma limpida levada a esfervelhar e a correr a eito por todas as ruas, em vez do immundo caneiro de esgoto; quarteirão após quarteirão de casas asseadissimas, com armação de madeira e adobes cozidos ao sol — cada uma com um espaçoso pomar e jardim nas trazeiras, ao que me pareceu — ramaes das levadas das ruas a serpentear por entre os canteiros dos jardins e arvores fruteiras — e um aspecto geral de asseio, de cuidado, de aproveitamento e de conchêgo, por toda a parte. E por todos os lados, officinas, fabricas e industrias de toda a sorte; e fisionomias absortas, mãos occupadas, a cada canto que nos atrahia a vista; e a retumbar-nos aos ouvidos o constante retinir dos martélos; o zãozão do trafego, e a zoeira alacre dos trabalhadores e das rodas dentadas.

O brazão do meu Estado nativo consistia de dois ursos dissolutos, a aguentarem, de sucia, o tampo de um casco vazio, e a emitirem a pertinente observação» *Unidos, aguentamo-nos» — (um soluço.) — Apartados, caimos»*. A alegoria foi sempre por demais figurativa para o autor destas linhas. O brazão dos Mormons, comtudo, era quanto ha de mais comprehensivel. Tão simples, tão isento de ostentação, e ajustando como uma luva. Era a representação de um *cortiço de abelhas, de oiro,* com as abelhas todas a trabalhar! A cidade é situada á beira de uma planicie nivelada, com a largura do Estado de Connecticut, agachada por detrás de um muro curvo de montanhas alcantiladas, cujas cumeadas se somem nas nuvens, e cujas espaldas aguentam reliquias das neves invernosas, durante todo o verão. Observado de uma destas entontecedouras alturas, a distancia de doze ou quinze milhas, a cidade do Grande Lago Salgado atenua-se e deminue, ao ponto de sugerir uma aldeinha para brinquedo infantil, repoisando á sombra da protecção majestatica da muralha da China.

Em mais de uma das aludidas montanhas,

para sudoeste, tinha chovido durante duas semanas, mas nem pinga de agua caíra na cidade. E em dias quentes, nos fins da primavera, e principios do outôno, podiam cessar de abanar-se e resmungar, e saír para a rua, a refrescarem-se, contemplando o luxo de uma gloriosa tempestade de neve, na montanha. Podiam gozá-la de longe, nas ditas estações, todos os dias, supposto que nas suas ruas, ou nas proximidades, nem um carambano de neve caía, sequer.

A cidade do Lago Salgado era sadía — sadía, o mais possivel. Asseveraram-me não haver ali mais do que um medico, e que era preso todas as semanas, regularmente, e chamado a responder, em conformidade com o edital respectivo á vadiagem por não dispôr «de meios visiveis de subsistencia». (Lá no Lago Salgado dão nos sempre doses substanciaes de verdade, e com bom peso e bôa medida, de mais a mais. A's vezes, até, se quisessemos tomar o peso a uma das suas mais insignificantes e comesinhas asserções, teriamos que lançar mão de uma balança grande de bacalhoeiro.)

Desejámos visitar o famoso mar interior, o «Mar Morto» americano, o grande Lago Salgado — dezesete milhas, a caválo, da cidade, — pois tinhamos sonhado com elle, falado a seu respeito e almejado por comtemplá-lo, durante toda a excursão; agora, comtudo, que estava, por assim dizer, ao alcance da mão, havia perdido de subito grande parte do interesse. E assim, pois, adiámos a coisa, por consenso geral, para o dia seguinte — e nunca mais pensámos em semelhante maravilha.

Só nos demorámos na *Cidade Santa* dois dias, e portanto, não tivemos tempo de proceder ás habituaes investigações ácêrca da polygamia e chamar a atenção do país para semelhante iniquidade. — Succedeu, comtudo, vermos umas mulheres mormons, e o espectaculo abrandou-nos o coração. Tomei-me de comiseração para com aquellas tão pouco atrahentes e tão patheticamente feias creaturas, voltei-me para o lado, afim de encobrir as lagrimas a assomarem-me aos olhos, e disse commigo: «Não, o homem que casa com qualquer dellas, pratíca um acto de caridade christan que lhe dá direito ao applauso e á simpatía da humanidade e não a asperas censuras — e o homem que dá a mão de esposo a sessenta, fez uma acção de tão sublime generosidade, que as nações em pêso deviam saudá-lo de cabeça descoberta e adorá-lo, em silencio!

Se haverá coisa interessante é o ouvir estes gentios discretear ácêrca da polygamia; e de como um macacão velho e respeitavel destes anciãos, um bispo, por exemplo, casa com uma rapariga — gosta della, casa com a mãe — gosta della, casa com o pae, com o avô, e depois, tomando gosto ao fadario, pede mais. E de como a garota de onze annos calhará ser a valida, e a propria veneranda avó da mesma terá de descer uns furos até o-4, na estima do marido, e de ir dormir para a cozinha, que é o que têm mais certo. E de como este abominoso estado de coisas, este arrebanhar nefando no mesmo ninho iniquo de mãe e filhas, e o guindar uma filha de tenra edade a um grau superior ao da propria mãe, em categoria e autoridade, são coisas a que se submete a mulher mormon, visto que a sua religião lhe ensina que, de quantas mais mulheres dispõe um homem, sobre a terra, e quantos mais filhos gera, mais alto virá a ser o logar que lhe caberá no mundo porvindoiro — e o mais *quente,* supposto elles, a esse respeito, nem pio...

Segundo estes nossos amigos gentios, o harem de Brigham Young encerra vinte ou trinta mulheres. Dizem elles que algumas têm envelhecido e se acham fóra do serviço activo, mas que são commodamente alojadas e bem tratadas, no galinheiro — ou a *Mansão do Leão,* nome estrambotico que lhe dão por aqui. Junto de cada esposa viviam os filhos — uns cincoenta, mais cabeça menos cabeça. A casa era socegadissima e um modelo de ordem, quando as crianças estavam quietas. Comiam em commum, e era um gosto vê-las, ao que diziam.

Do nosso rancho a ninguem coube a dita de jantar com mister Young; um gentio, porém, de appelido de Johnson, afirmava ter disfrutado um almoço, em delicioso convivio, na Mansão do Leão. Fez-nos um divertidissimo relatorio da — «chamada por lista» — e outros preliminares, e da carnagem que se seguia á distribuição dos pãesinhos alvos. Disse-nos que mister Young lhe contara varios ditos engraçados dos seus «nénés de dois annos», observando-lhe que, havia dois annos, era, até, o mais assiduo contribuinte, neste sentido, para os magazi-

nes da região occidental; e em seguida, tentava mostrar a mister Johnson o fedêlho autor da gracinha, mas que não fôra capaz de o diferençar. Por mais que estudasse as caritas dos indêzes, não se atrevia a decidir qual delles fôra o autôr. Até que por fim desistiu e disse, suspirando: «E eu, a supôr que conheceria o diabrete, mas isso, sim!

Disse-nos mais mister Johnson que mister Young lhe observara que esta vida era uma triste coisa; — «visto como a alegria de cada nova nupcia, contrahida pelo individuo, estava sempre em risco de ser amargurada pelo funeral inopportuno de uma noiva menos recente.» E mister Johnson affirmou que, emquanto elle e mister Young estavam em palestra intima e amena, appareceu uma das esposas e pediu um alfinete de peito, declarando que soubera que elle tinha dado um ao n.º 6, e que ella, da sua parte, não estava resolvida a supportar semelhantes parcialidades, sem fazer das suas. Mister Young observou-lhe que se achava presente um forasteiro. Mistress Young contraveiu que, se ao forasteiro não agradava o estado de coisas de portas a dentro tinha logar de sobra fóra das mesmas. Mister Young prometeu o alfinete de peito e retirou-se a dama. Mas, volvido um minuto, ou dois, eis que assôma outra mistress Young e pede um alfinete de peito. Mister Young encetou uma observação, mistress Young, porém, atalhou-lhe a palavra. Declarou que o n.º 6 tinha apanhado o mimo, e que outro fôra prometido ao n.º 11, e que «escusava de lhe estar a querer meter os dedos pelos olhos — pois sabia os respectivos direitos, na ponta da lingua» Elle, prometeu, e ella ahi vae.

Acto continuo, entram de gangão três mistresses Youngs e flagelam o esposo com um temporal de lagrimas, invectivas, e rogos. Estavam scientes do caso que se dera com os n.ºs 6, 11 e 14. Fôram prometidos mais três alfinêtes de peito.

Ainda não tinham voltado costas eis que desfilam mais nove mistresses Youngs, na presença do rei dos Santos, e rebenta nova borrasca, involvendo o profêta e o seu hospede.

Promessa de mais nove alfinetes de peito, e o bruxêdo a desfilar pela porta fóra. E lá vem mais onze, num chôro de estrugir tudo e a rangerem os dentes. A promessa de mais onze alfinetes de peito comprou a paz, por mais uma vez.

— E aqui tem uma amostra, carpiu mister Young. Um homem nem sempre *pode ter juizo*. Num momento de irreflexão dei á minha querida n.º 6 — desculpe o eu chamar-lhe assim, mas varreu-se-me o nome, momentaneamente — um alfinete de peito. Valia apenas vinte e cinco dollars — isto é, era está o custo, *apparentemente* — mas, apuradas as contas, não se ficava por ahi; era facto inevitavel. O senhor mesmo viu-o galgar a seiscentos e cincoenta dollars — e, ai de mim! ainda não pára aqui! Pois tenho esposas por todo este territorio de Utah. Tenho-as ás duzias, e cujos *numeros*, até, eu ignoro e tenho que ir verificar á Biblia familial. Estão dispersas vastamente por esses montes e valles do meu reino. E attente bem nisto que lhe digo: cada uma de per si hade ouvir o caso deste mofino alfinete de peito, e, da primeira á ultima, hão de ter um, á viva força, ou morrer.

«O alfinete de peito virá a custar-me dois mil quinhentos e cincoenta dollars, e Deus permita que fique por aqui.

«E as creaturas não deixarão de comparar os alfinetes, e se um fôr um nadinha inferior ao outro, atiram-me com elle á cara, e tenho que encommendar novo sortimento, para conseguir paz na familia. O senhor é provavel não ter dado por isso, mas saiba que, emquanto estava assistindo á refeição da minha pequenada, cada movimento que fazia era objecto de estricta vigilancia, por parte dos meus serviçaes dedicados. Tivesse-se o senhor lembrado de offerecer qualquer mimo a um dos fedêlhos, um pedaço de assucar-candi, por exemplo, teria sido arrancado á força pela porta fora, comtanto que isso se pudesse effectuar antes de ter largado a dadiva da mão. Aliás, ver-se-ia na necessidade de offerecer mimo identico a cada pequerrucho, — e eu, sabendo por experiencia a importancia do caso, era o primeiro a atentar em que o fizesse, e que o fizesse a valer. Certo dia, um sujeito deu a um delles um apito de lata — vero invento de Satanás, cavalheiro, e a que eu voto indizivel horror, e o senhor tambem, se acaso ajuntasse oitenta ou noventa filhos debaixo do seu teto.

«Mas consumou-se o acto — e o homem...

escapou. E eu a saber qual era o resultado, e sequioso de vingança.

«Mandei saír a campo um rebanho de Anjos exterminadores e acossaram o sujeito por quanto esconderijo abrigam as cordilheiras do territorio de Nevada. Mas não lhe puderam deitar as unhas.

«Não sou vingativo — salvo em caso de ultraje — mas, apanhasse-o eu, e o Santo José Smith me valha, fechava-o á chave com a pequenada, até deram cabo delle, a poder de assobios! Pelo martirizado corpo de S. Parley Pratt (que Deus tenha em gloria!) nunca este mundo viu coisa assim! Eu a saber quem era que tinha dado o apito ao pequeno, mas não fui capaz de convencer as ciósas mães. Acreditaram que tinha sido *eu*, e o resultado foi justamente o que qualquer homem reflectido poderá prever: tive que encommendar cento e dez apitos — tenho ideia de que, naquella occasião havia umas cento e dez crianças, cá em casa; que, actualmente, algumas estão no collegio — tive que encommendar cento e dez dos taes instrumentos estrugidores, e assim Deus me ajude, como é verdade nós termos de falar pelos dedos, emquanto aquella miuçalha se não cançou dos assobios. E se outro qualquer individuo se lembrar de dar um apito a um filho meu, e eu conseguir deitar-lhe as unhas, penduro-o numa forca, mais alta do que aquella em que penduraram Haman!

«O senhor sabe lá o que vem a ser este viver matrimonial! Sou rico, e ninguem o ignora, benevolo, e toda a gente disso tira partido. Sou dotado de um forte instincto paternal, e atiram-me para o regaço quanto enjeitado nasce por ahi. Cada sujeita que pretende assegurar a sorte do seu mais que tudo, dá tratos ao miôlo para espremer um qualquer plano, afim de m'o lançar nos braços. Pois não quer ouvir?

«Um bello dia, apparece-me aqui uma mulher com um pequerrucho de uma côr de pelle, curiosissima, falta de vida, (e o mesmo se notava na mulher) a jurar que o filho era meu e ella, minha esposa, — que a tinha desposado, nesta ou naquella data, e nesta ou naquella localidade, mas que a ella lhe havia esquécido o numero, e eu, já se vê, não me recordava do nome da creatura. Pois bem, chamou-me a atenção para o facto de o indêz se parecer commigo, e, realmente, não deixava de haver uma tal ou qual semelhança — coisa vulgar cá pelo territorio — e para encurtar razões, admiti-o no annexo das amas — e a mulher, abalou. E valha-me o espectro de San Orson Hyde, assim que lavaram o pequeno, foi-se-lhe a pintura, e era indio! O senhor está a ler cá n'esta obra do viver matrimonial, assim Deus me ajude! E' o proprio viver de cão! Economias, nem pensar nisso! Tenho-me esforçado por conservar uns atavios de noivado, para toda e qualquer occasião. Mas isso, sim! Primeiramente, dá-se a mão de esposo a uma combinação de panninho e tisica, magra como um carril de via ferrea, e logo a seguir leva-se ao altar uma creatura que é apenas uma hydropisia disfarçada, e lá tem uma pessoa que acrescentar o vestido de noivado com um balão fóra de uso. E assim por diante. E o rol da lavadeira! — (desculpe estas lagrimas) — novecentas e oitenta e quatro peças, por semana. E dahi, a verba dos berços — ora calcule! E os vermifugos? E os xaropes, os tonicos! E as argolas de osso, no acto da dentição! E os relogios do «papá», para o menino brincar! E objectos para arranharem a mobilia! A verba vidros, só por si, chegava para sustentar a sua familia, acho eu. Creia que, por mais que eu poupe, e me arrepelle, vejo-me grego para acudir ás despesas. Então, que quer? Numa época em que eu ajuntei nesta casa setenta e duas esposas, gemi sob a pressão de conservar milhares de milhares de dollars captivos de setenta e duas camas e pertences, quando o dinheiro devia de estar collocado e a vencer juros; até que por fim, vendi o sortimento em globo, com sacrificio, e mandei fazer uma cama com sete pés de comprido e noventa e seis de largura. Mas foi estenderete, meu caro senhor. Não *podia* dormir. A parecer-me sempre que as setenta e nove esposas resonavam todas ao mesmo tempo.

«Uma ronqueira de ensurdecer!

«E o perigo, de mais a mais!

«Era isso que me dava cuidado.

«Todas, a um tempo, a tomarem fôlego, a ponto, que até se viam as quatro paredes a encolher, — e depois, exhalavam todas a respiração, á uma, e as paredes a dilatarem-se, e eu a ouvir as traves a estalar, e o taboado a ranger! Siga o conselho de um velho, meu caro amigo, *não* atravanque a

sua vida com uma familia numerosa, — acredite, — não cáia em semelhante asneira. No seio de uma familia reduzida — ahi, e só ahi, virá a encontrar aquella paz de espirito e aquelle conchego, que afinal são as maiores bemaventuranças que o mundo nos pode proporcionar, e cuja falta não ha accumulação de riqueza, fama adquirida, poder, grandeza que no-la possam compensar.

«Vá com o que lhe digo — dez ou doze esposas, e nem de tantas precisa, — nunca exceda este numero.»

Não sei porquê, o instincto segredava-me que nem por isso me podia fiar muito na palavra daquelle patusco do Johnson. E não obstante, era um sujeito que entretinha immensamente, e duvído de que grande parte das informações que nos deu pudessem obter-se de outra fonte. Estabelecia aprazivel contraste com os taes Mormons, tão pouco communicativos.

Vertido do inglês por MANUEL DE MACEDO.

Soneto

(D'Arvers)

Guardo em minh'alma o culto e em meu peito o segredo,
Da luz d'um grande amor, nascido n'um momento;
Amor, sem uma esp'rança e no qual penso a medo,
Sem ninguem suspeitar a dôr do meu tormento.

O orvalho do meu pranto, ardente, sem lamento,
A seus pés vae cahir, sem que Ella saiba o tredo
Inferno d'este Amor que só confio ao vento
E que a brisa cicia e canta no arvoredo.

Inda que Deus a fez um anjo de ternura
Jámais suspeitará o nome que murmura
O sopro que me anima e que me faz viver.

E austera no dever, que cumpre com fervor
Ao lêr este soneto, um gemido de amor:
«Quem é esta mulher?» dirá sem comprehender.

Traducção de *J. B. Pinto da Silva.*

Astronomia das Senhoras

A contemplação do Céu

I

Na hora suave e triste do crepusculo, quando a Natureza parece adormecer silenciosamente, quando as sombras se elevam da Terra e parecem vir tomar posse do Céu inteiro, quando o canto do grillo se segue ao cantar das ceifeiras, é nessa occasião que se deve contemplar o Céu e é, por ahi, que se deve começar o estudo elementar e ameno da Astronomia. Precisamos primeiro de admirar o Universo em todo o seu admiravel e magnifico conjuncto, para que possamos comprehender as grandezas, segundo as quaes elle é construido.

Logo, pouco depois do occaso do Sol, que desappareceu, lá ao longe, mergulhando nas aguas turvas do Oceano o seu facho incandescente, começam a apparecer-nos os astros mais brilhantes que guarnecem as immensidades celestes. Em algumas épochas do anno, mesmo por cima do logar onde o Sol desappareceu, vindo então a noute lançar por sobre o hemispherio o seu denso manto de trevas, apparece um astro muito brilhante, lançando raios claros nas alturas do Céu: é o planeta Venus, nosso irmão mais novo, um dos muitos filhos do Sol; é a Estrella do Pastor; é a estrella da tarde; é Vesper. Depois, a pouco e pouco, começam apparecendo os outros astros. Apparece a Vega da Lyra, a Altaïr da Aguia, e, passadas algumas horas, toda a abobada celeste está semeada com esses pequenos pontos luminosos, outros tantos soes analogos ao nosso, alguns maiores, outros mais pequenos. Na sua luz palpitante e scintillante, percebe-se-lhes vida e muitas d'essas estrellas são confidentes dos nossos sonhos puros da juventude e, muitas vezes tambem, nossas boas conselheiras.

Sim! é exactamente numa occasião como essa, quando toda a Natureza parece dormir silenciosamente em torno de nós, que as almas sonhadoras, poeticas e apaixonadas estão mais propensas para a meditação. E' nessa hora que a alma de uma pessoa que sente, a *alma uraniana*. como muito bem lhe chama o meu insigne mestre, o sr. Camillo Flammarion, se vê evolada nas azas da imaginação e do pensamento e percorre todos os espaços inter-estrellares, esquecendo, por momentos, o nosso pequeno e minusculo globo, que nós imaginamos ser tudo, juntamente com todas as suas miserias e com todos os seus orgulhos humanos. E' nessa hora que a alma do poeta se sente mais inspirada para as suas composições e canta em versos de ouro as grandezas e maravilhas da Creação, como o nosso compatriota Soares de Passos na sua poesia intitulada *O Firmamento*. E' nessa hora que a alma do philosopho pergunta a si mesma o que serão esses milhares de corpos suspensos sobre a sua cabeça e procura resolver o problema da Pluralidade dos Mundos. E' nessa hora que a alma de uma donzella apaixonada se sente mais feliz, porque a propria Natureza, com o seu mutismo eloquente, parece respeitar esse amor sincero, que brota em um peito ainda virgem e que transporta uma pessoa até aos paraizos do gôzo e da ventura!

A ti, ó hora silenciosa; a ti, ó dôce e sublime Natureza, que nos embalas como a um sonho; a ti, ó Terra, que nos abrigas no teu seio e caminhas nos Espaços, *coberta de perfumes e harmonias;* a ti, ó Lua, que pairas no Céu, qual facho gigantesco, e recebes as juras e protestos de um amor eterno; a ti, ó Sol, que nos illuminas e aqueces

com os teus raios, dando-nos vida e calor; a vós todos, ó Astros, que povoaes a Immensidade, eu vos saúdo, vendo em vós a prova evidente de um Deus Creador, que sentimos mas não podemos comprehender!

II

A Astronomia é a mais antiga das sciencias; os seus primeiros cultores fôram os pastores do Hymalaya. Quasi toda a gente applica a astronomia sem o saber, porque é ella que rege todos os actos da nossa vida, desde os mais insignificantes até áquelles que parecem ter uma grande influencia no nosso futuro. Foi do Sol que nasceu o anno; foi da Lua que nasceram os mezes e as semanas; foi do Sol, da Lua, de Marte, de Mercurio, de Jupiter, de Venus e de Saturno que nasceram os nomes dos dias da semana, vestigio que já não existe na nossa lingua mas que ainda se conserva na lingua franceza. A figura 1 mostra-nos a origem astronomica dos dias da semana. Para isso, marcamos no circulo da figura uma estrella de 7 pontas e, em cada uma de ellas, escrevemos o nome de cada um dos astros conhecidos dos antigos; esses astros, pela ordem das suas distancias á Terra, eram os seguintes: Lua, Mercurio, Venus, Sol, Marte, Jupiter e Saturno. Ora, o primeiro dia da semana é Domingo; era o dia do Sol, como ainda se vê na lingua inglêsa *(Sunday)*; partindo do Sol, seguindo a direcção indicada pela setta, segue-se pela recta que vae terminar na Lua *(Lundi*, segunda feira); de ahi, exactamente da mesma maneira, encontra-se Marte *(Mardi*, terça feira); etc. Tal é a origem dos nomes dos dias da semana. O nome de Domingo foi dado ao dia do Sol pelo christianismo, que o mudou para *dies dominica* (dia do senhor); o nome de Sabbado foi dado pelos judeus ao dia de Saturno e vem de *Sabbaidi*. Quando perguntamos as horas a alguem, applicamos a astronomia, porque as horas proveem do movimento de rotação da Terra em torno do seu eixo. Quando nos queremos guiar de noute por um caminho só e deshabitado, procuramos orientar-nos por meio da Estrella Polar e só a astronomia será capaz de nos ensinar a reconhecê-la no meio de tantas outras. Se queremos fazer uma viagem por mar, temos que nos servir da astronomia, pois precisamos tomar a altura do Sol acima do horizonte para marcar a latitude. Se queremos saber quando é a maré cheia, temos que procurar a influencia da Lua, pois que é, devido a ella, que existem as marés, como explicaremos mais adeante. Numa palavra, a astronomia é *tudo*.

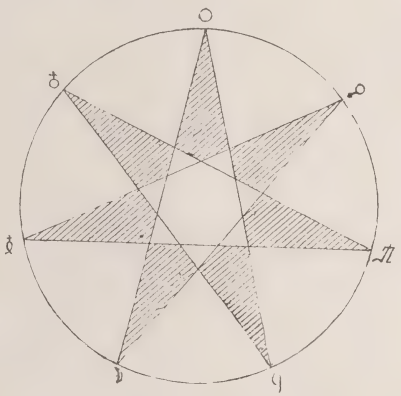


FIG 1—ORIGEM ASTRONOMICA DOS DIAS DA SEMANA

E', pois, preciso que, desde a mais tenra edade, se vão ensinando ás creanças, as cousas fundamentaes de essa sciencia. Muita gente pensará, sem duvida, que estudar astronomia é uma cousa muito difficil e muito complicada. Concordo que seja difficil e complicado estudar as razões dos factos; mas acho que estudar os factos não é nada trabalhoso. Parece-me que não custa saber de cór os nomes das vinte estrellas mais brilhantes de todo o Céu; ver e aprender a reconhecer as constellações; procurar descobrir qual o caminho que o Sol parece percorrer no Espaço em virtude do movimento annual da Terra em torno de elle; reconhecer assim essas doze constellações, sendo uma para cada mez do anno; procurar descobrir a razão dos differentes aspectos que a Lua nos apresenta; examinar a pallida figura do nosso satellite, mesmo com um oculo de pequeno alcance, nas proximidades do Quarto-Crescente, e admirar os córtes extranhos produzidos pelo Sol nos bordos da Lua; procurar saber a razão dos eclipses e aproveitar sempre essa occasião para se fazer perceber á creança os movimentos celestes dos tres astros: Sol, Terra e Lua; vêr com um pequeno oculo as phases de Venus, as manchas do Sol, os satellites de Jupiter, os anneis de Saturno. E muitas cousas mais

que se poderiam ensinar ás creanças, em logar de se lhes estar a encher o cerebro de falsidades e mentiras das quaes, mais tarde, terão grande trabalho em se desembaraçarem. Numa palavra, estudar astronomia praticamente é, sem duvida, das cousas mais bellas; posto que nada seja mais arduo e mais sério do que a estudar mathematicamente. Pódem as minhas gentis leitoras estar certas de que, passando uma hora a contemplar o Céu, nunca mais quererão de lá sahir e procurarão sempre occasião de dirigir para lá, mesmo um pequeno óculo astronomico.

III

Mas, primeiramente, antes de examinar o Céu, é preciso saber o que é o Céu. O Céu é tudo o que existe. A Terra está no Céu, como o Sol, como a Lua, como todos os astros. Antigamente, quando se não sabia nada, nem a respeito do Céu nem a respeito da Terra, varias theorias se formaram sobre a posição e fórma do nosso globo. Uns imaginavam que a Terra era ôca e podia assim fluctuar sobre os abysmos dos ares, como os navios pairam no mar. Essas theorias todas eram fundadas nas apparencias, porque, como vêmos o Sol, a Lua, todas as estrellas e todos os planetas, levantarem-se no Oriente, subir pela abobada celeste, chegar ao ponto mais alto do seu caminho, começar a descer para o Occidente, imaginavamos, antigamente, antes das conquistas da Astronomia, que a Terra estava parada e que os outros corpos giravam em torno de ella. Este systema era o systema de Ptolomeu. Imaginavam os antigos que os astros estavam collocados sobre varias espheras concentricas de crystal e que essas espheras deslisavam umas sobre as outras. Puzeram cada astro debaixo da acção de uma divindade e, como perceberam que os planetas andavam mais devagar quando estavam mais longe do Sol, diziam que, nessas occasiões, *andavam mais devagar porque não viam o caminho!* Esta theoria, como, aliás, acontece com todas, tinha inimigos e tinha partidarios. Os seus inimigos diziam que essa theoria era falsa porque, para as espheras deslisarem umas sobre as outras, deviam produzir um certo ruido e esse ruido não se ouvia; os seus partidarios diziam que esse ruido existia realmente mas não o ouviamos porque estavamos acostumados a elle desde que nascemos.

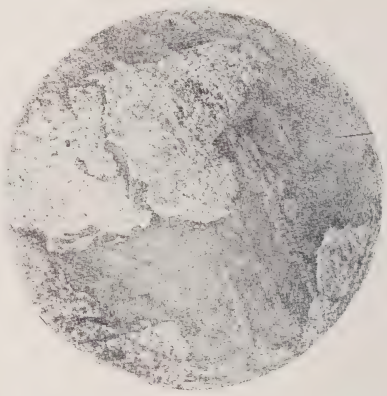


FIG. 2—A TERRA NO ESPAÇO

Foi Copernico, em 1543, quem mostrou á humanidade a verdadeira posição da Terra no Espaço (fig. 2) e, mais tarde, dois homens concluiram a sua obra: esses dois homens foram Kepler e Newton. Kepler, illustre astronomo allemão, que nasceu em Magdstatt, no Würtemberg, em 1571, descobriu as tres leis relativas ao movimento dos planetas em torno do Sol; Newton, astronomo e mathematico inglez, nascido em 1642, fundando-se nessas leis, descobriu a mais grandiosa lei de que o espirito humano se póde vangloriar: essa lei é a *lei da attracção universal*, que diz respeito a todos os astros e, graças á qual, se descobriu o companheiro de Sirius, a estrella mais brilhante de todo o Céu, e pela qual o astronomo Leverrier, antigo director do Observatorio de Paris, descobriu o longinquo planeta Neptuno, sómente á ponta da penna, fundando-se nessa lei. Apezar de ter o Observatorio todo á sua disposição, Leverrier nunca quiz vêr o seu planeta, cuja posição elle annunciou no dia 31 de agosto de 1846 e, no dia 23 de setembro do mesmo anno, o astronomo allemão Galle, do Observatorio de Berlim, dirigiu um oculo para esse ponto do Céu e descobriu lá o annunciado planeta; era a confirmação mais cabal que se poderia ter feito da lei de Newton!

A Terra é, como Mercurio, Venus, Marte, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno, um dos filhos do Sol e caminha em torno de elle, com uma velocidade média de 107:000 kilometros por hora, ao longo de uma linha

traçada á distancia média de 148 milhões de kilometros, para percorrer a qual gasta 365 dias, 6 horas, 9 minutos e 11 segundos. E' essa propria velocidade de 30 kilometros por cada segundo que a sustém no Espaço e a impede de cahir no Sol, tal como uma pedra que gira dentro de uma funda.

Além de este movimento em torno do Sol, a Terra ainda tem um movimento de rotação em torno do seu eixo, movimento que dá como resultado a successão dos dias e das noutes, facto que nos impressiona desde a nossa infancia, e que só se póde effectuar, dado o caso de a Terra estar isolada. O Infinito rodeia-a por toda a parte. As estrellas pairam sempre no Céu e, se não as vêmos de dia, é isso devido á nossa atmosphera. Comtudo, com instrumentos apropriados, póde-se vêr a passagem de varias estrellas mais brilhantes. Hoje não podemos duvidar, de maneira nenhuma, da esphericidade da Terra, pois que as viagens de circumnavegação, feitas em todos os sentidos, provam essa esphericidade ainda aos mais incrédulos e que se não queiram dar ao trabalho de raciocinar um bocado.

E', devido a essa esphericidade, que ha a successão de dias e de noutes, pois que o Sol só póde illuminar a metade da Terra voltada para elle. Emquanto nós nos extasiamos perante o grandioso espectaculo da Natureza inteira e admiramos essas estrellas que povôam a Immensidade, outros povos, situados do outro lado da Terra, teem dia e o Sol allumia-lhes, aquece-lhes e vivifica-lhes as regiões. A figura 2, como já dissémos, reprenta a Terra no Espaço.

O nosso Sol é uma estrella como as outras e, visto de longe, de um dos planetas de qualquer outra estrella, tem o mesmo aspecto que esses pontos brilhantes, que embellezam as nossas noutes da Terra. Todavia, a essa distancia, já a nossa morada não existe, nem nenhum dos seus irmãos, que constituem a grande familia solar, pois todos os planetas estão confundidos com o Sol pela perspectiva das distancias. E talvez mesmo que os habitantes do planeta Neptuno, caso os haja, ignorem a nossa existencia.

E', pois, um ponto assente e do qual é necessario que nunca nos esqueçamos: a Terra está livre, o Sol é uma estrella e a Terra é semelhante a todos os outros planetas que, como ella, vogam á roda do Sol como a borboleta voeja á roda do candieiro.

IV

Há-de haver uns poucos de mezes, estava eu sentado na janella do meu gabinete, vendo a Lua a caminhar impavida e silenciosa pelo Firmamento, quando me senti dominado por uma especie de somnolencia, emquanto fitava a pallida figura do satellite da Terra, a Lua, que tem sido, desde tempos immemoriaes, a celeste e discreta confidente de tantos sonhos de amor eterno, mas que, afinal de contas, é bem ephemero. Tudo era silencio e paz em torno a mim.

As estrellas brilhavam num Céu claro, limpo de nuvens; a Lua descia por traz de um monte e, a pouco e pouco, um denso manto de trevas ia-se espalhando por sobre toda a Natureza. O unico ruido, que se ouvia no meu gabinete, era o *tic-tac* cadenciado e monotono do meu pequeno relogio, que ia marcando os segundos da vida e que, implacavel, me mostrava que tudo passa á superficie da Terra e que de nada servem as illusões que architectamos na nossa imaginação infantil. Emquanto eu assim pensava, a Lua tinha desapparecido e a abobada estrellada desenrollou-se, por sobre a minha cabeça, em todo o seu esplendor. Esses pontos vivos, palpitantes, a cuja luz e calor vivem muitos astros, analogos á Terra, mostravam bem a existencia de um Deus Creador, que rege immaterialmente os destinos do Universo. A minha vista dirigiu-se para a bella estrella Vega, da constellação da Lyra, que nós vemos brilhar perto da constellação de Hercules, para onde o nosso Sol nos arrasta no seu movimento proprio atravez dos Espaços. Essa estrella, que brilhava mesmo sobre a minha cabeça, com uma luz branca e brilhante, parecia convidar-me á meditação e a pensar nas grandezas e maravilhas do Universo, esse campo infinito onde existem as Estrellas, os Planetas e os Cometas. A pouco e pouco, deixei-me ir adormecendo e, passados instantes, dormia profundamente.

Emquanto dormia, emprehendi uma das mais bellas viagens que se pódem imaginar.

Guiada pela mão de Urania, a musa da Astronomia, a minha alma voava e parecia dirigir-se para um dos planetas da branca estrella Vega, que brilhava mesmo sobre a minha cabeça. A escuridão, o silencio e a paz rodeavam-me por toda a parte. Só existe luz nas proximidades dos soes; só existe ruido nas proximidades dos mundos: as trevas e o silencio são o estado normal do Universo. Parei num de esses planetas e a minha vista procurou distinguir, entre tantas estrellas, o nosso Sol; custou-me a descobrí-lo, como uma minuscula estrella, brilhando nos confins da noute universal. Foi só então que eu percebi que não sômos *nada,* perante a Creação inteira, e que, se o nosso Sol e os seus filhos não existissem, a vida continuaria a circular nos outros planetas, que servem de cortejo ás innumeras estrellas, que povôam a Immensidade.

NOTA. — Na fig. 1 (origem astronomica dos dias da semana), a ordem, pela qual estão collocados os differentes astros, é, a partir da ponta superior da figura, a seguinte, vendo da esquerda para a direita no sentido do movimento dos ponteiros de um relogio: *Sol, Marte, Jupiter, Saturno, Lua, Mercurio* e *Venus.*

Affonso de Castilho
Da Sociedade Astronomica de França.

Bicho da Terra

Oh! vil bicho da Terra, e ignara gente!
Sim, o tal bicho da Terra, tão pequeno,
De que falla o poeta almo e sereno,
A quem sempre me humildo reverente.

Oh! sim, ó bella alma, e ingente,
Sollerte ideia, tu, em verso ameno,
Nos deste então, bem clara, do veneno
Da grandeza e mesquinhez da nossa mente.

A alma quer sonhar, quer elevar-se,
Quer libertar-se emfim d'este tormento,
De nunca á Alma amada approximar-se;

Já quasi tem da gloria o sentimento,
Já quasi ao Céo se sente emfim alar-se...
Mas nunca ahi se attem, mais que um momento!

Alexandre Fontes.

PAOLO CALIARI

Les Noces de Cana

PAOLO Caliari, natural de Verôna, é um dos mais grandiosos artistas do seculo XVI.

Tendo abraçado no seu conjuncto as artes plasticas, á semelhança de Miguel Angelo, como pintor soube espelhar nas suas telas os encantos d'essa Venêza que outr'ora se reclinava voluptuosa á beira do Adriatico, remirando-se na sua opulencia de rainha...

Artista de genio, em plenidão de vigôr e saude, sentindo exultar em si a alegria orgiastica da vida, não transmittiu as suas obras o mais leve sôpro, sequer, de abstração ou mysticismo. Parece ter desconhecido o silencio e o recolhimento meditativo.

Assumptos religiosos, trechos de padecimento, renuncia ou morte — convertiam-se em apotheoses da naturêza sob o condão da palêta magnificente. Personagens pálidos e sombrios da lenda transfiguravam-se em Titans gloriosos no attrahente convivio de vestaes, e, ao mesmo tempo, formas pujantes de athleta ou heroe substituiam-se á macilencia de penitente ou martyr.

A sua prodigiosa imaginação vestia com explendidêz a realidade indifferente das coisas, desfigurando, por vezes, bizarramente a presumida verdade historica ou a vária tradição. Assim, a 18 de julho de 1573 recebia a censura do Santo Officio pelo facto de apresentar em casa de Levi, no quadro da Igreja de San Giovanni e Paolo de Venêza, bôbos, cães e, em rebrilhante metachronismo, alabardeiros de Carlos V! (A proposito, seria deveras interessante considerar a feição do espirito religiôso d'essa epocha, quando a arte italiana, ainda mesmo ao decorar monumentos christãos, era uma resurreição triumphal de paganismo...).

No numero das composições mais afamadas de Paolo, denominado o Veronêz, inscreve-se o quadro executado expressamente para o convento de Santa Maria Major de Venêza (possuindo as avultadas proporções de 10 metros de comprimento e $6^{m},66$ de altura) e que o Louvre expõe desde 1815 como valioso despojo da conquista de Italia — *Les Noces de Cana*.

* * *

A vista deslumbra-se, para em seguida percorrê-lo n'uma anciedade inquietante.

De primeiro, divisa-se amplo terraço ladeado por esbeltas columnas no gosto rendilhado de Corintho, onde multidão inconstante e heterogenea exhibe ao sol os trajes diversos e no meio dos quaes fragmentos de côres garridas deixam no ar a vibração intensa de nota estrídula. E logo, atravessando este recinto, o olhar se espraia na contemplação de vasto panorama.

Na serenidade azul do céu perpassam, em lenta transfiguração, nuvens esbranquiçadas. Além, campanario esguio eleva as ogivas arqueadas, e de em redor pombos de Venêza revolteiam na jucundidade d'ambiente luminôso. Em linha, palacios de doges perfilam as fachadas ostentosas, desdobrando sobre fustes lavrados de caneluras ricos capiteis em efflorescencias da ordem composita. E ali, corporisada na alvura marmorea de Carrara, vê-se emergir deusa semi-nua d'entre as grinaldas e festões de magnifico frontão,

em gesto sublime, a glorificar a Arte. E cabeças irrequietas, avidas de curiosidade, surgem de atrios e balcões.

Mas, volvendo de novo os olhos para a multidão, distingue-se em costume diverso gente do Levante e do Occidente e, attendendo bem, assiste-se ao alvoroço de criadagem em hora de banquete.

A' volta de pequena mesa, juncto de mulheres de mangas arregaçadas e arcaboiços de servos desenvoltos, um arabe possante, mostrando a nú contornos de braços musculosos, ergue na mão a lamina espelhando... E, por entre o rumôr de commentarios e o succeder variavel de gestos e attitudes, além negra da Ethiopia equilibra no ar a bandeja pejada de eguarias. Atravez das columnas circulam victualhas, emquanto os aparadores se agglomeram a um canto, vergando ao peso de baixellas de prata.

LES NOCES DE CANA

A meio da balaustrada que olha para o logar do banquete, pende lêrda corpulencia encimada de turbante. E aqui senta arraiaes alegria incontinente e pagã. Em volta da mesa que torneia balaustres e columnatas, acham-se reunidos os convivas em intimidade expansiva. Sobre a toalha alvejante dispõem-se, em profusão multicôr, viandas, crystaes, majolicos e faianças esmaltadas... dos *d'ella Robia*. Em taças reluzentes purpureja o vinho.

E, surprehendente, entra a claridade por ahi dentro, fazendo esplendêr as vestes luxuosas, faiscar o oiro e pedrarias, sobre collares, bracelêtes e fibulas (maravilhas, talvêz urdidas pelas mãos artificiosas de Benvenuto Cellini!), colorindo semblantes attentos ou joviaes e envolvendo, faceira, em tépidas caricias, a nudêz de collos feminis, reluzindo nas baixellas e espadins tauxiados, distribuindo-se mágica e movel, aqui e além, até reverberar na polycromia do marmore do perystilo que se exteriorisa na simplicidade grave da ordem toscana. E, dadivosa, espalha-se por toda a parte, pairando tremula sobre os instrumentos de corda que vibram compulsados por eximios concertistas, electrisando esse ambiente saturado de aromas e onde sonoridades metalicas se associam ao frémito de vózes e ao côro unisono e harmoniôso de symphonias estranhas.

Automaticamente, escravos servem pressurosos. E anão, entrajado em côres gárrulas, detem á beira da mesa os olhos cubiçosos, conservando immovel o sorriso idiota sobre o rosto de carmim. E, mais perto de nós, o bôbo diverte ao hombro ave de plumagem variegadas das regiões tropicaes. Podengos disseminam-se por entre os arabescos de luz e sombra desenhados no mosaico; e, ao centro, emquanto este se acurva sobre o quinhão, aquelle eleva o pescôço supplicante e terceiro presenceia d'olhos luminosos e intelligentes o desenrolar da scêna, espreitando de vêz em quando o gato que, ao fundo, se enovella juncto de amphora ornamentada, no esforço de a tombar. E herculeo moiro golpha de vasos etruscos para cantharas e patheras o Falerno, o capitôso Psythio ou, talvez, o Calpar sacrificado a Jupiter; e, emquanto espumeja, veneravel obesidade de benedictino rebôa dythirambos de Horacio.

E ao lado, na larga facha sombra que se projecta sobre a mesa e o mosaico do pavimento, figuras vestidas de negro, após copiosas libações, gesticulam com vehemencia para fulminarem a moral de Epicuro...

Porém, na posição opposta, entre nobres e pagens, archiduquêzas e rainhas languidamente recostadas sorriem. Aquella, acalentada pelos raios de sol que lhe brincam na

cabelleira loira, em turpidez de quebranto, rola nos labios o peciolo d'uma flôr. E juncto de ocioso sultão — amollecido no Oriente com perfumes, entre tapeçarias de Smyrna e sêdas de Bagdah — um gentil-homem debruça o perfil cortêz, sustentando o chapeu emplumado e cingindo, sobre o outro braço, a dama que libidinosa se reclina para elle no reciproco enlêvo de galanteio ou perturbante segrêdo, cheio de promessas...

Entre velludos, brocados e collarêtes, descobre-se: Eleonora d'Austria, a rainha Maria de Inglaterra, a marqueza de Pescaire, Soliman I, Carlos V e Francisco I...

...E o banquete decorre sob o exploír de sons festivos de orchestra.

Bassano, Tintorêto, Benedetto de Caliari e o Veronez — são os eminentes instrumentistas.

Mas em louvôr de quem se celebra esta festa luculliana?!...

Occupando o centro da mesa, ao fundo, reconhece-se a cabeça hebraica d'um Apostolo, cercada de luminiscente aureola, entre certa filha de Sem, impregnada de graça e languida ternura, e semblantes tôrvos de ebionitas que, abandonando a aridez da Judeia, se offuscam no esplendor de um festim de Venêza.

E talvez que Elle mesmo nem se lembre mais das suas patheticas divagações juncto do lago de Tiberiade...

ARLINDO MONTEIRO.

Phantasia

No céu, bastidor de prata,
Está a aurora a bordar,
Coitada, toda se mata
Para o trabalho acabar.

Maneja na mão direita,
Sem cançada se mostrar,
A fina agulha que é feita
De palhetas de luar.

Sobre o setim côr de rosa
A agulha vai deslizando,
E ella, toda presunçosa
O seu trabalho mirando,

Fica a pensar um instante,
No seio a fronte pendida,
Talvez que esteja hesitante
Nalguma côr escolhida.

Em que estará trabalhando?
Decerto não calculaes!
Disse-m'o a lua, bordando
As nossas iniciaes!

Bemfica.

A. MELLA.

Presagio triste

De todos os admiraveis espectaculos que a natureza proporciona ao homem, um dos mais bellos, é sem duvida o pôr do sol.

E' talvez na Suissa que elle attinge o apogeu do seu esplendôr. Quando os raios cálidos do astro rei douram os cumes elevados dos Alpes, e parecem alastrar longas manchas vermelhas sobre a alvura immaculada da neve offerecem um quadro realmente admiravel, vibrante de colorido e de vida.

Nunca fôra tão imponente a sua gloriosa formosura, como ao cahir dessa tarde calma de julho.

Uma pastora, talvez de treze annos de edade, duma belleza delicada como a dessas vaporosas e frageis figurinhas de Saxe, estava sentada numa saliencia da neve, que por um singular capricho da natureza semelhava vagamente uma commoda cadeira de braços.

Como era simples e artistica a attitude da gentil camponeza, com os cabellos dourados cingidos em duas fartas e singelas tranças, e os pés pequeninos, que rivalisavam em alvura com a espessa camada de neve, onde ella os enterrava com a mesma naturalidade, o mesmo gracioso abandono, com que uma dama da côrte mergulha o sapatinho de setim num tapete felpudo da Persia.

Junto da pastora um rapaz approximadamente da edade da sua companheira, contempla-a com infantil ternura.

Ella era orphã, e ninguem, exceptuando o seu pequeno amigo, lhe dedicava amisade.

Elle era tambem um abandonado do destino, e foi talvez o élo poderoso do infortunio que os ligou tão estreitamente.

Naquelle dia o pastor notou que os olhos azues da sua companheira estavam toldados por uma profunda melancholia, que nem mesmo a alegria da sua chegada conseguira dissipar. Na sua voz musical e meiga, ella contava-lhe o motivo da sua tristeza.

Succede ás vezes, numa dessas noites limpidas e puras, em que o luar reina como soberano absoluto, surgir de repente uma nuvem negra, que encobre a lua produzindo assim um momentaneo eclipse.

Uma lenda italiana diz, que se erguermos os olhos no momento em que passa essa nuvem, que parece ter surgido como por magia, devemos considerar esse facto como o presagio duma terrivel desgraça. Na vespera dera-se esse caso com a pastora, e a sua imaginação inculta e exaltada fazia-lhe acreditar que um grande infortunio estava prestes a ferí-la.

Um vago sorriso de incredulidade, vagueava nos labios do seu companheiro, que com toda a superioridade dum homem de treze annos procurava desvanecer essas chimeras mas sem o conseguir.

O dia expirava lentamente; os ultimos raios do sol envolviam o grupo gracioso desse idyllio infantil, de que parecia evolar-se um perfume subtil, de delicada poesia. A vaga melancholia da pastora dava particular realce a esse quadro encantadôr, digno do pincel dum Watteau.

Caía docemente a noute; uma noute de luar gloriosa e calma.

O pequeno levantou-se de subito; esquecera-se das horas, e agora tinha que voltar depressa para casa, a fim de evitar alguma scena violenta que a sua demora poderia provocar.

Despediu-se da sua amiga, e partiu a correr.

Ficando só, a pastora inclinou pensativa a cabeça dourada; a recordação dessa hora deliciosa e breve, que tinha passado com o seu companheiro, trazia-lhe aos labios um sorriso commovido e feliz.

De subito um grito agudo resoou na montanha.

A pastora ergueu-se dum salto; nos seus olhos tão meigos brilhou um lampejo de revoltada angustia. Hesitou um momento, e tomando de subito uma resolução, correu na direcção de onde partira o doloroso appello. De repente deteve-se levando a mão ao peito como se ahi sentisse uma dôr aguda. Acabava de vêr a alguns passos de distancia um corpo humano, inerte, estendido na neve. Approximou-se com o coração oppresso pelo annel de ferro dum triste presentimento; agitava-lhe o corpo todo um tremor nervoso, convulso, com a mesma violencia com que o vendaval saccode a fragil folha da roseira.

Dos seus labios sêcos e febris escapou-se um gemido soluçante, e a pastora cahiu de joelhos junto do corpo inteiriçado e frio, do seu desventurado amigo que já era cadaver.

A morte fôra causada por uma violenta pancada na cabeça, que elle provavelmente dera, na occasião da queda. Jorrava da ferida um delgado fio de sangue, ainda quente, que maculava de largas manchas vermelhas a estranha alvura da neve que o luar poeticamente prateava. E a pastora tentava em vão lavar com as suas lagrimas, essas nodoas sinistras, que dilaceravam a fibra mais delicada, e mais intima, do seu pobre coração torturado!

No primeiro paroxysmo da sua violenta dôr, a infeliz teve um movimento de revolta contra a Providencia que lhe arrebatava o seu companheiro, o unico que alegrava um pouco com o clarão radioso e bemdito da amisade, a sua vida tão triste.

Do seu querido amigo restava apenas um corpo inanimado, sem voz para responder ao seu appello, sem coração para comprehender a sua dôr, sem alma para sentir as suas lagrimas.

Agora que elle a deixara para sempre, a pastora ficava só no mundo. Essa ideia atroz desvairava-a.

Parecia-lhe que a luz devia fugir da terra, e acompanhá-la no seu luto, deixando tudo envolto em trevas. Não comprehendia como a natureza podia ficar insensivel á sua dôr.

Felizmente o sentimento religioso fez incidir sobre a pastora o balsamo sublime da fé.

A infeliz creança orou com fervor, implorando de Deus o perdão dos seus desvarios, e o seu desespero calmava-se pouco a pouco. Quando erguia para o céu estrellado, os seus grandes olhos dolorosos numa prece ardente de arrependimento e de supplica, a pastora estremeceu violentamente vendo surgir de subito uma pesada nuvem negra, que como a acompanhá-la na sua intensa dôr, velava dum longo manto lutuoso a fronte meiga da lua.

ALINE CUNHA.

Estado de debilidade geral assim como na convalescença, tomar **Somatose** *Vende-se em fórma liquida ou em pó, em todas as pharmacias e drogarias.*

Senhoras em evidencia

Poesia e jornalismo

Poesia e jornalismo constituem uma dualidade nem sempre facil de harmonizar. Tem esse condão a illustre poetisa D. Albertina Paraiso que, sem engeitar de modo nenhum a

D. ALBERTINA PARAISO

sua musa inspiradissima, fundou um jornal de flagrante actualidade. O *Jornal da Mulher* veio preencher uma lacuna importante nas publicações nacionaes. D. Albertina Paraiso com a sua fina e delicada sensibilidade feminina soube criar um orgão dedicado ás mulheres portuguezas, mas que os homens lêem tambem, não só com agrado, mas ainda com avidez. O *Jornal da Mulher* é um amplo repositorio de assumptos interessantissimos, de artigos litterarios, biographias, poesias, noções attrahentes, figurinos, moldes, todo elle intercallado com excellentes gravuras.

Bem haja a illustre professora e poetisa que tão sensatamente comprehende a sua missão de feminista.

Hospital Duqueza de Palmella para creanças

O tratamento das pobres criancinhas doentes e desvalidas tem sempre merecido dos opulentos especial desvello. A fundação do Hospital Duqueza de Palmella, situado ao Rego, para tratamento de creanças ao ar livre, é uma das obras mais meritorias d'estes ultimos tempos e para a qual todos os louvores são poucos. Será sempre abençoada a riqueza que assim reparte com os desprotegidos da fortuna os benesses que a Providencia lhe concedeu.

O hospital obedece a todas as modernas exigencias das construcções d'este genero e

UMA CAMARATA

póde comportar relativamente avultado numero de pequeninos doentes.

A nossa gravura, melhor que qualquer longa explicação, dá perfeita idéa da natureza e objectivo d'esse hospital.

Torpedos fixos

Nos ultimos exercicios de torpedos, realizados em setembro, foi experimentado um novo apparelho de que é inventor o major de enge-

MAJOR PEDRO GOMES TEIXEIRA
Inventor do novo apparelho

nharia Pedro Gomes Teixeira. O novo invento deu os melhores resultados e foi mandado adoptar immediatamente pelo ministerio da guerra.

O major Gomes Teixeira, um dos officiaes mais estudiosos do nosso exercito, tem-se dedicado com louvavel empenho a melhorar o serviço de que actualmente é chefe, collocando-o á altura dos mais bem organizados do estrangeiro. Folgamos em registrar a energia e actividade d'este apostolo da defesa nacional.

Passeio da Real A. Naval

A «QUIND», DO SR. WINTERMANTEL

Consiglieri Pedroso

A morte, que ninguem poupa, acaba de arrebatar um dos homens de que Portugal mais se orgulhava. Victima de um anthraz finou-se em Cintra o erudito professor e eloquente orador Consiglieri Pedroso. Cheio de talento, patriota enthusiastá possuidor de uma vasta e

O CATAFALCO NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

complexa erudição, estudando sempre, conhecendo numerosas linguas, era uma das individualidades mais em relêvo do paiz. Trabalhador activissimo, nunca o seu cerebro descansava. E' da sua iniciativa o plano de uma approximação intellectual entre Portugal e Brasil. Não chegou a ver o resultado dos projectos que com tanto desvello acarinhava. O paiz perdeu um dos seus filhos mais queridos, a sciencia um homem de incontestavel valor.

Assistencia aos Tuberculosos

UM GRUPO DE CREANÇAS BANHISTAS

A nossa gravura representa um delicioso grupo de banhistas a quem a Assistencia aos Tuberculosos proporciona banhos de mar. Nunca é de mais enaltecer iniciativas d'esta ordem que combatem poderosamente a propagação da terrivel enfermidade e concorrem com efficacia para robustecer a raça.

Duas embaixadas

Duas embaixadas visitaram Lisboa em pouco tempo. A primeira tinha á sua frente o prin-

EMBAIXADA INGLEZA

Acompanha-a os srs. Visconde de Asseca (Salvador) e Batalha de Freitas

cipe Frederico Leopoldo, cunhado de Guilherme II, imperador da Allemanha. Sua alteza vinha encarregado pelo seu augusto parente de entregar a El-rei D. Manuel II as insignias da ordem *Aguia Vermelha*, uma das mais consideradas do imperio allemão. Sua alteza, que foi recebido com todas as honras e a quem fôram offerecidos varios banquetes de gala e outras provas de estima, recebeu a nomeação de tenente coronel de cavallaria 4, regimento do qual seu cunhado é coronel honorario.

Em homenagem a illustre visita realizaram-se naquelle quartel diversas manobras e ceremonias militares que originaram da parte do principe allemão altos elogios. Sua alteza visitou tambem demoradamente outros estabelecimentos militares, depondo piedosamente no Pantheon de S. Vicente uma corôa sobre o feretro do finado rei D Carlos.

A segunda embaixada de que era chefe lord Granard, desempenhou-se junto do Chefe do Estado portuguez da incumbencia de participar a subida ao throno do Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda e imperio das Indias de Sua Majestade Jorge V. Acolhida com as formalidades do estylo, demorou-se alguns dias em Lisboa, sendo-lhe proporcionado além das costumadas festas na côrte, uma serie de passeios e visitas do que de mais notavel existe na capital e seus arredores.

A embaixada ingleza esteve em Cintra,

EMBAIXADA INGLEZA

Lord Granard, chefe da embaixada, ao subir para o coche

EMBAIXADA ALLEMÃ

S. A. o principe Frederico Leopoldo, passeando em automovel pela cidade

onde lhe foi offerecido um almoço no palacio da Pena e um jantar na residencia que ali possue o ministro britannico acreditado junto do nosso governo, sir Villiers.

Chronica da moda

As modas actuaes observadas daqui a alguns annos — A influencia da literatura nas modas — A docilidade feminina comprovada na adopção dos vestidos «entravées» — A vida antiga e a vida d'hoje — A mulher é a causa determinante de todo o progresso — A intelligencia e o trabalho são fontes de alegria para todos — — A moda futura será muito simples — O velludo predominando em todas as côres — Os «trotteurs» de velludo — Os chapéos de meia estação — Os penteados soffrendo grandes modificações — Reinado dos penteados gregos e Imperio, etc., etc.

Estamos em pleno outono. Que admiravel tempo e que poesia encerram estas lindas e deliciosas tardes de outubro! E' o fim duma estação movimentada, cheia d'interesse e, como poucas, estravagante; mas talvez seja tarde já, para nos podermos occupar della.

Não será sem um sorriso de ironia que mais tarde, no decorrer dos nossos tristes dias, contemplaremos, compungidos, os retratos das elegantes que, seguindo o rigor da moda, tiveram a phantasia de se photographar com estas *toilettes* que, apezar do seu todo desgracioso, acanhado e mesquinho, fizeram a sua felicidade, usando-as exageradamente. Para o chronista profissional seria uma divertida e interessante tarefa, notando com cuidadosa observação a moda e as suas evoluções nestes ultimos annos!

Quantos caprichos e quantos estylos por nós — «escravos do mundanismo» — têm passado! Dizem alguns, e com fundamentada razão, que a literatura moderna tem uma extraordinaria influencia sobre a moda. Assim será...

No entanto não devemos accusál-a de ser a creadora do horrivel *calot* e *l'entravée*. Tambem não foi o romance, como querem atribuir-lhe. Foi obra das grandes costureiras, um erro indesculpavel, inesthetico e incommodo, que, certamente, se teria tornado bonito se a mulher pudésse conservar a linha immovel, mas, *algo* impertinente, quando ella se agita apressadamente nas longas caminhadas esportivas, ou nessas *encombrants* compras diarias.

E' indiscutivel... esperando que um tal erro se não repetirá nos seus proximos modelos e que o grande *raffinement* das suas escôlhas as não arraste a tão lamentaveis excentricidades, o que seria muito prejudicial.

As mulheres deram mais uma vez a prova da sua docilidade, adoptando com enthusiasmo e alegremente, o que quer que seja de novidade palpitante.

Fazemos votos para que os mestres na arte dêem á mulher o que por direito lhes pertence: a *silhouette* bem feita e graciosa, sem as sacrificar, tolamente, apertando-as nuns saccos, feitos — positivamente — de boccados!

E' preciso que a moda seja gentil e adequada á nossa vida de todos os dias.

Agora, que reina uma estonteante actividade, que nos arrasta e envolve numa onda vertiginosa de occupações e interesses, já a moda nos não reduz ao *dolce far-niente*, como as mulheres languidas d'outrora, espiritos debeis e indolentes, que faziam as delicias dos *Trovadores* do seu tempo!

A preguiça desappareceu e quem pór acaso a conserva ainda não tem successo algum.

Os dias passam rapidos, dando-nos a illusão de durarem apenas uma hora!

Como tudo tem mudado!...

Dizem que era a sociedade antiga a que melhor conhecia a tranquillidade e a doçura do lar intimo, por ser restricta, socegada e meticulosa, até mesmo nas pequeninas modas que a rodeavam. Porquè?

Era uma vida na verdade santa e boa mas, sem interesse, sem movimento e quasi sem alegrias.

São preferiveis a tudo isso, as nossas occupações de agora, embora cheias de esforços e pezares, que nos deixam ao menos a sensação duma existencia completa e util.

Não é numa occasião em que com enthusiasmo se resolvem todos os problemas sociaes, em que todas as aspirações tendem para um melhoramento moral e material, que a felicidade poderia consistir numa contemplação desprovida de desejos e acções.

A mulher é a causa determinante de todo o progresso, quer na sociedade quer na familia. Não nos espanta pois que seja *Ella*, e esta bem moderna, que mais consciente do seu dever sagrado e do seu destino, tenha querido dar o exemplo, animando o progresso da humanidade com o seu bom senso e bondade.

E' de bem alto que esse exemplo nos vem, porque ha felizmente bem poucas mulheres ricas, a não ser que sejam nullidades, falhas de opiniões e de vontade, que se contentem apenas com os prazeres futeis da sociedade e as falsas homenagens dirigidas á sua belleza. Se assim fôsse, como seria a vida insupportavel e mesquinha!

Ha mais alguma coisa de bello e sublime, que ellas aproveitam com vantagem da sua situação privilegiada, sabendo adquirir á força dum trabalho insano e duma applicação insistente, os successos mais invejaveis do talento, da reputação litteraria e do bom exito financeiro.

O sexo forte desespera-se, e, de vez em quando, ouve-se um grito de alarme por verem ameaçada a sua segurança; pois nunca houve tantas mulheres escriptoras, directoras de industrias, artistas e commerciantes como agora.

Um dos nossos escriptores, que melhor e mais glorifica os dons de caracter e de energia, affirma, que a felicidade consiste em viver poderosamente e crear a belleza viva em si e á roda de si, pelo trabalho corajoso e heroico de todas as suas faculdades.

Admiravel programma! e como elle é femenino!

Crear a belleza viva, embellezar o seu ser, formál-o para o bem de todos, espalhar a alegria e com ella abrilhantar o lar, animando todos os corações e todas as santas ambições é uma alta e nobilissima missão.

A felicidade é pois de preferencia mais um «querer do que um haver» — e em vez de esperarmos que um destino caprichoso nos dê uma ventura problematica, é mais seguro e melhor gosar em pequeninas parcellas a somma dos prazeres e alegrias que cada hora bem empregada nos proporciona e pedir ao trabalho e á intelligencia, as alegrias que só elles nos poderão dar.

Crear a belleza viva não será pois tambem cuidar dessa elegancia feminina exterior, dessa agradavel occupação, da compra e confeccionamento das nossas *toilettes*, que tomam por assim dizer uma grande parte da nossa vida?

Para outros bem mais authorisados eu deixo o cuidado de nos fallar da belleza moral que convem adquirir para complemento da nossa felicidade.

Ser bella, é tambem, e deve ser, o primeiro cuidado da mulher que conseguiu alliar em si, duas forças, egualmente admiraveis para mais a mais a erguerem no seu soberano pedestal; uma toda encanto que lhe vem da sua arte e bom gosto na escôlha primorosa das suas elegancias para agradar; a outra, do trabalho, belleza e estudo e da sua encantadora simplicidade ingenua e doce. A mim cabe-me no entanto o agradavel dever de vos fallar no assumpto que aqui me traz, apropriado a estas paginas, para vos dizer o que a moda nos dá actualmente, satisfazendo assim os nossos desejos, inventando o que ha de mais *chic*, para fazer realçar todos os encantos das nossas pessoas. Já em Paris, de manhã, no *Bois*, as *lanceuzes* se exibem numa simplicidade quasi excessiva, fazendo lembrar as encantadoras *toilettes* das bellas e deliciosas *merveilleuses*.

No entanto esses vestidos tão elegantes que fizeram a delicia da sua epocha, não poderão, por certo, ser usados nas cidades e é preciso uma coragem inaudita, profissional nas *lanceuzes*, para arrostarem com o espanto, o assombro que nos olhos de toda a gente se lê, á sua passagem.

Será outra vez admittido o decreto que, sob o Directorio, usavam na rua as maravilhosas mulheres desses tempos? Que horror!

Como poderiam as minhas queridas leitoras, tão mal agazalhadas, supportar os rigorosos invernos que actualmente nós cá temos.

Não sejamos temerarios em affirmar o que por emquanto existe de mais mysteriosamente vago e incerto nos elegantes salões das costureiras parisienses.

Ergue-se uma nova phase?! Acreditamos que sim; podendo mesmo garantir que a moda futura, será mais simples, menos accidentada, o que a favorece por certo, e tanto assim que nos bastará lançarmos a vista para os ultimos numeros dos bons figurinos e essa certeza adquire-se com facilidade.

Passaram finalmente de moda os vestidos *collants*, as tunicas pomposas, as bizarias e as excentricidades. E' preciso variar, porque a variedade *deleita a vista...* Acabado pois o seu reinado vamos gozar as modas de inverno, essas bellas e lindas coisas que a estação nos trouxer de confortavel e bom.

Esses modelos ineditos, essas maravilhas d'arte com toda a esplendorosa elegancia dos seus tecidos *severos*, mas flexiveis, e as lindas pelles quentes e sua-

UM LINDO VESTIDO DE OUTONO
A ultima moda em Londres

A fraqueza do corpo, debilidade dos membros, nervosismo das senhoras, dissipam-se por completo tomando **SOMATOSE.**

ves acariciando-nos tão docemente, são já um antegozo para a nossa phantasia.

Teremos este anno, em pelles como temos tido sempre, a pelle preferida e de maior novidade. Sobre isto temos que guardar por emquanto a maior reserva e trataremos deste assumpto para a chronica seguinte.

Em tecidos, sabemos que predominará ainda o velludo em todas as côres principalmente o preto. Tem a grande vantagem de ser um vestido que faz *toilette*, podendo egualmente usar-se para passeio, visitas e theatro. O *trotteur* de velludo tem todas as sympathias pela sua elegancia simples e *chic*. Não deixem pois, minhas gentis leitoras, de o preferirem a todos os outros. Os pannos tambem continuam o seu reinado, mas é ainda cedo para podermos fallar no que será mais moderno.

Nas principaes casas de modas esperam a todo o momento essas palpitantes novidades, mas por emquanto nada se póde dizer... Paciencia...

Os chapeus de meia estação já foram lançados. Não faltam modelos lindos, encantadores... e uma variedade extraordinaria, incomparavel!

Predomina o velludo junto a tecidos ligeiros.

As plumas de abestruz são mais lindas que nunca, *ruisselants* como fontes luminosas sobre as grandes fórmas.

As azas e as plumagens vindas de fóra são tintas e trabalhadas de tal maneira que julgamos vêr depenar os passaros mais exoticos, extravagantemente raros.

Os penteados soffrem tambem uma grande modificação. O *noix de côco* é elegantemente substituido e com vantagem, pelos penteados gregos e Imperio, com os seus pequeninos caracoes leves e *coquettes*, emmoldurando os formosissimos rostos.

São encantadores!

Theatros

Trindade.—Deu a companhia do actor Alves da Silva duas peças novas para Lisbôa, *Ministro e Rei*, original do sr. Carlos Saraiva, e *Vingança do louco*, de Echegaray, que o publico applaudiu, distinguindo, com inteira justiça, Alves da Silva e Adelina Nobre, partilhando tambem dos applausos, Thomaz Vieira, Joaquim Silva, Araujo Pereira, Cecilia Neves e Carlota de Sousa.

Ministro e Rei, é uma peça historica referente a factos passados no reinado de D. José, e que, como outras mais, põe em relevo a figura do marquez de Pombal, recordando os pontos capitaes succedidos n'essa época, que são sempre ouvidos com agrado, e provocam o enthusiasmo das platéas.

Apezar do assumpto já estar explorado em theatro, merece incontestavel elogio, a peça do sr. Carlos Saraiva, não só pela bôa disposição das scenas, como tambem pela verdade historica que as subordina. Ha relevo e interesse, não obstante ser assumpto gasto, o que valorisa o trabalho do auctor, que mais tem a recommendal-o os finaes d'acto, que são de effeito seguro.

Como dissemos, Alves da Silva no papel de marquez, foi de correcta interpretação, delineando com propriedade a figura do primeiro ministro de D. José, assim como, Thomaz Vieira no de jesuita *Fonseca* e Araujo Pereira no de rei.

Seguiu-se-lhe a peça de Echegaray, de intensa acção dramatica, com os *trucs* e effeitos que a dramaturgia actual reprova um tanto ou quanto. O theatro de Echegaray é bem conhecido entre nós, sendo dos auctores hespanhoes, o que mais agrado tem alcançado; mestre da scena, sem a menor duvida, as suas obras teem comtudo, hoje, os defeitos, que se encontram na velha escola, e muito em especial, o estylo em excessivo romantico, com que o laureado escriptor castelhano, enfeita as grandes tiradas. Não queremos dizer que o drama *Vingança do louco*, não tenha optimas qualidades theatraes, e que o seu estylo rhetóricado, enfade ouvil-o e prejudique a acção, mas, o que é certo, é que peças, como esta, não conseguem hoje um elevado numero de representações. Antigamente era um bom divertimento ir ao theatro e chorar copiosamente; drama em que o espectador não encharcava de lagrimas dois ou tres lenços, não prestava; hoje, é diverso. O publico não aprecia só a comedia, tambem aprecia o drama, mas o drama que não provoca uma lagrima ao mais sentimentalista, e lhe faz, mais talvez, vibrar a alma e sentir o nervosismo proprio das grandes commoções; e não foi a acção que mudou, os assumptos hoje tratados em theatros são os mesmos que sempre foram, com ligeiras modificações; mas o que mudou foi a forma como a acção é desenvolvida e o estylo, maneiras de ser mais humanas, que não provocam a choraminguice, mas abalam e subjugam muito mais e mais imperiosamente.

E' este o principal motivo porque no presente, é bem mais difficil escrever para o theatro. Em tempos idos, a miseria, a fome, uma menina tuberculosa a tossir do primeiro ao ultimo acto, e uma grinalda de romantismo, era de effeito seguro; hoje não se toleram taes processos e soffre uma semsaboria quem d'elles lançar mão.

Além dos defeitos que apontamos, o theatro de Echegaray tem o de, que apenas, são esboçadas as figuras do drama; duas unicamente são cuidadas, como na *Vingança do louco*, que couberam a Alves da Silva e Adelina Nobre, que muito bem d'ellas se sahiram.

Avenida.—O sr. João Soler acaba de enriquecer o theatro com mais uma nova traducção do hespanhol, *A menina bonita*, que obteve um legitimo successo pela companhia Dolores Rentini, cantora de merito e que n'ella tem ensejo, de mais uma vez, patentear os seus bellos dotes musicaes.

De quantos se dedicam á ardua tarefa de escrever para o theatro, sem duvida, João Soler é um dos mais infatigaveis trabalhadores, conquistando um logar de honra pelas suas qualidades de traductor correcto que juntas

aos muitos conhecimentos que possue de theatro, adapta com brilho, á scena portugueza, as suas varias producções. Pode dizer-se, que epocas houve em que no theatro do Principe Real, apenas o seu nome como auctor, figurava nos cartazes d'aquella casa de espectaculos, muitos annos até sob pseudónymo; por isto se calcula a somma de trabalho produzida, e, em verdade tambem, a de triumpho conquistado, como succedeu agora com a operetta, *A menina bonita*, que se impõe pela abundancia de situações comicas e ditos de espirito, sem uso da pornographia, scenas bem movimentadas, entrecho interessante e um harmonico desempenho.

Ha mais a registar n'esta operetta, uma linda partitura, com bellos effeitos orchestraes, e, diga-se de passagem, tambem com bastantes exigencias musicaes, nas quaes Rentini se houve com brilho. Amelia Santos, Elvira de Jesus e Izabel Vellez concorreram para o bom conjuncto que a peça teve, devendo especialisar-se no elemento masculino, Leopoldo Froes, Simões Coelho e José Alves. Depois de algumas recitas no Avenida, a companhia partiu para a Figueira da Foz, d'onde seguiu para outros pontos do paiz.

Principe Real.—Comô succedera no Porto e no Rio de Janeiro, não agradou a magica, em 3 actos e 15 quadros, *O olho do diabo*, original dos srs. Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes, não porque os auctores não sejam experimentados em theatro e não tenham já recebido applausos, em diversos trabalhos, mas porque a complexa arte de theatro tem muito de imprevisto; encerra verdadeiras surprezas até para os mestres, surprezas, que se registam em cada uma das peças que sobem á scena em todos os theatros do mundo. Ora um acto que se julga melhor do que outro, ora uma scena, ora uma phrase, ora... um simples dito. Todas as recitas estão cheias de surprezas para espectadores, auctores e interpretes, e apezar da confiança que um auctor tem na sua obra, (pois não ha, um só, que não a julgue um successo), quem lhe contar as pulsações no momento em que assiste, entre bastidores, á primeira representação da sua peça, parecer-lhe-ha um doente n'um elevado estado febril; é porque, intimamente, receia essa tal surpresa.

Isto, pondo de parte, uma inimizade occulta, uma antypathia, que nem se suppõe havel-a inspirado, uma invejasita... etc., etc., que augmentam as probabilidades contra o exito. Estas ultimas não vingam, é certo; mas incommodam, e na occasião em que são manifestadas, arrastam os indifferentes.

Nenhuma d'estas causas, porèm, influiu na *première*, em Lisbôa, da peça *O olho do diabo*, pois que o sr. Ernesto Rodrigues é, entre os que em Portugal exploram o theatro, um dos auctores mais felizes e tanto assim que o 1.º acto foi applaudido. A peça o que é fraca no 2.º e 3.º actos, peccando pela falta de novidade e pelo espirito, aliás tão revelado em outros trabalhos do sr. Rodrigues.

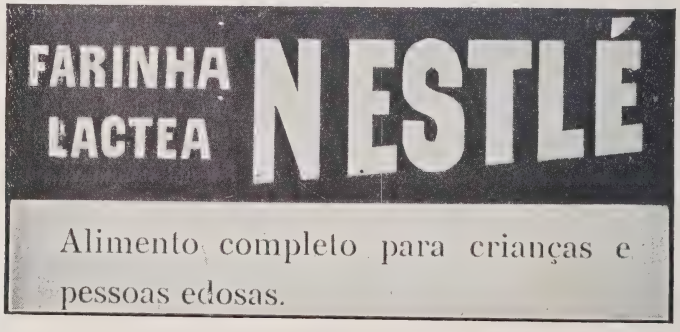
A musica dos maestros Filippe Duarte e Carlos Calderon tem numeros bonitos e no desempenho distinguiu-se brilhantemente a actriz Delphina Victor. Muito bem Isaura Ferreira; os restantes interpretes procuraram dar vida aos seus papeis. Scenario e guarda-roupa bons.

Na feira d'Agosto.—Continua navegando em bôa maré a revista *Zig-Zag*, no theatro Chalet, sob a direcção de Julia Mendes e Alvaro Cabral; no Chalet Avenida, a revista, *Somma... e segue!* que todas as noites é recebida com bastos applausos; bem como a revista *Duras de roer*, no Chalet Trindade.

*

E até ao proximo numero dos *Serões* no qual farêmos descripção minuciosa da abertura de epoca nos diversos theatros, começando pelo Gymnasio, que hoje reabre as suas portas com a comedia *O filho de Coralia*, e a cujo elenco pertencem os artistas, Lucinda Simões, Judith de Mello, Albertina de Oliveira, Maria del Carmo, Ambrozina, Palmyra Ferreira, Christiano de Sousa, Ferreira da Silva (contractado em representações), Telmo, Cesar de Lima, Augusto Machado, Cardoso e Alegrim.

H. O.



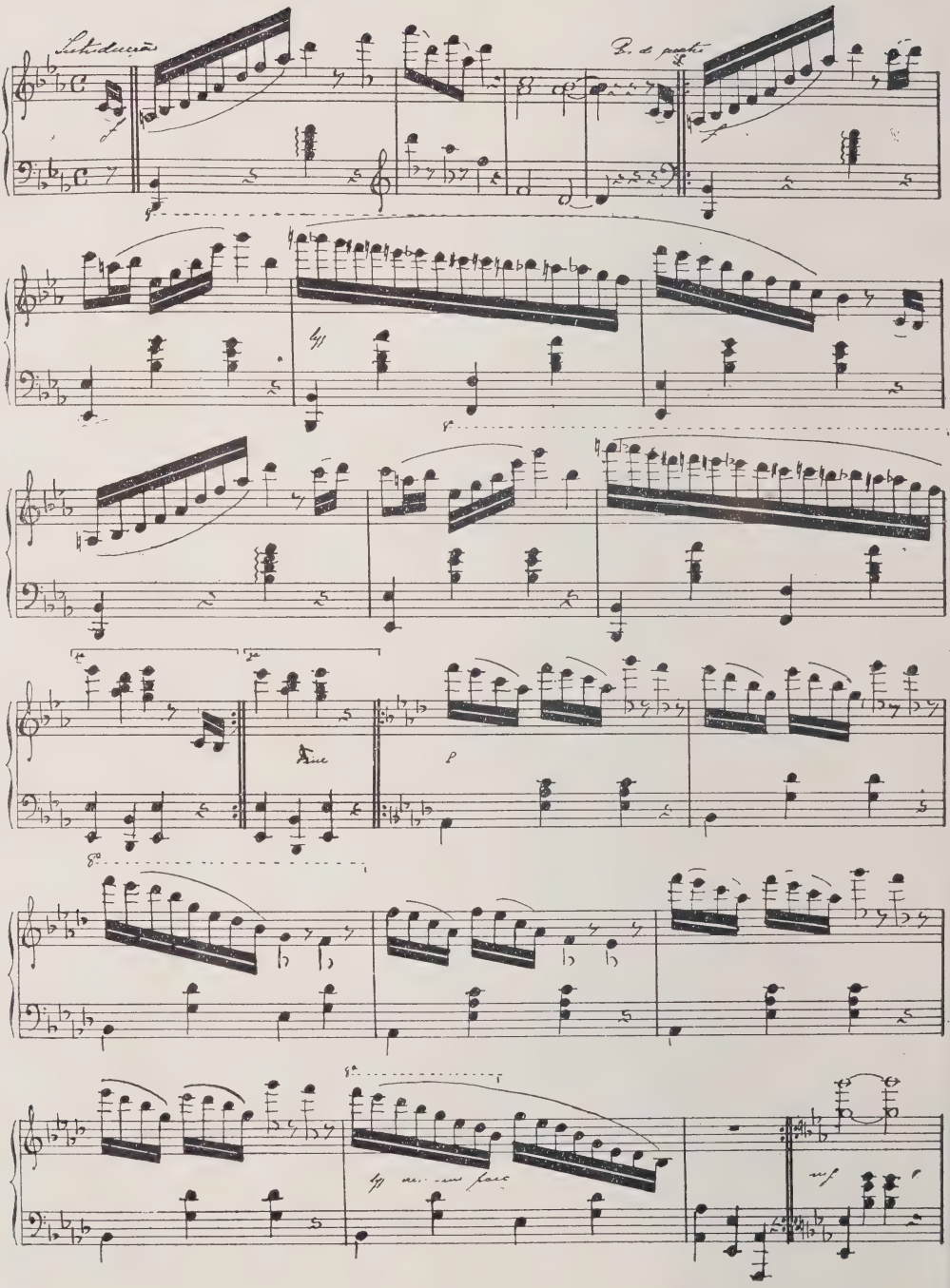
PEDRO F. RIBEIRO D'ALMEIDA

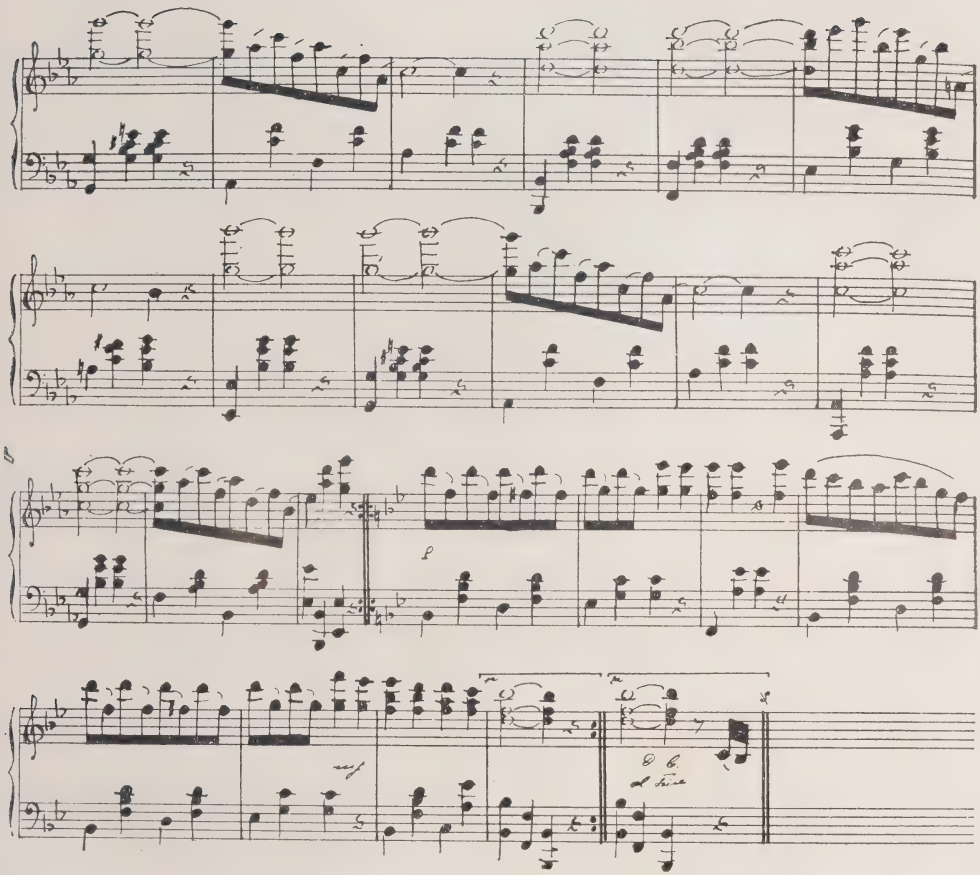
Musica dos SERÕES

ARLEQUIM

PAS DE QUATRE

ARLEQUIM




p
f
D. C.
al fine

NATAL

(Fragmento)

Meia noite em ponto; lá repica o sino
da ermidinha branca como o branco luar,
vai dizendo aos crentes, num sonoro hymno,
que entre humildes palhas o bom Deus menino
já baixou á terra para ao Céu voltar.

Nas cabanas pobres dos trabalhadôres,
que não têm conforto mas têm fogo e pão,
aos netinhos lindos como as lindas flôres
contando as histórias de aldiões, pastôres,
as avós vèlhinhas á lareira vão.

Vão contando historias... mas as almas brandas
vão vertendo prantos, vão sangrando á dôr,
suas frontes puras, frontes adorandas,
que as velhinhas tornam santas, venerandas,
a tristeza envolve num letal palôr.

E seus olhos meigos, de expressão bemdita,
fartos, que tristeza! de chorar á Cruz,
volvem para o fogo, que no lar crepita,
e lhe pedem vida, que cruel desdita,
pois da vida sentem apagar-se a luz.

Mas a lenha, as brazas hão-de transformadas
ver num breve tempo em branca cinza, em pó,
e esse pó, vélhinhas brancas de alvoradas,
é a imágem triste de vidas passadas
ó vélhinhas santas de quem tenho dó.

Nos atalhos brancos pela branca neve,
que o seu manto extende pelo campo além,
vão dormindo os lírios somno casto e breve
e o fagueiro sopro duma aragem leve
sobre a haste verga a divinal cecem.

Sonham as florinhas que no chão vicejam
sonham coisas mudas, sonham animais,
sonham almas fluidas, que no espaço adejam
como brancas pombas que no azul voejam,
almas luminosas, almas aurorais.

Pelo espaço immenso tudo é silencioso,
lançam as estrellas seu olhar de luz,
só o galo solta seu cantar garboso,
e, no canto altivo, bello, harmonioso,
vai dizendo ao mundo que nasceu Jesus.

E da branca lua cai a luz silente
numa enorme bençam de carinho e amôr,
num abraço enorme, num abraço ingente,
num enorme beijo que, indistinctamente,
vem beijar o verme, vem beijar a flôr.

João Maria Ferreira.

Muita attenção:

Brinde dos SERÕES

Para evitar reclamações de extravio do numero dos **SERÕES,** onde se inclue a **Senha numerada,** que habilita o assignante ao **Sorteio do Brinde (Viagem a Paris),** desde já declaramos não se fazer envio de nova senha, visto n'esta administração ficar annotado o numero ou numeros enviados, correspondentes a cada assignante — o que fica á disposição de quem deseje certificar-se.

Ao contemplado com o numero egual ao premiado com a sorte grande na loteria do Natal **(que se realisa a 23 de dezembro proximo),** será o seu nome publicado no *Diario de Noticias* e *Seculo* do dia seguinte. A apresentação da senha numerada, reconhecida a identidade do assignante, ou de quem o represente, ou ainda, no caso de extravio da senha-brinde, documento que legalise devidamente ser o proprio ou quem o represente, será bastante para liquidarmos o nosso promettido offerecimento.

Senha n.º ____

Brinde dos **SERÕES** aos assignantes de 1910 — Uma viagem a Paris (ida e volta) em 1.ª classe ou o seu equivalente em réis.

A apresentação d'esta senha, uma vez satisfaça ás condições acima estipuladas **Brinde dos SERÕES,** dá direito a entrega do Brinde unico offertado pelos **SERÕES** em signal de reconhecimento para com os seus assignantes.

1 de outubro de 1910.

A administração.

SEM EFFEITO

Brinde a que só teem direito os senhores ASSIGNANTES de 1910

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, te qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, fridas, crostas, assamentos;
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

Blenol — Lindacutis — Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porêm tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SERÕES

N.º 65 — Novembro 1910
Assignatura { Semestre.. 1$200 / Anno ..... 2$200
Numero avulso 200
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

MARCA REGISTADA

A MAIOR E MAIS IMPORTANTE
FABRICA
PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construcção de pontes,
vigamentos e estructuras metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
MOTORES A GAZ POBRE
CONSTRUCÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES
Alfaias e machinas agricolas
Ascensores e monta cargas electricos
SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas
Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRIPTORIO E OFFICINAS
115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE
N.º 256—BELEM

Telegrammas
Santamaro
LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente
AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA

A ILLUSTRADORA L.DO Curtos 17 LISBOA

Proprietaria e editora: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE PAG.

A LEITURA D'UMA SENTENÇA
Quadro de Wulffart *(Frontispicio)* 322

O PASTOR DA SERRA DA ESTRELLA
(4 illustrações e 1 vinheta) por ALVARES D'ALMEIDA 323

JORNADEANDO *(Versos)* por D. BRANCA DE GONTA COLAÇO 329

O CASO DO MERGULHADOR
(2 illustrações) versão do inglês por MANUEL DE MACEDO 330

LÁ NÃO SEI ONDE... *(Versos)* por ALEXANDRE FONTES 335

RUINAS *(Versos)* por MARIO MONTEIRO *(1 illustração)* 336

OS ESTUDANTES DE PARIS
(7 illustrações e 1 vinheta) por A. RIBEIRO 337

HABITAÇÃO MODERNA
(2 vinhetas) por J. LINO DE CARVALHO 345

MORTOS QUE VIVEM
(6 illustrações) por ARTHUR BELMONTE 347

QUADRAS *(Versos)* por LUIZ SOARES 354

O CASAMENTO NOS DIVERSOS POVOS E PERANTE A HISTORIA
(1 vinheta) por CARNEIRO DE MOURA 355

A COMEDIA E O DRAMA ACTUAES NA ITALIA
(8 illustrações e 1 vinheta) por EDUARDO DE NORONHA 357

ANTE A FIGURA DA REPUBLICA *(Versos)* por J. REGALLA 368

A REVOLUÇÃO EM LISBOA
(28 illustrações e 1 vinheta) por LUZ B. LINO 369

A ULTIMA CARTA *(Versos)* por D. MARIA DE CASTRO 381

ACERBUM COR *(Versos)* por ALBERTO CORRÊA 382

O SERVIÇO TELEGRAPHO-POSTAL PORTUGUEZ ATRAVÉS OS TEMPOS
(1 illustração e 1 vinheta) por HENRIQUE DE OLIVEIRA 384

ECCOS E REFLEXOS
(4 illustrações e 1 vinheta) 392

A MUSICA DOS SERÕES

A PORTUGUEZA, musica de ALFREDO KEIL e letra de H. LOPES DE MENDONÇA . . 4 pag.

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — *Notas sobre Anthero de Quental*, 1 vol. br.	700
Conan Doyle — *Aventuras do Brigadeiro Gérard*, 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — *O pintor Nuno Gonçalves*, 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1$500
Antonio Sergio — *Rimas*, 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — *Peregrinação*, edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — *Obras*, 2 vol. br.	1$200
André Brun — *Dez contos em papel*, 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — *Diccionario Pratico Illustrado*, 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3$000

CASTELLO DE MOURA

Afamadas aguas mineromedicinaes e indiscutivelmente as melhores de meza.

Refrigera os sãos e cura os doentes

Grand Prix, Rio de Janeiro 1908 — **Medalhas de Ouro**, Madrid 1907, Porto 1904 — **Medalha de Prata**, S. Luiz 1904.

TELEPHONE 880

Deposito geral: Rua Arco do Bandeira, 24

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

Caldeira Pires

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quarteis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e tôdas as suas differentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3$000 réis

Colladas em panno, envernisada, com reguas de madeira **5$000 réis**

PROPRIEDADE E DEPOSITO GERAL

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de novembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer encommenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.ª

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de novembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de **50 por 100** em qualquer logar nos espectaculos realisados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de novembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de novembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de **10 por 100**

durante o mez de novembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de **10 por 100** em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de novembro 1910

SERÕES
N.º 65 – NOVEMBRO
LIVRARIA FERREIRA – EDITORA
135 RUA DO OURO 135 LISBOA

A leitura d'uma sentença

Quadro de Wulffart

ALMOÇO DE PASTORES

O pastor da Serra da Estrella

Ao almirante Augusto de Castilho

O pastor da Estrella, olhado exteriormente, pertence mais á serra do que á humanidade das eras actuaes.

A sua historia e a historia geologica da montanha, se não se desenrolam chronologicamente, têm comtudo uma estranha similhança de factos.

Os geleiros do periodo glaciario, movimentando os blocos graniticos, abriram-lhes estrias, aprofundaram-lhes sulcos, poliram-os, deixando-os perfeitos e lisos como se fossem trabalhados com instrumentos da mechanica.

Nos encontros bellicos e nos fortes abalos das differentes civilisações, o pastor soffreu bruniduras, vincos, mas como as pedras da montanha parece não ter experimentado transformações internas.

Quando o encontramos immovel, sentado na roca d'onde vigia o numeroso rebanho, julgamo-lo um filho d'essas figuras graniticas, com fórma humana, que surgem na lombada da serra como atalaias petrificadas dos seus ascendentes.

Os filhos pequenos, já ensinados na arte de entender e curar o gado, mais nos parecem reducções de velhos pastores gastos

pelo attrito do tempo, do que serranos em crescimento nascidos de uma ligação amorosa e sensual.

As lanças dos soldados de Sergio Galba e Julio Cesar abriram-lhe as primeiras feridas que a civilisação romana lhe cicatrisou em troca da paz. Successivamente godos e arabes lhe deram novos impulsos e novos elementos ethnicos, modificando-o sem todavia extinguir o seu modo de ser fundamental.

Hoje, como nos dias brilhantes do imperio kordovez, é-lhe indifferente a luz civilisadora, e apenas adora a sua montanha que o abriga nas anfractuosidades das rochas, alimentando-lhe as ovelhas de *servum* e a lareira de zimbro.

Um pegureiro celta fossilisado, vestido de *sagos*, que hoje resurgisse no meio do rebanho, esfregaria tranquillamente os olhos como o pastor acordado da sésta dormida emquanto o gado arrodeia do calor, e não estranharia os seus continuadores do seculo xx.

Sómente á ceia notaria a differença no sabor do pão, outr'ora feito de glandes moidas e hoje de centeio escuro. Se fizesse perguntas para ter a explicação d'esta differença, os pegureiros de hoje julgá-lo-hiam um mudo articulando sons incomprehensiveis, mas nunca um antepassado resurgido.

Se Julio Cesar apparecesse de novo pelas eminencias dos Cantaros, ao vêr a malta dos pastores comendo arranchados o pão e leite, bradar-lhes-hia colerico:

— Para os valles!

E descendo serenamente as encostas cobertas de nardo, pensaria em retomar a sua cadeira de pretor da Lusitania...

Conservador fanatico dos habitos avoengos, o pastor da Estrella, vestido de pelles e lã, conserva ainda as suas feições primitivas. E' o mesmo rustico de ha muitos seculos, ingenuo, simples, intemerato.

Correndo-lhe nas veias o sangue dos diversos conquistadores que o sugeitaram, o zagal rude e sonhador despréza os perigos reaes e treme perante a lenda de uma superstição infantil.

Na sua alma, os dogmas christãos confundem-se com as revelações dos augures gentilicos.

Os bramidos das aguas das lagôas agitadas pelo vento são gritos dilacerantes das almas do Averno atormentadas por duendes e trasgos chavelhudos.

Nas noites de lua baça, estival, quando subitamente acordado descobre na serra uma pedra esguia vestida de luar, as subitas impressões visuaes ampliadas e coloridas phantasticamente pela rarefacção do ar, fazem-lhe crêr na visão da moira de Alfatema, a linda filha do emir de Manteigas, colhendo nos sulcos de agua desnevada, por entre o nardo viridente das margens, as rosas amarellas do ranunculo alpestre, deslisando suavemente nas ladeiras de pastos seccos onde corta campanulas roxas que prende nos cabellos como symbolos do seu martyrio.

De mistura com as lendas romanas e arabes, elle acredita na lenda christã de Santa Antonina, que nas madrugadas surge da Lagôa da Paixão a abençoar os gados da montanha. Os troncos do zimbro, boiando na lagôa escura, são quilhas desfeitas de naus aventurosas destroçadas no mar longinquo — n'esse mar salgado que não dá ovelhas nem pão.

Talvez por isto, o pastor, ao contrario do algarvio, não gosta do mar.

Para a sua braveza intemerata, a serra é tambem um oceano perigoso onde a audacia se exercita.

A bordo da nau, o mais leve incidente pode metter o nauta no fundo; na serra, o menor descuido despenha o montanhez no abysmo. Cahidos nos dentes dos peixes ou nos gumes dos monolithos, os corpos do marinheiro e do serrano despedaçam-se por egual.

No mar occultam-se ardilosamente os recifes sob o manto azulado da agua; na serra uma capa de neve alvissima esconde um barathro fatal.

O navegante e o pastor, o primeiro vendo ceu e mar, o segundo olhando ceu e serra, têm vivido para as glorias da patria, dia a dia, momento a momento, contando as horas pelas sombras dos seus corpos, fazendo incidir dois raios visuaes, exactos como os ponteiros de um chronometro, sobre duas estrellas pregadas na immensidade.

O pastor tem o seu ambiente amado, insubstituivel.

Só as ventanias da serra lhe favorecem a gymnastica dos pulmões. Os ares mornos dos valles fundos e os ventos humidos dos mares são-lhe por egual adversos.

Guerreiro indomavel nas crises graves da sua patria, não comprehende a paz armada. O seu temperamento de animal generoso, só experimenta necessidade de defeza quando o atacam. Então, affirma-se como um companheiro de Viriato.

No quartel, as correias comprimem-lhe a respiração, a voz do commando mede-lhe os passos, o timbre do clarim manda-o levantar, vestir, perfilar, comer, trabalhar e dormir.

Quando passados annos o quartel o restitue á serra, o pastor sente-se desfibrado. Daqui o terror da edade do alistamento que bem póde chamar-se o *terror vintenario*.

Passar os vinte annos é mais afflictivo e perigoso que dobrar o *Cabo das tormentas*, mais difficil e arrojado que desbaratar uma legião inimiga.

CABEÇA DO PRETO

Como nos tempos de Julio Cesar, o pastor não gosta de abandonar a serra.

Sente tanta repugnancia em se alistar no quartel, como soffria em se alistar nas legiões romanas. Os seus antepassados suicidavam-se nas fulgurações tragicamente heroicas das fogueiras; hoje, ainda alguns pastores, para fugirem ao ambiente militar, pagam na serra o tributo de sangue, atirando-se sobre os dentes de uma penedia, ou mutilam-se supprimindo um membro requerido pela lei.

Um abandono da serra, em tempos de paz, parece-lhe uma affronta á sua terra e produz-lhe a nostalgia da ausencia da patria. Na tarimba da companhia, durante os primeiros tempos de recruta, não é raro ao toque da alvorada ver-lhe a travesseira molhada de pranto, e é mesmo frequente, nas horas de folga, encontrá-lo a chorar n'um recanto do quartel.

Mas levem-no para os campos da batalha, a galgar serras e valles, a combater os chamados inimigos da patria, e a bayoneta, veloz e terrivel como o alfange de dois gumes dos seus avós, cortará os corpos adversos com a firmeza empregada em ceifar as espigas do centeio nas encostas da serra.

Habituado a encarar do alto da Estrella o fuzilar dos raios desfazendo-se em fitas vermelhas sobre o cume dos outeiros, o estrondo dos combates não o amedronta, antes lhe acorda os impetos guerreiros em toda a plenitude da sua braveza.

O seu golpe é cego e rapido como o da faisca electrica. E' preciso vencer depressa... Sabem que «em acabando aquillo» voltariam logo á serra, por isso quanto mais depressa melhor, não deve perder-se um cartucho, uma bayonetada.

Contavame em 1907 um rude expedicionario, que nas guerras africanas só perdia tiros, quando ao chegar ao cume das montanhas, se esforçava por descobrir com a sua pupilla de lynce a lombada azul da serra da Estrella — da sua serra...

O pobre soldado, ignorando a forma da terra, confiava nos seus olhos para vêr de Angola as eminencias da Estrella que elle julgava poder ver-se de todas as partes do mundo!

Dizia-me elle ainda com os olhos humidos de saudade mal satisfeita:

— «Oh! meu senhor!... Passarinho da Serra da Estrella, onde se cria, lá se deseja!...»

E no rosto queimado pelos ardores do sertão, reflectia-se-lhe a alma feita de contrastes originados na diversidade dos sangues herdados, passando alternativamente da bravura ao sonho, do extasi á carnificina, da praga á oração.

Este serrano pacifico, regressado ha pouco

da peleja, era o legitimo descendente desses portuguezes antigos que gemiam durante a paz as estrophes de poemas amorosos e rugiam na India amedrontando os leões das florestas industanicas; corações brandos que se desfibravam de saudade quando as ondas mansas do Restello lhes embalavam as naus da viagem, e se diamantisavam triumphaes no fragor horrendo das vagas tormentorias; peitos esforçados que se abriam latejantes, a desfallecer de amôr, quando o abraço da esposa ou o vagido de um filho os separava na praia, e se tornavam escudos vulcanicos contra os raios propheticos do Gigante Adamastor...

Aquelle pastor ainda hontem aggressivo como um leão, agora manso como um dos seus borregos, despertou na minha alma todas as reminiscencias historicas de um povo cavalleiroso e pacifico.

Elle voltou pobre e simples como partira, sabendo bem que a victoria a nenhum outro dos combatentes aproveitaria menos.

Na verdade, admittindo a hypothese de uma guerra formidavel com todas as rupturas commerciaes e moraes, de todos os portuguezes seria o pastor o que menos soffreria.

Quando o hedjeb Al-Mansor, flagellava as beiras, só o pastor vivia sem fome, abastecido de gado e pão.

A ovelha e a serra são as suas unicas fontes de riqueza.

A ovelha dá-lhe o garruço para o inverno, os safões, as jaquetas de pelle, a lã para a manta — o leito ambulante suspenso do hombro — e o leite para os queijos saborosissimos, curados á sombra, sobre ramarias de giestas seccas ou sobre a palha fresca da ultima colheita.

Nas encostas e valles mais abrigados, cria-se o centeio que as mulheres, depois de cosido, depositam nos ermos das serra, em cavidades abertas nas rochas, chamadas *Arcas de pão*, onde os pastores vão buscal-o, conhecendo cada um o seu pelos signaes que os dedos da esposa deixaram na massa.

Na *Arca do pão* nenhum estranho toca. Perante ella a probidade é levada até á superstição: a altitude da serra fica tão proxima da mão de Deus que todos sentem por ella, n'um caso de tentação, o respeito formidoloso que os Bethsamitas castigados experimentavam pela Arca do Senhor.

LAGOA DA PAIXÃO

O *touriste* contenta-se em a olhar, sabendo-a abastecida quando está fechada com lascas, e vasia no caso contrario.

E' nestas cavidades que o pastor guarda o seu principal alimento: pão, leite e, de longe em longe, um cabrito; eis todos os mimos do pastor. Os mesmos viveres de um herminio de ha muitos seculos.

Um amigo meu em viagem de recreio pela serra, vendo approximar-se-lhe um pastor seguido do cão, estendeu ao pobre homem uma tigella de café com genebra.

O pastor olhou o liquido; o cão farejou.

Cão e dono entreolharam-se...

— «Para qual delles seria» ?

— Então ?... insistiu o meu amigo.

— Nós e os cães, meu senhor — respondeu-lhe o pastor torcendo envergonhado o

chapeu nas mãos — só comêmos pão e leite...

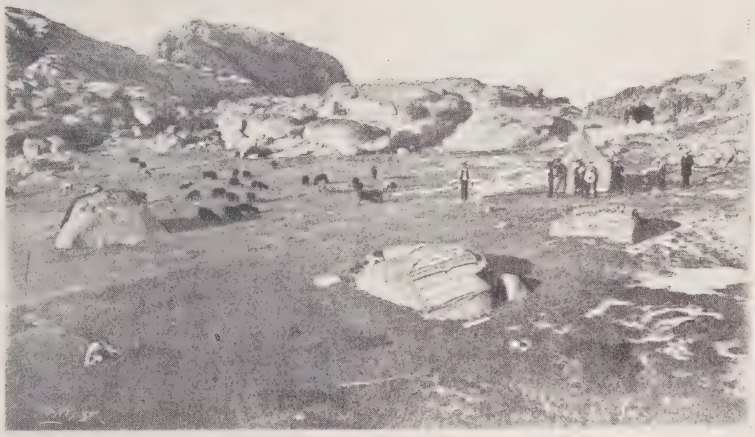
As comidas e bebidas de guerra são-lhe inteiramente desconhecidas. Por emquanto, só um vicio da civilisação conseguiu subir as faldas da serra, dobrar os mórros, galgar as ravinas, escalar rochedos, voando nas azas do vento em subtis ondulações até chegar aos cumes da montanha.

Foi o tabaco!

O fumo desta planta é no pastor o fumo do unico sacrificio que elle faz á sociedade do seu tempo, o unico laço que o prende ás elegancias da sua edade!

Não diz a historia por que mão entrou o cigarro na serra.

Seria o contrabandista fugido ao fisco que pagaria ao pastor o refugio generoso, ensinando-o a fumar?



UM ACAMPAMENTO NO COVÃO DO BOI

Na minha opinião o cigarro subiu a serra entalado na orelha do pastor que ao deixar o ambiente da caserna, se esqueceu de o queimar festivamente no acto de receber a guia de marcha.

O peccado entrou no mundo por uma mulher; o cigarro entrou na serra por um recruta. Não consta da historia que Deus fizesse ribombar o seu anathema pelos echos do Espinhaço de Cão, mas talvez rese a lenda que o ceu firme e azul dos seus avós desmaiára ao calor sacrilego do tabaco de fumo.

O primeiro cigarro irritou-lhe os bronchios zangados. Depois os bronchios aquietaram-se, e o tabaco passou a ser um manjar delicioso.

Actualmente, para o pastor, como para todo o fumador apaixonado, o cigarro é um fiel amigo da solidão, um grande anesthesico das tristêzas. Quando não consola, distrahe; se não cura a dôr illude-a. Para muitos, é como o biberon na bocca das creanças com dores...

Nas horas de infelicidade, quando todas as affeições se retrahem, lembra a amisade do cigarro. Até os que desde longa data interromperam as suas relações com elle, por motivos de saude, nos momentos de angustia, passeiando febris ao longo do quarto ou no retiro dos campos, pensam desoladamente:

— «Se aqui tivesse um cigarro!...»

Para os mais fanaticos devotos, fumar é respirar. Ha uma substancia tão preciosa como o oxigenio: — o tabaco. O ar compõe-se para elles de hydrogenio, oxigenio e... nicotina. Que lhe tirem o pão, mas não lhe tirem o tabaco. Isto quer dizer: «matem-me á fome, mas não me soffoquem».

Para estes, chupar um cigarro é absorver o fél inevitavel da realidade e expellí-lo transformado em nuvemsinhas de fumo aromatico. Nos momentos tranquillos da vida, abrem instinctivamente a bocca para encherem de ar os pulmões, e destampam inconscientemente a caixa do tabaco para encherem o peito de fumo.

Ah! o tabaco é um manjar precioso! Um fumador idealista não teria duvida em affirmar que os Anjos são excellentes fumadores, que a via lactea é uma extensa fuma-

ceira, e cada estrella a ponta de um charuto em brasa.

E todavia o amor do tabaco é perigoso e mundano como o amor illicito de uma mulher linda: fazem-se mil protestos de a não tornar a vêr, de não tornar a fumar, mas chega a hora, e quando o protestante mal se descuida, tem o cigarro na bocca e a mulher nos braços.

Como o amor da mulher, a paixão do tabaco começa brincando, atirando um olhar, soprando uma fumaça. O primeiro devaneio e a primeira cigarrilha, fazem chorar os olhos e perder o appetite, produzem tonturas e suffocações.

Em muitos homens, o amor da mulher e do fumo apparecem como dois factos simultaneos. A primeira fumada séria é absorvida quando é preciso narcotisar a primeira pulsação grave do coração. Depois a paixão do fumo cresce na razão directa da paixão da mulher: á cardealgia affectiva corresponde a cardealgia tebaica.

Ai dos que bebem um olhar!... Ai dos que saboreiam uma fumada!...

O pastor saboreou e ficou vencido. Hoje adora o tabaco. Mas as difficuldades de communicações, e sobretudo os da pobreza, raras vezes lhe permittem saboreá-lo, e illude o vicio fumando ramas seccas previamente molhadas n'um banho de vinagre.

Nos valles e nas aldeias já os cigarros abundam sendo muito apreciados para «chegar á fala» de quem se não conhece. Assim dois camponios que o acaso fez encontrar não sellam boas amisades permutando cartões, mas sim trocando dois cigarros.

— Vá lá um dos meus!... offerece um camponio tirando o maço da cinta.

— Agora um dos meus!... corresponde o outro vendo os cigarros no fim.

E ficam assim amigos, «p'rá vida e p'rá morte».

Na serra é que esta permuta se não realisa.

O pastor quando o *touriste* lhe estende um cigarro de puro tabaco, recebe-o tendo nos olhos a alegria sensual, e nos labios o tremor convulso do faminto a quem se offerecem eguarias deliciosas.

Se o *touriste*, avido de beber um copo de leite refrigerado n'um corrego de agua desgelada, se lastima de não ver ovelhas, o pastor sorri... E mettendo dois dedos na bocca ou torcendo a lingua contra os dentes, solta um assobio cortante como lamina afiada que parece fender os rochedos, tirando de todas as pedras ovelhas, as quaes veem reunir-se pressurosas em volta delle, ás centenas, aos milhares.

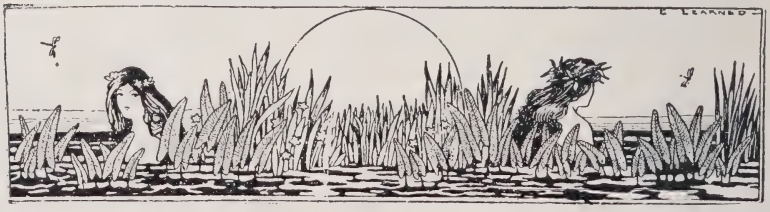
Esta disciplina regulada por um assobio dominador de tantos vultos cobertos de lã, a correrem intemeratos pelas orlas dos abysmos, saltando das eminencias verticaes, subindo escarpas perpendiculares, sumindo-se além, reapparecendo acolá, faz lembrar os tempos de Canthero e Viriato quando os lusitanos vestidos de lã negra deitados sobre o escudo concavo e a lança de cobre estendida sobre a relva, armavam ciladas aos romanos, surgindo encantadamente mal um assobio ou a busina do chefe dava o signal do ataque.

Quando em vez dos atitos bellicos se sente o doce balar do gado, a alma serena e o palato extasia-se ouvindo cantar brandamente o fio do leite cahido do ubere sobre a velha ferrada de lata.

E foi um simples e misero cigarro que operou todos estes movimentos, comprando ao *touriste* uma ferrada de leite saborosissimo.

(Continúa.)

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.



Jornadeando

. . . . . .

Volto ámanhã.
Do sinceiral sem pontes
em que o Pavia para o Dão deslisa,
levo-te um echo onde perpassa a brisa
e cantam melros, e murmuram fontes...

Saudosa vou dos largos horisontes
d'esta Beira que as brumas divinisa
na côr azul, diaphana, indecisa,
com que a tarde ao cahir sepulta os montes.

Contei da varzea ao milharal florido,
os enredos do modo desprendido
porque assim na minh'alma te insinuas.

Enchi do teu primôr a encosta immensa,
e em cada ramo, emfim, deixo suspensa
uma grinalda de lembranças tuas...

Parada de Gonta
Agosto 1910

Branca de Gonta Colaço.

Max Pemberton

O caso do mergulhador

I

Era um sujeito alegre, communicativo, que me contou a sua vida, a profissão que exercia, antes, até, de o comboio haver largado da estação de Southampton.

Attribuí-lhe, para ahi, uns cincoenta annos; elle, porém, informou-me de que ainda não prefizera os quarenta, accrescentando que o tempo nem por isso era muito amoravel para aquelles que luctavam com o mar no intuito de lhe sondar os misterios.

— E' uma vida trabalhoza, cavalheiro, declarou; comquanto me não atreva a afirmar que seja arriscada. O que mais me atormenta é a dôr de cabeça. Dizem-me os medicos que terei que dar de mão ao officio, triste noticia para quem tem que sustentar filhos.

Estaria agora empregado na tal obra dos trabalhos submarinos, se não fôsse o meu achaque — mas não lhe quero tomar tempo com os meus azares. O peixe ainda não estancou lá nessas aguas do Oceano, e Nelson, James & C.ª terão cuidado em não deixar morrer á fome o Harry Bobb. Um homem sempre vem a encontrar em que ganhe um bocado de pão, ainda quando não envergue o capacete de mergulhador, e, aqui onde me vê, vae fazer vinte annos que lhe tomo o pêso.

— E ainda não está cançado de semelhante modo de vida?

— E quem haverá que cance, ou que deva cançar, daquillo que lhe dá para o pão e para a manteiga, cavalheiro?

Tenho amôr ao meu trabalho — elle é que m'o não tem a mim.

E' um trabalho como outro qualquer, as mais das vezes, mas ha occasiões em que sae fora do commum.

Poder-lhe-ia, até, contar mais de um caso extraordinario, se o senhor tivesse paciencia para me aturar.

— Pois conte-me algum, repliquei, — e ahi vae o que elle me narrou.

II

Todo o mergulhador está acostumado a receber telegramas, e não o assustam como acontece á maioria dos individuos que têm fraco pensar. Voltava eu de trabalhar numa ponte, lá para as bandas do oeste, cá em Inglaterra, eis que recebo um telegrama participando-me o naufragio do *Ironsides*. «Vá a Southend, dizia a papeleta, e procure no Hotel Novo miss Mac Naghten. Barco ao seu dispôr. Não perca tempo. Iáte afundado.»

Eu, desde que saíra de Bristol, tinha vindo a ler os jornaes, e portanto, não se me tornava difficil avaliar o serviço e descrever a embarcação. Um iáte de pequena lotação, movido a petroleo, o *Ironsides*, rezava a gazeta, foi ao fundo numa colisão com outro navio, á vista do areal de West Knock. O dono vinha sósinho na embarcação quando esta sossobrou, mas salvou-se na lancha.

Andavam poucos navios por fora, naquella occasião, e o nome do barco que foi causa de tão desastrado accidente ficou sendo um misterio.

O caso não deu logar a duvidas, nem houve quem o discutisse, visto que o iáte não estava no seguro.

E ahi tem o que eu li nos jornaes, e fiquei inteirado quanto á especie de trabalho que me esperava lá em Southend. O dono, certamente, já haveria entregado o negocio nas mãos de qualquer companhia de salvamento, talvez que nas dos meus patrões, a firma Nelson, James & C.ª, e sendo assim, poder-se-ia proceder ao exame do navio afundado, antes de se tentar a extracção. A minha propria tarefa não apresentava difficuldades de maior, comtudo; nem me haveria preoccupado, se não fôsse a tão curiosa incumbencia de ter de procurar uma senhora, lá em Southend. O jornal dizia que o dono do iáte era o senhor Jay Luxhill, procurador, em Harwich; mas por que será, que ella não veiu ter comigo á estação, e que terá essa tal miss Mac Naghten que ver com tudo isto! O caso era esquisito; dava-me que pensar, e não pouco.

A FALAR, A FALAR, SEM UMA PAUSA, E A PASSEAR PARA CA' E PARA LA'

Seriam quasi oito horas quando alcancei o Hotel Novo, em Southend. O porteiro disse-me que miss Mac Naghten estava jantando, mas que tinha dado ordem, visto estar á minha espera, de me não deixarem ir embora sem lhe falar. Recado de tanta impaciencia, vindo de uma senhora, a proposito da carcassa afundada de um iáte, interessou-me a valer, e o que depois se deu não me causou menor surpreza.

Ainda bem eu não tinha dado entrada numa saleta do primeiro andar, eis que vejo surgir a mulher mais linda que me lembre de ter visto em minha vida. Mais alta do que eu, obra de uma a duas polegadas, com o cabello mais preto e a pelle mais alva em que eu jámais puz a vista; e uns olhos meigos em que se lia a bondade da alma, e um verdadeiro thesouro de ternura femenil. Notei, desde logo, que se achava em estado de immensa agitação, pois ainda bem me não tinha mandado sentar, e já entrava a expôr-me para ali as suas afflicções; a falar, a falar, sem uma pausa, e a passear para cá e para lá, á roda do quarto, tal qual um lindo animal, prisioneiro numa jaula catita.

— E' empregado da firma Nelson, James & C.ª? encetou a sujeita.

— Saberá que sim, minha senhora. Chamo-me Harry Robb, e sou o mergulhador mais antigo, ao serviço da firma.

— Disseram-lhe o motivo porque eu o mandei chamar?

— Enviaram-me um telegrama participando que se tinha afundado um iáte, e nada mais, minha senhora. Faço ideia do restante, porque o li nos jornaes. Dizem-me que se submergeu no canal para além de West Knock; presumo que será um caso de salvamento, e que a senhora será parente do senhor Luxhill, dono do barco.

Respondeu-me á pergunta, supposto eu esteja na fé de que ouviria apenas metade de quanto eu tinha dito. O accionado, os modos, o aspecto, eram de pessoa que se en-

contra em estado de intensa afflicção, e percebi que me queria dizer o que quer que fôsse, um tanto custoso de dizer.

— Não sou parente do senhor Luxhill, graças a Deus! exclamou, de chofre. Nem tenho nada que ver com o iáte, senhor Robb. Vejo que é um homem de bem. Pedir-lhe-ei, pois, que guarde segredo, visto tratar-se de um assunto absolutamente confidencial.

Acenei com a cabeça, gravemente, e ella veiu sentar-se a meu lado, no sofá, ao pé da janéla. A noite estava quente, apenas, de vez em quando, vindo do rio, uma leve viração. Eu, a ouvir as orquestras, a tocarem, nos jardins, abaixo de nós, e a matutar na esquisitice da situação; pois quem poderia imaginar que um estafermo tão maduro, como eu, se acharia jamais sentado a par de uma rapariga tão bonita, e que esta o haveria escolhido para confidente?

— Tenho filhas, minha senhora, declarei; e creia que nem sei o que deixaria de fazer, tratando-se de ser prestavel a uma senhora. Tudo que me dissér, dentro destas quatro paredes, esquecê-lo-ei ao transpôr aquella porta, se assim o deseja; não tenho outros interesses além dos que dizem respeito aos meus patrões. Pode falar comigo com o coração nas mãos.

Desfechou-me um olhar em que se lia femenil gratidão, e depois, levando a mão á testa, como se na cabeça lhe pesasse o segredo que trazia lá dentro, principiou a contar-me a sua historia.

— Leu a respeito do accidente succedido ao iáte e sabe que se afundou, disse ella. Disseram-lhe quem ia a bôrdo, nessa occasião, senhor Robb?

Os jornaes differem, respondi. Afirmam alguns que o dono, o senhor Luxhill, tinha chegado a bôrdo quando se deu o desastre; outros, que vinha remando para o caes, com o sentido em carregar o que quer que fôsse. Seja como fôr, atribuiu o percalço a um abalroamento com uma barca que vinha navegando em direcção a Shoebury. Afirmam que era um desses taes barcos de nova invenção, movidos a petroleo; e a mim sempre me quis parecer que não deixariam de ser perigosos nas aguas de qualquer rio, quanto mais no alto mar? O que eu porém não posso perceber, minha senhora, é elle ter-se ido ao fundo daquelle modo, estando ancorado, e o dono a bôrdo.

Que estaria elle a fazer, além em West-Knock? Não é sitio em que um iáte lance ferro, e o mesmo lhe dirá toda a gente.

Quando eu receber a planta, responderei á pergunta, segundo o meu criterio, se é que ella poderá encontrar resposta, e dir-lhe-ei, á justa, como é que o barco se afundou, e o que se deve fazer para o trazer cá para cima. A minha gente vem embarcada, rio-abaixo, deve chegar aqui, ámanhan, de madrugada, e quer-me parecer que devêmos pôr ponto na curiosidade, até então.

Eu disséra-o na melhor intenção, mas não ha peór surdo que aquelle que não quer ouvir. Fui percebendo que miss Mac Naghten não se importava, pouco ou muito, com a fórma porque o iáte se havia submergido, ou como tinha que ser extrahido; e, acredite, cavalheiro, a minha propria curiosidade nem por isso era somenos.

— Queira perdoar-me, senhor Robb, disse ella, estes meus modos um tanto desabridos.

Não quero saber do iáte, não me interessa de modo nenhum. O que me dá cuidado é a sorte do homem em quem puz o meu affecto. Tenho a convicção de que se achava a bôrdo do navio, quando o meteram no fundo.

Para um homem é sempre espectaculo de confranger o estar vendo uma mulher em transes de afflicção, e conscio, ainda por cima, de que lhe não pode valer. Miss Mac Naghten aguentara-se menos mal até ali, agóra, comtudo, desanimou, desatando a chorar, e durante minutos, nem uma só palavra foi trocada entre ambos. A mim, a noticia, foi como se me tivesse apanhado uma faisca electrica.

Intendia-a agora, melhor, e áquella sua denegação impaciente de qualquer parentesco com o senhor Luxhill; o seu estado de agitação, quando deu com os olhos em mim; a inquietação que manifestou, em seguida, deixaram de ser para mim um misterio.

Lá que ella intentava referir-se a um qualquer acto de malvadez, incidindo com o naufragio do iáte, não me restava a minima duvida; e isto apezar de eu ainda não ter conhecimento de mais de um pormenor do caso.

— Miss Mac Naghten, lhe disse eu, por fim, é terrivel isso que afirma.

Ousarei recommendar-lhe o ter paciencia? Quem nos diz que não será um fruto da sua imaginação? Eu, no seu logar, arredava do pensamento semelhante ideia, emquanto não tivesse a certeza.

Ergueu o rosto sulcado de lagrimas e tentou recobrar-se.

— Sim, diz bem, é possivel que eu esteja commetendo um acto de injustiça, disse ella, de chofre. O senhor Haynes — o Roberto, quero eu dizer — é possivel, até, que lá se não achasse. Apartou-se de mim, ha dias, para ir ter com o senhor Luxhill a Solent; ficou de me escrever de Southampton, e até agora ainda não recebi carta. Nem soube coisa nenhuma, apezar de que o iáte já se afundou, ha dois dias.

Procurei o senhor Luxhill mas não se achava no hotél, e deixou dito que o Roberto havia regressado a Londres, hontem. Mas sei que não é verdade — sei-o — sim, proseguiu ella, com crescente animação e a sugestão de um qualquer sentimento ainda mais forte do que a ira. — Elle tencionava vir aqui ter comigo, hontem; e nem palavra! Meu Deus! Nem sei o que deva pensar!

Eu, sem saber o que lhe havia de responder, nem ella, aqui para nós, me tinha convencido, apezar da sinceridade da sua afflicção, de que era veridica a sua historia.

Tinha um palpite de que o moço a quem ella se referia fôra detido em Londres ou em Southampton, e que de um momento para outro não deixaria de expedir um telegrama. Aquella agitação, quanto a mim, era resultante do excesso de anciedade e da affeição, e tinha como certo que, em poucas horas, viria a socegar.

— Quer um conselho, minha senhora, fui-lhe dizendo — meta-se na cama e espere por aquillo que a manhan lhe trouxer. Com certeza, se porventura haverá acontecido qualquer coisa a esse cavalheiro, não deixaria já de ter noticias vindas de qualquer parte.

A tripulação poder-lhe-á dizer se elle estava, ou não, a bôrdo do iáte. Já indagou?

A pergunta chamou-a á razão, e quando respondeu, foi já com mais serenidade

— A tripulação ainda não appareceu, replicou ella; nem lhe sabemos os nomes, supposto não tardará que os saibâmos. O senhor Luxhill evita-me; consta-me que foi a Londres. Era procurador do Roberto, não sei se sabe.

Olhei para ella, de fito.

— Haveria, então, entre um e outro negocios de dinheiro, miss Mac Naghten?

— Havia, sim, respondeu ella; os interesses do senhor Haynes estavam todos nas mãos do senhor Luxhill. Sei que tinham tido divergencias a semelhante respeito — assim m'o contou o Roberto, a semana passada. E' por isso que eu estou tão anciosa, senhor Robb. E que espero me queira ajudar, pois sou uma fraca mulher, e vejo-me sósinha.

Respondi que viria a saber a verdade, tão depressa a minha boa vontade lh'a pudesse transmittir; e, tão receôso da sua gratidão como da sua magua, saí do hotel, opprimido com o pêso daquelle segredo.

III

Levantei-me cedissimo, ao outro dia, e fui achar a minha gente e os barcos no rio, á minha espera. Tinha-os trazido um rebocador; porque miss Mac Naghten, pelos modos, era uma senhora com meios, e a firma Nelson, James & C.ª, recebera instrucções para se não poupar a despêsas. A baixa mar era ás onze horas, e ás oito iamos navegando em direcção ao areal de West Knock. Com toda a minha longa experiencia, e com tanta coisa esquisita que o mar me havia patenteado, não me recordo de ter emprendido uma tarefa com o coração mais opprimido do que o sentia naquelle lindo dia de junho. A anciosa menina, lá no hotél, a sua magua, a sua historia dir-se-ia irem comigo na barcaça, a segredarem-me que, sepultado nas ondas, jazia um qualquer acto de malvadez, e que me arvoravam em instrumento para o descobrir.

Eu, quando muito, o que podia era voltar a declarar-lhe «elle não se acha no navio»; e na peór das hipoteses, tinha que lhe participar que a sua vida estava malograda, e que a magua era para durar. A's vezes punha-me a desejar que tivesse sido menos franca para comigo, limitando-se a dizer-me «Vá e veja o que encontra no iáte afundado». Com homens mortos tenho eu topado frente a frente, muita vez, nos camarotes de navios submergidos; mas o ir

em procura de um de quem tanto dependia a ventura de alguem; ser mensageiro da alegria de uma mulher ou da magua dessa mesma mulher, era uma tarefa de que eu de bom grado houvera desistido.

A maré descia ainda quando largámos de Southend; a manhan estava magnifica, fresquissima, e o estuario salpicado de velas brancas, dos iátes, e de cascos negros dos enormes vapores com derrota para Londres ou para os canaes.

Se acaso nos restassem duvidas quanto ao paradeiro do iáte afundado, a barca *Trinity* terno-las-ia debelado, pois se achava ancorada para além de West Knock, e a tripulação já andava a sondar o naufragio. Quando surgimos, cederam-nos a tarefa, de bom grado, visto que o barco não jazia no ancoradoiro adstricto a navios de alto bôrdo, e não precisavamos de boia para indicar o sitio. Conhecendo o Tamisa, como eu o conhecia, afirmei que o *Ironsides* se achava a três braças de profundidade, altura de pouca ou nenhuma importancia para qualquer mergulhador, e sem mais ceremonias tratei de envergar o meu fato e desci por ali abaixo até ao convés do iáte submergido.

PERCEBI LOGO QUE CASTA DE EMBARCAÇÃO TINHA NA MINHA FRENTE, E POR QUE MOTIVO SE TINHA DADO O DESASTRE

Parece facil tarefa, á primeira vista, isto de um homem enfiar pela agua abaixo, com umas botas que, em terra firme, mal poderia levantar do chão, e a cabeça encaixada num capacete podendo dar-lhe a vida ou a morte, á mercê do salva-vidas, de pé, na barcaça, lá em cima e que, ao mais leve descuido prega com um homem desta para melhor.

Vistam o fato a um novato e, durante os primeiros cinco minutos, mais facilmente andará de cabeça para baixo do que com os proprios pés; não se sabe haver com a valvula do tubo de respiração; não consegue regular o ar; as botas, por assim dizer, entram a boiar com a acção do fato inchado que nem um balão.

A pouco e pouco, quando principia a servir-se regularmente das valvulas, principia tambem a saber para que servem as solas de chumbo das botifarras, e quando conseguiu acertar com a maneira de andar lá por baixo com a mesma facilidade com que anda cá por cima, tem dado o primeiro passo para vir a ser mergulhador. Irá aprendendo, em seguida, o modo de ir abrindo caminho, de se servir dos olhos, e de tomar pelo atalho mais curto para dar conta da tarefa emprendida. A maioria dos da minha profissão não morre de amores por navios afundados. A não ser que delles nos aproximêmos com a maxima cautela de que podemos dispôr, os nossos tubos de respiração prender-se-ão no aparelho acima de nós e as nossas linhas de salvação ficarão emaranhadas, antes de uma pessôa ter tempo de dar por isso. Não me ameaçou nenhum destes perigos ao assentar os pés no convés do barco enterrado nas areias dos baixos de West Knock. Ainda bem não havia posto pé na borda falsa de *Ironsides*,

percebi desde logo que casta de embarcação tinha na minha frente, e por que motivo se havia dado o desastre.

Navio de construcção ligeira, era claro ter sido planeado quer para mar quer para rio. A tolda estendia-se da pôpa á prôa; e tinha na pôpa a machina movida a petroleo. Quanto ao accidente que o havia metido no fundo, ninguem com olhos de vêr deixaria de verificar, desde logo, como, e por que se dera — houvera colisão, e que terrivel colisão. O casco apresentava um immenso buraco com capacidade para afundar um navio de cem toneladas, e patenteava-se hiante no costado do barco, enterrado no lôdo mole do estuario. Futurei que o iáte não tardaria a ficar coberto de todo, antes, até, de que as marés se repetissem muita vez; e mesmo no estado em que se achava, a minha tarefa nem por isso era das mais leves. Era preciso ter uns pés de acróbata para manter equilibrio naquelle convés em declivio e conservar illésas as mangueiras de respiração, ao penetrar lá em baixo, na camara; e para mais ajuda, a corrente vinha vindo com tanta força, a ponto, quasi, de me arrastar por ali fora, rio acima, a despeito de toda a minha resistencia. Apezar de tudo isto, não desisti de descer lá abaixo. Ali, sósinho, frente a frente com o segredo, reflecti, por instantes, ácerca daquella mulher, á espera, em terra, de noticias, boas ou ruins, que aquelle casco submergido lhe poderia facultar. Seria um mytho, apenas, a sua historia, ou caber-lhe-ia em sorte ouvir o peór? Pé ante pé, á proporção que ia descendo os escassos degraus da escotilha amachucada, assoberbava-me a dupla pergunta; depois como que se perdeu, ante o interesse da scena que se me patenteou. Por mais que eu fosse prevenido, não deixei de me sobresaltar.

(Continúa.)

Versão livre do inglés por MANUEL DE MACEDO.

Lá não sei onde...

A mente segue e segue pelo espaço,
Para lá olhando sempre, e ainda para lá,
E de egual modo, no tempo, não haverá
Possivel meio de lhe achar compasso.

Tal no Amor: um imperecivel laço,
Duas almas prende, se se viram já;
E o Amor nos foge, pois não é de cá,
Mas lá não sei onde, um existir lhe faço.

Tal como o Espaço, ou o Tempo, assim o Amor,
Principio ou fim não tem, é infinito,
Qual o é a Creação, ou o Creador:

Quando uma alma na outra põe o fito,
Não ha nada que a arranque, nem ha dôr,
Que á sua se lhe eguale, entre o finito.

Alexandre Fontes.

RUINAS...

O homem, minha amada,
Não perde nada, gosa:
Mas a mulher é rosa...
Sim, a mulher é flôr!

(Campo de Flôres)

JOÃO DE DEUS.

Mais lindo que esse rosto
Decerto não havia em todo o mundo
E, para meu desgosto,
O teu formoso olhar,
Tão negro de azeviche e tão profundo,
Fazia-me scismar!

Tu eras linda então,
E n'esse teu olhar, cheio de luz
E cheio de paixão,
Possuias a graça
Que dá vida ao amor que nos seduz
E que em seguida passa!

Olhavas desdenhosa
Tudo o mais que não fosse o teu aspecto,
A graça vaporosa
Do teu bello perfil
E do porte correcto
De morena gentil!

Lisboa—Setembro de 1910.

A vida para ti
Era um jogo de azar!
Andavas sempre a rir dos preconceitos
Como, ás vezes, te vi...
E d'esse teu pensar
Tu colheste os effeitos
Onde a miséria ri!

Foi assim que te soube, em certo dia,
Nos braços d'um amante,
D'um seductor qualquer...
E, n'esse mesmo instante,
Fugiu toda a magia
Do teu corpo, mulher!

De nada vale agora
A risada que chora,
A tua carne em festa!...
És a vaga impressão
D'essa mulher honesta
Que eu conheci então!

Mario Monteiro.

O BERET E O MELON

Os estudantes de Paris

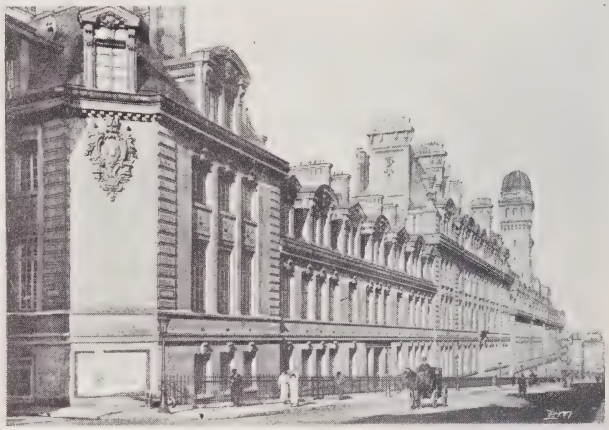
Carta de Rola, o estudante, a uma senhora de Portugal

TINHA querida prima: Recebi a carta onde a tua mão ociosa e elegante lavrou uma geira deleitavel de ternuras, novidades impressivas da nossa villa, o casamento do Tiburcio, a *soirée* em casa das Veigas, as tuas melancolias e recados á Estrella do Norte mais airada e casquilha sobre terras de França e que a Estrella do Norte não me quiz trazer. Ao alto vinham as duas flôres de previnca, descoradas e abatidas, abatendo ao peso dos beijos que mandaste para os meus beijos.

Fui descendo na corrente do teu sentimento abandonada e serena onde mal transparecia o conflicto dos teus fartos vinte annos com a espiritualidade d'um amôr em tão voluptuoso céo para tão longes terras. A cada carta tua sou levado a vestir a alma portugueza que a gente cá por fóra por via das muitas contendas e alçapões do pecado põe de parte como uma pistola antiga de pederneira que solemnemente chispa fogo uma só vez. N'essa hora vejo-te e aprecio-te ardendo d'esse amôr que suspira, córa, faz teias de nuvem, converte o coração em passa de ferral. E de bom grado aproximaria a manhã diáfana em que o galo alceiro de S. João da nossa villa ha de despedir sobre nós, tu branca e afogueada e um roseiral de beijos e eu sério e em *habit noir* e pateta o epithalamio mudo que recebe dos as-

tros e do abraço dos elementos. Mas d'aqui até então dista o meu diploma de doutor como uma ponte levadiça, suspensa ao alto, invadeavel.

Entretanto vamos realisando confiadamente os nossos symbolos: tu, o da irradiação, amando, deixando ir um atomo de ti em cada sorriso de rapaz, em cada valsa, em cada enxame de pensamentos vogando em cada presentimento de dominio. Quanto a mim, cultivarei o *eu*. E quando nossos beijos já não repicarem como os bombos estafados de um fim d'arraial teremos ahi o jardim da consolação para o inconsciente.



A SORBONNE
Fachada da Rua Saint-Jacques

De janella sempre aberta para as infinitas coisas passaram-te á vista perdidos e sem historia como um vôo de mosca estes versos:

Les cieux du Portugal, d'ont l'azur eblouit
Comme des yeux d'amants que le desir devaste
Ont-ils sollicité ton cœur fervent et chaste
Et parfumé pour toi ton amoureuse nuit?

do livro *Sonnets païens,* d'um estudante de Paris — assignalas tu. E fazendo-me a encommenda perguntas se o auctor é portuguez ou um pequenino Child-Harold que tenha bebido um copo de poente em terras de Portugal. Não sabia e puz em tratar de te desalvoroçar a curiosidade o empenho com que os inglezes procuraram na Palestina a figueira amaldiçoada de Judas. Custou, mas ahi te mando o opusculo, esse livrinho no gosto de Carmen Silvia, esbelto e fidalgo, onde o luxo da edição, como os velhos cofres dos museus, não encerra mais que uma poeira vadia. E mando-t'o, porque perverso, a tua sensibilidade de mulher vibrará menos da posse que do esquivamento d'uma perversão apercebida. Imagino, porém, que a mamã que te escondeu as *Hortensias bleus* do conde de Mostesquiou não deixará de deitar ao lume os *Sonetos pagãos* onde os pobres cinco sentidos se cansam de dar cambalhotas atraz do Irreal.

Os *Sonetos* são dedicados a Paul Roba, assassinado recentemente na Rue Servandoni, aqui no Bairro, n'um hotel vesgo. Pesa sobre isto o mais negro mysterio que breve vaes ver á certa em romance francez, com scenario de Portugal e punhaes de Paris. Porque Roba e o auctor dos *Sonnets* — esquecia-me de dizer-te — comeram na poetica e verdejante Cintra queijo saloio e embebedaram-se com vinho de Portugal.

D'este facto o saltares tu para a tapada do estudante, a minha vida das relações, o Quartier Latin e os moradores. Por pouco não me exiges uma carta geographica dos logares d'onde Verlaine fundia de absinto excommungados versos e Antonio Nobre passeava a dôce grimpa de pinheiro manso. No final, á porta dos beijos instas ainda para que te *conte coisas,* te diga *se os estudantes de Paris são interessantes como os nossos.*

Puz-me a ajuizar de tam grande curiosidade. Tu, minha Diotima d'olhar álerta, assignas a *Femina,* a *Musica,* o *Je sais tout,* debulhas o malicioso *Cri de Paris* e o estonteante *Akademos* quando eu t'os mando. Tu arruinas o pé de meia da mamã a ler revistas de França e a comprar litteratura *boulevardiére.* Assim a esse soalheiro do Senhor vão parar as voluptuosidades da linha, as subtilezas do paradoxo, o pó, o *frou-frou* de Paris. Ao mesmo tempo o correio, o nosso solerte Quintino leva-te tam-

bem sobre a manhã as maravalhas da intelligencia nacional, periodicos, archivos, magazines e rimas de rima.

Sem occupação necessaria, porque as propriedades da casa ouvem os sinos de sete freguezias proximas, tu devoras rapidamente tudo isto entre duas valsas no club e os entretenimentos com Schuman ao piano.

Entre a carregação litteraria que vem do reino e a de fóra do reino o teu tacto fino de discernimento ha de ter notado: todas as revistas, brochuras, infolios nacionaes te falam em estilo faceto de facecia, em redondilha, em prosa suculenta da estudantada. Ella é um veio inexgottavel, uma especie de phenix com a Universidade, os saraus philantropicos e de brodio, as republicas, a móca, a alma esfarrapada desde os galhos do Choupal aos pregos dos tamboretes da Viéga das iscas. As *latadas* na Couraça de Lisboa ouvem-se do Minho ao Guadiana e ahi está um *leitemotiv* substancial muito dilecto aos artistas e muito soprado das musas.

SERPA PIMENTEL E A. RODRIGUES

(Nas horas vagas

Com este esbanjamento contrasta a usura que vae cá de fóra. Na mondada vida do *faubourg*, no traduzido regulamento das fórmas pelo lapis e pela penna é raro encontrar um gôrro, uma pégada, uma treta de estudante. Dir-se-hia que esta mocidade não tem sangue fresco nem alegria para desbaratar a cada topada, ou que a litteratura e o jornal desprezam esse mundo bizarro na época em que o animal dá mais fortes estrebuxões, ouvindo os passos medidos do ser racional, menos impulso que idéa ou abstracção.

Mas tu não apontas a lacuna, vaes de encontro ao facto, consciencia positiva e directa que não gosta de delirar nas curvas do raciocinio. E queres saber os signaes de casta do estudante de Paris, exigindo-me, como corolario, duas pilherias d'um Assis de França que façam carreira, d'aquellas que edificam o apreciavel renome d'um homem com graça.

De boa fé vou responder-te, embora desça na tua estima e contribua talvez para que teu seio novamente bata por outro as pulsações das desordens sentimentaes. E' o despir do meu prestigio d'estudante, mas deixal-o, em troca ficar-me-hão as arrás do receio que correr atraz d'um bem fugitivo é tão voluptuoso como matar a sede n'um bem conquistado.

Escuta: os estudantes de Paris não são

poeticos nem interessantes como os nossos; não são mesmo nada interessantes nem poeticos. Pena é dizel-o, mas em Paris não ha estudantes na accepção que ahi se tem do estudante. Pergunta aos viajantes se encaras com scepticismo o silencio dos periodicos. Em Paris ha rapazes e rapazinhos e raparigas que estudam, mas em nada se parecem com os nossos estroinas de andaina preta que atiram cebolas dos camarotes para a scena e em parabolas peripateticas no Jardim Botanico cantam alto a unção espiritual que escorre dos olhos das meninas de Santa Cruz.

N'isto a vantagem é nossa, se eu não estou atenazado n'um equivoco ou n'uma concepção unilateral.

Ha ahi um rifão caseiro como o sal da cosinha e profundo como as cisternas no pateo dos conventos: *Coimbra ou tarimba.* Ahi se esquadria na mesma craveira de valores o militar e o estudante. Porque caminham juntos para o mesmo fito? não; porque a vida das relações d'um vale a vida das relações d'outro. O militar nem mata nem existe para matar como o estudante não é o que estuda nem anda para estudar. São dois pontos no espaço a que por myopia cerebral ou muita philosophia maliciosa só se enxerga a fórma, a capa e a espada.

Parece-me que vós, as carochinhas de Portugal, tendes esta noção do estudante: um moço de capa e batina com fama de poeta e que vos namora. Não entraes no seu dominio intimo, isto é, na sua pasta, sendo para vós secundario que lá dentro viagem as Taboas d'Euclides ou a *Summa Theologica* de S. Thomaz. O facto capital é este: namora-vos. Depois o estudante portuguez traz comsigo uma cauda cometaria de virtudes: verseja, sabe ser chistoso o que é uma arte difficil e toca geralmente guitarra. N'outros tempos deixava na sua passagem universitaria um rasto glorioso de bebedeiras, mas isso cahiu em desuso desde que o philoxera começou a passear pelos vinhedos de Portugal

E' esta, creio eu, a noção constitucional do estudante, vindo dos longes tempos de D. Diniz até o anno da graça de 1910. Ora tirando-se o scenario a esta figura, a viola, o luar, as tricanas, as botas esmeradas, a convivencia uniformemente masculinas d'escola, os gatos, os *ursos,* a cabula, o tu egualitario e amoravel, a capa e a batina, a moca e a santa mocada, todo este apetrecho lyrico e heroico e cyranesco, que ficava? Um negativo pobre, trivial, um genero de amanuense que não vale um olhar de mulher, a nihilisação em summa do estudante.

SORBONNE
Curso de psychologia do Dr. Dumas

Pois ahi tens, prima, o estudante de Paris. Aqui não ha o estudante com cem seculos de formação, essa riqueza virgem dos jazigos estratificados. Desde o dia em que fechou a *Botte de paille* o estudante agonizou em Paris como o *diplodocus* á beira da ultima baforada das lagunas tropicaes. A *Botte de paille* era n'uma rua escusa n'um casarão esquipatico, onde as raparigas de vida airada e os lentes e os estudantes andavam em amistosa promiscuidade. Foi lá

que Abelard e Roscelin professaram e muitos theologos subtis e eruditos. O nosso S. Gil — tu sabes — calejou lá a alma.

Na rua o *guet* e os escolares espadeiravam-se até não ficar osso direito. *Les bons bourgeois* varriam o sarrabulho para o Sena. Veio, afinal, a pôr termo a este estado de coisas, no anno MCCLIII, magister Robertus, *dictus de Sorbona*, que edificou e constituiu o *Collegium Sarbonicum ad usum pauperum magistrorum in facultate theologica studentium*.

A *Botte de paille* fechou ha tanto tempo que, para te dizer o que era, teria que me ir empoeirar ali nos in-folios espanejados de Santa Genoveva.

varam as conferencias do abbade de Loisy e fizeram calar a boca a Thalamas, o historiador racional de Jeanne d'Arc.

Um dia escangalharam as estatuas de Kfereem e de Prudhon e em Suresnes tentaram deitar ao rio o busto de Zola.

SORBONNE
Conferencia de Regnier (Litteratura)

Não, essa figura generosa, leviana, plumagem e alegria de gaio, não existe aqui. Sabe-se que são estudantes quando se vêem na Sorbonne. Não envidraçam um olho e saem das aulas sem efusão, nem no pateo jogam o *Éche-váldéche* com que eu me regalava em Coimbra, á sahida do curso do dr. Laranjo. O unico vestigio dos tempos préraphaelistas do estudante é o *béret* que os chapeleiros baratos do *Boul-Mich* vendem a 3,50 francos. Desgraçadamente está quasi banido, á força de muito ser infamado pelas *mômes* dos estudantes, pequeninas peccadoras zaragateiras do Bar da rua Cujas que o cobrem. De tempos a tempos, nos dias raros de *mônome*, a Faculdade de Direito desfila com elle fugindo na nuca, envizeirado sobre a orelha. Mas é muito raro. O *monôme* é a nossa velha bicha e vae por ruas e boulevards cantando na *Aria dos lampeões* uma chufa a Briand, a *Marianne*, ou a um professor que expendeu ideias atritivas. Não te admires, a Faculdade de Direito á a cidadella accesa da revolução branca. Ha lá uma forte maioria orleanista, bonapartista, nacionalista — os *camelots du roy* que estor-

Em todos estes factos a policia entrou com o murro, a esquadra, o processo correccional, mas elles lá continuam denodadamente o seu caminho, partindo memorias, apupando a republica, d'olhos fitos em Luiz Filippe e ajoelhando ortodoxamente á missa espiritual de Maurice Barrès. Cultivando o motim em nome da flôr de lis e dos punhos de renda, tornaram-se a coqueluche dos salões de Saint Germain, vindo resuscitar o galanteio prohibido dos Trianons mortos.

Nas outras Faculdades não ha *camelots*, nem republicanos, nem acratas; ha mocinhos que estudam, tão indifferentes á politica, como os hilros de Notre Dame sobre a goela tôrva das chimeras. N'isto mesmo se distinguem os estudantes d'aqui dos d'ahi. No nosso bom paiz tudo é politico, o papá, a mamã, a mana, o menino que anda no lyceu, até os papagaios, que os conheço eu dando vivas a Bernardino Machado e facciosamente assobiando o hymno da Carta. Quando os passarôcos seguem um credo, o estudante deve pleitear uma eleição a sopapo.

São estes sentimentos muito subtis, d'um

povo delicado, altruista, onde o individuo vive para o pendão, o partido, a sua roda, uma vida toda de *dentro para fóra*. N'estes paizes de *strugle-for-life* ha, ao contrario, uma febre de individualisação, a vida de *fóra para dentro*, multiplicando a energia do *eu* e não a dispersando.

Afóra o *camelot du roy*, o estudante de Paris não faz politica, achando n'ella falhas de elegancia e desequilibrio, uma especie de falsa posição, como os *faux-mènages*. Não namora além d'isso como ahi se namora e d'isso se resentiram meus habitos sentimentaes e a lembrança dos meus inefaveis coloquios do trotoir da travessa da Palha para um anjo de donzella que se dependurava d'um celeste sexto andar. Nos negocios com as mulheres vão ao fim, para a *mairie* ou para o quarto alugado, sem as phrases portuguezas, o defluxo e o coração esborrachadinho no almofariz dos ciumes. Tudo isto pouca delicadeza tactil, que nós ahi temos de sobra. louvores ao Senhor.

A Universidade conta tantos estudantes do sexo feminino como do sexo masculino. E' para mim uma dôr d'alma vêr esta promiscuidade sem elegancia. Não ha chapéo de rapaz que se tire ás collegas, nem galanteria que em qualquer circumstancia lhes ceda a vez. Sentam-se nos mesmos bancos baralhadamente, sem privilegios nem resguardos, e cruzando a perna ali ficam quietas e insexuaes, como uma fracção das onze mil virgens. E ninguem lhes dá beliscão, nem ninguem lhes pisca o olho. Ai, nunca me foi dado conhecer as exigencias de nimpha d'uma estudante de Paris!

Por isso, n'este mundo sem riscos eu te aconselharia, se não fosses o anjo custodio da gota do papá, a tomares um logar. Por cá formigam as modestas russas, as fragantes allemãs, *miss* vindas da Escocia e de Chicago, de fórmas que escapam á hypothese mais transcendente da linha. Só cá não ha portuguezas!

Se a minha voz tivesse um raio de persuasão como os sinos de Toledo, eu falaria aos paes de familia á maneira de S. Paulo aos corynthios: «Mandae as vossas meninas para a Universidade de Paris; aprenderão ahi as leis que regulam o mundo e a sciencia dos elementos que o desorganisam; a philosophia barbara dos algarismos destruir-lhes-ha o gosto do inutil, deixando-lhes a arte do sobrio; na physica da energia terão a panacéa da vida, sabendo calcular sobre o dispendio mechanico dos reflexos. D'ahi virá a ordem no rol da roupa suja, a censura na toilette, e a morte macaca dos sentimentos que ainda fazem gymnastica nas teias do luar. Depois, que lyrismo traduzir em sentimentos d'algibeira a verdade, segundo Malebranche, ou a moral como a concebeu Spinoza, contar aos netos a dymnastia repolhuda dos G. Lamas e discutir technicamente com o medico d'aldeia o logar exacto do stigmata de Giotto! E acima de tudo a faculdade de couraçar-se contra o idealismo que escorrega n'um verso de poeta ou n'um chôro melado de guitarra! Papás de Portugal, o Quartier Latin é uma grande sala de exercicios espirituaes para meninas!»

ESTUDANTE VIEILLE ROCHE

Bairro Latino

Aqui ha muita preoccupação de trabalho e muitos alheamentos d'espirito para que possa haver logar a *situação perigosa*, as ceias, as mocadas, as quadras da Rosa Hespanhola e a fugida sentimental d'esta para um convento. A juventude esfarrapa-se em mil coisas sem espirito de habito e de sequencia, não havendo pé para esses lêdos episodios de Coimbra, que illustram os annos como nunca um domingo de epiphania illustrou as paginas d'um missal gothico.

Henri Bordeau, na *Croisée des chemins*, explicou esta conversão utilitaria da Sorbonne e esta sisudez serodia da juventude. E' que a guerra de 70, desmontando o espirito francez aventureiro legou-lhe o gosto epicurista da vida, e para fórma de expansão a sciencia audaciosa dos numeros. A legenda heroica desappareceu debaixo da conta de sommar.

Esta vida escolar é incolor, incaracteris-

tica, sem os individuos e factos impressivos que ahi ficam pela vida fóra como padrões de navegação. No meu calendario das saudades nunca hão de morrer a sr.ª D. Marianna Portocarrero, os seus chás, as suas festas, para onde eu ia solemne e envernizado depois de arruinar a *republica* para todo o mez, e aquella figura á Salvador Rosa do Canavarro, leoninamente heroico a assaltar capoeiras!

Não ha pittoresco na vida universitaria e eu hei de reunir-me á tua costella menos doutor á certa, mas são e escorreito, sem lesão de mocada, o bigode equilibrado e pouco sarro nas tripas. E, crê, que a minha alma illesa do destroçar dominical das Ursulinas te chegará inteira, embora não possa deixar de sentir a voluptuosidade que me roça a pasta, quando transito no boulevard, com Bergsou lá dentro, Hoffding e a louca philosophia dos zeros de mr. Milhaud.

Mas, verdade seja, o meu jazigo de idiosyncrasia portugueza boceja ás vezes n'esta Universidade, onde não ha a restea colorida d'um vitral medievo, onde não ha a Cabra nem o Cabrão, nem os alabardeiros, archeiros, charangueiros, secretario de calção, a invocação á virgem, a sebenta e a Marrafa das sebentas, os ursos, e o Palito metrico acima de tudo como o latim no Vaticano. Póde lá haver outra coisa que não seja o aborrecimento sem a boa sombra protectora da Cardosa e a luxuriante cabelleira da Varina?

Eu sahi de Coimbra n'uma tarde remançosa, quando a aula do Villela evacuava. Lembro-me como se fosse na mesma da hora. A' Porta Ferrea as capas tingiam a fulva transparencia do dia e as flexas da Sé-Nova triumphavam no oiro espacial.

O meu amigo Grillo veiu de dentro, airoso, espenujando o collete impeccavel, direito a mim:

— Então fôste chamado, ó Rôla?

— Não, metti-lhe uma farpa.

Metter uma farpa no lente era no nosso subtil calão universitario eximir-se á hypothese da chamada por um pretexto decente e uma sabia mesura.

— Ah! ah! Olha cá, porque não vieste hontem na serenata ás Garrets?

— Fui para casa do Zé Henriques.

— Não sabes o que perdeste. Fazia um luar de cal e o Girão hontem estava inspirado como um rapsodo. Só se viam senhoras em fralda atraz das cortinas, ah! ah!

A SORBONNE
Galeria de Robert de Sorbon

— Esteve-me a ler o *Horto dos Tamarindos*. Aquillo é que são versos, parece mesmo que teem nervos de prata.

— Dizem para ahi que copia do Jean Moreás. Que dizes tu?

Eu lembrei-me d'este despreoccupado e nobre colloquio, hoje, no pateo da Sorbonne, entre o inclemente quadrante da capella Richelieu e o carro fogoso do sol fugindo acima da Galeria de mestre Roberto n'uma nuvem d'oiro *sicut umbra dies dies nostri*. Vinhamos de ouvir o problema da verdade por Brunschvicg e esperavamos a hora de psychologia experimental do dr. Dumas. Lalemand perseguia-me engatilhando um pensamento comprimido de pragmatismo, a que

eu respondia desapaixonadamente, cheio de nostalgia pela *Cabra Cega* depois do fechar das aulas em Coimbra.

— Devemo-nos então cingir ás concepções dogmaticas da sciencia?

— A's suas verdades necessarias.

— Necessarias segundo a fantasia dos sabios.

— Ha a experiencia...

— Oh! onde é que está uma experiencia que não tendo atraz de si o *a priori*, possa ser a base d'uma lei infalivel?

— Bem! N'esse caso a sciencia é um circulo vicioso?...

— Perfeitamente; não existe uma verdade para a materia e uma verdade para o espirito. Existe apenas uma verdade para a materia e essa é o proprio espirito.

Ahi tens prima, a Sorbonne e a Porta Ferrea, dois paineis que ousam a Rembrandt e a Vateau.

Muito teu, *Rôla.*

P. S. — A carta vai longa mas ligeira como o fumo d'um cigarro. Esta virtude ha de a teus olhos absolver-me do defeito de extensão que vincula meus habitos, um reflexo d'essa eternidade que é o solo, o homem, e a alma do nosso Portugal.

O que ahi fica é a minha consciencia ociosa do domingo. Não ri, contra o teu desejo, por inaptidão para essa arte subtil, e por uma pratica que me resta de bom senso que nunca perde de vista que atraz da gargalhada ha sempre logar para a gargalhada. Não toquei na *Sorbonne por dentro* para não subverter a espuma inconsistente do discurso. E fica para outra vez o *Bal de l'internat*, o *Bal des Quat'z'arts* e — pintados a oiro pelo tintamarresco estudante de Bellas-Artes — os saltos das botinas de Gerôme, o artista de todas as fórmas evasivas que podem fluctuar nos sonhos bregeiros d'um velho. Pipas de sabedoria e de graça esbanja-as ahi o H. d'Avelar, essa especie de museu *Grevin* onde ha de tudo desde os chapins de Cleopatra aos acentos impressionistas de Debussy, para que eu sue a mandar-tas.

Ahi vam argalhos; guardo o immorredoiro — as saudades — que tam densas sam e infinitas que me parece devem fazer uma estrada de Paris a Portugal, por onde poderás vir ter commigo. — *R.*

(Paris, Primavera de 1910.)

A. Ribeiro.

Habitação moderna

Em pleno seculo xx, passada a sua primeira década, é com effeito mais do que opportuno, porque é imperioso, o momento de se glorificar o Trabalho.

Soceguem, porém, V. Ex.as, meus amaveis leitores, pois que para tal commettimento, não pretendo por minha parte aqui atacar o Capital, deixando por conseguinte egualmente em completa tranquillidade a aridez das complexas theorias da economia politica.

O meu intento é mais concreto, sendo aliás mais sublime.

Desejo apenas referir-me ás naturaes tendencias pacifistas, que dos varios pontos do globo se congregam para, revindicando-lhe todos os seus direitos, o proclamarem como principal factor da civilisação, que de resto, como se sabe, é já tão promettido como devido.

Um dos mais legitimos d'esses direitos é sem duvida — a habitação — e por isso a architectura é uma das artes que mais commummente interessa a humanidade.

Quem não precisa de casa, pelo menos, para habitar?

A resposta — ninguem — poderá parecer tão superflua, como ociosa a pergunta; no entanto não é bem assim, porque as estatisticas nos informam de que na superficie terrestre setecentos milhões de pessôas moram em casas mais ou menos commodas, seiscentos milhões vivem em choças ou poisios semelhantes, e cento e cincoenta milhões de individuos da raça humana passam a vida ao ar livre.

Este facto, de que aqui nos não occupâmos, é naturalmente inadmissivel, e portanto fica apenas consignado a titulo de curiosidade. Elle, porém, muito terminantemente nos affirma que mais de metade da população do mundo não tem propriamente casa de habitação, o que é assaz grave, até para a propria economia do architecto.

*
* *

Vejâmos pois nós agora como é que habita a restante metade.

Houve tempo em que a Arte tinha sempre a primasia em materia de edificação, a qual effectivamente se impunha pela sua belleza architectonica, principalmente quando ella tomava o caracter monumental; não obstante já então algumas tribus arabes, pensando que a vida é um instante, se limitavam a levantar guarida que lhe bastasse, para que depois seus filhos, a seu talante, erigissem a tenda do seu repoiso; e modernamente, se tenham attribuido faltas de habitabilidade a alguns d'esses respeitaveis padrões artisticos.

Todavia, sem seguirmos a trajectoria das civilisações e sem por isso acompanharmos

a historia da arte em todas as suas phases, vêmos que, alternadamente tranquillisadas as grandes convulsões politicas, se têem succedido largos periodos de fomento, nos quaes a architectura se tem mantido honradamente á altura da sua dignidade, ainda que por vezes em lucta de interesses gananciosos.

E é certamente por este motivo, e ainda porque é serena, mas perseverante e nobre, a acção do artista, que o desenvolvimento do bello, embora tenha tido de vencer contrariedades, continuamente se accentua com a maior segurança.

Na effectividade d'esta esmerada prova de educação, já não será provavel retrogradar.

Mas, apesar d'ella, amabilissimos leitores, como se habita ainda na actualidade, diziamos?

Salvo raras excepções, mal, muito mal.

*
* *

As leis da hygiene respigam por aqui e por acolá, como factores mais ou menos salientes da construcção dos modernos edificios em geral, quer estes sejam hospitaes, escolas, theatros, academias, ou outros que possâmos considerar publicos ou collectivos, quer apenas se destinem a casas de habitação particular, sem comtudo serem de facto absolutamente acatadas.

Admittâmos mesmo a feliz hypothese de que a louvavel pertinacia da administração publica irá até ao ponto de conseguir casas para todos com muito ar, muita luz e muita agua, prohibindo toda a habitação, antiga que não seja saneada, ou moderna que não seja salubre, para então assim termos dado sem duvida um grande passo no caminho da civilisação.

Seria tudo, benevolos leitores, seria o ideal?

Evidentemente que não. E senão vejâmos.

Onde fica a solidez, a esthetica, o confôrto?

Naturalmente, nos preceitos architecturaes; porque só por sua via poderá operar-se a revolução artistica, que de longe se vem manifestando no conjuncto e nos mais insignificantes detalhes da obra, que devidamente mereça ser considerada — habitação.

E para que assim seja, é urgentemente indispensavel que essa administração promova, de uma forma positiva, a mais vasta generalisação da educação artistica, outorgando definitivamente ao trabalhador d'essa arte, ou digâmos, ao architecto, como de ha muito e com bem fundadas razões legislou para com o medico, o direito que, paraphraseado na celebre doutrina de Monroe, se deverá internacionalisar pela divisa: «A architectura é dos architectos.»

J. Lino de Carvalho.

A MORTE DO GENERAL MARCEAU
(Quadro de Boutigny)

Mortos que vivem

Na historia, na lenda e na tradição

Caio Julio Cesar, o dictador — Sophonisba, rainha da Numidia — Carlos, o Temerario — O aventureiro de Guise — O cardeal Mazarini — O grande Moliére — O marechal de Turenne — O glorioso Marceau — O heroico almirante Nelson

tradicional commemoração dos mortos, que se celebra precisamente no dia em que este fasciculo dos *Serões* vê a luz da publicidade, dá-nos ensejo a occuparmo-nos de alguns dos *mortos que vivem*, e continuarão vivendo até á consumação dos seculos, porque pertencem á cathegoria d'aquelles

em quem poder não teve a morte

como esta o não teve tambem sobre o epico lusitano, que tão justamente soube achar no verso a formula exacta para caracterisar a immortalidade dos grandes homens do seu paiz.

Escolheremos para a nossa digressão historico-litteraria, alguns dos muitos que — por seus feitos, por seus actos de civismo, por suas acções heroicas, pelo seu proceder afóra da vulgaridade, pela influencia exercida por sua obra no desenvolvimento do progresso humano, por sua interferencia ex-

cepcional no regimento dos povos, ou por seus talentos e aptidões, a humanidade collocou acima da craveira commum, e que, portanto, apezar de mortos physicamente, vivem na historia, na lenda ou na tradição não já de seus respectivos paizes de origem, mas na de todo o agregado humano, pois que lograram uma inextinguivel reputação mundial.

A illustrar o texto vão diversas gravuras reproduzindo os quadros em que varios artistas de nome representaram as mortes de alguns dos heroes da nossa descolorida prosa, amenisando d'este modo a aridez do nosso estylo e augmentando a já numerosa collecção iconographica d'esta revista com estampas celebres e pouco conhecidas.

*

Pela ordem chronologica dos acontecimentos que a historia regista, devemos tratar em primeiro logar de Caio Julio Cesar, o dictador famoso, nascido e morto em Roma (100-44 antes de Christo). Aos 17 annos, nomeado sacerdote de Jupiter, por Mario, aprendeu na Asia a profissão das armas e voltou a Roma para exercer a advocacia, seguindo para Rhodes a aperfeiçoar-se na eloquencia com Apollonio Molon. Eleito, em 74, membro do collegio dos pontifices, não mais se poupou a esforços para se tornar util ao povo conquistando-lhe as sympathias. Foi tribuno militar, questor, edil e era pretor quando rebentou a conspiração de Catilina, em que não tomou parte directa, vendo todavia com prazer esse movimento, que facilitava o caminho para as transformações que almejava. A sorte designou-o para o governo da Hespanha, cuja provincia administrou excellentemente, tornando-a prospera, embora prosperando tambem á custa d'ella. Voltando a Roma quando Pompeu regressava da Asia, formou com elle e com Crasso o primeiro triumvirato, tendo por si o exercito e as sympathias geraes do povo romano.

A MORTE DE CESAR
(Gravura de Mocquet)

Em 60 foi nomeado consul; e viu-se então que pondo de parte o Senado, cuja hostilidade era systematica, usou dos seus direitos fazendo promulgar, com os tribunos e o povo, leis de interesse geral regulando a administração das provincias e punindo a concussão; e leis de circumstancia como a famosa lei agraria e a que ractificava os actos de Pompeu na Asia. Recebendo o encargo de ir governar as Gallias cisalpina e transalpina, partiu a assentar o seu prestigio sobre a gloria militar e as conquistas, conseguindo que a Gallia se declarasse vencida e que todas as riquezas do paiz fôssem para Roma.

A sua popularidade era cada vez maior. Assustado com ella, o Senado tirou-lhe o commando, e nomeou Pompeu para o logar de consul. E' então que Cesar marcha sobre Roma, proferindo a phrase que ficou celebre — *quem não é por mim é contra mm.* Pompeu deixou precipitadamente a Italia e partiu para o Oriente, mas Cesar, depois de submetter as legiões pompeanas da Hespanha, seguiu o rival ao Epiro e á Thessalia,

alcançando sobre elle a famosa victoria de Pharsala.

Quando reentrou em Roma foi recebido com honras de triumphador, recusando-se a recebel-as por se tratar de victorias em guerra civil. Em 48 foi proclamado dictador, titulo a que juntou o consulato, a censura, o grande pontificado e sendo declarado inviolavel. Teve honras quasi reaes, estatuas, templos e altares. No meio do apogeu da sua ambição satisfeita soube ser generoso com os inimigos, decretando a amnistia e fazendo restabelecer a estatua derrubada do seu rival Pompeu. Restituiu os direitos politicos aos filhos dos proscriptos, reduziu os direitos do Senado, restringiu a liberdade do divorcio, promulgou energicas medidas em beneficio dos pobres e das classes média e rural. Foi sua a *lex Julia municipalis*, que deu organisação uniforme aos municipios.

N'outras muitas reformas de alta transcendencia se occupava o seu espirito superior, mas tendo entendido que o mundo não deveria continuar a ser governado apenas em proveito de umas tantas familias, e sim em proveito geral, formou-se uma conspiração, sob o pretexto de restaurar a liberdade, e d'essa conspiração foi elle victima. A historia repete-se, como se vê, ao contrario do que affirmam os philosophos...

Indo ao Senado no «dia dos idos de março de 44», os conjurados rodearam-no e crivaram-no de punhaladas. Muitos o haviam já ferido quando Bruto, que Cesar enchera de favores, levantou tambem contra elle o punhal homicida. — *Pois tambem tu, amigo?* — disse-lhe Cesar; e cobrindo-se com a toga, como horrorisado com a ignominia, succumbiu aos vinte e um golpes recebidos. A historia da ingratidão humana é infinita e de todos os tempos.

•

Sophonisba, rainha da Numidia, nasceu em Carthago em 235 antes de Christo, morrendo em 203 da nossa era. O episodio da sua morte é, d'entre os muitos exemplos de amor á patria de que a historia antiga está repleta, um dos mais impressionantes.

Filha de Asdrubal, foi por seu pae educada no odio a Roma, que representava a tyrannia e a oppressão. Primeiro desposada de Masinissa, desposou por fim Syphax. Na tomada de Cirta cahiu em poder dos romanos. Masinissa, ao tempo alliado de Scipião, achava-se entre os vencedores; vendo-a, de novo se enamorou d'ella e a desposou, realisando o seu antigo sonho. Scipião exigiu de Masinissa que a esposa, na sua qualidade de vencida, figurasse na cerimonia do triumpho jungida ao seu carro de vencedor, atravez de Roma enthusiasmada com a victoria. Masinissa pretendeu reagir mas não sabia como. E' então Sophonisba quem, possuida da mais nobre indignação, propõe o desenlace. Escrava dos inimigos da sua patria, deshonrada ella e o marido, em holocausto á vaidade de Scipião, nunca! Antes a morte. E assim o propõe a Masinissa.

Quando Scipião reclama o cumprimento das clausulas do tratado de alliança (no qual Masinissa — ao tempo despeitado pelo abandono de Sophonisba, que o trocára por Syphax, — se compromettera a entregar a rainha carthagineza como captiva dos romanos), Masinissa observa-lhe que a sua promessa fôra dictada pelo despeito, mas que tendo conhecido a grandeza de alma da que é agora sua mulher, todo esse despeito desappareceu, e tanto que a desposou, sendo uma crueldade exigir que seja elle proprio que a entregue á pretendida ignominia.

Scipião mostra-se inabalavel, reclamando a entrega a bem ou a mal. Masinissa dizlhe que a entregará, desejando apenas vel-a ainda uma vez. E' então que Sophonisba lembra ao marido a morte de ambos, «esmagando ao morrerem o orgulho de Scipião».

Na tragedia de Voltaire (scena III do acto V), Sophonisba, ferida já no peito, pelo punhal, dirige-se ao esposo declarando «morrer livre, e feliz por morrer junto d'elle». Masinissa, vendo-a expirar, diz para Scipião: — «Ahi vol-a entrego, romanos; é vossa.» E arrancando o punhal do peito da esposa, crava-o no proprio peito, e cae morto amaldiçoando «quantos teem a vileza de estender aos ferros estrangeiros os seus pulsos servís».

Auctores ha que dizem ter Sophonisba morrido envenenada com uma taça de veneno que o marido lhe enviou; a scena de Voltaire póde não ser exacta mas é mais empolgante, sendo, de resto, tão verosimil uma como a outra.

*

O ultimo duque de Borgonha que a historia cognominou de Carlos, o Temerario, era filho de Philippe, o Bom, e de Izabel de Portugal. Nascera em Dijon em 1433, e morreu assassinado pelo capitão italiano Campo Basso, segundo uns, ou por Alberto Geierstein (segundo o romance de Walter Scott), em frente a Nancy, em 1477. Foi dos principes mais notaveis do seu tempo, de uma coragem inegualavel e de uma largueza de vistas excepcional em negocios da politica do seu tempo.

Quando era apenas conde de Charolais, em 1452-53, reprimiu as revoltas dos Flamengos. Depois irritado pela ingratidão de Luiz XI, filiou-se na historica liga do Bem Publico, dando ao Rei a batalha de Monthlery, em 1456, pondo cerco a Paris e obrigando o Rei a assignar os tratados de Saint-Maur e de Conflans, reconquistando as cidades de Somme, de Guines e de Boulogne-sur-Mer. Em 1467-68 recomeçou o cerco de Liege, forçando Luiz XI a assistir á execução da cidade cuja rebellião havia fomentado.

Elevado a duque de Borgonha em 1467, entregou-se á reconstituição do reino da Gallia-Belga, comprando por 50:000 florins, ao duque Segismundo de Austria, os territorios que aquella casa possuia na Alsácia, o Brisgau e as cidades chamadas das florestas. Depois deu novamente combate a Luiz XI, sendo derrotado em Beauvais em 1472. No anno immediato annexou uma parte de Gueldre e pensou na conquista da Suissa, da Lorena e da Frisia, e entrou em negociações com o imperador Frederico III para casar sua filha com Maximiliano de Austria. O imperador rompeu essas negociações e então Carlos, o Temerario, emprehendeu o cerco de Neuss, emquanto que a Alsacia, auxiliada pela Suissa, se levantava contra Hagenbach, que foi executado em 1474.

Afinal, depois de ter enchido paginas e paginas da historia do seu tempo, invadiu a Lorena com um exercito em 1477, sendo totalmente derrotado em Nancy.

O seu cadaver foi encontrado meio submergido no gelo de um ribeiro das immediações, como se vê na gravura respectiva.

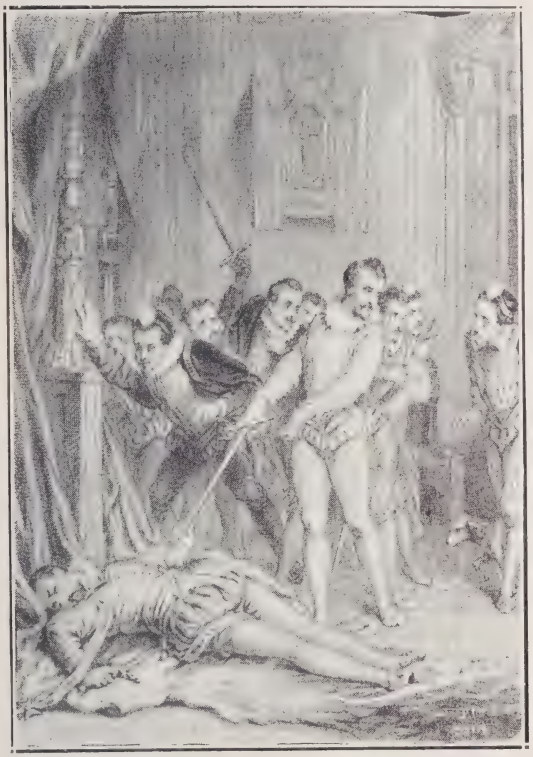
A MORTE DE CARLOS, O TEMERARIO
(Gravura de Mocquet)

*

Ficou na historia como aventureiro audacioso e extremamente popular, como seu pae, Henrique de Lorena, terceiro duque de Guise. Notabilisou-se como militar na defeza de Poitiers em 1569, contando apenas 19 annos, pois nascera em 1550. Aos 22 annos foi um dos chefes da famosa carnificina da Saint-Barthelemy, de horrivel recordação, o que lhe deu uma triste immortalidade. Ambicioso como poucos, metteu-se-lhe em cabeça explorar o descredito em que havia cahido Henrique III para se apoderar da corôa de França. O plano correu-lhe bem até certa altura, e o duque de Guise viu-se ruidosamente recebido em Paris, em 1587, depois de ter alcançado uma victoria sobre os allemães em Vimory, e

sobre os huguenotes em Anneau, isto a despeito da prohibição do rei de França.

Em 1588 o povo de Paris sublevou-se em seu favor, e o duque de Guise pretendeu apoderar-se de Henrique III, chegando a pôr cerco ao Louvre, onde o Rei se encontrava com a côrte. Henrique III conseguiu escapar da cilada, dissimulou habilmente o seu odio ao aventureiro e tendo convocado os Estados Geraes para Blois, convidou o duque de Guise a assistir ás sessões. Cégo pela audacia e forte pela sua ambição, não quiz saber se haveria outro mais audacioso do que elle, e desprezando os avisos que lhe faziam os seus partidarios foi para a reunião. Apesar de prevenido, mostrou não valer o que diz o conhecido rifão, pois *cahiu como um patinho* na cilada que os seus inimigos haviam preparado para o inutilisarem.



A MORTE DO DUQUE DE GUISE
(Gravura de Delannoy)

No momento em que ia a passar da ante-camara para o gabinete do Rei, foi assaltado pelos guardas; ainda puxou da espada para se defender, mas succumbiu aos innumeros golpes recebidos. Henrique III, sahindo do seu gabinete, *onde aguardava os acontecimentos planeados,* poude ainda presencear o estertor do seu inimigo, cujo cadaver no dia seguinte mandou queimar.

Como no famoso quadro de Delaroche, tambem na gravura junta, a figura de Henrique III, entremostrando-se com uma expressão de desejo satisfeito, é excellentemente tratada, como, de resto, o são todas as do referido quadro e as da mesma gravura.

Foi o cardeal Mazarini (Julio de nome), de origem siciliana, um dos mais notaveis estadistas do seculo XVII, cuja politica logrou dilatar a França até ao Rheno e aos Pyrenéus, salvando-a tambem de uma crise interior devéras inquietante.

Nascido nos Abruzzos, em Pescina, em 1602, veio a fallecer em Paris em 1661. Seguira primeiro a carreira das armas, e apoz os estudos feitos no collegio dos jesuitas de Roma e nas Universidades de Alcalá e de Madrid, fez a campanha de Valtelina, como capitão de infanteria de um dos regimentos pontificios. Depois abraçou a carreira diplomatica, e graças á sympathia que por elle nutriu Urbano VIII, logrou impedir que os francezes se defrontassem com os hespanhoes diante de Casal, em 1630. Apesar de não ser padre, foi enviado a Avinhão como vice-legado em 1634, e a Paris, como Nuncio Apostolico, n'esse mesmo anno. Desempenhou este ultimo cargo até 1636, passando depois ao serviço da França e do cardeal de Richelieu, que o designou como seu successor e lhe obteve o barrete cardinalico, em 1642.

De uma apparencia empolgante, sabia dissimular uma verdadeira constancia de vistas sob a mais surprehendente docilidade de caracter. Estimadissimo da rainha-regente, Anna d'Austria, cuja affeição dizem varios historiadores que *passou além das marcas,* foi por ella confirmado no cargo

de primeiro ministro em 1643, e n'esse cargo, com ligeiros intervallos, se conservou até morrer. Sustentou, graças ás espadas de Turenne e de Condé, a famosa guerra dos trinta annos e dominou a revolta de Beaufort, a chamada *fronda dos principes*, e a de Condé que deixára de submetter-se á auctoridade real. Exilado em 1651 e 1652, regressou a Paris em 1653; e consagrou-se a terminar a guerra com a Hespanha, o que conseguiu pela tomada de Barcelona, com o tratado dos Perinéus em 1659, que cedeu á França o Roussillon, o Artois, uma parte do ducado do Luxemburgo e do Hainant.

Em 1658 formou a liga do Rhodano com a Austria, e dispoz a successão da Hespanha a Luiz XII negociando-lhe o casamento com a infanta Maria Thereza. Fóra da politica, em cuja sciencia tão grande logar occupou, fez uso intelligentissimo da sua fortuna, avaliada em mais de 50 milhões, fundando o collegio das quatro nações no seu palacio, onde está hoje o Instituto de França, e doando a sua esplendida bibliotheca á cidade de Paris.

A MORTE DE MAZARINI
(Gravura de Beyer)

A gravura de Beyer, reproduz o quadro de Delaroche. No meio de um circulo brilhante de nobres e damas da côrte, uma das sobrinhas de Mazarini procura distrahil-o mostrando-lhe as cartas que tinha para elle n'uma meza de jogo collocada proximo do leito. Mazarini, moribundo, já não attende a coisa alguma, apresentando uma notavel expressão de enfado e de desanimo.

Foi tambem no seculo XVII que floresceu em França o grande actor e poeta comico Moliére. João Baptista Poquelin, que era o seu verdadeiro nome, nasceu em Paris em 1622, filho de um negociante de tapeçarias. Só tomou o nome de Moliére aos 22 annos.

Internado no collegio dos jesuitas de Clermont, só em 1636 fez, tardia mas rapidamente, os seus estudos, destinado por seu pae a substituil-o no cargo que desempenhava de particular do paço real. Aos 20 annos estreou-se no theatro da Perola, do becco do Thorigny, representando depois no Jogo da Péla de Metayer, nos fossos de Nesle. Em 1646 deixa Paris, feito director de uma companhia de actores nomadas, que durante doze annos percorreu a França inteira, dando espectaculos com peças que elle compunha. Representa *O Estouvado* em Lyon, em 1653, o *Despeito Amoroso* em Beziéres, em 1656; exhibe-se em Limoges, Toulouse, Nantes, Avinhão, Narbonne, Rouen, Grenoble, etc., e por fim representa em presença do Rei, no palacio do Louvre, em 1658.

Estabelece então residencia em Paris, como director do theatro do Petit-Bourbon, onde as *Preciosas Ridiculas*, o *Sgnarello* e outras peças lhe dão ruidoso successo. Passa depois para o theatro do Palais Royal, e em 1664 representa perante a côrte os trez primeiros actos do *Tartufo*, que seria peça

sufficiente a immortalisar-lhe o nome, quando não houvesse o *Avarento*, o *Medico á força*, a *Escola dos Maridos* e tantos outros productos do seu preclaro e inexgotavel engenho.

Morreu aos 51 annos, a 17 de fevereiro de 1673, em pleno theatro, quando desempenhava o principal personagem do seu *Doente Imaginario*, que n'esse dia tinha a quarta representação. Creador da verdadeira comedia de costumes e da comedia de caracter, a sua moral era a do bom senso e da mais sã razão, sendo portanto a sua obra eminentemente social.

•

Fecharemos estas notas historico-litterarias alludindo a trez homens de armas, trez verdadeiros heroes: Turenne, Marceau e Nelson.

Henrique de La Tour d'Auvergne, visconde de Turenne, marechal de França, nasceu em Sédan, em 1611, e falleceu no combate contra as forças de Montecuccoli, em Salzbach. Estivera nos cercos de Casal e de Spira, foi ferido em Saverne, defendeu audazmente Maubeuge, contribuiu para a tomada de Brisach, tomou Turim, fez a campanha da Baviera, levantou o cerco de Arras, tomou La Capelle e Montmédy, e com a celebre victoria das Dunas facilitou a famosa tomada de Dunherque. Na campanha destinada a proteger a Alsacia, passou o Rheno em 1674 e ahi acabou de se cobrir de gloria, glorificando o exercito do seu paiz. Na primavera de 1675 ia travar combate quando foi morto por uma bala perdida, ao tratar de reconhecer, elle proprio, a posição de uma bateria inimiga. A sua morte foi um verdadeiro luto nacional. A' sua memoria foi erguido um monumento no proprio logar onde cahiu morto, o qual se inaugurou em 1781.

A MORTE DO VISCONDE DE TURENNE
(Gravura de Lefranc)

Francisco Severino Marceau, famoso general francez, nasceu em 1769, em Chartres, e veiu a morrer aos 27 annos, em 1796, em Altenkirchen, na Allemanha. Alistado no exercito aos 16 annos, no regimento de Saboya-Carignan, chegou em breve ao posto de sargento. Em 1789 tomou parte no ataque da Bastilha, sendo nomeado capitão da guarda nacional de Chartres. No começo da campanha de 1792 era já tenente coronel do batalhão de Eure-et-Loir. Em 1793 passou á Vendéa e ahi conquistou brilhantemente o posto de general de brigada, sendo nomeado commandante em chefe do exercito de Oeste. Com 24 annos apenas, era preciso que fossem, na verdade, excepcionaes os seus meritos, e isso nos diz a historia que foram.

Foi especialmente no exercito de Sambre-e-Mosa, ás ordens de Jourdan, que se affirmaram as suas altas qualidades, quando, á frente da sua divisão, surprehendeu e tomou Coblentz. Depois de se ter apoderado de Wurtzburgo e de Limburgo, a 19 de setembro de 1795, um caçador tyrolez, emboscado por traz de uma arvore, disparou-lhe um tiro do lado direito, ferindo-o gravemen-

te. Levado para casa do governador de Altenkirchen (scena que a gravura representa), ahi expirou precisamente na occasião em que chegava, para visital-o, o archiduque Carlos com o seu brilhante estado maior.

As honras militares ao moço general foram prestadas pelos dois exercitos em lucta, durante uma propositada suspensão de hostilidades. As suas cinzas foram recolhidas n'uma urna de bronze, com esta inscripção: *Hic cineres, ubique nomen* (As cinzas estão aqui, o nome em toda a parte). Foram para França em 1889, sendo depositadas no Pantheon.

Horacio Nelson, almirante inglez, o heroe da batalha de Trafalgar, nasceu em Burnham-Thorpe, em 1757, vindo a fallecer n'aquella batalha em 1805. Alistou-se aos 12 annos de edade, attingindo o posto de tenente em 1778. Em 1794, servindo na esquadra do Mediterraneo, tomou parte nos cercos de Basti e de Calvi, onde perdeu um olho. Em 1797, já contra-almirante, dirigia a expedição contra Teneriffe, quando perdeu um braço, o direito. Nem assim abandonou a carreira militar, e logo depois de curado, fez destruir a esquadra franceza, que levava Bonaparte ao Egypto, em Aboukir, em 1798. Por este feito foi elevado a barão e a par do reino.

Em 1805, a armada do seu commando destruiu e venceu a armada franco-hespanhola, mas ahi foi mortalmente ferido por uma bala. Foi para Inglaterra um luto nacional, porque Nelson fôra um verdadeiro heroe.

O heroico marinheiro exhalou o derradeiro alento na camara do *Victory*, que era o navio chefe da esquadra ingleza.

ARTHUR BELMONTE.

QUADRAS

Os teus olhos, vou jurar,
Não estão na graça de Deus,
Pois só d'um dia os olhar
Levaram presos os meus.

Prende a justiça o ladrão
Por uma coisa de nada;
Tu roubaste um coração
E vives tão descançada!

Se tambem mata por fim
O amor que faz soffrer,
Vem despedir-te de mim
Que devo estar a morrer.

Chamas-me tonto a brincar,
Mas é verdade, acertaste.
Eu nem já tenho pensar,
Todo o que tinha levaste.

De coisas d'astronomia
Não preciso saber mais:
Mal te vejo nasce o dia,
E' noite quando te vaes.

Aspiraste com delicia
A brisa que hontem correu;
Ai! quem me dera a caricia
Que o vento nem percebeu!

LUIZ SOARES.

O casamento nos diversos povos e perante a historia

(Continuação)

XXII

Assim, em Roma, a mulher pertence á familia e não á cidade, tem sempre um senhor ou tutor — o pae, quando solteira, o marido quando casada, o mais proximo agnado varão quando viuva. Em Roma, se a mulher obtém alguma parte da herança de seu pae ou de seu esposo, não pode, excepto as vestaes *(in honorem sacerdotis)*, alienar ou legar sem consentimento dos tutores, interessados na herança.

Podia tambem o tutor oppôr-se ao casamento ordinario *(caemptio* ou *cohabitatio)*. Só o pae, porém, negando o consentimento, podia impedir o matrimonio solenne *(confarreatio)*, e este nunca podia dar-se entre um plebeu e uma patricia.

Outra consequencia da falta de personalidade juridica da mulher, em Roma, era a de não poder conferir direitos. O parentesco por ella estabelecido não tinha effeitos civis.

A romana não levava comsigo pelo casamento os deuses do lar paterno. Outra familia, outros deuses.

Era no emtanto muito respeitada a mulher, entre os romanos, qualquer que fôsse o seu estado. O matrimonio era sagrado e monógamo. Ninguem disputava á mulher o seu logar na familia. Este principio, primeiro accommodaticio, depois, pelo habito, tornado moral, já o receberam os romanos dos gregos.

Como o pae, a mãe celebrava os ritos sagrados no altar dos Penates. Só a mulher casada tinha, em Roma, o direito de trazer pelas ruas a *stola,* amplo e grave manto que lhe cobria as formas e que dando a conhecer a matrona lhe assegurava o respeito público. Não era já a mulher grega, occultada de todo, mas a mulher moralmente superior, a educadora dos filhos, a sacerdotiza, a companheira trabalhadora do marido.

XXIII

A principio o direito de vida e de morte concedido ao espôso sobre a mulher era só para o matrimonio por *confarreatio,* não tratando a lei do casamento dos plebeus. E' interessante o cerimonial symbolico:

Depois que a noiva provava o *far,* passava sob o jugo do arado, punha o *asse* na balança, sobre os Penates, n'um umbral da casa conjugal, e depois de haver pronunciado a fórmula *Ubi tu Caius et ego Caia,* ficava sob o poder do marido *(in*

manu mariti), e o seu dote como a sua pessôa passavam a ser propriedade do espôso. A lei das *Doze Tábuas* concedeu o mesmo direito ao matrimonio plebeu quando houvesse durado ininterruptamente um anno.

Em caso de divorcio, o marido conservava o dote. Mas nos tempos da austeridade moral romana o divorcio foi desconhecido, e só mais tarde é que se erigiu o templo ao Pudor, cujas portas se fechavam para a mulher binuba.

A esterilidade, porém, fez do divorcio uma necessidade. Era preciso dar cidadãos para defesa da patria e manter a perpetuidade da familia.

XXIV

A civilisação romana explica-se pelo *Familismo,* o que quer dizer que as qualidades moraes da mulher na familia foram um factor, aliás importante, d'essa civilisação do occidente da Eurasia, nascida na peninsula italica e que caracterisa, com os elementos germanico e christão, a civilisação contemporanea.

Muitos foram, como já dissemos, os povos que habitaram a Italia antiga. Esses italiotas, esparsos pelos valles da peninsula italica, grupados em familias patriarchaes e não em grupos cantonaes, explicam a perduração do patrio poder e as conquistas do direito civil, primeiro, e depois do direito público, d'onde irradia a concepção moderna da liberdade da consciencia, depois da revolução de Luthero.

A difficuldade da conquista na Italia explica o apparecimento do direito familiar e civil. As várias tribus defendidas por valles, não se podendo conquistar, transigiam em contratos bilateraes. Estes fixaram-se em principios. Foi o primeiro direito. Só uma auctoridade existia e perdurava, a do chefe *(caput).* D'elle derivava todo o poder — a capacidade civil. A mulher, a dominada, não tinha fôrças para se impôr; as imposições eram de tribu para tribu.

As guerras davam-se, é certo, mas restrictas, pela devastação *(populatio)* na conquista do *ager.* O *populus,* nome de que os romanos tanto se orgulhavam, o agente de devastação na conquista do *ager,* foi creando as classes, os clientes e os escravos. Estes foram o nucleo da reacção que começou a caracterisar-se em Servio Tullio. A plebe reivindica direitos; mas a mulher, patricia ou plebêa, fica sempre *in manu mariti.*

XXV

O dualismo romano caracterisa-se nos cidadãos *optimo jure* e *minuto jure,* nas classes pelo *populus* e *plebs,* no parentesco por *agnatio* e *cognatio,* no casamento por *justae nupciae* e *concubinatus,* na propriedade pelo *dominium ex jure quiritum* e *dominium in bonis,* nas fórmulas do direito pelo *jus civile* e *aequitas.*

Quando as fórmulas austeras do direito civil, originado nos contratos, foram evoluindo pela complexidade das relações sociaes e pelas conquistas da plebe, a equidade substituiu-se ao *strictum jus.*

O Familismo não chega a perder-se nunca, persiste nos agrupamentos — *Clanb, Bando, Sept ou Rancho.*

E' sempre em volta da primitiva idéa do chefe de familia *(Caput)* que se organisa a sociedade romana, *Capacidade* juridica representa os direitos do cidadão; do Capitolio (ainda a *Caput)* irradia a civilisação romana para o mundo conhecido.

Os Reis, em Roma, são representantes do patriarchado; e só mais tarde a absorpção da fôrça centralisada, já tentada por Tarquinio Soberbo, é que havia de tornar a realeza hereditaria.

A posição subalterna da mulher, em Roma, vem do interesse maximo da conservação da familia, que se julgou só garantida pelo poder do Chefe.

Mas a familia aristocratica ia desapparecendo pelas leis biologicas, e o individualismo da mulher ficava, cada vez mais fixo, nas suas funcções indeclinaveis. D'este individualismo havia de sahir a familia organica. Mas no nosso tempo ainda a influencia da politica deixa ao abandôno o lar, como na Grecia, e ainda hoje as tradições do civilismo romano negam á familia o carácter de sociedade organica e fundamental, base dos agrupamentos confederaveis na unidade geral da especie. Os sentimentos de humanidade do nosso tempo indicam já este estado de integração humana.

(Continúa.)

CARNEIRO DE MOURA.

A comedia e o drama actuaes na Italia

I

Giuseppe Giacosa

Marquez de Capranica — Alberti — Ferrari — Colucci — Gualtieri — Bersezio — Righetti — Uda — Leopoldo Marenco — Cossa — Costetti — Gargiolli — Trèves — Ancona Bettoli — Giovagnoli — Os dois Praga — «Mulher ideal» — Verga — «Cavallaria rusticana» — «La lupa» — Cavalloti — Pratesi — Torelli — Galati — Giacosa — «Tristes amores» — «Como as folhas...»

E' curioso estudar e analysar as obras de theatro, que desempenharam papel preponderante nos acontecimentos politicos da Italia, na segunda metade do seculo XIX.

Na noite em que se representava o drama do marquez de Capranica (Luigi), *Francesco Ferraro*, rebentou a revolução em Roma, em 1848. Foi esta peça que deu origem ás primeiras manifestações populares; alguns dias depois, o papa fugia para Gaeta. O marquez de Capranica, poeta e romancista, nasceu em Roma, em 1821. Alistado em 1844 na guarda nobre de Pio IX, fez representar, em 1847, *A conjuração de Fiesco*. Tendo sido dissolvida a guarda nobre, o marquez de Capranica vestiu o uniforme de guarda nacional, com o qual serviu durante o cêrco de Roma, effectuado pelo general Oudinot. Encarcerado, depois expulso no regresso de Pio IX, foi residir para Veneza, e fixou-se em Milão depois da paz de Villafranca. O mallôgro de um dos seus dramas, *Vittoria Accoramboni*, levou-o a experimentar o romance historico. N'esse genero publicou: *João dos Bandos-negros* (1858); *A conspiração de Brescia* (1858); *Fra Paolo Sarpi* (1859); *Mascaras religiosas* (1860); *Donna Olimpia Panfili* (1861); *A Condessa de Melzo* (1863).

Luigi Alberti, auctor de grande numero de comedias, com graça e movimento, taes como: *Valentino Carrera, Pedro ou a Nova familia, Uma esposa nova não deve ser contrariada, A rapariga asizada* (1871), *A condessa de Santafiore* (1884), nasceu em Florença, em 1822, e morreu n'essa mesma cidade, em 1895. Exerceu grande influencia no theatro do seu tempo.

Paulo Ferrari foi simultaneamente critico e auctor dramatico. Nasceu em Modena em 1822. Publicou: *Goldoni e as suas dezaseis comedias novas; Parini e as suas satiras.* Os seus maiores triumphos, obteve-os, comtudo, como auctor dramatico. Além da *Poltrona storica*, obra da juventude, fez representar mais as comedias: *Dante em Verona. A cura de uma doente nova, Os amigos rivaes, Causas e effeitos, O ridiculo, A gente séria.* Estas ultimas outorgaram-lhe foros de ser um dos melhores comediógraphos contemporaneos. São d'elle tambem os dramas: *O duello* e *O suicidio.*

Raffaele Colucci foi dotado de extrema fecundidade. Nasceu em Napoles em 1825. Collaborou em diversos jornaes e revistas, escreveu grande numero de comedias, de dramas, de bailados, que, na maior parte, triumpharam. Publicou tambem romances e impressões de viagem. Entre os seus dramas, convem citar: *Elisabetta Sirani* (1848);

Luisa San Felice (1861); *Alamanna* (1865); *A filha de Ribera* (1867), etc., e entre as suas comedias: *Leviandade* (1855); *O dia immediato a uma revolução* (1862); *A corrente* (1872).

Luigi Gualtieri tornou-se tão celebre no theatro como no romance. Nasceu em Bolonha em 1825. Estreou-se com *Os mysterios de Italia* (1849), composição de um romantismo descabellado. Depois publicou: *O inominado* (1857); *Amor e Fidelidade; La Serpe dos Visconti* (1861); *Memorias de Ugo Bassi; Deus e o homem* (1864); *Os Chumbos de Venesa* (1864); *O ultimo papa* (1865); *O Nazareno* (1868); *A amazona* (1869); *A vida romana* (1870). Entre as suas peças de theatro citam-se como as melhores: *Silvio Pellico, Os Carbonarios, Daniel Manin, A força da consciencia, O duello, Amos e creados.*

TESTONI

Vittorio Bersezio nasceu em Coni em 1830, tomou parte no movimento liberal de 1847 e fez, em 1848, com os estudantes, a campanha da Lombardia. Redactor litterario da «Gazeta Piemonteza», escreveu em muitos jornaes e revistas; entre outras, no «O espero», onde appareceram os seus *Perfis politicos.* No theatro, fez representar um drama: *Mica d'Andormo;* uma tragedia: *Romulus; As paschoas de Verona, Os supplicantes, A violencia procede sempre mal,* uma das suas melhores comedias; *Monsu Travet,* a mais popular das suas peças. Como romancista, citam-se d'elle: *A familia, o amor da patria, Palmira, Pobre Joanna.* Deve-se-lhe tambem: *O reinado de Victor Manuel II* e *Trinta annos de vida italiana.*

Carlos Righetti, mais conhecido pelo pseudonymo de Cletto Arrighi, nasceu em Milão em 1830. Fez a campanha de 1848 como tenente de dragões, pediu a demissão depois da batalha de Novara e tomou assento no parlamento italiano como deputado por Guastalla. Abandonando a politica pela litteratura, redigiu a «Chronica parda», publicação satirica. Deve principalmente a sua fama ás scenas da vida lombarda, esboçadas com esfusiante vivacidade nos seus romances, novellas e peças: *A Condessa de Guastalla, As memorias de um ex-republicano, O diabo vermelho, Os quatro amores de Claudia,* etc.

Miguel Uda nasceu em Cagliari, Sardenha, em 1830. As suas primeiras peças, *Os amantes da viuva,* comedia bastante espirituosa, *Mascara e rosto, Amante e mãe, Na mortalha* e *O operario e sua familia,* dramas, foram escriptos para uma companhia ambulante que elle acompanhava. Foi em Milão que Uda fez representar a sua melhor peça, *Os renegados* (1858), comedia brilhante de espirito e de observação, pintura viva da sociedade da época. Depois só publicou romances. Citaremos: *Um pobre diabo, De Herodes para Pilatos* e *Mestre Cornelio.* Redigiu o folhetim de critica de theatro no «Pungolo» e na «Revista Nuova».

Leopoldo Marenco nasceu em Ceva, em 1831. E' auctor de uma tragedia applaudida, *Isabel Orsini,* e, depois de ter abandonado uma cadeira na universidade de Milão (1864-1871), entregou-se completamente á litteratura. Confirmaram a sua fama tres peças de theatro: *Picarda Donati, Saffo* e *Speronella.* Publicou tambem pequenos poemas e algumas comedias: *Un malo esempio in famiglia, Leiture ed esempi, Lo spiritismo, Supplicio di Tantalo, Gli amori del nonno,* etc.

Chegamos agora ao mais pujante escriptor dramatico da Italia no seculo XIX, a Pedro Cossa. Nasceu em Roma em 1834 e morreu em Leorne em 1881. Foi um reformador do theatro italiano. Desempenhou durante algum tempo o cargo de professor de litteratura no Instituto technico de Roma. Entre as suas obras, notaveis pela largueza da observação, vigor do estylo, sentimento

delicado da cadencia, liberdade de modos shaksperianos, citaremos: *Nero*, *Cola de Rienzo*, *Julião o Apóstata*, *Messalina*, *Cleopatra*, *Os Borgia*, *Cecilia*, *Os napolitanos em 1799* (1880), etc.

Giuseppe Costetti nasceu em Bolonha, em 1834. Representaram-se um grande numero de peças suas. Citaremos algumas: *O filho de familia* (1863); *Os intolerantes* (1865); *O dever* (1866); *A avareza* (1867); *Os devassos ciumentos* (1870); *As compensações* (1874); *Plebe dourada* (1876). Todas as peças de Costetti estão cheias de rasgos de observação, de bom humor e de fina alegria. Escreveu mais as *Confissões de um auctor dramatico* (1873) e reuniu com o titulo de *Figurinhas do theatro* (1878) os artigos de critica mordaz publicados por elle no «Fanfulla» e no «Bersagliere».

Valentim Carrera estreou-se no theatro, em 1859, com uma comedia, *A loteria*, que obteve algum exito, e escreveu depois: *Dom Girella* (1862); *O incubo*, *O conde Orazio*, dramas fantasticos; *Trabalha tu que Deus te ajudará*, proverbio; *O quaterno de Nanni*, uma das suas peças que tiveram maior somma de representações (1870); *O A B C* (1873); *Scarabocchio* (1876); *Theatro nacional na Italia e em Hespanha* (1883); etc. Escreveu mais, n'outro genero, *Capital e mão de obra* (1872), obra de economia social de um certo valor. Nascera em Turim em 1834.

LUCIO D'AMBRA

Valentim teve um irmão, Quintino Carrera, nascido tambem em Turim, em 1842, que escreveu algumas peças escriptas em dialecto piemontez, taes como: *I Pensionarjd' Monsii Neirol*; *Gl'Impegnus*; *El lunes*; *Le Occasioni*.

Conrado Gargiolli nasceu em Fivizzano em 1834. Compoz um ensaio dramatico, *Mario e os cimbros* (1858), depois um *Estudo sobre as poesias nacionaes* (1859). Nicolini, com o qual se ligara estreitamente, encarregou-o, perto da morte, de publicar uma edição completa das suas obras Gargiolli consagrou varios annos da sua vida a esta edição, que enriqueceu de prefacios e de commentarios. Além d'estes trabalhos publicou: *Da aurora ao poente*, collecção de poesias lyricas (1873); *Fernando e Gisella*, poema (1875); *Ensaio sobre a vida e as obras de Vincenzo Gioberti* (1876); *Litteratura e arte dramatica* (1877); Introducção *ao estudo da litteratura italiana* (1879), etc.

Emilio Trèves, nascido em Trieste, em 1834, mais tarde editor afamado, principiou a sua carreira no theatro. Escreveu um primeiro drama, *Riqueza e miseria*, que foi representado no theatro Philodramatico, de Trieste, obtendo excellente exito. Escreveu depois outro, o *Duque de Enghien*, mas esse foi interdicto pela censura austriaca.

Não é como dramaturgo que figura n'este estudo Alexandre d'Ancona, nascido em Pisa, em 1835. Tomou parte activa no movimento que preparou a unidade da Italia, assumiu, em 1859, a direcção do jornal «La Nazione», proveram-no, em 1860, n'uma cadeira de litteratura na universidade de Pisa. Além da publicação de um grande numero de textos, deve-se a Ancona: *As representações dramaticas sacras nos seculos XIV XV e XVI* (Florença, 1872); *O mestre de Petrarca* (1874); *Os precursores do Dante* (1874); *As origens do theatro em Italia* (1878); *Estudos sobre a litteratura italiana dos primeiros seculos*.

Parmenio Bettoli nasceu em Parma, em 1835. Estreou-se na sua carreira theatral com um drama, *O Pintor* (1853), depois fez representar um grande numero de comedias, entre as quaes, *Bocacio em Napoles* (1865) e *Um gerente responsavel* (1868), passam pelas melhores. São producções cheias de bom humor e de alegria. Deve-se-lhe tambem um grande numero de romances.

Raphael Giovagnoli nasceu em Roma, em 1838. Foi presidente da sociedade dos auctores dramaticos e professor de historia na universidade de Roma. Escreveu as comedias: *A viuva de Putiphar* e *Natalina*. Além d'estas producções para o theatro tentou fazer resurgir o romance historico, baseando-o n'um estudo mais profundado dos factos e das personagens postas em scena. O brilhante exito do seu *Spartaco* (1874) póde fazer acreditar um instante no bom exito da sua tentativa, mas os seus outros romances, tirados da historia romana ou medieval, não passam de reconstituições historicas sem valor e sem vida. D'entre esses citaremos: *Plantilla, Saturnino, Faustina, A guerra social, Aquilonia, Messalina;* um livro de versos *Peccata juventutis,* e estudos de litteratura e arte.

Emilio Praga nasceu na Lombardia, em 1839, e finou-se em Milão em 1875. Cultivou primeiro a pintura e ao mesmo tempo a poesia, e publicou, em 1862, uma collecção de versos, *Tavolozza,* onde se encontra muita frescura e sentimento. Pouco depois, deu a publico *Penumbra,* em que se revela naturalista (1864); mais publicou poesias sobre lendas da Idade-Média: *Fiabe e leggende* (1867); comedias: *Le madri galanti,* de collaboração com A. Boito; *Il capolavoro d'Orlando,* e uma scena dramatica: *Il fantasma.* Durante os dez ultimos annos da sua vida, foi professor no conservatorio de Milão.

Marco Praga, filho do precedente, nasceu em Milão em 1862. O seu drama *Le Vergini,* tem no assumpto certa analogia com as *Demi-Vierges,* do escriptor francez Marcel Prévost. A sua *Moglie Ideale* é tambem uma sátira amarga da moral burgueza. As suas primeiras obras, compostas no espirito do theatro naturalista francez, patenteiam um talento sombrío e inimigo das fórmulas já feitas. As obras que publicou depois são menos originaes. Citaremos: *L'innamorata, Alleluia, L'Erede, La morale della favola, L'atto unico* e *L'ondina,* que obtiveram menos exito.

Que levou Marco Praga, auctor applaudido, laureado, a escrever a *Mulher ideal*? (1) Copiou do natural a protagonista da peça? E' um caso pathologico que estudou e realizou no tablado? E' um simples producto do meio ou da sua fantasia? Ironia acerba, vingança de alguma infelicidade soffrida, desejo de crear um papel especial para uma artista privilegiada, capricho de um cérebro pujante, seja o que fôr, a peça foi discutida, deu que falar de si, e já não é pequeno merito obter tal resultado.

Eis o seu entrecho.

Julia Campiani, mulher do advogado André Campiani, divide o coração e o corpo, em parcellas perfeitamente iguaes entre o marido e o amante, Gustavo Velati, tambem advogado. O adulterio para essa mulher, que nenhuma paixão defende, que nenhum vicio instiga, é um acto naturalissimo. Ama o marido e acaricia-o, porque é bom e pae do seu filho; dá-se ao amante porque gosta d'elle, porque... porque... nem ella propria o explica. O amante, porém, enfastia-se, quer abandoná-la, pretexta para isso remorsos. Julia não se conforma com essa resolução. Sente-se bem entre os dois homens e quer conservar ambos. E' uma doente? E' uma devassa? Nenhuma das duas coisas. E' uma inconsciente dos deveres que o casamento representa, um caracter frívolo sem sentimento, nem honra, nem pundonor. E' uma anormal, uma quasi aberração do seu sexo. Deshonra-se a si e deshonra o marido, sem vicio, sem amor na acepção sublime do termo, sem sequer ceder a um aguilhão irreprimivel da carne. Tem um amante e quer que elle não lhe fuja, exactamente como uma criança insiste em prender e atormentar um cãosito que pretende escapar-se-lhe.

A peça é essencialmente realista, cruamente demolidora, não porque contenha scenas equívocas ou phrases que não se possam ouvir, longe d'isso, mas porque põe a nú a alma de uma criatura que, por honra do seu sexo, não existe completamente assim, tão banalmente perversa, tão inteiriçamente despida de escrúpulos. Mas se a *Mulher ideal* não prima pela defesa de principios, nem de doutrinas medianamente moraes, é, theatralmente falando, bem feita. O final do segundo acto é um primor de observação e de novidade em comedia. Se não perpassam pelos seus tres actos nenhum sentimento consolador, nenhuma idéa levantada; se de principio a fim o realismo ironico, zombeteiro, acerado como um bisturí cheio de pús nos

(1) A *Mulher ideal* foi representada em Lisboa, no theatro D. Amelia, hoje da Republica, pela companhia italiana da actriz Tina di Lorenzo, em 30 de abril de 1909.

fere; se o comediógrapho se compraz em amesquinhar na mulher o que ella tem de mais nobre, mesmo quando desce muito — o coração —, revela, comtudo, no decorrer da acção, um talento superior, uma graça amarga, mas de bom quilate, um intenso sôpro de philosophia e de fundo conhecimento das podridões da humanidade.

Giovanni Verga nasceu em Catanea, em 1840. Foi na Italia um dos primeiros representantes da escola naturalista. O seu estylo possue singulares qualidades de vigor e de sinceridade, sobretudo na parte da sua obra em que descreve os costumes e analysa a alma dos camponezes sicilianos. Mas os seus romances peccam pela intriga, arrastada e confusa. No theatro, menos feliz que no romance, tornou-se celebre a *Cavallaria rusticana*, libretto e drama extrahidos de uma das suas novellas. Os seus principaes romances são: *Storia de uma capinera; Eva* (1873); *Medda* (1874); *Tigre reale; Primavera; Eros* (1875); *Vita dei campi* (1880); *I malavoglia* (1881); *Il marito d'Elena* (1882); *Novela rusticana; Per le vie* (1883); *Drammi intimi* (1884); *Vagalondaggio* (1887); *Mastro don Gesualdo* (1889); *Don Candeloro e campagni* (1894); *I ricordi del Capitano d'Arce* (1895).

S. LOPEZ

O drama, tão conhecido, intitulado *Cavallaria rusticana* é sombrio, pathetico e rapido. A acção passa-se na Sicilia. O camponez Turridu, de volta á sua aldeia encontra a sua namorada, Lola, casada com o carreteiro Alfio. Seduz uma rapariga Santuzza, promettendo-lhe casamento. Mas Lola, garrida e ciumenta, atrae-o e toma para amante o seu antigo noivo. Santuzza esforça-se por desligar Turridu de Lola, e, não podendo conseguí-lo, revela a Alfio a infidelidade da mulher. Os dois homens desafiam-se e, n'um duello á faca, Turridu é morto por Alfio. Sobre este episodio escreveram Targioni Fozzeli e Menasci um libreto em um acto e dois quadros, e Pietro Mascagni a partitura de um drama lyrico A musica contêm banalidades, mas tambem paginas bem achadas.

E' tambem de Giovanni Verga a peça em dois actos *La lupa* (1). E' uma tragedia a valer, cruel, aspera, terrivel. Gualia Pina, *a loba*, é amante do marido de sua filha Maria. O viver d'esta familia é um horror de ciumes e de desespero. O genro, n'um momento de ira, incitado pela propria sogra, com quem atraiçoa a mulher, mata aquella n'um accesso de ira.

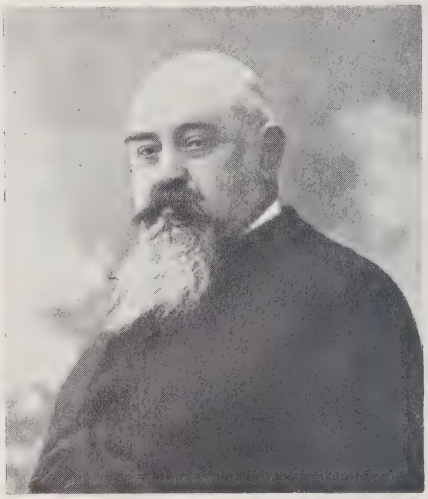
Felix Carlos Emmanuel Cavallotti nasceu em Milão, em 1842, e foi morto em duello, em Roma, em 1898. Em 1860 fez parte dos *Mil* de Garibaldi. Em 1867 e 1868 publicou diversas poesias patrioticas, mas revolucionarias, *A ode a Prati, O dia do Estatuto, A ballada de Mentana*, que o obrigaram a um exilio voluntario de dois annos, e que mais tarde lhe valeram até a prisão (1870). Dedicou-se então ao theatro. O seu primeiro drama *I pezzenti*, representado em Milão, em 1871, alcançou um grande exito; poz em scena, em seguida, *Guido* (1872); depois *Agnese* (1872), e por-fim *Alcibiades* (1874), a sua obra prima e uma das melhores peças do theatro italiano contemporaneo. Em 1871 elegeram-no deputado e tornou-se um dos chefes do partido avançado, o que não o impediu de continuar nos seus triumphos de auctor dramatico. O publico applaudiu-lhe *Manzoni*, comedia historica (1874), *Emmanuel* (1874), *Os messenios* (1875). Deve-se-lhe além d'isso uma traducção italiana dos *Fragmentos*, de Tyrteu; *O cantico dos canticos* (1882); *A mulher de Menécles* (1882) comedia; *Lua de*

(1) Foi representada, em Lisboa, no theatro D. Amelia, pela companhia siciliana de Mimi Aguglia, em 21 de dezembro de 1909.

Mel (1883); *Vicareto* (1885), comedia; *A rosa branca* (1886), etc. O adversario que teve a infelicidade de o matar, Ferrucio Macola, deputado e director da «Gazetta di Venezia», suicidou-se em 1910, melancolico e desilludido da vida.

Mario Patresco, auctor da comedia *La crisi*, nasceu em Santa Fiora, Toscana, em 1842. Foi um enthusiasta da escola de Manzoni, mas não desdenhava de observar de perto a natureza e pintar seres triviaes e vulgares. Os seus melhores romances são: *Jacopo e Marianna, Belisario, Um vagabundo, Um corvo tra i selvaggi, In provinci, Novelle e bozzeti, Le perfide del caso, Il peccato del dottoro* e *A dama do minuete*. Escreveu mais: *Figure e poesi d'Italia*.

Achilles Torelli, ainda ha pouco tempo administrador do theatro San Carlo, em Napoles, nasceu n'esta cidade em 1844. Quasi ao sahir da escola, escreveu a sua primeira peça de theatro, *Depois da morte*, comedia representada primeiro em Napoles e mais tarde em Turim, em 1861. Fez representar em seguida *No tempo de Giugillino* (1861); *Antes de nascer* (1862); *O preceptor do rei* (1863), refeita por elle decorridos tempos com o titulo *Uma côrte no seculo XVII; A missão da mulher; A verdade; As pessoas honestas* (1867); *A esposa* (1870); *A rapariga* (1873); *Scrollina* (1870).



GIUSEPPE GIACOSA

Domenico Galati nasceu em Palermo em 1840. A sua primeira obra, uma comedia em verso, *Stefania*, triumphou (1866). Galati fez em seguida representar, em Florença, *Elisabetta* (1869) no Grande Theatro de Varsovia, *Joanna*, drama em cinco actos, traduzido para polaco; outro drama seu, *Paolo*, foi representado em Paris e em Londres por uma companhia italiana (1869). São tambem de Galati: *Desde Sedan* (1874), estudos sympathicos sobre a França, e os *Homens do meu tempo* (1879), collecção de reminiscencias pessoaes ácêrca dos contemporaneos com quem conviveu nas suas viagens pela Polonia, Russia e França.

Giuseppe Giacosa, um dos mais notaveis dramaturgos modernos da Italia, nasceu em Collereto-Parella, Piemonte, em 1847. Estreou-se no theatro de Turim com um proverbio: *A cão que lambe cinzas não dês farinha a guardar* (1872). A este trabalho seguiram-se: *Historia velha*, comedia (1872); *A partida de xadrez* (1873); *Negocios de banco* (1875); *Os filhos do marquez, Arthur*, e *Victoria de amor*, comedia; *Teresa, O marido amante de sua mulher; Os irmãos de armas; O conde Rosso* (1880). Duas das suas peças, *Tristes amores* (1887) e *Como as folhas* (1909) foram traduzidas em francez e representadas a primeira no Vaudeville, de Paris, em 1893, com o titulo *La provinciale*, e a segunda, com o mesmo titulo, no Odéon. Um dos seus dramas tambem foi traduzido para francez, com o titulo de *La dame de Challant* e representada em Nova York.

Os *Tristes amores* desenrolam o seguinte entrecho:

Um advogado de uma cidade provinciana, Julio Scarli, é casado. Sua mulher Emma, deu-lhe uma filha, Gemma, creança adoravel. Julio é uma santa e generosa alma. Admitte no seu escriptorio um advogado joven, Fabricio Arcieri, filho do conde Arcieri, jogador, falsificador, um fidalgo que, sumida a sua riqueza, vive de expedientes. Fabricio em recompensa da magnanima e fraternal hospitalidade, seduz-lhe a mulher. Commettido o adulterio, Emma não conta mais um dia de felicidade. Os seus amores são tristes como o crime que ella praticou. O pae de Fabricio falsifica a assignatura de Julio. Para se salvar só encontra um recurso: casar o filho, Fabricio, com a filha de um ricaço. Conhece os amores d'este com Emma. Apparece em casa da desventurada

e consegue que ella lhe prometta, depois de a ter intimidado «com palavras polidas e olhares ultrajantes» a convencer Fabricio a que realize o enlace projectado. Emma promette-lhe tudo. Um acaso, um episodio comico de um duello em perspectiva com o procurador Ranetti, revela ao advogado Julio a falsificação da sua assignatura pelo conde Arcieri. Cheio de generosidade, Julio quer livrar Fabricio, o seu hospede, o seu amigo, mas tambem o seductor de sua mulher, o que o advogado ainda ignora, da vergonha, do escandalo que vae causar o delicto do pae. Fabricio recusa esse acto de suprema longanimidade da parte de um homem a quem offendera tão gravemente. Julio na melhor das intenções appella para a mulher para o auxiliar, para o ajudar a convencer Fabricio. A discussão acalora-se. Uma phrase de Fabricio lança as suspeitas no espirito de Julio. A luz faz-se completamente. O amigo bom, a alma sublime, o chefe que não vê outra coisa senão a familia, mede de repente o abysmo que se lhe abrira aos pés. Fabricio é expulso da casa que maculou. O advogado resolve sahir com a filha para deixar tempo á adultera para abandonar o lar manchado. Na verdade apenas os dois desapparecem entram Fabricio e Emma para partirem. A esposa criminosa, principal victima do proprio crime, vae para fugir quando se lhe depara a boneca com que a filha costuma brincar. O infantil objecto patenteia-lhe n'um relampago toda a abjecção do seu proceder. O amor de mãe empolga-a. E a revolução que se opera na sua alma é tão funda, apesar de instantanea, que nem sequer permitte que o amante lhe aperte a mão. Emma atira-se para cima de um sofá soluçante, a filha, de regresso, enlaça-a n'um amplexo carinhoso. Abraçadas ambas, surge então o marido que diz para a desditosa:

— Ficaremos ligados durante a vida para um unico designio, para a felicidade de Gemma. Para nada mais. O meu tempo era absorvido pelo trabalho. Não pensei que me pudessem enganar. Volto para o meu escriptorio. E' ali o meu posto de honra.

A peça é boa. Surgem aqui e ali laivos de combatividade. A lucta do trabalho honesto e generoso, em contraste com a ociosidade, com as taras hereditarias da nobreza ufana da honra dos brasões e sem nenhuns escrupulos de consciencia, resalta com magistral brilho. Tem scenas soberbas de sentimento e de theatralidade. O final do segundo acto é uma obra de pujante e logico desenho.

Vejamos agora o que é a peça *Como as folhas:*

João Roselle, commerciante, homem de negocios, é mal succedido nos seus emprehendimentos. E' um caracter honesto. Pagou aos credores, e, arruinado, parte com a familia para Genova, para casa de seu primo Maximo. A familia de Roselle compõe-se de sua mulher Julia, com quem casou em segundas nupcias, e de dois filhos do primeiro enlace, Tommy e Nennele. O filho e a mulher não se adaptam ao novo modo de vida. Tommy é incapaz de trabalhar; casa com uma mulher madura e enriquecida pelos numerosos amantes. Julia, mulher frívola e leviana, namora um pintor; Julia gasta, rouba até o dinheiro do governo da casa. Nennele quiz primeiro dar lições, mister para o qual a sua educação anterior não a preparou, mas que no emtanto ella exerce com uma certa coragem; contristada, porém, com a partida do irmão e com o procedimento da madrasta, pensa em se suicidar. E' uma familia inteira a escorregar para a decadencia, para o aniquilamento, por falta de vontade, por não se submetter ás exigencias da pobreza. E' levada... como as folhas, ao sabor do vento. O amor, entretanto, intervem na pessoa do primo Maximo, que ama Nennelle. No momento em que a pobre rapariga se prepara para se suicidar, encontra o pae que trabalha e descobre, na sombra do jardim, o primo Maximo, que está ahi para a dissuadir. Nennele renuncía aos seus sinistros projectos, e o espectador fica crente que o bom primo, que tem força de vontade, conseguirá restituir a esta familia desamparada a calma e a felicidade.

Estas duas comedias foram ambas representadas em Lisboa e a segunda mais de uma vez. *Como as folhas* subiu á scena no theatro D. Amelia em 21 de março de 1907, desempenhada pela companhia de Tina di Lorenzo. O papel da protagonista foi magistralmente interpretado pela formosa artista italiana. A comedia *Os tristes amores* foi representada pela mesma actriz e a sua companhia, em 19 de abril de 1909, e depois, a 3 de maio de 1910, por Ermete Zacconi.

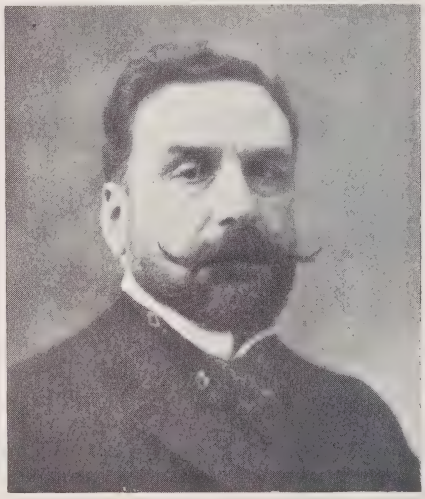
II

Dramaturgos italianos contemporaneos

Cammarano — Gallina — De Sanctis — Rovetta — Traversi — Giacomo — Gabriel d'Annunzio — «Citá Morta» — «Filha de Jorio» — «Gioconda» — «Maternitá» — «Infedele» — Bracco — Chiavis — Contri — Valente — Zamboni.

Ao esboçar uma rapida noticia ácerca dos dramaturgos italianos contemporaneos, seria injustiça esquecer Salvator Cammarano, o melhor *libretista* da Italia dapois de Felix Romani. Nasceu em Napoles e finou-se em 1852. Compoz um numero quasi incalculavel de poemas, melodramas e operas. Os seus melhores trabalhos são os librettos de: *Lucia de Lammermoor, Maria de Rohan, La vestale, Sapho* e *Il trovatore.*

Jacinto Gallina nasceu em Veneza em 1852. Um certo numero das suas producções são escriptas em dialecto veneziano. As principaes são: *A hypocrisia* (1870); *As ambições de um operario*, satira mordaz que o tornou, durante algum tempo, muito impopular em Veneza (1871); *As desavenças de familia*, excellente farça que lhe restituiu o favor do publico, bem como *A familia arruinada*, representada no mesmo anno de 1872, na maior parte dos theatros italianos; *As creadas na fonte* (1873); *O apaixonado da avó, A guitarra do papá, Todos no campo* (1876); consolidaram a sua reputação de auctor cheio de graça e de espirito. Depois d'isso fez representar: *O primeiro passo* (1876); *Minha filha* (1876) e *Os olhos do coração* (1878).



ROVETTA

Justino De Sanctis nasceu em Chieti, em 1853. Dedicou-se ao theatro desde muito novo e fez representar successivamente: *As aventuras de um corcunda* (1870); *Giuseppe Cohen; A emigração* (1874); *A esposa amante de seu marido* (1877); *Um marido para minha filha* (1877); *O doutor Anacleto; Minha prima* (1886); etc. De Sanctis é tambem auctor de algumas bonitas novellas que reuniu com o titulo: *De palo in frasca.*

Gerolamo Rovetta nasceu em Brescia, em 1850. Collaborou no «Arena» e n'outros jornaes. Publicou um escripto satirico que fez barulho: *Os zulos na arte, A litteratura e a politica.* Tornou-se quasi logo conhecido como auctor dramatico e romancista de talento. Entre as suas comedias, citaremos: *A mulher de D. João, A colera cega, Os homens praticos,* que alcançou um triumpho; *A Condessa Maria; A mulher nova* (1899), etc. Entre os seus dramas: *Marco Spada* (1892); e *O começo do seculo* (1897). Entre os seus romances: *Mater dolorosa* (1882), romance social; *Souleau; Os tyranetes; As lagrimas d'outrem; A Baraúda; O tenente de lanceiros; O idolo; O illustre Matteo* (1898).

Camillo Antonio Traversi nasceu em Milão, em 1857. Publicou diversos trabalhos apreciaveis sobre Petrarca, Boccacio, Foscoli e Leopardi e escreveu para o theatro algumas comedias, das quaes as melhores, *Rozeno* e *Parassiti,* são virulentas sátiras contra os costumes burguezes actuaes. Traduziu ou adaptou á scena italiana um grande numero de obras francezas de Sardou, Lavedan, Brieux, Ancey, etc.

Salvatori di Giacomo é, além de dramaturgo, um romancista notavel. Nasceu em Napoles, em 1862. Como a sua compatriota Mathilde Serao, mas mais exclusivamente, consagrou o seu talento a pintar os costumes da sua cidade natal, e, para maior verdade, é no seu proprio dialecto que faz falar as suas personagens. Os que com mais vontade põem em scena, pertencem á escoria da sociedade; o logar da acção são as

espeluncas, os hospitaes, as prisões, as viellos em que formiga a populaça. Descreve com realismo pungente e humorismo cruel espectaculos macabros em que se misturam ferocidade e superstição. As suas novellas são: *Minuetto Settecento; Nenella; Mattinate napoletane; Rosa Bellavita; Pipa e Boccale* e *Nella Vita.* Poesias dialecticas: *O funneco verde; Munasterio; Zi Munacella; Ariette e Sunnette; Canzoni napoletane* e a *San Francisco.* Peças de theatro: *Mala vita; A San Francisco* e *Mese Mariano.* Estudos historicos: *Taverne napoletane; Celebrita Napoletane; La prostituzione a Napoli nei secoli XVII e XVIII.* Artigos de critica artistica: *Domenico Morelli, pintore, e Vincenzo Gemito, scultore.* Tem publicado artigos em varias revistas francezas.

C. ANTONIO TRAVERSI

Chegamos agora a Gabriel d'Annuncio. E' uma das individualidades litterarias mais discutidas da Italia. Basta este predicado para ajuizar do seu valor. Poeta, romancista e dramaturgo, nasceu a bordo de um navio, o *Irene,* no mar Adriatico, em 1864. Ainda estudante, publicou, em 1879, um livro de versos intitulado, *Primo verse,* seguido d'outro em 1882, com o nome de *Canto Novo.* A estas primeiras obras succederam-se: em 1883, *Intermezzo di rime;* em 1886, *Isolteo;* em 1888, *Chimera;* em 1892, *Elegia romana.* Pouco a pouco, ou melhor quasi de galgão, foi conquistando um logar culminante na litteratura moderna.

Atirou para os mercados, em 1882, com a *Terra virgine;* em 1884, com *Il libro delle Virgini;* em 1892, com *Giovanni Episcopo;* em 1892, com o *Trionfo della morte.* Foi durante essa primeira phase um artista da palavra escripta, um estudioso profundo dos caracteres. Depois operou-se uma especie de revolução no seu espirito. Associou a epopéa ao lirismo, observa um dos seus criticos, na sua *Canzoni di Garibaldi,* publicada em 1901. Nos *Laudi del Cielo, del Mare, della Terra* e *deggli Eroi* arroja-se aos mais altos páramos da poesia. Dedicando-se ao romance quiz imprimir-lhe uma fórma sua. Dividiu-o em tres cyclos: o da rosa, do lyrio e da roman. Quiz simbolisar assim a passagem da vida sensual (rosa) á vida sentimental (lirio) e intellectual (roman). Um dos seus livros que mais bulha fez foi: *Il Fuoco,* publicado em 1900. Censuram-lhe exhibir n'elle o seu «eu» com uma inconsciencia adoravel e cantar em seu proprio louvor uma *lauda* de lirismo pujantissimo. O seu melhor e ultimo livro *La Nave,* obteve um grande exito de livraria. Gabriel d'Annuncio pensou em renovar o theatro italiano, mas a verdade, é que por ora tem ficado áquem da tentativa. Fez representar uma serie de fantasias lyricas, e entre essas, *Sogno di un mattino di primavera,* peça criada por Eleonora Duse no theatro Valle em Roma e *Sogno di un tramonto di autunno,* varias tragedias em prosa com largas pretensões psychologicas: *La cittá morta, Gioconda, La gloria, La fiaccola sotto il moggio;* mais tarde parabolas que diligenciou tornar simples: *La parabola delle Vergine fatue e delle Vergine prudenti, La parabola delle uomo ricco e del povero Lazzaro* e que não obtiveram o exito que o poeta esperava. Alcançou todavia uma victoria ruidosa com *Francesca da Rimini,* reconstituição archeologica muito minuciosa, resplendente quadro de historia, mas, asseguram os seus comentadores, reconstituição em que os caracteres são sacrificados.

A sua mais brilhante corôa é a *La figlia di Jorio,* que tem sido representada em todos os tablados do Universo, como o *Sogno di un mattino di primavera* e *La cittá morta,* fôram representadas em Paris, em 1897, pela afamada Duse, com quem então mantinha

estreitas relações. Annuncio foi deputado em 1897 mas renunciou o seu mandato.

A filha de Jorio, tragedia pastoril em verso, em tres actos, é um quadro intenso da vida, do espirito supersticioso e das paixões populares dos Abruzzos. Eis a largos traços o seu entrecho:

Jorio é uma feiticeira e tem uma filha, Mila, que, por entre varios episodios, se enamorou do pastor Aligi, mas o pae d'este, Lazaro, que a cobiça e que por toda a parte a persegue vae encontrá-la na gruta do pastor. Pae e filho defrontam-se, e Aligi, fere o pae mortalmente com um machado. Condemnado como parricida, é entregue ao povo para a mão lhe ser decepada, e atirado ao rio. Mila, porém, a quem Aligi salvou um dia a vida, sacrifica-se por elle e declara que foi ella quem despediu o golpe mortal sobre Lazaro. Como a accusam de bruxa, é conduzida á fogueira, salvando assim Aligi.

GABRIEL D'ANNUNCIO

Esta peça foi representada pela primeira vez em Milão a 2 de março de 1904. Traduzida do francez por S. Herelle, subiu á scena no Nouveau Thèatre de Paris, em 1905. Apezar do meio singular e adusto em que decorre a acção, apezar, e talvez por isso mesmo, da singularidade e ousadia do seu estylo archaico, domina pela força emotiva e cheia de lirismo que d'ella se desprende. A sua leitura causa já uma impressão extraordinaria, mas vista representar é estupenda e formidavelmente angustiosa a sensação recebida.

Outra peça de Gabriel d'Annuncio, que tambem levantou grande celeuma na critica, foi a tragedia *La Gioconda,* em quatro actos. Desenvolve a seguinte acção: O coração do esculptor florentino Lucio Settala oscilla apaixonado entre o amor de sua mulher Silvia, pura e suave, e o amor da sua arte, encarnado na amante que lhe serve de modelo, a formosa Gioconda. Impotente para sustentar a lucta, dispara em si um tiro de pistola ao pé da estatua que acaba de esculpir, e em que immortalizou a belleza de Gioconda. O ferimento não é de morte e sua mulher, á força de assiduos cuidados, chama-o á vida. Reconhecido, quer fazer-lhe acreditar, e este seria o seu desejo, que lhe é restituido para sempre. Mas é Gioconda que o possue e elle prepara-se para ir ter com ella junto da estatua. Silvia surprehende-lhe o segredo e é ella quem vae á entrevista. As duas mulheres altercam. Gioconda, n'um movimento de raiva quer despedaçar a estatua, e Silvia, que quer salvar o sonho do marido, estende as mãos para amparar a estatua, mas essas mãos delicadas com que ella se envaidece, ficam horrorosamente mutiladas sob o peso do marmore. Prevê-se que este sacrificio não a salvará e que será definitivamente abandonada; ella propria se resigna, ao pensar que o destino de Settala é, não o de fazer a felicidade d'uma mulher, mas sim de crear obras-primas. O caracter de Silvia é um dos mais commovedores do poeta; e o estylo é cheio de brilho. A Gioconda foi dedicada a Eleonora Duse, *Eleonora dalle belle mani,* como Gabriel d'Annuncio escreveu na dedicatoria.

Cosimo Giorgini Contri é um dos dramaturgos e romancistas mais jovens da Italia. Nasceu em Lucca em 1870. E', como romancista, um dos melhores representantes da escola psychologica que tentou aclimar na Italia os processos de Paulo Bourget. Francamente idealista nas primeiras obras, foi-se approximando da realidade e, nos seus ultimos romances, vêem-se alternar paginas d'uma fria e amarga observação com outras d'uma poesia delicada e requintada, taes como: *Felicidade do somno; Caminhos da juventude; Desejada;* etc. Publicou os se-

guintes volumes de versos: *Versos tristes; Primavera do desejo e do esquecimento;* etc.; e os seguintes dramas: *A fidelidade; O Salvador; Caminhos separados; Ardor; O verdadeiro pae;* etc.

Não nos foi possivel obter elementos para a biographia de R. Bracco, pujante e fecundissimo escriptor dramatico italiano. Em Lisboa fôram representadas duas peças suas, *A maternitá* que Tina di Lorenzo desempenhou no antigo theatro D. Amelia, hoje da Republica, a 18 de março de 1907, e a sátira esfusiante *Infedele,* cujo entrecho é o seguinte:

Um d'estes «conquistadores» como se encontram muitos, cheios de jactancia e que se convencem que basta olhar para uma mulher para que ella logo se renda, Lino Ricciardi, corteja a condessa Clara San-Giorgi, casada com o conde Silvio San-Giorgi. A condessa, sem deixar de amar, e intensamente, o marido, não desdenha de todo o «flirt». Entre os seus assiduos admiradores, muitos, e por isso mesmo nada perigosos, salienta-se um, menos tolo de intelligencia que os outros, mas mais presumido que nenhum. O novo «Narciso» convence-se que é irresistivel, e n'um dialogo habilmente architectado deixa transparecer a sua presumpção. A condessa acceita o repto. Visitará a casa de Ricciardi, passará com elle algum tempo, irá disposta a deixar se conquistar, será uma victima prestes a entregar-se inerme nas mãos do vaidoso carrasco. Prepara uma lição terrivel ao marido, que duvidou d'ella. E vae. Ricciardi arranja tudo para a sua facil e segura victoria. Mas a victima arvora-se em algoz, o D. Juan atrevido acanha-se, sente-se sob o peso esmagador da zombaria da sua contendora, e, quando um acaso, que se lhe afigurava fortuito, lhe outorga a superioridade na lucta, a paciente escapa-se-lhe como uma ratinha por entre as unhas de gato pouco esperto. A intriga desmancha-se no terceiro acto. A condessa, por um artificio habil, desembrulha toda a meada, o «conquistador» chucha no dedo, ao passo que assiste á victoria do marido que frue o que a legalidade e o amor lhe concedem, sem peias de nenhuma especie.

R. BRACCO

A comedia que apresenta resaibos da antiga «maneira» do theatro italiano com o seu «arlequino» e figuras annexas, é ousada pela pouca logica d'algumas situações e não traz para o palco uma verdade absoluta, tão absoluta quanto pódem ser as verdades do palco. Mas sejam quaes fôr as deficiencias que se lhe encontrem, do que ninguem póde duvidar, é que só um comediógrapho, d'extraordinario valor e conhecendo muito bem a sua profissão, consegue apenas com tres personagens fazer tres actos sem fatigar o espectador e antes pelo contrario conservar-lhe a curiosidade e o espirito sempre em vibração.

No Theatro Nacional representou-se outra obra de R. Bracco intitulada *Perdido nas trevas,* que confirmou o enorme talento do illustre comediógrapho.

Archita Valente, de quem não pudemos tambem apurar quaesquer notas biographicas, é auctor da peça *L'oscuro dominio,* representada em Lisboa por Zacconi em 4 de maio de 1910. E' uma peça singular, torturante, quasi macabra, um caso pathologico, um incidente de manicomio, uma d'essas fatalidades da vida, por desgraça, mais repetidas do que seria para desejar, e mais nada.

Eis o seu relato:

N'um hospital de doidos é internada Elena Armandi, acommetida de loucura amorosa. Casada, com uma filha, foge para o amante, Carlo Brandi, e dentro em pouco enlouquece. Não pensa, não vê outra coisa senão o homem amado. O doutor Eurico d'Aluna, director do hospital, espera curá-la

por um processo seu, pela «sugestão gradual». Mas a doente interessa-o mais do que é mister, o seu cerebro, cansado por um grande excesso de trabalho intellectual, preoccupa-se tanto com a enferma, que a sua imagem se transforma quasi em obcessão. Dentro do medico desdobram-se duas personalidades: a do apostolo da sciencia que examina a frio os phenomenos que se dão no seu organismo, e a do homem que pretendendo curar por suggestão, acaba por ser suggestionado, pela propria paciente. Lucta, patenteia o seu estado de alma a um collega e tenta a derradeira experiencia. Chama a si a doente, prosegue no tratamento iniciado, mas no momento supremo, quando Elena, acariciando-o com os epithetos mais doces, afagando-o com os impetos mais fogosos, lhe despede o golpe de misericordia, o infeliz deixa-se desvairar e corresponde com um beijo ás festas que lhe são feitas pela doida e que são dirigidas a outro. Vem-lhe um momento lucido e comprehende a infamia da sua fraqueza. No dia immediato, o amante de Elena, julgando-a incuravel, vem buscá-la. O medico recusa a principio, mas, com uns restos de lucidez do dever, consente na sua partida. Convoca os discipulos para uma lição, expõe-lhes o seu caso, attribuindo-o a outro, e no momento em que a campainha sôa annunciando a saida de Elena do estabelecimento, accomette-o a irremessivel, a incuravel loucura.

Afora os escriptores dramaticos italianos citados, devemos ainda mencionar Chiavis, Zamboni, Testoni, S. Lopez, Lucio d'Ambra, e ainda os auctores de peças accentuadamente regionaes como Luigi Capuana, Alfredo Oriani, Ugo Ojetti, V. Ferran, A. di Giovanni, Garafa d'Andria, Carlo Broggi, etc.

O theatro italiano não se encontra hoje no estado de florescencia a que o seu passado lhe dava direito, mas os seus litteratos mais em evidencia esforçam-se com talento e tenacidade para lhe restituir o antigo brilho e valor.

Compilado por

EDUARDO DE NORONHA.

Ante a figura da Republica

Foi n'um café, alí á Praça da Figueira,
que desenhada vi, por mão humilde e obscura,
essa resplandecente e limpida figura
de mulher, com seu ar altivo de guerreira . . .

Na dextra tem a espada, ergue na outra a bandeira
da Liberdade . . . e sobre a fronte, branca e pura,
o gôrro frigio, mal contendo a onda escura
da sua desgrenhada e farta cabelleira.

No chão, calcado aos pés, róla o sceptro real,
e a encaminhar-lhe os mal seguros, frouxos passos,
guia-a o Anjo-progresso, alumiando os espaços . . .

Deusa Libertadora, ó Santa, a Terra ideal
que demandas, é longe . . . antes de lá chegar
quantos calvarios tens ainda de trepar? . . .

J. REGALLA.

A revolução em Lisboa

QUANDO, na segunda feira (3 de outubro), ás 11 horas da noite, me disseram que á 1 rebentaria a revolta, não acreditei.

E não acreditei, porque já tinha ouvido tanta vez a mesma coisa, que levei esta *nova* á conta de *velha*, e portanto não fiz caso.

Assim, fui deitar-me, não digo socegadamente, mas calculando que a noticia não passaria de *blague* como tantas outras.

E' verdade que a morte do dr. Miguel Bombarda, na manhã d'este dia, tinha posto o povo de Lisboa n'um estado de excitação enorme contra o fanatismo a que elle fizera uma guerra de morte, com a sua propaganda liberal, e toda a gente attribuia a este o assassinio do illustre homem de sciencia, crime praticado com o fim de eliminar para sempre um dos vultos mais importantes do partido republicano.

MACHADO DOS SANTOS

Esta excitação, porém, mais cresceu, quando pela tarde, em frente do *placard* do *Seculo*, ali no Rocio, um individuo louvou o acto, dando isto causa a uns sôccos trocados e á intervenção da policia, impotente para apaziguar os animos.

Ora todas estas coisas me bailavam no cerebro e faziam com que eu não pudesse conciliar o somno. Sentindo dar uma hora no meu relogio, puz-me de ouvido á escuta a vêr se acontecia qualquer coisa de anormal.

D'ali a bocado ouvi distinctamente um tiro de peça, depois outro, e outro, que me pareceu vir do lado do mar.

Levantei-me logo e cheguei á janella. Lá ao longe, a quebrar o socego da noite, o rodar aspero que julguei então ser de artilharia, correndo para os lados da Avenida da Liberdade, ao mesmo tempo que me chegavam tambem aos ouvidos quasi nitidamente, o écho d'umas descargas cerradas de fuzilaria e um vozear que me pareceu de *vivas*

Era um facto. A revolução estava na rua.

Agora o que se passou:

Assim que ouviram o signal combinado os conspiradores, em grande numero, que se tinham reunido no centro republicano de Santa Isabel, sahiram com um official de marinha á frente, e dirigiram-se para o quartel de infantaria 16, onde, mal chegaram, as sentinellas, que tambem entravam na conjuração, abriram as portas e franquearam aos revoltosos o edificio, impondo aos officiaes a sua adhesão ao movimento.

Os que resistiram foram logo mortos, resultando d'isto um verdadeiro tiroteio dentro do quartel. O resto do regimento, quasi todo, veiu então para a rua, bem como grande numero de populares a quem os soldados armaram explicando, aos que não

AVENIDA DA LIBERDADE — AO FUNDO NO SEU LIMITE NORTE ENCONTRAVAM-SE AS FORÇAS REVOLUCIONARIAS

sabiam, o manejo das armas. Dirigiram-se em seguida para artilharia 1, cujo quartel fica, como se sabe, para os lados de Campolide.

Assim que toda esta multidão se approximou do quartel, logo os soldados se puzeram em pé de guerra, e atrelando o gado

PRAÇA D. PEDRO, ONDE AS FORÇAS FIEIS A' MONARCHIA AGUARDAVAM AS ORDENS SUPERIORES

ás peças, sahiram tambem, fazendo causa commum com os revoltosos, soltando estrondosos vivas á Republica e á Patria.

Depois, dividiram-se em fracções, destacando forças a tomar os pontos estrategicos da cidade, e o grosso das tropas dirigiu-se ao palacio das Necessidades.

JOÃO CHAGAS

Emquanto isto se passava em Campolide, os marinheiros, no seu quartel de Alcantara, revoltavam-se tambem e faziam frente ao 4.º esquadrão da municipal, já na rua a essa hora, e á 6.ª companhia de infantaria da mesma guarda, aquartelada nas proximidades, estabelecendo-se vivissimo tiroteio.

Forças da guarda municipal, parte dos regimentos de caçadores 2 e 5, infantaria 2 e 5, marcham, umas para o Rocio e ruas da Baixa, outras para defender o palacio das Necessidades, bem como cavallaria e infantaria da mesma guarda que tomaram differentes posições a proteger os edificios publicos, ministerios, correios, casas bancarias, etc., tudo em pequenas forças, muito dispersas e divididas.

DR. JOÃO DE MENEZES

Ahi pelas três da madrugada, o tiroteio, que fôra sempre vivo em toda a cidade, atroando os ares os tiros da artilharia, o rebentar de granadas e de bombas, recrudesce, augmenta espantosamente, ouvindo-se de todos os lados, e rompendo de todos os cantos de Lisboa. Aqui e ali, em bairros differentes e afastados, travam-se rijos combates em plena rua, frente a frente, varrendo a artilharia os corpos do exercito que não tinham adherido ao movimento, principalmente as pequenas fracções da municipal que se encontravam dispersas.

Na Rotunda da Avenida apparece uma força de cavallaria da guarda que manda retirar o povo ali apinhado, mas de subito sahem-lhe á frente as forças de artilharia 1 e infantaria 16, que formaram, dando uma descarga cerrada e prolongada sobre aquella, que retira em desordem e deixa no campo alguns cavallos mortos e feridos.

Então, as forças do exercito, auxiliadas por muitos populares, dispuzeram as peças de artilharia na Rotunda, apontadas para as embocaduras das avenidas novas e para o lado do Rato. Os fios conductores dos carros electricos fôram cortados. A infantaria entrincheirou-se nas trazeiras da feira de Agosto, de onde, quando atacados, faziam fogo vivo e nutrido.

Commandava as tropas o energico commissario naval Machado dos Santos montado n'um cavallo e ladeado por dois sargentos de artilharia. No improvisado acampamento revolucionario eram enormes a animação e a alegria, cheias de confiança e de fé. Por sobre todos passava um quente sopro de revolta e de heroismo. Ao acaso, abraçados em meio do mais vivo enthusiasmo, viam-se soldados e paizanos armados, e muitos rapazes novos, alegres, cantando e dando vivas. Todos á uma, populares, estudantes e soldados, ajudavam a transportar a metralha e as balas.

Todos os individuos que por ali passavam eram convidados a pegar em armas, adherindo muitos d'elles. Adheriram varios soldados da guarda municipal. Dois policias entregaram os fardamentos e revólvers aos militares.

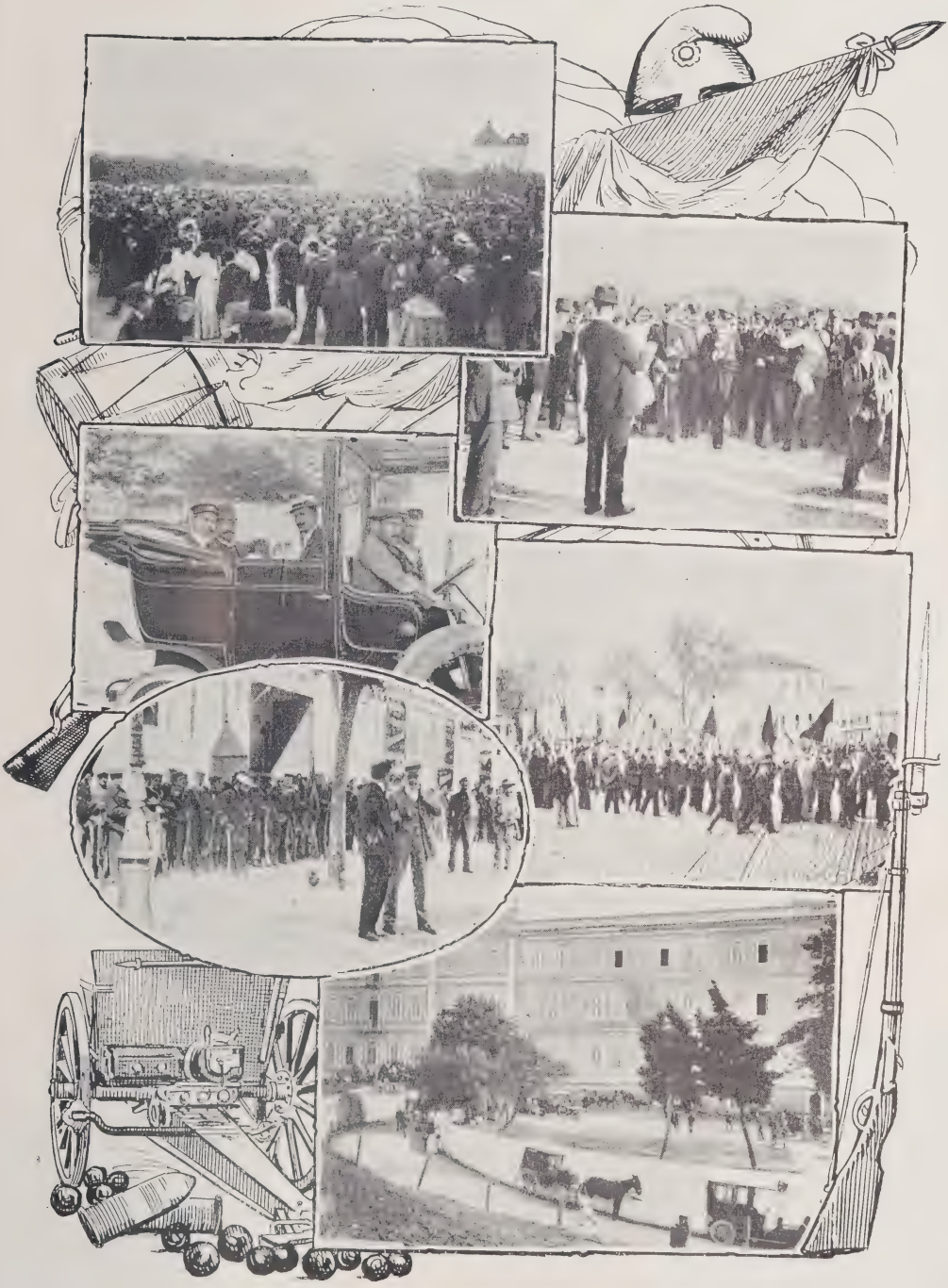
A força cercou, em seguida, o posto da 5.ª esquadra, da rua Rosa Araujo, desarmando os policias e mandando-os em paz.

Depois, o combate tornou-se mais renhido.

Aspectos da revolução

1. CAMARA ARDENTE ONDE ESTIVERAM EXPOSTOS O DR. MIGUEL BOMBARDA E VICE-ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS, NA CAMARA MUNICIPAL — **2.** MACHADO DOS SANTOS, EM CAMPOLIDE, DANDO INSTRUCÇÕES A'S PRAÇAS D'ARTILHARIA — **3.** QUARTEL D'ARTILHARIA 1; EFFEITOS DE UMA GRANADA — **4.** HEROICO SOLDADO D'ARTILHARIA 1, QUE FOI PROMOVIDO A 1.º SARGENTO — **5.** SARGENTO PIMENTA, AJUDANTE DE MACHADO DOS SANTOS, DURANTE O COMBATE.

Aspectos da revolução



1. ASPECTO GERAL DO ACAMPAMENTO POR OCCASIÃO DE SER VISITADO PELO GOVERNO — **2.** MACHADO DOS SANTOS PASSANDO REVISTA AO ACAMPAMENTO — **3.** TENENTE MARINHA DE CAMPOS E VISCONDE DA RIBEIRA BRAVA — **4.** MANIFESTAÇÕES NAS RUAS — **5.** QUARTEL GENERAL GUARDADO POR UMA FORÇA DE MARINEIROS — **6.** COLLEGIO DE CAMPOLIDE.

e durante todo o dia e noite de terça-feira o troar da artilharia poz a pacata cidade de Lisboa em completo alvoroço.

CAMARA MUNICIPAL, D'ONDE DE UMA DAS JANELLAS PRINCIPAES, FOI PELAS 11 HORAS DA MANHÃ DE 5 DE OUTUBRO, PROCLAMADA A REPUBLICA A' MULTIDÃO QUE ENCHIA A PRAÇA DO MUNICIPIO

Constando mais tarde que a bateria de Queluz vinha a toda a brida ao encontro dos revoltosos, estes aprestam-se para a receber.

Aquellas forças, que chegaram aos antigos muros da cidade, bastante desanimadas, tendo-se encravado pelo caminho algumas peças, foi postar-se nos baixos de Campolide, mas avançou depois a tomar posição por detraz da Penitenciaria.

As forças concentradas no alto da Avenida assestaram os seus canhões n'aquella direcção, applicando outras bôccas de fogo viradas para a Avenida da Liberdade, afim de reprimirem os ataques dos regimentos concentrados no Rocio, que, durante o dia, fizeram repetidas sortidas, sempre repellidas com grandes perdas e

DR. EUSEBIO LEÃO

enorme tenacidade, pelos revoltosos que as não deixavam approximar.

As duas artilharias começam então a despejar a sua metralha, vomitando, de momento a momento, tiros continuados; artilharia 1 destroe uns muros e casas que defendem as baterias de Queluz, pondo-as a descoberto e ao alcance dos seus tiros; as baterias de Queluz alvejam, de preferencia, o quartel de Campolide, onde duas peças, habilmente manejadas, lhes respondem com um fogo mortifero e certeiro. Populares e soldados de linha, protegidos pelas peças montadas em direcção á Praça dos Restauradores teem de, constantemente, repellir, com denodo e furia, os ataques audaciosos das forças monarchicas que, de momento a momento, destacam grandes fracções para o assalto, fazendo outro tanto a cavallaria do exercito e da municipal, cau-

O 1.º governo da Republica

1 — DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA.

2 — DR. THEOPHILO BRAGA.

3 — DR. BERNARDINO MACHADO.

4 — JOSE RELVAS.

5 — DR. AFFONSO COSTA.

6 — CORONEL BARRETO.

7 — DR. ANTONIO LUIZ GOMES.

8 — CAPITÃO DE MAR E GUERRA AZEVEDO GOMES.

sando-lhes muitas baixas e obrigando-as, aos primeiros metros, a recuar, deixando espalhados, no campo da batalha, os seus mortos, cavallos moribundos e liquidados de vez, outros ainda vivos, que são apanhados pelos revoltosos e recolhidos no seu entrincheiramento.

Ao cair da tarde, depois de tiros repetidos, certeiros, as baterias da artilharia de Queluz, que eram defendidas por infantaria 2, foram des-

PAÇO DAS NECESSIDADES, RESIDENCIA DE EL-REI D. MANUEL E DA RAINHA D. AMELIA

PAÇO DA AJUDA, RESIDENCIA DA RAINHA D. MARIA PIA E DO PRINCIPE D. AFFONSO

alojadas, rechaçadas, postas em debandada, fugindo umas e entregando-se outras, a fazerem causa commum com os revolucionarios. Duas das suas peças são tomadas e fracções varias que foram dar ao Campo Grande vieram adherir ao acampamento do Alto da Avenida, sendo recebidas com o mais vivo enthusiasmo. Pelo meio do campo, na Avenida, em pelotões, constituindo vedêtas, viam-se muitos populares armados, alguns d'elles cavalgando animaes apprehendidos á guarda municipal. Entre os populares en-

PALACIO DE CINTRA, ULTIMA RESIDENCIA DA RAINHA D. MARIA PIA

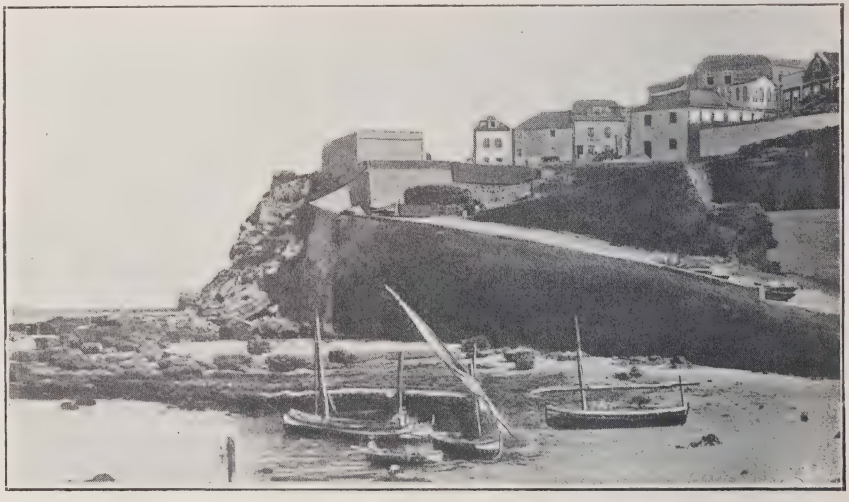
CASTELLO DA PENA, ONDE SE ENCONTRAVA A RAINHA D. AMELIA
QUANDO RECEBEU A NOTICIA DA REVOLTA EM LISBOA

contravam-se numerosos estudantes militares, da Polytechnica e dos lyceus, caixeiros, membros de agrupamentos e sociedades republicanas, que tomaram parte no movimento.

CONVENTO DE MAFRA, ONDE SE REUNIRAM AO REI D. MANUEL AS RAINHAS D. AMELIA E D. MARIA PIA, PARA SAHIREM DE PORTUGAL

Lá em cima, no alto, divisa-se, tremulando ao vento, a bandeira verde e encarnada e em todo o acampamento reina o maior enthusiasmo pela victoria obtida.

seguindo-se-lhe immediatamente no mesmo sentido o *Adamastor*. Acto continuo, iniciam ambos um constante bombardeamento ao palacio das Necessidades. As formidandas explosões reboam como altas derrocadas de cataclysmos imaginarios. As granadas descem nas immediações do régio alcaçar como sinistros pontos finaes da resistencia, ou per-



ERICEIRA — CAES E RIBA ONDE SE EFFECTUOU O EMBARQUE DA FAMILIA REAL PARA O EXILIO, NO DIA 5 DE OUTUBRO, NO IHATE «AMELIA» COM RUMO PARA GIBRALTAR

Emquanto isto se passava na Avenida, tambem no mar se não descançava, e pelas duas horas da tarde o *S. Rafael* evoluciona a tomar posição fronteira ás Necessidades, furam os vidros, as portas, as janellas, as cantarias e os tectos, deixando escancarados olhos ou rosaceas talhadas em bruto por onde passam, e indo lá dentro, no deliquio

ESCOLA MEDICA DE LISBOA, ONDE ESTEVE EXPOSTO POR ALGUNS DIAS O CADAVER DO DR. BOMBARDA, ASSASSINADO EM 3 DE OUTUBRO PELO TENENTE DO ESTADO MAIOR, APPARICIO REBELLO SANTOS

fatal, revolucionar tudo, escangalhando moveis raros e de subido valor.

Muitos dos tiros acertam no palacio e abalam as casas do sitio que deslocam e fa-

DR. MIGUEL BOMBARDA

CARLOS CÂNDIDO DOS REIS

zem voar as pedras das ruas, e levantar enormes nuvens de poeira.

Então os revoltosos do quartel dos marinheiros vibram de enthusiasmo a cada novo buraco produzido por uma granada, a cada derrocada pela deficiencia de equilibrio dos materiaes resultante dos muitos estragos soffridos pelo edificio. São palmas e vivas que estrugem e novas communicações, por meio de bandeiras, entre marinheiros em terra e marinheiros no mar, que se permutam. Nas ruas proximas e nos pontos altos immedia-

PALACIO EM WOOD NORTON (INGLATERRA)
(Propriedade do Duque de Orleans, onde foi residir D. Manuel e sua mãe, a ex-rainha D. Amelia

contar mais minuciosamente tudo o que se passou, mas o que é facto é que depois de trinta e seis horas de uma lucta titanica, a Republica era proclamada da varanda dos Paços do Concelho, e a multidão que enchia completamente a praça do Municipio, victoriava, cheia de contentamento, o novo regimen.

Horas depois a familia real embarcava a bordo do hiate *Amelia* com rumo a Gibraltar, não esperando a intimação do governo provisorio, para sahir de Lisboa, e a nação ficava entregue, livremente, ao governo democratico.

O povo rejubilava com esta noticia, e pelas praças e ruas da cidade, reinava o maior enthusiasmo pela victoria da Republica, dando vivas á Patria e á Liberdade, que muitas vezes eram abafados pelos sons melodiosos da *Portugueza,* que as bandas to-

tos descobrem-se numerosos grupos presenciando o esphacelamento do santuario do joven monarcha.

Por fim, quando por estar tudo ali feito nada mais resta fazer, os clarins dos marinheiros fazem resoar a *Marselheza* e os navios agitam bandeiras vermelhas. A obra commum, reciprocamente, é victoriada...

As granadas varriam tambem a força envolvente: parte de infantaria 1, municipal e algumas praças de cavallaria 4.

Depois, deixando o contingente bastante á guarda do quartel, os marinheiros e seus adherentes prepararam-se para o embarque nos dois navios *S. Rafael* e *Adamastor,* que os havia de levar ao terminus do campo de batalha — o Terreiro do Paço.

Não cabe no pequeno espaço de que dispõnho

VILLA DE POGGIO, EM CAIANO, ONDE A SENHORA D. MARIA PIA VAE RESIDIR

cavam percorrendo as ruas, seguidas de enorme multidão que as victoriava.

Emfim, Portugal, que durante setecentos e setenta annos, estivera sob o dominio monarchico, resurgia agora cheio de pujança, para uma vida toda paz, toda amor, toda liberdade; liberdade que elle conquistára com o seu sangue, como em tempos idos conquistára tambem para o seu reino as riquezas de além-mar, mostrando assim mais uma vez, o direito que tem a que lhe chamem um povo de heroes.

Luz B. Lino.

Ultima carta...

«Sou teu até á Morte...» — e assim terminas
Essa carta banal que me escreveste,
P'ra recordar os beijos que me déste,
— Dolorosas e tragicas ruinas...

E não suppões sequer, — não imaginas
As mentiras crueis que me disseste,
Como no meu juizo te perdeste,
E a esquecer-te, afinal, hoje me ensinas...

«... Sou teu até á Morte...» E em vão, agora
Quando o meu seio creador se enflora
E ha Sol e Claridade pelo Céu...

— Que outro Amor bem mais alto em mim floresce,
— No germinal d'uma divina mésse,
— Creando um filho que sómente é meu!

Coimbra.

Maria de Castro.

Acerbum cor

Animo os filhos, sim — é esse o meu dever —
Mas, meu Deus! como é triste e amargo e desolante
Vêl-os aqui viver!... (Viver, se isto é viver.)

Trez annos — já lá vão — n'este areal distante,
Aonde nem sequer uma graminea cresce,
Aonde se não vê um passaro que cante!

Só areia e só mar. — E o mar como entristece!...
Ouvil-o é ouvir gemer a humanidade prêsa,
Ou grite revoltada ou chore n'uma prece...

Volver a gente o olhar por toda a redondeza
E não vêr senão mar — não vêr senão areia —
Um anno, e outro, e outro!... — Oh! filhos! que tristeza!

Que saudades tereis da vida que recreia!
— Do bulicio, do som, da côr, da sociedade,
De tudo quanto em vós aspira, sonha e anceia,

De tudo quanto exige a vossa mocidade!...
Sois bons — não vos queixaes — bem sei... — Nem é preciso,
Porque tive tambem — já tive! — a vossa idade.

Já sonhei, como vós, o mesmo paraizo;
Já tive ancias de amor, de gloria e de conquista;
Já fui o Lohengrin d'alguem que mal diviso

(Tão fatigados tenho o coração e a vista);
E calculo, imagino, a dôr e o abatimento,
A nostalgia toda, amarga e pessimista,

Que viria, talvez, matar-me o Sentimento,
Que viria, por certo, amargurar-me a vida,
Se aos vinte annos me visse em tal desolamento.

Mas eu que hei-de fazer?... — Depois da insana lida
Que me trouxe até aqui; depois d'esse Calvario
Que subi rastejando — a fé quasi perdida:

Depois d'esse infernal e misero sudario
Das minhas aflições; n'este areal deserto,
Deparou-me o bom Deus a paz do meu fadario.

Areia, mar e céo?...—Tendes razão de certo—
Mas isso que vos fére, e opprime, e vos desóla,
E' um oasis para mim—um paraiso aberto.

A dôr que para vós d'este areal se evóla
(Filhos! quanto eu soffri nos annos decorridos!...)
E' a paz, é o bem, é a luz que me consola.

De facto se vos vejo ao pé de mim reunidos,
Levando a vida honesta e simples da Equidade;
Trabalhando commigo, honrados e queridos,

E aprendendo no lar o amor e a caridade;
Se vos vejo crescer na religião bemdita
Do Trabalho, do Bem, da Honra e da Verdade;

Medrar, sem privações, ao longe da desdita,
Das corrupções do mal, de todo esse cortejo
De vicios e paixões que as capitaes agita;

E se, vendo isso tudo, a mim proprio me vejo
Cumprindo o meu dever na paz d'este recanto,
—Bemdito seja Deus!—nada melhor desejo!

—Nem eu sonhei jámais que merecia tanto!...
Eu sou, porém, um velho e vós umas crianças—
Vós tendes a illusão e eu tenho o desencanto—

Eu penso e vós sonhaes.—As vossas esperanças
Acenam-vos de lá, de longe, do bulicio,
Com victorias de amôr, fortunas e folganças...

Pois que o Céo vol-as dé, por justo beneficio.
Ide vós! Ide vós!—A aspiração é honesta,
E vossa vida aqui por certo um sacrificio.

Não vos quero deter—correi á vossa festa—
Correi como eu corri atraz d'essa chimera,
E Deus vol-a depáre—oh! sim!— menos funesta...

....

(Olha o mar como geme!...) Eu fico á vossa espera.

Bahia dos Tigres.

Alberto Corrêa.

O serviço telegrapho-postal portuguez através os tempos

2.ª PARTE — PHAROES E TELEGRAPHOS

ANTES de fazermos a historia da telegraphia em Portugal, desde o seu inicio até hoje, occupar-nos-hemos dos pharoes, cuja construcção fôra piedosamente pedida pelos maritimos, que por falta de alumiamento na nossa asperrima costa, contra ella arremessavam as suas frageis embarcações fustigadas e impellidas do alto mar em noites de tempestade.

Foi D. Fernando Coutinho, bispo do Algarve, que, por um acto humanitario, mandou construir em 1515, uma torre de pharol no convento de S. Vicente ao cabo do mesmo nome, torre, em que mais tarde, os frades se defenderam dos herejes lutheranos.

A construcção dos pharoes teve, pois, a sua origem, entre nós, por iniciativa meramente particular, e foi o mesmo bispo do Algarve que em 1520, fez doação a el-rei D. Manuel de tres conventos, entre os quaes, entrára aquelle a que nos referimos e cujo pharol, após as luctas com Luthero, foi reedificado mais avantajadamente por D. João III e restaurado mais tarde por Filippe II. Em seguida a este, e tambem por iniciativa particular, foram construidos os pharoes da Senhora da Guia a O N. O. da villa de Cascaes, o da cidade do Porto e o do Cabo Espichel.

Não tardaram, porém, a mergulhar na mais completa escuridão as costas portuguezas; assim o affirma o alvará de 1758, expedido de Salvaterra de Magos, pelo marquez de Pombal, pelo qual se determinára a construcção de seis pharoes nos locaes: Nossa Senhora da Guia (onde já existira um como dissemos), nas ilhas Berlengas, na fortaleza de S. Lourenço (Bugio), em S. Julião da Barra, e os dois restantes, no Porto e em Vianna do Castello. O caracter official que então tomára este importante assumpto, foi recebido com demonstrações festivas pela classe maritima, que assim via satisfeitas as continuas reclamações que, de ha muito, vinham fazendo junto dos governos. Dizia mais esse alvará que a construcção dos pharoes devia realisar-se com rapidez, e sabendo-se como eram acatadas as ordens do primeiro ministro de D. José, facil era prever o cumprimento rapido d'esse alvará; assim não succedeu, pois só vinte annos depois, segundo documentos officiaes, se procedeu á construcção dos pharoes, situados no Cabo da Roca, na Serra da Arrabida, hoje collocado na torre do Outão, em S. Lourenço, em S. Julião e nos Cabos Espichel e Carvoeiro.

Seguiu-se-lhe o longo interrégno marcado pelos tumultos das guerras que absorviam, em absoluto, as attenções dos poderes publicos; sómente depois de organisado o governo constitucional, de novo, se attendeu a esse assumpto, ao qual deu grande desenvolvimento o distincto engenheiro Gaudencio Fontana que, com a sua robusta intelligencia e erudição, n'elle lançou varios melhoramentos que, ainda assim, não corresponderam, aos progressos da sciencia, pois que o pharol denominado do Duque de Bragança, assente na ilha Berlenga Grande, distante cinco milhas de Peniche, é formado

por um apparelho catoptrico de luz branca, rotação completa, com eclipses de tres em tres minutos e lampejos de dez segundos, mas essa luz é produzida por dezeseis candieiros de Argand com reflectores parabolicos, e não pelo novo systema lenticular inventado por Fresnel, que a commissão de pharoes de França approvando o relatorio do almirante Rossel resolvia, n'essa época, adoptar para o alumiamento das costas do seu paiz. Foram egualmente melhorados n'esse anno, os pharoes de Nossa Senhora da Luz, Cabo Carvoeiro, Cabo da Roca, Bugio e S. Julião, onde foram estabelecidos novos apparelhos. Fontana, que em França estudára o assumpto, e tambem pelas suas raras faculdades de trabalhador infatigavel, bastante se notabilisou na direcção technica dos pharoes, devendo-se a elle a officina que fôra estabelecida na rua do Jardim do Tabaco, em edificio da alfandega, para construcção de apparelhos e reflectores de luz fixa ou rotativa. Em 1845 uma terrivel enfermidade, a loucura, apagára essa esclarecida intelligencia, comprovada por muitos dos seus trabalhos que serviram de base e estudo em subsequentes construcções.

Substituiu Fontana o engenheiro Ignacio Vielle, egualmente muito habil, mas que não possuia como aquelle, a somma de conhecimentos que o notabilisára. Comtudo, Ignacio Vielle alguma coisa fez de valor; foi sob as suas ordens que se procedeu ás necessarias reparações, no pharol do Cabo Espichel, que limita as duas grandes enseadas de Lisboa e de Setubal e está situado entre 38° 24′ 5″ de latitude N. e 0° 4′ 59″ de longitude O. O apparelho é catoptrico, de luz branca e fixa, produzida por dezesete candieiros de Argand com reflectores parabolicos e alcance de 12 milhas. Em 1847 foi construido o pharolim da torre de Belem, que se acha estabelecido em um dos baluartes do forte do Bom Successo, a 38° 41′ 46″ de latitude N. e 0° 4′ 5″ de longitude O. do meridiano do Castello de S. Jorge; o apparelho é lenticular, de luz vermelha fixa e alcance de 6 milhas.

Tres annos depois, foi construido na restinga de areia n'um cabedello proximo da barra que dá ingresso para os portos de Faro e Olhão, o pharol de Santa Maria, de apparelho dioptrico ou lenticular, de segunda ordem, de Fresnel, com luz branca e fixa e alcance de 15 milhas. Formam a torre de pharol quatro corpos circulares terminados por uma cimalha, em varandas de ferro, no centro da qual se eleva uma sapata de cantaria que serve de socco á lanterna; foi tambem Ignacio Vielle que transferiu, como dissemos, o pharol da Serra da Arrabida para a torre do Outão, na barra de Setubal, onde estabeleceu um apparelho lenticular de terceira ordem. Motivaram a mudança os frequentes e espessos nevoeiros da montanha sobranceira áquella torre.

Em 1852, o serviço dos pharoes que estava a cargo do ministerio da fazenda passou para o das obras publicas que determinou, que o pharol da Luz passasse do systema de rotação e côres para o de luz branca e fixa, e encarregou o capitão-tenente da armada Francisco Maria Pereira da Silva, da escolha do local onde devia ser construido o pharol Mondego. Pereira da Silva desempenhou-se do seu encargo escolhendo a extremidade S. W. da serra de Buarcos, 3 milhas a N. N. W. da barra da Figueira da Foz, no cabo Mondego onde, sob a sua direcção, foi edificado o dito pharol de apparelho lenticular, de segunda ordem, systema Fresnel, candieiro de Carcel, luz branca e fixa e alcance de 18 milhas. Ao mesmo tempo ordenava-se ao director das obras publicas do districto de Aveiro que escolhesse o ponto da barra d'aquella cidade onde deveria ser estabelecido um pharol; de nada serviu, a construcção não se realisou.

Quasi dez annos se seguiram sem que apparecesse o mais insignificante documento a revelar que não havia sido abandonado esse ramo de serviço; sómente em 1862, começou, de novo, a tratar-se do assumpto, sendo construido um pharol na margem direita do Guadiana, no sitio do Medo Alto, proximo de Villa Real de Santo Antonio, apparelho este constituido por uma lanterna de olho de boi, luz branca, alcance de 3 milhas. Se alguma coisa se havia feito já para alumiamento da costa portugueza, como temos vindo a relatar, muito pouco representava ainda do que era preciso fazer, afim de evitar os muitos naufragios que quasi diariamente se registavam.

Foi o ministro francez na nossa côrte, n'essa epoca, que chamou a attenção do governo de Portugal para o estado em que se en-

contrava tão importante serviço. Este facto motivou a proposta de lei apresentada ás camaras pelo ministro da marinha e distincto homem de lettras, José da Silva Mendes Leal, cujo relatorio que precedeu essa proposta de lei, era concebido, em resumo, nos seguintes termos: «O navio que sae da costa de Hespanha encontra a 41 milhas o primeiro pharol portuguez, denominado de Nossa Senhora da Luz; depois de 58 milhas o do Cabo Mondego; a 53 milhas o das Berlengas e Cabo Carvoeiro. Transpostos os de Cabo da Roca e Espichel, que distam entre si 25 milhas, surge o de S. Vicente a 80 milhas, e a 54 milhas d'este, o de Santa Maria; isto é, 320 milhas de costa com 7 pharoes!

O pharol da costa do Porto alcança 12 milhas apenas e nas ilhas adjacentes não ha um só pharol. A barra de Gôa tem um pequeno pharol e é de urgencia collocar pharoes em Moçambique e Cabo Verde. Referia-se tambem aos melhoramentos que necessitavam os pharoes existentes e qual o pessoal que devia ter este ramo de serviço.»

Eis, nas suas linhas geraes, o relatorio que precedeu a proposta que originou a lei de junho de 1864, assignada por Mendes Leal, Joaquim Thomaz Lobo d'Avila e João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, lei que teve o destino de tantas outras — não ser cumprida. Além d'isto, Mendes Leal mandou tambem estabelecer uma pequena officina, de construcção e reparo de pharoes, no Arsenal de Marinha, e a villa da Ericeira foi dotada com duas lanternas de olho de boi, collocadas em columnas de ferro, para determinar o enfiamento da barra do seu porto. Foi egualmente, n'este anno, melhorado o pharol de S. Julião da Barra, sendo n'elle collocado, em logar dos candieiros de Argand e reflectores, um apparelho lenticular de Fresnel, de quarta ordem, de luz fixa branca, illuminando um sector de 240° e alcance de 13 milhas. Encontra-se este pharol dentro da torre de S. Julião, ao norte da foz do rio Tejo, latitude 38° 40′ 22″ N.; longitude 0° 11′ 32″ W.; acima do nivel do mar 46,42 metros.

Tudo isto, porém, não era feito com a rapidez que seria para desejar; apesar de todos conhecerem a necessidade de se proceder aos devidos trabalhos tendentes a melhorar o alumiamento das nossas costas, certo é, que quanto se projectava e se decretava, logo cahia no mais lamentavel esquecimento. De quantos procuraram montar o serviço dos pharoes em boas condições e em harmonia com o que se achava regulamentado no estrangeiro, se contou pela sua muita dedicação, o capitão de fragata e inspector dos pharoes, Francisco Maria Pereira da Silva, do qual se registam muitos trabalhos de valor, entre os quaes os dois importantes documentos: «Projecto do alumiamento maritimo para a costa de Portugal» e «Descripção dos pharoes existentes no continente de Portugal», a que nos vamos referir. Junto a S. João da Foz, proximo do Porto, assenta o pharol de Nossa Senhora da Luz, de luz branca, dezoito candieiros de Argand, reflectores parabolicos, com seis grupos de tres candieiros collocados em sentido vertical em arvore circular de ferro, eixo de madeira, girando em pontas de aço, sector illuminado de 200°, alcance 9 milhas. — Junto a Peniche, no Cabo Carvoeiro, em uma torre de tres corpos, quatro faces, assenta o pharol, de luz branca, fixa, dezeseis candieiros de Argand, reflectores parabolicos, dispostos alternadamente na arvore que tem cinco faces e só quatro illuminadas, alcance de 9 milhas. — Na extremidade S. da serra de Cintra, que chamam Cabo da Roca, assenta o pharol, de luz branca, rotação, eclipses de 2 em 2 minutos e clarões de 8 segundos, apparelho optico, dezeseis candieiros de Argand, reflectores parabolicos, dispostos em um plano de frente com quatro ordens horizontaes de quatro candieiros, alcançe 16 milhas. — A uma milha de Cascaes, acha-se o pharol de Nossa Senhora da Guia, de luz branca e fixa, dezeseis candieiros de Argand, reflectores parabolicos com tres ordens horizontaes, sector 240°, primeira ordem de cinco candieiros, a segunda seis e a terceira cinco, alcance 13 milhas. — No centro da torre circular de S. Lourenço da barra, ao S. da foz do Tejo, está collocado o pharol do Bugio, de luz branca, rotação completa, eclipses de 3 em 3 minutos, de lampejos de 10 segundos, dezeseis candieiros de Argand, reflectores parabolicos, com plano vertical, a frente para o mesmo lado e quatro ordens de quatro candieiros, alcance 16 milhas. — A tres milhas de Setubal encontra-se o pharol da torre do Outão, luz fixa,

branca, apparelho Fresnel, de terceira ordem, candieiro mechanico de bomba e corda para quatro horas, alcance 15 milhas e entre a costa occidental do Oceano Atlantico e a do sul, que se dirige ao Mediterraneo, na parte extrema da Europa, que se chama o Cabo de S. Vicente, está o pharol D. Fernando a 5 milhas de Sagres, apparelho de luz branca, rotação completa, eclipses de 2 minutos e clarões de 8, dezeseis candieiros de Argand, reflectores parabolicos, alcance 16 milhas. Com relação aos pharoes do Cabo Mondego, Berlengas e o de S. Julião, já descrevemos anteriormente.

Passou depois, novamente, o serviço dos pharoes, do ministerio da marinha para o das obras publicas; em Espozende foi collocado um pharolim lenticular de luz vermelha e fixa, alcance de 5 milhas; no forte de Santa Martha, situado a S. W. da fortaleza de Cascaes, estabeleceu-se uma luz de enfiamento com o pharol da Guia para indicar a navegação do canal do norte da barra de Lisboa, candieiro de Argand, reflector parabolico, alcance 20 milhas: por essa occasião começou a funccionar o pharol de Medo Alto, de que já falamos, inaugurou-se o da ilha da Medeira, no sitio denominado o Ilhéu de Fóra, apparelho lenticular de segunda ordem, luz branca, rotação, clarões de 30 em 30 segundos, com luz fixa em baixo, e alcance de 25 milhas; foi collocado um pharol na ponte do Arnel a N. E. da ilha de S. Miguel e no mirante de Caxias; um pharolim em Vianna do Castello, com o alcance de 5 milhas, e um apparelho dioptrico, segunda ordem, luz branca e fixa, alcance de 25 milhas, no Cabo de Sines.

Alcança o que acabamos de relatar ao anno de 1880 em que foi approvada a carta de lei que determinou reunir a administração do serviço dos pharoes á dos correios e telegraphos. Era então director geral, Guilhermino Augusto de Barros, que após uma visita minuciosa que fez a toda a costa de Portugal, a fim de se informar do estado dos edificios onde se achavam collocados os pharoes, estado de conservação dos respectivos apparelhos, e modo como o pessoal encarregado do serviço, o desempenhava, redigiu, sobre o assumpto, um importante documento que apresentou ao ministro das obras publicas d'essa época, Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, que o approvou, sendo em virtude d'esse documento, nomeada uma commissão composta: do contra-almirante, Francisco Maria Pereira da Silva; do general de brigada, Carlos Ernesto de Arbués Moreira; do capitão de mar e guerra, Antonio Maria dos Reis; do professor da escola naval, Bento Freire de Andrade; do engenheiro, Castanheira das Neves, e do chefe de repartição, Benjamin Cabral, commissão que tinha por fim habilitar o governo a apresentar ás Camaras uma proposta de lei para o alumiamento das costas de Portugal e ilhas. A commissão cumpriu bem o seu mandato, sendo louvada em portaria de junho de 1882.

Eis quanto nos cabe dizer ácerca dos pharoes, sendo justo recordar tambem o nome do notavel estadista Augusto Saraiva de Carvalho, que bastante concorreu para melhoria d'este importante ramo de serviço publico.

*

Occupêmo-nos agora da telegraphia, começando pela visual que, entre nós, foi estabelecida no anno de 1809, durante a guerra peninsular.

Foram collocados os primeiros postos telegraphicos, nos pontos occupados pelo exercito: — linhas de Torres Vedras, Alhandra, Mont'Agraço, Nossa Senhora do Soccorro, Torres Vedras, reducto n.º 30 e rectaguarda da Ponte do Sol, proximo de Runa, e servido por um destacamento de marinheiros sob o commando do tenente Leith; o vocabulario, decretado em 1804, para a marinha de guerra, augmentado de algumas necessarias expressões, constituiu a forma de communicação, mais tarde substituida pelas tábuas telegraphicas, designando-se por numeros as palavras, desde o alphabeto até aos nomes proprios. Ao mesmo tempo foi organisado o pessoal e publicado um regulamento disciplinar.

Em 1833 foi creada uma companhia telegraphica no Porto; em 1838 passaram os telegraphos existentes na ilha da Madeira para a direcção do commando da 9.ª divisão militar. Quando o exercito libertador entrou nos Açores, estabeleceu tambem ali a telegraphia visual. E assim com alternativas, ora publicando um regulamento, ora substituindo-o, em algumas disposições, ora

revogando-o por completo, se constituiu a historia da telegraphia visual que terminou em 1855, deixando alguns postos nos Açores, um telegrapho de ponteiro em S. Julião e Bugio, e outro de palhetas entre o Cabo Carvoeiro e Berlengas.

*

Passando á telegraphia semaphorica tudo leva a suppôr que a sua existencia em Portugal data de tempos antigos. Faltam, porém, documentos officiaes que comprovem a sua existencia em épocas remotas, apenas algumas publicações de 1803, dão noticia de estações semaphoricas no Pragal, Guia, Cabo da Roca, Arsenal, Castello de S. Jorge, Nossa Senhora da Luz e em outros pontos, e mesmo assim com tão escassas indicações que, quasi, se pode affirmar ser insignificante o seu desenvolvimento.

Cincoenta e dois annos depois, é que apparecem documentos precisos sobre o assumpto; uma ordem do ministerio da guerra, determina que se estabeleça um telegrapho semaphorico na foz do rio Douro e foi creada, no arsenal de marinha, uma escola pratica, onde havia um posto em correspondencia com o Pragal, para instrucção do pessoal nomeado para este serviço.

O codigo de signaes de Maryatti, recommendado aos commandantes de navios, em 1856, foi substituido pelo de Reynold, dois annos depois, e mais tarde, em 1868, pelo de Larkins, systema este que com 18 bandeiras produz 78:642 combinações.

Foram estabelecidos successivamente os seguintes postos semaphoricos: em S. Julião, abril de 1865; Cascaes, setembro de 1860; Oitavos, março de 1860; Cabo Carvoeiro, julho de 1865; Sagres, setembro de 1865; Vianna do Castello, junho de 1867; Cabo de Espichel, setembro de 1870; Ponta do Pargo (Madeira), maio de 1874; Ponta de S. Lourenço (Madeira), setembro de 1874; fortaleza do Ilhéu, janeiro de 1878; Sines, dezembro de 1880; Ponta do Ilhéu (Açôres), 1883.

No presente encontra-se n'uma situação regular o serviço semaphorico, pois que todos os pontos principaes da costa estão dotados do material necessario para o seu bom funccionamento, achando-se, hoje, todos os postos ligados á rede da telegraphia electrica, de que nos vamos occupar.

*

Foi em abril de 1855 que se estabeleceu o contracto para a construcção das linhas telegraphicas aereas do Terreiro do Paço, Côrtes, palacio das Necessidades, Cintra, Mafra, Carregado, Caldas da Rainha, Alcobaça, Leiria, Coimbra, Aveiro, Porto, Aldegallega, Barreiro, Setubal, Montemór-o-Novo, Evora, Estremoz e Elvas. Assignaram esse contracto, o ministro Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello e Alfredo Breguet, representante da casa Breguet, de Paris. O contracto marcava o praso de um anno para a conclusão d'esse trabalho, que seria executado sob a inspecção d'um engenheiro portuguez; estabelecia tambem todas as condições, no que respeitava a pessoal, deveres e obrigações das partes contractantes, tudo emfim quanto era preciso para o bom acabamento das obras e seu escrupuloso cumprimento. Em julho d'esse anno foi confirmado o contracto e no mez seguinte uma portaria ordenava ao intendente das obras publicas do districto de Lisboa, que estabelecesse no Terreiro do Paço a estação principal. No dia 16 de setembro de 1856, dia da acclamação de D. Pedro V, inauguraram-se as estações Principal, Côrtes, Necessidades e Cintra, com os apparelhos de quadrante de Breguet. N'esse mesmo anno foram construidas as linhas: — De Lisboa ao Porto; de Lisboa a Elvas, atravessando o Tejo em frente de Villa Franca, o rio de Samora e o vau de Alcochete, e a de Lisboa a Santarem; a primeira por Debain e as seguintes por Breguet. Crearam-se tambem, n'essa época, as estações de: Aveiro, Porto, Coimbra, Leiria, Caldas da Rainha, Villa Franca de Xira, Vendas Novas, Estremoz, Elvas e Santarem. A telegraphia tende a desenvolver-se cada vez mais. Foi estabelecido um fio directo entre Lisboa e Porto; a companhia do norte e leste foi auctorisada a servir-se do primeiro fio telegraphico do Estado entre Santa Apolonia e Carregado. O serviço telegraphico, porém, era sómente destinado aos usos officiaes; o povo só excepcionalmente d'elle se utilisava, não havendo por isso taxas telegraphicas e ficando á gene-

rosidade do remettente d'um telegramma particular, a gratificação aos negociadores da transmissão, lucro que nunca visava o pessoal que trabalhava aos apparelhos. D'isto resultou o director geral determinar que o producto da munificencia particular se guardasse para ser mensalmente dividido pelos encarregados do serviço.

A telegraphia electrica que, como dissemos, tendia a desenvolver-se em 1856, no anno seguinte o confirmou d'um modo apreciavel. Assim: effectuou-se em Badajoz a

PAULO DE BENJAMIN CABRAL

ligação das nossas linhas com as hespanholas, empregando-se os apparelhos de Bain. Conferiu-se aos particulares o direito de enviar telegrammas, servindo-se das estações officiaes, com as seguintes taxas: 200 réis por vinte palavras (taxa fixa), de mais, por cada distancia de 5 kilometros ou fracção, 10 réis, por cada cinco palavras além de vinte, 2 réis, e excedendo cem palavras era a taxa correspondente a novo despacho. Além d'isto as palavras que excediam sete syllabas contavam-se como duas palavras, cinco algarismos e fracção, consideravam-se como uma palavra; á nota de urgente correspondia taxa dupla; a repetição do despacho da estação da chegada para o da partida custava o deposito provisorio de metade da taxa do despacho; era taxado em 100 réis o aviso ao destinatario da hora da chegada; accrescia a taxa de mais metade, quando o serviço era executado de noite.

A um tempo que o serviço telegraphico era regularisado no interior do paiz, procurava-se egualmente estabelecel-o em ligação com o estrangeiro, como se achava organisado já entre varias nações por convenções internacionaes, celebrando-se a primeira convenção com a Hespanha, que foi approvada. Corria o anno de 1857 e antes e seguidamente, se estabeleceram novas estações telegraphicas e se construiram novas linhas, fechando o anno com o estabelecimento das communicações, por este systema, entre Gôa, Bombaim, Surrate e Damão. Datam de 1859 as linhas de Setubal ao Pinhal Novo, Coimbra á Figueira da Foz e Castello Branco á Covilhã, sendo tambem estabelecida a ligação com a Hespanha por Tuy para as relações internacionaes quando se interrompesse a communicação pela fronteira do Caia, empregando-se na travessia do rio Minho, um cabo submarino de tres fios e extensão de 195 metros. Foram alteradas as taxas telegraphicas, decretada uma reforma que augmentou, não só o numero de empregados, como os seus honorarios, estabelecidas as condições de admissão e regulado o que respeita a reformas e penalidades do pessoal; egualmente se decretou o regimento do serviço das linhas telegraphicas de quaesquer systemas e o de signaes maritimos e como até aqui, continuou a construcção de linhas e abertura de novas estações, de forma, a estabelecer-se uma rede telegraphica para todos os pontos do paiz, procurando-se tambem dar a este serviço um caracter universal para evitar as demoras e interrupções na transmissão dos telegrammas. Para a construcção de linhas particulares foram regulamentadas as condições e quaes os preceitos a seguir, e por convenção assignada em Paris, entre Portugal, Brazil, França, republica do Haiti e Italia, se procurou unir pela telegraphia o continente americano ao europeu.

E assim estabelecendo-se linhas e abrindo estações, decretando-se reformas para melhoria do pessoal e serviço, celebrando-se convenções e congressos, tudo emfim quanto as condições de momento iam aconselhando de util, se foi desenvolvendo progressivamente a telegraphia electrica até nossos dias, a que juntamos os seguintes dados que elucidam sobre o seu estado actual: Estações telegraphicas no continente e ilhas dos Açôres e Madeira, presentemente abertas ao serviço publico, 533, incluindo 5 estações radio-telegraphicas nas ilhas dos Açores; rede telegraphica, desenvolvimento dos fios conductores, em kilometros, 21.226; redes telephonicas do Estado, linha entre Lisboa e Porto, desenvolvimento dos conductores, em kilometros, 666; outras redes do Estado (Braga, Coimbra e Villa Franca), desenvolvimento dos conductores, em kilometros, 327,5. Movimento annual, em média, de telegrammas nacionaes e internacionaes (de transmissão, recepção e transito), 6.500:000. Rendimentos pertencentes a Portugal provenientes d'esses telegrammas, por anno, 578:492$395 réis.

As communicações internacionaes estão asseguradas, não só por differentes linhas terrestres, que nos põem em relações com a Hespanha e mesmo com Paris directamente, mas tambem por um grande numero de cabos submarinos que ligam o continente á Inglaterra, Hespanha, Allemanha, Gibraltar, Açores, America do Sul pela Madeira e S. Vicente, etc., etc. E para complemento façâmos uma rapida exposição do que se passou, de 1855 a 1882, ácerca da telegraphia electrica submarina.

Foram, em numero de 39, as propostas apresentadas, durante esse periodo, para cabos submarinos, todas de iniciativa estrangeira e nenhuma para serviço exclusivo do paiz. A 1.ª proposta foi apresentada pelo

general Wilde que consistia na immersão de um cabo entre Portugal e os Estados Unidos. A linha seguia de Inglaterra, Cabo Finisterra e Portugal para os Açores e Cabo Verde; fez-se contracto que foi annullado dez annos depois; 2.ª proposta, da companhia telegraphica de l'Ocean, entre Brest, ilha Terceira e os Estados Unidos; 3.ª, de Balestrini, para ligar a Europa com a Africa e America, amarrando o cabo submarino em Portugal: deu esta proposta logar a quatro conferencias em Paris, nas quaes tomaram parte, Portugal, Brazil, França e Haiti, nada sendo resolvido; 4.ª, de Marcoartu, para ligar a Europa á America, a Africa e o Atlantico ao Pacifico: não foi acceita; 5.ª, Marcoartu insistiu dando novas vantagens, mas, da mesma forma, não teve resultado; 6.ª, de Medlicott, para ligar Falmontha Halifax na America, tocando no Porto e na ilha das Flores, o que não teve seguimento; 7.ª e 8.ª, de Medlicott, propostas estas que pouca alteração tinham da que já apresentára e como ella não teve resultado favoravel; 9.ª, de Worl, propondo a construcção de um cabo da costa de Virginia, Bermuda e Açores; 10.ª e 11.ª, do mesmo e egual; 12.ª, de Darley Rose, entre Portugal e Inglaterra, contracto primario e um addicional prolongando o cabo até Gibraltar, foram annullados; 13.ª, de Medlicott, havendo tambem contracto que foi annullado; 14.ª, de G. Saner, para lançamento d'um cabo de Brest para New-York tocando nos Açores, que não teve seguimento; 15.ª, de Harvey, para ligar a França com os Estados Unidos, tocando nos Açores, que não teve seguimento; 16.ª, do conde de Penha Firme, entre a Inglaterra e Portugal, Açores e America, tocando em Gibraltar, o que ficou sem effeito; 17.ª, de Benard Rein, que perdeu 3:000 libras de deposito; 18.ª, de Despecher, para ligar Falmouth ás Indias; compra a concessão de Rein, pede modificação, abre-se concurso, contracto provisorio com Despecher para o cabo de Portugal á Inglaterra e de Portugal a Gibraltar que lhe é adjudicado; 19.ª, do dr. Makler, para a construcção d'um cabo de Lisboa a Pernambuco, que não teve seguimento; 20.ª, de Gongh, para lançamento de dois cabos, um de Lisboa a Gibraltar, Madeira, Cabo da Boa Esperança, outro de Lisboa á Bahia pela Madeira, que ficou sem effeito; 21.ª, de Rawell, para construir um cabo de Inglaterra a New-York, tocando na ilha Terceira: não consta que esta proposta tivesse seguimento; 22.ª, de Munró, entre Lisboa e New-York, tocando nos Açores, e seguindo Hespanha, Inglaterra, Irlanda e França, que caducou; e assim seguidamente foram apparecendo as restantes propostas, tendo apenas vingado duas d'ellas, durante a época a que nos referimos: as que ligaram Portugal com o norte da Europa e a America do Sul.

Como é facil calcular, muito mais poderiamos dizer sobre o assumpto, pois que a historia telegrapho-postal vem, de ha seculos, em progressivo desenvolvimento, revelar a sua grande utilidade, já como fonte de receita, já como meio rapido de communicação entre todos os pontos do paiz, algumas das nossas ilhas, e estrangeiro pelos cabos submarinos, n'uma extensão de alguns milhares de kilometros, e que, para maior valor ainda, se lhe vem juntar a telegraphia sem fios.

Tanto quanto nos foi possivel historearmos já o serviço postal e hoje, o que respeita a pharoes e telegraphos, e se não fômos d'uma escrupulosa minudencia, como seria para desejar em ramos de serviço de tanta importancia e magnitude, crêmos, comtudo, que conseguimos dar uma idéa das diversas phases porque teem passado, desde a sua origem, sendo justo, como fizemos com relação aos correios, elogiar os empregados telegraphicos pela fórma correcta com que se desempenham das obrigações dos seus cargos, sob as ordens do sr. Paulo de Benjamin Cabral, inspector geral dos telegraphos e industrias electricas.

HENRIQUE DE OLIVEIRA.

CONVALESCENTES e todos os que necessitem **fortificar o organismo** e **especialmente** o **systema nervoso,** curam-se tomando **Somatose** em pó e liquida (de gosto doce e secco).

Vende-se nas pharmacias e drogarias.

Poesia e pedagogia

João de Barros, o actual director geral de instrucção primaria, é um dos litteratos e dos poetas da geração moderna mais pujantes e mais sentidos. Mas se a sua obra litteraria é

JOÃO DE BARROS

bella e honra as letras patrias honrando-o a elle, a sua competencia como pedagogista não é menos valiosa, nem menos proficua. As conferencias que realizou em Bruxellas sobre os escriptores portuguezes é um trabalho de funda investigação e de critica documentada; o seu ultimo livro é um diploma magnifico do seu infatigavel estudo.

Como professor deixou no lyceu do Porto as maiores saudades aos seus alumnos e aos seus collegas. Muito tem a esperar a instrucção primaria do paiz com a sua nomeação para o alto cargo que presentemente desempenha.

O marechal Hermes da Fonseca em Lisboa

Foi nosso hospede durante alguns dias, depois de larga permanencia em diversos paizes da Europa, o presidente eleito do Brazil, marechal Hermes da Fonseca. A população e os

O DESEMBARQUE NO ARSENAL

poderes publicos do paiz receberam-no como é tradicional na nossa raça. S. Ex.ª, que deve tomar posse do seu elevado cargo no dia 15 de novembro, veio e retirou-se a bordo do poderoso couraçado brazileiro *S. Paulo*.

Foram-lhe aqui offerecidos varios jantares, tendo o da sala do Risco, no Arsenal, uma altissima significação de confraternidade politica. Fizeram-se ali diversos brindes, todos elles extremamente calorosos e em que falaram alguns dos nossos mais eloquentes oradores.

Chronica da moda

O mez de novembro — A tristeza dos dias de outono — O tempo fóra dos eixos... — A inconstancia da moda — A incompatibilidade da moda actual com os principios de economia — O exaggero do tamanho dos chapeus — O espirito da imperatriz Eugenia — A febre da toilette — Os vestidos baratos sáem caros — As novidades em tecidos de inverno — As saias modernas — O estylo Luiz XIII — Os chapeus de velludo com plumas pleureuses — As entravées banidas no inverno — O que decretará a moda na proxima estação, etc. etc.

Estamos em novembro!

E como é triste ver caïr as folhas, dirão as nossas gentis leitôras, sem comtudo talvez pensarem que com ellas se vae, para jamais voltar, uma primavera da nossa vida...

As folhas mortas, no constante rodopiar do vento por esses caminhos fóra, dão-nos a impressão dolorosamente triste dos bandos perdidos das nossas illusões...

Na mocidade da vida, como na primavera da natureza, a alma accorda em nós qual avesita gárrula, enamorada do azul, entoando hymnos de amor e de alegria; o coração touca-se de esperanças e transforma-se em um ninho de chymeras...

Não ha horisontes que não sejam coloridos das tintas azues do céo e do brando carmim das rosas... Porém, mal chega o outono tudo se transmuda, tudo empallidece, tudo se envolve na tristeza infinita, a um tempo doce e doloroso duma quadra que se despede de nós...

E, como todas as despedidas que nos tocam o coração, assim o outono é para nós deliciosamente triste...

Não sabemos se as nossas leitoras serão como nós, umas sonhadoras sentimentaes, vibrando sob o imperio das mais extranhas impressões; porém, o que seremos todas nós, as mulheres portuguêsas, nascidas neste lindo paiz de encanto, sob este céo de saphiras, acariciadas pelo bello sol de Portugal e embaladas pelo marulhar das vagas do nosso poetico mar de esmeraldas?!...

.

O verão passou sem nos deixar a recordação duma bôa estação que terminou. Foi um verão quasi sem calor, sem brilho e enfraquecido ainda pelas ventanias constantes e insuportaveis, que ha tanto tempo nos perseguem.

Como tudo tem mudado!... até o tempo! que parece ter sahido fora dos eixos... e accusar manifestações evidentes de grandes desiquilibrios.

No entanto não digamos mal deste outono adoravel, pelas suas graças *rouillées* e melancolicas, o seu sol *voilé* e as suas arvores despidas...

Elle começa já a fazer-nos pensar na chegada do inverno, que tambem tem os seus ponderados encantos, com as suas longas noites de serões deliciosos em familia, de theatros, de festas, e que, por associação de ideias, nos faz evocar tambem a Moda com os seus decretos invernaes.

Ah! a Moda!... Como ella segue na evolução do tempo e na vertigem da velocidade! O que ainda hoje admiramos como moda em rigor, excepcionalmente novo e elegante, no fim dalguns dias — pois maior não será a sua duração — já nos parece *démodé* e antigo...

E' que a variedade, gentilissimas Senhoras, digam Vossas Excellencias o que disserem, deleita-nos e encanta-nos! Todavia affirmam as pessoas economicas, que ha sempre *arranjo* possivel, para os vestidos da estação passada.

Os *dictadores* da moda, teem revolucionado tudo isto e crêmos até que ha um firme proposito na combinação das modas, destes ultimos tempos, para que, seja impossivel usar-se uma *toilette* da estação passada, sem soffrer uma completa modificação.

Que poderemos fazer, apezar de toda a nossa boa vontade e economia, da *celebre entravée*? Positivamente nada... ou quasi nada.

Como tivemos a grande coragem de as usar, teremos a resignação de as abandonar, sem saudades. As mulheres economicas e rasoaveis, não se preocupam em possuir um grande numero de *toilettes* e usarem qualquer das da estação passada, mesmo quando tenham a certeza de ser, *já conhecida*...

E' uma *superioridade* a que poucas resistem.

E é sem duvida alguma a grande regra da economia feminina.

Se os vestidos, passado algum tempo, nos apparecem estravagantes, feios e *demodés* que diremos nós dos chapeus?!...

Como elles teem perdido toda a sua frescura e nos parecem odiosamente feios! E' tudo assim... Os chapeus augmentam de tamanho em cada estação, crescem desmedidamente tanto que não sabemos onde nos levará este exaggero!

E o luxo, meu Deus!

Será possivel que assim continuemos?...

Dizia a imperatriz Eugenia, a quem accusavam de dispender grandes sommas com as suas *toilettes*, num dos dias de verdadeiro espirito: «criticam-me, mas é bom que se nóte que as burguezas d'hoje gastam bem mais do que eu!»

Não ha duvida que as nossas *burguezinhas* se vestem pelo menos tanto, como as grandes damas d'outros tempos. O luxo torna-se democrata, como a época que atravessamos; mas deixemol-o para as altas classes opulentas, que podem proteger as industrias e as artes...

Nunca a febre da *toilette* foi tão intensa como agora e qualquer que seja a situação da mulher, devido á vulgarisação dos grandes armazens, não ha quasi nenhuma que, rodeando-se de um falso luxo barato não tente parecer muito bem, «o que se não poderá censurar,» esmerando-se quanto possivel, embora comprando vestidos baratos, que no fim de contas saem cáros, porque geralmente se confirma que os tecidos baratos não nos offerecem economia alguma.

As phantasias que a moda a todo o momento inventa e nos seduzem pelo seu preço, pouco duram e deviam ser usadas por aquellas que frequentemente pudessem mudal-as, o que quer dizer que essas estravagancias competem somente ás que teem a *graça* de serem ricas.

O que nós admiramos, principalmente, são certas mulheres, que, com pequeninos rendimentos, possuem a grande sciencia de se saberem vestir bem.

Temos por ellas a mais profunda admiração, pelo seu talento e pela sua arte na economia.

Fogem sempre aos tons *muito á moda* e aos tecidos vistosos e ordinarios, guiando-se pelo velho rifão: *o que é barato sae cáro.*

Aqui teem pois, minhas Senhoras, os conselhos que lhes dá uma chronista com experiencia bastante para poder falar assim...

*

Estamos pois em principio duma estação de modas que nos promette maravilhas, mas sobre as quaes, por emquanto, quasi nada se poderá affirmar.

Muitas das elegantes estão ainda em debandada das praias donde veem de se deliciar, e das suas quintas luxuosas e lindas para a nossa querida e adoravel Lisboa, sequiosas das suas elegantes *coquetteries*, animando-a com a sua belleza resplandescente de mocidade e frescura. Já se vê movimento, já se nóta certa animação na nossa vida mundana, que tanto nos alegra e nos fascina. Ainda bem...

Daqui a pouco voltam os bellos dias de inverno, em que nos é permittido admirar as nossas mais lindas mulheres, com a sua actividade crescente, procurando adquirir o que ha de mais sensacional para as suas *toilettes*, que as tornam mais elegantes, mais *chics*, se isso é possivel.

Agora dir-lhes-hei o que ha de novidades e o pouco que tem apparecido em tecidos de inverno:

Para o *tailleur* emprega-se de preferencia «*côte de cheval*». A sua solidez torna-o muito commodo para os passeios de carruagem ou, para quem gosta de sahir de manhan nos seus passeios hygienicos. Como côres favoritas, são o *beije* até ao castôr.

UM VESTIDO LONDRINO DE VELLUDO VERDE COM CHAPEU EGUAL AO VESTIDO

Tambem se vê muito o azul *de ray*, mas é uma côr pouco pratica e muito sujeita á insuportavel poeira.

As saias já se fazem mediocremente amplas, *sans entravés*, naturalmente.

Fazem-se de um só bocado de tecido, vindo fechar sobre o lado esquerdo por uma grossa costura apparente.

Vêem-se tambem muitas saias com estreitas *tabliers* — guarnecidas — até mais de meia altura, com pequenos botões de phantasia. Salvo para os vestidos de caça e os *trotteurs*, puramente de manhan as saias não serão completamente curtas: devem ser a pousar no chão; isto faz uma mudança completa sobre a moda dos ultimos *tailleurs*. A fórma *bluze russa* está posta de parte, adaptando-se agora um vago estylo Luiz XIII com abas e algumas tambem com um pequeno *habit*.

O estylo Luiz XIII é sobre tudo lembrado por uma graciosa golla de renda de Irlanda, repousando sobre os *revers* de velludo, ou de *moirée*: é uma bonita guarnição, que tem tudo a seu favor e promette prolongar-se pela estação de inverno.

Continúa o delirio, o verdadeiro enthusiasmo pelo velludo preto. Vê-se por toda a parte como guarnição e tambem muito em vestidos *trotteurs*, para visitas de ceremonia e para a noite.

Confessamos ser na realidade uma das actuaes modas que consideramos completas em elegancia e linha.

O *chic* duma *toilette* reside hoje sobre tudo nos detalhes: não basta ter um lindo vestido, é preciso que seja bem feito, que o acompanhe um chapeu *chic* e um calçado... Oh! o calçado! como elle é o complemento da *toilette* da mulher essencialmente bella e, consideradamente elegante!...

O mais simples *tailleur*, póde ter uma nota

Para augmentar o poder da alimentação dos caldos, leite e carnes para convalescentes, juntar **SOMATOSE.**

caracteristica de elegancia, mais ou menos discreta, segundo a guarnição e o formato dum artistico chapeu e do tom da flôr que lhe guarnece o peito. E é procurando sempre a simplicidade que o destaque é completo e que a mulher consegue salientar-se, em todos os grandes centros em que predomina algumas vezes o maior e mais desmedido luxo.

Os chapeus de velludo, que fizeram as delicias na estação de verão, não ha razão para que se diminua o enthusiasmo por elles, desde o momento que o inverno se approxima.

Estes chapeus immensos, simplesmente guarnecidos de magnificas e deliciosas plumas *pleureuses* são duma belleza incomparavel. Todas estas excentricidades são bastante complicadas, fazendo-nos crêr que a moda de inverno não será muito simples; em todo o caso creio que não veremos mais *entravées*, e que os vestidos Luiz XIII e estylo Imperio terão tido muitos ensaios, com optimos resultados, o que faz prever a sua proxima apparição.

Na nossa chronica seguinte poderemos definitivamente dizer com toda a segurança as novidades e as tendencias geraes da estação de inverno.

Durante este tempo, indagarei, perçorrendo *com amor á arte*, as nossas melhores casas e falar-vos-hei dos mais recentes tecidos, das suas elegantes guarnições, dos feitios de sensação e dos chapeus.

Industria

José Maria da Cunha Vasco, escriptor primoroso e grande industrial do Rio de Janeiro, acaba de dar á publicidade um trabalho onde bem revela a sua muita facilidade de expôr,

JOSÉ MARIA DA CUNHA VASCO

clara intelligencia e especial attenção que lhe tem merecido a mais importante industria manufactureira do Brazil. Esse trabalho intitula-se *A industria do algodão no Brazil*, e a sua leitura é muito proveitosa e de grande interesse para os industriaes.

Theatros

Nacional. — Com a comedia *O Burguez Fidalgo*, adaptação de Eduardo Garrido, inaugurou a presente época o theatro Nacional, havendo de novidade as substituições de alguns dos interpretes, os quaes provocaram justos applausos, em especial, Augusta Cordeiro que no papel creado por Lucinda Simões, foi de extrema correcção.

Não vão, porém, os nossos louvores para a peça a qual, sem querermos depreciar o valor de Eduardo Garrido, que é incontestavelmente um dos nossos melhores comediographos, nem nos parece de Molière, tal é a falta accentuada d'aquelle espirito fino e subtil ironia, que se encontra em diversos trabalhos do distincto dramaturgo. Mas as coisas são o que são, e a verdade é que a peça agradou a época passada, a critica acceitou-a sem protestos e, se não estamos em erro, foi a que maior numero de representações deu.

No proximo numero occupar-nos-hemos das peças, *Perdidos nas trevas* e *Como se escolhe um genro*, que foram recebidas com bastantes ovações.

Trindade. — Entre as diversas peças levadas á scena n'esta casa de espectaculo pela companhia do actor Alves da Silva, uma das que obteve maior agrado, foi a de Octave Feuillet, traducção de Moutinho de Sousa com o titulo, *A vida d'um rapaz pobre*, e que, ha uns cincoenta annos, fez ruidoso successo. Teve então como interpretes, nos papeis principaes, os distinctos actores Santos e Tasso, o que principalmente, justificou o exito, pois que, a peça pertence ao numero das que exigem um bom desempenho para chegar a porto de salvamento. Da empreza se sahiu bem o grupo de artistas que agora a interpretou, destacando-se Alves da Silva, Adelina Nobre, Monteiro e Araujo Pereira, e em papeis secundarios Cecilia Neves e Maria Frazão.

A peça tem o *signe* do theatro velho: é empolgante, commovente mesmo, estylo caracteristico do drama antigo, figuras arrastando-se em estradas de dôr, tudo sob uma architectura pesada, mas que agradou e agradará sempre. Peças assim não morrem, os annos não conseguem sequer envelhecel-as; teem sempre os seus adeptos e triumpham em todas as occasiões. Para prova basta a concorrencia e os applausos. A primeira traducção foi de Joaquim Annaya.

Gymnasio. — Como dissemos no nosso anterior magazine, o theatro do Gymnasio acaba de passar por uma completa transformação no que respeita á sua vida de scena; assim devia ser, tudo se impunha, para que um theatro como o Gymnasio, de gloriosas tradições, quer pelo elenco da companhia, quer pela escolha de reportorio, sahisse d'essa deploravel decadencia, de que ha annos, vinha enfermando. O genero de peças ultimamente alli explorado não obedecia, em boa verdade, ás antigas tradições do

Gymnasió e d'ahi, talvez, o principal motivo da decadencia. Tanto o reconheceu o actor Valle que, a seu pedido, foi encarregado da direcção o distincto actor Christiano de Sousa, que começou pela escolha de artistas que deveriam compor a companhia, crendo, que com egual criterio formará o reportorio e levantará o theatro á sua outr'ora categoria.

A peça de abertura foi o *Filho de Coralia*, de Albert Delpit, habilmente traduzida, que o publico recebeu sem restricções e que pelo desempenho que obteve constituiu uma noite de bôa arte. E' uma comedia delicada, de espirito leve, por vezes sentimental, formando com os seus claros escuros, um conjuncto de scenas que se ouvem com muito agrado. Tambem pertence á velha escola, mas nem por isso perde em valôr, e em especial, quando tiver, como succedeu agora, uma tão correcta interpretação. De Lucinda Simões e Christiano de Sousa basta que se diga: não se representa melhor. Não ha a menor hesitação; o mais simples detalhe os dois distinctos artistas o observam com exacto conhecimento de arte, sendo os seus bellos trabalhos muito bem secundados pelas actrizes Judith de Mello, e Maria del Carmen, e pelos actores, Telmo, Cesar de Lima e Machado. Muito bôa a *mise-en-scene*.

Esperamos que as que se seguirem correspondam á enthusiastica ovação com que a peça de abertura e os artistas foram recebidos.

Este theatro fez tambem *reprise*, do drama, *A ciumenta*, traducção do hespanhol de Leopoldo de Carvalho.

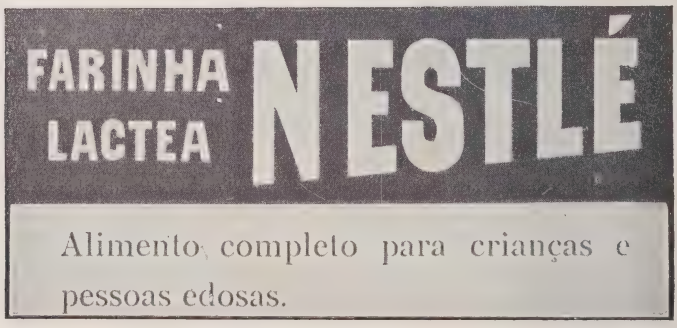
Apollo. — O *vaudeville Major Magnesia*, de Manezy-Eon, recommenda-se pela graça do entrecho e pela fertilidade de episodios que provocam, de momento a momento, a hilariedade da platêa. Recheado de situações comicas e de ditos de espirito consegue, sem esforço, fazer esquecer as agruras da vida. São 3 actos que dispõem bem e deixam o publico completamente satisfeito; para mais, Filippe Duarte escreveu uma musica alegre, viva e de agradavel audição. Muito cuidada a traducção de Marçal Vaz.

No desempenho occupam o primeiro plano Lucinda do Carmo que dá ao seu pequeno papel, notavel brilho, comprovando o seu muito valor, e Amelia Pereira que transmitte a sua habitual alegria e vivacidade; em segundo plano ha a destacar, Pedro Machado, Narciso Vaz e Julio Guimarães. E' peça para ficar e que dará á empreza, em diversas épocas, alguns vintens. Seguiu-se-lhe a immortal revista *Sol e Sombra*, com novos quadros.

Rua dos Condes. — Continuou chamando bastante concorrencia, a revista, em 3 actos, *Cacharolete*, original de Celestino da Silva e musica de Luz Junior; d'ella nos occupámos já na sua primeira representação, havendo agora diversos papeis substituidos, como o do *compère*, desempenhado presentemente pelo actor Euzebio de Mello que teve bastantes chamadas ao palco.

Colyseu dos Recreios. — Foi com grande enthusiasmo, como nos annos anteriores, que o publico recebeu a abertura do Colyseu dos Recreios, mostrando assim a sua predilecção por aquelle genero de divertimento, applaudindo a magnifica companhia que, incontestavelmente, executa alguns dos trabalhos com bastante precisão e que se recommendam pela novidade. A enchente foi o que se chama collossal, sendo diversos numeros repetidos e todos premiados com ovações. Já lá vae o tempo em que era só divertimento para creanças, as companhias equestres; hoje, até os velhos... não faltam.

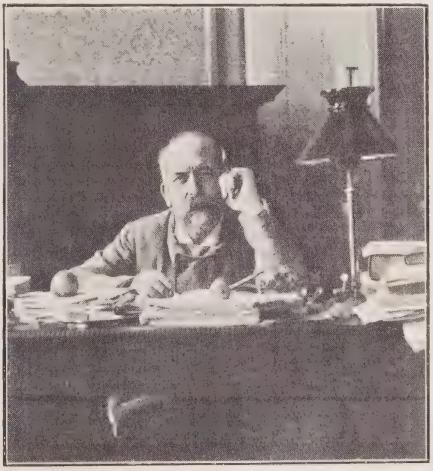
H. O.



Alfredo Keil

AUCTOR DE «A PORTUGUEZA»

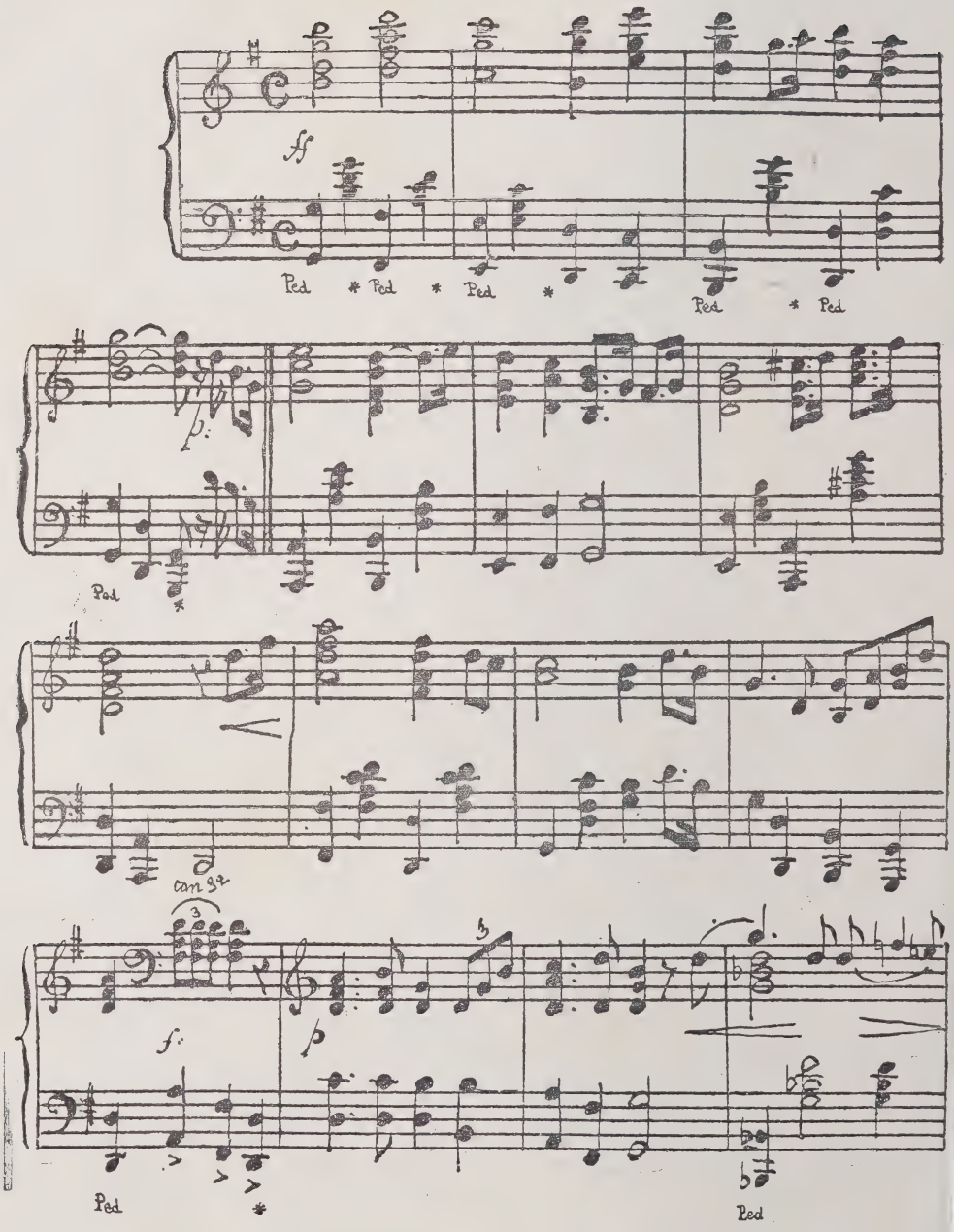
A PORTUGUEZA

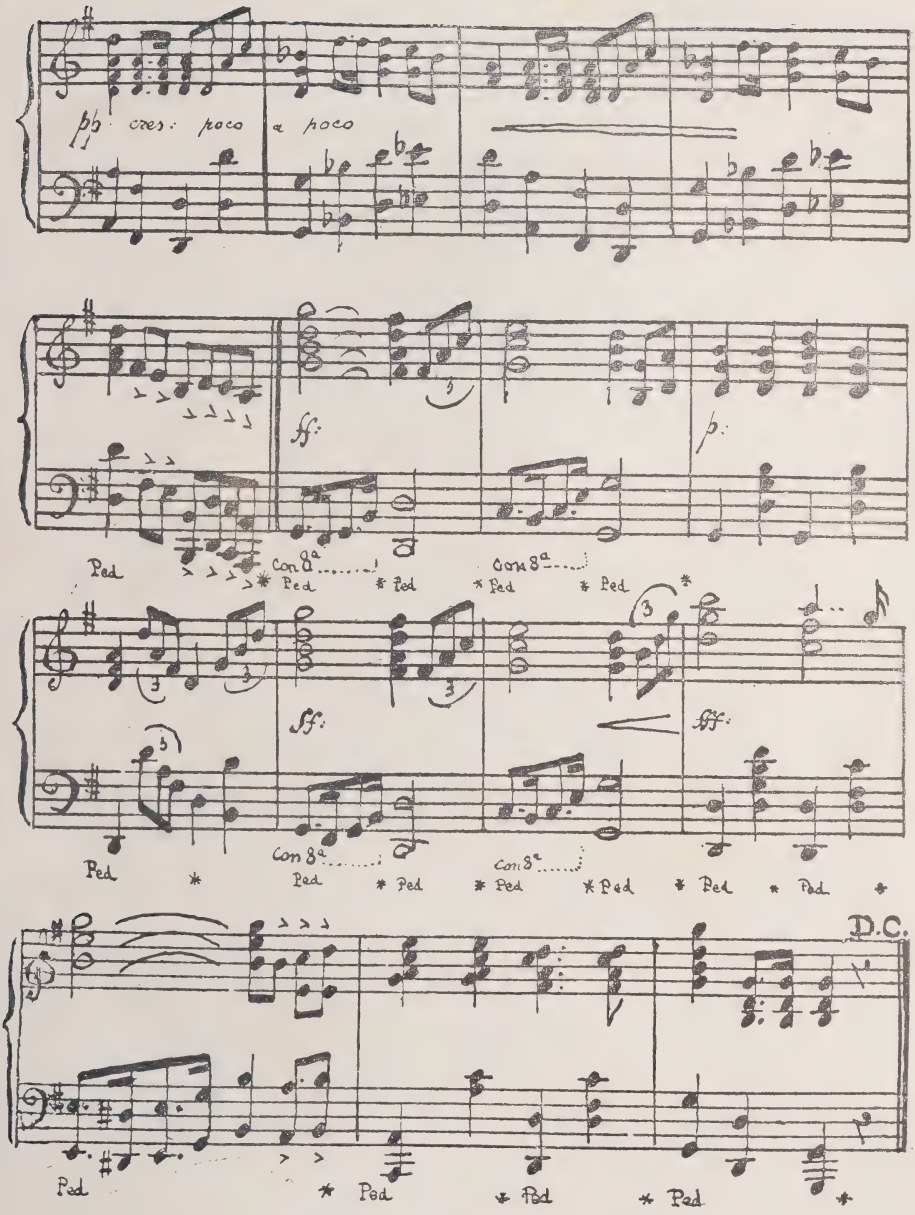


Henrique Lopes de Mendonça

AUCTOR DA LETRA DE «A PORTUGUEZA»

A Portugueza




pp cres: poco a poco
ff:
p:
Ped
Con 8a
Ped
Ped
Con 8a
Ped
Ped
ff:
fff:
Ped
Con 8a
Ped
Ped
Con 8a
Ped
Ped
Ped
D.C.
Ped
Ped
Ped
Ped

A Portugueza

I

Heroes do mar, nobre povo,
Nação valente, immortal.
Levantae hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memoria,
Oh patria, sente-se a voz
Dos teus egregios avós
Que ha-de guiar-te á victoria!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria luctar!
Contra os canhões marchar!

II

Desfralda a invicta bandeira
A' luz viva do teu céo!
Brade a Europa á terra inteira:
Portugal não pereceu!
Beija o solo teu jucundo
O Oceano, a rugir d'amor;
E o teu braço vencedor
Deu mundos novos ao mundo!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar, etc.

III

Saudae o sol que desponta
Sobre um ridente porvir;
Seja o echo d'uma affronta
O signal do resurgir.
Raios d'essa aurora forte
São como beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustem,
Contra as injurias da sorte.

A's asmas! sobre a terra, sobre o mar, etc.

Muita attenção:

BRINDE

Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.ª classe)

OU O SEU EQUIVALENTE EM RÉIS

Com o n.º 64, referente ao mez de outubro do nosso magazine **Serões,** enviámos aos estimaveis assignantes, **sómente assignantes,** a senha numerada para o sorteio do BRINDE que promettemos no primeiro numero do corrente anno, uma vez que os seus recibos se achem liquidados com a administração dos **Serões.**

Aos senhores assignantes por periodo de um semestre, foi enviada uma senha numerada, e dois numeros indicados na mesma senha áquelles que tinham assignado por todo o anno de 1910.

O sorteio realisar-se-ha com a grande loteria do Natal, que se effectua no dia 23 de dezembro na Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

As senhas numeradas foram unicamente enviadas aos assignantes que teem adquirido este magazine por meio de assignatura semestral ou annual, dentro do corrente anno, assignaturas cobradas em troca do respectivo recibo, passado pela administração dos **Serões.**

Esta explicação torna-se necessaria, visto alguns dos nossos correspondentes das provincias, que recebem os **Serões** em condições mui diversas, se julgarem com direito ao BRINDE, quando este só visa assignantes semestraes ou annuaes, e não compradores com commissão ou avulsos.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes.
Virus de serpes, lé qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Ulceras, frieiras, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Blenol – Lindacutis – Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias e prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Dorinças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 70 — 61580A
Telephone 805

SERÕES

N.º 66 — Dezembro 1910
Assignatura | Semestre . . 18000
| Anno . . 35200
Numero avulso . . . 200
Composto e impresso
na Typ. da Annuario Commercial

Detalhe, em prata, do altar da egreja de S. Marcos em Philadelphia

A MAIOR E MAIS IMPORTANTE

FABRICA PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construcção de pontes,
vigamentos e estructuras metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR

MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUCÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES

Alfaias e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos

SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRIPTORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE
N.° 256—BELEM

Telegrammas
Santamaro
LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente

AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA

Proprietaria e editora: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial**, Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

Pag.

ELIESER EM CASA DE LABAN
Reproducção de um quadro da escola italiana *(Frontispicio)* 402

NOITE DE NATAL *(Versos)* por Urbano de Castro *(1 illustração)* 403

OS SOBERANOS DA EUROPA
(5 illustrações) por Portugal da Silva 404

FÉ *(Versos)* por J. Figueiredo 413

O CASO DO MERGULHADOR
(2 illustrações) versão do inglês por Manuel de Macedo 414

AUTHENTICOS HEROES *(Versos)* por Alexandre Fontes 419

OS JARDINS DA HISTORIA
Traducção de A. Teixeira dos Santos 420

FIGUEIRA DA FOZ *(1 illustração)* 425

MARIA JOSÉ
(3 illustrações) por Claro das Neves 426

MINHA MÃE *(Versos)* de Ricardo de Souza 433

O CASAMENTO NOS DIVERSOS POVOS E PERANTE A HISTORIA
(2 vinhetas) por Carneiro de Moura 434

ARTISTAS ITALIANOS
(5 illustrações) compilado por Eduardo de Noronha 438

A ESCOLA MATERNAL FRANCESA
(2 illustrações e 1 vinheta) por F. Adolpho Coelho 444

O CAMPO DE SANT'ANNA — RECORDAÇÕES DE ENTÃO
(14 illustrações e 1 vinheta) por Carlos Abreu 451

CHORAR *(Versos)* por Carlos Cilia 460

IMPRESSÕES D'ARTE
(7 illustrações e 1 vinheta) por Alfredo Pinto (Sacavem) 461

CRÓMO *(Versos)* por D. Maria da Cunha 466

VIDA UNIVERSAL *(Versos)* por Odilon Nestor 467

ECCOS E REFLEXOS
(10 illustrações e 1 vinheta) 468

A MUSICA DOS SERÕES

HYMNO DO MINHO . . . . . 3 pag.

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — *Notas sobre Anthero de Quental*, 1 vol. br.	700
Conan Doyle — *Aventuras do Brigadeiro Gérard*, 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — *O pintor Nuno Gonçalves*, 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1$500
Antonio Sergio — *Rimas*, 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — *Peregrinação*, edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — *Obras*, 2 vol. br.	1$200
André Brun — *Dez contos em papel*, 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — *Diccionario Pratico Illustrado*, 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3$000

CASTELLO DE MOURA

Afamadas aguas mineromedicinaes e indiscutivelmente as melhores de meza.

Refrigera os sãos e cura os doentes

Grand Prix, Rio de Janeiro 1908 — **Medalhas de Ouro,** Madrid 1907, Porto 1904 — **Medalha de Prata,** S. Luiz 1904.

TELEPHONE 880

Deposito geral: Rua Arco do Bandeira, 24

As nossas capas de luxo

Com o n.º 66, completa este bello magazine portuguez — **Serões** — o **II.º volume** da **2.ª serie.**

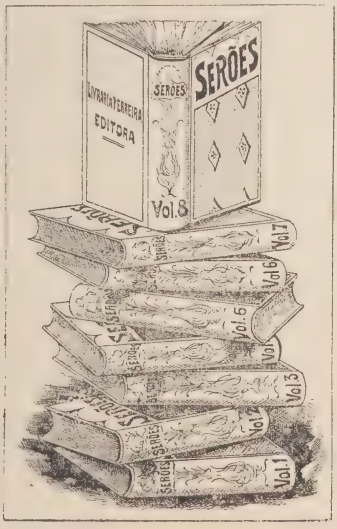
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1$200 réis cada



A 1$200 réis cada

ONZE VOLUMES

2.ª Série

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigida á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de dezembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer encommenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.ª

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de dezembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer logar nos espectaculos realisados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de dezembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de dezembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para acquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de 10 por 100

durante o mez de dezembro 1910.

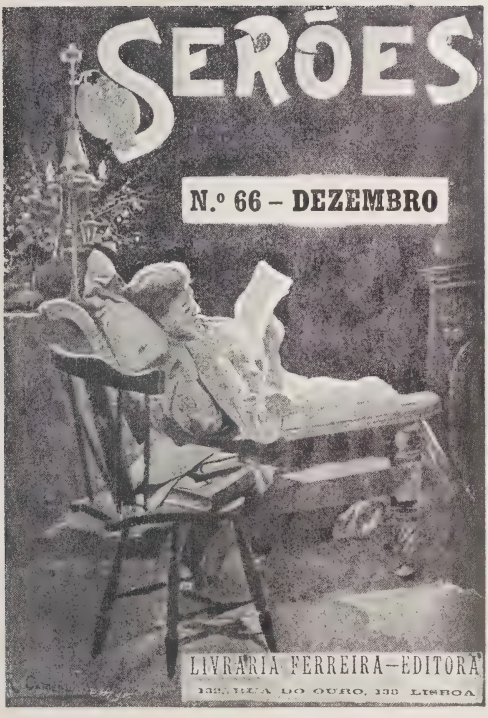
Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de dezembro 1910.


SERÕES
N.º 66 – DEZEMBRO
LIVRARIA FERREIRA – EDITORA
RUA NOVA DO OURO, 133 LISBOA

ELIESER EM CASA DE LABAN

Reproducção de um quadro da escola italiana

NOITE DE NATAL

Noite, noite de Natal,
Noite sobre todas santa,
Isenta de todo o mal,
Feita de puro crystal,
Noite augusta, sacrosanta!

Noite, noite em que Maria,
Cheia de graça e de luz,
Entregou á luz do dia
O cachopinho Jesus,
Nossa luz, nossa alegria!

Quantas luzes nos altares
Das ermidas mais modestas!
Que sons alegres nos ares!
Que festa em todos os lares!
Boas festas, boas festas!

Urbano de Castro.

Os Soberanos da Europa

II

O REI DE HESPANHA

D. Affonso XIII

O dia do santo d'El-Rei — As recepções officiaes — A côrte e os convidados — Vocação artistica e vocação militar — A actual Rainha d'Hespanha — A Rainha Christina — Uma gentileza a um anarchista — O «Esperanto» — A alegria da mocidade — Anecdotas.

É uma mocidade a que se assenta no throno d'Hespanha, e que muito cedo, creança ainda, foi chamada a presidir aos destinos do paiz, sob a regencia de sua Augusta Mãe, a Rainha D. Maria Christina, cujos dotes de coração e extraordinaria habilidade d'estadista se revelaram n'essa difficilima phase que atravessou com as luctas de partido e uma espinhosa situação internacional.

O successor do mallogrado D. Affonso XII, em seguida á sua coroação — 17 de maio de 1902, quando completava 16 annos, — teve como primeira preoccupação a de consolidar as finanças e desenvolver uma proveitosa politica commercial. E com esse intuito foram enviadas delegações aos paizes que mais vantagens offereciam, incumbidas de fazer uma propaganda que servisse de base a novos tratados favoraveis ao intercambio com a Hespanha, augmentando as rendas do Estado.

A instrucção d'El-Rei é variadissima, tendo tido como professores os homens mais afamados, que lhe ensinaram, além dos idiomas, sciencias e artes, os exercicios athleticos e differentes desportos, tornando-se um adestrado esgrimista.

Ao subir ao throno resumiu o seu programma n'estes termos:

— Nunca deixarei de ser bom hespanhol e bom catholico como todos os meus predecessores, e como homem do meu seculo, verdadeiro liberal.

Aproveitando as manifestações de sympathia e apreço que lhe foram tributadas por essa occasião, buscou estreitar as relações diplomaticas do seu paiz com as nações que visitou e onde foi longamente acclamado.

A vida do Rei

Costumava levantar-se das 7 para as 7 1/2 da manhã, e após as abluções necessarias, o que levava uma hora, tomava o primeiro almoço em companhia de sua mãe e de sua irmã a Infanta D. Maria Thereza.

Depois d'alguns momentos de conversação familiar, entrava nos seus aposentos e durante uma hora conferenciava com os

seus ex-professores, recebendo assim o ensino, embora sem o caracter de lição.

Mas a quem dava especial attenção era ao Conde de San Bernardo que se occupava de questões agricolas, agradandolhe tambem os assumptos militares, conversando com as pessoas que mais ao par estavam dos progressos do exercito.

Das 10 1/2 ás 11 recebia o pessoal superior do palacio, depois os ministros que iam alli todos os dias, menos aos sabbados, em que concedia audiencia a que assistiam, além das pessoas que a solicitavam, politicos, gentis-homens, generaes, cavalleiros do Tosão d Ouro, etc.

Almoça ainda hoje á uma com a familia, sendo convidados alguns officiaes de serviço.

A não ser para visitar o acampamento, o hospital militar ou os quarteis, de manhã sahia raras vezes, mas depois do almoço entregava-se durante duas horas a passear de carruagem na Casa de Campo ou no Pardo.

Como a equitação e a caça eram — e ainda são — os seus recreios favoritos, sahe sempre preparado de maneira que se possa entregar ao seu divertimento predilecto.

S. M. EL-REI D. AFFONSO XII

(Photographia tirada quando El-Rei contava 13 annos, e estava no Collegio Theresiano, em Vienna d'Austria. E' hoje rarissima)

Se o tempo está mau, joga uma partida de bilhar depois do almoço, vulgarmente com o ajudante ou o chefe da sua casa militar.

E' então que se occupa dos negocios urgentes no caso de haver algum que não possa esperar o despacho ordinario do dia seguinte, entregando-se depois ao exercicio da esgrima.

Até á hora de jantar lê os jornaes e as revistas illustradas, nacionaes e estranjeiras.

Embora um empregado official colleccione diariamente tudo quanto interessa o soberano, gosta de ler as folhas politicas e litterarias, adquirindo d'essa fórma um exacto conhecimento da marcha dos negocios publicos, das necessidades e aspirações do paiz e das exigencias da opinião, podendo formar um juizo seguro que o seu bom criterio lhe permitte, fazendo indicações ao governo no sentido que mais justo lhe parece, adoptando as resoluções que a rectidão e firmeza do seu caracter lhe suggerem nos casos que a sua regia iniciativa consegue resolver.

Das 7 ás 8 janta com as Rainhas, o Principe das Asturias, a Infanta Isabel, o

chefe da sua casa militar, o commandante dos alabardeiros, grandes de Hespanha, pessoal de serviço e algum empregado superior do palacio.

Segue se uma partida de bilhar ou xadrez, retirando-se o Rei para os seus aposentos pouco depois das 10, se é que não vae ao theatro.

O dia do seu santo

E' a 23 de janeiro, e emquanto os particulares festejam o seu dia em intima expansão, a elle, Chefe do Estado, impõem-lhe obrigações e cerimonias officiaes.

Os parentes offerecem-lhe armas e objectos para cavallos e carruagens, e n'esse dia almoça mais cedo com a familia.

Vae depois vestir-se de grande gala para a recepção, que se effectua ás duas da tarde, e a que assistem as camaras legislativas, o corpo diplomatico e os grandes de Hespanha que hão-de formar a comitiva que acompanha Sua Majestade á sala do Throno.

S. M. EL-REI D. AFFONSO XIII

Quando o rei se senta, os grandes collocam-se á direita e as damas á esquerda, atraz os chefes superiores do palacio, na frente o corpo diplomatico, e aos lados d'este os camaristas de serviço e os officiaes da escolta real e dos alabardeiros.

Junto á poltrona régia estão as destinadas ás augustas Rainhas, e os mais membros da Familia Real situam-se ao lado do throno pela ordem de successão á corôa.

A musica dos alabardeiros toca n'uma sala contigua e na grande praça da Armeria as bandas militares.

Estando tudo na fórma exposta, abrem-se as portas do salão, e as pessoas que esperam lá fora desfilam ante o soberano.

Prestando culto a uma antiga usança, concede-se a primazia ao conselho d'Estado e ao Supremo Tribunal, depois, indistinctamente, e em grupos, passam as ordens militares, os ministerios, academias, corporações, municipio, deputação provincial, officiaes, etc.

Outr'ora esta cerimonia denominava-se *besamanos*, porque cada convidado, ao passar diante do Throno, beijava a mão do Rei. Mas D. Affonso XII acabou com esse habito, e assim agora denomina-se *recepção official*, limitando-se cada qual a fazer um cumprimento.

Pelas 7 da tarde effectua-se o banquete na enorme sala de jantar cujas paredes são revestidas de formosas tapeçarias, e os tectos formados por uma artistica combinação de marmore e de bronze.

A mesa central, para 80 ou 90 pessoas, está enfeitada com flôres, em pittorescos macissos nos cantos, enlaçados entre si por meio de grinaldas.

A luz esplendida dos candelabros coadunando-se com as velas dos lustres, arrancam deslumbrantes reflexos ao crystal de Baccarat, á porcelana da Bohemia e de Sèvres, e ao serviço em prata que avulta por toda a parte.

Os convidados, que são os ministros e esposas, cavalleiros do Tosão d'Ouro, presidentes dos tribunaes, da deputação e do municipio, capitães-generaes, auctoridades de Madrid, grandes de Hespanha e damas de serviço e funccionarios superiores do palacio, esperam na sala proxima.

A Familia Real, atravessando o salão do Throno, entra na sala de jantar precedida dos mordomos e officiaes da guarda, seguida da sua esplendida comitiva aos accordes da *Marcha Real*.

Quando ha uma pessoa de Familia Real estranjeira, se é uma dama, o chefe do Estado offerece-lhe o braço, se é varão, é este que conduz a Rainha.

O *menu* compõe-se de 10 a 12 pratos, e seis a sete vinhos generosos, e durante o jantar a banda do Real Corpo d'Alabardeiros executa um brilhante concerto. Tomado o café, espalham-se os presentes pelas salas de Carlos III e Gasparini. Conversa-se um pedaço e cada qual retira-se pouco depois.

E é assim que o Rei d'Hespanha passa o dia do seu santo.

SUAS ALTEZAS REAES O PRINCIPE DAS ASTURIAS D. AFFONSO, HERDEIRO DA COROA, E O INFANTE D. JAYME
(A contar da direita para a esquerda)

Caracteristicas

Os traços de caracter que, accentuando-se cada vez mais, vincaram a personalidade de D. Affonso XIII, foram a vivacidade d'imaginação e a energia.

Devido á primeira d'estas duas condições tão apreciaveis, consegue assenhorear-se dos assumptos mais complicados mediante uma breve exposição ou uma simples leitura, formando um juizo claro, inclinando-se sempre para o lado da razão e da justiça. Mercê da segunda, a firmeza do seu caracter, é difficil dissuadí-lo do seu proposito desde que se convence que segue o bom caminho

E é a essa faculdade de rapidissima concepção que a clareza da sua intelligencia encontra sempre soluções razoaveis.

Nas suas inclinações artisticas o logar de preferencia é a litteratura, sem que isso o obrigue a desdenhar a musica, a pintura... Conhece os classicos e lê com attenção as obras modernas, sendo a sua memoria prodigiosa.

Embora nas caçadas que organisa figurem os melhores atiradores, o maior numero de peças de caça são abatidas por elle.

A equitação não o satisfaria se se traduzisse apenas em passear pelas estradas, e é assim que salta os obstaculos que offere-

cem as mais agrestes alamedas da Casa de Campo.

Dando provas da constante attenção que presta ao progresso da agricultura, que sempre considerou como base da riqueza e da prosperidade do paiz, estabeleceu um campo d'experiencias em terrenos que possue no Pardo.

Dividiu-os em tres parcellas, ensaiando a preparação da terra para semeadura e os effeitos dos adubos naturaes e chimicos, assim como dos systemas antigos e modernos da lavoura, adquirindo um enorme conhecimento da agricultura.

A opala hespanhola

Muitos hespanhoes acreditam que a longa serie de calamidades que tem cahido sobre o seu paiz se deve a um annel amaldiçoado, e de que se conta a seguinte historia.

E' uma opala enorme, de coloração muito brilhante, engastada em filigrana d'ouro.

Pertencia a uma famosa aventureira, a Condessa de Castiglione, que junto de Napoleão III attingiu o auge do poder. Entre os seus mais ardentes admiradores notava-se D. Affonso XII, então exilado.

Quando foi eleito Rei e casou com uma sua parenta de sangue real, esse enlace provocou os ciumes da condessa, e assim, mezes depois, a Majestade recebia um pequeno embrulho contendo o annel, offerecido como lembrança da amizade que elle lhe testemunhara.

Mostrando-o á Rainha Mercedes, como ficou encantada com elle, pediu-lh'o, sendo satisfeito o desejo immediatamente.

E desde então não teve mais saude, fallecendo d'ahi a pouco.

Offertou-o a sua avó que morreu decorrido um anno; vae para a Infanta Maria del Pilar que só o usou alguns dias, succumbindo a uma doença mysteriosa; a filha mais nova dos Duques de Montpensier recebe-o como herança, e apenas o possue oitenta e tantos dias.

Depois d'esta serie de fatalidades o Rei resolveu andar sempre com elle... mas a sua vida tambem não foi longa.

E os que são estranhamente allucinados pelo pesar, mais uma vez ficarão pensando no mysterio das cousas...

Uma lenda

Acredita-se em Hespanha, que pouco antes da sua viagem a Inglaterra, D. Affonso XIII encontrou uma velha, cujo aspecto o interessou muito. Quiz-lhe dar dinheiro, mas ella recusou desdenhosamente.

— Rei, disse, guarda o teu dinheiro. A minha raça é mais antiga que a tua. Sou a ultima dos moravides, que reinaram em Marrocos e no sul da Hespanha, nos seculos XI e XII. Eu é que te vou presentear com uma moeda d'ouro.

E deslisou-lhe na mão um *zequi* com a effigie d'Ishag, filho de Tachefin, o ultimo dos Reis dos almoravides, executado em 1147 pelos almohades.

— Conserva cuidadosamente esse talisman. Preservar-te-ha de todo o perigo. Ha só uma moeda egual a esta: dei-a a uma joven formosissima e caritativa que um dia passava a cavallo, no momento em que cahi n'um fosso. Ficando gravemente ferida na cabeça apeou-se, tratou-me e ligou-me com o seu fino lenço. A pessoa que a acompanhava chamava-lhe Alteza. Casa com ella, só ella te fará feliz.

E' a lenda que se ouve com toda a facilidade em Madrid, e sobre tudo o forasteiro.

Diz-se que D. Affonso XIII, quando em Paris se deu a explosão na rua Rivoli, e de que ia sendo victima, mostrava n'esse momento ao presidente da republica, o sr. Emilio Loubet, a celebre moeda d'ouro e contava-lhe a historia, accrescentando que fôra assim que se inteirou que a possuidora do outro *zequi* era a

Princeza Ena de Battenberg

E' assim que á ex-Princeza Victoria Eugenia de Battenberg, hoje Rainha de Hespanha, chamavam familiarmente. E' a filha unica de Sua Alteza Real a Princeza Beatriz, filha da Rainha Victoria e do Principe Henrique de Battenberg, que, ao casar, adoptou a nacionalidade ingleza, e morreu d'uma febre perniciosa a bordo do vapor *La Blonde*, perto das costas d'Africa.

A actual Rainha tem 24 annos, foi educada esmeradamente, e é muito loura, parecendo os seus cabellos fios d'ouro, sendo a pelle alvissima e rosada, e é, talvez, entre

as que teem assento n'um throno, actualmente, a mais formosa. Nasceu no castello de Windsor, o palacio favorito da Rainha Victoria, e esta circumstancia e a affeição que a Soberana tinha a sua filha Beatriz e a seu genro, fizeram d'Ena a sua predilecta, educando-a a seu lado até á sua morte.

Depois passou para a pequena ilha de Wight, onde sua mãe era governadora.

Na Inglaterra estimavam-a muito e a ex-Imperatriz Eugenia, sua madrinha, consagrou-lhe tambem grande carinho.

Sua Majestade a Rainha adora os *sports* e os exercicios physicos.

A Rainha Mãe

A Hespanha é um dos paizes que se póde orgulhar de ter na sua galeria o maior numero de Rainhas esclarecidas e virtuosas, como D. Maria de Molina, D. Berenguela, D. Isabel I e a Rainha D. Maria Christina, um typo que deve ser invejado.

A influencia d'esta em Hespanha era mais antiga do que se suppunha. Affeiçoadissima a D. Affonso XII, quando o principe desthronado era um simples estudante no Collegio dos Nobres, de Vienna d'Austria, eil-a sua companheira, jogando ambos o bilhar, aprendendo a bicycletta, entregando-se ao prazer do *lawn-tennis* e do *croquet*.

A joven Archi-Duqueza interessava-se por aquelle rapaz sem familia, que lhe contava os seus projectos de pretendente, fazendo-lhe confidencias, que ella com um criterio superior ao seu sexo e com um apurado espirito de mulher, conseguia que influisse no seu animo e formação de caracter.

SUA MAJESTADE A RAINHA D'HESPANHA

Em seguida á viuvez, quando a razão do Estado lhe indicou um novo casamento, Affonso XII pensou desde logo na sua encantadora companheira.

Loura, delicada, de costumes simples e de excellente instincto, D. Maria Christina, á bondade de coração, alliava a força d'uma grande energia.

A primeira entrevista dos dois noivos foi em Arcachon — 23 d'agosto de 1879 — e demonstrou o extraordinario senso da Archi-Duqueza.

O que attrahiu logo os olhos do Rei foi o retrato da Rainha D. Mercedes, posto bem em evidencia. Maria Christina estendeu-lhe a mão e commovida disse:

— O meu maior desejo será recordá-la sempre; succedo-lhe, mas não me atrevo a suppôr que a substituirei.

El-Rei não póde responder, e lagrimas

em abundancia lhe deslisaram pelas faces.

A Archi-Duqueza Isabel e sua filha chegaram a Madrid a 23 de novembro hospedando se no palacio do Pardo, d'onde sahiu D. Christina que pôz no Ministerio da Marinha o rico véo nupcial de rendas d'Alençon, onde se misturavam as aguias d'Austria com a flôr de lys dos Bourbons.

A sua elegancia e distincção alcançaram-lhe desde logo as sympathias do povo.

A ventura da Rainha foi breve; a morte de D. Affonso emergiu-a na amargura e no desespero, e só na tempera do seu caracter, no seu sentimento do dever, encontrou forças para resistir á dôr. E foi terrivel, porque o adorava. Inclinada sobre o leito funerario, Maria Christina recolheu aquelle supremo grito d'angustia que, na agonia, soltou o Monarcha, reconhecendo a situação critica em que a sua morte deixava o paiz e a dynastia. A physionomia da Rainha adquiriu desde esse dia a expressão de tristeza que nunca mais a abandonou. Póde dizer-se que a Regente se divorciou do mundo que se distrahe, consagrando-se ao filho e aos pesados deveres do seu cargo.

SUA MAJESTADE A RAINHA D. MARIA CHRISTINA

No primeiro conselho a que presidiu, causou o assombro dos ministros a serenidade das suas opiniões.

— Maria Christina é o primeiro dos nossos homens d'Estado! exclamou um d'elles ao sahir.

As suas qualidades como Rainha e Regente foram sempre admiradas, e não menos os seus famosos traços de mulher e de mãe.

Citada como modelo pela educação dos filhos, religiosa sem fanatismo, instruida como poucas mulheres, o seu coração está sempre prompto para commungar em todas as obras caritativas com uma simplicidade captivante, e é uma das figuras que mais se insinua na côrte d'Hespanha.

Mas ha um facto da vida de Maria Christina, quasi desconhecido, e que me foi contado em Madrid por pessoa digna de todo o conceito, quando alli estive quatro mezes como correspondente d'um jornal de Lisboa durante a guerra de Cuba, e que dá bem a nota d'essa heroica filha de soldado.

Pouco depois do triste dia de Cavite, chegou o ainda mais cruel de Santiago de Cuba, e um dos ministros teve que falar á Soberana. O lendario valor hespanhol desapparecera á entrada d'um porto e tivera que subscrever uma capitulação.

E — contou elle — os olhos de D. Christina diziam bem quanto chorara, e no momento em que tantos desanimavam ella mostrou os seus formosos sentimentos, nobilissimos, varonis, n'um traço de real cavalheirismo.

— Não ha, disse n'um gesto nervoso, lenitivos para o nosso infortunio, é claro; e o que se está passando é terrivel, atterrador, mas na minha alma ainda revive um raio de luz consoladora. Como bom hespanhol que o considero, não resisto ao desejo de lhe communicar o unico consolo d'estes momentos de tortura, d'indizivel angustia. Perderemos tudo, tudo, e confio ainda em que salvaremos muito, muitissimo. Se o senhor tiver a infelicidade de ser offendido publicamente, embora por um homem robusto, primeiro que a dôr physica sentirá o desejo que o não separem antes de pôr a mão no rosto do offensor. Pois bem, é d'isso, d'isso é que se trata. O general Camara falou commigo. A bordo do *Carlos V*, que póde levar carvão para uma longa travessia, e só com aquelle barco fundeará defronte de Nova-York e arremessará para alli um bom numero de projecteis. Não im-

porta que cause muito ou pouco damno, mas é a mão posta na face do auctor do ultraje que abusa da sua força, e materialmente perderemos muito, porém será um acto d'arrojo proprio da Hespanha, e salvaremos grande parte do que, sem ser territorios, nem barcos, nem riquezas, importa á historia e ao futuro d'um povo. Rézo a cada instante pedindo a Deus que pelo mundo se espalhe esta noticia: *Um navio hespanhol bombardeou Nova-York.*

O ministro a quem a Rainha falava era o jornalista Raphael Gasset.

Anecdotas

O Rei embora muito novo, já venerava sua mãe.

Um dia, não quiz tomar banho, e todos os esforços empregados foram inuteis. Tornou-se necessario chamar a Rainha.

Mas a teima de D. Affonso continuava.

— Muito bem, disse ella, vou para os meus aposentos chorar, visto que não passa d'uma creança rebelde.

E para evitar que as lagrimas d'aquella santa corressem, elle tratou immediatamente d'obedecer.

•

El-Rei tem a resposta facil e espirituosa. N'um conselho de ministros o marechal López Dominguez apresentou á assignatura regia uma serie de decretos demonstrando a vantagem de cada um.

— Este, disse por fim, refere-se a um amigo meu, ex-governador civil, e que ficaria contentissimo se fosse nomeado senador. E liga tanta importancia ao facto que, se Vossa Majestade não acceder, com certeza morre de desgosto...

D. Affonso olhou para o ministro, sorriu, e pondo o documento ante si assignou depois de ter escripto estas linhas:

— *Indultado da pena de morte e condemnado a prisão perpetua no Senado.*

•

Um official de serviço ao Paço, recebeu um telegramma participando-lhe que a mãe estava em perigo de vida. Dirigindo-se ao seu superior hierarchico pediu licença para se ausentar. Mas elle respondeu que não o podia fazer sem auctorisação do Rei. E encarregou-se de lhe participar o que occorria. D. Affonso mandou ir á sua presença o official e disse-lhe:

— Parta já, e como é grande a distancia d'aqui a Avila, vá no meu automovel.

— Mas, Senhor, sou eu que estou de guarda esta noite.

— Ficarei em seu logar. E Deus queira que encontre melhor sua mãe.

E estendeu a mão ao official que lh'a beijou com os olhos razos d'agua.

•

No caminho que vae de Villaviciosa a Odon, um carreiro espicaçava despiedadamente o animal que puxava a carroça. Até que este animal, fatigado e moido, recusou-se a andar, e por fim estatelou-se por terra. N'essa occasião appareceu um automovel guiado por um elegante rapaz, que ia acompanhado d'uma senhora e mais duas ou tres pessoas. O automovel parou, e o mancebo apeando-se censurou o carroceiro e ajudou-o a levantar o cavallo.

— Tenha mais caridade, homem de Deus! maltratar os animaes é indicio de mau caracter.

Atrapalhado, regougou umas desculpas, e quando o automovel se dispunha a continuar a sua marcha, acercando se d'um dos individuos que acompanhavam aquelle que o auxiliara, perguntou:

— Quem é este senhor?

— E' Sua Majestade El-Rei D. Affonso XIII.

E a machina partiu com um prolongado silvo de sereia, emquanto que por pouco o carreiro não cahia na estrada desmaiado.

•

O Rei adora o incognito. Um dia passeava a pé por uma aldeia cerca de S. Sebastián, burguezmente, de braço dado com a Rainha, emquanto o *chauffeur* tratava de reparar um desarranjo no automovel.

Entrou n'uma loja de tabaco a comprar cigarros, e pediu lume a um freguez que alli estava. Mas este fez-se branco: reconhecera o Soberano que, encarando-o, conheceu n'elle por sua vez um dos chefes anarchis-

tas preso em Madrid em seguida a um attentado, embora nada tivesse com o crime.

Como o homem buscava escapulir-se, deteve-o, e pediu-lhe desculpa da policia lançar de vez em quando a mão a anarchistas innocentes visto que, concluiu, deixa tantas vezes escapar os verdadeiros culpados.

Depois, tirando uma rosa do peito da Rainha offereceu-lh'a agradecendo o ter-lhe dado lume.

*

Gostando muito d'assistir ás lições de direito, o professor e deputado Azcárate fez uma prelecção quando elle alli estava, sobre as vantagens d'um governo republicano. Quando terminou, D. Affonso XIII dirigiu-se-lhe e apertando-lhe a mão, sorrindo:

— Receba as minhas felicitações. Mas... cada qual no seu officio, sr. professor.

*

Uma vez guiando um *breack* nos arredores da capital, atropellou uma creança. Apeou-se logo, e pegando n'ella, levou-a para uma taberna á beira da estrada.

O rapazito não soffrera mais que o susto.

Vendo os cuidados que esse sujeito empregava, o taberneiro não o conhecendo, bateu-lhe familiarmente no hombro com as palavras:

— Você parece uma excellente pessoa.

Affonso XIII ficou radiante. Deu a bolsa ao pequenito e disse para o dono da locanda:

— Olhe! d'aqui por diante póde pôr este lettreiro na taboleta: *Taberna do Rei.*

*

Quando anda d'automovel o seu arrojo é enorme, tendo uma vez feito uma corrida em competencia com o *Sud-Express,* onde ia seu primo o Principe das Asturias, em direcção a Irun.

O presidente Loubet ao voltar a Paris, depois da sua visita a Madrid, não ia ainda bem refeito das commoções que soffrera nos passeios que fizera com o Monarcha.

— Se soubessem os sitios por onde elle me levou! E' espantoso como ainda tenho vida! Emquanto percorriamos as ruas da cidade, lembrou-se dos avisos cautelosos de sua mãe e foi tudo bem. Mas apenas se pilhou fóra, esqueceu-se de todas as promessas. Tudo aquillo ia com o sangue na guelra! Eu não gósto muito do automovel, mas quando elle corre como um cometa...

E Loubet sacudia a cabeça encanecida, embora chegasse ao palacio são e salvo.

*

N'uma rua de Londres...

A multidão agglomera-se no passeio diante d'uma loja de modas.

Lá dentro, estão a rainha d'Hespanha e a Princeza Patricia de Connaught.

Os curiosos estendem as cabeças, querem ver...

E, de repente, todos desatam a rir....

E' que o Rei d'Hespanha e o Principe Mauricio de Battenberg, que acompanham a Rainha e a Princeza, pozeram na cabeça os chapéos de mulher mais extravagantes e dentro da loja fazem mil travessuras.

Um traço encantador impregnado d'ingenuidade!

Notas

Eis o nome do actual Rei:

Leão Fernando Maria Santiago Izidoro Paschoal Marianno Antonio.

Na certidão d'edade estão indicados os seguintes titulos: Rei d'Hespanha, Castella, Leão, Aragão, Duas Sicilias, Jerusalem, Navarra, Granada, Toledo, Valença, Galliza, Maiorca, Minorca, Corsega, Murcia, Jaén, Algarve, Algeciras, Gibraltar, ilhas Canarias, India e do continente oceanico; Archi-Duque d'Austria, Duque de Borgonha, Brabante e de Milão; Conde de Habsburgo, Flandres, Tirol e de Barcelona; senhor de Biscaia e d'Holiva; gran-mestre do Tosão d'Ouro; das quatro ordens militares: Calatrava, Alcantara, Montesa e Santiago; das cinco mestranças: Ronda, Sevilha, Granada, Valença e Saragoça, etc.

Assim como sua mulher, ambos são muito dados ao estudo da lingua internacional auxiliar, o Esperanto.

O Rei come muito pouco, mas gosta bastante de doces com vinho do Porto e a manteiga que prefere é a franceza.

D. Affonso, ao lado da Rainha, fica-lhe á altura da fronte.

De fumo prefere o cigarro, servindo-se d'uma boquilha muito comprida, de puro ambar com adaptação d'ouro. Por vezes, saboreia tambem charutos havanos.

A's 8 horas, o Rei toma chá, chocolate ou café com leite, acompanhado de bolos e carnes frias; á 1, sopa, assado, legumes e doces; ás 4, chá, bolos e *sandwiches;* ás 7, sopa, *hors d'œuvre* variados, varios pratos escolhidos, assado, legumes, gelados, oito sobremesas, queijo e fructas; ás 9, chá, vinhos, carnes frias e pasteis.

D. Affonso fala admiravelmente varios idiomas.

Além da lingua materna, conhece o francez, o italiano, o inglez e o allemão, sendo este ensinado por D. Maria Christina. Os tres poetas que mais admira são Schiller e Goëth e o austriaco Grillparzer. Prefere Horacio, sabendo muitas das suas odes de cór, tendo traduzido algumas para hespanhol.

As pessoas mais chegadas ao Rei, até á epocha do seu casamento foram:

Duque de Sotomayor, mordomo-mór; condessa de Sástago, camareira-mór; general Polavieja, chefe da casa militar; marquez de Borja, intendente do Palacio; conde de Andino, secretario particular; condes del Grove e de Aybar, ajudantes; marquez de Nienlant, chefe da escolta real, e Antonio de Pineda y Ceballos, director geral das cavallariças.

E professores:

De francez, George Legros; historia, Fernando Brieva y Salvatierra; sciencias exactas, Francisco de Paula Arrilaga e Santa Maria de Paredes.

PORTUGAL DA SILVA.

FÉ

Fé! sem o teu precioso e forte alento,
Que seria de mim no horror da vida?!...
— Um cego, um louco, uma alma envilecida,
Bramindo a raiva do meu crú tormento...

Sem ti, talvez até que o desalento
Tivesse já prostrado, ensandecida,
Minh'alma n'esse abysmo, onde o suicida
Procura termo á dôr, ao soffrimento...

Mas o clarão divino, que projectas
— Estrella sempre fixa dos ascetas! —
Tem-me sido na vida apoio seguro...

E, graças a ti, bussola do crente,
Ainda não cahi cego, demente,
Na cerração do meu viver tão duro!...

J. Figueiredo.

Max Pemberton

O caso do mergulhador

(Conclusão)

A poucos individuos será dado, — a nenhum, até, salvo aquelles que exerçam a minha profissão, o penetrar na camara de um navio jazendo no fundo do mar. E ainda bem que assim é, pois representa um espectaculo que olhos humanos não contemplarão de bom grado; espectaculo por vezes tão hediondo e horripilante, que a mente como que se retráe a evocá-lo.

Uma vez na minha vida percorri o convés de um navio de emigrantes que se tinha afundado, para além das *Needles,* e por muitos annos que eu viva, jámais se me varrerão da memoria aquelles fantasmas, boquiabertos, pasmados para mim através das aguas, serenas, esverdeadas.

Apenas me deterei em semelhante assunto, o sufficiente para lembrar aos inconscientes o que pode significar a vida de um mergulhador, sempre que um accidente maritimo reclama os seus serviços.

Na camara do *Ironsides* não me aguardava nenhum de taes horrores — a principio, sequer ao menos. Topei com um recinto singelo, forrado de téca, e banhado, agora, por aguas mais tranquillas; o candieiro de suspensão, descaído d'encontro ao tecto, a abanar preguiçoso na agua; a mêsa fixa, ao centro, varrido o pêso que supportára, alijára para um canto copos e uma garrafa, onde os estilhaços de vidro lucilavam como cristaes ao bater-lhes em cheio a luz da minha lanterna. Aqui, porém, não havia rastro, sequer, de um só passageiro; o navio não tinha segredos; e gradualmente, direi, até, com um certo receio, caminhei para a porta no extremo opposto da camara, e tentei abri-la. Encravara-se na hombreira, e tive que labutar bons cinco minutos com o machado para a arrombar.

Fez-me bem o trabalho. Deixara, até certo ponto, de ser um homem, procurando, a tentas, numa casa ás escuras qualquer tremendo segredo encerrado ali, — e comquanto eu bem soubesse que, se o iáte se fôsse enterrando no lodo, as probabilidades de me escapar eram minimas, arredei do meu espirito semelhante preoccupação, e, resoluto, investi para a porta renitente. No fim de contas, não me era difficil acreditar que aquillo que eu ouvira eram contos femenis e nada mais, na essencia, do que um producto da propria anciedade. Se acaso o senhor Haynes se tivesse achado no navio com o seu procurador, quando se deu o accidente, a razão dizia-me que se encontraria na camara do capitão, e nunca lá em baixo, na camara do convés, Eu tinha a certeza de que, entre o abalroamento e a submersão do navio, permeara um intervalo, e opinei que o senhor Haynes, moço robusto conforme me constáva que o era, nunca poderia ser colhido como um rato na ratoeira. Apostaria uma fortuna em como não havia novidade; dei um puxão á linha do salva-vidas a ver se estaria desembaraçada, enchi-me de animo e entrei no camarote.

Era um cubiculo com dois beliches, e um lavatorio, luxuoso, a estibordo. Eis o que me patenteou claramente a lanterna a fulgir através da camada de agua e a imprimir uns toques de luz brilhante nos accessorios de prata do lavabo. Os proprios beliches pouco ou nada haviam soffrido com a agua, supposto algumas das coberturas, revoltas,

boiassem tal qual a lona estendida de uma barraca de campanha; jazia no chão uma escrevaninha, espalhados em redor pedacinhos de papel, meio-desfeito, e notei que a portinhola estava escancarada, tal qual se acharia no acto da colisão.

Tudo isto lhe poderá parecer um catalogo de mobiliario, e comtudo, ancioso por descobrir mais alguma coisa, esquadrinhei o camarote uma e outra vez, sem descuidar de topar com qualquer miudeza, que pudesse prestar serviço ou representar interesse para miss Mac Naghten. Restabelecerei a felicidade áquella mulher, dizia eu comigo, assim que puser pé em terra. Jactancia insensata, na verdade, pois ainda não formulara mentalmente o meu conceito, eis que, ao voltar-me para saír do camarote, dou de cara com o vulto de um homem, e percebi a que ponto me mentira a fantasia.

DOU DE CARA COM O VULTO DE UM HOMEM . . .

O senhor Haynes — pois tudo me dizia ser o proprio — jazia estatelado no pavimento, a um canto do camarote. Tê-lo-ia visto desde a entrada se a porta não se tem virado de chofre, atrás de mim, encobrindo-o entre mim e o beliche. A principio occorreu-me que estaria dormindo quando se dera o accidente, e que seria colhido pelas aguas quando o iáte mergulhou e foi para o fundo, e comtudo, Deus sabe como eu fiquei aterrado, a ponto de nem me atrever a verificar, e, pela vez primeira, em toda a minha vida, por pouco que não desanímo de todo. O pavor de me encontrar a sós, ali, naquelle camarote do iáte, com um episodio tão horripilante, congelara-me, por assim dizer, o sangue nas veias. Que seria de mim se a linha do salvavidas me falhasse? dizia eu comigo; se o iáte derivasse com a maré e o lôdo viesse entulhar-lhe a camara? Eis o pensamento desvairado que me acommetia, e com elle outro ainda mais pavoroso, pois se me figurara que o vulto do homem morto se tinha mexido e conservava ainda vida.

Fazendo justiça a mim proprio, direi que semelhante treslocamento se esvaíu ao recobrar-me do primeiro embate da descoberta e ao reflectir a respeito do lance com mais serenidade. Tinha presenceado mais de uma scena semelhante em varios navios importantes, conforme deve de suppôr, e para mim não passava de ser um caso vulgar o haver succumbido alguem no naufragio do *Ironsides*.

Apezar de tudo que eu pudesse aduzir em contrario, a morte daquelle individuo fôra mero accidente, tinha encontrado a morte tal qual a encontra no mar mais de

um individuo, quando dois navios colidem, e um delles vae ao fundo. As divergencias entre elle e o senhor Luxhill, seu procurador, nada tinham que vêr com o caso; um e outro, quaesquer que fôssem as suas discordancias, haviam estado juntos no iáte, tinham compartido os mesmos perigos e soffrido cada qual o seu destino. Por mais que me compungisse a situação de miss Mac Naghten (e a sua imagem não se me tírava da ideia) opinava eu que as suas desconfianças se não podiam justificar e por si proprias representavam um maleficio. Sentia o espirito mais aliviado por esse facto.

Tão facil se torna esperar o melhor. E quanta vez, desde aquelle dia, ao virem-me tentações de pensar isto ou aquillo a respeito de boa ou ruim fortuna, me recordei daquelle lance lá no camarote do *Ironsides*, quando, acreditando n'um accidente, um movimento filho do acaso veiu revelar-me a terrivel verdade: O moço Haynes fôra assassinado, traiçoeiramente assassinado. A minha lanterna, fulgindo através da agua, lançou subita luz sobre qualquer coisa, que me fez palpitar o coração e calou de vez a todos os meus argumentos, como se alguem me tapara a bôca com um murro. E essa coisa jazia ali, a meus pés; tornei a olhar para o vulto que se me defrontava e irrompi, espavorido, pela porta do camarote, aterrado, como nunca me sentira em toda a minha vida, portador de uma noticia que, no dia seguinte, iria alvoroçar o país inteiro.

IV

Eu ia na espectativa de encontrar miss Mac Naghten á minha espera, no caes, mas fiquei contentissimo ao vêr que ali se não achava. O dever, rigorosamente, impunha-me o prevenir a policia, dirigi-me, pois, á estação, sem perda de tempo, e participei o que vira.

Não me competia avançar qualquer hipotese, relativamente ao individuo autôr daquelle acto nefando. Aos olhos da policia o caso era simplissimo. A bórdo de um iáte estavam dois individuos, quando o barco colidiu com uma barcaça do Tamisa, um delles escapou, o outro foi encontrado, assassinado na camara do navio submergido. O restante incumbia ás autoridades competentes. Sentia-me satisfeito por ter cumprido o meu dever, e quando o inspector se prontificou a ir ver-se com miss Mac Naghten, deixei-o ir, sósinho, da melhor vontade. A minha tarefa era além, no West-Knock. Tinhamos que guindar o *Ironsides* custasse o que custasse, rezavam as instrucções; e isto sem perda de tempo.

Voltar á minha tarefa, disse eu, mas póde ter a certeza de que permaneci num estado de excitação e que levei todo aquelle longo dia de junho a pensar no caso. O crime, se é que o havia, andaria na bôca de toda a gente, em Inglaterra, no dia immediato.

E eu a ouvir já os clamores e as invectivas de que iria ser alvo o senhor Luxhill; percebia, agora, o motivo porque se não havia apresentado no hotel, limitando-se a escrever a miss Mac Naghten. E' possivel, até, futurava eu, que a estas horas já tenha fugido; quem nos diz que não haja alcançado a Liverpool, e ali, embarcado para a America; ou se não estará escondido em Londres, essa immensa cidade, em que a memoria de um homem e dos seus actos se perde tão depressa. O grande misterio era o da perda do iáte; e eu a espremer os miolos, toda a tarde, á espera de uma resposta á pergunta que explicasse a submersão, e ella sem me accudir. Se porventura o senhor Haynes tinha sido morto a tiro, de animo frio, por que era, então, que o *Ironsides* tinha vindo com a força toda, como era evidente o ter vindo, afundar-se nos baixíos de West-Knock? Como se explicava que o assassino não tivesse arremessado o cadaver para as aguas do rio, afim de ser levado pela maré para o alto mar, como não podia deixar de acontecer? Quanto á atribulada senhora, que me arvorara em seu agente, tentei arredá-la do pensamento; de sorte, haveria, actualmente, por toda a Inglaterra, dôr egual á sua, dôr excruciante, incommensuravel, e que a um estranho não era dado compartir.

Trabalhámos no navio toda a tarde, e era já lusco-fusco quando desembarcámos no caes, e fômos á cidade para indagar se acaso haveria noticias frescas. Na estação policial disseram-nos que a noticia corria já por todo o país, mas que não havia o minimo indicio do paradeiro do senhor Luxhill. Não appacera no escritorio, havia semanas; não tinha sido visto, quer em casa quer nos clubs; e

o detectivo, expedido de Londres, era de opinião que já tinha fugido do país. A excitação da palestra ácêrca do trabalho daquelle dia tirou-me o somno e, quando me deitei, era tardissimo.

Não lhe posso dizer o motivo, mas, quando toda a gente se achava já recolhida, e que as musicas dos jardins se tinham calado, e o silencio da noite pairava ainda sobre Southend, encontrei-me novamente no caes, com os olhos fitos no luzeiro distante que marcava a scena daquelle lance terrivel.

Donde virão noticias do tal senhor Luxhill? dizia eu comigo. Onde se esconderia? Ter-se-á escapado ou já estará preso? Calcule qual seria o meu espanto quando, ao dobrar o angulo do extremo do caes, topo frente a frente com o proprio individuo e adquiri a certeza de que seria capturado naquella mesma noite, e que, pela segunda vez, me cabia em sorte ser o instrumento da sua captura.

Eu estava parado, sósinho, no desembarcadoiro, quando senti passos por detrás de mim, e, voltando-me, dei com os olhos no vulto alcachinado de um individuo barbado, a atravessar a ponte de madeira, á luz do luar. Comquanto eu soubesse que era Luxhill, não me assustei. A Natureza prendou-me com força sufficiente, e poucos se poderão gabar de ter levado a melhor do Harry Robb, sempre que da palavra se passava á acção. Não o temia, e sem lhe tirar os olhos de cima, com a firme resolução, succedesse o que succedesse, de que a policia lançar-lhe-ia a mão, dentro de breves minutos. Elle, entretanto, deslisou para mim, como que receoso do éco dos proprios passos, e olhando inquieto para a esquerda e para a direita, para se certificar de que estavamos a sós, dirigiu-me, abruptamente, a seguinte pregunta:

— E' o mergulhador que inspeccionou o *Ironsides* esta manhan, não é verdade?

Disse-lhe que sim, e esperei que proseguisse.

— Sou o dono do iáte, Mr. Luxhill, acrescentou; ter-me-á ouvido nomear?

Respondi que tinha, e tornei a esperar que proseguisse.

— Andam a espalhar mentiras a meu respeito e do meu hospede; — proseguiu com crescente excitação. O senhor não deixará de ter já descoberto a verdade, pois não é assim?

Fitei-lhe os olhos e respondi:

— A verdade sabe-se na estação-policial. E' um revólver de seis tiros, com dois cartuchos a menos. E dir-lhe-ei mais. O senhor Haynes, seu hospede, foi morto de um tiro nas costas.

Recuou dois passos, como se eu lhe tivesse batido.

— Pagaram-lhe para espalhar semelhante mentira, exclamou.

Respondi-lhe com desprezo.

— Que resposta merecia semelhante accusação?

— Ficará sabendo a paga que me deram, quando o caso fôr julgado, repliquei, accrescentando:

— E não tenho que o julgar, graças a Deus.

Estas palavras chans assustaram-n'o. Chegou-se muito ao meu ouvido e segredou-me uma historia lastimoza, uma lamuria que nem tive paciencia para escutar.

— Dar-lhe-ei o dobro do que lhe deram, declarou; dar-lhe-ei mil libras, dinheiro na mão, para se calar; que tem o senhor que vêr com o caso? E' pobre. Não ficará precisando de trabalhar. Por que não responde? Conte com a quantia amanhan. Procurá-lo-ei em Londres. Então, resolva-se, diga que sim!

— Senhor Luxhill, retorqui, sem me alterar, podia até offerecer-me dez mil, e de nada lhe aproveitava. Sou pobre, mas Deus me defenda de lhe estar na pelle. Nem por quanto oiro existe em Inglaterra. Affirma estar innocente. Compareça no tribunal, e prove-o. O homem innocente nada tem que temer dos seus semelhantes. Encare os factos de frente e far-se-á justiça. Não preciso do seu dinheiro, e o insistir é estar a desperdiçar tempo. O seu logar é no banco dos reus. Avaliarão devidamente as suas declarações.

— Não me acreditarão, lamuriou o meliante. Os factos tendem a comprometer-me. Não o nego. O senhor podia muito bem ajudar-me — o senhor e mais ninguem. Guarde comsigo o que sabe...

— Era escusado. A minha gente sabe tanto como eu.

— Calar-se-ão. Posso comprá-los, tambem. Em nome de Deus! Não quererá consentir que enforquem um homem de bem!

— Quanto á sua innocencia, a lei que decida. — Heide dizer a verdade — nem demais nem de menos.

— Não dirá coisa nenhuma, exclamou, num subito assômo de raiva e desatino.

Lançou-se a mim, furibundo, e lá fômos rebolando, despenhando-nos, de cabeça, no mar.

Ora eu, confesso-lhe que nunca esperei qualquer acto de violencia da parte de semelhante homem, e que estava absolutamente desprevinido para aquillo que se seguiu ás suas palavras. Suppus que estaria meio desorientado pelo medo, e que uma criança seria capaz de o prender. Avalie, pois, o meu espanto quando me encontrei nas garras de um louco, luctando pela vida, debaixo de agua, por entre as estacas da ponte, á mercê dos borbotões da corrente, e onde nenhum ente vivo, ao que parecia, podia acudir em meu auxilio. Sou bom nadador, mas os braços do malvado cingiam-me como um cinto. Lembro-me da queda, da chiada da agua nos ouvidos, da escuridão quando me soergui; e depois, os olhos daquelle louco, arregalados, a fitarem-se nos meus; as suas ameaças rouquejadas e a agua a esfervelhar-nos de roda e a abafá-las. Não sei se gritei, se não. Do que tenho a certeza, é de ter feito um esforço sobrehumano para abarcar com um braço um dos postes, ao passo que, com o outro, empurrava para trás o louco. O desvencilhar-me delle ia além das minhas forças. Aferrava-se a mim com o desespero, não de terror, mas de uma furia, que era pavoroso presencear. Debalde o esmurracei. Engalfinhava-se no meu fato, filava-me os braços, as pernas, cingindo-m'os como que num cinto de ferro; houve momentos em que me empelliu a bôca para debaixo da agua e em que senti ser chegado o meu fim. E durou isto horas de tremenda espectativa, ao que me parecia, sendo provavel, comtudo, que apenas decorressem minutos, magnificados pelo meu terror. Aquelle homem desejava a morte e com a firme tenção de que eu a compartilhasse juntamente com elle.

LA' FÔMOS REBOLANDO, DESPENHANDO-NOS, DE CABEÇA, NO MAR

Não encontro palavras que possam expressar quanto eu soffri e vivi ao revelar-se-me semelhante verdade; mas fez-me criar novo alento, espanquei-o e tornei a espancá-lo, com ancia, até me cançar o braço, e

parei, de cançado, estabelecendo-se assim uma tregua de parte a parte.

Reinava um silencio de morte, agora, apenas se ouvia o embate soturno das ondas por entre os postes, á proporção que ia subindo a maré. Luxhill, filado ao meu hombro, com o rosto furibundo muito chegado ao meu, mas sem de novo tentar puxar-me para baixo. E eu quasi tentado a acreditar que ia perdendo os sentidos, mas de subito, dir-se-ia ter espertado outra vez do seu estupôr, e, soltando um berro medonho, largou-me e sumiu-se no remoinho da agua.

V

Na lancha de um iáte que ia buscar o dono, que recolhia do theatro, ouviram o berro do afogado e pararam o barco para salvar o vivo prestes a afundar-se. Levaram-me para terra e ouviram com pasmo a minha historia. A policia, a seu turno, estava apta a declarar, de sciencia certa, que Luxhill permanecera na cidade durante todo aquelle lapso de tempo. Deixei-os dirimir o assunto e caí de cama para me não levantar durante um bom par de dias.

Que o desditoso Robert Haynes fôra morto de um tiro por Luxhill, depois de uma contenda por negocios de dinheiro, era caso fóra de duvida.

Quanto depois se deu, ficou sendo misterio. A minha opinião é que o patife se fez ao largo com o iáte, tomado de um panico desatinado, receoso de chamar a atenção da gente que tripulava os navios amarrados; e sem saber onde se achava nem trazendo faroes acêsos, abalroou com uma barca, além, no West Knock. E' possivel que assim fosse — e desinteresso-me do assunto, a não ser pela recordação das angustias daquella infeliz senhora e daquella dôr excruciante que tanto me custou presencear.

Versão livre do inglês por MANUEL DE MACEDO.

Authenticos heroes

Formoso e juvenil, o marinheiro é cego;
Só crê no impossivel, com impossiveis côres;
E acaso desconhece os fados redemptores,
Que haviam de limpar da Patria o negro pego.
Mas foi um heroe do Bem: — «A ti, ó Deus, entrego
Minh'alma, que não crê co'a fé dos vencedores!»
Mas quem da Morte assim, co'os lividos horrores
Arrosta, é bom e é nobre, e eu palmas te não nego.
De ideias liberaes bem cheia a mente tendo,
Est'outro não accede a um viva que lhe pedem,
Affrontas de permeio em tal convite vendo.
Um Chagas e um Dias são peitos que não cedem;
E authenticos heroes, são gemmas resplendendo,
Mas com esplendor tamanho, que ás mais fulgir impedem!

Alexandre Fontes.

Os jardins da Historia

Um bispo endemoninhado no seculo XIV

(Processo de Guichard, bispo de Troyes, 1308-1313)

Ha na *Divina Comedia* alguns tercetos bastantes singulares, onde Dante, que antipathisava solemnemente com Bonifacio VIII, evoca a visão da «flôr de liz» entrando no Anagni e de Christo, captivo pela segunda vez na pessoa do seu vigario. Aqui o velho pontifice é realmente ultrajado sobre os degraus do altar pelos emissarios de Filippe o Bello, do qual o poeta tomou a defesa em obediencia á fé christã. E, ao mesmo tempo apresenta-nos o rei avarento invadindo o Templo para se enriquecer com o seu espolio. Descobre o elo que ligava os dois grandes attentados, comprehende que violentado Bonifacio, esbulhados e supprimidos os Templarios, era a Igreja que se attingia, a communidade christã que se destruia em proveito d'uma monarchia particular. Um processo ha muito conhecido, o de Bernard Saisset, bispo de Pamiers, manifestava sem o menor incidente a applicação da mesma politica que no processo dos Templarios, nos autos do processo de Bonifacio VIII, feito com todo o seu intelligente ardil, com toda a sua desapiedada dureza: a politica do escandalo empregada para reunir os homens que o escandalo fere intensamente. Para concluir a demonstração eis um conto, um processo criminal cujos autos extraordinarios encerram todas as miserias moraes, todos os terrores supersticiosos da edade media: o processo de Guichard, bispo de Troyes, publicado pela Escola de Chartes. O auctor, Mr. Abel Rigault, dá-nos a conhecer com factos e documentos intelligentemente reunidos, n'um conjuncto tragico, a sensação d'um romance, ou antes, uma visão da historia terrivel. Este processo, apparecendo quasi ao mesmo tempo que a these de Mrs. Funck Brentano e Paul Lehujeurs, fará convencer os credulos de que não era muito invejavel viver em França no seculo XIV, mesmo com uma mitra bordada a ouro.

Guichard nasceu perto de Troyes, pelos meados do seculo XIII. Seu pae — ou antes o homem que parecia ser seu pae — chamava-se João. Diziam que a sua casa paterna era frequentada pelo diabo e que o bispo Nicolau devia ir benzê-la. Era um mau principio para as crenças christãs. Da sua belleza nada sabemos. Foi construida por projecto do estado monacal. Desde 1273 que elle era prior de Saint Ayoul de Provins. Dizia-se que tinha envenenado o seu antecessor afim de ser provido no logar. Dez annos depois era abbade de Montier-la-Celle, um dos melhores mosteiros de Champagne. Estava nas melhores relações de ami-

sade com a joven herdeira de Champagne e de Navarra, Joanna, que em 1285 esposou Filippe o Bello, e que devia ser rainha de França. Em 1296 era membro do conselho do rei. Finalmente, em 1298, os conegos de Troyes proclamaram-no bispo. Estava, pois, com 50 annos, principe da Igreja, n'um logar rendoso, grande do reino e amigo da rainha. A situação era magnifica para um homem de origem desconhecida. Pouco tardou, porém, que não a ennodoasse.

Como bispo methodico, primeiro que tudo desaveio-se com o clero. Usou para com os seus ecclesiasticos processos de pirata, entrou á força em casa de um cura fóra da sua jurisdicção, dormiu na sua residencia, e, apesar de hospede, mandou-o espancar pelos seus criados e confiscou-lhe os bens; destruiu a mesma residencia por mero capricho; apoderou-se a torto e a direito dos moinhos dos seus conegos, inutilisou as mattas uteis para a reparação dos alludidos moinhos; sobre as rendas das igrejas vagas, vende aos indignos os cargos de thesoureiro das mesmas igrejas, esbulha a pouco e pouco o capitulo dos seus direitos, privilegios, jurisdicções e pequenos rendimentos canonicos em propriedades valiosas; o seu clero queixava-se a medo; accusa-o de todas as simonías; os seus maus custumes mostram-se claramente; porém é um poderoso senhor, que parece inviolavel e superior á justiça do rei, pois que faz parte do parlamento real. Foi necessario, para abater o seu atrevimento e abalar a sua fortuna, um escandalo mais estrepitoso que todos os pequenos factos de ordem ecclesiastica.

A deploravel lucta de João de Calais faz entrever aos conegos troyens a esperança de que o bispo em breve cairá.

Este João de Calais, conego, era recebedor das rendas de Branca, rainha herdeira de Navarra, em Champagne. Arrecadava descaradamente os referidos rendimentos nos seus cofres. Foi preso e confiado á guarda do seu bispo. Evadiu-se e dirigiu-se a Roma onde estava muito satisfeito. Mas Guichard foi accusado com calor pelo arcediago de Vendôme, Simon Festu, e por um Florentino, Noffo Dei, agente de uma companhia de banqueiros e de negociantes lombardos, de ter aberto por dinheiro ao conego pouco escrupuloso, a porta da sua prisão. João de Calais declarou de longe que tinha dado ao seu arcebispo 400 florins em oiro e algumas joias para obter a sua liberdade. As duas rainhas, mãe e filha, Branca e Joanna, declararam Guichard responsavel pelos roubos do conego fugitivo e expulsaram-no do conselho do rei.

O arcebispo de Sens foi encarregado d'uma syndicancia aos actos do seu subordinado. No decorrer do processo a rainha de Navarra morreu repentinamente. Na mesma occasião era assassinado um abbade da diocese de Troyes e dois homens morriam mysteriosamente na prisão Montier-la-Celle. Imaginou-se que Guichard não seria estranho a estes factos. Diziam que a rainha havia sido envenenada.

Appareceu um bilhete escripto, que M. Rigault julgou obra dos inimigos de Guichard, no qual o bispo de Troyes convidava um pharmaceutico florentino, Cassiano, para um «trabalho secreto» contra a mulher que o anniquilava. Este primeiro caso originou uma demorada intriga: João de Calais, moribundo em Viterbe e Noffo Dei, desdisseram-se das suas accusações; as deligencias afrouxaram e por fim acabaram-se. Guichard adoeceu na sua diocesse, suspeito, diffamado, ardendo num odio atroz contra os seus inimigos, contra o paço, contra o clero, contra toda a gente. Allia-se com usurarios, com italianos suspeitos, occupa-se da alchimia e deixa-se seduzir pela bruxaria. A protecção de Clemente V permittiu-lhe viver ainda 4 annos (1304-1308) como objecto de despreso e de terror no tribunal de Troyes.

Mas a rainha de França morria repentinamente com 32 annos.

A desconfiança de envenenamento correu de novo, pois suspeitava-se de bruxaria.

Descobriu-se então na cathedral o bispo accusado, entre os seus espadachins, os seus judeus, os seus valídos e os seus feiticeiros.

No mês de agosto de 1308, foi preso por ordem do arcebispo de Sens, transferido para Paris e encarcerado na Torre do Louvre. Outrotanto succedia a um feiticeiro, a uma parteira e seu filho, a um ecclesiastico servindo de eremita e ao secretario do bispo. Estava-se nesta occasião em pleno escandalo com o processo dos Templarios, e Filippe o Bello exigia do pusillanime Clemente V, que se encetasse o processo criminal contra a memoria de Bonifacio VIII. O papa francez, espantado, não contando se-

não com as delongas ou com a coragem d'um concilio geral para salvar a honra da Igreja, concedeu, sem contar ao rei, tudo o que elle exigia contra o bispo.

O escandaloso processo de Guichard foi instruido como uma repetição geral da tragedia reservada a Bonifacio. A cadeira do papa simoniaco pareceu servir contra o bispo feiticeiro. E, além dos crimes e impiedades de Guichard, este seculo de visionarios e endemoninhados accumulou os sacrilegios e as infamias da religião de Satan. Esta causa inaudita merecia ser com verdado apreciada á luz da historia.

Como origem deste caso, encontramos a denuncia d'um eremita que tinha cedido a sua cella para as operações diabolicas de Guichard. Recebeu o bispo de noite, disfarçado em camponez e acompanhado por uma bruxa. Guichard quiz obrigá-lo a envenenar o conde de Aujou, irmão do rei, o rei de Navarra e todos os filhos de Filippe o Bello. O rei informou o papa de que enviára uma bulla ao arcebispo de Sens, aos bispos d'Auxerre e d'Orleans, ordenando-lhes que começassem o inquerito «sem espalhafato nem apparencia de julgamento». A bulla insistia na morte da rainha Joanna e nas tentativas de envenenamento contra as pessoas reaes; não indicava senão vagamente os outros attentados «contra a grandeza de Deus.» Mas desde o começo do processo pela pressão do bispo no Louvre, o mesmo processo dirigido pelos legistas de Filippe tornou-se secular, alheando-se da Igreja. Atraz d'estes legistas descobria-se sempre o homem sem escrupulos, o ministro de Kulturkampf, cuja consciencia nada inquietava, desde que se tratasse dos interesses da corôa do altivo e tranquillo Guilherme de Nogaret.

O juiz ordinario de Sens, Guilherme Hangest, é o promotor, o ministerio publico do processo. Propõe aos delegados ecclesiasticos 28 artigos fundados nas revelações do eremita em que o envenenamento da rainha occupa o primeiro logar. O legista conta o maleficio em todas as suas particularidades: consulta a um frade que tem a arte de invocar o demonio; o bispo presta culto ao diabo; promette a imagem de cera, baptisada com o nome da rainha; baptisa a população na presença do frade e de dois feiticeiros na capella do bom eremita (o numero de feiticeiros augmentava-se com o tempo); picadas repetidas na rainha de cera.

Finalmente, vendo que a rainha se demorava a morrer, voltou ao eremiterio e, como tinha a figura perto do fogo, dizia-lhe queimando-lhe os membros: «Que diabo! viverá para sempre esta mulher!» porque lhe tinha torcido os pés, lançando-os nas chammas e queimando-os; e a rainha estava morta.

Depois examinaram os factos relativos a varias tentativas de envenenamento contra os irmãos e filhos do rei; a caixa do veneno andando constantemente das mãos do eremita para as do bispo; um cão morto pelo veneno episcopal; um cavalleiro morto por ter comido ameixas preparadas pelo prelado. Os bispos delegados encarregados pelo papa de proseguir no caso, redigiram uma accusação entestando as allegações do juiz ordinario.

«Evocou o demonio; e quando lhe appareceu, o bispo perguntou-lhe como poderia protejer a rainha em vez de fazer que morresse em pouco tempo. O demonio depois do bispo lhe ter prestado homenagem e alistado um dos seus membros, mandou-lhe fazer uma figura de cera, etc.»

Guichard protestou e negou. Não foi, disse elle, ao eremiterio, senão uma occasião de dia, em 1307, em habitos de bispo com a sua comitiva. As testemunhas interrogadas fóra da sua presença, o eremita, a bruxa, a parteira, auctores principaes do crime de envenenamento, depuseram por muito tempo com grande abundancia de particularidades; a feiticeira não na submetteram á tortura preliminar; sómente Lorin, o camarista, foi suspenso por um momento pelos membros de fórma que se desarticulassem um pouco, se não dissesse nada: e disse. O testemunho do eremita era espantoso, porque mostrava o diabo em pessoa obedecendo ás ordens do frade jacobino João de Fay.

Um dia no eremiterio o frade e Guichard ordenaram á feiticeira que se afastasse. Margueronne, assim se chamava a dama, não foi para tão longe que não pudesse vêr e ouvir. O jacobino disse: «E' preciso que eu leia a *grammatica*.» E principiou a ler um livro que tinha na mão... Margueronne viu tudo n'um instante d'uma janella alta d'um quarto, a fórma como que d'um frade negro que descia, sem escada volante, perto do

bispo e do jacobino; tinha paus na cabeça e, por isso, a feiticeira suppoz que era o diabo que disse ao jacobino: «Que me queres que tanto me persegues?» E o jacobino respondeu: «Apresento-te o bispo que precisa de ti.»

O diabo exigiu pelo serviço que d'elle pretendiam, um dos membros do bispo, e batendo as azas, retirou-se pela mesma janella.

O baptismo da figura de cera era egualmente uma scena curiosa, que recommendo á attenção de João Paulo Laurens. Estão todos cercados por terra na cozinha do eremita: o bispo em roquete de panno grosso e branco e com um capuz de pello de cabra na cabeça; o irmão João com uma tunica um pouco negra e um roquete egualmente de panno; «com estes roquetes tel-os-hiam apanhado para vaqueiros ou carroceiros;» a feiticeira preparava a cera; o jacobino deu-lhe a fórma de mulher. Depois deu umas passagens no seu livro de magica que préviamente havia sido aspergido com agua benta. No entretranto chegou a parteira que Guiot, o creado do eremita, foi procurar. Esta mulher descreveu na sua deposição os dois sacrilegos. «Um era alto, magro, de rosto comprido e ruivo, apparentando ter 40 annos, e segurava n'uma das mãos a figura de cera e na outra o livro — era o frade; o outro era mais baixo e mais gordo, corado, forte e ensebado e parecia ter 60 annos — era o bispo. Ella foi madrinha com pezar. Então o frade poz no pescoço a estola; o eremita, Guichard, a parteira e a feiticeira collocaram as mãos sobre a boneca diabolica, e o baptismo realisou-se em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. O processo toma de repente um novo aspecto. Não é bem do crime de envenenamento que se trata, cujas provas são palpaveis. E' verdade que não tinha nada sob as mãos o frade mysterioso á chamada do qual Satan apparecia. Na accusação era isso uma falta gravissima. Na instrucção do processo trataram-se três pontos que passaram despercebidos a Nogaret, mas que deviam estar concluidos pouco tempo depois. Denunciavam um numero grande de crimes aos quaes os primeiros inquiridores vagamente alludiam. *Multa alia enormia et nefanda,* diziam elles. *Enormia,* effectivamente. Vou resumil-os na sua ligeira simplicidade.

O envenenamento da rainha de Navarra; alegria escandalosa de Guichard ao receber a noticia que gratificou o mensageiro com cem soldos e um fato. Assassinio d'um padre que se recusou a baptizar uma creança filha do bispo e d'uma religiosa. Manifesta avareza. Grande relaxamento de costumes. Viciação nas escripturas dos notarios. Perjurios frequentes. Incendio do priorado de Saint-Ayoul. Excommunhão dos carcereiros de Troyes que se recusaram a dar a liberdade a um florentino, devedor do rei. Porém, a maior impiedade era a seguinte: Quando dizia missa mettia na bôcca a particula sagrada, e, em vez de a engulir, cuspia-a para o chão. Sobre esta nova denuncia encontra-se o nome do implacavel inimigo de Guichard — Noffo Dei.

Entretanto o accusado tinha constituido a sua defeza. Os seus procuradores oppuzeram ao conjuncto das accusações argumentos juridicos de pouco valor. O tribunal episcopal, reduzido apenas aos bispos de Orleans e d'Auxerre, produziu uma serie de accusações de grande valor. O satanismo absoluto começava a manifestar-se. Depois de mais de 60 annos, o bispo de Troyes julgou-se o filho de João Guichard Illudia-se. Sua mãe, que se chamava Ignez, teve fraquezas com um diabo, um incubo, um *neton,* de nome francês. Esta palavra *neton* vem, segundo M. Gaston Paris, do latim *netunes,* corrupção de Neptuno. Sabe-se que os diabos tinham a preoccupação classica e que por isso se disfarçavam em deuses pagãos. Ora este *neton* andava de dia e de noite, especialmente de noite, em volta da timida Ignez «de fórma que ninguem queria nem podia ser seu visinho (reparem que a casa d'ella passou effectivamente por ser frequentada pelo diabo) e criada alguma queria servil-a. A accusação referia-se ao exorcismo do bispo Nicolau. Affirmava-se que João, convencido da desgraça de sua mulher que era «boa, pura?, e de bom trato,» lhe perdoara, mas que se recusou em toda a sua vida a vêr a creança á qual sempre teve horror. Na escola e nos conventos, os condiscipulos chamavam-lhe vulgarmente Guichard, «filho de *neton.*»

Era pois, senão filho, pelo menos sobrinho de Satan. A profanação da hostia, no altar, explicava-se facilmente. O diabo não póde commungar e demais, o artigo 3.º d'esta ultima parte da accusação, era uma prova ir-

refragavel do satanismo: Quando era prior de Saint-Ayoul, ao encontrar-se só com um joven frade, tirando o capuz e tornando a pôl-o, sahiram do mesmo capuz montões de diabos sob a fórma de cinzas: o que, visto pelo joven frade, espantado e como que parvo, se poz a gritar em altos berros; o prior exforçou-se pelo animar, dizendo-lhe: «Vamos, cala-te, cala-te, não tenhas receio! e não digas a ninguem o que viste!» Mas o frade foi dizel-o immediatamente a um dos seus collegas, n'aquella occasião thesoureiro do prior de Saint-Ayoul. Eis algumas passagens da deposição resumida da testemunha, ácêrca d'este homem.

Quando se dirigia para o seu quarto com Jacques de Villemaur, seu secretario, conduzia o seu habito, e Pedro, o joven frade, ia-lhe tomar as mãos; mas, reparando na cabeça do prior, notou-lhe um circulo em toda a circumferencia: era como que um fogo vivo de cinzas vermelhas que ardiam sem labareda. Guichard conheceu então que tinha necessidade de se confessar; mandou procurar o seu capellão pelo seu secretario Jacques; o joven frade, muito transtornado, procurou o capellão e contou-lhe o succedido, dizendo este sem espanto: «Tem o diabo no corpo representado pela sua colera!» Os outros crimes attribuidos ao bispo, que pareciam augmentar no decorrer do processo pela antipathia e precisão crescente das testemunhas, os assassinios, as simonías, as falsificações nas escripturas, os subornos das testemunhas, as accusações falsas para o engrandecimento da heresia ou feitiçaria, a alchimia criminal, o dinheiro falso, a usura descarada nos campos de Champagne, as dividas, as ligações com os juizes, um padre bígamo ordenado por Guichard, a morte d'um ecclesiastico por não poder pagar cem sous de multa; este enorme auto intelligentemente levantado pelos legistas de Nogaret sobre a deposição de perto de duzentas testemunhas, não parecia aos homens d'aquella época mais que uma enfiada, em comparação com a mancha original e com a perpetua infamia do accusado: o satanismo. Guichard negou, attenuou ou tentou explicar favoravelmente todos os outros pontos da accusação; mas perturbado na sua fé, quando lhe oppuzeram o seu nascimento diabolico, curvou a cabeça.

O processo não se concluiu em 5 annos. Clemente V, juiz soberano d'esta causa, transferiu Guichard para Avinhão, nas prisões da Igreja. O concilio de Vienna, que deu ao papa uma grande auctoridade, abriu-se depois de outubro de 1311. O Florentino Noffo Dei tinha sido enforcado em Paris, dizendo junto da forca que o bispo estava innocente no caso de João Calais. Repentinamente o arcebispo de Sens convidou Guichard, prisioneiro do papa, para um concilio provincial, excommungando-o por não comparecer. Clemente V achou o facto um pouco rigoroso e ordenou ao metropolitano que revogasse a sentença, parasse com o seguimento dos autos e renunciasse ao processo. O trabalho dos legistas não se aproveitou. O bispo de Troyes foi absolvido e livre, conforme as determinações do pontifice, administrando de longe a sua diocese.

Em 20 de abril de 1314 acompanhou até ao ultimo momento o primeiro papa de Avinhão. Clemente V, nos ultimos dias da sua vida, transferiu Guichard para o bispado de Diakovor, na Bosnia, nos confins da christandade, em plena barbaria. Não é provavel que fosse para lá. Morreu no começo de 1317, parecendo que foi enterrado na sua antiga cathedral de S. Pedro de Troyes, junto do seu successor que não teve tempo de tomar posse da cadeira episcopal. A conclusão d'este importante processo, o reconhecimento da inculpabilidade por sentença do papa é muito extraordinario.

Ou Guichard fosse victima d'uma machinação cruel por parte de Albigeois Nogaret, ou as accusações parecessem singularmente inventadas, as que foram attribuidas a Bonifacio VIII e aos Templarios eram verdadeiras. E' certo tambem que o bispo de Troyes teve em seu favor a opinião do povo e da burguezia, e tambem a d'um ecclesiastico que trinta annos depois proclamou a innocencia do infeliz prelado n'uma traducção do *Renard o contrafeito*. Attribue, é claro, a filiação diabolica, os resultados da feitiçaria e do envenenamento ás superstições medievaes. Em nome da justiça não posso deixar de me referir aos autos. Á medida que adquiria maior vulto n'esta historia, M. Rigault cada vez se inclinava mais para a innocencia de Guichard. Todavia, muitas vezes provou que Guichard, no seu aprisco de Troyes, em vez de um bom pastor foi um lobo devorador. O sabio disci-

pulo da *Escola de Chartes*, guiado pelo methodo rigoroso da erudição, não parece tentado a procurar novamente a explicação do mysterio fóra dos seus documentos positivos. Prometteu usar os privilegios de simples homem de lettras com que pela imaginação é licito esclarecer os pontos obscuros da historia.

Creio piamente que este extraordinario desfecho, a absolvição pontifical, a resignação da Igreja e do rei, se explicam pela ausencia da personagem que era ao mesmo tempo a testemunha principal, o cumplice diabolico e o co-réu de Guichard, o jacobino João de Fay. Com certeza que este frade era mais familiar do diabo que propriamente o bispo. Foi elle que poz Guichard em relações directas com o Diabo, que presidiu ao baptismo sacrilego da figura de cera empregada no envenenamento da rainha. As testemunhas affirmavam que elle andava constantemente ao lado do bispo. Era a sua alma damnada com a sua boceta de diabruras onde estavam conjunctamente uma cobra, dois sapos, dois escorpiões e duas aranhas. Segundo dizem, desappareceu, fugiu de França, ou, pelo menos, está perfeitamente escondido. No entanto, é elle a parte principal do processo. Conseguiu fugir porque assim o quizeram. Póde ser que esteja muito á sua vontade n'um *in-pace*, ou mesmo no outro mundo. Jacobinos era o nome que habitualmente davam em França aos prégadores, aos dominicanos. Ora o tribunal da Inquisição pertencia á communidade de S. Domingos. Um dominicano endemoninhado não podia ser; a Inquisição não podia sujeitar-se a tamanho horror, a tão espantoso ultrage. N'estas condições, desapparecendo o frade como fumo subtil, salvou o bispo.

Traducção de A. Teixeira dos Santos.

EMILE GEBHART.

FIGUEIRA DA FOZ

PESCADORES

... JOGANDO AS CARTAS, OU ENTÃO EXPLICAVA-ME SORTES QUE EU SEGUIA ATTENTAMENTE...

Maria José

LÁ fui hontem acompanhal-a ao cemiterio, onde ficou dormindo o somno eterno da morte, na perpetua tranquillidade do tumulo, na paz infinita do Nada.

Pobre Maria José!

Conheci-a, como tenho conhecido tantas outras; n'uma noite de esturdia, depois d'uma ceia, entre um copo de vinho e um cigarro fumado em *étapes*.

Lembra-me porém, que, logo da primeira vez que lhe falei, percebi ser uma mulher de espirito e de um raciocinio acertado.

Sempre elegantemente vestida, Maria José, apezar da vida dissoluta que levava, não tinha nunca uma palavra ordinaria, como muitas da sua laia que sentem um prazer particular ao soltar phrases de arrieiro.

Ella não.

Procurava rodeios quando queria contar alguma anecdota picante, ou dizia as coisas encapotadamente e de tal maneira, que uma criança as poderia ouvir.

Vivia só com uma creada n'um segundo andar da rua Augusta, e durante dois ou três annos que frequentei a casa, nunca me constou que tivesse amantes. Quando eu ás vezes lhe fazia referencia a isso, respondia-me:

— Amantes!... Para quê? Para me comerem o pouco que ganho e andarem por ahi a pavonearem-se á minha custa?!...

— Mas podias encontrar um homem que gostasse de ti, e te arrancasse a esta vida de depravação!

— Bem sei. E no fim de dois mezes ou três, quando já estivesse aborrecido, lançava-me outra vez á margem, e cá vinha eu continuar o meu fadario.... Não, não quero amantes.

E cahia depois em profunda tristeza como se uma recordação do passado a viesse acabrunhar e fazer soffrer.

Ha mezes, quando a fui visitar, encontrei-a muito mudada.

Tinha o parecer cadaverico, os labios sêccos, uma tosse presistente sem expectoração que incommodava, a ella e os que a ouviam.

Não parecia a mesma rapariga que eu conhecera tempos atraz.

— Não me conheces, não é verdade? perguntou-me com um sorriso forçado. Tambem eu me não conheço. Mas vejo que isto está por pouco.

— Ora adeus!... Deixa-te de asneiras!... Isso é alguma constipaçãosita que te cahiu no peito, mas com um bocado de tratamento vae-se embora n'um instante.

— Deve ser isso, deve, retorquiu olhando-me e acenando incredula com a cabeça. Julgas então que não sei o estado em que estou? Bem, não falemos mais n'isso.

Conversamos ainda mais um bocado e d'ali a pouco retirei-me com a convicção de que Maria José não andaria muito tempo cá por este mundo.

A pobre rapariga tinha todos os symptomas da tuberculose, e já n'um periodo bastante adiantado.

E tão impressionado sahi n'aquelle dia de casa d'ella, que passados poucos tempos tornei a ir saber da sua saude.

Fui encontral-a no quarto, deitada sobre a cama, envolvida n'uma bata branca, parecendo já um cadaver amortalhado.

— Então como vaes?

— Peor de saude, e melhor para morrer, respondeu-me estendendo a mão que eu apertei levemente e que escaldava com febre.

— E se tu fôsses uns tempos para fóra da terra? Talvez te fizesse bem.

— Para *fóra*, não!... Para *dentro* é que tu queres dizer!

— Lá estás tu com as tuas coisas!... Vae para fóra, e verás como o ar do campo te faz bem. Isso é uma fraqueza geral e com um pouco de repouso e bom ar, tornas a ser a mulher forte e robusta que d'antes eras.

— Pois sim, verei isso... Mas agora, desejo fazer-te um pedido... Descança, que não é dinheiro!... Um pedido e uma pergunta.

— Dize. Bem sabes que se fôr coisa que eu possa fazer, faço-a de muito boa vontade.

Maria José levantou-se e foi fechar a porta por dentro, indo depois sentar-se na *chaise-longue* que estava collocada proximo da janella, uma janella de peitos, larga e alta, por onde a luz entrava a jorros.

— Vem para aqui, para ao pé de mim, caso não receies que a minha doença te contamine. Tenho que te dizer em particular.

Satisfiz-lhe o pedido, e puxei de um cigarro que accendi.

— Não sei se te faz mal, perguntei, reparando que talvez o fumo lhe provocasse mais a tosse.

— Qual!... Bem sabes que tambem fumo, e... olha, é a unica coisa que ainda não aborreci.

Depois levantou-se e foi abrir as vidraças da janella, todas para traz.

— Que lindo dia hoje está!... Dia de verdadeira primavera, com este bom sol que nos enche a alma d'uma vida nova, e nol-a illumina toda... Ah... deixa-me encher bem os pulmões d'ar! rematou, e aspirando com sofreguidão o ar que entrava agora desafogadamente.

Eu estava admirado.

Nunca a tinha visto tão bem disposta, desde que estava doente, como n'aquelle dia.

Passados momentos, proseguiu:

— Disse-te que te ia fazer uma pergunta e um pedido, mas primeiro quero contar-te a minha vida. Pareces-me pessoa honesta e capaz de cumprires o que prometteres,pelo menos comigo, assim tens feito, e é por isso que estimo bastante teres vindo hoje.

— Já te disse, se fôr coisa que eu possa fazer, faço-o.

— Bem. Já falamos sobre o assumpto. Vamos porém ao que importa.

Maria José foi buscar uma caixa de cigarrilhas havanas que estava sobre o toucador, trazendo-a para o pé de si.

Sentou-se depois novamente a meu lado, tirou pachorrentamente uma cigarrilha que accendeu no meu cigarro, e recostou-se na *chaise-longue* vendo subir para o tecto, o fumo, que se desfazia pelo espaço.

Por momentos, Maria José ficou como que mergulhada em profundo meditar, e eu, não querendo interromper as suas cogitações, apenas a analysava, parecendo-me até vêr, através da pelle do rosto, a fórma exacta da sua caveira, que se me desenhava no pensamento.

— Sabes uma coisa? disse, batendo-me levemente na perna. Estou crente que cada mulher que nasce traz aos pés um abysmo. Se a cabeça não desequilibra, bem vae a coisa. Segue pela estrada da Vida e, melhor ou peor, lá chega ao fim. Mas se escorrega... Pobre d'ella... Está perdida para sempre!... Foi o que me succedeu...

— Isso acontece ahi a cada passo, repliquei, por dizer qualquer coisa, e ancioso por saber o que ella me queria pedir.

SEMPRE ELEGANTEMENTE VESTIDA...

—E como não me havia de succeder a mim, sem ter ninguem que me defendesse a não ser uma tia velha, minha amiga é verdade, mas ignorante das armadilhas do mundo? Eu ficára orphã de pae e mãe quando tinha uns doze ou trese annos, mas apezar d'isso continuei a frequentar a escola, onde diziam que fazia progressos. Minha tia, cujo rendimentosito lhe dava apenas para comer, quiz um dia, por conselho das visinhas, ter alguns hospedes que lhe ajudassem assim um pouco a pagar a renda da casa.

«Tanto pensou, tanto barafustou, que mobilou dois quartos dos melhores, e deitou annuncio no jornal.

«Appareceu um velho e um rapaz, e a ambos minha tia deitou mão, suppondo que talvez não viessem outros de tão bom parecer.

«O velho era empregado n'uma repartição qualquer, homem de poucas palavras, muito mettido comsigo, e que só parava em casa apenas algumas horas.

«O rapaz estudava para o commercio, mas tambem era musico. A's noites tocava nos theatros afim de ganhar para os cigarros.

«Se accaso não tinha theatro, ficava então no seu quarto estudando no violino.

«Quando se aborrecia da musica ou já tinha apanhado a *execução*, sentavamo-nos á meza e ali estavamos horas esquecidas, jogando as cartas, ou então explicava-me *sortes* que eu seguia attentamente.

«Para não alongar a historia, dir-te-hei que foi o meu primeiro amor. Tinha ao tempo quinze annos, mas o corpo apresentava muito mais. Eu sabia lá o que era amor! Sentia por este rapaz uma attracção louca, não via outra coisa, não pensava em mais nada, só queria estar ao pé d'elle, a vel-o, a ouvil-o, a admiral-o.

«A sua voz tinha para mim um encanto extraordinario, e se pegava no violino fazia gemer as cordas de tal maneira, que me punha a chorar de commovida.

«Outras occasiões sentava-se ao piano e eu acompanhava-o com a minha voz de contralto. A's vezes parava de tocar para me elogiar o canto, e esses elogios enchiam-me a alma de um amor-proprio indefinivel, tor-

nando-me orgulhosa e julgando-me uma artista de *primo cartel*.

«Assim vivemos durante alguns mezes, sem que minha tia desconfiasse dos nossos amores.

«Um dia, porém, senti que seria mãe e disse-o ao meu amante, cheia de alegria e de tristeza ao mesmo tempo.

«Elle recebeu a noticia quasi friamente, mas, ainda assim, sem o querer dar a conhecer.

«Passados uns três ou quatro mezes, participou-me que tinha de sahir do Porto, onde viviamos, e vir a Santarem a casa do pae, para regular uns negocios da casa, e que talvez se demorasse uma semana.

«Isto era uma coisa tão natural, elle fazia-o tanta vez, sahir do Porto para visitar a familia, que acreditei cegamente nas suas palavras.

«Passou-se uma semana, duas, três, e Manuel sem apparecer. Deves calcular como eu estava, sem receber noticias.

«Procurei um amigo d'elle e pedi-lhe para escrever para Santarem a saber de Manuel.

«Levou perto de oito dias a chegar a resposta.

«O Manuel tinha casado com uma senhora sua prima, brazileira, e partira para o Brazil a tomar conta das suas propriedades.

«Calcula tu, se podes, o estado em que fiquei quando recebi tal noticia!

«Pois seria verdade que um homem tão bom, tão meu amigo, tão apaixonado, o pae da criança que trazia no ventre, faltasse assim á sua palavra, ás suas promessas, aos seus compromissos contrahidos comigo?

«Comigo! que lhe tinha entregado a honra como lhe entregára a alma! Comigo, a quem elle dizia viver por eu viver. Comigo, que compartilhava com elle todas as suas alegrias, todos os seus pezares, todas as suas dôres, todos os seus soffrimentos, todo o seu sentir, emfim!...

«Não! Era impossivel!...

«Fui outra vez ter com o tal amigo, e pedi-lhe para escrever novamente a outros conhecimentos, a certificar-se bem, se era verdade ou não o que a carta dizia.

«Elle assim fez, e passados dias, trouxe-me, junto com a carta em resposta, a parte de um jornal em que vinha a noticia circumstanciada do casamento de Manuel.

«Cahi de cama com uma febre e por pouco não passei d'esta para melhor, mas... estava escripto que ainda não era a hora... e portanto, ao fim de trinta dias, encontrei-me restabelecida.

«E cada vez a pronunciar-se mais o meu estado, e eu sem saber como havia de occultar de minha tia a vergonha do meu acto, que era a minha deshonra!...

«Só tinha uma resolução a tomar.

«Fugir!

«Fugir o mais breve possivel, para longe, muito longe!... onde ninguem me conhecesse.

«Um dia, li no jornal um annuncio, pedindo uma criada para vir para Lisboa em companhia de familia decente.

«Fui á rua indicada no annuncio e offereci-me.

«Gostaram da minha presença e... em conclusão, admittida, ficou combinado entrar no dia seguinte.

«Fui para casa, escrevi uma extensa carta a minha tia, fiz uma trouxita d'alguma roupa de que necessitava, e pela manhã, emquanto minha tia ia ouvir missa, pois era um domingo, deixei a carta sobre a mesa de jantar, bem á vista, e sahi.

«Meus amos partiam n'esse mesmo dia e portanto era preciso aproveitar.

«Chegamos a Lisboa e fomos viver para a rua de S. Domingos, á Lapa, onde os meus patrões tinham a sua casa.

«A principio, tudo correu ás mil maravilhas, mas, passadas algumas semanas, a minha ama começou a olhar-me mais detidamente e a conhecer o meu estado.

«Era uma excellente senhora e eu, um dia, abri-me com ella e contei-lhe tudo. Ficou bastante penalisada, e disse-me:

«— Pois sim, mas eu não te posso ter aqui n'esse estado!... E' um escandalo!... Demais a mais, és uma rapariga solteira... Não, não. Olha, se quizeres vae ter a criança ao hospital ou a qualquer outra parte, põe a criança a criar, e volta então para o serviço. E' o mais que te posso fazer.

«Deixei portanto a casa e perguntando aqui, indagando acolá, fui ter a uma casa d'hospedes na Calçada do Duque, que me recebeu depois de combinada a mesada.

«Ali estive até ao ultimo periodo, em que me vi forçada a recolher ao hospital.

«Dizer-te quantas vezes chamei pela mor-

te, não o posso fazer. A morte não vem quando a gente a chama. Vem sem ser esperada, e a maior parte das vezes, quando se tem mais vontade de viver.

«Quando sahi do hospital com a pequenita nos braços, fui outra vez para a tal casa, onde me começaram a metter em cabeça, para pôr a criança a criar n'uma ama, afim de poder ir trabalhar.»

— Descança um pouco, mulher, estás a a fatigar-te sem graça nenhuma, interrompi, ao vêr o esforço que ella fazia para proseguir.

— Não, não, deixa-me acabar, senão talvez te não possa mais contar o resto... Já falta pouco.

Levantou-se, deu umas passadas pela casa, tornou depois á janella a respirar um pouco, e voltou a sentar-se no mesmo logar, accendendo outra cigarrilha.

— Na casa d'hospedes onde estava, continuou, havia uma rapariga corista do theatro Avenida, com quem eu me dava mais intimamente, parecendo condoer-se da minha situação e mostrando-se bastante minha amiga. Um dia perguntou-me porque não entrava eu para o theatro pois se auferia mais lucros do que andar a ser criada d'este e d'aquelle, aturando patrôas e patrões de genios differentes, emquanto que, assim, podia viver independente, e quem sabe? talvez com um pouco de gloria, se eu tivesse geito para a scena.

«A principio esquivei-me, dizendo não ter habilidade, nunca ter pisado o palco, etc., mas taes coisas me disse, tão bem soube insinuar-se-me no animo, que por fim disse-lhe:

« — Pois bem, veremos. Mas como ha de ser isso? Não tenho quem me apresente!... Não conheço ninguem!...

« — Olhe, se quer, eu a apresento ao empresario. Justamente agora vae entrar em ensaios uma peça phantastica e já ouvi falar em precisarem figurantas e coristas, portanto logo ao ensaio, já falo em si, quer?

« — Pois sim, respondi, mais por comprazer do que convicta de que se arranjasse qualquer coisa.

«No dia seguinte fui apresentada e contractada como corista, visto que sabia um bocado de musica.

«A principio tudo aquillo me causava asco, todo aquelle fingimento, sempre a dizer-se o que se não sente, de mascara afivelada ao rosto para se não vêr o que vae n'alma. Mas a pouco e pouco fui-me costumando, e no fim d'algumas semanas era tão boa como as outras.

«Em volta de mim rodopiava um enxame de admiradores, sem falar nos lá de dentro que se fartavam de me render finezas, e dizer que eu tinha muito geito para a *arte*.

«Um individuo já de certa idade, que mais frequentava a caixa do theatro, propoz-me um dia se eu quizesse ser sua amante, me alugava e punha casa, além de me dar uma mezada para meu sustento.

«Pois, apezar de ser um bom offerecimento, recusei.

«Depois da infidelidade do meu primeiro amante, votára aos homens um odio de morte, todos me pareciam o mesmo, todos liam pela mesma cartilha.

«Queria a minha liberdade, não ter ninguem a quem dar satisfações dos meus actos, viver o mais independente possivel.

«O velho não desistia e assediava-me constantemente, e eu sempre a sorrir ao que elle dizia e a recusar, o que mais o desesperava ainda.

«Tanto elle como os outros, andavam ao despique, a vêr aquelle que me havia de comprar os encantos, com brindes, que quasi todas as noites me traziam.

«Eu acceitava sempre, mas ceder?... Isso sim!...

«Uma noite, depois de acabar o espectaculo, convidaram-me para uma ceia, em que iam três ou quatro actores, duas coristas e a minha amiga Julia, a companheira da casa d'hospedes.

«Acceitei, que diabo... iam mais mulheres... não era eu só... portanto fui.

«A ceia foi n'uma casa do Campo Grande, á porta fechada, onde podiamos estar á vontade.

«Comeu-se bem e bebeu-se melhor, e de tal maneira, que as cabeças não regulavam e a bôca não sabia o que dizia. A meio da ceia apareceu o velho, meu perseguidor.

«Então, tudo aquillo se transformou n'um verdadeiro inferno. Eram brindes, eram cantares, eram gargalhadas... vinho entornado por aqui, bolos espalhados por acolá... emfim, uma verdadeira bacchanal!...

«Sube depois que fôra o meu *D. Juan* quem tivera a lembrança da ceia, afim de vêr se eu me rendia aos seus desejos.

«Ora eu tambem tinha bebido alguma coisa. Depois as misturas dos liquidos, transtornaram-me completamente e de maneira tal, que já não sabia o que fazia.

«Para encurtar razões: Quando acabou esta bambochata, era quasi dia claro e encontrei-me só, com o velhote a meu lado, a rodar n'um trem pelo caminho fóra.

«Vinha em tal estado que adormeci pelo caminho e quando accordei, achei-me deitada n'uma cama muito fófa, e aos pés, sentado n'uma cadeira, o velhote, que olhava para mim com olhos libidinosos e com um sorriso de victorioso.

«—Então isso vae melhor? perguntou-me levantando-se e tentando abraçar-me.

«Senti o meu espirito de mulher revoltado por este abuso, e exclamei:

«— Com que então o senhor é tão canalha e tão patife, que precisou embebedar-me e embebedar toda aquella cambada para me possuir, não?

A'S VEZES PARAVA DE TOCAR PARA ME ELOGIAR O CANTO

«— Ora deixe-se de improperios e conversemos como bons amigos. Espero que me desculpará, em sabendo que tudo o que fiz foi unicamente pelo muito amor que lhe tenho. Como já lhe disse n'outra occasião, estou disposto aos maiores sacrificios por sua causa. Se quizer, apenas a visitarei de tempos a tempos, deixando-lhe toda a liberdade, mas ha de permittir que esteja ao pé de si algumas vezes.

«— O senhor não passa de um idiota!... respondi.

«E sem lhe dar tempo a mais nada, saltei da cama abaixo e sahi, deixando-o atrapalhado a fazer o resto da *toilette*.

«Quando cheguei á casa da Calçada do Duque, encontrei a Julia já preparada para ir ao ensaio.

«— Então ainda agora, hein!?... disse ella sorrindo.

«— E' verdade, e não sei se é a ti que devo a noite passada em tão *bella companhia*.

«— Olha, filha, já é tempo de perderes esse acanhamento e de te deixares de escrupulos... Aproveita as offertas do velho e de todos os velhos que te appareçam e não sejas tola. O tempo não está para a gente se perder, sabes? Até logo.

«Depois de ella sahir comecei a pezar estas palavras e acabei por me convencer de que Julia tinha razão.

«Empenhei parte das minhas joias e aluguei esta casa, e de então para cá, deitei a vergonha para traz das costas, começando a receber clandestinamente os meus admiradores, sem nunca querer estar sujeita a nenhum d'elles, até que um dia me foste apresentado tambem, e.. o resto sabes tu e portanto escuso de o repetir. E aqui tens a minha vida passada.

«Agora, diz-me, se tenho ou não tenho

razão em crer que a mulher quando nasce, traz um abysmo comsigo?»

— E' verdade, é, concordei, tens carradas de razão e a tua vida dava bem para um romance. Mas... e a pequenita, a tua filha, que foi feito d'ella?

— A pequenita dei-a a criar e depois veiu para a minha companhia, ou melhor dizendo: para casa d'umas amigas minhas, a quem eu visitava amiudadamente, e assim viveu até aos cinco annos...

Maria José fez uma pausa, e ao lembrar-se da filha, pareceu-me que todo o seu ser se agitava, e uma lagrima corria rapidamente pela face, vindo cahir-lhe no collo.

— Um dia sobreveiu-lhe uma enterite, e... não durou quinze dias...

Quando acabou de dizer isto levantou-se e foi para a janella a disfarçar a commoção que sentia.

Eu porém percebi perfeitamente o estado de angustia d'aquella alma, e não quiz fazer-lhe mais perguntas.

— Mas que lindo dia!... disse Maria José a mudar de assumpto. Como este sol me enche a alma de um goso excepcional!... E sabes uma coisa?... Parece-me que me sinto hoje melhor!

Olhei para ella ficto, e vi-lhe, pelo contrario, o parecer cada vez peor.

— Talvez, sim,... é o que eu te digo, se fosses tomar um pouco de ar do campo, restabelecias-te.

Ella sorriu, e não respondeu.

— Ora agora vamos á pergunta e ao pedido que te queria fazer. Diz-me uma coisa, disse ella vindo sentar-se-me nos joelhos e passando-me o braço em volta do pescoço. Quando eu morrer, vaes ao meu enterro?

Olhei-a admirado.

— E se eu morrer primeiro, respondi, tu vaes ao meu?

— Vou, sim, descança! voltou-me sorrindo. Mas, responde, vaes ou não se eu morrer primeiro do que tu?

— Vou, respondi encolhendo os hombros.

— Dás-me a tua palavra?

— Dou, sim, já te disse que vou... Mas isso ha de ser d'aqui a muitos annos... muitos!...

— Sim, talvez... Esta era a pergunta que te queria fazer e agora vou fazer-te o pedido. Visto que vaes ao meu enterro, quando abrirem o caixão no cemiterio, nota bem, no cemiterio, para me deitarem o balde de cal sobre o meu corpo, como é da praxe, peço-te que me ponhas sobre o peito este enveloppe. Fazes isto?

E tirou do seio um enveloppe branco que me mostrou.

— Faço, sim, dou-te a minha palavra de honra, que o faço.

— Obrigado, respondeu ao mesmo tempo que me apertava a mão cheia de reconhecimento. Agora posso morrer descançada, porque sei que és capaz de cumprir o que te peço.

E entregou-me o enveloppe que guardei na minha carteira.

— Não te esqueças, não!?... recommendou.

* * *

Mal diria eu ao sahir d'ali, que era a ultima vez que veria a pobre rapariga!

Três dias depois d'esta conversa, estava eu almoçando em casa muito socegado da minha vida, quando a criada me veiu trazer uma carta tarjada, que um gallego trouxera.

Abri rapidamente o sobrescripto, e li:

«Maria José falleceu hontem, ás 3 horas da tarde e deve enterrar-se hoje ás 4, no Alto de S. João.

Ignacia.»

Ignacia era a criada velha que a servia havia bastante tempo.

Fiel á minha promessa, lá fui á tarde acompanhal-a ao cemiterio, e a alma toda se me anuviou, ao vêr que era eu o unico convidado que lhe ia prestar a derradeira homenagem.

Quando o caixão estava para descer á cova, puxei pelo enveloppe para satisfazer o pedido que Maria José tão instantemente me fizera.

E, coisa curiosa, nunca, desde que ella m'o entregára, me passou pela mente, vêr o que elle continha, mas agora, ali, no derradeiro momento da separação para sempre, d'aquelle corpo que fôra tão bello, e cuja vida eu sabia toda, ou quasi toda, senti desejos de abrir o enveloppe e vêr o que continha.

Lá que era um cartão, não restava duvida.

— Talvez a photographia d'um amante... do seu primeiro amor, quem sabe!... Ora adeus!...

Abri o enveloppe, e que vi?

O retrato de uma criança de quatro para cinco annos, linda e parecida com Maria José.

Era o retrato da filha.

Abri um pouco o corpete que ella levava vestido, e escondi-lhe no seio aquella reliquia.

Depois de vêr o caixão desapparecer completamente, sob a camada de terra que os coveiros, com uma indifferença enorme, arremeçavam ás pazadas, sahi lentamente do cemiterio, com o coração oppresso, scismando no que é a vida, e lá deixei a pobre Maria José, que eu conhecera n'uma noite de esturdia, entre um copo de vinho e um cigarro fumado em *etapes*, dormindo o somno eterno da morte, na perpetua tranquillidade do tumulo, na paz infinita do Nada.

CLARO DAS NEVES.

Minha mãe

Alma feita da luz das puras alvoradas!
Suave como a brisa em quentes madrugadas.
Tão cheia de candura e cheia de carinhos
Para os que dormem sós á noite p'los caminhos;
Que mais par'cia ser o anjo tutelar
Dos que andam por ahi a vida a mendigar!
Sentindo como sua a dôr dos seus iguaes:
Mulher's sem ter marido e filhos sem ter paes.
Mal via que a miseria entrava em qualquer lar,
Corria pressurosa afim de os amparar!
Tão bôa, eu vejo só, no meu devocionario,
A mãe do que morreu no cimo do Calvario!
Em meiguice era igual talvez ás pombas mansas,
Sentindo-se enlevar no riso das crianças,
A quem acarinhava e sorria tambem.

.....

Assim foi sempre em vida a minha santa mãe!

Ricardo de Souza.

O casamento nos diversos povos e perante a historia

(Continuação)

XXVI

Tal é a evolução do direito: O reconhecimento do direito civil pela necessidade da relação individual entre as tribus; a passagem para o direito publico, para o agrupamento por conveniencia dos povos, e, depois, pelo respeito mutuo, surge o individualismo, na politica que deu o moderno direito de suffragio, e nos costumes o respeito pelas individualidades e portanto pela mulher.

Em Roma, a mulher, em dia de eleições, recommendava as candidaturas da sua preferencia. Seneca reconhecia que deveu a questura a sua tia, «a mais modesta e reservada das mulheres». Tal era o poder da matrona romana.

Comtudo se a mulher romana não possuia uma grande cultura de espirito, tinha ao menos o amor do trabalho. Trabalhava o marido na guerra; a mulher cuidava dos arranjos domesticos, fiava, fazia o manto militar do espôso, pensava nos perigos que elle corria nas campanhas das legiões. Para a austera patricia romana era um ponto de honra ser ella quem fazia os vestidos de seu marido e de seus filhos.

Trabalhava de pé a romana; fiava e tecia. E estes costumes familiares ainda existiam em tempos de menos moralidade. Augusto vestia as togas feitas por sua mulher, por sua irmã e suas filhas.

No tempo de Augusto, ainda as matronas romanas sahiam á rua de manto e *stola* com a cara vendada.

Foi no anno 584 de Roma que um tribuno da plebe, no intuito de conservar o patrimonio familiar, propôz uma lei pela qual as mulheres não podiam ser legatarias de mais mil sestercios. Esta lei foi até Augusto, mas era illudida pelos fideicommissos, pelos quaes o herdeiro ficava incumbido de entregar á mulher o que lhe desejava legar.

XXVII

O casamento por *coemptio* era uma venda simulada entre os esposos. A mulher tinha tres asses, um na mão para dar ao marido, tinha outro nos cothurnos para offerecer aos deuses Lares e depunha o terceiro no *compitum vicinale*.

As formalidades d'este casamento eram

muito simples. «Mulher, dizia o homem á noiva, queres ser mãe de familia? — Quero, respondia ella». E a mulher dizia: «Homem, queres tu ser pae de familia? — Quero». E assim a mulher ficava em poder do marido.

No tempo de Augusto, o noivo ia a casa do sogro. Encontrava a noiva já vestida. Tinha uma tunica branca com um cinto de lã de cordeiro, os cabellos divididos por seis tranças em forma de torre elevada sobre a cabeça coroada por um ramo de mangerona em flôr. A cara via-se-lhe através d'um vaporoso véo côr de fogo, e o pé era calçado d'um elegante borguezim côr de açafrão. A noiva approximando-se de um dos seus parentes deixava cahir do vestido uma pequena corôa entretecida de verbena e de outras flôres, que era o symbolo da fecundidade. Chegadas as dez testemunhas exigidas pela lei, ia-se para o *sacrarium*. Os noivos, cada um n'uma cadeira coberta de pelle de cordeiro que tinha servido para os sacrificios, cobriam a cabeça, e o grande pontifice procedia á cerimonia. Tomava os vasos dos sacrificios, limpos e purificados de manhã, offerecia uma mistura de leite e vinho aos pequenos deuses do santuario. Depois apresentava aos noivos um *far* (um bolo de pão), fazia-o comer, e dizia para o noivo: «Douvos F., sêde seu esposo, seu amigo, seu tutor, seu pae. Faço-vos senhor de todos os seus bens e confio-os á vossa bôa fé». Dito isto, unia as mãos dos noivos.

Depois apagavam-se as luzes quando a mulher entrava em casa. Passava-se ao tricrinio para jantar. As damas, das quaes as que só tinham casado uma vez traziam uma corôa de flôres brancas, tomavam logar nos leitos ao lado dos homens.

De tarde as damas edosas que tinham casado apenas uma vez procuravam a noiva para a conduzir ao leito nupcial préviamente coberto de uma toga. Uma d'estas damas trazia um *phalus*, no qual a noiva se sentava um instante como que para offerecer as suas primicias a este deus. Todas se retiravam depois de terem deitado a noiva. Apagavam-se as luzes.

A *coquetterie* não foi desconhecida n'este tempo, em Roma. Em caixas de madeira tinham as damas elegantes dentaduras completas, d'ouro ou de marfim, que se ajustavam á bocca e se ligavam ás gengivas por meio de fios d'ouro. Em vasos de alabastro estavam as pinturas e os medicamentos, para a brancura e coloração da pelle.

Estas drogas compunham-se de um linimento tirado de escremento de crocodilo para branquear a pelle, de pastas de compostos de chumbo que vinham de Rhodes. Tinham tambem adstringentes para obstar á transpiração, uma pasta para dissipar as rugas, outra epilatoria, e pastilhas de myrta e vinho velho para evitar o mau halito. Usavam chumaços e cintos de couro de boi para comprimir o peito abundante. Traziam sapatos de pelle branca tão apertados que penetravam as carnes.

No tempo do Imperio entrou o vicio do luxo em Roma.

No guarda-roupa das romanas contavam-se dezoito especies de vestidos e mantos — a *regilla*, a *menducula*, *impluviata*, a tunica *rolla*, a tunica *spessa*, o *limteolum caesicum*, a *intresiata*, a *patagiata*, a *caltha*, a *crotula*, o *subparum*, a *rica*, o *basilicus*, o *exoticus*, o *cumatilo*, o *plumatilo*, o *cerinum*, o *melinum* e o *laconicum*.

No tempo de Augusto, foram destinados logares especiaes nos theatros ás mulheres, onde ellas iam para ser vistas.

Spectatum veniunt; veniunt spectentur ut ipsae

E as mais audazes iam para o proscenio. Como ia longe aquella austeridade das matronas romanas que o povo, pelas suas virtudes, cortejava respeitosamente, quando atravessavam as ruas de Roma (Dezobry)!

Os costumes da cidade de Roma estavam diffundidos pelo grande imperio. A mulher romana tornando-se ociosa e futil; inconstante e caprichosa, continuava a ser ignorante. Foi então que d'esse germen moral que se alastrava no mundo surgiu a reacção christã, evangelisando a emancipação da mulher. Tão escravisada ella estava no meio da devassidão do imperio.

Coberta de ouro e brocado, tinha perdido a auctoridade e respeito d'outras eras, para se escravisar como a mulher dos *harens*, de bracelletes d'ouro.

XXVIII

A mulher-mãe que aconchega ao peito o filho, fazendo d'um pequenino ser um homem; a mulher-virgem, cheia de graças e pudi-

bunda, que dá á moral e á arte a grande ideia abstracta da perpetuidade da Virtude e do Bello; a mulher trabalhadora e intelligente que faz do trabalho um lenitivo e da vida um paraizo, hão de ser os symbolos impereciveis da civilisação que já se esboça n'este seculo audacioso, de conquistas mechanicas, mas tão sceptico como pessimista, tão material como devasso.

No emtanto, foi ao alvorecer d'este seculo findante que se operou a Revolução franceza, provocada pelas cortezãs da côrte de Luiz XVI, revolução que por ser inconsciente nem por isso deixou de ser util e organica, nos seus resultados de equilibrio futuro.

O seculo XIX foi um seculo de desiquilibrio, inconsistente e inconsequente. Foi o seculo de Napoleão e de Gambetta, de Chateaubriand e de Buchner, de K. Max e de Leão XIII, de Rothschild e de Moltke, de Bismarck e de Lamartine. Todas as aberrações humanas e todas as virtudes tiveram logar no nosso seculo, ainda as mais oppostas, e este mobilismo de opiniões é a maior prova e a maior garantia da estabilidade e das conquistas organicas e integralistas do futuro.

Para melhor comprehensão das origens do nosso seculo, digamos o que foi a sociedade familiar no seculo XVIII. E' sempre na familia e por isso na situação da mulher que se deve ir procurar o verdadeiro estado de cultismo dos povos, porque da familia é que se evola a alma vigorosa das sociedades que se engrandecem. Se as sociedades humanas teem cahido por depressões moraes, e esta é a causa commum da queda de todos os povos historicos, é porque n'ellas não teve nunca a mulher o seu rigoroso logar de acção. A corôa tradicional dos reis de França cahiu perante os vicios das cortezãs da sua côrte.

XXIX

No século XVIII, a situação da mulher franceza é analoga á de todos os outros povos cultos.

Os povos latinos, por approximações ethnicas e historicas, ha bastante tempo que no direito, na litteratura e nos costumes se approximam muito da França; as classes privilegiadas dos povos slavos no seculo XVIII e XIX teem imitado a civilisação da França e os seus mais futeis costumes, e até os anglo-saxões e os allemães, no seculo XVIII, viram as suas mulheres imitar as cortezãs philosophas da França, vestir á moda de Paris e seguir servilmente os costumes da moderna Babylonia.

Além de que, é uma caracteristica da nossa civilisação o cosmopolitismo, o que se explica pelo desenvolvimento do industrialismo, pela imprensa periodica, pela facilidade de communicações telegraphicas, de transportes maritimos e ferro-viarios. O direito publico e civil tende a unificar-se, e pelo direito da livre critica, pelo predominio da intelligencia e pela extrema sensibilidade dos organismos sociaes modernos, — o nosso tempo, em contrario do que ainda muitos pensam, é o mais proprio para a diffusão das grandes idéas moraes.

Ha, é certo, um grande rebaixamento moral, uma notavel inconsistencia de opiniões, mas o maior e porventura o unico mal d'este periodo transitorio de individualismo democratico — está no regimen economico. Fez-se a igualdade civil, conseguiu-se a egualdade politica, mas ha ainda profundas desegualdades economicas, creadas pela lei e protegidas pelo espirito de seita, de raça e de systema. O facto é que ao pé das grandes fortunas existem as classes miseraveis, — e tantas vezes são as que mais trabalham, e por isso as que mais merecem!

XXX

D'esta situação vem a prostituição da mulher. Os argentarios das grandes heranças ou dos inconfessaveis crimes do anonymato, ociosos e omnipotentes, velhos e devassos, seduzem as filhas do proletariado, prostituem-nas, suggestionam-lhes os prazeres suppostos da ociosidade e da grandeza mundana. A mulher tem o facil estonteamento do ouropel.

D'aqui a existencia occulta da polygamia na Europa, os tormentos da mulher honesta que se sente abandonada do marido, a desorganisação da familia, a má educação dos filhos, o desenvolvimento do espirito frivolo na população feminina, a depressão dos sentimentos moraes... e todo esse pantano moral do nosso tempo. Se as classes illustra-

das e em evidencia dão maus exemplos, se provocam a desmoralisação das classes menos protegidas da sorte ou da lei, que admira que, pela lei da imitação, para todas as classes tenha irradeado esse espirito material e egoista, immoral e frivolo do nosso tempo? Quem mais soffre com esta situação é o operariado, a familia e o povo a quem os nababos da finança arrancam a honra das filhas e as economias do seu trabalho na subscripção de acções de Companhias fraudulentas; são ainda as esposas e as filhas d'esses argentarios que, abandonadas e aniquiladas, cobrem o seu immenso infortunio com os estonteamentos do luxo. Mas carruagens, joias, theatros, vestidos — que importa isso ao desconfôrto do coração! — nunca podem satisfazer o espirito moral da mulher amorosa e honesta.

XXXI

No seculo XVIII, a mulher do povo, em França, como dizem os Goncourt, é um ser que não é mulher senão pelo sexo.

Viril, resistente ao trabalho, o odio e as revoltas refervem no coração da mulher do povo. E' n'ella que se podia sentir que o seculo XVIII ia no caminho da revolução. A mulher do povo então tambem podia elevar-se até o mundo elegante, pela devassidão. Tinha as maneiras das cortezãs, os seus encantos e as suas graças.

Foi do baixo povo que sahiram as rainhas da belleza, actrizes e cortezãs.

Essas mulheres privilegiadas, mas que a policia perseguia, eram cortejadas por gentis-homens, artistas, escriptores e philosophos. Tinham no *Salon* os seus retratos e passeavam em Long-Champs de carruagem. *Filles du monde,* Richelieu dizia que ellas eram mais mulheres que as outras.

Ás que eram actrizes recusava a Egreja, no seculo XVIII, a benção nupcial e o enterramento em sagrado; mas a alta sociedade acolhia-as bem. Adriana Lecouvreur e Pelissier, duas mundanas, eram disputadas pelas grandes damas da França, jantavam em casa de Quinaut e dançavam em casa de mademoiselles Antier. E' que em verdade a devassidão do alto não tinha direito de se mostrar severa para com a devassidão de baixo.

Passada a mocidade, a mulher franceza do seculo XVIII fazia-se philosopha, substituia as graças pelas seducções do espirito.

Os seus salões abriam-se aos philosophos, aos escriptores e aos criticos. Alli se faziam as reputações, preparavam-se as eleições academicas, faziam-se as intrigas da côrte e os ministerios, distribuiam-se beneficios, empregos e titulos. Este seculo foi dirigido pela mulher. E' certo que, sob a influencia de Rousseau, por algum tempo a mulher franceza se entregou ao amor maternal e de familia. Mas esta corrente era ficticia, porque a mulher de então foi incapaz de amar, por ser futil, indifferente e dissipada.

(Continúa.)

CARNEIRO DE MOURA.

Artistas italianos

Os tres Andreini — Inghirami — Calmo — Os tres Domenico — Gherhardi — Os Constantini — Riccoboni — Carani — Carlino — Mattiuzi — Bosco — Carline — Modena — Salvini — Rossi — Novelli — Zacconi — As Talassi — Ristori — Paladini e Duse.

PARA concluir este rapido estudo sobre a arte dramatica na Italia, falta esboçar a biographia dos seus principaes artistas. Faltam muitos, é claro, mas deligenciamos torná-la tão completa quanto nos foi possivel.

Temos em primeiro logar, no seculo XVI, os tres Andreini, Francisco, João Baptista e Isabel. Esta ultima nasceu em Padua, em 1562, e morreu em Lyon, França, em 1604. Obteve, na Italia e em França, os mais brilhantes triumphos. E foi celebrada por todos os poetas da época. Deixou poesias, cartas e dialogos. Seu marido, Francisco Andreini, de Pistoia, foi tambem um comediante celebre e um poeta estimado. Seu filho, João Baptista, poeta e comediante, nasceu em Florença, em 1578, e morreu em Paris em 1650, foi muito applaudido no reinado de Luiz XIII, nos papeis de galan, interpretando a personagem de *Lelio*. Deixou duas peças e alguns poemas. Alguem escreveu que Milton haurira a idéa do *Paraiso perdido* na sua tragedia *Adamo* (Milão, 1613).

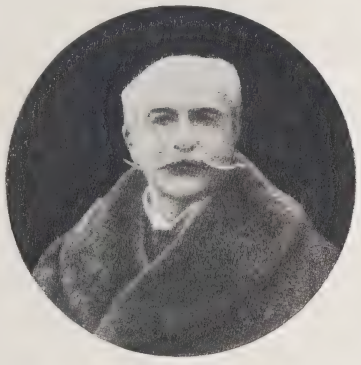
Tomaso Inghirami foi um humanista de certo valor. Alcunharam-no de *Phedra*, por ter representado com talento o papel de Phedra na tragedia *Hippolyto*, de Seneca. Nasceu em Volterra, em 1470, e morreu em Roma, em 1516. Em 1483 partiu de Florença para Roma onde tomou parte activa na renovação do theatro. Os papas Julio II, Leão X e o imperador Maximiliano accumularam-no de favores. Sadolet, Erasmo, Bembo cobriram-no de elogios, mediocremente justificados pelas obras que se conhecem d'elle. Enthusiasta de Cicero, commentou Horacio e Plauto.

André Calmo, foi simultaneamente auctor e actor, como quasi todos os seus collegas d'essa época. Nasceu em Veneza em 1510 e morreu em 1571. E' um dos mais habeis escriptores que se serviram do dialecto das lagôas. Compoz comedias, poesias diversas, pastoraes, dialogos, églogas, estancias, sonetos, etc.; ha d'elle uma collecção de cartas com o titulo: *Lettere piacevoli* (1572).

Burattino, viveu nos fins do seculo XVI; fazia parte do grupo dos *Gelosi*, que foi para Paris em 1600. Desempenhava papeis de creado resmungão e logrado e tornou-se tão popular em toda a Italia que os bonecos imitavam os seus traços physionomicos e passaram a ser chamados *burattini*.

Domenico Biacolelli nasceu em Bolonha, Italia, em 1640 e finou-se em Paris, em 1688. Partiu para Paris com a companhia chamada por Mazarino, em 1661. Tornou-se notado nos papeis de *Arlequim*. Luiz XIV estimou-o e todos sympathisaram com elle

pela regularidade dos seus costumes. Foi para elle que Santeuil compoz a celebre divisa: *Castigat ridendo mores.* Seu filho mais velho, Luiz Biancolelli, conhecido tambem por Domenico, morreu em Toulon, em 1729. Era afilhado de Luiz XIV. Foi engenheiro militar distincto e director das fortificações da Provença. Escreveu muitas comedias para o Theatro Italiano. Outro seu filho, Pedro Francisco Biancolelli, actor e auctor dramatico, nasceu e falleceu em Paris (1680-1734). Seguiu a carreira do theatro na Italia, e depois em Paris, primeiro na Opera Comica e depois na Comedia Italiana, onde foi excellente nos papeis de *Pierrot, Arlequim* e *Trivelino.* Engraçado, escreveu grande numero de comedias, quasi todas muito applaudidas, entre outras: *A mulher fiel* (1711); *A escola galante* (1711); *Ignez de Chaillot* (1723); *Herodes e Marianna* (1725); *A feira dos poetas* (1730); *Arlequim* (1731); *Os engeitados* (1732).



THOMAZ SALVINI

Evaristo Gherardi nasceu em Prato, Toscana, em 1670, e falleceu em Paris, em 1700. Estreou-se no theatro no papel de *Arlequim,* em 1689. Veio a ser director da companhia do Theatro Italiano em Paris, e fez representar algumas peças da sua composição. Em 1697, julgando Madame Maintenon que a tinham copiado para protagonista de uma comedia intitulada *A prognostica,* Luiz XIV mandou fechar o theatro. Gerhardi aproveitou as melhores peças representadas na scena italiana, compoz o dialogo de muitas dellas, de que só existia o esqueleto, e publicou-as com o titulo de *Theatro Italiano* (1691-1697). Só uma das suas peças foi publicada. E' a *Volta da feira de Bezons,* comedia representada em 1695.

Angelo Costantini, denominado o *Mezzetino,* nasceu e falleceu em Verona (1654-1729). Estreou-se no palacio de Borgonha, Paris, em 1681. Sendo escripturado dois annos depois para substituir o celebre Domenico nos papeis de *Arlequim,* aproveitou-se do facto de não haver *Scapino* na companhia para lhe tomar o caracter, mas modificando-lhe o vestuario, que tornou mais elegante e mais alegre. Não usava mascara. Depois da morte de Domenico, em 1688, ficou sendo o principal actor da Comedia Italiana. No anno seguinte representou: *Mezzetino grande sofi da Persia* e em breve recebia das mãos de *Colombina* o fato de *Arlequim,* que teve de partilhar com Gerhardi, até a suppressão, por ordem superior, da companhia estrangeira, em 1697. Dirigiu-se então para Dresde onde ficou ao serviço do rei da Polonia, Augusto I, que o encheu de favores e o ennobreceu. Teve, porém, o mau senso de render as suas homenagens a uma amante do monarcha, que o mandou encerrar durante vinte annos na fortaleza de Konigstein. Logo que foi posto em liberdade, voltou a Paris e reappareceu na nova companhia italiana, mas deixou pouco depois o palco do Borgonha para ir morrer na sua patria. Attribue-se-lhe uma *Vida de Scaramucia* (1695) dedicada á princeza real de França. O museu da Comedia Franceza possue o seu retrato pintado por F. de Troy, que foi gravado por C. Vermeulen com uma sextilha de La Fontaine. Constantino Constantini, seu pae, estreou-se na Comedia Italiana, em 1687, para desempenhar os papeis de *Gradelino.* Seu irmão, J. B. Constantini, foi escripturado em 1688, para o papel de *Octavio.* Um outro irmão, Antonio, estreou-se, em 1739, como *Arlequim,* mas não foi escripturado.

Luiz André Riccoboni nasceu em Modena, em 1675, e falleceu em Paris, em 1753. Estreou-se na companhia da Diana, mulher de J. B. Constantini, com o nome de Frederico. Trocou-o breve pelo de *Lelio,* tornando-o celebre na interpretação dos primeiros galans da Comedia Italiana de Paris, que foi encarregado de reconstituir em 1716. Este excellente actor era inimitavel n'uma tragi-comedia da sua lavra, *Samsão,* que foi prodigiosamente applaudida. Levou á scena, quer sosinho quer de collaboração, grande numero de peças italianas e escreveu muitas obras sobre a arte do theatro.

Além d'estes devemos citar os comediantes Nicolo Barbieri, Giuseppe Bianchi, Cotta, Francesco Gabrieli, Silvio e Tiberio Fiorelli, Antonio Luigi Balletti, Zannuci, Marco Aurelio Alvarotto, Marco Romagnesi, Andrea, Zanotti, e as actrizes Virginia Ramponi, do seculo XVII, e Gianetta Rosa e Margarida Rusca, do seculo XVIII. De nenhuns d'estes artistas, homens e mulheres, nos foi possivel obter dados biographicos.

No seculo XVIII tornaram-se afamados Bartholomeu André Camerani, nascido em Veneza pelo anno de 1735 e fallecido em Paris em 1816. Estreou-se na Comedia Italiana, na capital de França, em 1767. Em 1780, quando um novo regulamento régio ordenou a sahida de França de todos os actores italianos, Camerani foi o unico exceptuado. Até á data da sua morte não se sabia d'outro homem que tivesse tido maior numero de indigestões do que elle.

Carlo Bertinazzi nasceu em Turim em 1713 e soltou o ultimo suspiro em Paris, em 1783. Estreou-se em Bolonha nos papeis de *Arlequim*, que representou depois em diversas cidades de Italia com grande exito, sob o apodo de *Carlino*, diminuitivo do seu nome de baptismo Carlos. Chamado a Paris em 1742 para representar os mesmos papeis na Comedia Italiana, fez durante quarenta annos as delicias da cidade e da côrte pela naturalidade da sua maneira de recitar, pela verdade da sua pantomima, a viveza dos seus gestos e a surprehendente fecundidade dos seus improvisos. O rir louco que provocava deu logar a uma aventura divertida. Carlino, tendo adoecido, mandou chamar um medico. Este sabio, não conhecendo nem o doente, nem a doença, não achou que lhe dizer senão: «O senhor precisa divertir-se: vá ver Carlino.» Distinguia-se por um grau d'instrucção superior á maior parte dos actores do seu tempo. Deu ao theatro, em 1763, as *Novas metamorphoses d'Arlequim*, comedia em 3 actos que alcançou exito.

ERMETTE NOVELLI

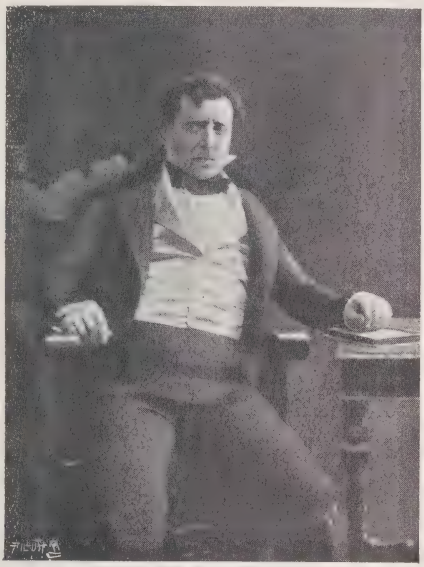
Antonio Mattiuzi, alcunhado *Colalto*, nasceu em Vicencia, em 1717, e morreu em Paris, em 1778. Chamado a Veneza por Goldoni, tornou-se, graças aos seus conselhos, um excellente comediante. Partiu para França e estreou-se, em 1759, na Comedia Italiana, onde foi muito apreciado no papel de *Pantalone*. Compoz, para este theatro, um grande numero de peças, das quaes a que mais agradou: *Os tres gemeos venezianos* (1773), foi publicada em francez.

Bartholomeu Bosco não póde ser classificado como actor, mas foi um prestigiditador de extraordinario merecimento. Nasceu em Turim em 1793 e finou-se perto de Dresde em 1863. Soldado aos 19 annos, em 1812 foi feito prisioneiro na Russia. Posto em liberdade, utilizou o seu talento de escamoteador e, graças á sua maravilhosa destreza, adquiriu uma grande reputação européa e americana, dando em quasi meio seculo, sessões de prestigiditação e sortes de cartas completamente extraordinarias.

Entre as actrizes que se pódem emparelhar com os comediantes atrás citados evidenciou-se Carline Malacrida. Nasceu em 1758 e morreu em 1818. Foi actriz da antiga Comedia Italiana e da Opera-Comica em Paris. Estreou-se em 1780 no *Sylvain Grébry* e na *Epreuve*, de Marivaux; alcançou grande fama e favor do publico nas operas-comicas: *Fanfan e Colas*, *A ceia da familia*, *Os dois céguinhos*, *Primorosa*, *As azas do amor*, etc. Retirou-se da scena em 1804. Casou com o celebre Nivelon, um dos melhores dansarinos da Opera de Paris.

No meio dos grandes artistas italianos que o seculo XIX produziu avulta Gustavo Modena. O seu talento para a tragedia era enorme. Nasceu em Veneza, em 1803, e

falleceu em Turim, em 1861. Filho d'um actor distincto, foi por algum tempo advogado em Bolonha e depois em Roma, onde se estreou como actor tragico em 1826. Envolvendo-se nos acontecimentos politicos da Romana, em 1831, viu-se obrigado a refugiar-se em França. Tendo-lhe a amnistia de 1847 permittido regressar ao seu paiz, publicou *Dialoghetti popolari* cheios de verve satirica. Membro da Assembléa constituinte romana, procurou, depois da tomada de Roma, asylo em Turim onde deu representações e sessões de declamação muito frequentadas. Desde então figurou com enthusiasticos applausos nos principaes theatros da Peninsula, brilhando com especialidade no theatro Alfieri. Foi o mestre da maior parte dos bons artistas contemporaneos.



ERMETTE ZACCONI NO «KEAN»

Thomaz Salvini foi um dos mais scintillantes tragicos do mundo. Nasceu em 1829. Entrou para o theatro em 1843 impellido por irresistivel vocação, e teve a fortuna de ouvir as lições de Gustavo Modena, que tambem foi mestre de Ernesto Rossi. Fez parte da companhia do emprezario Domeniconi, e com ella representou durante seis annos, ao lado da Ristori. Desde então a sua gloria artistica foi sempre ascendendo, alcançando grandes triumphos não só em Italia, mas em todo o mundo civilisado. Em 1869, visitou o nosso paiz, representando em Lisboa e Porto, com grande exito. Uma das suas épocas mais brilhantes foi a de Londres, em 1884, onde interpretou o theatro de Shakspeare d'uma maneira superior.

Outro, Ernesto Rossi, foi notabilissimo. Nasceu em Leorne em 29 d'abril de 1827 e falleceu na Italia em 1896. Pertencia a uma familia abastada, sendo destinado por seu pae á advocacia. A passagem de uma companhia ambulante pela terra da sua naturalidade fê-lo abandonar os estudos para se consagrar á vida de theatro. Desde então alcançou victorias sobre victorias em todas as scenas do mundo. Em 1886, por uma excepção extraordinaria, representou em Paris, na comedia franceza, o *Cid* de Corneille, e foi tal o exito alcançado que a Escola de Bellas-Artes obrigou os seus alumnos a assistirem ás representações. Informa Sousa Bastos que essas recitas fôram dadas em commemoração da morte do grande poeta e por um convite especial do administrador da Comedia, que lhe dizia «que a França não encontrava outro actor egual a elle para representar tal papel». Rossi visitou por duas vezes o nosso paiz, sendo a primeira em 1868. De ambas as vezes, mas sobretudo da primeira, colheu ovações frementes.

Ermete Novelli, muito conhecido do nosso publico, nasceu em Lucca em 1851. Estreou-se em 1866 e foi primeiro comico em 1884. A partir de 1885, formou uma companhia e representou nas principaes cidades de Italia e do estrangeiro. Em 1900 fundou em Roma um novo theatro, a *Casa Goldoni*, no genero da Comedia Franceza, com uma companhia permanente. Novelli é um actor de primeira ordem. Muito intelligente, conhecendo a fundo a sua arte, é eximio tanto no comico como no tragico, no *Harpagão*, no *Shylock*, *Othello* e *Luiz XI*. Novelli esteve no Porto e Lisboa por duas vezes, onde foi devidamente apreciado. Ha pouco tempo correu o boato da sua morte, felizmente, falso.

Zacconi é o maior dos actores contemporaneos. O estudo da personagem que interpreta é um portento. No genero dramatico poucos o egualam. O seu trabalho no *Pão alheio*, *Morte civil*, *Oscuro delirio*, emfim n'um reportorio vasto, é assombroso. A sua modestia é tão grande como o seu valor. Detesta o *reclamo*, foge a tudo quanto seja

ostentação. Adoram-no na sua patria, na Austria e na America. A muito custo e depois de muito instado vae esta época representar a Paris. Não é facil obter-se elementos para a sua biographia. Deve contar de quarenta e tres para quarenta e cinco annos, o que quer dizer que está no apogeu das suas faculdades. Foi discipulo de Emmanuel, o maior dos tragicos italianos d'estes ultimos tempos.

A Italia possue muitos outros actores de merecimento, uns conhecidos do publico de Lisboa, como Carini, Falconi, etc., e outros que nunca representaram em Portugal.

Na pleiade enorme de actrizes que teem enaltecido e enaltecem a arte dramatica na Italia, e de que nos é impossivel esboçar sequer a sua existencia de theatro, apresentam especial relevo as duas Talassi, Catharina e Carlota. A primeira era filha do poeta Angelo Talassi que veio para Portugal ao serviço da rainha D. Maria I, mãe da illustre artista Carlota Talassi. Representou no theatro de S. João do Porto e depois no da rua dos Condes, em Lisboa. Fez tambem parte, em 1835, da companhia dramatica que funccionou no velho theatro do Salitre.

A segunda nasceu já no Porto, em 1811, e falleceu em Lisboa em 1891. Dedicou-se tambem á carreira dramatica, estreando-se no theatro de S. João do Porto, contando apenas 9 annos de idade, na peça: *Os moiros em Hespanha*. Vindo depois para Lisboa (1825) representou no theatro do Salitre e depois no da rua dos Condes, passando mais tarde para o de D. Maria. Foi uma artista muito illustre e intelligente, distinguindo-se notavelmente no grande repertorio: *Templo de Salomão; D. Ignez de Castro; Trinta annos ou a vida d'um jogador; Catharina Howard; Maria Tudor; Lucrecia Borgia; Philippa de Vilhena; Alfageme de Santarem; Livro negro; Cego; Auto de Gil Vicente*, etc. Traduziu para o theatro differentes peças, entre as quaes: *Erros da mocidade; Luiza Bernard; Marido rapaz e mulher velha* e *Camara ardente*. A illustre artista abandonou o theatro em 1862. A ultima peça que representou foi: *Cora ou a escravatura branca*. Artista de grandes qualidades, foi uma senhora muito apreciada pela sua educação e dignidade.

LEONOR DUSE

Conglobamos estas duas artistas entre as italianas, porque, na verdade, o logar proeminente que conquistaram no tablado deveram-no mais á influencia da sua patria que á nossa.

Adelaide Ristori, tão conhecida dos enthusiastas e admiradores portuguezes da boa arte, nasceu em Cevedale, Friul, em 1821. Filha do director de uma companhia theatral, a «Companhia Sarda», estreou-se em 1838 na qualidade de *prima-donna*. Depois desde 1841 até 1849 passou por diversas compa-

nhias, para voltar áquella em que ficou até 1855. Por esta época emprehendeu viagens artisticas, atravez da França, Belgica e Allemanha. Em 1856, Ristori creou em italiano (traducção de Montanelli) a *Medéa* de Legouvé, do qual representou mais tarde *Beatriz*, em lingua franceza (1861). Depois percorreu toda a Europa. Por fim, fez uma viagem artistica, que foi a ultima, na America septentrional. O seu talento dramatico encontrou por toda a parte um acolhimento enthusiastico.

Celestina Paladini nasceu em Lucca, na Italia, em 1845. Aos 17 annos entrou para a companhia de Massa, com a qual percorreu as principaes cidades italianas, affirmando-se, logo, na estreia, uma artista de grandes faculdades. Passou depois a fazer parte da companhia da Duse e Lagunar, sendo mais tarde escripturada para a de Castel-Vecchio e Colterini, representando, com grande exito, a *Isabel, rainha de Inglaterra, Sapho, Dama das Camelias, Maria Stuart, Maria Davidson*, etc. Ligada á companhia Rossi, percorreu a America, onde organisou uma companhia sua, com a qual representou em Lisboa e no Porto. N'essa época foi enthusiasticamente recebida, sendo todas as noites acolhida com estrepitosas ovações. Quando, porém, tornou a Portugal, com uma companhia que tinha por galan o actor Dominici, o enthusiasmo da critica e do publico arrefeceu bastante, comquanto Paladini fosse ainda uma artista de grandes qualidades. Desligando-se da companhia que organisou, ficou em Lisboa, e estudando a nossa lingua, representou em portuguez no theatro de D. Maria. Foi tambem ao Brasil com parte dos artistas do theatro Normal.

MIMI AGUGLI

No regresso, partiu para Italia, onde vive, retirada ha muito da scena, que tantos triumphos lhe proporcionou.

Leonor Duse nasceu em Vigevano, em 1859. Filha d'um comediante, surgiu na scena muito nova, representando, a partir de 1881, com um successo sempre crescente, nos principaes theatros d'Italia, collocando-se na primeira fila dos artistas dramaticos do seu paiz. A sua reputação espalhou-se pelo estrangeiro, representando o repertorio italiano e francez, em digressões artisticas por Hespanha, Estados-Unidos, Vienna (1882), Londres (1893), Allemanha, Scandinavia (1895), Russia (1896), Paris, em 1897, onde, no theatro Renascença, deu representações da *Dama das Camelias, Magda, La Locandiera, Mulher do Claudio*, etc., e, finalmente, em Lisboa e Porto, deixando em toda a parte a impressão de artista illustre. Desde então, ora na Italia ora no estrangeiro, tem continuado a sua carreira triumphal. Casou com o actor Chechi, de quem se separou. Duse é uma comediante de primeira ordem, d'uma originalidade poderosa, alliada a uma extraordinaria mobilidade de physionomia e brilho de olhar, e a um extranho encanto de voz, sabendo obter vivos effeitos de emoção por um jogo simples e natural que dá a sensação da realidade e da vida.

Alongariamos demasiado este artigo se desenvolvessemos a biographia das applaudidissimas actrizes Gramatica, Borelli, Vitaliani, Tina di Lorezo, Mimi Agugli e Cristina Inés, todas ainda no goso pleno das suas faculdades, e que por isso mesmo é cedo de mais para escrever a sua historia.

Compilado por EDUARDO DE NORONHA.

A escola maternal francesa

RETOMANDO um simile com que concluí um artigo anterior (*Serões* n.º 52), reconheço que podem dirigir-se-lhe ponderosas objecções. A planta humana exige cuidados especiaes e um meio social conveniente para se desenvolver na conformidade do seu typo ideal, ainda quando nas mais amplas condições de liberdade e de espontaneidade, que não podem comparar-se ás que a vida vegetal concede na solidão das florestas e das encostas das montanhas ás arvores gigantes a que alludi. O cedro do Libano (ha annos li que os alli existentes, curvados ao peso dos seculos, se achavam em lastimoso estado de ruina) mata todas as plantas que surgem no ambito das suas raizes, como succedia com um individuo da especie, meu conhecido da infancia e da adolescencia, no Jardim Botanico de Coimbra.

A natureza manda ao mundo o homem, debil, sujeito a pronta destruição, se não lhe acode o amparo da mãe propria ou adoptiva, d'uma fera ao menos, como nas velhas lendas dos heroes ou nas historias, ainda hoje correntes, por exemplo, na India, das creanças amamentadas por lobas. E a essa debilidade mesma se attribue o amor dos paes e sobretudo a affeição funda da mãe pela prole, que duas vezes cria, amor que tem antecedentes em especies inferiores, e é base do primeiro nexo social.

E se as creanças não tivessem mais que os cuidados relativos á vida physica, não se elevariam acima do nivel da animalidade, como um Kaspar Hauser, isoladas do convivio social, sem poderem compartilhar dos bens de cultura accumulados durante longa serie de seculos; e se fossem postas em contacto com a sociedade, mas sem guia directa através dos escolhos que esta offerece no meio das suas tendencias contradictorias, ora para o bem, ora para o mal, mais por ventura para o mal do que para o bem, no dedalo de complicações da vida moderna, por quantas naufragadas, ou mais ou menos fortemente lesadas, haveria uma que chegasse sã e salva ao bom porto. E' esta consideração que leva nos países cultos a multiplicar os agentes especializados da educação e tanto mais quanto maior é a cultura dos dirigentes, que aspiram a fazer compartilhar d'ella o maior numero possivel de membros da communidade social. E' por isso que, quando se quer apreciar o gráo de adeantamento de um povo, se contam as suas escolas, se examina a estructura do systema que ellas formam, se analysam os resultados d'esse systema no progresso moral, intellectual, artistico, economico. Não basta contar os analphabetos: como demonstrarei noutro logar, o simples numero dos que num Estado ignoram ou sabem ler e escre-

ver não nos permitte tirar conclusão segura relativameute áquelle progresso. Basta lembrar que a criminalidade tem crescido nos ultimos 50 annos, nos países cultos, principalmente a criminalidade juvenil (esta em proporções assustadoras), emquanto o analphabetismo tem diminuido, mais ou menos consideravelmente na maior parte d'elles.

A diversas causas se attribuem esse e outros males graves de que padece o nosso tempo, mas em primeiro logar á deficiencia, ausencia ou, o que é muito peor, mas infelismente existe, perversidade da educação familiar; a vicios da escola primaria ou popular, de que me hei de occupar, e, acima de tudo, á influencia, predominantemente desmoralizadora, da *grande escola,* da escola do mundo, como se dizia antigamente, e que eu chamo a *escola da rua,* comprehendendo na rua tudo o que é *publico,* quer se pague ou não para entrar: botequins, casas de espectaculo, e de jogo, estabelecimentos commerciaes, tribunaes, repartições do Estado, camaras legislativas, a que junto o jornalismo, a litteratura de quiosque, a graphia pornographica, sem que a enumeração fique completa.

Já Montesquieu dizia do seu tempo: «Hoje recebemos tres educações differentes ou contrarias: a dos paes, a dos mestres, a do mundo. O que nos ensinam na ultima transtorna todas as ideias das primeiras.» Mas peor é quando essas primeiras estão longe de se acharem em desharmonia com a ultima. Dizia-se, por exemplo, de certo politico, accusado, entre outras coisas, d'um crime grave, mas impune, o qual só á força de muitas tentativas mal succedidas, em pequenas assembleias etc., chegara a fallar com desembaraço em publico *(orater fit),* que desejara muito ter um filho que o excedesse como velhaco e como orador, duas condições para exito na politica, e que os seus desejos foram satisfeitos. Neste caso a familia ia com a rua, e tal facto está muito longe de ser o unico no seu genero. No tecido das contradicções que é o espirito humano, achamos a explicação da singularidade de se ouvirem homens sem caracter a pedir educação do caracter nas escolas, heroes da rua, no sentido amplo que dei á palavra, proclamarem a necessidade de arrancar as creanças á educação funesta da rua. E' a questão do fr. Thomás do proverbio, e, como este diz, faça-se o que o frade prega.

Tenho lido muitas objurgatorias formidaveis contra os homens politicos da terceira republica em França, parte das quaes dimanam de democratas convictos e em que a maior das accusações não é talvez a de falta de caracter; ora é innegavel que a terceira republica tem feito muito pela educação popular, multiplicando as escolas primarias elementares e completando-as com escolas primarias complementares e primarias superiores e ainda outras instituições, e creando ou transformando numerosos estabelecimentos d'educação anterior á escola primaria, que extende a sua acção regular dos 6 aos 12 annos d'idade, emquanto aquelles estabelecimentos recebem creanças de 2 a 7 annos.

Reconhecera-se que a *créche,* a *garderie* francesa tinha um papel puramente negativo: durante as horas do dia em que as mães carecem de estar na fabrica ou noutras occupações, naquelle deposito de creanças que tem a vantagem de as livrar da rua ou dos perigos a que a falta de vigilancia as expõe em casa, ficam ellas, em verdade, quasi inteiramente abandonadas a si proprias, numa anarchia, como disse M. Pierre, na *Revue Pédagogique,* de movimentos, d'empurrões, de gritos, de sugidade, sob os olhos indifferentes da guarda.

As *Salas d'asilo* (Salles d'asile), precedidas de algumas tentativas como as *Escolas de fazer meia,* de Oberlin, surgiram desde 1826, depois de estudos feitos nas *Infant Schools* d'Inglaterra, primeiramente pela iniciativa particular. Em 1833, a lei de 28 de junho (Guizot) classificou-as entre os estabelecimentos d'instrucção primaria. Em 1847, M. de Salvandy creava na Rue Neuve-Saint-Paul a denominada «Casa provisoria d'estudos, destinada a completar a instrucção das pessoas desejosas de consagrar-se á direcção ou á inspecção das salas d'asilo», a que se deu depois o nome simples de *Curso pratico das salas d'asilo.* M.me Marie Pape-Charpantier, a quem é devida em grande parte a feição que tomaram esses estabelecimentos, foi directora d'esse Curso durante vinte e sete annos e depois inspectora das Salas d'asilo.

Em 1848 tinha-se-lhes dado o nome de *Écoles maternelles (Escolas maternaes,* tradu-

zo, empregando o adjectivo *maternal*, para distinguir de *Escola materna* ou *do Lar*); voltou a designação primeira, até que o decreto de 2 d'agosto de 1881 fixa o uso da denominação de *Escolas maternaes*, ás quaes se quer dar o caracter não mais de simples estabelecimentos de caridade, mas de «institutos nacionaes de educação physica, moral e intellectual» dos *tout petits*, ramo d'oravante importante dos serviços do Estado. Aos sacrificios orçamentaes correspondeu o interesse das familias. Em 1892 frequentavam as escolas maternaes francesas cerca de 85:000 creanças; em 1898 esse numero subira a 700:000 (cifra redonda), apesar do desfavor recentemente manifestado.

A designação *escola (maternal)* não é, como já indiquei no artigo sobre o *Jardim da infancia*, conforme ao conceito que Froebel tinha do *Kindergarten*, e no mesmo caso está o facto de que na escola maternal se ensina a ler e a escrever, comquanto as instrucções officiaes indiquem que esse ensino não deve ser dado ás creanças antes dos cinco annos d'idade. A Lina de Froebel começa a aprender a ler e escrever quando tem cerca de seis annos d'idade.

Em geral é esta a idade em que se inicia nas escolas esse ensino; nalguns raros países começa-se mais cedo, noutros, em maior numero, mais tarde. No ensino familiar e particular de países em que a admissão ás escolas publicas não é permittida antes dos seis annos, não é raro que se comece mais cedo aquelle ensino.

A fixação da idade em que a creança em geral deve começar a aprender a leitura e a escripta é até ao presente na pratica obra de pura rotina. Ha todavia estudos tendentes á determinação physiologica e psycologica d'esse momento.

A vida da escola entre quatro paredes, muitas vezes em más condições hygienicas (como é a regra entre nós), os exercicios escolares em que tomam importante logar os mencionados e o aprendizado das contas, a immobilidade a que as creanças aili se condemnam durante tempo mais ou menos prolongado podem ter consequencias mais ou menos graves para a saude d'ellas. Os drs. Engelsperger e Ziegler acham, nas escolas de Munich, que as creanças que entram cedo

A ENTRADA PARA AS AULAS

nessas escolas (cerca dos cinco annos de idade) apresentam em geral alteração, embora passageira, na saude. Numerosas investigações d'outros medicos provam que as creanças debeis, lentas ou detidas no seu desenvolvimento são as que especialmente padecem com a entrada na escola, até depois dos seis annos. Para essas, diz E. Meumann, o começo do ensino escolar é coisa mais séria do que a maior parte dos pedagogos suppõem; muitas d'ellas ficam arruinadas para toda a vida; são atrasadas, que em grande parte chegam ao fim da idade escolar sem ter alcançado o diploma primario, tidas na conta de preguiçosas e estupidas ou ambas as coisas. A demencia preco-

ce (hebephrenia) corôa muitas vezes tragicamente essa carreira escolar tortuosa, sem que, na maior parte dos casos, se attribua á escola algum papel na etiologia do mal, que se apresenta lentamente e muitas vezes a alguma distancia da idade escolar. Na Prussia não só é permittida a entrada na escola, depois dos seis annos, a creanças debeis, sob a fé de attestados medicos, mas um decreto ministerial, de 23 de abril de 1883, previne os paes e os professores do perigo que correm essas creanças, começando cedo a frequentar a escola. Observa-se em diversos países, por meio de medidas e pesagens de creanças e adolescentes, de 1 a 21 annos, que, em média, aos 7 annos se apresenta uma detenção no crescimento, só vencida aos 8 ou 9 annos; com a entrada na escola o peso das creanças augmentaria mais lentamente. Burgerstein colheu dados provando a subida da cifra da mortalidade infantil nos primeiros annos da escola, para deminuir em seguida notavelmente. Segundo outros observadores, augmenta com a entrada na escola o numero das doenças agudas, especialmente das infecciosas, das creanças, e surgem as doenças typicas escolares, como anemia, nervosismo, myopia escolar, perturbações da linguagem, escoliose (desvios da columna vertebral), etc. Noutro logar tratarei da influencia mental depressiva exercida muitas vezes pela escola, em tanto maior gráo, quanto mais cedo começa a frequencia d'ella. Indubitavelmente esses males deminuirão muito consideravelmente e chegarão até a ser supprimidos por uma boa organização da escola e do ensino, de que em geral se está longe em toda a parte. O citado E. Meumann, que fez revista geral d'esta importante questão, diz que algumas vezes a entrada na escola produz um periodo de acceleração no desenvolvimento das creanças, a qual attribue á regularidade da vida, ao habito de ordem e limpeza, a um certo dominio sobre si proprias, ao cuidado pelas suas pessoas; accrescentam-se a isso, nas grandes cidades, a assistencia aos escolares, a quem se ministram alimentos e vestuario, a hygiene do edificio da escola, muitas vezes mais saudavel que a casa de habitação, logares para jogos ao ar livre, etc. Infelizmente as condições favoraveis são raras ainda, pelo menos no conjunto exigivel.

Schmid-Monnard fez em Halle observações num numero determinado de creanças, do nascimento aos 14 annos, e achou que as entradas na escola depois de completarem os 7 annos de idade apresentavam maior augmento de peso e de estatura que as que passavam na escola o setimo anno da vida. A differença em altura era a favor das primeiras de 3^{cm}, 2 (rapazes) e 1^{cm},1 (meninas); em peso 0^{kg}, 7 (rapazes) e 1^{kg}, 3 (meninas).

As investigações de Boyd mostraram que, abstrahindo de grandes oscillações individuaes, o peso do cerebro tem apenas insignificante augmento depois dos 7 annos; é pois até essa idade (sobretudo até aos 4 annos) que se dá o seu mais forte desenvolvimento nesse sentido. D'este ponto de vista, o começo da frequencia escolar deveria dar-se cerca d'aquella idade (7 annos).

Esta questão é muito complexa. Leo Burgerstein reuniu dados de diversos investigadores que tendem todos a considerar como não devendo começar o ensino da escola, propriamente dito, com a leitura e a escrita, antes dos 6 annos completos nos climas medios. O ensino da escrita devia até começar mais tarde, segundo Zehender. Quanto mais cedo se inicia esse ensino tanto maiores são os perigos, no ponto de vista dos desvios na columna vertebral (escoliose), da myopia e ainda d'outros males escolares.

Segundo o regulamento austriaco dos *Kindergarten*, de 1872, é completamente excluido d'estes todo o ensino da escola.

Estudos feitos, sobretudo na America do Norte, sobre o desenvolvimento do systema nervoso e dos movimentos, *do fundamental para o accessorio*, foram condensados e relacionados com investigações de physiologistas europeus num artigo de Frederic Burk. Indicarei apenas alguns dos resultados.

A rapidez da habilidade motriz da mão e do braço em experiencias consistindo em pequenas pancadas *(taping)* num botão electrico, augmenta no todo com a idade e só attinge a madureza no periodo da adolescencia. Fazendo egual a 100 essa habilidade aos 16 annos, achou Gilbert nos escolares masculinos de New-Haven 64 por cento aos seis annos, portanto 36 por cento teriam sido adquiridos dos seis aos dezaseis annos; nos escolares femininos 62 aos seis annos, 38 por cento d'essa idade aos deza-

seis. Aos treze annos, as meninas, mais rapidas no seu desenvolvimento, adquirem a madureza pratica. A *ratio* do progresso na rapidez dos movimentos não é regular de anno para anno, mas apresenta nitidas fluctuações. As experiencias de Bryan e Gilbert revelam quatro periodos de acceleração e quatro de retardação.

A rapidez dos movimentos da mão e do braço, no processo alludido *(taping)* tende a ser maior quando a *ratio* do augmento em estatura e peso é menor e vice-versa.

Os movimentos mais centraes (fundamentaes) tendem mais cedo para o maximo que os menos centraes (menos fundamentaes, accessorios).

A precisão dos movimentos dos dedos requer uma adaptação de mais larga area de tecidos musculares e nervosos que, provavelmente, a de qualquer outro movimento do corpo. Se observarmos uma creança quando aprende a escrever, veremos que ella retem a sua respiração e que as pernas lhe comprimem o corpo em intenso aperto. Os musculos centraes do braço e tronco são chamados a operar na producção da firmeza, como condição necessaria da adaptação delicada á escripta. A precisão dos movimentos envolve pois dois processos: 1) a firmeza da organisação central como base em que assentam; 2) as mais delicadas adaptações dos elementos nervosos mais complexos.

Nas experiencias de Hancock, em Worcester, as meninas ganharam, dos 5 aos 7 annos d'idade, firmeza central, na posição erecta, de 32 a 33 % do poder de inhibição dos movimentos aos 5 annos; os rapazes, nas mesmas condições, apenas 15 ou 16 %. O dominio sobre os movimentos do corpo augmenta com a idade e muito rapidamente (mais nas meninas que nos rapazes) dos 5 aos 7 annos.

Curtis estudou a capacidade das creanças estarem sentadas em absoluta quietação e concluiu que a creança ordinaria não póde ainda estar sentada voluntariamente. Em média as creanças de menos de 5 annos não podem estar sentadas, d'aquelle modo, mais de 30 segundos a seguir e as creanças de 5 a 10 annos mais de minuto e meio. Factos analogos se notaram em observações sobre os movimentos mais delicados dos musculos periphericos.

O RECREIO DAS CREANÇAS

Dois principios fundamentaes decorrem dos dados reunidos sobre o desenvolvimento humano, considerado do aspecto anatomo-physiologico.

Não deve considerar-se só o crescimento cerebral no ponto de vista da massa (cerebros de idiotas teem apresentado pesos rivaes dos de homens de genio), mas muito principalmente da sua estructura intima, em que ha muito que estudar, e que se desenvolve até periodo adeantado da vida.

A ordem do desenvolvimento das partes (de modo relativo) dos systemas nervoso, muscular e dos restantes consiste (sem duvida com algumas excepções secundarias) em que elle caminha do que é mais antigo

na historia da especie para o que é mais recente; em que aquellas porções que são mais antigas teem maior fixidez e determinação e menor capacidade de modificações pela acção das presentes condições externas *(environment)*, e em que as relativamente mais recentes são mais plasticas e sujeitas a modificarem-se pela educação e influencia d'aquellas condições (que podem ser comprehendidas no conceito de educação, no mais lato sentido).

Com applicação á linguagem, á leitura e á escrita esses principios levam ás seguintes considerações que o citado Frederico Burk não faz.

No desenvolvimento da linguagem da creança ha um periodo preparatorio, nos primeiros meses da vida, subdividido em duas epocas: a dos sons inarticulados, manifestações do estado de dôr ou prazer, até cerca dos 7 ou 8 mezes, o momento da apparição dos primeiros dentes incisivos; e depois a dos sons articulados em serie variada, em que alguns observadores julgam já descobrir relação com a phonetica da lingua materna, mas que são espontaneos, producto d'um mecanismo herdado; em seguimento, pelos doze mezes, pouco mais ou menos, começa a creança a imitar sons e ruidos externos. Não chegámos porém ainda á linguagem propriamente dita. Os sons articulados na segunda epoca exprimem estados de sensibilidade; a primeira imitação de sons externos é uma pura ecolalia, em que a creança exerce a sua actividade sem finalidade. Em momento variavel, segundo as creanças, nalgumas já pelos doze meses, começam ellas a reproduzir as palavras da linguagem dos que as cercam, com o fim de significarem objectos com essas palavras, mais ou menos alteradas, ou a indicál-os com sons onomatopaicos; das palavras passam a phrases curtas, depois a phrases mais longas; algumas attingem cedo meios de expressão numerosos e relativamente correctos; outras carecem de maior iniciação e exforços dos educadores para que ellas evitem certos erros de pronuncia (difficuldade da pronuncia do *r*, etc.). Mas é evidente que a creança traz herdado um mecanismo psychophysico que nos explica a facilidade com que nella se dá o aprendizado da linguagem. Porém a *educação* é necessaria nesse aprendizado, como já lembrei, e essa educação póde ser mais ou menos desleixada, mais ou menos apurada. O processo instinctivo da educação materna é nesta parte, sem duvida, muito notavel, em geral; mas a arte pedagogica entrevem para o aperfeiçoar ou, quando, em vez de verdadeira arte, é pedantismo, para o deturpar. Em todo o caso, como a palavra, conjunto de sons articulados com significação, pelo lado central anatomico-physiologico corresponde a uma especialização cerebral, pelo lado peripherico a uma adaptação d'orgãos destinados primeiro só a outros fins (respiração, digestão), que levou a associações complexas nervo-musculares, entrando nella musculos dos mais delicados; como essa funcção apparece no ponto culminante do desenvolvimento especifico, dando-nos um criterio sensivel do limite da humanidade e da animalidade, como á larynge humana se oppõe formalmente os sacos laryngeos dos antropoides, temos, sem duvida, sob a palavra, a manifestação mais completa de *disposições accessorias* herdadas, que tornam possivel muito cedo a acquisição da linguagem, producto social.

A acquisição da escrita vem tarde. Ha povos que ignoram ainda esse meio de communicação a distancia no tempo e no espaço. Muitos attingiram alto grao de cultura sem o conhecerem. Muitos individuos, ainda em nosso tempo, alcançam elevado grao de desenvolvimento moral e intellectual sem o possuirem. Os mecanismos nervo-musculares que tornam possivel á creança a acquisição da arte de escrever surgem bastante mais tarde do que os que interessam á acquisição da linguagem, e não podem ser suscitados precocemente, sem perigo para o desenvolvimento geral das creanças.

O *ensino da linguagem* é ao mesmo tempo um *ensino d'objectos*, um *ensino de coisas*, como hoje se diz.

Já espontaneamente, já sob a influencia da educação directa, vae a creança apropriando os seus movimentos a fins determinados. Aqui tambem a intervenção educativa é muitas vezes inutil ou precoce, como succede com a marcha. Felizmente tem caído em desuso os meios artificiaes para *ensinar* as creanças a andar, como as alças, o carrinho, o cesto sem fundo em que se mettia a creança. E' necessaria a abstenção em tudo em que a natureza opéra só por si; a

intervenção, só quando a natureza indica que está chegado o momento legitimo para ella actuar. O mesmo na educação moral a que verdadeiramente pertencem todos os aspectos da educação, porque não ha nada moralmente indifferente ao homem. Neste vasto dominio a psychologia experimental tem ainda muito que fazer.

Condensando os resultados a que muito succinctamente alludi e outros, creio poder tirar d'elles as seguintes conclusões praticas:

1. Se a escola maternal dá educação ás creanças de 2 ou 3 annos d'idade aos 6 completos ou mesmo até aos 7, não deve comprehender no seu plano a leitura e a escrita. O dominio que lhe fica é ainda muito vasto, verdadeiramente inexgotavel.

2. Se a frequencia da escola primaria usual é permittida ou obrigatoria para as creanças cuja normalidade foi verificada por auctoridades de competencia especial, depois de completados os 6 annos d'idade (nunca para os debeis, anormaes de qualquer natureza, que carecem de ensino em condições particulares, nunca mediante um simples certificado de vaccina e de ausencia de doenças contagiosas, nunca abaixo dos 6 annos d'idade), o primeiro anno escolar não comprehenderá ainda a leitura e a escrita; o seu programma continuará o dos exercicios da escola maternal ou *Kindergarten*, se a frequentou, ou, no caso contrario, exercicios analogos escolhidos *ad hoc;* se a creança frequentou até aos 7 annos completos um instituto d'aquella natureza, ficará dispensada do primeiro anno escolar propriamente dito.

3. Apesar de ser conveniente retardar o começo do aprendizado da escrita no ponto de vista do desenvolvimento dos movimentos das creanças, dada a vantagem que, d'outro lado, parece haver (o ponto não está ainda sufficientemente elucidado) de acompanhar o ensino da leitura com o da escrita, poderá este ultimo combinar-se logo de principio com o primeiro, perfeitos os 7 annos d'idade; mas as lições devem ser primeiramente muito curtas, intercalando-se-lhes largas pausas, outros exercicios, repoiso.

Janke (na *Encyclopedia* de Rein), em conformidade com essas ideias, que são as dos melhores pedagogistas e hygienistas escolares, quer que com o encurtamento das lições em sentido usual *(Pensen)*, haja mais livre expansão da tendencia infantil para a observação, o movimento, a actividade. No III Congresso de Hygiene escolar em Weimar (23 de maio de 1902) foi approvada uma these de Enderis segundo a qual «o ensino no primeiro anno escolar carecia de adoptar outra forma, excluindo a leitura e a escrita, buscando ao contrario, dar solido ensino da lingua fallada, fazer exercer cuidadosamente os sentidos e occupar a imaginação, e concedendo o predominio ao ensino intuitivo, o que leva á diminuição da sedentariedade e dos movimentos forçados da creança e portanto á perservação da saude d'ellas». Salvo os termos, que podiam ser mais rigorosos, exprime essa proposição o *desideratum* pedagogico; mas aqui está a difficuldade, a que me referi ao fallar do *Jardim da infancia*, e que consiste em não fazer cair no mecanismo da rotina exercicios que devem ser eminentemente educativos.

Uma das nossas gravuras representa a *Rentrée des classes*, a entrada para a aula dos pequenos d'uma escola maternal de França; a outra a *Recréation des petits*, o *recreio*, por opposição ao *trabalho* da aula. Essas duas gravuras são documentos que só por si permittem fazer a critica completa da escola maternal da gloriosa França. A *aula* pertence á escola primaria propriamente dita, e não ainda ao primeiro anno. O *recreio* devia ser o caracter de todos os jogos e de todas as occupações das creanças na escola maternal, como no jardim da infancia.

F. Adolpho Coelho.

Recordações de então

VII

Ao terminarmos esta monographia, não podemos deixar de nos referir á tão falada *porta do cavalleiro* e ao *bando*, duas cousas que deixaram ficar uma nota pittoresca do divertimento na extincta praça, e que ainda muitos aficionados d'esse tempo recordam como verdadeiras lembranças de ha uns trinta e cinco annos.

Pela *porta do cavalleiro* era conhecido um ponto do circo d'onde o publico podia presencear o espectaculo, e que estava collocado sobre a porta que do pateo dos cavallos dava accesso para a arena, como se vê na *en-tête* do nosso artigo.

Para alli ía invariavelmente uma grande parte de pequenos aficionados, do rapazio que durante uma semana inteira juntava os seis ou oito vintens da sua meia entrada, para no domingo ir ver a corrida, quando não podia escapulir-se, sem pagar, ao porteiro Pedro Menezes, passando-lhe por entre pernas. Aquelle era o seu logar privativo, que o amador adulto tinha que respeitar, pois os rapazotes não consentiam que lh'o tomassem.

E ai d'aquelle que o invadisse, porque tinha que sahir de lá, quer tivesse quer não tivesse vontade!

D'ahi partiam sempre, mas sempre, as primeiras manifestações de desagrado, em que o assobio, produzido com dois dedos na bocca, tinha uma parte obrigada. De lá soavam geralmente tambem as primeiras palmas a este ou áquelle artista, fazendo nascer o enthusiasmo em todo o publico que se encontrava na praça.

D'esse ponto partiam os *ditos* e as *piadas* para os seus toureiros mais populares e queridos, e estes muitas vezes confraternisavam com os pequenos amadores, dirigindo-lhes tambem graças e ás vezes até offerecendo-lhes sortes.

Bons tempos, esses, que já não voltam, nem sequer para crear adeptos para o popular divertimento!

O *bando* tambem foi uma das cousas mais graciosas e grotescas d'esses tempos idos!

Parece que o estamos vendo, ainda!

Que se diria hoje se tal espectaculo se exhibisse nas ruas da capital!

De curioso e caracteristico que era, varios foram os escriptores, e de renome, que não quizeram deixar de o reproduzir pela penna para lembrança dos vindouros. Um foi o notavel folhetinista Luiz Augusto Palmeirim, outro o distincto escriptor Victoriano Peixoto Braga, e ainda ha poucos annos o apreciado chronista do *Occidente*, sr. Alfredo Mesquita, que o descreveu d'esta fórma:

JOÃO LAUREANO

«Como todas as grandes solemnidades, as corridas de touros teem tambem as suas vesperas. O antigo bando, que andava por essas ruas distribuindo o programma e tocando estridulosos instrumentos de latão, do alto de fabulosos rocins, era já, por si só, uma festa. Tinha seu quê de phantastico, o bando! Eram homens differentes de todos os mais, aquelles homens; differentes de todos os cavallos, aquelles cavallos; o tambor tinha outro som; o cornetim dava outras notas; e o figles era um figles que não se parecia com nenhum outro figles... E o vestuario que elles traziam! O que distribuia os programmas punha de esguelha sobre os hombros uma capa de paladino, e o chapéo ao lado, com plumas; os que tocavam vinham de véstia de mangas largas, umas calças que se lhes enroscavam na perna como trepadeiras, bonet de pala como os dos policias d'esse tempo, e dragonas! Havia ainda outro, o que conduzia a bandeira, de soldado romano, com um capacete que lhe tapava as orelhas e pretendia enfiar-se-lhe pelo pescoço. A obrigação d'elles era correr assim as ruas principaes, mas sempre arranjavam as cousas de maneira a passar por certas travessas onde morassem pessoas das suas relações. E por ahi rompia a musica alguma das suas melhores simphonias.

— Vocês, hoje, estão afinados que tem diabo! dizia uma.

— Olha o trombone como sopra, Malachias! Aquillo é um sopro de virar falúas!

Vinha toda a gente á rua, e a garotada era em barda, todos de mão estendida para apanhar o programma, o sedutor programma que dava o numero de touros, os nomes dos cavalleiros, dos bandarilheiros e do lavrador, e promettia o intervallo dos pretos, o ideal dos brancos.»

JOSÉ MARIA DA COSTA

E Victoriano Braga, no *Toureiro:*

«Na frente, cavalgando soberbo bucephalo, o anjo, de capa azul, bofes, polaina d'anta e capacete de papelão, empunha com elegancia desusada a bandeira nacional; mais atraz os distribuidores dos programmas em papel branco para o publico e de côr para os amigos; em seguida o *neto* com a sua vara e seu chapéo emplumado, e no couce a banda marcial.

A banda marcial! Que suavidade! Que harmonia! E' na banda que se encerra a celebridade do bando. Com sete ou oito instrumentos ninguem faz mais. Tres cornetins, dois baixos de latão, um tambor ou caixa

forte — note-se que a do bando é fortissima —, pratos, um bombo de avantajadas dimensões, bem combinadinhos e afinados, produzem mais effeito que as fanfarras do Whyttoine, que as bandas do Passeio, que as musicas dos Dallots.

RAPHAEL PEIXINHO

EDUARDO DOS SANTOS

As *ocarinas*, os *copophones*, os *palhaphones*, e até os modernos *pyrophones*, teem que emmudecer perante uma tão celestial harmonia que nos arrebata e nos obriga a acceitar o papelinho que nos põe ao facto de quantos *gladiadores embolados* se devem correr no dia seguinte, na praça do Campo de Sant'Anna.

. . . . . .

Os cavallos que servem no *bando* são unicos no seu genero, e crêmos que todos descendem da mesma arvore genealogica. São todos da mesma estampa, delgados, pacificos, respeitadores da ordem. Percorrem as ruas da cidade, a passo, de redea pendente e ouvido attento, sem duvida para não perderem alguma nota da musica. Apenas avistam algum talho, abrandam ainda mais o passo, arrebitam as orelhas e ninguem seria capaz de os fazer passar adiante, sem primeiro se demorarem o tempo preciso para a exhibição de uma ou duas peças do vastissimo repertorio.

AUGUSTO MONTEIRO

Quizeram já substituir tudo isto por uma phylarmonica, dentro d'um carro, mas conheceram que o prestigio do *bando* terminará no dia em que tiver uma unica figura, em que lhe transtornarem a sua feição grotesca mas tradicional.»

Luiz Augusto Palmeirim, na sua descripção, approximou-se muito de Victoriano Braga.

Actualmente, o *bando* é fino, é um *bando civilisado*, como civilisado está por assim dizer todo o espectaculo, ao ponto de quasi não haver enthusiasmo nos lances mais arriscados, porque os verdadeiros amadores, os poucos que ainda existem, póde dizer-se que já não se sabe onde elles param!

* * *

Como deixámos dito no nosso ultimo artigo, foi com a terceira geração que pisou a extincta praça do Campo de Sant'Anna que começou a accentuar-se a decadencia do nosso toureio a pé. E se quizermos profundar verdadeiramente esse ponto, talvez possamos ainda affirmar que essa decadencia começou em Miguel Faria, Francisco Loureiro e Roque dos Santos, se bem que um tanto ou quanto indelevelmente.

D'ahi por diante só um ou outro artista conseguiu salientar-se mais, sem comtudo nenhum se notabilisar.

Raphael Peixinho foi o ultimo de uma dynastia de toureiros por demais distincta.

E' certo que elle não conseguiu um nome notavel como seu tio e seu primo legaram á arte; entretanto soube imprimir sempre ao seu trabalho um tom serio, que o publico muito apreciou. E a uma grave colhida que soffreu em Vizeu em 16 de junho de 1878, talvez devesse não ir mais longe na arriscada arte.

JOSÉ AZEITEIRO

Executava o cuarteio com certa precisão, dava o salto de garrocha, e, nos seus primeiros tempos, passava de capote.

Raphael Peixinho nasceu em Lisboa a 1 de janeiro de 1861, e fez a sua despedida do toureio, na praça do Campo Pequeno, na tarde de 9 de julho de 1905.

*

José Maria da Costa, mais conhecido pelo *José Petiz*, foi um bandarilheiro habilidoso e muito considerado pelos seus collegas, inclusivè os irmãos Robertos e Peixinho filho, que sempre o incitaram a que estudasse e proseguisse. Nasceu, porém, n'um meio acanhado, onde abundaram sempre a intriga e a inveja, e d'ahi o motivo de não ir mais longe do que foi.

José da Costa falleceu ainda na força da vida, a 20 de abril de 1890, repentinamente, n'um hotel do Porto, quando se vestia para entrar na corrida que n'esse dia se realisava no extincto Colyseu Portuense.

*

João Laureano nasceu na Povoa de Santa Iria a 19 de novembro de 1845. Foi possuidor de regular fortuna, que adquiriu na vida do campo, antes de se dedicar á de toureiro, na qual nunca conseguiu grangear renome.

Na arriscada arte que por fim abraçou, soffreu uma grande colhida, na tarde de 18 de dezembro de 1892, na praça do Campo Pequeno, pelo touro *Espeto*, de Emilio Infante. De tal gravidade foi ella, que desde esse dia até ao da sua morte, que occorreu depois de passados mais de seis annos, a 25 de fevereiro de 1899, nunca mais poude tourear nem deixou de padecer.

TRES VALENTES
Cesario Augusto, Manuel do Botequim e Jeronymo Alfaiate

*

A passagem de Augusto Monteiro pela tauromachia foi tão modesta como curta a sua vida. Nasceu em Lisboa a 11 de abril de 1860 e falleceu a 3 de

setembro de 1895, abreviando-lhe talvez a morte, tambem, uma grave colhida que soffreu na extincta praça de Almada.

Augusto Monteiro — que o publico cognominou de *Diguidão* — era irmão dos cavalleiros Antonio Maria Monteiro, já fallecido, e José Maria Cazimiro Monteiro, que ainda vive, mas muito abalado pela doença.

*

Eduardo dos Santos, a quem o publico conhecia mais por *Eduardo Varino,* foi um bandarilheiro vulgar, mas poz-se em evidencia na sua época pela extrema agilidade de que era dotado. Estreou-se como amador na praça da Moita no anno de 1876.

Agil como era, conseguiu praticar com extrema facilidade e limpeza o salto do touro, de cabeça á cauda, sem o auxilio de vara. Foi d'ahi que lhe veiu a popularidade que alcançou. Dava tambem o salto de garrocha, mas póde dizer-se que era mais perfeito no que realisava sem ella.

Eduardo dos Santos falleceu ha annos, quando já retirado do toureio.

FREDERICO TAVARES BONACHO

*

Antonio Augusto foi um artista de fracos recursos e pouco afortunado.

Tendo nascido em Salvaterra a 8 de junho de 1846, veiu a fallecer na mesma villa a 14 de agosto de 1891 em resultado de complicações que lhe sobrevieram da fractura de uma perna, desastre occasionado no dia de S. Pedro, anterior, na extincta praça de Cintra, ao saltar a trincheira.

*

João Pedro foi dos bandarilheiros de merito mais mediocre que pisou a arena do Campo de Sant'Anna, como tambem José dos Santos, geralmente conhecido por *José da Mulateira.*

O primeiro falleceu a 17 de maio de 1893, afogado, no Tejo, juntamente com o embolador Antonio Cavaco; o segundo deixou de existir a 15 de junho de 1907, vivendo já de uma pensão proveniente das corridas dadas a favor dos toureiros invalidos.

Por fim, citaremos ainda Francisco Gonçalves Lima, o *Phoca,* e José Antonio de Lima, que bastas vezes trabalharam no Campo de Sant'Anna.

Phoca era um toureiro rijo com as bandarilhas e desenvolto com a muleta, chegando mesmo a salientar-se na sua época. E teria sido um artista distincto se soubesse estimar-se, o que não aconteceu.

Pescadero, José Cortez e *Minuto* foram tres peões hespanhoes correctissimos, que deixaram o seu nome solidamente ligado ao demolido circo.

Todos elles permaneceram por largo espaço de tempo no nosso paiz, e aqui crearam um publico seu e grande numero de amigos e admiradores, já pelas suas bellas qualidades, já pelos muitos e profundos conhecimentos que possuiam da arte.

O ultimo falleceu em maio de 1897, na Covilhã, em resultado de uma colhida do touro *Chaparro,* de Paulino da Cunha.

Os espadas que mais brilhantemente assignalaram a sua passagem pelo antigo circo de Lisboa foram Cayetano Sanz, *Lagartijo, Frascuelo, Bocanegra,* Antonio Carmona, *Cúchares, Currito, Mateito, Regatero, Morenillo, Salamanquino,* Antonio Luque, *Tato, Chicorro, Cara-ancha,* Gonzalo Mora, *Gallo,* Filippe Garcia, *Cuatro dedos,* Manuel Her-

mosilla, Hyppolito Arjona, *Lagartija*, *Barbi*, Angel Pastor, Paco Sanchez (irmão de *Frascuelo*), Mazzantini, *Guerrita*, *Punteret*, etc., os quaes se fizeram acompanhar pelos notaveis bandarilheiros *Cuco*, Yust, Pablo Herraiz, Armilla, Julian Sanchez, Anillo, Manuel e Pedro Campos, Victoriano Alcon, *Noteveas*, Mariano Anton, Juan Mota, Manuel e Juan Molina (irmãos de *Lagartijo*), Antonio Bule, *Bienvenida* (pae do actual espada do mesmo apodo), *Primito*, *Mojino*, *Ostion*, Manuel Antolin, Juan Romero, e mais um ou outro que de momento não nos occorre.

. . .

O trabalho dos pegadores — que actualmente está decahindo no agrado do publico pelo motivo de cada vez se notar mais a falta de moços de forcado experientes — foi uma das partes da lide que teve maior numero de adeptos e mais enthusiasmo causava.

Hoje difficilmente se organisa um grupo completo, que reuna a valentia ao saber; então com a maior facilidade se formavam os grupos que se quizesse.

Este facto só vem provar tambem a decadencia d'esta parte do espectaculo, pois que as restantes já se assignalaram extraordinariamente.

JOÃO IGNACIO DA COSTA

Entre os muitos pegadores de grande nomeada d'esse tempo, teremos que mencionar primeiramente os nomes de José Martins (mais conhecido então pelo *José Azeiteiro*), Cesario Augusto (o *Gargalhadas*), Manuel do Botequim, Jeronymo Alfaiate, José d'Annica, Joaquim Valentim, José Carraça, *Caralinda* de Santarem, Raphael Gonçalves (cognominado de *Raphael Torto*) e Antonio Gonçalves (respectivamente pae e tio do bandarilheiro Theodoro Gonçalves), José Sapateiro, Francisco Gaiato, Bernardo de Santarem, Manuel Alcarriol, José das Travessas, Peixinho de Aldegallega, Manuel Barra, Julio da Rafôa, Antonio Victorino, *Cambaio* de Villa Franca, Joaquim Gaiato, Manuel Morgado, José Russo e José Luiz (ambos da praça da Figueira), Antonio Delgado, o Madeira (creado do visconde d'Asseca), o *Téca*, o *Sustancia*, o Valentim, o Palmella, o Pina, o *Jacaré*, o *Escuna*, etc.

Apesar de algumas colhidas graves, porque as houve, o que não resta duvida é que então havia grandes pegadores, muito peritos e conhecedores, e que actualmente não os ha! E só assim se explica que em tardes successivas não se désse o mais pequeno desastre, sendo raro vêr um pegador ser saccudido da cabeça do adversario, isto quando se pegavam muitos dos touros destinados á lide dos cavalleiros, costume que nos ultimos tempos cahiu em desuso!

Por mais de uma vez se constituiram grupos de moços de forcado para apresentarem este genero de trabalho nas praças de Hespanha, sendo uma d'ellas contractados pelo espada *Cara-ancha*.

. . .

Se é certo que foi na época do Campo de Sant'Anna que o toureio em Portugal logrou alcançar um desusado grau de esplendor, que nunca mais teve, não é menos verdade que os creadores de gado bravo não deixaram tambem de cooperar para o engrandecimento do espectaculo.

Raphael José da Cunha foi entretanto o que mais se destacou e sobresahiu entre todos, chegando a conquistar um nome notavel não só na sua patria como em Hespanha, onde os seus touros tinham grande *cartel*.

A seguir citaremos — pela justa fama que lograram obter — os nomes de Frede-

rico Tavares Bonacho, João Ignacio da Costa, Emygdio Infante da Camara, José da Motta Gaspar, Carlos Augusto Marques, Marquez de Vagos, José Ferreira Roquete, Estevam de Oliveira, José Rodrigues Vaz Monteiro, Conde de Sobral, D. Francisco de Noronha, Francisco Ferreira do Carmo, Conde de Atalaya, Palha Blanco, Dr. Maximo da Silva Falcão, etc.

Uma lista extensa e por egual memoravel, que ao recordal-a nos traz saudades!

Então havia gosto, estimulo e pundonor em todos os lavradores, o que não succede agora.

Um exemplo: D. Francisco de Noronha alugou em 1877 um curro para o beneficio de Manuel Botas. Os touros não cumpriram como o creador desejava e esperava. Pois foi o sufficiente para que elle não recebesse de Botas o aluguer do gado.

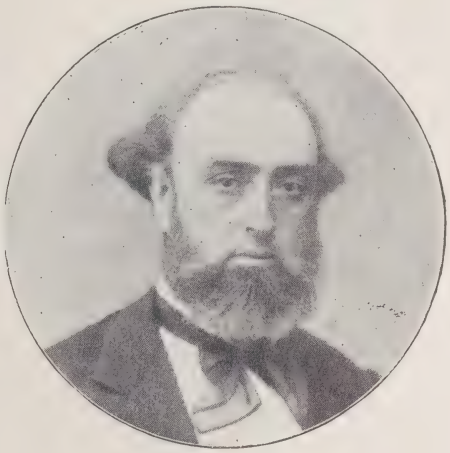
Que contraste com o que se vê agora!...

* * *

Varias foram as emprezas que exploraram a praça do Campo de Sant'-Anna. D'entre ellas, porém, destacaram-se pela boa e acertada direcção, a de Victorino Marques e a de Costa Guerra, esta nos ultimos annos em que funccionou este circo.

As restantes foram constituidas por Domingos Alegria, Alves Branco, Emilio Daux, Alegria & Delgado, Cort y Marti, Marques & Alegria, J. A. Godinho, Casa Pia, Custodio Vidal, Calhamar Pinto e Silva, etc.

Victorino Marques não só foi um emprezario que demonstrou sempre muito saber e grandes conhecimentos do espectaculo, como um director de corridas por demais intelligente, a quem todos os aficionados consideravam e respeitavam, rendendo-lhe justa homenagem.



VICTORINO MARQUES

Costa Guerra foi o que, mais tarde, conseguiu fazer reviver o divertimento, já um tanto decahido, apresentando em tardes successivas as maiores celebridades artisticas.

* * *

Que nos conste, não se recommendou por especie alguma a imprensa da especialidade que viu a luz na primeira metade de existencia do extincto circo tauromachico.

D'essa época só temos conhecimento do *Novo Gratis* (1846) e do *Avisador Lisbonense* (1857), duas folhas volantes annunciadoras e sem importancia.

Com verdadeira auctoridade do assumpto taurino, só mais tarde os *Annaes Tauromachicos* e *O Toureiro*, segundo do mesmo titulo (1876).

Esta ultima publicação era dirigida pelo entendido aficionado Salvador Marques, e collocava sempre na primeira pagina um retrato em photographia de uma individualidade em evidencia ligada ao

ANTONIO DA COSTA GUERRA

espectaculo. E' hoje rarissima esta collecção e considerada como um monumento do festejado auctor d'*Os Campinos*, que foi consideradissimo por todos os toureiros, criadores e amadores da festa nacional.

Por fim, appareceu *O Cúchares* (1887), que teve pequena existencia, pois acabou com a velha praça. Era tambem uma revista bem escripta e orientada, e foi dirigida pelo intelligente aficionado Pinto de Campos, que deixou por egual o seu nome ligado ao numero dos verdadeiros entendedores na materia.

SALVADOR MARQUES

Mas, infelizmente, nenhuma vingou.

Tambem existiu um pequeno jornal denominado *O Chocalho* (1836), e um outro, *O Toureiro* (1837), mas, apesar dos seus titulos, não se occupavam do divertimento.

* * *

Como *piadista*, João Matta sobrelevou a todos do seu tempo no Campo de Sant'Anna. Desde que começava a corrida até que terminava, era um chuveiro constante de ditos e trocadilhos, de *piadas* finas mas no geral mordentes, causticas, que a todos dirigia. Não poupava ninguem, fosse elle o melhor matador, o mais sympathico cavalleiro ou o mais distincto peão. Todos porém se viam na necessidade de o respeitar pelo muito que o temiam. João Matta era estabelecido com loja de fanqueiro á esquina da rua de S. Nicolau, torneando para a dos Douradores, sendo mais conhecido pelo *Matta Fininho*. Victimou-o um cancro na lingua.

Domingos *Seis-dedos* tambem era muito temido pela fórma como se manifestava. Este, porém, evidenciou-se mais pelo motivo de um *chocalho*, que não largava em corrida nenhuma, pondo em fóco com o seu badalar todos os artistas quando entendia que elles erravam.

Romão Gomes appareceu ainda no Campo de Sant'Anna, podendo dizer-se que ahi fez a *aprendizagem* no «genero». Porém, a «sua época» foi mais tarde na nova praça de Lisboa, onde, de parceria com Guilherme Maia, deu largo curso á verdadeira veia comica com que o dotou a natureza, fazendo geralmente ambos rir o publico a bandeiras despregadas!

Hoje, a *piada* tambem é rara.

* * *

O verdadeiro aficionado, esse póde dizer-se que acabou por

O TOUREIRO

FOLHA DESTINADA A ASSUMPTOS TAUROMACHICOS

DIRECTOR S. MARQUES — Escriptorio—Rua de Santo Antão, 100, 2.º — PHOTOGRAPHO J. LOUREIRO

1.º ANNO — 1870 — N.º 1

INTRODUCÇÃO

O programma d'esta folha, as intenções que a trazem a publico, vão synthetisadas expressos no titulo que a encima e na breve indicação que o acompanha.

Procurando, pois, quanto possivel, corresponder á sua missão, o TOUREIRO propõe-se

Publicar os retratos dos principaes toureiros portuguezes e hespanhoes—d'amadores distinctos de tauromachia—dos mais importantes creadores de gado—dos emprezarios dos principaes circos tauromachicos—alegões, etc., acompanhados das respectivas biographias

Dar conta das touradas que se effectuarem no circo do Campo de Sant Anna e n'algumas das principaes praças do paiz.

Publicar esboços biographicos dos toureiros notaveis, já fallecidos, estudos e preceitos sobre a arte de tourear, historia das corridas, noticias, anecdotas, e finalmente artigos diversos que tenham relação mais ou menos directa com a índole d'esta publicação.

Dar, na primeira pagina ou em separado, gravuras ou trabalhos photographicos representando os lances e episodios mais notaveis das nossas corridas e das touradas hespanholas.

D'este modo o TOUREIRO virá a constituir no fim d'um certo tempo além d'um variado e interessantissimo album, um guia illucidativo, um expositor de valiosa consulta sobre assumptos tauromachicos

Na collaboração d'esta folha figuram, o sr. P. Pinto de Campos, cuja proficientissima competencia no assumpto é por todos reconhecida, o esclarecido redactor dos *Annaes Tauromachicos*, excellente chronica de corridas que ha annos se publicou, e outros cavalheiros entendidos na especialidade

A execução dos retratos está incumbida ao habilissimo photographo sr. J. Loureiro

Era reconhecida por muitos a necessidade d'uma publicação d'este genero.

A absoluta falta de tratados e livros sobre tauromachia escriptos no nosso idioma, a raridade e subido preço das publicações hespanholas sobre o assumpto, difficultam a acquisição do preceito e regras sus que, por necessidade ou por gosto, se queiram entregar ao estudo da difficil arte de tourear

A mingua de quaesquer indicações theoricas a aprendizagem tauromachica faz-se, entre nos, por um meio completamente pratico, nas praças publicas, arriscando-se o principiante inseientemente aos azares d'essa luta perigosa, e tendo como unico ensinamento e auxilio o conselho e protecção, embora muito prestadios, dos toureiros já experimentados

A tauromachia é essencialmente pratica, confessemol-o, mas deixaria de ser uma arte, se não estivesse subordinada a regras e preceitos, que a habilidade e destreza do toureiro applicam e desenvolvem nas mil variantes e azasos da lide.

Se o TOUREIRO não preencher cabalmente a lacuna que acima indicámos, se não corresponder completamente aos intuitos que o trazem a publico, possa ao menos servir de incentivo a mais largos emprehendimentos n este genero.

O TOUREIRO aguarda o favor do publico e especialmente dos que cultivam a difficil arte tauromachica como artistas ou amadores.

S. M

JOSÉ JOAQUIM PEIXINHO

FAC-SIMILE DO PRIMEIRO NUMERO DO «TOUREIRO»

completo, não havendo dos modernos talvez um só que se possa comparar ou assemelhar ao antigo amador.

Presentemente, quem vae aos touros quasi que é pela necessidade de um passatempo, emquanto não chega a hora do jantar!

Compare-se, agora, o que era o velho aficionado. E note-se que, como este, era a grande maioria dos do seu tempo.

Havia nas proximidades da praça, na rua de S. Lazaro, um barbeiro de nome José Lopes Ferreira, o qual era mais conhecido pelo *José Barbeiro,* que não se importava de perder fosse o que fosse, menos uma tourada.

Ahi pelas tres horas, quando via que os freguezes se iam juntando de mais, já elle começava a dizer-lhes:

— Oh! meus amigos! vejam lá, olhem que me parece que não tenho tempo de os servir a todos! Já sabem: em eu ouvindo o hymno da Carta, não me demoro mais! Não me parece mal que se vão embora, o primeiro touro é que não pérco!...

E se bem o dizia melhor o fazia, pois mais de uma vez aconteceu arrumar precipitadamente a navalha e dizer para o freguez a quem só tivera tempo de escanhoar de um lado:

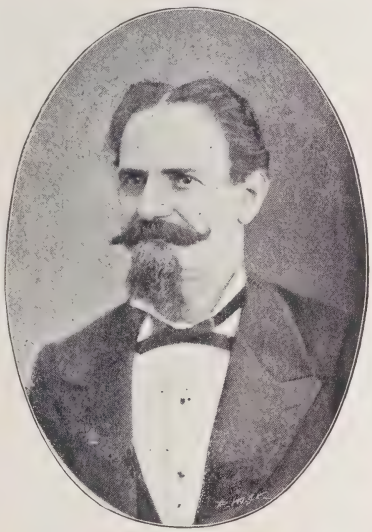
— Eu não lhe dizia! Ouve? Lá estão já a tocar o hymno. Mas fique ahi, se quizer, com a familia, que em acabando a corrida eu venho logo!...

E o nosso homem lá se safava a correr para a praça que nem um doido, ao passo que o freguez alli tinha que esperar pelo menos duas horas, pois não se encorajava de atravessar essas ruas com metade da barba feita e a outra metade por fazer.

O mais engraçado é que quem nos conta este *episodio,* parece que foi uma das victimas...

* * *

A demolição da velha praça de touros do Campo de Sant'Anna — condemnada em 1888, segundo uma vistoria, pelo estado de ruina em que se achava — começou em janeiro de 1889, vindo privar por algumas épocas os aficionados de Lisboa do seu divertimento mais predilecto, e ao mesmo tempo mais nacional.



JOÃO MATTA

A ultima corrida realisou-se alli a 4 de dezembro de 1887, tomando parte os artistas seguintes: cavalleiros, José Maria Casimiro Monteiro, José Bento de Araujo, Alfredo Tinoco da Silva e D. Luiz do Rego; bandarilheiros, Vicente Roberto, Roberto da Fonseca, José Joaquim Peixinho, João da Cruz Calabaça, João do Rio Sancho, Raphael Peixinho, João Roberto, José da Costa e Filippe Aragon *(Minuto).* Os touros pertenciam aos irmãos Robertos. Alfredo Tinoco e D. Luiz do Rego lidaram trajando á época. José Bento farpeou o celebre touro *Caracol.*

Mas seria de facto a pouca solidez do edificio que obrigou a dar por inutilisavel aquella praça, ou seria condemnada para satisfazer os desejos da Sociedade Protectora dos Animaes, que pela voz do sr. Carlos Testa levou sessões consecutivas no parlamento a reclamar a suppressão das touradas em Portugal?

Não podemos garantir a supposição que por largo espaço andou de bocca em bocca, mas inclinamos-nos um tanto para ella, por muitas e varias razões.

Alguns viram, por isso, n'aquella demolição o termo de um espectaculo que taxavam de pouco civilisador, sem se importarem saber que as corridas de touros são um divertimento original dos povos d'áquem Pyrinéos, tão velho como estes povos, e entre nós quasi o unico caracteristico que resta da nossa patria depauperada e despojada dos seus habitos tradicionaes, pela introducção de outros extrangeiros, com que o paiz vae perdendo dia a dia o seu caracter e individualidade.

E' assim que se vae esquecendo e perdendo o amor a tudo que é da nossa terra,

cahindo por fim os nossos costumes na indifferença em que se afundam as nacionalidades.

Um resto de amor, porém, ás cousas patrias fez ainda d'esta vez reviver as touradas, realisando-se a inauguração da nova praça do Campo Pequeno na tarde de 18 de agosto de 1892.

Entretanto convém esclarecer e ficar registado que a auctorisação para se permittir levantar a nova praça, que substituiu a do Campo de Sant'Anna, foi conseguida mas só ao fim de uma encarniçada lucta travada entre um punhado de bons aficionados e as estancias superiores, que a todo o transe punham embargos á pretenção solicitada continuadamente durante alguns annos.

A esses grandes e enthusiastas amadores — á frente dos quaes devem com justiça figurar os nomes de José Joaquim Peixinho e Joaquim Pedro Monteiro — se deveu pois o resurgimento das touradas em Lisboa.

Phots. da collecção Segismundo Costa.

CARLOS ABREU.

CHORAR

Choraste aquelle dia por acaso,
Nem sei bem porquê, uma insensatez.
Tomava o Céo a côr da viuvez
E escondia-se o Sol no seu occaso.

Choraste! Pela tua face linda
Correu a pouco e pouco um chôro brando.
Lamento d'um amor que foi passando
Ou uma saudade antiga, mas infinda.

Foi então que soubéste que o chorar
É a pagina maior e mais comprida
D'um grande livro que nos faz amar.

Choraste porque sabes comprehender
Que essa pagina e o livro são a Vida
E — vê — nem toda a gente a sabe lêr.

CARLOS CILIA.

Impressões d'Arte

A orchestra philarmonica de Munich, no theatro D. Amelia

Ha forma verdadeiramente brilhante como foram recebidos, pelo nosso publico, os concertos dados no elegante theatro D. Amelia pela orchestra philarmonica de Munich, vieram revelar quanto o nosso meio musical está avido de boa musica.

Exceptuando um ou outro concerto em que podemos gozar as produções dos grandes mestres, e mesmo assim é caso bastante raro, a nossa capital, não possue uma sala de concertos condigna, nem sequer uma orchestra formada.

A tentativa deveras louvavel do sr. Michel Angelo Lambertini, para organisar concertos com uma orchestra portugueza, essa mesmo ficou de parte, em virtude d'essa doença endemica da nossa terra, a inveja! Ainda assim pudémos gozar alguns concertos, e a prova ficou bem clara que a boa vontade é meio caminho andado para a realisação de qualquer fim.

Ora nós que estamos reduzidos a musica de revistas, quando apparece uma orchestra como esta de Munich, temos a impressão que somos embalados em um sonho e que não estamos em Lisboa. Ainda assim, o Porto é mais feliz do que nós, lá cultiva-se boa musica, e artistas extrangeiros vão dar concertos com alguma frequencia.

Emquanto por cá, quando algum artista de valor vem dar algum concerto, é quasi certo que a concorrencia é diminuta, ou então as entradas de favor são em grande numero!

D'esta vez, porém, exceptuando o primeiro concerto em que a casa estava fraca, os restantes foram muito concorridos por um publico que *soube ouvir* e que *não entrou tarde* para se dar ares de elegante. Oh! Deus, ficamos livres dos *elegantes* quatro noites! Que descanço! Ultimamente varias orchestras nos têm visitado; assim já tivemos por duas vezes a orchestra de Berlim sob a direcção do grande Nikisch, e debaixo da batuta de Strauss; duas orchestras francezas com Chevillard e Colonne, fallecido ha mezes, e agora a orchestra de Munich dirigida pelo illustre maestro José Lassalle.

Para mim os concertos orchestraes são a mais pura realisação da obra musical. E' pela orchestra que a obra se torna grande e se reveste com todas as côres do sonho. Sendo a musica por assim dizer a expansão de uma ideia atravez dos sons, a orchestra com toda a riqueza dos seus instrumentos lança-a de uma forma admiravel, transportando-nos ás altas regiões do ideal no que ella possue de bello e de diaphano. Assim a Musica no Templo, comparando-a com as outras artes, é a unica que se liga á prece, pois que tende a elevar-se como ella á Pa-

tria da Bemaventurança. O grande mystico Hello chegou a dizer que a musica participa da chamma e do incenso. E' no poema symphonico que o compositor pode dar largas á sua imaginação, a orchestra traduz-lhe tudo, possue elementos atravez dos seus naipes que podem exprimir o riso, as lagrimas, emfim a Dôr em toda a sua grandeza; assim como a Natureza nas suas manifestações grandiosas.

Os programmas que Lassalle nos apresentou, obedeceram a um serio criterio artistico, e assim ouvimos algumas obras que foram para nós d'um alto interesse.

No primeiro concerto tivemos obras de Beethoven, Cesar Franck, Berlioz, D'Albert e Ricardo Wagner, sendo do primeiro a *ouverture Egmond,* que foi escripta para um drama de Goethe e que data da época de 1811.

Embora não seja uma das suas melhores obras, vê-se bem claramente que existe n'ella qualquer coisa que nos falla do grande genio do auctor da *Heroica.* Tambem não gostamos da execução que teve; desde logo notamos que Lassalle, embora fosse correcto não fez dar á sua orchestra uma execução muito expressiva.

De C. Franck, ouvimos o poema symphonico *Redemption.* Esta obra é d'uma instrumentação notavel, embora a inspiração, não seja muito facil, a riqueza das combinações dos instrumentos fazem d'esta obra um modelo de musica de natureza mystica. A musica de Franck, como poderemos tambem notar na scena biblica *Rebecca,* nas *Beatitudes,* e mesmo na opera *Hulda,* possue a influencia romantica, inspirando-se principalpalmente nas ultimas obras de Beethoven e Bach. Além d'isso a musica de Franck, é o espelho da sua alma de crente, e do seu coração cheio de bondade. Longe de todos, da sociedade do seu tempo e mesmo affastado dos compositores com quem podia viver, passava a vida absorvido na composição e na leitura das partituras dos grandes mestres. Infelizmente a sua musica não foi comprehendida, e hoje que os tempos mudaram é que podemos avaliar atravez da sua obra, todo o seu talento, toda a força da sua nova forma d'arte.

BERLIOZ
(Desenho de Carjat, 1863)

A escola de Franck deixou discipulos assaz conhecidos, em que podemos nomear entre outros Chabrier, D'Indy, Chausson, Raway, Costillon, Lekeu, Bordes, etc.

Desejavamos antes ouvir o seu poema symphonico *Les Eolides,* que possue paginas de uma grande pureza de elevação melodica.

A *ouverture improvisator* de Albert, não é peça de um grande valor, e melhor seria se tivessem tocado outra obra de maior nome.

O *Tannhauser* de Wagner alcançou um vivo successo, e francamente com a maxima razão; a forma altamente esthetica como foi executada deu-nos ensejo para avaliarmos a batuta de Lassalle, que *sente* Wagner como poucos, qualidade que raros maestros possuem.

Mas a parte mais interessante d'este concerto foi a *Symphonia phantastica* de Berlioz. Esta obra representa na vida de Berlioz, paginas dolorosas da sua vida. Esta *Symphonia* é por assim dizer um grito da sua paixão pela ingleza Smithson, mais tarde sua mulher.

Toda a musica d'esta obra é a mais clara revelação, d'um grande talento.

Schumann, tinha por esta obra uma adoração, e causa-nos uma profunda pena que Berlioz só agora seja comprehendido e estimado. Durante a execução da *Symphonia phantastica* quando a orchestra ia tocando as suas diversas partes, sentiamo-nos empolgados perante tanta grandeza de inspiração, perante tanta originalidade.

Esta obra do grande auctor da *Damnação do Fausto*, fez uma certa revolução em alguns compositores principalmente em Meyerbeer.

BERLIOZ (ACTUALMENTE)
(Desenho de Marais, 1883)

Assim Cesar Cui escreveu em 1867 «tudo que faz a Gloria de Meyerbeer, determinação de caracter, colorido de scena, pintura de decoração, tudo isto se encontra já na *Symphonia phantastica*, e Meyerbeer não fez outra coisa senão imitar.

A celebre invocação do *Roberto*, pelo seu caracter, achamo-la na *Marcha para o supplicio;* o effeito orchestral proveniente das notas graves dos contra-baixos é já empregado na symphonia de Berlioz, e Meyerbeer apenas copiou. O dialogo dos instrumentos

BERLIOZ (ANTIGAMENTE)
(Desenho de Marais, 1883)

de vento, no principio do *Propheta* é identico pelo caracter á *scena campestre* da mesma symphonia».

Foi esta obra que nos despertou maior interesse, já por ser uma obra prima incontestavel, já por traduzir uma pagina intensa e bastante dolorosa de Berlioz. Se em Beethoven, Liszt, Chopin e Wagner encontramos obras que traduzem declarações d'amor, recordações de momentos ao pé de mulheres que amaram, a Symphonia de Berlioz, além de traduzir o amor pelo ente que era a luz da sua existencia, exprime a phantasia da sua alma revolta na lucta tytanica contra o meio que o rodeava!

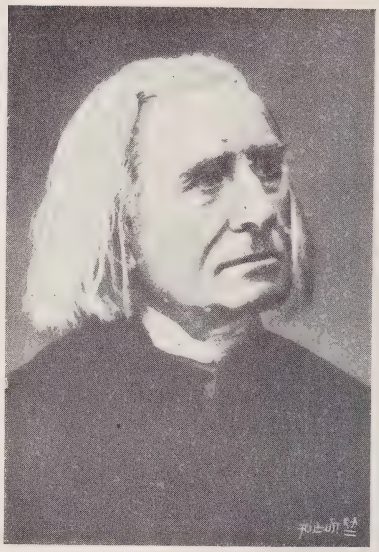
No segundo concerto, ouvimos a *Leonora* e a *setima symphonia* de Beethoven, o *Carnaval Romano* de Berlioz, e de Wagner, *Tristão* e *Isolda* e *Mestres Cantores*.

As obras que se executaram n'este concerto, eram mais ou menos conhecidas. Não gostamos da forma como esta orchestra executa Beethoven. A musica de Beethoven é profunda e sentimental; todas as vezes que lhe tirarem estes dois caracteres, não é Beethoven!

O *Carnaval Romano* de Berlioz não foi

comprehendido pela maior parte. E' isto uma verdade que deve ser dita. E' uma obra, talvez demasiado difficil, para se comprehender logo á primeira todas as suas bellezas, mas possue phrases maravilhosas e toda a instrumentação é d'uma frescura notavel.

O *preludio e morte de Isolda* de Wagner alcançou uma execução notabilissima. Toda a musica traduziu amor e saudade, e os violinos deram á acção um colorido de sonho, polvilhado de pureza e banhado de castidade.



LISZT

Os *Mestres Cantores* tambem alcançaram applausos justos, no arrendilhado da phrase.

O terceiro concerto, tinha dois numeros em primeira audição, a *Grande ouverture romantica* de Thuille e a *Symphonia n.º 3* de Raff.

Thuille, que é conhecido na lista dos compositores da musica symphonica da Allemanha moderna, é falho de inspiração e a sua musica não nos interessa. E' este o grande defeito da *Ouverture romantica;* deixou-nos frios, e apezar da orchestra a ter executado muito bem, foi obra que não nos impressionou.

Já o compositor Raff, apezar de não nos ter enthusiasmado, a sua musica tem mais vigor e impressiona muito mais. Este compositor natural de Lachen, dedicou-se a todos os generos de composição, e nos nossos salões as suas obras de piano são bem conhecidas.

Esta *symphonia*, que tem por titulo *Na floresta*, passa por ser uma das suas melhores obras para orchestra, assim como a que tem por titulo *Lénore; Na floresta*, é dividida em 4 partes: *a)* o dia, *b)* o crepusculo, *c)* dança das Driadas, *d)* a noite, caça phantastica. A instrumentação é cheia de contrastes, embora haja trechos demasiado longos como foi o segundo andamento. Luiz Romain na sua obra «*Essais de critique musicale*», faz-lhe grandes elogios, dizendo que é uma obra de musica descriptiva habilmente burilada.

Agradou-nos muito a ultima parte, pois que a sua musica é grandiosa, selvagem, e cheia de intensidade dramatica.

Tivemos tambem os conhecidos *Preludios* de Liszt. Fazem parte do reportorio das grandes orchestras, e embora não seja uma das suas melhores obras, os *Preludios*, encerram todavia grandes bellezas, traduzindo a phrase musical aquella doçura dos versos de Lamartine d'onde Liszt se inspirou.

HAYDN

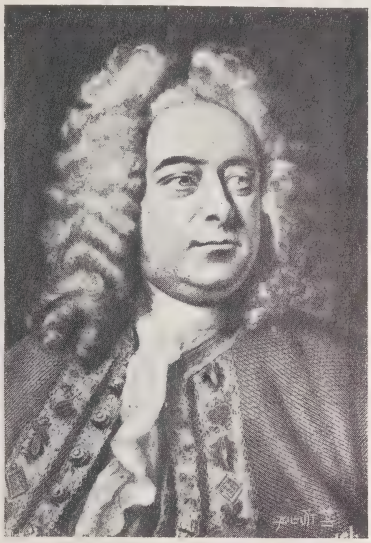
Este grande compositor, uma das mais authenticas individualidades musicaes, foi o creador da composição descriptiva, no poema symphonico; possuindo a sua obra sempre uma inspiração espontanea, muito clara, sem artificios complicados.

A idéa nasce-lhe clara e é exposta pela orchestra de um modo soberbo.

Na ultima parte do concerto tivemos um trecho do *Parcifal* de Wagner, em que a orchestra nos deu momentos deliciosos. Impossivel traduzir melhor todas aquelles paginas mysticas do mes-

tre de Bayreuth! Musica maravilhosa, que dá ás almas um crescendo de crença!

Depois o *D. João* de Strauss, musica assaz complicada fez com que a orchestra recebesse grandes ovações.



HAENDEL

Chegamos finalmente ao quarto e ultimo concerto. Duas obras despertavam a nossa curiosidade, pois que eram assignadas por dois grandes vultos: a *Symphonia n.º 13* de Haydn, e o *concerto em ré menor* de *Haendel*. Haydn foi um compositor que tem um papel importante na formação da *symphonia*, tendo vivido parte da sua vida no castello de Esterhazy em Eisenstadt, com uma sociedade elegantissima; alli esteve em contacto com pessoas de alta distincção, compondo musicas para grandes festas que lá se realisavam. Apesar de ser um *crente*, a sua musica religiosa é bastante profana, a musica *symphonica* traduz o meio em que viveu pela delicadeza da expressão, pelo colorido da phrase, pelo arrendilhado da orchestração. Vimos n'esta *symphonia*, como podemos notar nas restantes, que os desenhos musicaes são de uma elegancia notavel! O *Largo* possue qualquer coisa de phantastico, mas de uma phantasia não profunda, mas sim, alada, em que os violinos, clarinetes e flautas apresentam-nos uma linguagem delicada e graciosa. O *Final*, que foi bisado, diz bem claramente a forma delicada de Haydn, deixando-nos em uma atmosphera de encanto que nunca mais se apaga. Obras que vivem seculos.

JOSÉ LASSALLE

Haendel é outro genero de compositor, é impetuoso, a sua musica tem mais grandeza, menor poder suggesttivo. Está isto bem marcado em todas as suas obras.

Contemporaneo de Bach, ao passo que este possue uma arte que nós poderemos chamar *interior*, Haendel, é claro, possue *franqueza* na exposição da phrase; ao mesmo tempo que nasce atravez do seu brilhantismo uma sentimentalidade pouco vulgar. O *concerto* é o fiel testemunho do que acabo de expôr.

Na terceira parte tivemos *L'aprenti Sorcier* de Dukas. Compositor da nova escola franceza, se não possue o symbolismo de Debussy, os *arrôjos* de Ravel, a sua orchestração, embora com dissonancias por vezes, encanta-nos pelo brilhantismo da *Idéa*, pela riqueza da imaginação.

De Strauss ouvimos mais uma vez a *Morte e Transfiguração*. A nossa opinião sobre este auctor ficou de pé. Musica sem inspiração, com pretenções ridiculas. O concerto terminou com a symphonia do *Tannhauser* de Ricardo Wagner, mais uma vez tocada brilhantemente. Por estes concertos, vimos que esta orchestra de Munich possue uma qualidade essencial: um grande equilibrio na execução; as phrases bem acabadas, os *pianissimos* e os *crescendos*, habilmente conduzidos!

Lassalle, joven ainda pois tem apenas 34 annos, é um director d'orchestra essencialmente moderno. Conduz a sua orchestra de uma forma admiravel, dando uma execução cheia de sentimento principalmente em Berlioz e Wagner. Concertos d'esta ordem são estimulos ou pelo menos devem ser, para os nossos artistas. Mas infelizmente

encurralados nos animatographos e theatros poucos foram aquelles que puderam gozar esta bella orchestra!!

O nosso artista, além de viver em um meio tão atrazado em arte, quando poderia *ouvir boa musica,* para não perder uns miseros tostões que são quasi sempre o amparo da familia, deixa de ouvir concertos d'esta ordem que lhe serviriam de educação artistica.

O nosso musico é infeliz em tudo, e isto faz-nos pena, porque ha muito talento ignorado. Coisas da nossa terra...

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Crómo

PASSA NA RUA, DONAIROSA E ESPERTA,
VARINAZINHA, POSTA A MÃO NA ANCA:
COMO HA CALOR, A CAMISINHA ABERTA
DEIXA ENTREVER A PELLE FINA E BRANCA.

CABELLOS LOIROS, PRESOS SOB O LENÇO,
SÁIA RODADA PELO CALCANHAR,
DOU-LHE DEZ ANNOS, QUANDO MUITO, E PENSO
QUE UMA AVEZINHA LHE ENSINOU O ANDAR.

OH! QUE GENTIL, ESBELTA FIGURINHA!
UNS OLHOS GRANDES, COR DE AGUA MARINHA,
SORRISO ALEGRE COMO O SOL DE V'RÃO!

DEIXÁL-A IR! SE LHE DIZEIS QUE É LINDA,
DESFAZ-SE O ENCANTO: PERDE ESSE AR QUE A ALINDA,
PRAGUEJA E INSULTA COMO UM CARREJÃO.

Maria da Cunha.

Somatose
Recommendada nas doenças do
ESTOMAGO E DOS INTESTINOS
Vende-se nas pharmacias e drogarias

Vida universal

Como te enganas tu, fatua creatura humana,
julgando-te, entre os mais, o unico ser pensante!
A origem d'onde vens, é a mesma d'onde emana
o insecto; e a ave, e o musgo, e o mineral brilhante.

Tudo em torno de nós é vivo e palpitante;
e, em toda a parte e sempre, a força soberana,
mude embora de aspecto, ou surda, ou trovejante,
no principio e no fim, tudo o que existe, irmana.

Se da vida prescruto o mysterio profundo,
vejo um'alma commum dando a existencia ao mundo,
eterna, a reviver nos plasmas, nos crystaes . . .

Sob formas sem conta a mesma luta antiga!
E as mesmas sensações de dôr e de fadiga,
no homem, no cão, na flor, nas pedras, nos metaes.

Pernambuco — Setembro, 1910.

Odilon Nestor.

Senhoras em evidencia

Arte

Esta formosissima senhora, cujo perfil insinuante e doce illumina hoje as paginas desta revista, allia ao seu coração de oiro, esmaltado de bondades, um dos mais finos e mais cultos espiritos femininos que conhecemos.

Filha do grande e saudoso jornalista que foi Marianno de Carvalho, de seu pae herdou as faculdades intellectuaes que tão grande o fizeram, destacando o seu nome dentre as mais fortes individualidades do seu tempo.

Marianno de Carvalho era mais do que o fino polemista de coisas materiaes e enfadonhas.

O seu espirito altissimo punha um tão requintado sabor artistico, ainda nas discussões mais frias, que a todos encantava e seduzia.

A sr.ª D. Maria da Conceição de Carvalho Baptista de Sousa herdou tambem de seu pae o amor pela belleza artistica, e, embora receosa de dar abertamente ao publico as vibrantes e perfeitas manifestações do seu sympathico talento, recolhida naquella adoravel modestia que tão encantadora a torna para todos que a conhecem, tem no entretanto cultivado as letras com a maior despretensão e a mais doce singelleza que podem adornar um superior espirito de mulher.

Nos salões do palacete dos seus sogros, os senhores viscondes de Carnaxide, que são uns fanaticos apostolos da Arte, em quaesquer das suas manifestações, foram ainda não ha muito representadas duas das finissimas comedias da sr.ª D. Maria da Conceição, intituladas *Amores* e *Os noivos*, que fizeram as delicias e o encanto da selecta assistencia dessa festa.

Miniaturas — outra linda comedia em dois actos, — é um magnifico estudo do tempo da revolução francêsa e do Imperio, onde o bello talento desta senhora se affirma cheio de força e de graça, de delicadeza e de mimo.

D. MARIA BAPTISTA DE SOUSA

Todos os seus trabalhos porém, vivem dentro da sua casa, no carinho e no apreço da sua familia e dos que, como nós, lhe devotam os extremos da sua amizade e da sua admiração, sem ainda terem recebido os applausos do nosso limitado mundo artistico.

Emygdio Navarro — outro grande e inolvidavel jornalista — referindo-se um dia a esta distinctissima senhora, num bello perfil que lhe traçára, synthetisou em três palavras, delicadamente e com a mais absoluta e completa precisão as qualidades moraes e intellectuaes que a caracterizam: *Tento, talento* e *tino*.

Emygdio Navarro, no seu precioso laconismo, soubera ser soberanamente justo.

Fazendo votos para que a sr.ª D. Maria da Conceição de Carvalho Baptista de Sousa vença a timidez — tão graciosamente feminina — que o publico lhe inspira, esperamos ter occasião de applaudir seu alto e gentilissimo espirito de artista, que tanto nos prende e nos encanta.

Chronica da moda

Folheando pergaminhos reaes. — A «coquetterie» da velhice é uma «demi-vertu». — Para cada phisionomia um penteado. — A moda das saias estreitas triumphando em toda a linha. — Os manteaux com capuz. — Descripção d'um lindo modelo. — A reapparição da astrakan. — A desordem na logica da moda. — A chegada do inverno. — Os tecidos novos. — O setim «double-face». — Os tecidos ligeiros misturados com pelles. — A inspiração da escola inglêsa. — O reapparecimento das quilhas. — etc., etc.

Folheando um dia destes um interessante livro amarellecido pelos annos, encontrámos nelle uma affirmação que se casa perfeitamente com a nossa maneira de sentir e logo pensámos em submettêl-a á apreciação das nossas leitoras gentilissimas, presumindo-as de accôrdo com as nossas ideias. — «A *coquetterie* da velhice é uma *coquetterie* santa, pois obriga cada um a tomar mais cuidado com a sua pessoa para não desagradar do que a juventude em geral toma para agradar!»

E' evidente que a *coquetterie* em questão não envolve as grotescas pinturas do rosto, os arrebiques d'um falso e detestavel brilho, os penteados exaggerados, nem as *toilettes* incompativeis com a edade; mas trata dos cuidados delicados, que são quasi uma *demi-vertu* — um signal consagrado ao respeito por nós proprios e ao respeito pelos outros.

Juntando a uma atmosphera de indulgencia amavel um pouco de philosophia serena, adquiriremos depressa a convicção de que nada ha que mais se approxime do verdadeiro altruismo que esta adoravel *coquetterie*, pois não é verdade?

Nó mesmo livro amarellecido dentro da sua capa de pergaminho real, lêmos ainda mais o seguinte:

«Existe para cada phisionomia um penteado — um só! — capaz de revelar todos os attractivos.»

Esta outra affirmativa entregamol-a sem commentarios nossos ás queridas leitoras, na convicção de que não haverá mulher nenhuma que haja chegado aos trinta annos sem nunca ter mudado de penteado.

E ainda do mesmo precioso *in-folio:* — «E' preciso que uma mulher, embora parecendo penteada como todas as outras, o seja todavia da maneira mais adequada ao seu perfil e ao seu feitio.»

Eis pois uma grande verdade.

Um bonito rosto alongado e perfeito, pede um penteado simples graciosamente apartado ao meio.

Os cabellos levantados com elegancia natural, deixando a descoberto umas pequeninas e delicadas orelhas, ficam deliciosamente aos rostos arredondados, frescos e bem coloridos.

Um pode encantar-nos pela simplicidade, o outro pela severidade ingenua e linda do seu perfil de madona.

Não sabemos se as nossas queridas leitoras concordarão comnosco, mas confiamos no seu bom gosto e na gentileza do seu espirito.

* * *

Entremos agora na ordem do dia, que se resume hoje, como sempre, em illucidar as nossas leitoras nos segredos e decretos da moda, nas mais recentes novidades, nos tecidos de maior sensação, nos feitios e nas *forrures* que estão mais em voga e que presumimos destinados a fazer furôr na actual estação de inverno.

Apezar de todas as ironias, todas as *charges*, de tudo quanto se tem dito escripto e pensado, apesar da colera do Vaticano e da severa censura de certos americanos, a moda, a famosa moda das saias estreitas, — mais que estreitas! — triumpha desassombradamente! ainda que libertadas da *entrave*, as saias, não teem mais que a justa amplitude necessaria; as costureiras, *com a sua generosidade conhecida*, dão-lhes... o minimo de largura!

Quasi sem róda e bastante curtas conservam ás senhoras a *silhouette elancé*, que ellas tanto adoram. Apenas para os vestidos de *soirées* se vêem já as *draperies* e as grandes caudas elegantes e magestosas, sem comtudo a sua largura em baixo, ser demasiada. Foi talvez para responder á censura dos padres italianos que a habilidade das costureiras creou para nós, os largos *manteaux* com capuz e *cordelière* os quaes se assemelham singularmente, pelo seu córte e pela sua côr castanha aos habitos dos *Capucinos!*

Não tinha eu já predito este successo?

E' o grande enthusiasmo do momento, a verdadeira loucura!

Seria impossivel achar maneira mais espirituosa de «*s'humilier*» e as bellas impenitentes, tão severamente qualificadas de immodestas, adoptarão sem nenhuma duvida estes agazalhos tão graciosamente elegantes.

Vamos fazer uma pequena descripção d'um lindo modelo, d'estes agazalhos que nos encantou pela sua novidade: Longo, direito, em velludo lontra, debruádo d'um setim japonês em raminhos rosa e azul e d'um azul um pouco duro, mas que nós tanto gostamos — este *manteaux*, era guarnecido em baixo por uma larga banda de *skungs*.

A mesma guarnição nas mangas apertadas por cordões de seda. Partindo das costas, em ponta, cruzando adiante num movimento de *revers* em chale, duas largas bandas da mesma *skungs*. Dissimulado por ellas apparece o pequeno capuz, não deixando senão adivinhar entre a pelle sombria, as rozas e o azul do setim japonês.

O successo do capuz acentua-se largamente, apparecendo nos *tailleurs* de velludo, de sarja, de *ratine* e de *leure*, sobre os *manteaux* de setim, de panno, tambem mesmo nos de lontra e *astrakan*, sobre os elegantes «*tea goovons*» e substituindo com vantagem a *écharpe* e a banal mantilha.

Todos *fanfreluchés* de rendas e puerilidades graciosas (como dizem) nada ha para embelezar os lindos rostos das nossas leitoras, como esses capuzes vaporosos e leves, em ricas rendas de Inglaterra, Chantilly ou na transparente *mousseline*, debruados de *chinchilla*.

E assim, lindamente emmolduradas nesses graciosos capuzes, mais irresistiveis se tornarão os seus encantos. E' ainda a fórma capuz que modernisará as *écharpes* de pelles, debruadas de velludo, ou de velludo, debruadas de pelles — porque tanto umas como outras terão enorme successo.

Surge uma nova maravilha sem duvida, sendo muito bem acceita, — a reapparição da *astrakan*. Esta severa e classica pelle de que até agora se não havia conseguido senão grosseiros exemplares, é, pois admiravelmente imitada. E' por emquanto uma imitação que tem mantido alto preço o que por certo impedirá de se vulgarisar; tanto assim que muitas das nossas principaes casas não hesitam em emprega-la como guarnição rica dos *tailleurs* de velludo.

Fazem-se tambem bonitas *écharpes* e grandes regalos, entremeados alternadamente de finas *mousselines* e da *pseudo-astrakan* sobre o velludo.

Se esta pelle tem a desvantagem de ser menos quente que qualquer outra verdadeira, tem a vantagem de ser menos dispendiosa, o que é importante.

VESTIDO PARA JANTAR NUMA VISITA A CASA DE CAMPO
(Ultima moda de Londres)

Estamos certas, de que para as senhoras economicas não as assusta este motivo *imperioso*. Pode na realidade não aquecer tanto, mas é confortavel para a *bolsa* e consegue com pouco fazer uma *parure* elegante d'um apurado gosto discreto e seguro.

«*Pas de froi aux yeux*» como diria Gavroche, mas não levemos tão longe o nosso pessimismo e severidade, porque, ha muito longo tempo reina a desordem na logica da moda!

E tambem, não é em materia de elegancias que nós queremos experimentar o poder da illusão!

* * *

O inverno chegou com todo o seu rigor e com todos os seus encantos, porque é indiscutivel que tambem os tem, e muito poderiamos dizer sobre elles se a nossa missão não fôsse, falar de modas.

Il nous apporte à nous — outra maravilha! — a revelação ardentemente esperada de tecidos novos que nos envolverão nos seus tons variados e lindos.

Vejâmos as *soieries* como ellas vão gozar este inverno d'um prestigioso enthusiasmo. Ha outras novas creações, que são d'uma suprema sumptuosidade, em geral pesadas, pendentes, mas infinitamente flexiveis, apezar da apparencia dura e aspera que tem algumas. As mais simples, mas encantadoras pela novidade, são as *charmeuses*, o crêpe Jacondo, o panno Imperial, *l'Ondoyant*, *le Pe-*

Senhoras anemicas, creanças pallidas e sem appetite, recuperam a saude e augmentam o peso do corpo, tomando **SOMATOSE.**

plum le Dalila — o novo crépe *glacé Charmeuse* — e a *moiré* fluida, assetinada, a *moiré* madrilena e o crêpe *Troubador*, em que os seus reflexos brilhantes, muito docemente attenuados, teem um grande encanto. Estes tecidos, mais ou menos baços, sem transparencia, empregam-se indifferentemente para os vestidos *tailleurs*, para *toilette*, por serem os de maior novidade, elegantes e praticos. Outro se nos depara com enorme successo; é o setim *Janus*. E' paradoxal, encantador, minhas senhoras! porque é *double face!*

D'um lado setim de seda, do outro panno de lã. Foi uma feliz producção e um trabalho perfeito, artistico e firme; muito maleavel e d'uma facil execução.

Appareceram este anno em Deaunille algumas *toilettes* combinadas em *mousseline* da India, bordadas em relevo e bandas de arminho.

E' positivamente seductora esta mistura de tecidos ligeirissimos com ricas guarnições de pelles!

E' ilogico, confessamol-o e repetimol-o, mas na moda não pode nem deve existir a logica. Achamol-a infinitamente graciosa conveniente e feminina; não nos podendo orgulhar d'esta nova invenção porque é com certeza inspirada nos retratos da escola inglêsa, que offerece exemplares encantadores e lindos.

Ha combinações completamente novas, como um *tailleur* de setim ou *moiré* com quilhas e *revers* de pelles, accrescentando porém que as quilhas estavam ha muito postas de parte, reapparecendo agora com agrado geral.

Vivem os estofos ligeiros e as pelles, na melhor e mais agradavel das camaradagens, numa graciosa mistura, que, por certo, se prolongará todo o inverno, sobre tudo em *toilettes* de theatros e baile.

Au revoir pois, gentis senhoras.

Promettemos *novas* sensacionaes para a proxima chronica.

Eugenio Vieira

Eugenio Vieira, um prosador cheio de robustez e de observação, acaba de publicar um livro de versos intitulado *Cantos vagabundos* onde ha distribuido á flux sentimento, inspiração, ironia, dôr e amargura. São d'elle as seguintes quadrinhas cheias de philosophico humorismo.

Olha se temos morrido!...

Quando amôr te declarei,
tu, donzella, te zangaste;
a seguir, me desprezaste.
Por pouco me não matei!...

Fingi depois não te amar,
pra que o teu amôr me desses:
e, pensaste em te matar,
embora m'o não dissesses...

Mas hoje, que ambos andamos
presos de amôr no sentido,
de nós rindo exclamamos:
«Olha se temos morrido?...

Perpassa por todo o livro um subtil bafejo de revolta latente e de resignação delicada.

EUGENIO VIEIRA

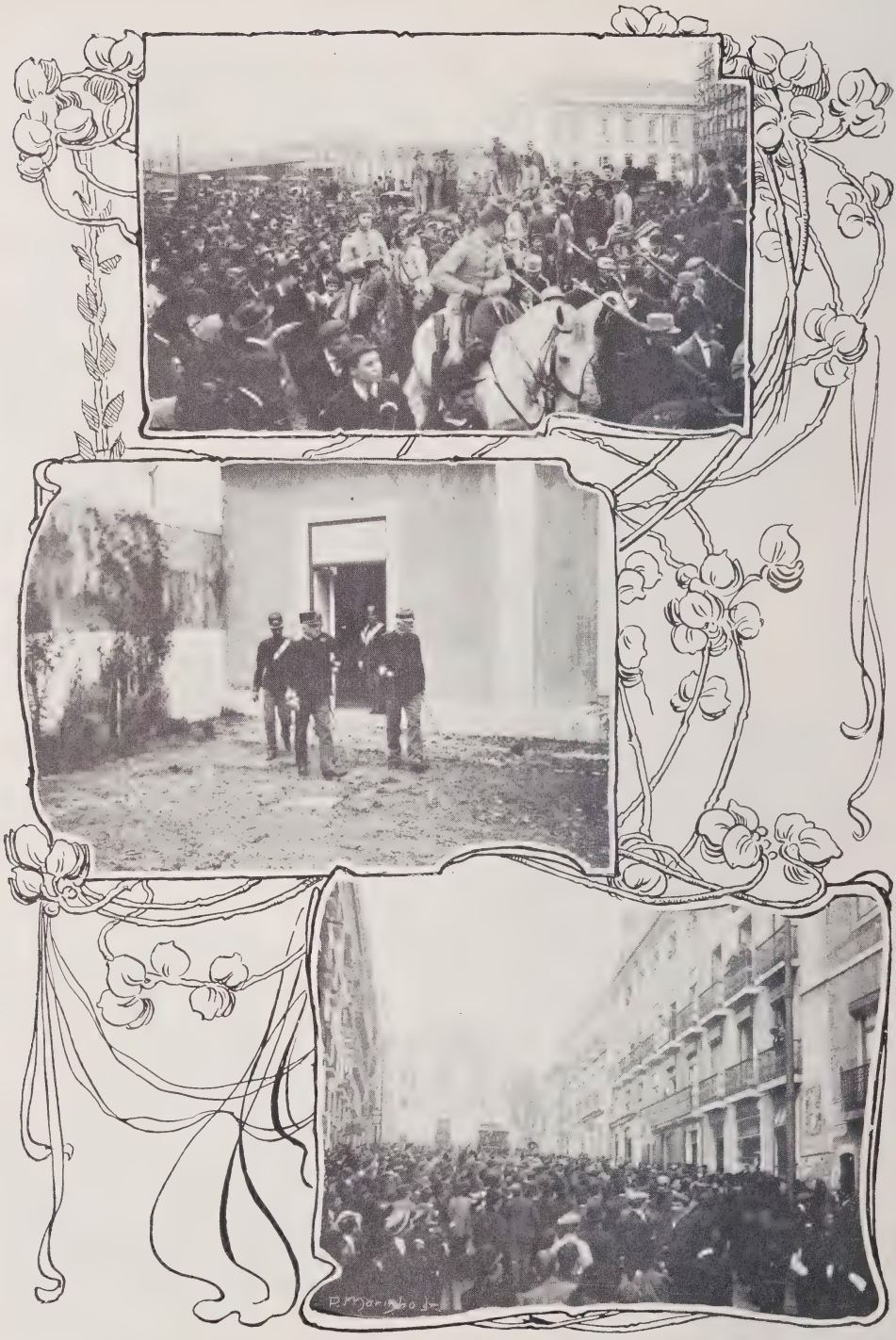
Eugenio Vieira é um crente, trabalha com todas as forças da sua experimentada energia, mas nem sempre o triumpho lhe tem sorrido.

Luciano de Araujo

E' um bello rapaz, que tem tanto de modesto como de intelligente e bondoso. Publicou ha dias um interessante livro de versos, *Expansões*, onde revela optimas qualidades de

LUCIANO DE ARAUJO

versejador, a que não andam alheias nem a sentimentalidade tão caracteristica da nossa raça, nem o estro sem o qual não ha poeta digno d'esse nome.



1. EMBARQUE DAS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS — **2.** VISITA DO MINISTRO DA GUERRA, SR. CORONEL BARRETO, A' ESCOLA DO EXERCITO — **3.** MANIFESTAÇÃO A MAGALHÃES DE LIMA, DEFRONTE DA SUA RESIDENCIA.

1. BANDO PRECATORIO DA ESCOLA NORMAL — **2.** BANDO PRECATORIO DA LIGA REPUBLICANA DAS MULHERES PORTUGUEZAS — **3.** JUNTO A' CAMPA DE MIGUEL BOMBARDA E CANDIDO DOS REIS.

Theatros

S. Carlos. — Com a inspirada partitura de Massenet, *Werther*, reabriu o theatro de S. Carlos, podendo registar-se essa noite, como uma das mais brilhantes pela fórma como foi executado todo o *spartitto*. A sr.ª Marie de L'Isle, confirmou o que a seu respeito ha muito se diz no estrangeiro; — é uma cantora distincta, sabendo com arte conduzir a voz, de bello timbre e de facil emissão; a parte de *Charlotte* foi desempenhada com applausos geraes, conquistando egual resultado o tenor Leon David, já nosso conhecido e apreciado, e que, de novo, no monologo do segundo acto e nos duettos com o mezzo-soprano, se distinguiu, e assim o barytono Ghasne, ainda que nos pareceu não ser esta a opera onde melhor se possa evidenciar, o que não quer dizer, que na parte de *Alberto* deixasse de ter uma feliz interpretação; a romanza do primeiro acto, por exemplo, foi cantada com bastante brilho. Bem a orchestra sob a direcção do maestro Flon.

Nacional. — E' incontestavelmente um bello trabalho, a peça *Lei do divorcio*, em 3 actos e 1 prologo, do laureado dramaturgo, sr. Augusto de Lacerda, que, ha muito, se evidenciou no theatro, como um dos nossos mais distinctos escriptores dramaticos, havendo a attestal-o, entre outras, a sua ultima peça, o *Judas* que sobremaneira honra o reportorio d'aquella casa de espectaculos. A *lei do divorcio*, é um drama empolgante, traçado com mão de mestre, em que não se sabe que mais admirar, se o trabalho de arte, se a belleza do dialogo. Da primeira á ultima scena a acção decorre gradual de interesse e em deducção logica desenvolve a these que o auctor teve em mira; não ha scenas fracas e antes uma cadeia bem trabalhada e cravejada de verdadeiras perolas litterarias. Os dois papeis, o de *Celeste* e *Paulo*, estão nitidamente traçados e dão, entre os outros, a ideia precisa do thema que o auctor defende com habilidade e com poder persuasivel; além d'isso, tem a peça um magnifico desempenho por parte de todos interpretes, e sómente, por difficuldade de personagem se deve especialisar Adelia Pereira, que desde o theatro Apollo, conhecido antes pelo do Principe Real, vimos a elogiar, como sendo uma actriz de futuro. A sr.ª Adelia Pereira tem habilidade natural para a carreira que abraçou e além d'outros predicados, diz bem e possue um timbre de voz, forte e muito agradavel; é, repetimos, uma actriz de largo futuro. Não deixaremos, porém, de citar Joaquim Costa, Augusto de Mello, Ignacio, Pato Moniz, Carlos Santos, Mendonça, Calazans, Augusta Cordeiro e Maria Pia, que se houveram no desempenho á altura dos seus creditos artisticos. E para prova do exito da peça, basta que digamos que não só na *première*, como nas recitas seguintes o auctor teve chamadas especiaes, partilhando das manifestações do publico, todos os artistas.

As mais elogiosas referencias as merece a peça de Bracco, *Perdidos nas trevas*, pois que, sem duvida, representa uma obra de valor e das mais notaveis do notavel escriptor. Altamente emocionante, em algumas das suas scenas, vibra o sentimentalismo n'uma tensão forte, em demasia commovente e com o especial factor do effeito theatral, quer na preparação de fórma, quer no epilogo da acção. O 2.º acto, a nosso ver, o melhor, substanceia a parte mais empolgante do entrecho e tem no seu decurso, como que um iman, que prende o espectador fazendo-lhe sentir a impressão suggestiva d'uma grande dôr moral. E para complemento da obra de Bracco, deram os artistas do Nacional, vida e côr ás suas personagens, n'um conjuncto tão egual que seria injustiça especialisar estes ou aquelles dos seus interpretes, a que para mais se juntou uma correctissima traducção.

A comedia, em 1 acto, com o titulo, *Como se escolhe um genro*, é uma peça de factura delicada, de espirito fino e que bem dispõe o publico para depois apreciar um trabalho de these. E' uma comediasinha bôa para abertura d'um espectaculo, já pela simplicidade do enredo, já pelo humorismo que polvilha uma meia duzia de scenas, dispostas com habilidade e de agrado seguro.

Fica para o numero seguinte falarmos da peça *O 93*, adaptação de Augusto de Castro.

Republica. — Como os demais annos, constituiu um facto sensacional no nosso meio theatral a abertura do theatro da Rua do Thesouro Velho, cujo programma da época annunciou um elevado numero de attractivos, encerrando, o d'este anno, além d'um reportorio magnifico, um bello grupo de artistas a que se juntaram os nomes de Eduardo Brazão e Ferreira da Silva, duas figuras de destaque e de ha muito consagradas. São de mais conhecidas as biographias d'esses illustres artistas, a sua gloriosa galeria de ovações, bem como as de Augusto Rosa, Angela Pinto e Adelina Abranches para que, alguem ponha em duvida, do brilho da presente temporada, e não preveja, com opinião firme, as muitas noites de bôa arte que notabilisarão a época que começou.

Para principio a illustre empreza d'aquelle theatro deu algumas recitas com as peças da época passada, como a *Primeira causa*, de Bisson; *Santa inquisição*, de Julio Dantas; *O ladrão*, de Bernstein; *A minha mulher noiva d'outro*, de Gavault e Chavrai, *Os postiços*, de Schwalbach; *D. Cesar de Bazan*, *Tio Milhões*, etc., peças de exito seguro e a que largamente já nos referimos. Quem acompanhou a época ultima do theatro da Republica, por certo, tem bem patente o accentuado valôr d'essas peças, o primoroso desempenho que obtiveram que, com leves alterações se confirmou no presente, sendo de justiça, entre os que substituiram, elogiar Luz Velloso que soube imprimir todo o brilho da sua intelligencia ás diversas personagens de que foi encarregada interpretar. De Augusto Rosa, Chaby, Azevedo, Alves, Angela Pinto e Emilia d'Oliveira, que

dizer? — Nada ha accrescentar ao que dissemos. Confirmaram os seus nomes de artistas de merito e que sabem merecer a confiança que n'elles depositam, empreza e auctores.

A primeira peça nova da época, foi a de Duquesnel e Hennequin, *Patachon*, que o sr. Accacio de Paiva traduziu com o titulo *O convertido*, com a sua costumada proficiencia sobre o assumpto. A fama da celebre comedia *Patachon*, não era exaggerada, e como tem succedido em todos os theatros da Europa, obteve, entre nós, um exito em toda a linha; escripta em umas horas felizes e por quem, de facto, conhece bem o theatro, constitue o que se chama uma espirituosa comedia, de frescura leve, provocando a gargalhada sem esforço, pelo elevado numero de situações hilariantes e pela abundancia de graciosos ditos. Obedecendo á factura das suas congéneres, sem preoccupações de theses; simples, na apresentação das personagens que conservam com firmeza as suas linhas geraes, pertence ao rol das bôas comedias, das que serão sempre bem recebidas e alcançam completo agrado.

Adelina Abranches tem na peça um bello trabalho, firmando, em especial, no 2.º acto, os seus dotes de artista primorosa; Augusto Rosa, a distincção de sempre; Angela Pinto, Barbara, Luz Velloso, Chaby, Henrique Alves, Carlos d'Oliveira e em papeis secundarios, Zulmira Ramos, Juliana, Leonor Faria, deram o maximo relevo ás suas personagens, de fórma a constituir um magnifico conjuncto.

Trindade. — De novo a revista *No paiz do vinho*, encetou a sua triumphal carreira, chamando ao theatro successivas enchentes. Como em tempos dissemos, esta revista original dos srs. Leandro Navarro e André Brun, representa um trabalho honesto; critíca sem ferir e sobretudo não faz uso da pornographia e nem por isso perde em valor; o espirito corre em barda sem melindres para ninguem e tão pouco estamos habituados a vêr em peças d'este genero uma linguagem tão cuidada, que mais motiva o nosso incontestavel applauso. Diga-se tambem, e mais uma vez, que, *No paiz do vinho*, ha bellos quadros e linda musica de Filgueiras e Filippe Duarte e que a apotheose ao dr. Miguel Bombarda e ao vice-almirante, Candido dos Reis, é de bello effeito e tem uma delicada composição musical a acompanhar inspirados versos de Felix Bermudes. O final da peça é tambem surprehendente. De resto uns quadros alterados, uns novos numeros de musica, muitas ovações de que partilhou o intelligente e incansavel emprezario Affonso Taveira e teremos dito o que foi a abertura de época, n'este theatro, pela excellente companhia, que ha pouco regressou do Rio de Janeiro, onde conquistou muitas sympathias e muitas ovações. E como um bom filho á casa torna, lá temos fazendo parte do elenco, a distincta actriz Palmyra Bastos.

Gymnasio. — A nova comedia para Lisboa, de Alfredo Capus, que Portugal da Silva traduziu com o titulo, *Paixões passageiras*, é, como a *Castellã*, do mesmo auctor, uma peça de architectura solida, que prende pela finura do dialogo e pela successão de episodios comicos, subordinados a um entrecho simples e gracioso. Por um pretexto, um nada, gravitam todas as figuras em torno da principal, com logica e um encanto de linguagem, que é uma das suas melhores qualidades; e tanto mais a apreciamos, quanto é certo sentirmos satisfação em vêr no palco d'aquelle theatro, peças como esta, que relembram os seus tempos de gloria. Depois, o desempenho é muito correcto destacando-se pelo valor da personagem, o actor Christiano de Sousa que, de novo, teve ensejo de pôr em relevo as suas qualidades de distincto artista que é. Lucinda Simões sobresae egualmente como figura illustre da scena portugueza; Judith de Mello e Albertina de Oliveira estudaram com dedicação os seus papeis, dando-lhes o relevo preciso, e que é de justiça louvar. Cardoso, Cesar de Lima, Herminia Silva e Laura Hirsche formaram um bom conjuncto. Felicitamos Portugal da Silva pela sua magnifica traducção.

A seguir e para festa artistica de Jesuina Marques, subiu á scena, a comedia *Filha e sogra*, traducção de Sousa Bastos e que tem, como a sua antecessora um feixe de situações comicas que provocam a ininterrupta gargalhada da assistencia.

São 3 actos replectos de genuina graça, delineados por quem conhece de sobejo o theatro, com um entrecho complicado e scenas imprevistas d'um espirito esfusiante, não dando motivo a poder dizer-se qual dos actos é o melhor. Tanto a beneficiada, como os restantes interpretes conservaram ás suas personagens toda a vivacidade pedida, occupando um dos melhores logares, Telmo Larcher que apresentou um bom trabalho.

Tanto esta comedia, como o drama em acto, *Honra de fidalgo*, com que abriu o espectaculo, obtiveram um exito completo.

O drama, original de Julio de Menezes, honra sobremaneira o auctor, que firma n'este seu trabalho, os seus muitos conhecimentos sobre e arte. E' um acto cheio de sentimento, agrinaldado por uma linguagem muito correcta. Virginia Farrusca, Herminia Silva, Cesar de Lima e Carlos de Sousa, foram juntamente com o auctor, muito ovacionados.

Avenida. — Voltaram á scena as duas rivaes, *Viuva alegre* e *A princeza dos Dollars*, a deliciarem os *habitués*, do Avenida, contando as enchentes pelas recitas e sempre entre uma verdadeira chuva de applausos. São peças que se impõem, muito em especial, pela linda musica que teem e que, absolutamente, cahiram no agrado do publico, chegando a operetta *Viuva alegre*, a representar-se em quatro theatros ao mesmo tempo, e em todos com muita concorrencia. E coisa notavel, é sabido que á excepção da musica classica, a que possue uma textura ligeira, de muito que se ouve, aborrece; pois, com as da *Viuva alegre* e *Princeza dos Dollars*, succede precisamente o contrario, quanto mais

se ouve, mais agrada, d'ahi o não sahirem do cartaz.

Para remate da primeira serie de recitas, na época a que nos referimos, temos a frisar a linda opereta em 3 actos, *Amôr de principes*, que, pelo entrecho, pela sua architectura, pela graça, pela *mise-en-scene*, guarda roupa, musica e desempenho, merece os mais rasgados elogios, e ser collocada entre as primeiras do seu genero. Não lhe falta a mais insignificante qualidade e assim, podemos affirmar que nos applausos tributados, não houve a menor parcella de favôr; é peça para lavar e durar, dando-se o facto até, de ter uma bôa marcação de scena e habil direcção orchestral. Citando os nomes dos que cooperaram na peça, terêmos dado o nosso applauso justo e merecido. Foram elles: Luiz Galhardo, traductor e director de scena; maestro, Assis Pacheco, interpretes: Cremilda, Auzenda, Gomes, Grijó, Santos Mello, Olympio Nogueira, Armando de Vasconcellos, Paiva e scenographo Carancimi. A opereta é original de Vizzoto e a musica do maestro, Eysler.

Apollo. — Fomos, talvez, dos que mais elogiamos a peça *O major magnesia*, traducção do sr. Marçal Vaz, não podendo portanto, ser levada á conta de má vontade, a nossa apreciação sobre o *vaudeville*, em 3 actos de Heurrequim e Veher, *A luva branca*, que pela sua desbragada linguagem, reprovamos, ficando assim de bem com a nossa consciencïa. Não ha na nossa capital um theatro proprio para exhibir peças do genero da *Luva branca;* se o Apollo pertencesse ao numero, se fosse um d'esses theatros, nada teriamos a objectar; mas sendo, como é, uma casa de espcetaculo onde todos julgam poder levar as suas esposas e as suas filhas, tem que obedecer aos principios de todos e ter cuidado na escolha das peças. E' certo que algumas vezes, em outros dos nossos theatros teem egualmente sido exhibidas peças um pouco livres, mas essas como esta, da mesma fórma reprovamos. Os ditos com *doubie-sens*, perfeitamente d'accôrdo, de contrario não achamos de bom principio.

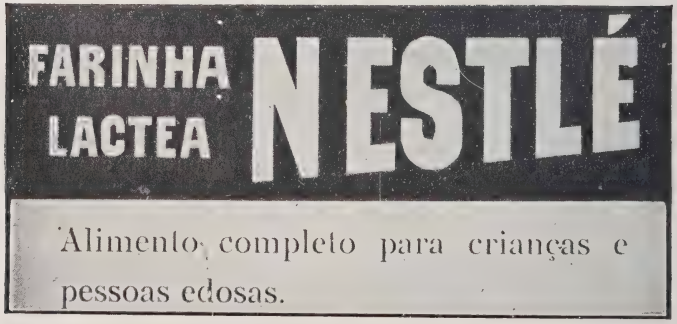
Devemos, porém, accentuar que o desempenho foi muito bom a cargo de Lucinda do Carmo, Amelia Pereira, Isaura, Romo, Pinheiro Nascimento, Silva, Guimarães, Pedro Machado e Lopes.

Depois d'esta noticia composta foi prohibida a representação da *Luva branca*. No proximo numero faremos a nossa apreciação sobre a opereta *O Fado*.

Rua dos Condes. — Continúa, como na Trindade, a companhia do actor Alves da Silva, a proporcionar ao publico apaixonado das peças patrioticas e emocionantes, bellas noites de espectaculo. As peças *Tomada da Bastilha, Ministro e rei* e *Conselho de guerra*, são typos frisantes do genero, e a que preside um desempenho correctissimo e cuidado de *mise-en-scene*. Novos trabalhos theatraes se annunciam e a elles nos referiremos á maneira que forem apparecendo.

Colyseu dos Recreios. — Todas as noites... um casão! O imitador transformista Casthor, bem como todos os demais attractivos da grande companhia que funcciona no Colyseu, são vivamente applaudidos e alguns bisados. A sala será grande de mais, mas está sempre cheia, o que prova a predilecção do publico por esse genero de divertimento e que elle é bom.

H. O.

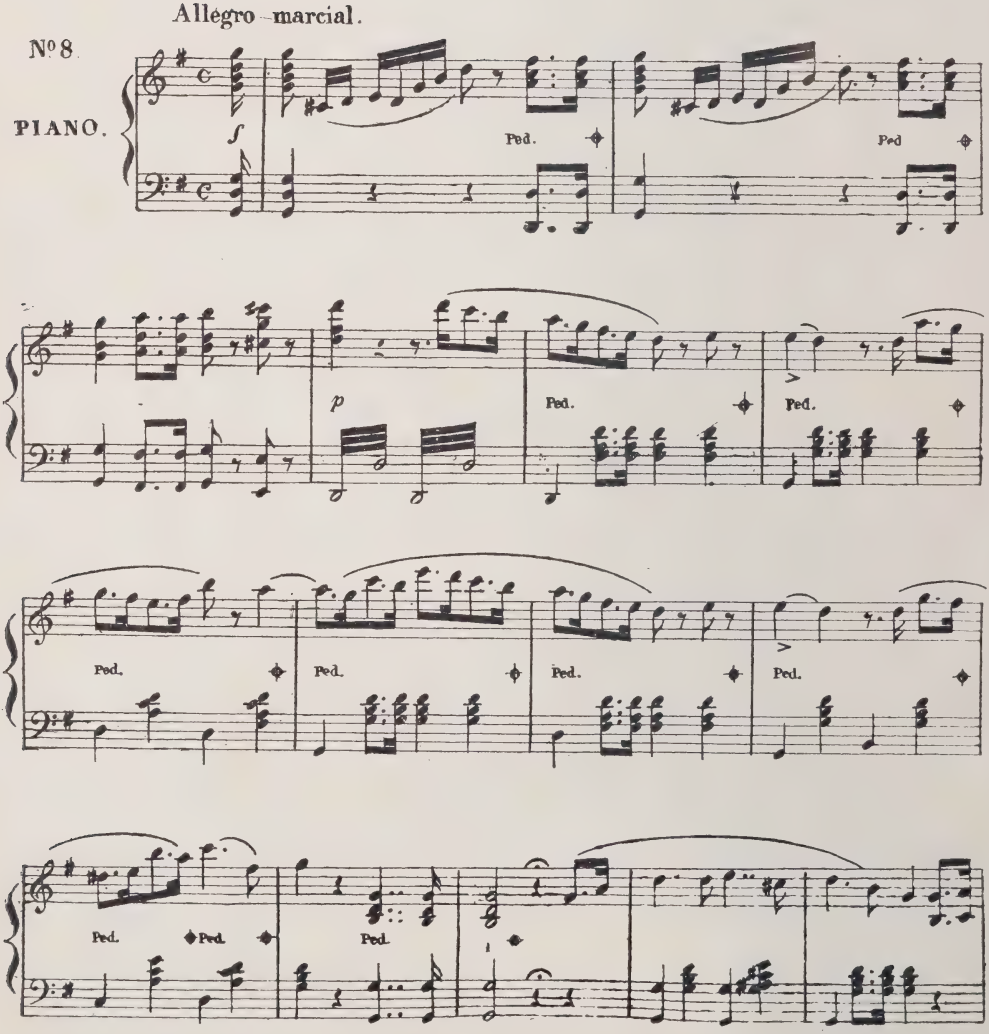


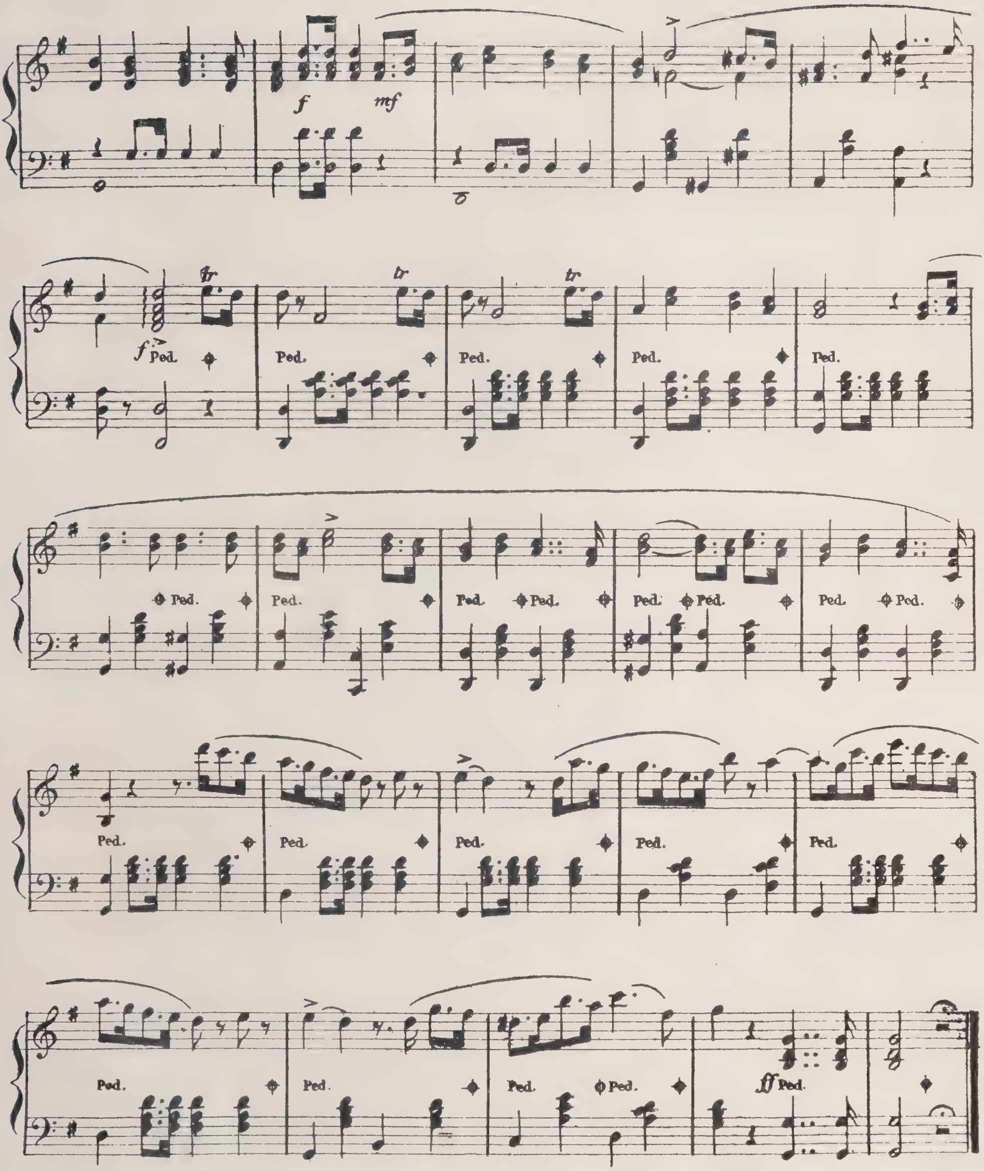
MUSICA DOS SERÕES

HYMNO DO MINHO

Hymno do Minho

(Vulgo Maria da Fonte)




f
mf
tr
Ped.
ff Ped.

EXPEDIENTE

Terminando com este numero a minha interina direcção litteraria, direcção que foi muito além do periodo por mim estipulado, agradeço a todos que me ajudaram na difficil e ingratissima tarefa. Procurei durante esta minha interinidade tornar os **SERÕES** *um campo neutro, aberto a todas as crenças e a todos os crentes, aos que começavam e aos que teem o seu nome feito. Não agradei, com certeza, a todos, embora empregasse todos os esforços para o conseguir. Resta-me pôr em relêvo a coadjuvação, lealdade e estima que sempre encontrei no director-gerente, general Caldeira Pires, e apresentar o meu substituto, Antonio Sergio de Sousa, herdeiro de um nome respeitado e de tradições de valentia, official de marinha brioso, poeta e escriptor de comprovado merecimento.*

Eduardo de Noronha.

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME XI

(2.ª SÉRIE)

ACERBUM COR — Versos de Alberto Corrêa 382

ALJUBARROTA — Por Antonio Guimarães 212

ANTE A FIGURA DA REPUBLICA — Versos de J. Regalla 368

ANTHERO — Versos de Felix Horta ... 106

ARREDORES PITTORESCOS DE LISBOA — Por Victor Ribeiro 83

ARTISTAS ITALIANOS — Compilado por Eduardo de Noronha 438

ASSUCAR MADEIRENSE (O) — Por R. Gomes 3

AUTHENTICOS HEROES — Versos de Alexandre Fontes ... 419

BAPTISMO DO SOL — Versos de D. Maria de Castro 148

BIBLIOGRAPHIA, 149 e 231

BICHO DA TERRA — Soneto de Alexandre Fontes 304

CAMPO DE SANT'ANNA (O) — RECORDAÇÕES DE ENTÃO — Por Carlos Abreu 451

CANTO AO SOL — Versos de Mario Pacheco 50

CARTA ROUBADA — Por Edgard Poe, 184 e 252

CASAMENTO NOS DIVERSOS POVOS E PERANTE A HISTORIA (O) — Por Carneiro de Moura, 94, 223, 355 e 434

CASO DO MERGULHADOR (O) — Versão livre do inglez por Manoel de Macedo, 330 e..... 414

CASTELLO DE BELMONTE — Por Hypolito Raposo 143

CAVE AMORE — Versos de Claudino Popelin, trad. de J. Regalla 230

CHORAR — Versos de Carlos Cilia 460

COMEDIA E O DRAMA ACTUAES NA ITALIA (A) — Por Eduardo de Noronha 357

CONTEMPLAÇÃO DO CÉU (A) — Por Affonso de Castilho 300

CRÓMO — Versos de D. Maria da Cunha 466

DE INHAMBANE A LISBOA — Por Thomaz de Almeida Garrett 163

DE SOLEIL AUX CHAMPS ET LA VILLE — Versos de Thomaz d'Eça Leal .. 210

DO TEJO Á GIRONDA — Por Manuel Sousa Pinto 107

ECCOS E REFLEXOS — 67, 150, 232, 310, 392 e 468

ELIESER EM CASA DE LABAN — Reproducção de um quadro da escola italiana 402

ESCOLA MATERNAL FRANCESA (A) — Por Adolpho Coelho 444

ESTUDANTES DE PARIS (OS) — Por A. Ribeiro 337

INDICE

EVOLUÇÃO — Versos de Nobre de Mello 93

FALA DAS COISAS (A) — Versos de João da Lebre e Lima 88

FÉ — Versos de J. Figueiredo 413

FEIRA EM TORRES NOVAS (UMA) — Quadro de C. Reis ... 82

FONTINHA (A) — Versos de Ribera y Rovyra 162

GORONGOZA, PAIZ DE CAÇA — Por Bivar Pinto Lopes ... 269

HABITAÇÃO MODERNA — Por J. Lino de Carvalho 345

HISTORIA DE AMOR DE HELENA E PÁRIS — Traducção de B. Salles 11

HISTORIA D'AMOR DE LANCELOT E GENOVEVA — Traducção de B. de Salles 89

IMPERADOR DA ALLEMANHA (O) — Por Portugal da Silva 259

IMPRESSÕES D'ARTE — Por Alfredo Pinto (Sacavem) 461

INDUSTRIA DO LIVRO EM PORTUGAL (A) — De Ricardo de Sousa 217

JANTAR DO BISPO (O) — Quadro de Pastoris 242

JARDINS DA HISTORIA (OS) — Traducção de A. Teixeira dos Santos 420

JORGE V (Actual rei da Grã-Bretanha e Inperador das Indias). 2

JORNADEANDO — Versos de D. Branca de Gonta Colaço ... 329

LA NÃO SEI ONDE — Versos de Alexandre Fontes 335

LEITURA DE UMA SENTENÇA (A) — Quadro de Wulffart 322

LIÇÕES DA ITALIA (AS) — Compilado por Eduardo de Noronha 281

LITURGIA EM SCENA (A) — Por E. de Noronha 31

LUIZ XIV E LA VALLIÈRE — Trad. de B. de Salles 275

MACAU — Por Arthur Lobo d'Avila 138

MALFADADA — Por Costa Macedo ... 171

MARIA JOSÉ — Por Claro das Neves . 426

MARTYRES (OS) — Versão de Alexandre Fontes 115

MINHA MÃE — Soneto de Ricardo de Sousa 433

MORTOS QUE VIVEM — Por Arthur Belmonte 347

MULHER — Versos de Miranda Santos .. 183

NATAL — Versos de João Maria Ferreira 320

NOCHES DE CANA (LES) — Por Arlindo Monteiro 305

NOCTIVAGOS DE LISBOA (OS) — Por José Soares 131

NOITE DE NATAL — Versos de Urbano de Castro 403

NOSSA TERRA (A) — Versos de D. Maria de Carvalho 22

NOTAS SOBRE O THEATRO DE L'ŒUVRE — Por Archer de Lima 60

ORCHIDEAS (AS) — Por Alvaro Coelho 189

PASTOR DA SERRA DA ESTRELLA (O) — Por Alvares de Almeida 323

PERSONAGENS CLASSICAS — Por Eduardo de Noronha. 193

PHANTASIA — Versos de A. Mella 307

PHANTASIAS DE DAMIÃO — Por Sousa Costa 63

PRESAGIO TRISTE — Por Aline Cunha 308

QUADRAS — Versos de Luiz Soares ... 354

QUATRO JORNALISTAS — Por Portugal da Silva 23

REI DE HESPANHA (O) — Por Portugal da Silva 404

REVOLUÇÃO EM LISBOA (A) — Por Luz B. Lino 369

RIO DA SOMBRA — Versos de Augusto Casimiro 250

RUINAS — Versos de Mario Monteiro ... 336

SALAMANCA — Versos de Manoel Eugenio Massa 136

SANATORIO — Versos de Raul do Valle .. 292

SINCERIDADE — Versos de D. Candida Ayres de Magalhães . 10

SERVIÇO TELEGRAPHO-POSTAL PORTUGUEZ ATRAVEZ OS TEMPOS (O) — Por Henrique de Oliveira, 43 e 384

INDICE

SONETO (D'ARVERS) — Trad. de J. B. Pinto da Silva 299

SUPPLICA — Versos de Mario Florival. 15

TOURADAS DE FIDALGOS (AS) — Por Carlos Abreu... 51

TENTO VERMELHO (O) — Por Manoel de Macedo, 101 e..... 204

TORQUATO TASSO E METASTASIO — Compilado por Eduardo de Noronha 120

ULTIMO QUARTEL DO SECULO XVII (NO) — Por Jordão de Freitas..... 16

VAIDADE (UMA) — Versos de J. Regalla 100

VISITA AOS MORMONS (UMA) — Versão do inglez por Manuel de Macedo... 294

VIDA NOVA — Versos de José da Costa Sampaio 258

VIDA UNIVERSAL — Versos de Odilon Nestor 467

VIZEU E A MONARCHIA VESIGOTHICA — Por A. Beldiabo..... 243

ULTIMA CARTA (A) — Versos de D. Maria de Castro 381

VELHA PONTE (A) — Versos de J. d'Oliveira Simões 170

ZEBRAS (AS) — Por J. Bettencourt Ferreira..... 178

MUSICAS DOS "SERÕES"

ARLEQUIM — Pas-de-quatre de Pedro F. Ribeiro d'Almeida..... 317

CORO DE JUDAS MACHABEU — de G. F. Haudel..... 2

HYMNO DO MINHO (Vulgo MARIA DA FONTE). 477

MARCHA FUNEBRE 160

PORTUGUEZA (A) — Musica de Alfredo Keil 393

RONDÓ 79

Muita attenção:

BRINDE

Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.ª classe)

OU O SEU EQUIVALENTE EM RÉIS

Com o n.º 64, referente ao mez de outubro do nosso magazine **Serões,** enviámos aos estimaveis assignantes, **sómente assignantes,** a senha numerada para o sorteio do BRINDE que promettemos no primeiro numero do corrente anno, uma vez que os seus recibos se achem liquidados com a administração dos **Serões.**

Aos senhores assignantes por periodo de um semestre, foi enviada uma senha numerada, e dois numeros indicados na mesma senha áquelles que tinham assignado por todo o anno de 1910.

O sorteio realisar-se-ha com a grande loteria do Natal, que se effectua no dia 23 do corrente na Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

As senhas numeradas foram unicamente enviadas aos assignantes que teem adquirido este magazine por meio de assignatura semestral ou annual, dentro do corrente anno, assignaturas cobradas em troca do respectivo recibo, passado pela administração dos **Serões.**

Esta explicação torna-se necessaria, visto alguns dos nossos correspondentes das provincias, que recebem os **Serões** em condições mui diversas, se julgarem com direito ao BRINDE, quando este só visa assignantes semestraes ou annuaes, e não compradores com commissão ou avulsos.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, te qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações. pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre à mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção.
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem a mão.*

Fogagem, cassa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, fridas, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

Blenol — Lindacutis — Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00617 7261